

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

MUNIQUE GAIO FILLA

**A AMBIGUIDADE DO EU NA TEORIA FREUDIANA: UM
ESTUDO A PARTIR DO CONCEITO DE NARCISISMO**

SÃO CARLOS - SP

2022

Munique Gaio Filla

**A ambiguidade do Eu na teoria freudiana: um estudo a partir do
conceito de narcisismo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de Doutora em Filosofia.

Área de concentração: Estrutura e gênese do conceito de subjetividade – A subjetividade na filosofia da psicologia e da psicanálise.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria.

São Carlos – SP

2022

Filla, Munique Gaio

A ambiguidade do Eu na teoria freudiana: um estudo a partir do conceito de narcisismo / Munique Gaio Filla -- 2022.
310f.

Tese de Doutorado - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Ana Carolina Soliva Soria

Banca Examinadora: Ana Carolina Soliva Soria, Janaina

Namba, Carlota Maria Ibertis de Lassalle Casanave,

Josiane Cristina Bocchi, Léa Carneiro Silveira

Bibliografia

1. Filosofia da Psicanálise. 2. Freud. I. Filla, Munique Gaio. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



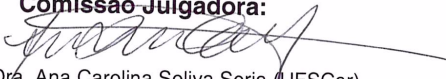
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS


Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Filosofia

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Munique Gaio Filla, realizada em 09/12/2022.


Comissão Julgadora:


Profa. Dra. Ana Carolina Soliva Soria (UFSCar)


Profa. Dra. Janaina Namba (UFSCar)

Profa. Dra. Carlota Maria Ibertis de Lassalle Casanave (UFBA)

Profa. Dra. Josiane Cristina Bocchi (UNESP)


Profa. Dra. Léa Carneiro Silveira (UFLA)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

Mais uma vez e sempre, a meus pais, Sandra e Vagner.

AGRADECIMENTOS

Aos professores e funcionários do Departamento de Filosofia da UFSCar.

Às professoras Léa Silveira e Carlota María Ibertis, pela leitura e pelos comentários preciosos na banca de qualificação, mas também pela gentileza e delicadeza com a qual trataram este texto e esta pesquisadora, ambos em formação. Suas colocações foram como molas que me impulsionaram adiante e me permitiram chegar até aqui. Agradeço-lhes ainda por terem aceitado participar da banca de defesa desta tese, assim como às professoras Josiane Bocchi e Janaina Namba.

À amiga Alice, que conheci por meio da filosofia da psicanálise, mas com quem descobri afinidades que vão muito além disso. Aos amigos Ana, Rafaela, Larissa, Leander e Rodrigo, com quem vivi momentos tão agradáveis no início do doutorado, na universidade e fora dela. Ao amigo Pedro, a quem devo um agradecimento especial por ser um interlocutor importante na pesquisa em Freud. As conversas e os textos que trocamos, de uma maneira sempre leve e espontânea, contribuíram para a minha escrita.

À Kátilla, por ter acompanhado as transformações que atravessei, as quais fizeram nascer uma analista e uma pesquisadora que olha a psicanálise com diversos olhos, entre a teoria e a prática.

Aos analisantes que pude escutar, com quem aprendo tanto sobre a psicanálise, as palavras e a vida.

Aos meus pais, Sandra e Vagner, por serem as estacas que me mantém firme. A meu irmão Murilo, minha cunhada Ana, com o Francisco no colo, e meu afilhado Bento. Ser sua dinda e poder voltar a ser criança junto dele tornou essa travessia muito mais divertida.

À Manuela, cuja existência me faz duvidar de quem diz que a vida é solitária. Dividi-la tendo você como irmã é uma dádiva.

Ao Gabriel, com quem descubro o tamanho que um amor pode ter e o significado da palavra companheiro. Só podia ser com você.

Às amigas Lígia e Milena, que apesar de fisicamente distantes, com algumas mensagens já são incrivelmente capazes de aliviar a angústia dos dias difíceis e me fazer lembrar das minhas potências e desejos.

Às amigas Daniela e Mariana, com quem os encontros sempre valem à pena e com quem eu tenho a sorte de compartilhar a trajetória na psicanálise e na vida.

À Marina, amiga que sempre me recorda das belezas da existência e da leveza que ela pode ter, ainda mais quando dançamos juntas.

À Cristina, por fazer de sua escola de dança um lugar de refúgio do mundo, onde experimentei momentos de entrega e suspensão, que me permitiram retornar à reflexão e à escrita com mais fôlego. É um imenso prazer seguir dançando com você.

À Sabrina e à Diva, por sustentarem, ao meu lado, um grupo de trabalho que me é tão caro. Admiro-as de modos diferentes, mas por um motivo em comum, sua postura ética diante da psicanálise, que me serve de horizonte.

À Ana Carolina, orientadora deste trabalho, pela confiança depositada em mim e por oferecer seu pensamento sempre instigante e astuto.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001, pelo apoio parcial, nos meses iniciais desta pesquisa.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 2018/09039-0, pelo apoio financeiro e institucional, imprescindível para a realização deste trabalho.

“[...] conquistando sua herança freudiana, que cada leitor encontre o meio de fazê-la sua.”

Pedro Heliodoro Tavares

Gilson Iannini

RESUMO

Este estudo tem o propósito de sustentar a ambiguidade radical do Eu (*Ich*) na teoria freudiana, tomando o narcisismo como fio condutor. No início de nosso percurso, apresentamos a primeira teoria metapsicológica de Freud e a ideia de conflito psíquico sobre a qual se apoiava, protagonizado pela oposição entre o Eu e a sexualidade. Na sequência, mostramos como a introdução do narcisismo afeta esta disposição do conflito, na medida em que modifica o estatuto do Eu, que também passa a ter uma natureza sexual, aproximando-o do polo oposto, aquele do qual ele se defendia. A partir disso, indicamos como o narcisismo impulsiona as reconfigurações propostas pelo psicanalista no campo da teoria pulsional e da tópica psíquica, na “virada” de 1920. Considerando que tais mudanças não resolvem o problema do Eu, mas trazem ainda mais complexidade a essa instância psíquica, mostramos a posição fronteiriça que esta passa a ocupar entre o Isso, o Supereu e o mundo externo, além da relação dúbia que ela estabelece com as pulsões de vida e as pulsões de morte. Mais uma vez a partir do narcisismo, especificamente de sua contribuição para a noção de dessexualização, destacamos que o Eu não serve apenas às pulsões de vida e seu objetivo de ligação, como acontece quando desempenha a função de síntese que o caracteriza. Em seus processos identificatórios, o Eu transforma libido objetal em libido narcísica e abandona seus objetos de amor. Com isso, dessexualiza a libido, enfraquece os componentes eróticos que mantém a fusão entre as pulsões de vida e de morte e provoca a defusão pulsional, servindo também ao desligamento. Em último lugar, abordamos os fundamentos do tratamento psicanalítico, destacando como a técnica se encaminha para o objetivo de fortalecimento do Eu nos escritos de Freud, para enfim explicitar uma tensão interna à sua teoria. A aposta no Eu na clínica psicanalítica é confrontada com as contradições internas que essa instância psíquica carrega, demonstradas ao longo do trabalho a partir do narcisismo.

Palavras-chave: Freud. Eu. Narcisismo. Ambiguidade. Tratamento Psicanalítico.

ABSTRACT

This study aims to sustain the radical ambiguity of the Ego (*Ich*) in Freudian theory, taking narcissism as a guiding thread. At the beginning of our journey, we presented Freud's first metapsychological theory and the idea of psychic conflict on which it was based, carried out by the opposition between the Ego and sexuality. Next, we show how the introduction of narcissism affects this disposition of conflict, insofar as it modifies the status of the Ego, which also has a sexual nature, bringing it closer to the opposite pole, the one from which it defended itself. From this, we indicate how narcissism impels the reconfigurations proposed by the psychoanalyst in the field of drive theory and psychic topography, in the “turn” of 1920. Considering that such changes do not solve the problem of the Ego, but bring even more complexity to this psychic instance, we show the border position that it comes to occupy between the Id, the Superego and the external world, in addition to the dubious relationship it establishes with the life drives and the death drives. Once again, starting from narcissism, specifically from its contribution to the notion of desexualization, we emphasize that the Ego does not only serve the life drives and their binding objective, as it happens when it performs the synthesis function that characterizes it. In its identification processes, the Ego transforms object libido into narcissistic libido and abandons its love objects. With this, it desexualizes the libido, weakens the erotic components that maintain the fusion between the life and death drives and causes the defusion of drives, also serving to the unbinding. Finally, we approach the foundations of psychoanalytic treatment, highlighting how the technique moves towards the objective of strengthening the Ego in Freud's writings, in order to finally make explicit an internal tension in his theory. The bet on the Ego in the psychoanalytic clinic is confronted with the internal contradictions that this psychic instance carries, demonstrated throughout the work from the point of view of narcissism.

Keywords: Freud. Ego. Narcissism. Ambiguity. Psychoanalytic Treatment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: O conflito psíquico na primeira teoria metapsicológica freudiana	25
1.1 A emergência da noção de conflito psíquico: o Eu contra representações sexuais inconciliáveis	26
1.1.1 O Eu, a defesa normal e a defesa patológica no <i>Projeto</i>	31
1.1.2 O conflito psíquico nosso de cada dia	40
1.2 O conflito psíquico em termos metapsicológicos	42
1.2.1 Os pontos de vista tópico e econômico: o aparelho psíquico segundo o modelo do sonho e os modos de circulação da energia nos sistemas psíquicos	43
1.2.1.1 Onde está o Eu no aparelho do sonho?	54
1.2.1.2 E a sexualidade?	62
1.2.2 O ponto de vista dinâmico: o primeiro dualismo pulsional	70
CAPÍTULO 2: O conceito de narcisismo e seus respectivos impasses	83
2.1 O Eu sexual do narcisismo	84
2.1.1 Para delinear o conceito: narcisismo primário e secundário	85
2.1.2 A distinção entre libido do Eu e libido de objeto	89
2.1.3 Superar o insuperável amor de si mesmo	95
2.1.4 Autoerotismo e narcisismo primário: distanciamentos e aproximações	104
2.1.5 Narcisismo e identificação	113
2.1.6 Narcisismo e defesa	117
2.2 A composição do Eu	124
CAPÍTULO 3: A “virada” de 1920 e as incidências do narcisismo	135
3.1 A segunda teoria das pulsões: contribuições explícitas do narcisismo para sua edificação	136
3.1.1 Sadismo, masoquismo e seu atravessamento pelo narcisismo	148
3.1.2 O narcisismo, a sexualidade ligadora e as pulsões de vida	156
3.2 A segunda tópica psíquica: o reconhecimento de partes inconscientes no Eu e o narcisismo	167
3.2.1 Diferenças e proximidades entre o Eu e o Isso e o ponto de encontro entre narcisismo e resistência	174

3.2.2 Aprofundamento da noção de identificação e edificação do Supereu: participações do narcisismo	187
3.2.3 O estatuto do Eu na segunda tópica: suas dependências e as oscilações quanto a seu núcleo	203
CAPÍTULO 4: A dessexualização e suas consequências para o Eu	210
4.1 Dessexualização, sublimação, identificação e narcisismo	211
4.1.1 A dessexualização em <i>O Eu e o Isso</i> e a posição dúbia do Eu diante das pulsões	217
4.1.2 O narcisismo e o Eu: entre a vida e a morte, pela vida e pela morte	225
4.2 A função sintética do Eu e seus entraves	238
CAPÍTULO 5: O fortalecimento do Eu no tratamento psicanalítico	250
5.1 Os fundamentos da técnica psicanalítica ao longo dos escritos de Freud	253
5.1.1 Do método catártico ao método psicanalítico: a reestruturação do Eu pela aceitação do recalado	254
5.1.2 A revisão do recalque infantil: do Eu fraco ao Eu forte	262
5.1.3 O fortalecimento do Eu como uma das principais metas da técnica psicanalítica nos textos tardios	274
5.2 O contraste entre a imagem do Eu construída a partir do narcisismo e o Eu no tratamento	281
CONSIDERAÇÕES FINAIS	291
REFERÊNCIAS	293

INTRODUÇÃO

No campo da filosofia da psicanálise, há um consenso quanto à relevância da noção de *narcisismo* entre os fios que tecem a rede teórica do pensamento de Freud. A extensão de seus desdobramentos é ampla, já que se trata de um conceito plural, composto por diversas faces, como aquela que se volta às psicoses, aquela dirigida à cultura e à sociedade e aquela da teoria da sexualidade (MIGUELEZ, 2015). Entretanto, não somente a literatura psicanalítica, mas também o próprio Freud, destacam sua participação nas revisões que compõem a chamada “virada” de 1920. Nesse sentido, indicam que o narcisismo ocupa uma posição fundamental na transição da primeira teoria metapsicológica, marcada pela luta entre pulsões do Eu ou de autoconservação e pulsões sexuais, bem como pela divisão do aparelho psíquico entre os sistemas inconsciente, pré-consciente e consciente, rumo à defesa de um novo dualismo pulsional, com a oposição entre pulsões de vida e pulsões de morte, e à reestruturação da tópica psíquica, com a admissão das instâncias Isso, Eu e Supereu.

Segundo as palavras de André Green (1988a, p. 10), o narcisismo “foi, de certa maneira, um parêntese no pensamento de Freud.” Por ter resultado em um novo estatuto para o Eu, levou à “subversão” da doutrina das pulsões – termo utilizado por Baranger (2000, p. 150), outro pensador do narcisismo freudiano – e à remodelação da tópica psíquica. Isso vai ao encontro da seguinte constatação de Peter Gay (2012, p. 379): “O ensaio sobre o narcisismo era um evidente sintoma inicial de importantes inovações.” Concordamos com o biógrafo, tanto quando ele diz que “as marcas distintivas da psicanálise – o inconsciente dinâmico, o trabalho da repressão¹, o complexo de Édipo, os conflitos entre pulsões e defesas, as origens sexuais das neuroses – permaneceram intocadas”, quanto quando ele adiciona a importante ressalva: “Mas muitas outras coisas tinham se tornado questionáveis” (GAY, 2012, p. 379). Coisas que ganham expressão a partir do narcisismo.

Entre os estudiosos de Freud no Brasil, Mezan (1982) e Monzani (1989) enfatizam a importância das modificações no estatuto do Eu trazidas pelo narcisismo para as reformulações dos anos 20, assim como Simanke (1994a, p. 113), que salienta a posição do narcisismo como “conceito crucial da metapsicologia freudiana”, cuja incorporação

1 O termo “repressão”, em referência à *Verdrängung*, aparecerá apenas em casos de citações literais de autores que optaram por essa tradução. Neste trabalho, traduziremos o conceito em alemão por recalque. “Repressão” será utilizado, normalmente, para traduzir *Unterdrückung*.

engendrará uma série de revisões teóricas consideráveis, “que vai culminar na virada dos anos 20”. Miguelez (2015, p. 10, grifo nosso) também é enfático ao dizer que “sem a complexa articulação introduzida pelo narcisismo, torna-se difícil pensar que as mudanças dos anos 1920 pudessem ter acontecido”, o que o inclina a conceber o narcisismo “como uma *dobradiça* que articula a mudança entre uma concepção e outra”.

Dessa maneira, o presente trabalho partiu da proposta de investigar o papel especial do narcisismo de desencadear tais transformações teóricas, ainda que ele não seja o único agente responsável por elas. A princípio, concentramos nossos esforços em mostrar que, por trazer novidades ao modo de estruturação e operação do Eu, o narcisismo pode ser concebido como operador das reconfigurações dos anos 20. Na medida em que a instância psíquica do Eu também passa a ser investida pela libido, tornando-se sexual, embaraça-se a concepção de conflito psíquico própria à primeira teoria metapsicológica e insere-se o polo oposto do Eu, a sexualidade e as características que lhe são correlatas, em seu interior, levando às alterações de 1920.

No entanto, ao avançar neste percurso, observamos que tais mudanças não tornam os problemas menores, já que novas tarefas e novos papéis são atribuídos ao Eu, em direção à complexificação dessa instância, situada diante do novo dualismo pulsional e de todas as incumbências que lhe são outorgadas na segunda divisão tópica do aparelho psíquico. Isso nos colocou diante de uma nova tarefa, desdobrada a partir da primeira proposta. Percebemos que, mesmo depois de 1920, o narcisismo mantém sua posição de inserir o conflito psíquico no interior do Eu, desta vez aquele protagonizado pelas pulsões de vida e pulsões de morte, por meio da noção de dessexualização, pressuposta em todos os processos de identificação. A partir disso, pretendemos sustentar que o narcisismo é um conceito fundamental para a “virada” de 1920, sobretudo por colocar o Eu na condição de abrigar o conflito psíquico em seu primeiro formato – na raiz pulsional, a oposição entre autoconservação e sexualidade –, mas continua a exercer um efeito análogo depois das modificações na teoria pulsional e na tópica psíquica, no sentido de levar o Eu a abrigar a luta entre vida e morte, de modo que a complexidade e a conseqüente ambigüidade dessa instância se acentuem cada vez mais na teoria freudiana.

Essa ambigüidade do Eu revelada a partir do narcisismo pode ser contrastada à aposta de Freud, em grande parte de seus textos que abordam o tratamento psicanalítico, em uma clínica apoiada na tentativa de ampliar o domínio e o poder do Eu, considerado do ponto de

vista de sua aptidão para desempenhar funções ligadas ao lado mais racional da alma, para se fortalecer, obter controle sobre os processos anímicos, conciliar as mais díspares exigências do Isso, do Supereu e da realidade por meio de sua função sintética e conquistar certo equilíbrio psíquico. É como se o próprio Freud nos revelasse a condição precária do Eu, mas também se deixasse levar pelo seu lado forte no momento em que formula as diretrizes da técnica, tomando a direção de abrandar aquilo que pretendemos defender, a saber, *a ambiguidade radical que habita a instância psíquica do Eu e que é tributária do conceito de narcisismo*.

Antes que possamos mostrar os passos que nos permitirão defender essa tese, é pertinente retomar a leitura sustentada por Monzani (1989), que mostra a infecundidade tanto das interpretações de Freud que julgam haver uma continuidade ininterrupta entre os conceitos em sua obra, quanto daquelas que consideram as mudanças teóricas como rupturas, e acabam por descartar formulações anteriores em prol daquelas esboçadas no final de seus escritos. Sua proposta é a de que não se trata de um Freud que disse sempre a mesma coisa ou de outro que abandonou diversos pontos de vista, substituindo-os por outros, mas sim de uma teoria “onde as noções foram retificadas, precisadas, repensadas ou explicitadas umas em função das outras e também em função das novas aquisições fornecidas pela prática clínica” (MONZANI, 1989, p. 302). Desta forma, embora identifique mudanças e oscilações na teoria freudiana, distancia-se da ótica que atribui transformações radicais e abruptas a esta. Trata-se de conceber o pensamento freudiano através das metáforas do *pêndulo* e da *espiral*: é pendular na medida em que Freud enfatiza ora um lado da questão, ora outro; é espiralado porque essa imagem convoca a possibilidade dos problemas serem abordados, deixados de lado por um tempo e reaparecerem de outra forma.

Freitas Pinto (2022) parece ter razão ao indicar que a imagem da espiral proposta por Monzani não é apenas uma metáfora, mas sim um método de pensamento que cria uma teoria da leitura, de modo que nos guiaremos por essa orientação ao mostrar como o narcisismo alavanca as transformações de 1920 em diante na teoria freudiana e modifica a concepção do Eu mesmo depois delas. O conceito de narcisismo, que privilegiamos aqui, seria uma dessas novas aquisições fornecidas pelo material clínico que incitam nosso autor a retificar, a precisar e a repensar determinadas noções capitais de seu edifício teórico, tal como afirma Monzani (1989). Por outro lado, por vezes procuraremos argumentar que o narcisismo provoca certos desequilíbrios entre noções teóricas que ocupavam posições relativamente

estáveis no discurso freudiano. Deste ponto de vista, nossa exposição se esforçará por mostrar, primeiramente, os pontos aparentemente sólidos da teoria freudiana, para em seguida apontar como as novidades trazidas pelo narcisismo foram capazes de afetá-los. No caso da tópica psíquica, por exemplo, partiremos da montagem do esquema teórico que aproxima o Eu ao pré-consciente e à consciência; posteriormente, mostraremos as alterações no estatuto dessa instância sob a ótica do narcisismo, para, assim, indicar quais instabilidades decorrem disso. O que não significa que se está adotando a ideia de que Freud, a princípio, restringia o Eu ao consciente e rompeu com isso bruscamente; isso seria cair em uma armadilha a respeito da qual já estamos advertidos, afinal a região inconsciente do Eu aparece de forma periférica desde os primórdios de sua teorização.

De todo modo, buscaremos mostrar que o Eu bem posicionado da primeira teoria metapsicológica freudiana faz o movimento pendular para o Eu que é habitado pelo conflito psíquico, sob o impulso do conceito de narcisismo, e oscila mais uma vez para o lugar de relativo domínio quando Freud tenta reposicioná-lo no centro do tratamento psicanalítico, como instância a ser fortalecida. Da mesma forma, em um movimento espiralado, vemos o papel defensivo e consciente do Eu ser realçado em um primeiro momento, até que passe ao segundo plano diante de sua natureza sexual, inconsciente, fronteira e dúbia, que ganha destaque, para que enfim a busca pela força do Eu e a consequente aposta em suas capacidades volte a ganhar importância. Todas essas concepções do Eu coexistem na teoria freudiana, uma ao lado da outra, ora em primeiro plano, ora em segundo plano.

Isto posto, passemos ao modo de organização do trabalho. A tese será composta por cinco capítulos. Para defender que o solo de onde nascem as alterações de 1920 foi preparado pelo conceito de narcisismo, abordaremos, no primeiro capítulo, a noção de conflito psíquico na primeira teoria metapsicológica freudiana. Assumimos o pressuposto de que investigar os problemas trazidos pelo narcisismo requer mapear o cenário sobre o qual recaem. A partir dos sintomas psiconeuróticos e dos mecanismos psíquicos em ação na vida psíquica normal, situados atrás dos esquecimentos, das recordações encobridoras e dos sonhos, observaremos a luta que se travava entre o Eu e a sexualidade. Mais do que isso, na abordagem metapsicológica do conflito, em termos tópico, econômico e dinâmico, reconheceremos uma série de atributos que Freud associava, pelo menos na maior parte do tempo, a cada um desses polos. De um lado, laços estreitos entre o Eu, o pré-consciente, a consciência, a defesa, os processos secundários, o princípio de realidade e as pulsões de autoconservação; do outro, as

afinidades entre as pulsões sexuais, o inconsciente, o recalcado, os processos primários e o princípio de prazer.

No segundo capítulo, exploraremos o conceito de narcisismo, desde sua introdução oficial em 1914, até o período anterior às revisões teóricas freudianas, e as implicações dele decorrentes que mais afetaram a disposição do conflito psíquico anteriormente descrita. Dentre as principais complicações, veremos que, a partir do momento em que o Eu foi concebido não apenas como objeto das pulsões sexuais, mas como primeiro reservatório da libido, com a hipótese do narcisismo primário, estabeleceu-se que a libido investe tanto no Eu, quanto no objeto. Considerando que ela jamais abandona totalmente o primeiro, tomou forma a condição do narcisismo enquanto estrutura que jamais é totalmente superada. Além disso, as investigações freudianas sobre a identificação narcísica, trazida à tona pela melancolia, e a capacidade a ela relacionada, de erigir o objeto sexual abandonado no Eu, também teve como consequências que a sexualidade penetrava nessa instância com todos aqueles atributos já mencionados, como a afinidade com o inconsciente, com o recalcado e com o modo de funcionamento primário, que deixavam de ser estranhos ao Eu. Em suma, certa ambiguidade do Eu começa a tomar forma desde a mistura entre ele e a sexualidade, provocada pelo narcisismo. Além da possibilidade de que o Eu seja habitado pelo polo oposto do conflito psíquico em seu interior, foi constatada sua condição de composto, indiscutivelmente decorrente do narcisismo. A formação do ideal do Eu, que busca substituir o narcisismo infantil, momento no qual o Eu desfrutava da perfeição, e da consciência moral, destinada a vigiar o Eu para que ele atinja tal ideal, revelaram a capacidade de clivagem do Eu entre diversas partes que estabelecem relações conflituosas entre si.

A partir disso, no terceiro capítulo, teremos condições de apontar para as incidências do narcisismo em meio aos dois eixos que caracterizaram a “virada” dos anos 20. No âmbito das pulsões, trataremos das contribuições mais visíveis do narcisismo, no sentido de erotizar a instância do Eu, mas também daquelas menos explícitas, como sua participação nos fenômenos do masoquismo e do sadismo, fundamentais à hipótese da pulsão de morte, e na revelação de uma dimensão da sexualidade que é ligada e ligadora, capital para a noção de pulsão de vida. Por consistir na reunião das pulsões sexuais em direção ao Eu, enquanto objeto total, o narcisismo colabora para que a pulsão sexual adquira a dimensão de totalidade particular a Eros. Quanto à segunda tópica psíquica, discutiremos a presença do narcisismo, não explicitada por Freud, na constatação de que partes do Eu podem ser inconscientes, na

medida em que ele revelou que essa instância tem uma natureza sexual e, portanto, pode se comportar como o recalcado. Mostraremos, ainda, como a própria concepção de resistência, esta sim abertamente convocada pelo autor para justificar as regiões inconscientes do Eu, tem um ponto de encontro com o conceito de narcisismo. A fim de atingir esses propósitos, examinaremos a relação entre o Eu e o Isso e a forma como o primeiro se comporta em relação às exigências pulsionais feitas pelo segundo. Abordaremos também a influência do narcisismo para a edificação do Supereu, tanto pela via da formação de ideal, quanto pela via da identificação. Por último, exploraremos a complexificação da noção de Eu e sua ambiguidade, que se acentua mediante tais formulações, o que exigirá a análise de suas relações com a realidade e com as demais instâncias psíquicas.

Conforme já mencionamos, a investigação da influência operada pelo narcisismo sobre o estatuto do Eu e sua contribuição para as modificações de 1920 nos levou a reconhecer que tais mudanças não deram conta dos problemas relacionados a essa instância, tampouco os simplificaram. Ao contrário, pudemos constatar que a complexidade trazida ao Eu cresce progressivamente e se desvela tanto em sua relação com o segundo dualismo das pulsões, quanto na posição que ocupa em relação às demais regiões do aparelho psíquico. Ao que parece, a ambiguidade da noção de Eu adquire contornos cada vez mais intensos; ela pode ser sintetizada pela imagem dos extremos nos quais essa instância pode tocar, desde sua grande proximidade ao que há de mais irracional na vida anímica, ao Isso, e sua conexão com o Supereu, que é a sede do que há de mais elevado, a moral, mas ele mesmo herdeiro dos desejos edípicos, até sua condição de ser o lugar de prudência, da razão e da garantia da imposição da realidade.

Nesse sentido, persistiremos nesse conflito interno ao Eu, assumido principalmente a partir do narcisismo e desde então irreversível, com o intuito de sustentar que seus efeitos se exteriorizam até o final da teorização freudiana. Para isso, no quarto capítulo, trataremos de um conceito fundamental que passa a caracterizar todos os processos identificatórios que o Eu empreende, a saber, a dessexualização, que também é tributária do narcisismo. Freud consentirá que, ao dessexualizar a libido de objeto e convertê-la em libido narcísica, na medida em que desiste das metas sexuais, o Eu atua a favor da desfusão pulsional, o que significa que ele também serve às pulsões de morte, e não só ao impulso de ligar, próprio de Eros. Se o narcisismo mostrou que o Eu da autoconservação também era sexual, quando a noção de dessexualização passa a atravessá-lo, enquanto condição para a transformação de

libido de objeto em libido narcísica, revela que o Eu narcísico, do amor e da vida, também é habitado pela morte. Com isso, destacaremos que o Eu abriga tanto o impulso à ligação, quanto o impulso a dissolver as coesões atingidas. Ainda que ele se esforce por cumprir a função que lhe é mais específica, a de síntese, na intenção de conciliar as diferentes exigências das instâncias e da realidade, e de garantir certo equilíbrio psíquico, isso está sempre sujeito a certo fracasso. É o que revelam as psicoses, os fetichismos, já que o Eu pode chegar a se cindir na tentativa de lidar com todas as suas dependências, e as neuroses, cujos traços estão presentes, em maior ou menor grau, em todos os indivíduos.

Chegaremos ao fim de nosso percurso trazendo para o debate, no último capítulo, a concepção que Freud constrói da clínica psicanalítica ao longo de sua obra, uma vez que podemos encontrar, em vários momentos, um papel central do Eu. Nos textos mais tardios, esse papel passa a ser definido em termos de um fortalecimento do Eu, necessário para o restabelecimento do neurótico. O ponto que nos interessa salientar é o fato de nosso autor se apoiar na capacidade de domínio e de poder do Eu sobre as demais instâncias psíquicas, quando o assunto são os horizontes do tratamento psicanalítico, amenizando a radicalidade da ambiguidade do Eu, trazida à tona desde o narcisismo e persistente até seus últimos escritos por meio das incidências deste conceito sobre o funcionamento do Eu. Deste modo, se Ambra (2018) tem razão quanto ao fato de que “levar Freud a sério é também poder usá-lo contra ele mesmo”², é nesta direção que seguiremos, pois o mesmo autor que nos adverte da ambiguidade irreduzível do Eu não a leva até as suas últimas consequências, visto que aposta no fortalecimento dessa instância psíquica na técnica psicanalítica.

Além do recurso ao termo *complexo* para caracterizar o Eu, a escolha específica pelo adjetivo *ambíguo* para marcá-lo se deve à capacidade própria desta palavra de expressar sua condição dúbia, indeterminada, incerta, passível de sentidos múltiplos e até contrários, sujeita ao equívoco, obscura e hesitante, com a qual nos deparamos ao estudar essa instância psíquica pela via do narcisismo. *Ambíguo* é o oposto de claro, definido, determinado, exato e resolutivo. De fato, o Eu, à medida que se complexifica na psicanálise de Freud, nos parece distante de tais qualidades e próximo daquilo que é duvidoso, como pretendemos mostrar, devido a uma espécie de hibridismo que o configura, considerando que ele toma partido de polos contrários

2 A expressão foi retirada em uma resenha de 2018, escrita por Pedro Ambra ao livro “Psicanálise sem Édipo? Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan”, de Haute e Geyskens (2016). Em relação ao tema do Édipo, Ambra escreve: “*Psicanálise sem Édipo?* demonstra que levar Freud a sério é também poder usá-lo contra ele mesmo, face a desafios clínicos e teóricos de nosso tempo”. Tanto esta ideia, quanto a expressão, vieram ao encontro de nossos propósitos para a tese, porém no que diz respeito à noção de Eu na teoria freudiana.

do conflito psíquico ao tentar mediá-lo. Nesse sentido, procuraremos contrapor tal caracterização do Eu, que construiremos a partir do conceito de narcisismo, com a aposta de que é possível fortalecer o Eu no tratamento psicanalítico, fazê-lo mais consistente e mais amplo. Esperamos demonstrar uma tensão interna à obra freudiana, a saber, o apoio naquilo que, por sua natureza, vacila; a busca pelo reforço daquilo que, inevitavelmente, titubeia, como o próprio Freud nos permite supor.

Esperamos que chamar a atenção do leitor de Freud para a ambiguidade do Eu, com todas as suas implicações, seja mais uma forma de contribuir para a questão já bastante explorada, mas ainda frutífera, acerca do lugar ocupado pelo discurso freudiano na história das ideias, sobretudo quanto ao problema que podemos chamar, grosso modo, de descentramento e centramento do sujeito. Para fazer uma breve contextualização, vemos que, por um lado, o próprio Freud entende a psicanálise como uma das três grandes afrontas ao narcisismo da humanidade, ao lado da revolução copernicana e da teoria da evolução de Darwin. Na verdade, como vemos em *Uma dificuldade da psicanálise* (1917), teria sido a mais sentida entre elas, na medida em que atesta que “o Eu não é senhor em sua própria casa” (FREUD, 2010a, p. 250-251, grifo do autor)³, com base na hipótese do inconsciente e da vida pulsional ligada a ele.⁴ Nesse sentido, o discurso freudiano se colocaria na direção do

3 “[...] [daß] das Ich nicht Herr sei in seinem eigenen Haus.” (FREUD, GW, 12, p. 11).

4 Quanto às citações das obras de Freud, optamos por consultar as edições traduzidas diretamente do alemão para o português, além da edição argentina da Amorrortu Editores em dois casos: em referências a comentários do tradutor inglês James Strachey e a certos textos pré-psicanalíticos, aqueles escritos antes de 1900, ainda não disponíveis em português. Considerando que os livros de Freud foram publicados por mais de uma editora no Brasil, recorremos a várias delas para acessar os textos necessários: à L&PM, para consultar *A interpretação dos sonhos*; à Autêntica, em todos os casos em que o texto estava disponível na coleção *Obras incompletas de Sigmund Freud* até a finalização deste trabalho; à Companhia das Letras, na grande maioria dos outros textos; e ainda às traduções disponibilizadas por André Carone, Osmyr Faria Gabbi Junior, Elsa Susemihl e Abram Eksterman. As citações de Freud serão acompanhadas por notas de rodapé contendo o texto original, as quais serão apresentadas conforme o seguinte padrão: texto e página da edição bilíngue, quando houver; ou a sigla GW, em referência à edição alemã consultada (*Gesammelte Werke*, S. Ficher Verlag), seguida pelos números do volume e da página. Em poucos casos não foi possível o acesso ao texto na edição alemã. Eventuais ajustes na tradução para o português foram feitos com base na constante comparação das edições em português com o texto alemão. É preciso ainda acrescentar algumas observações importantes. Paulo César de Souza, tradutor dos trabalhos publicados pela Companhia das Letras, opta por verter *Trieb* por instinto; *Es* por Id; e *Verdrängung* por repressão. Escolhemos trocar por pulsão, Isso e recalque, respectivamente, considerando que o próprio tradutor concede esta liberdade ao leitor na apresentação da edição, que antecede os livros publicados. Outras especificidades e mudanças de termos serão indicadas nas notas de rodapé. Apesar dos inconvenientes de utilizar diferentes edições em português, como as divergências de tradução de termos mais ou menos polêmicos em Freud, optamos por esse caminho porque temos à disposição trabalhos rigorosos de tradutores (as) brasileiros (as), cujo mérito deve ser reconhecido. Quanto às datas das publicações originais, foram indicadas, em sua maioria, no corpo do texto, após o título da obra de Freud. Nos casos em que isso não foi feito, encontram-se dentro dos parênteses da citação (por exemplo: FREUD, 1917/2010a). Por fim, resta esclarecer que, por existirem muitas obras originalmente publicadas no mesmo ano e inseridas no mesmo volume da tradução, evitamos colocar letras após as datas originais, uma vez que já foi preciso recorrer às letras para especificar o ano de

descentramento do sujeito em relação a seu fundamento na razão e na consciência, como apontam muitos autores, como Birman (2000, 2003) e Herzog (2000), apenas para exemplificar. Por outro lado, as coisas não são tão simples assim. Monzani (2008, p. 18, grifo do autor), ao comentar a transformação na concepção de sujeito empreendida por Freud, nos oferece uma visão geral do problema:

Destronamento do *cogito* e de seus privilégios? Em certa medida, sim. Ponto final e definitivo nas “filosofias da consciência”? Problemático, já que o próprio Freud afirmava que a consciência é o nosso único farol nas trevas da psicologia profunda. Isso sem falar no famoso adágio: *Wo es war, soll ich werden*.⁵

É possível encontrar no pensamento de Freud traços iluministas, nos quais vemos a crença na razão e na possibilidade de que ela se aproprie das regiões psíquicas irracionais, além de seus traços mais ligados aos “temas românticos, sempre situados nas franjas do racional, tais como o sonho, a loucura, a morte, a sexualidade, o noturno, o oculto, etc.” (LOUREIRO, 2000, p. 52). Esse é um dos motivos pelo qual Ibertis (2019, p. 108) afirma que “uma caracterização unilateral não parece fazer jus nem à complexidade freudiana, que, antes de excluir, alberga em seu seio ambas as tendências em questão, nem à do iluminismo”. Nesse sentido, Loureiro (2002, p. 349) chama a atenção para o “hibridismo” da teoria freudiana, que consiste na “tênue divisória que separa o fascínio pelo não-racional da intenção de dominá-lo e esclarecê-lo”, e relembra uma série de expressões utilizadas por comentadores clássicos para caracterizar o pensamento de Freud: “romantismo científico” de Thomas Mann; “positivismo temperado” de Renato Mezan; “Iluminismo sombrio” de Yovel; “iluminismo desencantado” de Birman, para citar alguns exemplos.

O mesmo faz Santi (2003, p. 178), que cita Kehl, Garcia-Roza e Laplanche como autores que mostram haver, para Freud, “ao mesmo tempo, descentramento e centramento em seu modo de pensar”. Destas referências, interessa-nos recuperar Laplanche (2016, p. 4), na medida em que o autor parece condensar o lugar ambíguo da psicanálise freudiana em uma única frase: “É que efetivamente Freud é para si mesmo seu próprio Copérnico, mas também seu próprio Ptolomeu.” Para o psicanalista francês, há momentos em que Freud tem recaídas ptolomaicas, por exemplo, quando defende que o Eu deve reintegrar aquilo que está separado

publicação da tradução. Por exemplo, há muitos textos de 1924 no volume publicado pela Autêntica com o título *Neurose, psicose, perversão*; nesse caso, fizemos as citações deste modo: FREUD, 1924/2021a. Para conferir de qual escrito de 1924 se trata, se não houver o respectivo título já em nosso texto, basta consultar os intervalos das páginas situados nas referências. O objetivo foi evitar a poluição excessiva do texto com letras e números nas citações.

5 Notamos que *Es* e *Ich* são grafados com letra maiúscula no texto freudiano, diferentemente de como aparece no texto de Monzani. Voltaremos a este aforismo em nosso último capítulo.

dele, na direção de uma domesticação do inconsciente: “Certamente, o ego não é mestre em sua casa, mas afinal, ainda assim ele está em sua casa” (LAPLANCHE, 2016, p. 6).⁶ Isso seria uma tentativa de reposicionar o Eu no centro, em alguma medida, e se manifestaria de forma nítida no tratamento psicanalítico, no qual “o ego aí não pára de trabalhar para tentar recolocar em ordem os elementos inconscientes ‘recuperados’.” (LAPLANCHE, 2016, p. 11).

Retornamos a tal questão para sugerir que nossa investigação pode contribuir para reforçar essa posição paradoxal da teoria freudiana, que será explorada aqui a partir do ponto de vista do conceito de Eu. Trata-se de olhar atentamente para a incoerência própria ao Eu, que apresenta tantas dissonâncias internas, já que serve a propósitos tão contraditórios na vida psíquica, revelados a partir do narcisismo, conforme o recorte proposto. Nisso vemos um movimento de descentramento típico da teoria freudiana, pois o Eu se encontra fadado a certo fracasso no desempenho de suas tentativas de domínio e de unificação. Por outro lado, a mesma teoria sustenta o esforço de garantir a função sintética do Eu e sua capacidade de conciliar as mais diferentes exigências da alma, ao atribuir tamanha importância ao fortalecimento dessa instância psíquica no tratamento psicanalítico e na conquista da saúde psíquica. Nisso notamos certa tentativa de recentrar o Eu, apesar de sua ambiguidade radical. Copérnico e Ptolomeu de si mesmo, como pretendemos mostrar.

Convém acrescentar que apostamos nesta reflexão também como uma ferramenta importante na leitura de pós-freudianos, afinal, concordamos com Roudinesco e Plon (1998, p. 212): “Depois de Freud, o eu, sua concepção e as funções de que ele é supostamente a sede iriam constituir um desafio teórico e político a partir do qual se instituiriam correntes contraditórias no movimento psicanalítico.” Deparamo-nos com posições teóricas radicalmente divergentes em relação ao Eu. Em um dos extremos, estaria a *Ego Psychology*, conhecida por conceder um valor de prioridade ao Eu, à sua evolução fora do conflito psíquico e à sua capacidade de adaptação ao meio. Essa corrente norte-americana do freudismo é composta por várias gerações e uma série de autores, como Ernst Kris, David Rapaport e Rudolph Loewenstein, por exemplo, com suas respectivas particularidades. No entanto, a leitura de *Psicologia do ego e o problema da adaptação*, de Heinz Hartmann,

6 Demos preferência à tradução de *Ich, Es, Über-Ich* por Eu, Isso e Supereu (Super-eu, com hífen, quando se tratar de citações diretas da edição da Companhia das Letras). Esses termos serão grafados com letra maiúscula, para que não percam sua especificidade conceitual e para seguir a sugestão de Freud no alemão: apesar de serem pronomes pessoais, que, via de regra, começariam com letra minúscula, Freud os transcreve com letra maiúscula, tal como é feito com os substantivos na língua alemã. Exceções – menções a id, ego e superego – serão encontradas apenas em decorrência de citações literais, como é o caso desta tradução do texto de Laplanche.

considerado um de seus precursores, pode nos oferecer uma visão global de seus pressupostos. O autor propõe que a psicanálise seja convertida em uma psicologia geral do desenvolvimento e coloca o estudo das funções do ego não relacionadas ao conflito psíquico como condição para isso: “Devemos reconhecer que, embora o ego certamente se desenvolva a partir de conflitos, estes não são a única raiz da evolução do ego” (HARTMANN, 1968, p. 9). Há um conjunto de funções que compõe a *esfera do ego livre de conflitos*, que inclui a percepção, a recordação, o pensamento, a linguagem e a motilidade, por exemplo. Essas funções do ego se relacionam aos processos de domínio da realidade; em outras palavras, à adaptação e ao ajustamento do indivíduo ao meio, bem como à sua maturação. Para Hartmann (1968, p. 47), também é preciso supor uma autonomia primária do ego, na medida em que o indivíduo nasce com “mecanismos que lhe servem para dominar o mundo externo” e que amadurecem ao longo do tempo. Há funções do ego, portanto, que não derivam da vida pulsional e tem suas próprias “raízes constitucionais”; há um “desenvolvimento autônomo do ego” (HARTMANN, 1968, p. 91). Isso já é suficiente para nos mostrar a consistência que o Eu adquire na leitura dessa corrente teórica, enquanto agência reguladora e adaptativa, capaz de funcionar à margem do conflito psíquico.

Em contrapartida, no extremo oposto, podemos situar a teorização de Jacques Lacan, que entende a psicologia do ego como um desvio interpretativo danoso para a psicanálise. Em uma rápida visita ao *Seminário 2* (1954-1955), localizamos algumas das sarcásticas acusações a Hartmann, o “querubim da psicanálise”, que “nos anuncia a notícia que nos permitirá dormir tranquilos – a existência do *ego autônomo*” (LACAN, 1985, p. 19, grifo do autor). No mesmo lugar, Lacan (1985, p. 63) afirma que o eu (*moi*) não é o sujeito (*je*); é “um objeto que preenche uma certa função que chamamos aqui de função imaginária.” Dito de outro modo, “entre o sujeito do inconsciente e a organização do eu, não há apenas dissimetria absoluta, porém diferença radical” (LACAN, 1985, p. 81). O eu é totalmente retirado do centro sob a perspectiva lacaniana: “O retorno ao eu, como centro e comum medida, não está em nada implicado no discurso de Freud” (LACAN, 1985, p. 262). Conforme a teoria do estágio do espelho, o eu se estrutura a partir de uma alienação fundamental, na medida em que a sua unidade é antecipada pela imagem total do outro, em uma relação especular, enquanto a experiência vivida no próprio corpo é aquela do despedaçamento e da insuficiência. O eu é concebido, portanto, como uma imagem de totalidade constituída a partir da relação ao outro, o que nos permite pelo menos ter notícias da inconsistência que ele apresenta sob a

perspectiva de Lacan.

Como o Eu da psicanálise de Freud pôde ser interpretado de modos tão distintos? Talvez possamos compreender melhor após a trajetória a ser percorrida. De antemão, convém ressaltar que não perderemos de vista que se há algo que encontramos na letra e no espírito da psicanálise freudiana, trata-se justamente da ambiguidade do Eu e de sua posição paradoxal, limítrofe, a qual reconstruiremos daqui por diante, tomando o narcisismo como fio condutor.

CAPÍTULO 1

O CONFLITO PSÍQUICO NA PRIMEIRA TEORIA METAPSICOLÓGICA FREUDIANA

Não parece pretensioso admitir que haja uma universalidade do conflito psíquico na teoria psicanalítica freudiana, como o faz Claude Le Guen (2005), visto que ele se presentifica na vida psíquica dos indivíduos considerados normais a partir de sua constatação por Freud, a princípio, na histeria e, posteriormente, enquanto mecanismo chave para a eclosão de todas as psiconeuroses. Por outro lado, sua “onipresença” nos textos psicanalíticos, que se estende dos escritos freudianos até os de seus sucessores, revela também sua “polivalência”, na medida em que os conflitos travados na vida psíquica mobilizam tanto instâncias, quanto pulsões ou identificações, assim como podem remeter ao amor e ao ódio ou ao conflito edípico propriamente dito (PERRON-BORELLI, 2005).

Para abordar o conflito psíquico em nosso primeiro capítulo, tomaremos emprestadas as seguintes palavras de Costa (1989, p. 111, grifo do autor):

Até a primeira tópica, a metapsicologia tinha a aparência de uma linguagem bem-feita. Seus pressupostos eram fáceis de esquematizar. O conflito psíquico, pedra angular da psicanálise, explicava-se por um jogo de forças onde as partes se diferenciavam com nitidez. De um lado, as pulsões sexuais, as representações recalçadas, o princípio de prazer e os processos primários; do outro, as pulsões de autoconservação, as forças recalcantes, o princípio de realidade e os processos secundários. O Ego representava, no sistema Pcs-Cs, os interesses da autoconservação e o princípio da realidade. Dele derivava a censura, que mantinha nas fronteiras deste sistema as representações sexuais. Os polos da tensão eram claros. O Ego *recalcava*; defendia os interesses da autoconservação e do equilíbrio psíquico: a representação inconsciente era *recalcada*, pois a realização da noção sexual punha em risco este mesmo equilíbrio.

A escolha dessa passagem se justifica na medida em que ela define, de modo sucinto, as principais dualidades que sustentam a primeira teoria metapsicológica freudiana e, assim, proporciona uma visão global da natureza do conflito em ação na vida psíquica. Do lado que oferece perigo, podemos elencar o inconsciente, as representações recalçadas, o processo primário, o princípio de prazer e as pulsões sexuais; do outro lado, que se defende do perigo, o pré-consciente e o consciente, a atividade do recalque, o Eu, o processo secundário, o princípio de realidade e as pulsões de autoconservação. Havia uma fronteira, mais ou menos definida, que separava esses personagens e validava a construção da metapsicologia em sua

versão inicial.

Na primeira parte deste trabalho nos dedicaremos à tarefa de desmembrar a organização do conflito fornecida acima, expor cada uma de suas engrenagens e seu respectivo desempenho. O percurso será dividido em dois tópicos principais: o primeiro deles acompanhará o surgimento do conflito psíquico na teoria freudiana e o segundo esboçará uma metapsicologia desta noção. Ambos terão como propósito demonstrar a oposição fundamental entre a sexualidade e o Eu na qual se apoia o conflito psíquico, justamente aquela a ser desequilibrada pelo narcisismo.

1.1 A emergência da noção de conflito psíquico: o Eu contra representações sexuais inconciliáveis

O conflito psíquico brota no solo da histeria que, não por acaso, é o lugar de origem da própria psicanálise. Quando Freud afirma, em *A etiologia da histeria* (1896), que via de regra sua eclosão se deixa reconduzir a um conflito psíquico, oferece-nos sobre o último a seguinte definição: “[...] uma representação⁷ inconciliável põe em movimento a *defesa* do Eu e convida ao recalque” (FREUD, 1991a, p. 209, grifo do autor)⁸. O efeito patológico resultante

7 Quanto ao vocábulo *Vorstellung*, é um dos que provocam grandes debates na tradução de Freud. Em francês, foi vertido por *représentation*; em inglês, por *idea* ou *presentation* (LAPLANCHE e PONTALIS, 1970, p. 582); em espanhol, na edição da qual esta citação foi retirada, por *representación*. Nas edições disponíveis em português, encontramos tanto “representação”, quanto “ideia”. O segundo termo é frequente na tradução da Companhia das Letras, embora Paulo César de Souza recorra às duas soluções, a depender da composição em alemão (*Wortvorstellung*, por exemplo, ganha a forma de “representação da palavra”). Optamos por preservar a escolha dos tradutores, no caso das citações diretas, levando em conta que o leitor sempre poderá consultar a citação em alemão na nota de rodapé. No entanto, em nossas menções à noção de *Vorstellung*, daremos preferência a “representação”. Para mais detalhes sobre a acepção do termo em alemão e o debate acerca de sua tradução, cf. SOUZA, 2010, p. 121 em diante.

8 “[...] *eine unverträgliche Vorstellung die Abwehr des Ichs rege mache und zur Verdrängung auffordere.*” (FREUD, GW, 1, p. 447). Notamos que Freud faz um uso um tanto impreciso dos termos “defesa” (*Abwehr*) e “recalque” (*Verdrängung*) nos seus escritos mais precoces. O apêndice escrito por James Strachey a *Inibição, sintoma e angústia* (1926) consiste em uma referência preciosa para tratar desta questão (FREUD, 1992b, p. 161). Segundo o tradutor inglês, o uso dos termos por Freud pode ser dividido em três momentos: a princípio, eram apresentados como semelhantes e, de certa maneira, intercambiáveis; depois, há uma diminuição considerável das menções à defesa e preferência pelo termo “recalque”, como se o segundo tivesse substituído o primeiro; por fim, defesa designa o processo mais geral e recalque, um modo particular desse processo. Isto fica claro quando Freud define a defesa, na mesma obra de 1926 citada, como uma forma geral de se referir às técnicas que o Eu utiliza nos conflitos para se proteger das exigências pulsionais, que podem levar ou não à neurose; e o recalque como um caso específico dentre tais técnicas. No entanto, ainda que nos textos pré-psicanalíticos o uso de defesa e recalque seja concomitante, Strachey indica que, em alguns momentos, Freud parece entender o recalque como o processo propriamente dito e a defesa como seu *motivo*. Tal distinção sutil parece se aplicar à citação na qual esta nota foi adicionada – uma representação inconciliável mobiliza a defesa e, por conseguinte, conduz ao recalque – e em outros casos, como o da carta de 30 de maio de 1896, em que Freud diz a Fliess: “O excedente sexual por si só não pode criar ainda nenhum recalque; para isso faz falta a cooperação da *defesa*; mas sem excedente sexual a defesa não produz neurose alguma” (FREUD, 1992c, p. 270, grifo do autor)./ “*Der Sexualüberchuß allein kann*

desse “empenho defensivo” (*Abwehrbestreben*) consiste em a recordação penosa para o Eu ser empurrada (*drängen*) para o inconsciente, com a criação de um sintoma histérico em seu lugar.

A ideia de defesa ganha espaço conforme Freud funda o método propriamente psicanalítico, a partir do método catártico de Breuer. Com o abandono da hipnose e o reconhecimento da resistência dos neuróticos no tratamento, revela-se a presença de um grupo de representações com as quais, por conta de seu conteúdo, o indivíduo não consegue ou não quer se haver; dito de outro modo, uma oposição entre “exigências internas contrárias” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1970, p. 131), própria do conflito psíquico. Imbricada à formação da psicanálise, constitui-se uma trama que envolve histeria, defesa, recalque e conflito psíquico diante de representações de caráter patogênico, o que nos conduz à questão de sua natureza inconciliável (*unverträglich*) e à pergunta sobre o que a provocaria. Retornemos às teses principais do artigo *As neuropsicoses de defesa* (1894), expostas por Freud no sumário de seus primeiros escritos científicos, em 1897:

A cisão de consciência da histeria não é um caráter primário desta neurose, baseado em uma debilidade degenerativa, segundo assegura Janet⁹, mas sim o resultado de um processo psíquico peculiar que é designado como “defesa” e cuja presença em numerosas neuroses e psicoses, além da histeria, é demonstrada através de análises brevemente comunicadas. A defesa intervém toda vez que na vida de representações acontece um caso de inconciliabilidade entre uma representação singular e o “Eu”. O processo defensivo se deixa figurar por meio de uma imagem: é como se à representação que se recalca se arrancasse seu montante de excitação e se aplicasse este em outro uso. [...] A fonte das representações inconciliáveis que caem sob a defesa é única e exclusivamente a vida sexual. (FREUD, 1897/1991a, p. 242-243).¹⁰

noch keine Verdrängung machen, es gehört das Mitwirken der Abwehr dazu; ohne Sexualüberschuß erzeugt aber die Abwehr keine Neurose.” (FREUD, 1950, p. 175).

- 9 A preponderância que a defesa adquire para Freud não marca apenas uma das principais divergências em relação à tese dos estados hipnoides de Breuer, mas também em relação a figuras como a do francês Pierre Janet. Se, por um lado, tanto Freud quanto Breuer seguiram a hipótese deste autor sobre a cisão anímica (*seelische Spaltung*) presente na histeria, Freud não a vê como uma alteração degenerativa do sistema nervoso, “uma fraqueza inata da síntese psíquica” que explicaria porque os histéricos são incapazes de reunir os processos psíquicos em uma unidade e tendem à dissociação. Para ele, a *Spaltung* na histeria é resultado do processo defensivo, e ele chega a esta conclusão, segundo suas palavras, porque partiu de “empenhos terapêuticos” e não de experimentos de laboratório, como Janet (Cf. FREUD, 1910/2013, p. 239; GW, 8, p. 18). Isso justifica afirmações como as de Laplanche e Pontalis (1970, p. 151): “Foi ao colocar em primeiro plano a noção de defesa na histeria e quase logo nas outras psiconeuroses que Freud delineou a sua própria concepção da vida psíquica em oposição aos pontos de vista dos seus contemporâneos.”
- 10 “*Die Bewußtseinspaltung der Hysterie ist kein primärer, auf degenerativer Schwäche beruhender Charakter dieser Neurose, wie Janet versichert, sondern der Erfolg eines eigentümlichen psychischen Vorganges, der als „Abwehr“ bezeichnet und außer bei Hysterie bei zahlreichen anderen Neurosen und Psychosen durch kurz mitgeteilte Analysen nachgewiesen wird. Die Abwehr tritt ein, wo sich im Vorstellungsleben ein Fall von Unverträglichkeit zwischen einer einzelnen Vorstellung und dem „Ich“ ereignet. Der Abwehrvorgang läßt sich bildlich so darstellen, als ob der zu verdrängenden Vorstellung ihr Erregungsbetrag entrissen und einer anderen Verwendung zugeführt wurde. [...] Die Quelle der unverträglichen Vorstellungen, welche der Abwehr verfallen, ist einzig und allein das Sexualleben.”* (FREUD, GW, 1, p. 481-482).

O Eu se defende de representações que lhe são inconciliáveis por conta de sua natureza sexual e o faz por meio do recalque. Tal esquema passa a explicar a determinação das afecções conhecidas como “neuropsicoses de defesa” no texto de 1894, que incluem, além da histeria¹¹, a fobia, a neurose obsessiva e a psicose alucinatória. Há um gatilho que marca a separação entre a saúde psíquica e essas patologias: a ocorrência de uma vivência, representação ou sensação “que despertou um afeto tão penoso que a pessoa decidiu esquecê-la, não confiando em poder solucionar com seu Eu, mediante um trabalho de pensamento, a contradição que essa representação inconciliável lhe opunha” (FREUD, 1894/1991a, p. 49)¹². A pessoa tem o propósito de empurrar a coisa para longe (*fortschieben*), não pensar nela e reprimi-la (*unterdrücken*)¹³, o que, em vez de obter êxito, ocasiona as diferentes reações patológicas, que têm em comum a cisão da consciência (*Bewußtseinsspaltung*).

O indivíduo se empenha em livrar-se daquela representação, mas isso não é possível: “A tarefa que o Eu defensor se impõe, tratar como '*non arrivée*' a representação inconciliável, é diretamente insolúvel para ele; uma vez que o traço mnêmico e o afeto aderido à representação estão ali, já não se pode eliminá-la” (FREUD, 1991a, p. 50, grifo do autor)¹⁴. Se o Eu não é capaz de lidar com tal representação como se não tivesse acontecido, ele encontra a solução aproximada de transformá-la em uma representação fraca por meio da retirada do afeto (*Affekt*) ou soma de excitação (*Erregungssumme*) – tratados neste trecho com a mesma conotação¹⁵ – aderido a ela. O problema do afeto se mostra essencial aqui, visto que é preciso

11 A rigor, nesse período Freud trabalha com as distinções entre histeria de defesa, histeria de retenção e histeria hipnoide; contudo, como a defesa será reconhecida em qualquer manifestação histórica, assim como em qualquer psicose e, posteriormente, como um mecanismo presente na vida psíquica considerada normal, essas separações deixam de atuar. Estas se situam no contexto de transição entre um modelo mais geral da teoria das neuroses, que admitia os estados hipnoides ou a ênfase nos afetos retidos, para o modelo psicanalítico por excelência (Cf. LAPLANCHE e PONTALIS, 1970, p. 279-281).

12 “[...] ein Erlebnis, eine Vorstellung, Empfindung [...], welches einen so peinlichen Affekt erweckte, daß die Person beschloß, daran zu vergessen, weil sie sich nicht die Kraft zutraute, den Widerspruch dieser unverträglicher Vorstellung mit ihrem Ich durch Denkarbeit zu lösen.” (FREUD, GW, 1, 61-62).

13 Seguimos aqui e nas próximas ocorrências do termo a escolha dos tradutores da editora Autêntica em outros textos de Freud, de traduzir *Unterdrückung* por repressão.

14 “Die Aufgabe, welche sich das abwehrende Ich stellt, die unverträgliche Vorstellung als „*non arrivée*” zu behandeln, ist für dasselbe direkt unlösbar; sowohl die Gedächtnisspur als auch der der Vorstellung anhaftende Affekt sind einmal da und nicht mehr auszutilgen.” (FREUD, GW, 1, p. 63).

15 A relação entre *afeto* e *soma de excitação*, no entanto, não parece ser equivalente no vocabulário psicanalítico de Freud. Nos dois últimos parágrafos do artigo em questão, o autor esclarece que está assumindo a concepção de que há alguma coisa – “montante de afeto (*Affektbetrag*), soma de excitação (*Erregungssumme*)” – que se espalha pelos traços mnêmicos e tem as propriedades de uma quantidade, passível de “aumento, diminuição, deslocamento e escoamento (*Abfuhr*)”, análoga à carga elétrica dos corpos pressuposta pela física (FREUD, 1991a, p. 61; GW, 1, p. 74). Green alerta para o uso de *Affektbetrag* como um recurso de Freud para destacar o aspecto propriamente econômico de *Affekt* que, por sua vez, também remete a uma qualidade subjetiva, em um sentido próximo de *Empfindung* ou *Gefühl* no alemão. A *Erregungssumme*, por sua vez, remete unicamente a uma quantidade de energia, ainda de acordo com Green

inverter a relação causal aparentemente expressa: não se trata de buscar o enfraquecimento afetivo porque ocorre uma inconciliabilidade entre representações, mas sim de reconhecer “que é a intensidade ou a qualidade dolorosa do afeto concomitante que decide o caráter suportável ou insuportável das representações correlativas”, como sustenta Schneider (1993, p. 54). Apenas a contradição lógica entre representações não explicaria a cisão psíquica. Tomando como exemplo um dos casos expostos em *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), a autora explica:

Se o conflito destroça a paciente é porque opõe, não simplesmente ideias, mas movimentos passionais no interior dos quais ela está profundamente engajada. [...] É, então, o caráter essencialmente penoso do afeto – repulsão, vergonha, revolta – que está na origem da cisão que a paciente vai tentar introduzir no plano das representações. (SCHNEIDER, 1993, p. 63).

Nesse sentido, as representações sexuais podem ser qualificadas como inconciliáveis justamente porque afetos penosos ao Eu são decorrentes delas; há um incômodo afetivo ligado ao que é de natureza sexual. Consequentemente, o rechaço de uma representação não passará apenas pelo ato de ignorá-la no “plano intelectual”, pois “é necessário que esta representação perca seu impacto afetivo” (SCHNEIDER, 1993, p. 66). É justamente sobre esse ponto que Freud se debruça ao tratar da atitude do Eu defensor de enfraquecer a representação inconciliável por meio da retirada de afeto. Isso resolve o problema de um lado, na medida em que a representação fraca não exige do trabalho associativo e a meta da defesa pode ser traduzida em, justamente, impedir que a representação incompatível entre em associação com o Eu. Por outro lado, causa um inconveniente, visto que aquele afeto ou soma de excitação não pode simplesmente permanecer suspenso e requer outra aplicabilidade na vida psíquica.

O paciente quer recalcar as representações sexuais desagradáveis e penosas para o Eu que, submetidas a essa operação de isolamento e enfraquecimento, passam a constituir o núcleo do que Freud chama nesse texto de grupo psíquico segundo, em convergência com o entendimento de que há uma cisão da consciência em ação. A partir dessa cisão, portanto, funda-se um campo psíquico separado do Eu, ocupado pelas representações inconciliáveis com este. Assim, desde 1894 já nos deparamos com uma constatação fundamental para a psicanálise freudiana, a saber, a de que o Eu não é tão confiável, tampouco tão imparcial, quanto parecia e pode ser submetido a uma operação de desconfiança, pois nada quer saber acerca de determinadas representações. Da mesma forma, esse escrito já nos permite notar

(1982, p. 19): “Portanto, se todo afeto remete ao aspecto quantitativo [...], nem toda quantidade de energia está forçosamente relacionada com um afeto.” Veremos no terceiro capítulo que a angústia, por exemplo, é um estado afetivo que só poderá ser experimentado pelo Eu.

que, para Freud, o Eu e a pessoa ou o indivíduo não se sobrepõem totalmente, na medida em que a vida psíquica abrange o Eu e o grupo psíquico dele separado, por seu caráter intolerável.¹⁶

Diante dessa cisão da vida psíquica, comum aos histéricos, neuróticos obsessivos, fóbicos e pacientes em confusão alucinatória, o fator que estabelecerá as fronteiras entre as diferentes patologias consiste no destino a ser conferido ao afeto retirado da representação, considerando que a associação entre ambos provocava a contradição com o Eu, ou melhor, com “a massa de ideias dominante no Eu” (FREUD, 1893-1895/2016a, p. 169)¹⁷. Na histeria, ocorre a transposição para o corpo através da conversão, enquanto nas neuroses obsessivas e fobias, acontece o deslocamento para representações obsessivas ou fóbicas substitutas da representação sexual inconciliável, adequadas a permanecerem na consciência. Quanto à confusão alucinatória, a particularidade se encontra no fato de que o Eu defensor, em vez de tornar débil a representação inconciliável, rejeita (*verwerfen*) tanto esta, quanto o afeto ligado a ela, mediante o refúgio na psicose, à custa de se desfazer total ou parcialmente da realidade (*Realität*)¹⁸ com a qual a representação em questão se entrama, conforme o artigo de 1894 (FREUD, 1991a, p. 59-60)¹⁹.

De todo modo, por mais que o Eu se esforce por manter afastada a representação inconciliável e o afeto penoso ligado a ela, ambos oriundos da vida sexual; por mais que o Eu se defenda dessa contradição que o assola; por mais que ele se empenhe em se livrar de tal situação impossível de “resolução” (*Erledigung*), causadora de um “dano permanente do Eu” (*dauernde Schädigung des Ich*), conforme é descrito no Manuscrito K (FREUD, 1896/2021a, p. 23)²⁰; aquilo que é intolerável insiste em retornar e perturbá-lo. É precisamente pela insistência do retorno daquilo que é insuportável para o Eu, devido a sua natureza sexual, que se formam os sintomas neuróticos.²¹

16 Na verdade, até mesmo antes de 1894, em textos como *Um caso de cura pela hipnose*, publicado entre 1892 e 1893, encontramos afirmações de Freud que sugerem a não identidade entre o Eu e a pessoa. Freud considera que há uma “consciência primária”, ou ainda uma “cadeia associativa” que equivale ao “Eu normal”, e há “representações” excluídas desta cadeia, que foram “inibidas e reprimidas” (*die gehemmten und unterdrückten Vorstellungen*), podendo vir à tona nos momentos de “predisposição histérica”. Portanto, o indivíduo é composto pelo seu Eu e pelo que está excluído deste, por lhe ser contrastante (FREUD, 1992c, p. 159; GW, 1, p. 13).

17 “[...] der herrschenden Vorstellungsmasse des Ich.” (FREUD, GW, 1, p. 174).

18 Sobre a noção de realidade na teoria freudiana, é preciso acrescentar algumas colocações. Voltaremos a essa discussão no segundo tópico deste capítulo, mais precisamente quando abordarmos o ponto de vista dinâmico do conflito psíquico e o modo como as pulsões se relacionam com o princípio de realidade.

19 Cf. FREUD, GW, 1, p. 72-73.

20 Cf. FREUD, 1950, p. 157.

21 É notável que o próprio substantivo que designa a defesa em alemão e o verbo a ele correspondente (*Abwehr* e *abwehren*, respectivamente), diferentemente das palavras em português, indiquem além do “movimento de

Percebe-se, portanto, a partir dos ecos da investigação da histeria, a edificação no campo mais amplo das psiconeuroses de uma cisão na vida psíquica. Há dois lados em oposição, a saber, o Eu e as representações sexuais, juntamente ao afeto ligado a elas, ambos inconciliáveis, incessantemente perturbadores, que lhe causam dano; em outras palavras, o agente da defesa e o motivo da operação defensiva.

1.1.1 O Eu, a defesa normal e a defesa patológica contra a sexualidade no *Projeto*

Em nosso próximo passo, mostraremos como nos termos predominantemente quantitativos do *Projeto de uma psicologia*, escrito em 1895, que nesse sentido diferem do estudo sobre as psiconeuroses de defesa, Freud propõe, em primeiro lugar, a formação de um Eu que também é inseparável da defesa, enquanto uma organização interna a um dos sistemas de neurônios atuante no curso psíquico normal, cuja função principal é proteger contra o aumento de estímulos através da inibição de processos psíquicos primários; além de, em segundo lugar, mostrar como a sexualidade pode causar problemas para o desempenho usual desse grupo especial de neurônios, levando às manifestações patológicas. Esses processos correspondem, respectivamente, à defesa normal e à defesa patológica.

Para elucidar tais teses, tomaremos como ponto de partida o postulado principal dessa obra, segundo o qual os processos psíquicos são estados determinados por quantidades que circulam entre partículas materiais que são os neurônios. Também recordaremos o princípio da inércia neuronal, segundo o qual é uma tendência dos neurônios livrar-se da quantidade até chegar a um nível zero de tensão, e o fato de que, na prática, ao princípio de inércia é vedada sua realização integral, pois o sistema neuronal não tem de lidar apenas com estímulos provenientes do mundo externo. Se assim fosse, escoaria, por meio da atividade motora, toda a quantidade que recebesse, efetuando a fuga de estímulos; porém, também é acometido pelos estímulos oriundos do interior do corpo – as grandes necessidades da vida: “fome, respiração, sexualidade” (FREUD, 1895/2003, p. 176)²² –, dos quais não pode fugir. Eis que se vê coagido a acumular certas quantidades, necessárias para realizar o que Freud chama de ações

'fazer recuar', 'repelir', 'rechaçar', evocando a ideia de que o inimigo foi afastado”, a conotação de que o último não foi destruído, “daí o termo evocar o estado de prontidão reativa” e de “constante vigilância” (Cf. HANNS, 1996, p. 121-128).

22 “[...] *Hunger, Atem, Sexualität.*” (FREUD, 1950, p. 381). Quanto ao texto do *Projeto*, especificamente, acompanharemos a tradução feita diretamente do alemão por Osmyr Gabbi Junior (2003), que contém uma série de notas explicativas ao leitor, às quais recorreremos eventualmente (exclusivamente nas citações referentes a essas notas, seguiremos este formato: GABBI JUNIOR, 2003, número da respectiva página).

específicas, aquelas ações realizadas no mundo exterior que fazem cessar os estímulos endógenos. O objetivo adaptado às necessidades da vida do sistema neuronal, portanto, passa a ser o de manter a quantidade no nível mais baixo possível e defender-se de qualquer aumento dela, através da manutenção de sua constância, o que já nos coloca diante da diferença entre processos primários e secundários introduzida no *Projeto*. Se a função primária ambiciona apenas o escoamento de estímulos, a função secundária é uma exigência biológica de moderação dos processos primários, a fim de garantir o armazenamento de quantidade necessário para eliminar as excitações endógenas e colocar fim às exigências vindas do interior do corpo.

Assim, Freud se vê às voltas com o problema de explicar como é possível o acúmulo de quantidade mediante a função secundária e encontra a resposta na hipótese da existência de barreiras de contato entre os neurônios. Segundo a definição de Garcia-Roza (1994, p. 50): “[...] são resistências localizadas nos pontos de contato entre os neurônios, impedindo a passagem da energia que deveria ser escoada”; em outras palavras, aquilo que possibilita o armazenamento de quantidades. Esse pressuposto justifica o fato de Freud postular duas classes de neurônios, permeáveis e impermeáveis, os que deixam a quantidade escoar sem nenhum tipo de resistência e não se alteram pela passagem de estímulos, e aqueles cujas barreiras de contato dificultam a passagem da excitação, retendo em partes a quantidade e alterando-se em relação ao estado anterior ao curso excitatório. Neurônios Φ e ψ , respectivamente, os primeiros responsáveis pela percepção e os segundos, pela memória e pelos processos psíquicos em geral.

A parcela de quantidade que consegue passar pelos neurônios ψ é capaz de modificá-los permanentemente; essa alteração se efetua sobre suas barreiras de contato, que se tornam mais capazes de condução por uma diminuição da resistência. O resultado é que se estabelece o que Freud chama de facilitação (*Bahnung*) entre os neurônios ψ , de modo que a memória se constituirá por uma predileção do curso de excitação pelos caminhos com maior grau de facilitação entre as barreiras de contato em ψ , isto é, com maior permeabilidade à passagem de quantidade. Conforme acrescenta Gabbi Junior (2003, p. 37), os estímulos “abrem trilhas no sistema nervoso em oposição ao que ocorre com o sistema Φ ”, o que justifica sua sugestão de que seria mais correto traduzir *Bahnung* por “trilhamento” e *bahnen* por “trilhar”, apesar de a tradução consagrada ser “facilitação”, na medida em que Freud parece compor com tal ideia “uma analogia entre os circuitos neuronais e uma malha ferroviária.”

Destacamos ainda que os neurônios *fi* contêm terminações nervosas atuantes na recepção dos estímulos exógenos, tal como um anteparo contra o excesso de quantidade, o que não acontece com os neurônios *psi*, já que não são investidos somente a partir da excitação que chega ao sistema nervoso através dos neurônios *fi* – na parte de *psi* chamada de neurônios do manto –, mas também de forma direta, desde os estímulos do interior do corpo – neurônios *psi* do núcleo –, contra os quais não há proteção. Com isso, podemos abordar as vivências de satisfação e de dor e dar um passo a mais em direção ao Eu do *Projeto*. Isto porque, a começar pela vivência de satisfação, ela só se torna compreensível na medida em que é assimilada à concepção de que os neurônios *psi* recebem continuamente estímulos de fontes endógenas, cuja consequência é um ímpeto de escoamento para evitar o acúmulo de tensão, uma pressão (*Drang*)²³ para aliviar-se da quantidade pela atividade motora. Como Freud afirma, nessa exposição dos neurônios *psi* às quantidades internas reside a “*mola pulsional* do mecanismo psíquico” (FREUD, 2003, p. 194, grifo do autor)²⁴.

Diante da urgência de escoamento de energia decorrente das necessidades internas, a primeira tentativa é livrar-se da quantidade por meio da alteração interior, através das manifestações de emoções, dos gritos e dos movimentos musculares. Essa atitude, no entanto, não consegue interromper a recepção de estímulo endógeno; sua função é, antes de tudo, comunicativa. A única forma de resolver o problema – em outras palavras, de cancelar o estímulo – consiste na já citada ação específica, a ser desempenhada mediante o auxílio de outro indivíduo, levando em conta que, a princípio, o organismo humano não dispõe de condições para realizar a alteração no mundo externo, necessária à eliminação temporária de suas necessidades internas. Nesse circuito freudiano que caracteriza a vivência de satisfação enquanto “primeiro modelo do desejo”, é imprescindível incluir que o alívio de tensão experienciado como satisfação passa a se relacionar na memória “com a imagem do objeto que a proveu e a imagem motora do movimento reflexo que permitiu a descarga” (GREEN, 1982, p. 35-36). Estabelece-se uma facilitação, ou melhor, um trilhamento (*Bahnung*), entre o

23 Sobre o termo *Drang*, é traduzido por “esforço” de acordo com Gabbi Junior, mas como alerta Hanns (1999, p. 72), a tradução mais comum no português é a de “pressão”, a qual, ainda assim, carrega certos prejuízos por deixar de lado a seguinte acepção da palavra na teoria freudiana: “*Drang* se refere à transformação da 'pressão' em 'ímpeto-ânsia' devido à necessidade de agir para livrar-se do aperto. Designa algo 'arrebataador', 'impelente', 'urgente' e atua sobre o sujeito 'afobando-o', 'atropelando-o'. De modo geral, o termo refere-se, portanto, à 'ânsia', situa-se entre a 'necessidade' (algo de ordem mais fisiológica) e o 'querer' (algo de ordem da vontade e do desejo). Refere-se também a algo que quer sair de dentro para fora e manifestar-se.”

24 “[...] *die Triebfeder der psychischen Mechanismus*.” (FREUD, 1950, p. 400). Gabbi Junior traduz por “*mola impulsiva*”, na verdade, mas optamos por seguir a opção da Amorrortu Editores por *resorte pulsional* (FREUD, 1992c, p. 260). Justificaremos a escolha pelo termo *pulsão* na nota seguinte.

escoamento de energia, a imagem mnêmica decorrente da percepção do objeto e a imagem mnêmica motora que levou à satisfação. O exemplo disponibilizado por Hanns (1999, p. 85-86) fornece uma imagem elucidativa dessa experiência:

Por exemplo, a manifestação da fome e a sequência de imagens que se inicia por imagens proprioceptivas de fome até as imagens de busca de alimento, deglutição e saciação formarão uma sequência de imagens e afetos. Esta sequência de representações (*Vorstellungen*) que ficou “impressa” pelo percurso daquela pulsão²⁵ se ativarão sempre que o sujeito for tomado pela sensação de fome. No caso de um bebê, esta sequência poderia ser algo como a sensação de desconforto, choro [exemplo de alteração interior], sons da mãe chegando, cores e odores, imagens de ser amamentado, o alívio e a saciação.

Por conseguinte, quando se impõe novamente o estado de pressão ou de desejo, segue-se a atração direcionada ao objeto de desejo e, conseqüentemente, a seu traço mnêmico, que é investido a ponto de produzir, inicialmente, o mesmo efeito da percepção. No entanto, trata-se de um processo alucinatório, pois há a reanimação de recordações que não conduzirão à satisfação, “porque o objeto não tem existência *real*, mas só existe como *ideia* fantasiosa” (FREUD, 2003, p. 202, grifo do autor)²⁶. Mais uma vez, pode ser vantajoso seguir com Hanns (1999, p. 86) e sua ideia de que “é como se se acendesse a série de neurônios interligados”, tendo como resultado a alucinação e a consequência de que “não são lembranças que possam ser evocadas e manejadas como peças de um raciocínio, mas lembranças que afloram e tomam o sujeito”, as quais não serão eficazes em atender às necessidades endógenas.

Quanto à vivência de dor, a dificuldade com a qual o sistema neuronal tem de lidar é, basicamente, a mesma da vivência de satisfação, a de aliviar-se diante de uma elevação de quantidade contrária à sua tendência originária à inércia. O aumento de excitação da dor, diferentemente dos estados de desejo, provém do mundo externo, pelo rompimento daquela proteção contra o excesso de estímulos dos neurônios *fi*, que provoca um acúmulo de tensão nos neurônios *psi*, indissociável de um ímpeto à descarga. Mais uma vez se está diante da formação de facilitações, neste caso entre a urgência por escoamento da excitação acumulada

25 Hanns utiliza o termo “pulsão” nesse contexto do *Projeto* para se referir a um estímulo endógeno como a fome, conforme foi possível observar pela citação em questão. Com efeito, Freud se refere à *Triebfeder* (citada na nota anterior) ao tratar das quantidades de excitação endógena que investem no sistema de neurônios *psi* e geram acúmulo de tensão. Além disso, considera este impulso que incita à atividade psíquica como “a *vontade*, o derivado das *pulsões*”/ “[...] *den Willen, den Abkömmling der Triebe*” (FREUD, 2003, p. 195, grifo do autor; 1950, p. 402). Segundo Strachey, “uma das raras vezes em que aparece a palavra *Trieb* nos primeiros escritos de Freud” (FREUD, 1992c, p. 362). Freud fornece ao leitor do *Projeto* a imagem de estímulos endógenos de natureza intercelular que se geram ininterruptamente e se tornam estímulos psíquicos apenas periodicamente. Embora se faça necessário notar que a acepção do termo adquire outro valor ao longo da obra de Freud, é interessante observar seu embrião já sendo formado. Voltaremos a esse ponto, o das origens do conceito de pulsão, na abordagem dinâmica do conflito psíquico.

26 “[...] *weil das Objekt nicht real, sondern nur in Phantasie-Vorstellung vorhanden ist.*” (FREUD, 1950, p. 409).

em psi e a imagem mnêmica do objeto hostil responsável por causar dor. Quando tal imagem da memória é investida novamente, produz-se um estado análogo à vivência de dor propriamente dita e, por conta daquela facilitação entre o objeto hostil e a urgência de escoamento de energia, efetua-se a descarga de excitação no interior do corpo, por meio da liberação de afeto, o que é sentido como desprazer.²⁷

Em referência às vivências de satisfação e de dor do *Projeto...*, Schneider (1993, p. 64) destaca: “[...] nestas primeiras formulações, a articulação das representações, entre si, seria, então, submetida a estes movimentos primários de atração ou de repulsão.” Com efeito, se, por um lado, os estados de desejo geram acúmulo de quantidade endógena, atração pelo objeto de desejo e investimento ou ocupação (*Besetzung*)²⁸ de sua imagem mnêmica por alucinação, por outro, as vivências de dor, embora também estejam relacionadas à elevação de tensão, conduzem a uma liberação de afeto no interior do próprio corpo na tentativa de livrar-se do investimento que ocupa a imagem mnêmica do objeto hostil, diante da qual há a repulsão, chamada por Freud (2003, p. 199) de “defesa primária” (*primäre Abwehr*) ou “recalque” (*Verdrängung*)²⁹. De todo modo, quer se trate de alucinação, quer se trate de descarga de afeto por aversão à memória do objeto hostil, o resultado é elevação de estímulos no interior do sistema neuronal diante de recordações, sem objetos correspondentes na realidade. Há o risco de inundação desse aparelho por grandes quantidades, condição absolutamente contrária à sua tendência mais genuína de chegar ao nível zero de excitação. Freud introduzirá o Eu justamente como a organização capaz de deter essa avalanche, um dos motivos pelo qual foi necessário adentrar nesses pressupostos do *Projeto*.

O Eu consiste em uma massa de neurônios no interior do sistema psi que está constantemente investida, o que significa dizer que tais neurônios estão em estado ligado e que entre eles há um grau elevado de facilitação; esse grupo “corresponde, por conseguinte, ao *portador de armazenamento* exigido pela função secundária” (FREUD, 2003, p. 200, grifo do autor)³⁰. Ele exerce influência sobre a repetição das vivências de satisfação e de dor através da inibição. O Eu é responsável por inibir os processos psíquicos primários, a saber, impedir aquelas cadeias associativas que conduzem à alucinação nos estados de desejo e à liberação

27 As sensações de prazer e desprazer, correlatas do pressuposto quantitativo de escoamento de excitação e do acúmulo de tensão, respectivamente, são qualidades dadas pela consciência, atribuída ao sistema de neurônios ômega (ω) no *Projeto*.

28 Gabbi Junior (2003, p. 33) traduz *besetzen* por “ocupar”, por isso mencionamos esta opção; manteremos sua escolha em caso de citação direta. De nossa parte, optamos por “investir”.

29 Cf. FREUD, 1950, p. 406.

30 “[...] also dem durch die sekundäre Funktion erforderten Vorratsträger entspricht.” (FREUD, 1950, p. 407).

de afeto nos casos em que a imagem mnêmica do objeto hostil é reinvestida, nas quais se objetiva unicamente o escoamento da excitação, sem levar em conta a existência do objeto na percepção. Já que está permanentemente investido, o Eu é capaz de “balizar” o caminho da quantidade, para usar o termo acertado de Gabbi Junior (2003, p. 157), por meio de um investimento lateral que possibilita o desvio dos estímulos. Sem a ação da inibição, ainda segundo o autor, estes apenas seguiriam “os caminhos de eliminação de forma automática” (p. 127), a saber, as vias trilhadas por aquelas duas vivências fundamentais. Tal ação é característica dos processos psíquicos secundários, que garantem a moderação dos processos primários e são absolutamente dependentes dessa atividade de inibição do Eu. A tarefa do Eu depende de sua atenção diante de investimentos potencialmente danosos, tanto para ele próprio, quanto para o sistema neuronal como um todo:

Portanto, para o eu, trata-se de não permitir qualquer liberação afetiva, uma vez que, neste caso, permitiria um processo primário. Sua melhor ferramenta para tanto é o mecanismo de atenção. Se uma ocupação liberativa de desprazer pudesse escapar a este, o eu chegaria contra ela demasiadamente tarde. (FREUD, 2003, p. 232).³¹

Através da inibição, há um investimento moderado da imagem mnêmica do objeto desejado no caso da repetição do estado de desejo, e o que Freud chama de defesa mínima no caso da repetição do estado de dor, isso porque a ação inibitória “funciona como uma espécie de drenagem, através da abertura de mais conexões que permitem diferenciar a percepção do objeto (sua presença) da representação do objeto (sua imagem na memória)” (HANNIS, 1999, p. 93). Por meio do desvio de quantidades para o investimento lateral, o Eu faz com que o investimento da imagem mnêmica, seja do objeto desejado, seja do objeto hostil, não seja tão intenso a ponto de despertar um signo de qualidade (*Qualitätszeichen*) na consciência, atribuída ao grupo de neurônios do sistema ômega (ω), lugar do sistema nervoso que tem a capacidade de “traduzir” (GABBI JUNIOR, 2003, p. 43) diferenças de quantidade em qualidades. Conseqüentemente, sem o signo de qualidade, que tem a função de signo de realidade (*Realitätszeichen*) para o sistema psi, o escoamento de energia não é levado a cabo. Nesse caso, a inibição pelo Eu permite a distinção entre recordação e percepção, na medida em que evita a produção de signos de qualidade, por mobilizar quantidades menores ao desviar para o investimento lateral o curso excitatório em direção às recordações, diferentemente das quantidades mobilizadas pelas percepções, que sempre excitam o sistema

31 “Es handelt sich also für das Ich darum, keine Affektentbindung zuzulassen, weil es damit einen Primärvorgang zulässt. Sein bestes Werkzeug hiefür ist der Aufmerksamkeitsmechanismus. Könnte sich eine Unlust entbindende Besetzung diesem entziehen, so käme das Ich dagegen zu spät.” (FREUD, 1950, p. 437-438).

ômega o suficiente para produzir signos de qualidade, como prova de que a representação agora é real.

Não é, pois, insignificante a importância que Freud confere à organização do Eu no *Projeto*. Além da “ideia básica de que uma função egoica plena implica *catexia*³², *facilitação*, *inibição e ligação*” (HANNIS, 1999, nota 15, p. 95, grifo do autor), é possível apreender uma imagem mais integral desse Eu através das palavras de Green (1982, p. 38):

Quer se trate do investimento alucinatório do estado de anelo ou da facilitação à descarga de desprazer do investimento da experiência de dor, só uma ação de ligação vinda do ego pode detê-los. [...] Duas grandes direções da atividade do ego são assim traçadas: relações com a realidade (inibição da capacidade de alucinar para permitir a distinção entre alucinação e percepção), atividade defensiva (prevenção da descarga contra o desprazer pela constituição de uma defesa e do recalque).

Sobre as relações do Eu com a realidade, convém ressaltar que ela se dá de forma indireta, visto que, de acordo com Green, a inibição *permite* a distinção entre mera recordação e percepção, ainda que o signo de realidade propriamente dito seja proporcionado pelo sistema ômega, responsável pela consciência, e só seja emitido quando excitado por quantidades intensas, tal como acontece diante das percepções. É o que endossa Garcia-Roza (1994, p. 198), quando escreve que o Eu do *Projeto* “não deve ser entendido em termos de acesso à realidade”. A respeito da segunda atividade principal do Eu destacada por Green, sua função de defender o sistema neuronal do excesso de quantidades, é pertinente salientar, com Garcia-Roza (1994, p. 56), seu aspecto duplo, afinal o Eu “é tanto ativo quanto passivo; ele é aquilo que deve ser protegido e, ao mesmo tempo, agente dessa proteção.” Os processos primários não inibidos danificam o próprio Eu, que deve defender não somente o sistema como um todo, mas também a si mesmo.

Entretanto, o desempenho defensivo normal do Eu nem sempre é possível e Freud analisa esse problema por meio da histeria. Para o autor, a toda compulsão histérica – ideias ou representações hiperintensas (*überstarke Vorstellungen*), sem justificativa alguma e sem congruência aparente que causam sofrimento – corresponde um recalque, um processo de defesa patológica que parte do Eu investido. A representação que aparece compulsivamente na consciência, sem motivos evidentes para causar desconforto, ocupa o lugar de outra representação que, de fato, teria razões para provocar efeitos psíquicos, mas está recalçada, excluída do processo de pensar e, conseqüentemente, desconhecida pelo indivíduo. Freud

32 Outro termo, “bastante técnico e pouco compreensível na linguagem coloquial” (HANNIS, 1996, p. 89), utilizado para tradução de *Besetzung*, além de “investimento” ou de “ocupação”, os quais já mencionamos.

supõe, então, que deve ter havido, em algum momento, uma vivência em que as duas representações se relacionavam, mas na histeria acontece a substituição de uma representação pela outra, uma espécie de formação de símbolo patológica que justifica a compulsão. O que mais importa é a constatação freudiana de que o recalque histérico, como defesa patológica, depende de duas condições fundamentais para se efetuar, a saber, tem de se referir a representações que despertam um afeto penoso no Eu e que provém da vida sexual.

Assim, novamente nos deparamos com o problema de que as representações penosas ou inconciliáveis ao Eu apresentam, necessariamente, uma natureza sexual, e de que este desarranjo entre o Eu e a sexualidade é o ponto de irrupção da patologia. No *Projeto*, Freud deixa claro que o mecanismo da defesa patológica de excluir uma representação do pensamento até seu completo esquecimento e substituí-la por outra não depende da magnitude de desprazer provocada pela representação. É precisamente o caráter sexual que explica como isso é possível. Se na defesa normal o Eu atua pela inibição de processos psíquicos primários, na defesa patológica ele não é capaz de evitar “ser submergido e infiltrado pelo processo primário” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1970, p. 153). A formação de símbolo específica da compulsão histérica compartilha, para Freud, das características desse tipo de processo psíquico, o mesmo que acontece no sonho.

No caso dos sonhos, segundo Freud (2003, p. 212, grifo do autor)³³: “[...] podemos supor que seja a descarga do eu que condicione e caracterize o sono. Com isso está dada, como é imediatamente claro, a *condição para processos psíquicos primários*.” Em contrapartida, no caso da compulsão histérica, tal condição psíquica particular é explicada pela sexualidade, situada no registro conceitual da teoria da sedução nesse momento da obra freudiana. Não é novidade para os leitores de Freud tal concepção inicial a respeito da etiologia da histeria e das demais neuroses, que será revisada posteriormente. Uma “liberação” ou um “desprendimento sexual” (*eine sexuelle Entbindung*) (FREUD, 2003, p. 228)³⁴ ocorrido precocemente, antes da puberdade, provocado por uma vivência de sedução da criança por um adulto, é recordado após a puberdade e o consequente desenvolvimento da sexualidade. Nesta ocasião, seu sentido sexual é apreendido; nas palavras de Schneider (1993, p. 95): “É preciso, então, esperar que essa perturbação se aposse do corpo para que, verdadeiramente, os olhos se abram, conferindo repentinamente à cena passada uma presença

33 “[...] wir dürfen annehmen, daß es die Ichentladung ist, die den Schlaf bedingt und charakterisiert. Hiemit ist, wie sofort klar, die Bedingung für psychische Primärvorgänge gegeben.” (FREUD, 1950, p. 420).

34 Cf. FREUD, 1950, p. 433. Gabbi Junior traduz *Entbindung* por “liberação”, enquanto que na edição argentina a palavra utilizada é *desprendimiento* (FREUD, 1992c, p. 401).

insustentável e intolerável.” Isso gera um efeito traumático a posteriori (*nachträglich*), leva ao recalque e, por conseguinte, ao sintoma neurótico.

O ponto crucial aqui é que o Eu se vê inundado por processos psíquicos primários porque, unicamente no âmbito sexual, uma recordação é capaz de provocar uma liberação de afeto, sentida como desprazer, que não acompanhou a vivência no momento em que ela ocorreu. Dito de outro modo, o Eu não consegue se defender e cumprir sua função de inibição porque não estava preparado para o fato de que uma recordação pudesse causar tamanho efeito, motivo pelo qual não dirige sua atenção para ela, mas sim para percepções potencialmente causadoras de aumentos de quantidade. O Eu “permitiu um processo primário, porque não o esperava” (FREUD, 2003, p. 232)³⁵. Laplanche e Pontalis (1970, p. 153) conferem a entonação precisa a esse aspecto sexual enquanto aquele que perturba a defesa do Eu, vítima de uma invasão, portanto incapaz de se comportar normalmente e agir pelos investimentos laterais:

A condição da defesa patológica é assim o desencadeamento de uma excitação de origem interna, provocando desprazer, e contra a qual não foi estabelecida qualquer aprendizagem defensiva. Não é pois a intensidade do afeto em si que motiva a entrada em jogo da defesa patológica, mas condições muito específicas que não se encontram nem no caso de uma percepção penosa nem mesmo quando da rememoração de uma percepção penosa. As condições só se encontram realizadas para Freud no domínio da sexualidade.

A representação sexual provoca desprazer na qualidade de recordação, e não na vivência de sedução propriamente dita, e isso explica sua habilidade de escapar da inibição pelo Eu. Dessa forma, concluímos esse tópico reiterando a incompatibilidade fundamental na abordagem do tema do conflito psíquico, aquela posta em jogo entre dois atores, o Eu e a sexualidade, cujo incômodo se relaciona ao contexto da teoria da sedução nesse período.³⁶

35 “[...] *es hat ein Primärvorgang zugelassen, weil es keinen erwartete.*” (FREUD, 1950, p. 438).

36 Conforme já foi afirmado, o lugar ocupado pela sedução é repensado por Freud, pelo menos enquanto ponto central que deflagra a patologia, ainda que ela não seja deixada de lado pelo autor. A importância da realidade psíquica e, simultaneamente, a entrada em cena da fantasia passam a influenciar tanto a concepção etiológica das neuroses, quanto o funcionamento psíquico normal. De todo modo, mesmo que o principal na sexualidade deixe de ser a particularidade de provocar recordações traumáticas em um período sexual, ligadas à cena de sedução infantil pré-sexual, ela sempre carregará, no limite, as características daquilo que incomoda e que impõe exigências difíceis de serem atendidas ao aparelho psíquico. As pulsões sexuais serão as mais sufocadas pela cultura, na visão de Freud, e, ao mesmo tempo, as mais resistentes a se sujeitar. Veremos mais adiante que há algo da ordem do excesso posto pela pulsão sexual, a qual se constitui pelo desvio em relação ao biológico e funda o campo do desejo, como nos mostra Monzani (2005). Interessamos destacar que o incômodo da sexualidade será sempre fonte de conflitos, mesmo quando a teoria da sedução se torna menos importante, na medida em que a satisfação das pulsões sexuais leva a marca do impossível, de um acúmulo que não pode ser escoado livremente (HANNIS, 1999). Além disso, Freud nunca deixa de trabalhar com a noção de posteridade, pois atribui um grande peso à especificidade da sexualidade humana de se manifestar em dois tempos, na infância e na vida adulta, intercalados pelo período de latência, e à tendência da libido a regressar a modos anteriores de funcionamento em casos de dificuldades para se satisfazer.

1.1.2 O conflito psíquico nosso de cada dia

No caso dos sintomas, já sabemos que a presença do conflito é permanente e incessante. A despeito do recalque executado pelo Eu, as representações sexuais recalçadas insistem em retornar e manter sua influência sobre ele, e o resultado consiste na formação de sintoma.³⁷ É justamente a sobrevivência enérgica do recalcado junto à defesa operante que exige a formação de compromisso, capaz de atender a ambos. Na carta enviada a Fliess em 30 de maio de 1896, Freud (1992c, p. 272)³⁸ afirma que os sintomas são formações de compromisso entre “poderes psíquicos” (*psychische Mächte*) em conflito, para as quais se abre o caminho em direção à consciência.

No entanto, para além da neurose, o conflito psíquico passa a se expandir para a vida psíquica normal, já que os polos em oposição coexistem e fazem valer seus interesses não apenas nos sintomas, mas também nas demais produções do inconsciente, que também são formações de compromisso. Vejamos os artigos *Sobre o mecanismo psíquico do esquecimento* (1898) e *Sobre lembranças encobridoras* (1899). No caso do esquecimento (*Vergesslichkeit*), analisado por Freud sobretudo em relação aos nomes próprios, é tratado como uma ocorrência da vida anímica que se harmoniza perfeitamente com a saúde psíquica e que adquire uma relevância particular como “modelo dos processos patológicos a que devem sua gênese os sintomas psíquicos das psiconeuroses – histeria, representar obsessivo e paranoia –” (FREUD, 1898/1991a, p. 286)³⁹. Modelo na medida em que tanto nas psiconeuroses, quanto no esquecimento, estão envolvidos “os mesmos elementos, e idêntico jogo de forças entre eles” (FREUD, 1991a, p. 286)⁴⁰, a saber, o recalque pelo Eu de determinados conteúdos que entram em contradição com ele, o esforço do recalcado para retornar à consciência e a solução de compromisso entre ambos, única possível diante da oposição em vigor.

37 Vale a pena recuperar a ilustração da *Verdrängung* sugerida por Garcia-Roza (1994, p. 164), que contempla tanto a pressão do recalcado em emergir, quanto o empenho do Eu em mantê-lo apartado da consciência: “A imagem que poderíamos usar é a de uma pessoa preocupada em esconder um objeto de cortiça no fundo de um poço cheio d’água. Se ela não persistir segurando o objeto sob a água ou se não encontrar algo que o mantenha preso ao fundo, ele virá a tona.”

38 Cf. FREUD, 1950, p. 177.

39 “[...] Vorbild für die krankhaften Vorgänge gelten darf, denen die psychischen Symptome der Psychoneurosen — Hysterie, Zwangsvorstellungen und Paranoia — ihre Entstehung verdanken.” (FREUD, GW, 1, p. 525).

40 “Dieselben Elemente und das nämliche Kräftespiel zwischen ihnen hier wie dort.” (FREUD, GW, 1, p. 525).

O nome esquecido deve ter sido recalçado por referir-se a algum tema que fazia jus à sua expulsão da consciência. No exemplo concedido por Freud, ele não consegue se lembrar do nome do pintor Signorelli, ainda que haja um interesse enorme em fazê-lo, devido ao enlace de tal termo, por associações diversas, com os temas da morte e da sexualidade, o que nos reconduz à oposição entre Eu e sexualidade já delineada. Emergem em sua memória apenas representações deslocadas que substituem o nome procurado, a saber, letras, sílabas ou outros nomes vinculados ao recalçado também por associações de pensamento. O psicanalista se refere à resistência (*Widerstand*) que mantém o nome esquecido e os conteúdos de morte e sexualidade ligados a ele afastados “de seu processamento por uma certa instância psíquica e, assim, da consciência” (FREUD, 1991a, p. 285)⁴¹, instância que podemos considerar como sendo o Eu. De todo modo, seja através da formação de sintomas, seja por meio das representações que emergem na consciência no lugar do nome recalçado, o mecanismo operante é o da “substituição por representações intermédias ou de compromisso” (FREUD, 1991a, p. 287)⁴², que respondem, simultaneamente, às reivindicações do recalçado, na medida em que estão conectadas a ele, e do Eu recalçador, por serem aparentemente inofensivas e insignificantes.

Quanto às lembranças encobridoras (*Deckerinnerungen*), também revelam tanto sobre a vida psíquica normal, quanto sobre as neuroses de defesa, visto que expõem os mecanismos de defesa normal e patológica resumidos na sequência “*conflito, recalque, substituição sob formação de compromisso*” (FREUD, 1899/2021c, p. 37, grifo do autor)⁴³. O principal a respeito dessas recordações, cujo conteúdo consiste em impressões cotidianas, aparentemente irrelevantes, as quais adquirem valor por estarem vinculadas a outro conteúdo recalçado, é que também consistem em resultados do conflito psíquico vigente. O indivíduo se lembra de uma imagem deslocada (*verschoben*) em relação à imagem mnêmica realmente significativa, de modo que a primeira se configure como efeito de compromisso diante das duas forças psíquicas em jogo – o recalçado que almeja por emergir na consciência e a atuação do recalque que resiste à sua recordação –, as quais, em vez de triunfarem uma sobre a outra, produzem uma ação “análoga em certo sentido à formação da resultante de um paralelogramo de forças” (FREUD, 2021c, p. 36)⁴⁴. O esquecimento e as lembranças encobridoras, por sua

41 “[...] der sie von der Verarbeitung durch eine gewisse psychische Instanz und damit vom Bewusst werden fernhält.” (FREUD, GW, 1, p. 524).

42 “[...] die Substitution durch Mittel- oder Kompromissvorstellungen...” (FREUD, GW, 1, p. 525).

43 “[...] Konflikt, Verdrängung, Ersetzung unter Kompromißbildung...” (FREUD, GW, 1, p. 537).

44 “[...] etwa analog der Bildung einer Resultierenden im Kräfteparallelogramm.” (FREUD, GW, 1, p. 536).

vez, exteriorizam certa “natureza tendenciosa de nosso recordar e esquecer” (FREUD, 1991a, p. 288)⁴⁵, atravessados pelo conflito psíquico.

Assim, é chegado o momento de uma retrospectiva. Partimos da irrupção da noção de conflito psíquico na histeria, inseparável da própria constituição da psicanálise, e da centralidade da noção de defesa, realizada pelo Eu diante de um caso de inconciliabilidade na vida psíquica, ocasionado por uma representação sexual e pelo afeto penoso ligado a ela. Da histeria, tal concepção foi estendida às demais neuroses, cuja etiologia sempre estava marcada por um empenho do Eu em se ver livre da contradição causada por tal conteúdo psíquico. Nos termos quantitativos do *Projeto*, destacamos o papel fundamental assumido pela organização de neurônios chamada de Eu em proteger o sistema nervoso em seu funcionamento corrente, assim como as adversidades com as quais o Eu tem de lidar em se tratando da vida sexual, conforme demonstram os processos psíquicos patológicos. Finalmente, por meio da noção de que as produções do inconsciente são formações de compromisso, enfatizamos que a presença do conflito psíquico extrapola os limites da patologia, de modo que a tensão entre recalcedor e recalçado, em última instância entre o Eu e a sexualidade, marca o funcionamento anímico geral.

1.2 O conflito psíquico em termos metapsicológicos

Prosseguiremos com a metapsicologia do conflito psíquico, sua descrição no aspecto tópico, em termos dos diferentes papéis cumpridos pelos sistemas psíquicos especificados por Freud no aparelho psíquico; econômico, a nível dos destinos das quantidades de excitação em circulação, dos investimentos e contrainvestimentos; e dinâmico, em referência às forças psíquicas e aos respectivos grupos de pulsões em combate.⁴⁶ O contexto será aquela que pode ser chamada de sua primeira teoria metapsicológica, anterior às reformulações atribuídas à “virada” de 1920. De antemão, é necessário advertir que a separação entre os pilares da metapsicologia – a tópica, a economia e a dinâmica – não pode se dar senão de modo artificial, na medida em que aos processos psíquicos se relacionam, concomitantemente, lugares psíquicos, quantidades de energias suscetíveis de aumento, diminuição e

45 “*Von der tendenziösen Natur unseres Erinnerns und Vergessens...*” (FREUD, GW, 1, p. 526).

46 Devemos a sugestão de que a abordagem do conflito psíquico em Freud deve passar por sua apreciação em termos metapsicológicos, apesar de escancarar-se na experiência psicanalítica desde sua origem, principalmente a Laplanche e Pontalis (1970, p. 131-132), mas também a afirmações taxativas como a de Claude Le Guen (2005, não paginado): “Levantando a dinâmica psíquica, comandando a economia, o conflito se expande na tópica: ele é um conceito plenamente metapsicológico.”

contraposição e o jogo de forças de origem pulsional.

Nesse sentido, o modo de apresentação que se segue consistiu em uma das escolhas teóricas possíveis. Exporemos, em primeiro lugar, os sistemas psíquicos do aparelho e o tipo específico de circulação energética definido por Freud para cada um deles, com base na teoria do sonho, e, por fim, o dualismo pulsional subjacente a essa configuração. De todo modo, assume-se que o fator quantitativo também está intimamente ligado às pulsões, visto que a energia psíquica tem fonte pulsional, assim como estas estão concatenadas com a representação tópica do instrumento anímico. Além disso, vale dizer que tal abordagem metapsicológica do conflito será atravessada pelo esforço de marcar os lugares ocupados pelo Eu e pela sexualidade no aparelho psíquico, os polos em conflito delineados no tópico anterior que não devem ser perdidos de vista, já que sofrerão os efeitos da introdução do narcisismo.

1.2.1 Os pontos de vista tópico e econômico: o aparelho psíquico segundo o modelo do sonho e os modos de circulação da energia nos sistemas psíquicos

De antemão, sobre a primeira tópica, interessa-nos defender que não é porque o aparelho está dividido em diferentes sistemas que se comportam de modo específico que Freud é levado a notar que há conflito. A tópica não cria a ideia de partes em luta, ela é *produto* da noção de que há conflito na vida anímica, conforme sugere Claude Le Guen (2005); surge como consequência das relações conflituosas observadas por Freud e é concebida como o espaço virtual onde estas acontecem. Com efeito, ele capta que há algo em contradição porque há fenômenos psíquicos que precisam ser disfarçados, e para justificar o ponto de vista tópico, o sonho ocupa um lugar privilegiado – o de “fonte de provas” (*Beweisquelle*) (FREUD, 1900/2015a, p. 568)⁴⁷ –, embora o psicanalista não deixe de atribuir sua gênese a um mecanismo psíquico análogo ao dos sintomas neuróticos e esquecimentos já abordados, entre outros que seriam “componentes desta série” (FREUD, 1901/2021d, p. 83)⁴⁸.

Atentar-se para a desfiguração empreendida pelo “trabalho do sonho” (*Traumarbeit*), o qual requer o “trabalho de análise” (*Analysearbeit*) via interpretação para fazer cair sua máscara e revelar seu sentido, obrigou Freud a entrever duas localidades psíquicas distintas entre as quais vigora a censura⁴⁹, uma que submete a atividade da outra à crítica. Desse modo,

47 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 545.

48 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 684.

49 “Na censura entre *Ics* e *Pcs*, a cuja suposição o sonho por assim dizer nos obriga...!” *“In der Zensur zwischen Ubw und Vbw, deren Annahme uns der Traum geradezu aufnötigt...”* (FREUD, 2016b, p. 595;

supomos que há mais um tipo de trabalho previamente em ação, o “trabalho do conflito”, tomando emprestada a expressão de Perron-Borelli (2005, não paginado). Devido a um embate interno ao psiquismo, há deformações (*Entstellungen*) às quais o sonho tem de se conformar, pois servem “ao propósito de escondê-lo (*verbergen*), à *dissimulação* (*Verstellung*)”, a fim de não revelar ou denunciar (*verraten*) pensamentos oníricos proibidos ao indivíduo (FREUD, 2021d, p. 84, grifo do autor)⁵⁰. Isso conduz à suposição de uma divisão do aparelho em partes com interesses distintos, onde se desenrolam tais processos. Em última instância, trata-se de um “*conflito de vontades*” (*Willenskonflikt*) (FREUD, 2021d, p. 77, grifo do autor)⁵¹ por trás do sonho, o qual se refere ao embate entre pulsões, conforme será esclarecido futuramente. Por ora, basta ter essa noção geral em vista para adentrar nos sistemas psíquicos do primeiro modelo tópico freudiano.

Isto posto, recuperemos a concepção capital de localidade psíquica (*psychische Lokalität*), convocada pelo psicanalista na *Interpretação dos sonhos* (1900) por inspiração na afirmação de Fechner de que “a *cena dos sonhos é distinta daquela da vida representacional de vigília*” (FREUD, 2015a, p. 564, grifo do autor)⁵², pois se edifica em terreno (*Boden*) psicológico. As localidades psíquicas estão desvincilhadas da anatomia, a despeito da tentação assumida em fazê-lo, e dizem respeito ao “instrumento” (*Instrument*) de que se servem as “operações” ou “produções” da alma (*Seelenleistungen*) (FREUD, 2015a, p. 564)⁵³. Como ensina o artigo *O inconsciente* (1915), a tópica psíquica refere-se tão somente a regiões deste aparelho (*Apparat*) psíquico, onde quer que estejam situadas no corpo, e não a localidades anatômicas específicas (FREUD, 2010b, p. 112)⁵⁴.

Um microscópio composto, um aparelho fotográfico ou um telescópio podem servir de metáforas ou alegorias (*Gleichnisse*) para o instrumento anímico, justamente porque no interior daqueles formam-se estágios prévios da imagem que são localizações ideais (*ideelle Örtlichkeiten*), “regiões em que não há nenhum componente *palpável* do aparelho” (FREUD,

GW, 2-3, p. 573).

50 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 685.

51 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 674.

52 “[...] der Schauplatz der Träume ein anderer sei als der des wachen Vorstellungslebens.” (FREUD, GW, 2-3, p. 541, grifo do autor).

53 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 541. É pertinente notar que *Leistungen* é traduzido por “atuações” ou “performances” por Loparic (2005, p. 240), o que parece reiterar o que fora trazido no parágrafo anterior: o aparelho psíquico como um palco no qual os processos psíquicos em conflito atuam, ainda mais se considerarmos que Freud designa o *jogo* de forças psíquicas envolvido na formação do sonho pela palavra *Spiel*, cujo significado é amplo em alemão, mas certamente envolve o de apresentação teatral, atuação artística ou execução de música (Cf. <https://michaelis.uol.com.br/escolar-alemao/busca/alemao-portugues/Spiel/>).

54 Cf. FREUD, GW, 10, p. 273.

2015a, p. 564, grifo nosso)⁵⁵, o que vale também para as localidades psíquicas. Em outra ocasião, no entanto, os sistemas psíquicos são aproximados às próprias lentes dos telescópios, as quais projetam a imagem, e a censura entre eles seria como a “refração” dos raios de luz quando passam de um meio a outro (FREUD, 2015a, p. 638)⁵⁶. De qualquer maneira, trata-se de modos de figuração (*Darstellungsweisen*) deste instrumento, que, por ser desconhecido, só pode ser abordado por meio dessas “representações auxiliares” (*Hilfsvorstellungen*) (FREUD, 2015a, p. 564)⁵⁷, ou, em outras palavras, de hipóteses mobilizadas pela psicanálise que têm tão somente o valor de “ilustrações” (*Veranschaulichungen*) (FREUD, 1915/2010b, p. 112)⁵⁸.

A partir da ideia de instrumento ou aparelho, nota-se a tentativa de adivinhar (*erraten*) sua composição (*Zusammensetzung*) por meio de sua decomposição ou “desmontagem” (*Zerlegung*) (FREUD, 2015a, p. 564)⁵⁹, o que significa que ele procederá da ação de decompor o todo, a fim de compreender as operações psíquicas em ação em cada uma das partes e, assim, obter retrospectivamente uma visão da totalidade do instrumento. Para Assoun (1995, p. 59), o aparelho psíquico é a “ficção metapsicológica por excelência”, considerando o caráter de invenção combinado com “a desconfiança do ‘arbitrário’” envolvidos na empreitada freudiana de encontrar um fundamento explicativo para a singularidade do “material recém-revelado” do sonho.⁶⁰ Tendo em vista a tópica como produto do conflito e a observação fundamental sobre a virtualidade das localidades psíquicas que formam esse instrumento, cuja composição deve ser suposta a partir de sua decomposição, finalmente passaremos à descrição de seus sistemas, com apoio, sobretudo, na referência àquela que é vista como a obra-prima de Freud.

Antes mesmo de seu famoso capítulo sétimo, o psicanalista já havia concluído, a partir

55 “[...] *Gegenden, in denen kein greifbarer Bestandteil des Apparats gelegen ist.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 541). Vale a pena destacar aqui a palavra *greifbar*, cujo radical *greifen* pode ser traduzido como apanhar, agarrar, pegar. Vê-se que nas regiões deste aparelho psíquico não há elementos apreensíveis; há, por outro lado, a presença de uma virtualidade.

56 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 616-617.

57 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 541.

58 Cf. FREUD, GW, 10, p. 274.

59 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 541.

60 Posição que parece ser endossada quando tomada em conjunto com certa passagem de Freud, situada na introdução do capítulo sétimo da *Traumdeutung*. Nela o autor comenta a impossibilidade de esclarecer (*aufklären*) o sonho enquanto processo psíquico, na medida em que explicar (*erklären*) significa reconduzir ao conhecido e, por ora, não há um fundamento explicativo (*Erklärungsgrund*) disponível no caso do sonho. É preciso proceder por meio de novas hipóteses (*Annahmen*) e roçar (*streifen*) o tema via conjecturas (*Vermutungen*), desde que isso seja feito com cautela: “[...] tomando o cuidado de não levá-las muito além da primeira associação lógica, porque de outro modo seu valor se perderia no indeterminado.” “[...] *und die wir bedacht sein müssen, nicht zu weit über die erste logische Angliederung auszuspinnen, weil sonst ihr Wert sich ins Unbestimmbare verläuft.*” (FREUD, 2015a, p. 537; GW, 2-3, p. 515-516).

da observação dos sonhos, que deve haver duas instâncias psíquicas⁶¹, uma que submete a atividade da outra à crítica e exclui sua participação da consciência, conforme já anunciamos. Desde o quarto capítulo, afirma que os iniciadores ou causadores (*Urheber*)⁶² da formação onírica devem ser dois sistemas, um que forma o desejo expresso pelo sonho e outro que exerce uma censura sobre esse desejo, obrigando-o à desfiguração, a ponto deste se tornar irreconhecível. Ainda nesta ocasião, Freud (1900/2016b, p. 167)⁶³ já concede indicações mais específicas: “[...] todo sonho é resultado da primeira instância, e a segunda se comporta apenas de maneira defensiva, e não criativa, em relação a ele”, pois a força impulsora ou pulsionante (*Triebkraft*)⁶⁴ do sonho se origina da instância criticada, e não daquela criticadora.

Deste modo, identifica-se na terceira e mais completa versão dos esquemas gráficos apresentados no último capítulo os sistemas psi (ψ) como componentes do aparelho psíquico, os quais estariam dispostos em determinada sequência fixa, de modo a serem percorridos pela excitação (*Erregung*) dentro de uma sequência temporal (*zeitlich*)⁶⁵. As duas extremidades deste instrumento, a perceptiva de um lado, e a motora do outro – na representação gráfica, conjecturados como sendo a esquerda e a direita, respectivamente –, são percorridas na

61 Freud, na verdade, prefere o termo sistema – “por razões de clareza (*Anschaulichkeit*)” (FREUD, 2015a, p. 565; GW, 2-3, p. 542) –, mas utilizaremos ambos para fazer referência às localidades psíquicas do aparelho.

62 Vale notar que *Urheber* também significa autor, no sentido de criador de obra literária, música ou arte figurada (Cf. <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/alemao-ingles/urheber?q=Urheber>). Mais uma vez, o vocabulário artístico atravessa as formulações sobre o sonho.

63 “[*Sie sind insofern Wunschträume, als ja*] jeder Traum von der ersten Instanz ausgeht, die zweite sich nur abwehrend, nicht schöpferisch gegen den Traum verhält.” (FREUD, GW, 2-3, p. 151).

64 Na tradução da L&PM consultada, encontramos “força impulsora” para traduzir *Triebkraft*; no entanto, daqui por diante, quando a citação não for direta, recorreremos a “força pulsionante”, para preservar a referência ao *Trieb* que compõe o termo.

65 Freud entende que a inserção na série temporal seja suficiente para estabelecer uma sequência fixa entre os sistemas psíquicos, a ponto de dispensar a suposição de um ordenamento propriamente espacial (*räumlich*) entre as partes do aparelho. Contudo, convém retomar a leitura de Laplanche (1998, p. 37), que destaca o aspecto tridimensional do esquema gráfico do aparelho psíquico proposto por Freud, o qual detalharemos a seguir, considerando que, se queremos descrever uma sucessão ordenada temporalmente, isso só pode ser feito projetando-a em certo espaço, conforme já teria advertido Kant. Para Laplanche, “não se pode supor que para ir de A a C é preciso passar necessariamente por B, sem figurar essa sequência em uma topologia espacial”, e o psicanalista francês ainda afirma que esse espaço é, necessariamente, o do corpo. Desse ponto de vista, Freud não consegue fugir da espacialidade no seu modelo tópico, embora pareça querer fazê-lo quando dispensa o ordenamento espacial e concede privilégio ao temporal na *Interpretação dos sonhos*. De qualquer forma, em menções como aquela do artigo sobre o inconsciente, exposta na página anterior, Freud não nega um espaço para as localidades psíquicas, ao escrever que se situam onde quer que seja *no corpo*; apenas se recusa a destinar um lugar anatômico específico no sistema nervoso para elas, a despeito da investigação científica já haver indicado que a atividade da alma esteja especialmente ligada à função do cérebro (FREUD, 1915/2010b, p. 112; GW, 10, p. 273). Concluiremos essa discussão com as palavras de Soria (2019, p. 198), para quem não é possível “prescindir do corpo no processo de produção da imagem”, já que “o preparado anatômico” é pressuposto de tal processo, mas a imagem, “contudo, não tem de ser impressa em um lugar específico do maquinário, que se remeteria, por sua vez a um lugar do corpo que captaria o objeto nele mesmo; ao contrário, a imagem do objeto é percebida sem que se possa localizar precisamente onde ela é produzida.”

direção progressiva pela maioria dos processos psíquicos, e na direção regressiva no caso específico dos sonhos, das alucinações enquanto sintomas das psiconeuroses ou das visões que ocorrem em estados considerados normais, nos quais a representação volta a se transformar em imagem sensorial. Atrás (*hinter*) do sistema *P* (percepção), responsável pela recepção de estímulos (*Reizen*), há o sistema relacionado à função da memória (*Gedächtnis*), responsável por conservar as alterações vindas das percepções e reter delas marcas, denominadas de traços mnêmicos (*Erinnerungspuren*). São os chamados sistemas *Mn* (mnêmicos), nos quais os elementos *P* experimentam diferentes fixações (*Fixierungen*). Na sequência, Freud situa o sistema *Ics* (inconsciente), identificado como a instância criticada, e depois o sistema *Pcs* (pré-consciente), correspondente à instância criticadora, ao qual se seguiria, finalmente, o sistema *Cs* (consciente) (FREUD, 2015a, p. 565-69)⁶⁶.

Sobre o *Ics*, pode-se afirmar que somente um desejo proveniente dele seja capaz de motivar um sonho, embora também precise do auxílio de um desejo oriundo dos sistemas *Pcs* ou *Cs*, cujo papel é sempre secundário. Para defender sua tese de que o sonho é uma realização de desejo (*Wunscherfüllung*), Freud concederá destaque à potência dos desejos inconscientes, de origem infantil e recalçados, e assim indicará características particulares desse sistema que devem ser levadas em conta para entender seu lugar de instância criticada no conflito psíquico:

Considero que esses desejos inconscientes, segundo as indicações obtidas da psicanálise das neuroses, estão sempre em movimento, sempre prontos a se expressar quando têm ocasião de se aliar a uma moção do consciente, de transferir sua intensidade maior à intensidade menor desta. [...] Esses desejos sempre em movimento de nosso inconsciente, por assim dizer imortais, que lembram os titãs do mito, sobre os quais há tempos imemoriais pesam as imensas massas rochosas que outrora foram lançadas sobre eles pelos deuses vitoriosos e que ainda agora estremezem de tempos em tempos devido às convulsões de seus membros – esses desejos recalçados, digo, são eles próprios, contudo, de origem infantil, segundo descobrimos pela investigação psicológica das neuroses. [...] *o desejo figurado no sonho tem de ser um desejo infantil.* (FREUD, 2015a, p. 581-82, grifo do autor).⁶⁷

Acentua-se, pois, o caráter de indestrutibilidade dos processos psíquicos inconscientes,

66 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 542-546. No esquema gráfico, Freud não posiciona a consciência, mas, conforme veremos nas próximas páginas, há subsídios para localizá-la após o pré-consciente.

67 “*Diese unbewußten Wünsche betrachte ich, nach den Andeutungen aus der Psychoanalyse der Neurosen, als immer rege, jederzeit bereit, sich Ausdruck zu verschaffen, wenn sich ihnen Gelegenheit bietet, sich mit einer Regung aus dem Bewußten zu alliiieren, ihre große Intensität auf deren geringere zu übertragen. [...] Diese immer regen, sozusagen unsterblichen Wünsche unseres Unbewußten, welche an die Titanen der Sage erinnern, auf denen seit Urzeiten die schweren Gebirgsmassen lasten, die einst von den siegreichen Göttern auf sie gewälzt wurden und die unter den Zuckungen ihrer Glieder noch jetzt von Zeit zu Zeit erbeben; — diese in der Verdrängung befindlichen Wünsche, sage ich, sind aber selbst infantiler Herkunft, wie wir durch die psychologische Erforschung der Neurosen erfahren. [...] Der Wunsch, welcher sich im Traume darstellt, muß ein infantiler sein.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 558-559).

que preservam a intensidade dos desejos infantis recalcados como se fossem atuais, e o fato de o sistema *Ics* se definir justamente pelo desejo, uma corrente no interior do aparelho psíquico, a única capaz que colocá-lo “em movimento”, que procede do desprazer em direção ao prazer (FREUD, 2015a, p. 627)⁶⁸. O sistema *Ics* “não pode fazer outra coisa a não ser desejar” (FREUD, 2015a, p. 629)⁶⁹, portanto, atuar como motor para o instrumento anímico, peculiaridade sua que é preservada e detalhada em *O inconsciente* (1915), no qual a primeira tópica volta a receber uma atenção especial. Também nesta ocasião o inconsciente corresponde a moções de desejo, além de Freud acrescentar que estas convivem entre si mesmo que tenham objetivos inconciliáveis, já que nesse território anímico não vigoram as leis de contradição e negação, e reforçar aquele seu caráter de atemporalidade, sugerido desde 1900, através dessa metáfora dos titãs e de outros trechos emblemáticos.⁷⁰

Por outro lado, o pré-consciente, chamado de “sistema dominante” (*das herrschende System*) (FREUD, 2015a, p. 598)⁷¹, estabelece relações privilegiadas com a consciência, o que explica sua “autoridade” (*Machtbefugnis*)⁷² de exercer a censura sobre os conteúdos do primeiro sistema. Estes têm de passar, obrigatoriamente, pelo segundo sistema na tentativa de se tornarem conscientes, nem sempre exitosa, ocasião em que se encontram no estado de recalque, ou por vezes alcançada à custa de distorções, já que o *Pcs* é como uma proteção ou “anteparo” (*Schirm*) entre o *Ics* e a consciência. Além disso, ele tem acesso à motilidade, justamente por estar localizado na extremidade motora do aparelho, e é o guia de nossa vida de vigília, de nossas ações conscientes e voluntárias (FREUD, 2015a, p. 568)⁷³. No já mencionado escrito metapsicológico sobre o inconsciente (1915), observamos ainda que, no adulto, o sistema *Ics* pode ser considerado como um “estágio preliminar” (*Vorstufe*) a uma

68 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 604.

69 “*Das System kann nichts anderes als wünschen.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 606).

70 Por exemplo, ainda em 1900, lemos: “No inconsciente, nada pode ser terminado, nada passou ou foi esquecido.”/ “*Im Unbewußten ist nichts zu Ende zu bringen, ist nichts vergangen oder vergessen.*” (FREUD, 2015a, p. 606; GW, 2-3, p. 583); “Porém, o respeito com que os povos antigos trataram o sonho é uma homenagem, fundada numa intuição psicológica correta, ao indomado e ao indestrutível na psique humana; ao *demoníaco*, que produz o desejo onírico e que encontramos em nosso inconsciente.”/ “*Die Achtung aber, mit der dem Traum bei den alten Völkern begegnet wurde, ist eine aufrichtige psychologische Ahnung gegründete Huldigung vor dem Ungebändigten und Unzerstörbaren in der Menschenseele, dem Dämonischen, welches den Traumwunsch hergibt und das wir in unserem Unbewußten wiederfinden.*” (FREUD, 2015a, p. 641; GW, 2-3, p. 619, grifo do autor).

71 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 576.

72 Esse termo é utilizado por Freud ainda no quarto capítulo da *Interpretação* (Cf. FREUD, 2016b, p. 165; GW, 2-3, p. 149). É interessante notar que apenas *Befugnis* pode-se traduzir como autorização ou competência (Cf. <https://michaelis.uol.com.br/escolar-alemao/busca/alemao-portugues/Befugnis/>), ao passo que *Machtbefugnis* designa especificamente a autorização ou competência para *exercer poder* que, neste caso, caracteriza o pré-consciente enquanto sistema criticador.

73 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 545.

“organização mais elevada” (*höhere Organisation*), que seria o sistema *Pcs* (FREUD, 2010b, p. 130)⁷⁴.

Sobre a consciência, resta-lhe o seguinte papel: “Nenhum outro a não ser o de *um órgão sensorial para a percepção de qualidades psíquicas*” (FREUD, 2015a, p. 643, grifo do autor)⁷⁵. Esta definição prevalece até os textos freudianos mais tardios e mostra esse sistema como suscetível de excitação pelos estímulos externos, proveniente do sistema *P*, e pelos estímulos vindos do interior do aparelho psíquico, quantidades que são transformadas, no sistema *Cs*, em qualidades de prazer ou desprazer. Se há censura entre inconsciente e pré-consciente, não deixa de haver também entre este e o consciente, já que os conteúdos do pré-consciente podem chegar à consciência desde que obedeçam a certas regras, como o alcance de determinada intensidade; isso explica a sugestão de Freud (2015a, p. 645)⁷⁶ acerca da “conexão íntima e bilateral entre censura e consciência.” Em 1915, o autor reitera que, embora compartilhem de muitas propriedades, é preciso supor uma nova censura entre os sistemas *Pcs* e *Cs*, visto que se trata da passagem de um sistema a outro ainda mais elevado da organização psíquica.

Freud garante que há uma relação estreita entre percepção e consciência, esta enquanto órgão que *percebe* qualidades psíquicas. Desde a primeira edição da *Interpretação*, a operação de “percepção-consciência” (*Bewußtseinswahrnehmung*) é própria do sistema *Cs*, cuja função é parecida com a do sistema *P*, já que ambos recebem estímulos e os distribuem adequadamente. No caso da consciência, é capaz de influenciar a circulação energética no interior do aparelho por meio das “qualidades de prazer e de desprazer” (FREUD, 2015a, p. 643)⁷⁷. Em nota acrescentada em 1919, a afinidade entre os sistemas *P* e *Cs* se converte em identidade: “O aperfeiçoamento posterior desse esquema desenrolado de maneira linear precisará contar com a hipótese de que o sistema que se segue ao *Pcs* é aquele ao qual precisamos atribuir a consciência, ou seja, que $P = Cs$ ” (FREUD, 2015a, p. 569)⁷⁸. Concordamos com Laplanche (1998, p. 70), quanto à adição desta observação conferir uma dimensão totalmente nova ao esquema do aparelho psíquico, que, no entanto, consiste em

74 Cf. FREUD, GW, 10, p. 288.

75 “Keine andere als die eines Sinnesorgans zur Wahrnehmung psychischer Qualitäten.” (FREUD, GW, 2-3, p. 579).

76 “[...] den innigen und zweiseitigen Zusammenhang zwischen Zensur und Bewußtsein...” (FREUD, GW, 2-3, p. 623).

77 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 620.

78 “Die weitere Ausführung dieses linear aufgerollten Schemas wird mit der Annahme zu rechnen haben, daß das auf Vbw folgende System dasjenige ist, dem wir das Bewußtsein zuschreiben müssen, daß also $W = \beta w$.” (FREUD, GW, 2-3, p. 546).

algo muito simples. Trata-se da possibilidade de enrolar o modelo linear sugerido por Freud, este que é o modelo da tina (*baquet*), conforme sugere o psicanalista francês. Ao fazer com que se toquem ou se sucedam a percepção, supostamente situada na extremidade esquerda, com a consciência, na extremidade direita, após o pré-consciente, tem-se outro modelo, o enrolado. No ponto de encontro que se funda, estabelece-se a série *percepção, consciente e pré-consciente*.

Isto posto, passemos ao ponto de vista econômico, ainda tendo a *Traumdeutung* como referência principal, a fim de compreender como a energia psíquica se comporta nos diferentes sistemas. Já vimos que o desejo que impulsiona a formação do sonho sempre vem do sistema inconsciente e que este não faz outra coisa senão desejar incessantemente, já que seu funcionamento visa sempre à satisfação; em outras palavras, diante de qualquer aumento de excitação, sentido como desprazer, busca sua diminuição, sentida como prazer. De modo convergente, em termos energéticos, Freud concebe que no *Ics* há a regulação exclusiva pelo princípio de desprazer e operam somente processos psíquicos primários. Por outro lado, no *Pcs* não vigora unicamente aquele princípio, embora ele exerça influência sobre todo o aparelho psíquico, pois se desenrolam processos psíquicos secundários, marcados por manter o investimento em estado de “repouso” (*in Ruhe*) ou em paz, por assim dizer. Freud (2015a, p. 628, grifo do autor)⁷⁹ escreve:

Apenas me atenho à ideia de que a atividade do primeiro sistema ψ está orientada para o *livre escoamento das quantidades de excitação* e que o segundo sistema, por meio dos investimentos que partem dele, produz uma *inibição* desse escoamento, uma transformação em investimento em repouso, certamente com uma elevação de nível.

Ao sistema inconsciente, portanto, só interessa livrar-se do acúmulo de excitação para evitar o desprazer que dele decorre, ao passo que ao sistema pré-consciente cabe a responsabilidade de inibir este fluxo livre, o que pode ser pensado em termos de seu apaziguamento. Um dos caminhos através do qual Freud chega a tais conclusões se mostra muito semelhante àquele que observamos na passagem pelo *Projeto*, a saber, por meio das vivências de satisfação e das vivências de dor. É suficiente atentar-se às primeiras, a fim de notar que tanto no sistema nervoso do *Projeto*, quanto no aparelho do sonho, com base na tendência essencial de manter a excitação sempre no menor grau possível, faz-se necessário

⁷⁹ “*Ich halte nur an der Vorstellung fest, daß die Tätigkeit des ersten ψ -Systems auf freies Abströmen der Erregungsquantitäten gerichtet ist, und daß das zweite System durch die von ihm ausgehenden Besetzungen eine Hemmung dieses Abströmens, eine Verwandlung in ruhende Besetzung, wohl unter Niveauerhöhung, herbeiführt.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 605).

algum recurso para que a imagem mnêmica do objeto de satisfação não seja investida alucinatoriamente, na ocasião em que o desejo volta a se instaurar no indivíduo, depois de uma experiência primária de satisfação. A alucinação falha em alcançar o prazer, em diminuir a tensão gerada pelo desejo, já que para isso é necessário atuar sobre o mundo exterior, pela via da motilidade voluntária. No caso do *Projeto*, quem cumpria a função de inibir tal fluxo livre de energia rumo ao escoamento – os processos psíquicos primários – era a organização no interior dos neurônios *psi*, constantemente investida e facilitada, chamada *Eu*. Aqui Freud atribui essa tarefa ao sistema pré-consciente, que também precisa reter certa quantidade de excitação, a qual é necessária para que haja aquela modificação do mundo exterior. É notável a semelhança do *Eu* inibidor do *Projeto* com o sistema *Pcs* e seus processos secundários, ponto ao qual retornaremos mais tarde.

Para Freud, então, o *Ics* com seus processos primários sofre a inibição advinda do *Pcs* com seus processos secundários; em outras palavras, o segundo sistema tem de corrigir (*korrigieren*) os processos que se desenrolam no primeiro sistema. O *Pcs*, para fazê-lo, procede através do pensamento, que impede o investimento alucinatorio do traço de memória ligado à satisfação: “Todo o pensar é apenas um rodeio que vai da lembrança de satisfação tomada como representação-meta até o investimento idêntico da mesma lembrança, que deve ser alcançado outra vez pela via das experiências motoras” (FREUD, 2015a, p. 630)⁸⁰. O pensar não deve se extraviar pelas intensidades das representações, pois, conforme endossa Green (1982, p. 207): “[...] é pela redução energética, isto é, pela possibilidade de filtrar as quantidades de energia e de manipular pequenas quantidades dela, que se efetua o trabalho do pensamento.”

No sistema inconsciente, de acordo com o artigo *O inconsciente* (1915): “Há uma mobilidade bem maior das intensidades de investimento” (FREUD, 2010b, p. 127)⁸¹. Os indícios desta mobilidade são o deslocamento (*Verschiebung*) e a condensação (*Verdichtung*), marcados pelo estado de energia móvel (*beweglich*), livre (*frei*) e inclinado ao escoamento. Tal plasticidade da energia psíquica opõe-se ao estado ligado (*gebunden*) e tônico (*tonisch*) do *Pcs* e do *Cs*, que exibem uma inibição da inclinação ao escoamento (*Abfuhrneigung*), de modo coerente ao fato de as representações neles estarem sempre investidas. Ainda nessa ocasião, Freud nomeia o princípio de prazer, equivalente ao princípio de desprazer outrora

80 “Das ganze Denken ist nur ein Umweg von der als Zielvorstellung genommenen Befriedigungserinnerung bis zur identischen Besetzung derselben Erinnerung, die auf dem Wege über die motorischen Erfahrungen wieder erreicht werden soll.” (FREUD, GW, 2-3, p. 607).

81 “Es herrscht eine weit größere Beweglichkeit der Besetzungsintensitäten.” (FREUD, GW, 10, p. 285).

mencionado, como o único regulador do sistema inconsciente, além de afirmar que os processos inconscientes não levam em consideração a realidade.

De volta à *Interpretação*, vemos que a terminologia processo psíquico *primário* se justifica por mais de uma razão. Segundo Freud, trata-se tanto de sua posição em uma ordem hierárquica, quanto do fator temporal. Os processos primários existem desde o princípio, ao passo que os secundários têm de se constituir ao longo da vida:

Em consequência dessa chegada retardada dos processos secundários, o cerne do nosso ser, constituído de moções de desejos inconscientes, permanece inapreensível e não passível de inibição para o pré-consciente, cujo papel é limitado de uma vez por todas a indicar os caminhos mais adequados às moções de desejo provindas do inconsciente. (FREUD, 2015a, p. 631).⁸²

Destacamos deste trecho que o pré-consciente não é capaz de se impor sobre a totalidade das moções de desejo inconscientes de origem infantil, por conta do atraso no desenvolvimento dos processos secundários. Entre essas moções de desejo inconscientes que não podem ser inibidas, também se encontram aquelas que entram em contradição com os processos secundários. Nesse caso, se fossem realizadas, causariam desprazer para o sistema psíquico mais elevado. Em termos de tópicos e de economia, podemos descrever o quadro pintado por Freud a partir de dois sistemas psíquicos e dois processos psíquicos, correspondentes a cada um deles, com intenções contraditórias entre si. Conceber inconsciente e processos primários, pré-consciente e processos secundários, nos leva de volta ao problema já reconhecido de que a realização dos desejos do primeiro sistema não pode ser sentida como prazerosa para o outro. Tal consideração, por sua vez, embasa a própria noção freudiana de recalque, cuja essência é situada por Freud nessa mudança de afeto (*Affektverwandlung*) de prazer em desprazer, quando se trata da realização de desejos inconscientes que não estão em concordância com os processos secundários.

Os desejos inconscientes que contradizem o *Pcs*, para conseguirem alguma forma de expressão, transferem sua força para pensamentos pré-conscientes, chamados de “pensamentos de transferência” (*Übertragungsgedanken*) por Freud (2015a, p. 632)⁸³. O *Pcs*, diante da ameaça de desprazer, busca se afastar desses pensamentos, retirando o investimento deles. Isso tem um efeito eficaz, nos casos mais favoráveis, no sentido de evitar a liberação de desprazer. No entanto, se o desejo inconsciente é reforçado por alguma razão e, com isso,

82 “Infolge dieses verspäteten Eintreffens der sekundären Vorgänge bleibt der Kern unseres Wesens, aus unbewußten Wunschregungen bestehend, unfaßbar und unhemmbar für das Vorbewußte, dessen Rolle ein für allemal darauf beschränkt wird, den aus dem Unbewußten stammenden Wunschregungen die zweckmäßigsten Wege anzuweisen.” (FREUD, GW, 2-3, p. 609).

83 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 610.

também são superinvestidos os pensamentos de transferência, estes podem tentar irromper na consciência, junto à sua excitação, ainda que o *Pcs* os tenha desinvestido:

Então ocorre uma luta defensiva, pois o *Pcs* reforça a oposição aos pensamentos recalçados (contrainvestimento) e na sequência ocorre a irrupção dos pensamentos de transferência, que são portadores do desejo inconsciente, sob uma forma qualquer de compromisso por meio de formação de sintoma. (FREUD, 2015a, p. 632)⁸⁴.

Vale notar que o termo “contrainvestimento”, situado entre parênteses na citação acima, foi acrescentado por Freud apenas em 1919 na *Traumdeutung*. Contudo, destacamos que Freud nomeia, desde 1900, como “luta defensiva” a atitude do *Pcs* contra os desejos inconscientes que tentam se expressar. Nos casos em que não é possível resolver a contradição com a retirada de investimentos dos pensamentos que carregam a energia dos desejos inconscientes, então é preciso se opor a estes, por meio do contrainvestimento. Já os desejos provenientes do *Ics*, com os seus processos primários, tentam persistir na “transferência” de investimentos para os pensamentos pré-conscientes e no reforço desses investimentos quando é possível. O ponto de vista econômico, além de abordar os diferentes modos de circulação da energia psíquica, de forma livre ou ligada, revela sua oposição no campo de batalha da vida psíquica. Como demonstram Laplanche e Pontalis (1970, p. 169): “De modo geral, todo o funcionamento do aparelho pode ser descrito em termos econômicos como atuação de investimentos, desinvestimentos, contrainvestimentos, superinvestimentos.”

Acrescentamos que, para Freud, tal irrupção de processos primários do *Ics* na região do *Pcs* explicará uma série de fenômenos psíquicos. Pensamentos normais – resultantes de processos secundários – são submetidos a processos que o psicanalista chama de incorretos ou anormais, correspondentes aos processos psíquicos primários, precisamente por conta da retirada de seu investimento pré-consciente e da transferência energética de um desejo proveniente do inconsciente e no estado de recalque. Os pensamentos oníricos e os sintomas neuróticos sofrem esse tipo de tratamento, que também pode provocar o efeito cômico; eis as consequências de “quando deixamos esses modos de funcionamento do pensar penetrarem na consciência” (FREUD, 2015a, p. 633, grifo do autor)⁸⁵, a saber, quando processos não inibidos irrompem entre os processos já inibidos. Mais uma vez, podemos aproximar essas concepções ao cenário descrito por Freud no *Projeto*, onde, contudo, o Eu assume o

84 “Es kommt dann zum Abwehrkampf, indem das Vbw den Gegensatz gegen die verdrängten Gedanken verstärkt (Gegenbesetzung), und in weiterer Folge zum Durchdringen der Übertragungsgedanken, welche Träger des unbewußten Wunsches sind, in irgendeiner Form von Kompromiß durch Symptombildung.” (FREUD, GW, 2-3, p. 610).

85 “[...] wenn wir diese Verlaufsweisen des Denkens zum Bewußtsein vordringen lassen.” (FREUD, GW, 2-3, p. 611).

protagonismo. Enquanto representante dos processos secundários e da inibição, por vezes é inundado por processos psíquicos primários nos sonhos e na histeria, por ter um rebaixamento de seu nível energético enquanto dorme no primeiro caso, e pelas condições impostas pela sexualidade no segundo, como vimos.

Na sequência, portanto, retomaremos os personagens principais da noção de conflito psíquico circunscritos no tópico anterior deste capítulo, a saber, o Eu e a sexualidade, para colocá-los em relação com esses lugares psíquicos e seus modos de funcionamento energético, na batalha de investimentos e contrainvestimentos.

1.2.1.1 Onde está o Eu no aparelho do sonho?

Se o Eu fora descrito através da noção de defesa nos primeiros textos sobre os fenômenos neuróticos e da ideia de inibição, explorada no *Projeto*, de alguma forma ele parece ter sido deixado de lado no instrumento psíquico construído com base no sonho sobre o qual nos debruçamos. Há quem entenda que esse apagamento do Eu no livro dos sonhos conduza a uma espécie de desaparecimento do agente que promove as defesas, cuja consequência seria o obscurecimento dos próprios polos em conflito, na medida em que permaneceria sem resposta a seguinte pergunta: quem exerce o recalque? (BERTANHA, 2006). A presença da concepção de conflito na *Interpretação* também é questionada com base em outros aspectos, que não o esfumaçamento do Eu, por Laplanche (1998, p. 63). Ele retoma a analogia de Freud da censura entre os sistemas psíquicos com a refração dos raios de luz quando passam de um meio a outro, conforme expusemos, para alegar que o sentido dessa imagem não corresponderia à linguagem bélica que deveria ser mobilizada ao abordar o conflito. Este, para o autor, teria muito mais a ver com uma oposição de forças, cuja vencedora será a mais poderosa, assim como o exército ou batalhão mais poderoso vence uma guerra. A nosso ver, no entanto, tanto o Eu está implícito no aparelho psíquico do capítulo sétimo, de modo que seja possível localizá-lo no aparelho do sonho, quanto o conflito psíquico subjacente a ele; a sua posição de agente do recalque parece permanecer presente no sentido forte do termo, já que sustenta a concepção freudiana da vida anímica normal e patológica, sem que se possa falar em um prejuízo da concepção de conflito psíquico na tópica e na economia conforme aparecem na *Traumdeutung*.

A justificativa para a presença do Eu no aparelho do sonho se baseia em dois pontos.

Em primeiro lugar, vimos que Freud inicia sua investigação do conflito psíquico com as psiconeuroses, mas depois amplia suas concepções a fenômenos normais da vida psíquica, como os esquecimentos e as recordações encobridoras. A investigação sobre o sonho consiste em mais um passo, extremamente significativo, neste caminho de estender conclusões acerca do conflito pressuposto na neurose para a normalidade, afinal, em ambos os casos se trata do mesmo jogo de forças, no mesmo aparelho psíquico. Em uma nota de rodapé situada no capítulo sétimo da *Interpretação*, Freud (2015a, p. 636)⁸⁶ é explícito a esse respeito, ao colocar sonho, recordações encobridoras e esquecimentos como fenômenos que permitem “fundamentar a psicopatologia sobre a psicologia.” Nesse sentido, se o Eu se faz presente nas concepções freudianas desde as elucidações sobre a patologia, como não o admitir na teoria do sonho, uma vez que esta pode ser vista como ampliação daquela? Isso já bastaria para supor que o Eu está presente no aparelho psíquico da *Interpretação dos sonhos*. Apesar disso, é possível justificar a participação do Eu ainda a partir de outro ângulo, a saber, um olhar mais atento a algumas das passagens da própria obra magna e às relações desta com outros escritos de Freud do mesmo período.

Uma das referências a serem consideradas junto à *Interpretação* consiste na carta enviada a Fliess em seis de dezembro de 1896, na qual Freud apresenta uma espécie de rascunho do esquema gráfico montado na *Interpretação*. De acordo com Laplanche (1998, p. 53, grifo do autor), não se trata ali daquele modelo de tina (*baquet*), delimitado por paredes, tal como o do sonho, mas sim de um sistema composto por memórias – pelos traços mnêmicos, que experimentam diferentes transcrições ou “modos de escrita” (*Niederschriften*)⁸⁷ –, no qual “há *no interior* um organismo sagrado, bem organizado, que é justamente o *Eu*”, a ser localizado “no seio do pré-consciente”. Freud supõe o seguinte funcionamento do mecanismo psíquico, nesta sequência, conjecturada espacialmente como seguindo da esquerda para a direita: *P* são os neurônios onde se geram as percepções às quais se atribui consciência, os quais não conservam delas nenhum vestígio⁸⁸; *sP* são os signos de percepção, o primeiro modo de escrita das percepções, completamente incapazes de

86 “[...] *die Psychopathologie auf die Psychologie zu begründen...*” (FREUD, GW, 2-3, p. 614).

87 As diversas transcrições ou modos de escrita possíveis dos traços mnêmicos são descritos em termos de fixações (*Fixierungen*) na *Interpretação*, conforme vimos acima.

88 De acordo com elucidações anteriores, trata-se do mesmo ponto de vista que Freud já havia defendido no *Projeto*, com os neurônios Φ (Φ) e ψ (ψ), e como viria a postular na *Interpretação*, com o sistema *P* e os sistemas *Mn*: a função perceptiva consciente e a função de memória não podem acontecer no mesmo lugar, pois a primeira permanece aberta à recepção de estímulos e não poderia, ao mesmo tempo, ser responsável por conservar suas marcas. Essa ideia persiste na obra de Freud até textos tardios, como podemos ver em *Nota sobre o bloco mágico* (1925) (FREUD, 2011a).

consciência e submetidos a associações por simultaneidade; *Ic* consiste na inconsciência, também insuscetível de se tornar consciente, porém ordenada segundo outro tipo de associação, provavelmente causal; e sobre a *Pc*, a pré-consciência, o psicanalista afirma: “é o terceiro modo de escrita [antes da consciência], ligado a representações de palavra, *correspondendo ao nosso Eu oficial*”, cujos conteúdos se tornam conscientes se cumprirem certas regras (FREUD, 1896/2021a, p. 36, grifo nosso)⁸⁹. Neste esquema, é antecipada ainda aquela proximidade que, no limite, torna-se identidade, entre percepção e consciência, visto que “os neurônios da consciência seriam novamente neurônios de percepção e, em si, sem memória” (FREUD, 2021a, p. 36)⁹⁰.

É essa caracterização do pré-consciente que leva Laplanche (1998, p. 53) a sustentar “a presença do Eu” no modelo desta carta, no sentido de uma organização de recordações ligada à linguagem. O Eu seria, então, um “organismo de contenção, ou de inibição, ou de domínio (*maîtrise*), ou ainda como uma espécie de ponto magnético, de ponto organizado no seio do sistema pré-consciente” (LAPLANCHE, 1998, p. 53)⁹¹. Com efeito, embora não tenhamos tratado do Eu até agora no escrito do sonho, os aspectos aqui levantados se confundem com os atributos do sistema *Pcs* de ser dominante, uma organização mais alta em relação ao inconsciente que exerce sua autoridade sobre este, através da censura. Pelos laços estreitos entre *Pcs* e *Cs* e entre percepção e consciência já indicados, pode-se estender a relação entre Eu e pré-consciente à percepção-consciência. Ainda como desdobramento, em termos de economia psíquica o Eu estabelece vínculos com os processos secundários, em oposição aos processos não inibidos característicos do inconsciente. No Manuscrito N, anexo à carta a Fliess de 31 de maio de 1897, algumas dessas equiparações são literais, quando Freud escreve: “Acreditar (duvidar) é um fenômeno que pertence por inteiro ao *sistema do Eu (Cs)* e não tem contraparte alguma no *Ics*”; ou quando o termo pré-consciente vem seguido

89 “[...] *ist die dritte Umschrift, an Wortvorstellungen gebunden, unzerem offiziellen Ich entsprechend.*” (FREUD, 1950, p. 186).

90 “[...] *die Bewußtseinsneurone wieder Wahrnehmungsneurose und an sich ohne Gedächtnis wären.*” (FREUD, 1950, p. 186).

91 Embora não seja a intenção aprofundar a interpretação de Laplanche a respeito do *Ich* freudiano, cabe algum esclarecimento sobre a noção de “organismo” que o autor utiliza para caracterizá-lo. André Green (1988a, p. 64) afirma: “Laplanche concebe o Eu como uma metáfora realizada do organismo: sistema Eu funcionando segundo um regime endógeno singular, senão autônomo.” Grosso modo, para Laplanche (1992, p. 31), o *Ich* não é a “totalidade da pessoa psíquica, mas um órgão desta”. Este órgão, por sua vez, é entendido pelo autor como “um organismo, uma organização”, que funciona de acordo com os princípios econômicos que regem o aparelho psíquico: “O ser vivo interno, o ego, é um ser vivo rudimentar, inclusive falso, a imagem de um ser vivo; algo que se mantém constante contra o que metaforiza os ataques externos, isto é, os ataques provenientes do mundo interno, os ataques das pulsões” (LAPLANCHE, 1992, p. 53).

pela palavra Eu, colocada entre parênteses (FREUD, 1992c, p. 297-298, grifo nosso)⁹².

De volta ao capítulo sétimo da *Interpretação*, apesar do referido eclipse do Eu, constataremos sua presença tanto por vias indiretas, através de inferências, desde a primeira publicação do texto, quanto por meio de menções explícitas em acréscimos às edições posteriores. No primeiro caso, vale a pena recuperar a passagem que se segue:

Não sei indicar que modificação o estado do sono produz no sistema *Pcs*; porém, é indubitável que a caracterização psicológica do sono deva ser procurada essencialmente nas modificações de investimento que ocorrem justo nesse sistema, que também controla o acesso à motilidade paralisada durante o sono. (FREUD, 2015a, p. 583)⁹³.

Freud está se referindo ao rebaixamento de investimento do pré-consciente em ação durante o sono que, por sua vez, conduz a um enfraquecimento da censura que refreia a passagem dos conteúdos inconscientes à consciência. O pré-consciente tem seus níveis de investimento alterados porque se acomoda, toda noite, ao “desejo de dormir” (*Schlafwunsch*), o qual colabora com o desejo inconsciente (FREUD, 2015a, p. 598)⁹⁴. É só porque a censura exercida pelo *Pcs* não consegue conter totalmente o recalado enquanto se dorme, que os desejos inconscientes de origem infantil conseguem atingir a consciência e o sonho pode ser formado. O que isso teria a ver com o Eu? Como já vimos no *Projeto*, o dormir é condicionado e caracterizado pela *descarga do Eu*, possibilitando a ocorrência dos processos oníricos, os quais consistem em processos psíquicos primários. Notamos que o Eu, mesmo que não seja mencionado explicitamente naquela passagem da *Interpretação*, estabelece um vínculo inegável com o pré-consciente, a censura e os processos secundários.

92 “*Glauben (Zweifeln) ist ein Phänomen, das ganz dem System des Ich (Bw) angehört und kein Gegenstück im Ubw hat.*” (FREUD, 1950, p. 221).

93 “*Was für Veränderung der Schlafzustand im System Vbw hervorruft, weiß ich nicht anzugeben; aber es ist unzweifelhaft, daß die psychologische Charakteristik des Schlafes wesentlich in den Besetzungsveränderungen gerade dieses Systems zu suchen ist, das auch den Zugang zu der im Schlaf gelähmten Motilität beherrscht.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 560).

94 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 577. É interessante apontar que Freud retoma, nesta mesma referência, o famoso sonho do filho em chamas, indicando a vontade de prolongar a vida do filho como o desejo recalado e o desejo de dormir do pré-consciente como a segunda força pulsionante (*Triebkraft*) do sonho do pai. Propomos a aproximação dessa consideração a um trecho adicionado em 1911 e modificado em 1914, em que o psicanalista diz: “*Assim, o desejo de dormir (para o qual o eu consciente se preparou e que, juntamente com a censura onírica e a 'elaboração secundária', a ser mencionada adiante, representa sua contribuição ao sonhar) sempre precisa ser levado em conta como motivo para a formação de sonhos, e todo sonho bem-sucedido é uma realização desse desejo.*”/ “*Der Wunsch zu schlafen, auf den sich das bewußte Ich eingestellt hat und der nebst der Traumzensur und der später zu erwähnenden „sekundären Bearbeitung“ dessen Beitrag zum Träumen darstellt, muß so als Motiv der Traumbildung jedesmal eingerechnet werden, und jeder gelungene Traum ist eine Erfüllung desselben.*” (FREUD, 2016b, p. 256; GW, 2-3, p. 240, grifo do autor). Isso para reforçar a similaridade entre censura, pré-consciente, Eu e consciente, mas também para sugerir os germes de um suporte pulsional para o Eu – o desejo de dormir ao qual ele se rende seria a segunda *Triebkraft* do sonho –, que só será literalmente admitido por Freud em 1910, conforme veremos no tópico sobre a dinâmica do conflito psíquico.

Mais uma vez, as palavras de Laplanche (1998, p. 55) podem ser esclarecedoras a esse respeito, já que ele entende que a possibilidade do sonho se explicaria pelo fato de o Eu se ausentar, no estado do sono, “do sistema pré-consciente que ele habitava e estruturava”, o que permitiria o relaxamento da censura; ao passo que a presença do Eu asseguraria a manutenção dos processos psíquicos inconscientes apartados:

Entre o inconsciente e o pré-consciente, no estado de vigília, há uma heterogeneidade radical, heterogeneidade que faz com que justamente o inconsciente não possa penetrar no que constitui nossa vida cotidiana; e o que impede uma penetração do inconsciente no pré-consciente é o fato de que o pré-consciente é organizado do interior, o que quer dizer precisamente que há nele um Eu. (LAPLANCHE, 1998, p. 55, grifo do autor).

Como o Eu é considerado uma organização interna ao pré-consciente para Laplanche, é possível falar no “eu-guardião” (*le moi-guardien*), em referência à passagem da *Interpretação* em que Freud diz que devemos reconhecer e honrar “o vigia de nossa saúde psíquica” na censura entre o *Ics* e o *Pcs* (FREUD, 2015a, p. 595)⁹⁵. Mesmo quando o guardião – a censura, nas palavras de Freud, ou o Eu, segundo a interpretação do psicanalista francês – reduz seu gasto de forças durante o sono e permite a expressão de moções inconscientes recalçadas no conteúdo desfigurado do sonho, devido à mudança na relação de forças, isso não significa um descuido de sua parte. Afinal, a porta para a motilidade se encontra fechada, o que faz com que as excitações inconscientes sejam inofensivas.

A aproximação entre o pré-consciente, a censura e o Eu, em oposição ao inconsciente, também é reforçada pelas menções diretas ao Eu feitas por Freud em adições posteriores à *Interpretação*.⁹⁶ Na edição de 1919, ao defender que os sonhos de desprazer (*Unlustträume*), aqueles em que conteúdos penosos fazem parte do conteúdo manifesto do sonho, também consistem em realizações de desejo, Freud se refere ao Eu daquele que sonha, considerado em sua *heterogeneidade*, conforme o termo de Laplanche, em relação aos desejos inconscientes: “Um desejo inconsciente e recalçado cuja realização não podia ser sentida *pelo Eu do*

95 “*In der Zensur zwischen Ubw und Vbw, [...], haben wir also den Wächter unserer geistigen Gesundheit zu erkennen und zu ehren.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 573).

96 Evidentemente, não serão esgotadas todas as menções ao *Ich* de todas as edições da *Traumdeutung*. Será concedido o privilégio às passagens consideradas relevantes em consonância com objetivo de descrever o conflito psíquico do ponto de vista tópico e econômico. Mesmo assim, um mapeamento não exaustivo da obra revela que as referências ao Eu, além daquelas que nos interessam em especial, dividem-se entre rápidas alusões no capítulo de revisão bibliográfica, em citação a outros autores – ou seja, fora do campo da psicanálise propriamente dita –; indicações em relação ao fato de o sonho ser egoísta e, em última instância, sempre realizar os desejos do Eu do sonhador (FREUD, 2016b, p. 290, 345-346; 2015a, nota 84, p. 510); e em uma nota de 1930, no contexto dos sonhos de punição, que seriam uma realização de desejo do Supereu, fato descoberto depois que a psicanálise pôde supor que há uma separação entre Eu e Supereu (FREUD, 2015a, nota 79, p. 502).

sonhador a não ser como penosa se valeu da oportunidade que lhe ofereciam os restos diurnos penosos que seguiam investidos, lhes emprestou seu apoio e assim os fez sonháveis” (FREUD, 2015a, p. 585, grifo nosso). Em seguida, lemos que, por meio desse tipo de sonho, mostra-se “a divergência entre o inconsciente e o consciente – o *recalcado*⁹⁷ e o *Eu* –” (FREUD, 2015a, p. 585, grifo nosso)⁹⁸.

Quer dizer, os sonhos de angústia (*Angstträume*) também são realizações de desejo, porém de desejos do inconsciente que não estão de acordo com o Eu que dorme, a tal ponto que este pode reagir com angústia, encerrar o sonho e levar ao despertar. Identificam-se relações conflituosas do Eu do sonhador com seus desejos inconscientes recalcados, na medida em que há censura e reprovação diante dos próprios desejos, de modo que aquilo que traz prazer para o sistema inconsciente, traz desprazer para o pré-consciente e, conseqüentemente, para o Eu.

Isto posto, mesmo que o Eu não esteja tão presente, pelo menos literalmente, na *Interpretação*, é notável como as relações estabelecidas entre Eu, pré-consciente, censura, consciência, percepção e processos secundários se contrastam nitidamente com as afinidades entre inconsciente, recalcado, desejo⁹⁹ e processos primários. Para reforçar isso, visitemos *Sobre o sonho*, baseado na *Interpretação*, que Freud começara a escrever já em outubro de 1900 e cuja publicação data de 1901, segundo Carone (FREUD, 2021d, p. 52). Isso porque, no capítulo onze dessa obra, o Eu ganha protagonismo. A argumentação freudiana procede dos sonhos infantis, os quais realizam desejos não recalcados, de modo não disfarçado, sem desvios. A criança acredita na imagem onírica (*Traumbild*), pois ainda não consegue fazer a distinção entre a realidade e a alucinação ou fantasia. No caso do adulto, as coisas se passam de modo diferente, o que se relaciona ao desenvolvimento do Eu:

97 Desde 1915, contudo, em *O inconsciente*, Freud já sinalizava que este não se esgota no recalcado: “Tudo que é recalcado tem de permanecer inconsciente, mas constatemos logo de início que o recalcado não cobre tudo que é inconsciente. O inconsciente tem o âmbito maior; o recalcado é uma parte do inconsciente.”/ “*Alles Verdrängte muß unbewußt bleiben, aber wir wollen gleich eingangs feststellen, daß das Verdrängte nicht alles Unbewußte deckt. Das Unbewußte hat den weiteren Umfang; das Verdrängte ist ein Teil des Unbewußten.*” (FREUD, 2010b, p. 100; GW, 10, p. 264).

98 Referência da primeira citação: “*Ein unbewußter und verdrängter Wunsch, dessen Erfüllung vom Ich des Träumers nicht anders als peinlich empfunden werden könnte, hat sich der Gelegenheit bedient, die ihm durch das Besetzbleiben der peinlichen Tagesreste geboten wird, hat ihnen seine Unterstützung geliehen und sie durch diese traumfähig gemacht.*”; Referência da segunda citação: “[...] *der Zwiespalt zwischen dem Unbewußten und dem Bewußten – dem Verdrängten und dem Ich –...*” (FREUD, GW, 2-3, p. 562-563). Na tradução da L&PM, “eu” se inicia com letra minúscula; mantivemos a escolha por verter o *Ich* como “Eu”, com inicial maiúscula.

99 Tenhamos em vista a ressalva de que Eu e desejo podem estar ligados quando se considera o desejo de dormir, que também é realizado no sonho, de acordo com o que já foi exposto. De todo modo, o desejo que protagoniza a formação do sonho é inconsciente, recalcado e de origem infantil, o qual é submetido à censura do pré-consciente e obtém o apoio de seu desejo de dormir à custa de uma desfiguração.

O adulto aprendeu esta distinção; compreendeu também que desejar não lhe traz vantagem alguma e adquiriu, pelo exercício constante, a capacidade de adiar as suas aspirações até que elas venham a encontrar, em meio a longos desvios, uma solução que passa pela modificação do mundo exterior. Da mesma maneira, as realizações de desejo pelo trajeto mais curto também são raras no seu caso; é até mesmo possível que elas simplesmente não aconteçam, e que tudo aquilo que nos parece composto ao modo de um sonho infantil demande uma solução muito mais complicada. Em contrapartida, formou-se no adulto – e certamente em toda pessoa que tem a posse dos seus sentidos – *uma diferenciação do material psíquico* que falta à criança. Instaurou-se uma *instância psíquica* que, orientada pela experiência, mantém *uma influência dominante e inibidora sobre os impulsos psíquicos com um zelo veemente, e dispõe dos principais meios do poder psíquico por conta da posição que ocupa em relação à consciência e à motilidade voluntária*. Mas *uma parcela dos impulsos infantis, considerada inútil para a vida, foi reprimida por esta instância*, e todo o material de pensamento que procedia deles encontra-se no *estado de recalque*. (FREUD, 2021d, p. 88, grifo nosso).¹⁰⁰

É justamente nessa instância que reconhecemos “nosso Eu normal” (*unser normales Ich*), segundo nosso autor. Parece ser clara para o psicanalista tanto a posição ocupada pelo Eu na tópica psíquica, em proximidade com a consciência, a motilidade voluntária, o pré-consciente e a censura; quanto as funções que ele exerce, de adiar a satisfação, dominar (*beherrschen*), inibir (*hemmen*) processos primários, exercer poder e defender-se de moções anímicas através do recalque, em conformidade com o que já vimos sobre o Eu do *Projeto* e dos primeiros escritos freudianos sobre as psiconeuroses.

Ainda em *Sobre o sonho*, Freud é explícito em afirmar que é a instância psíquica do Eu quem se acomoda ao desejo de dormir durante o sono. O Eu, esse material psíquico diferenciado, instruído pela vida, ocupa o polo oposto do inconsciente, por ser o responsável por não deixar o recalque adentrar na consciência e mantê-lo afastado. Mais do que isso, deve-se a ele a supressão de moções anímicas que irão compor o recalque, isto é, é ele quem efetua a expulsão desses conteúdos da consciência, enquanto agente da defesa. Ainda nesse escrito, o sonho se define por ser um compromisso que satisfaz duas instâncias. Em outras palavras, uma formação de compromisso, tal como toda uma série de produções do

100 “*Der Erwachsene hat diese Unterscheidung gelernt, er hat auch die Nutzlosigkeit des Wünschens begriffen und durch fortgesetzte Übung erreicht, seine Strebungen aufzuschieben, bis sie auf langen Umwegen über die Veränderung der Außenwelt ihre Erledigung finden können. Dem entsprechend sind auch die Wunscherfüllungen auf kurzem psychischen Weg bei ihm im Schlafe selten; ja, es ist selbst möglich, daß sie überhaupt nicht vorkommen, und daß alles, was uns nach der Art eines Kindertraumes gebildet zu sein scheint, eine viel kompliziertere Auflösung erfordert. Dafür aber hat sich beim Erwachsenen — und wohl bei jedem Vollsinnigen ohne Ausnahme — eine Differenzierung des psychischen Materiales herausgebildet, die dem Kinde fehlte. Es ist eine psychische Instanz zustande gekommen, welche, durch die Lebenserfahrung belehrt, einen beherrschenden und hemmenden Einfluß auf die seelischen Regungen mit eifersüchtiger Strenge festhält, und die durch ihre Stellung zum Bewußtsein und zur willkürlichen Motilität mit den größten Mitteln psychischer Macht ausgestattet ist. Ein Teil der kindlichen Regungen aber ist als lebensunnütz von dieser Instanz unterdrückt worden, und alles Gedanken material, was von diesen abstammt, befindet sich im Zustande der Verdrängung.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 692). Carone traduz *Regung* por “impulso”; este termo vem sendo traduzido por “moção” neste trabalho, mas na citação direta preservamos a opção do tradutor.

inconsciente, como vimos. Por um lado, ele realiza desejos recalcados; por outro, ele agrada ao Eu por deixá-lo dormir: “O nosso Eu se comporta como uma criança nesse caso; ele dá crédito às imagens do sonho, como se dissesse: ‘claro, você tem razão, agora me deixe dormir’” (FREUD, 2021d, p. 89)¹⁰¹. Em termos de tópica psíquica, tanto o sistema inconsciente, quanto o pré-consciente e a consciência são contemplados.

Em suma, não devemos supor a ausência do Eu no aparelho psíquico do capítulo sétimo, a ponto de falar de um obscurecimento dos polos em conflito psíquico. Parece delinear-se a traços fortes, desde então, o embate entre Eu, processos psíquicos secundários, pré-consciente, consciente e agente do recalque de um lado, e inconsciente, recalcado – tratados como sinônimos nesse momento da obra – e processos psíquicos primários do outro.

É indispensável, contudo, reiterar algo que já indicamos na introdução deste trabalho, a respeito do método de pensamento construído por Monzani (1989) e sua defesa da insuficiência de ler Freud tanto a partir de rupturas radicais, quanto de continuidades ininterruptas entre conceitos. No que diz respeito ao Eu, nos empenhamos, até agora, em mostrar como Freud estreitou as relações entre Eu, pré-consciente e consciente, em detrimento ao inconsciente, mas isso não significa que desconsideramos os indícios de que o psicanalista já presumia problemas quanto ao fato de o Eu ser exclusivamente ligado à consciência, desde os textos mais precoces. No *Projeto*, por exemplo, ao tratar sobre a consciência no sonho ser comparável àquela presente na vida de vigília, nosso autor afirma: “O que mostra que a consciência não está colada ao Eu, mas pode ser agregada a todos os processos ψ . Também nos alerta contra identificar os processos primários com processos inconscientes; *duas indicações inestimáveis para o que se segue!*” (FREUD, 2003, p. 215, grifo do autor)¹⁰². Também nas *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa* (1896) lemos: “[...] seus sintomas emergiam através do mecanismo psíquico da *defesa* (inconsciente), quer dizer, pela tentativa de recalcar uma representação inconciliável que havia entrado em penosa oposição com o Eu do doente” (FREUD, 1991a, p. 163, grifo do autor)¹⁰³. O fato de a defesa ser inconsciente e, ao mesmo tempo, a instância que a exerce ser o Eu, já colocava o empecilho de que o último fosse parte unicamente do sistema pré-

101 “*Unser Ich benimmt sich dabei gerne wie ein Kind, es schenkt den Traumbildern Glauben, als ob es sagen wollte: Ja, ja, du hast recht, aber laß mich schlafen.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 693).

102 “*Dies zeigt, daß Bewußtsein nicht am Ich haftet, sondern Zutat zu allen ψ -Vorgängen werden kann. Es warnt uns davor, etwa die Primärvorgänge mit unbewußten zu identifizieren. Zwei für Folge unschätzbare Winke!*” (FREUD, 1950, p. 424).

103 “[...] *ihre Symptome entstünden durch den psychischen Mechanismus der (unbewußten) Abwehr, d. h. bei dem Versuche, eine unverträgliche Vorstellung zu verdrängen, die in peinlichen Gegensatz zum Ich der Kranken getreten war.*” (FREUD, GW, 1, p. 379).

consciente/consciente (MONZANI, 2005). De todo modo, suas partes inconscientes só serão enfatizadas por Freud a partir da “virada” de 1920; antes disso, o psicanalista realça aquelas afinidades que abordamos, as quais serão especialmente afetadas pelo conceito de narcisismo, conforme mostraremos mais tarde.

1.2.1.2 E a sexualidade?

Quanto à sexualidade, a Freud não resta a menor dúvida – não só pelo que é exposto na *Interpretação*, mas também pelo que mostram os textos pré-psicanalíticos – de que “as forças impulsoras para toda formação psiconeurótica de sintoma” (FREUD, 2015a, p. 634)¹⁰⁴ são proporcionadas por desejos sexuais infantis. No entanto, no capítulo sétimo do livro dos sonhos, lemos: “Quero deixar em aberto se as exigências do sexual e do infantil também podem ser feitas à teoria do sonho” (FREUD, 2015a, p. 634)¹⁰⁵. Em nota de rodapé, isso é justificado sobretudo pelo fato de que considerar a função das representações sexuais para a formação do sonho exigiria uma incursão pelos temas da perversão e da bissexualidade, os quais ainda não haviam sido explicados pela teoria psicanalítica.

É curioso que Freud questione a participação do infantil em sua concepção sobre o sonho, pois ao longo da *Interpretação* constata, mais de uma vez, que os desejos que impulsionam a formação onírica habitam o sistema inconsciente e têm origem na infância, conforme já expusemos. Desde o quinto capítulo, no tópico “O infantil como fonte do sonho”, o psicanalista apontava para a significatividade da participação do material infantil no conteúdo latente do sonho:

O sonho com frequência parece *plurívoco*; como mostram os exemplos, ele não só pode reunir várias realizações de desejo; também pode ocorrer que um sentido, uma realização de desejo, recubra os outros, até que, bem no fundo, topemos com a realização de um desejo da primeira infância, cabendo considerar se nesta frase não é mais acertado substituir o “com frequência” por “regularmente”. (FREUD, 2016b, p. 240, grifo do autor).¹⁰⁶

Apesar de nem sempre as impressões infantis estarem aparentes no conteúdo

104 “[...] *die Triebkräfte für alle psychoneurotische Symptombildung...*” (FREUD, GW, 2-3, p. 611).

105 “*Ich will es dahingestellt sein lassen, ob die Forderung des Sexuellen und Infantilen auch für die Theorie des Traums erhoben werden darf.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 611).

106 “*Der Traum erscheint häufig mehrdeutig; es können nicht nur, wie Beispiele zeigen, mehrere Wunscherfüllungen nebeneinander in ihm vereinigt sein; es kann auch ein Sinn, eine Wunscherfüllung die andere decken, bis man zu unterst auf die Erfüllung eines Wunsches aus der ersten Kindheit stößt, und auch hier wieder die Erwägung, ob in diesem Satze das „häufig“ nicht richtiger durch „regelmäßig“ zu ersetzen ist.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 224). Nesta citação, recorreremos a “regularmente” em vez de “sempre” (opção da tradução em português), para preservar o sentido de *regelmäßig*.

manifesto do sonho e deste levar a inúmeros fios de pensamento, o que demonstra sua polissemia – questão que será tratada mais a frente –, é como se seu sentido mais oculto e, portanto, mais profundo, sempre estivesse ligado ao infantil. Ainda no capítulo cinco, Freud (2016b, p. 212)¹⁰⁷ afirma que o desejo que excitou a formação onírica e foi realizado por ela brota da vida infantil, de forma que a criança e seus “impulsos” (*Impulse*) continuem vivos no sonho. As seguintes palavras do autor também apontam nesta direção: “[...] em nossa teoria do sonho, atribuímos ao desejo oriundo do infantil o papel de motor imprescindível para a formação dos sonhos” (FREUD, 2015a, p. 617)¹⁰⁸.

Se Autiquet (1994, p. 17, grifo do autor) tem razão quanto ao fato de que “[...] interpretar um sonho é colocar em evidência, além das resistências (e as distorções que elas provocam), o desejo que é *causa* do sonho”, pretendemos explicitar que, além de ser infantil, esse desejo causa do sonho possui, na maioria das vezes, uma natureza sexual. Embora isso não esteja evidente desde a primeira publicação da *Interpretação*, seguiremos a pista de que se trata de um caso semelhante ao que enfrentamos quanto ao Eu; o papel do sexual na *Interpretação* pode ser investigado mais a fundo e revelar sua presença no conflito que é travado no aparelho do sonho, justamente enquanto aquilo que convoca a defesa.

Por um lado, pelo menos na primeira edição da obra, o sexual não parece assumir o caráter de “força pulsionante” para a formação do sonho, pois a ideia de que é um desejo sexual que causa o sonho não parece ser óbvia. No quarto capítulo, por exemplo. Freud se empenha em defender a tese já anunciada no capítulo três, de que todo sonho é uma realização de desejo, mesmo os sonhos cujo conteúdo manifesto se apresenta como desagradável, e explica o sentimento desprazeroso presente no sonho por meio da constatação de que “cada pessoa tem desejos que não gostaria de contar aos outros e desejos que não quer admitir a si mesma” (FREUD, 2016b, p. 181)¹⁰⁹. Deste modo, sua realização no sonho tem de se cumprir disfarçadamente. Por haver certa repugnância em relação ao desejo realizado, é preciso torná-lo irreconhecível, trabalho a ser desempenhado pela desfiguração onírica, a ponto de Freud (2016b, p. 182, grifo do autor)¹¹⁰ optar pela ampliação daquela tese: “[...] o sonho é a realização (*disfarçada*) de um desejo (*reprimido, recalçado*).” Se tomarmos apenas um trecho

107 FREUD, GW, 2-3, p. 197.

108 “[...] in unserer Traumtheorie haben wir dem aus dem Infantilen stammenden Wunsch die Rolle des unentbehrlichen Motors für die Traumbildung zugeschrieben.” (FREUD, GW, 2-3, p. 594).

109 “[...] es gibt bei jedem Menschen Wünsche, die er anderen nicht mitteilen möchte, und Wünsche, die er sich selbst nicht eingestehen will.” (FREUD, GW, 2-3, p. 166).

110 “Der Traum ist die (verkleidete) Erfüllung eines (unterdrückten, verdrängten) Wunsches.” (FREUD, GW, 2-3, p. 166).

como este, concordamos com Bertanha (2006) quanto ao fato de nosso autor não explicar muito bem os motivos da censura na *Traumdeutung*, quais os critérios que justificavam o fato de um desejo ser repugnante e, conseqüentemente, ter de ser censurado e modificado pelo trabalho do sonho. Com efeito, não é evidente o que faz com que um desejo seja tão imponente para se realizar no sonho e, ao mesmo tempo, tão repreensível ao indivíduo, e se isso teria a ver com sua natureza sexual.

Por outro lado, é inegável a presença do sexual no livro dos sonhos desde 1900. Em boa parte das análises dos sonhos escolhidos pelo autor, os elementos sexuais tomam forma como material oculto do sonho após a interpretação. Por conseguinte, era isso que estava pedindo por se expressar e teve de ser desfigurado na cena onírica. É nesse sentido que afirmamos a participação da sexualidade, mesmo na versão original do escrito. Podemos elencar quatro exemplos abordados por Freud para ilustrar tal hipótese: os sonhos de angústia, os sonhos inocentes, os sonhos típicos com a morte de pessoas queridas e o simbolismo onírico sexual. Freud alude aos primeiros ainda no quarto capítulo, sugerindo a proximidade entre a angústia dos sonhos e a angústia neurótica. De acordo com a sua compreensão da última nesse momento da teoria, não hesita em afirmar que “os sonhos de angústia são sonhos de conteúdo sexual cuja libido correspondente se transformou em angústia” (FREUD, 2016b, p. 183)¹¹¹. Quanto aos sonhos inocentes, analisados no quinto capítulo, Freud entende que, em última instância, eles não existem, uma vez que todo sonho, quando interpretado, leva a conteúdos significativos da vida psíquica, de natureza sexual: “Em todos esses sonhos ‘inocentes’, o elemento sexual se apresenta de maneira bastante chamativa como motivo da censura. Porém, este é um tema de importância fundamental que precisamos deixar de lado” (FREUD, 2016b, p. 209)¹¹².

Desde a primeira edição, temos a sessão sobre os sonhos típicos no capítulo cinco, mais precisamente a análise dos sonhos com a morte de pessoas queridas, sobretudo o pai e a mãe, por meio da qual Freud pode vislumbrar a influência do complexo de Édipo na vida psíquica da criança.¹¹³ Ao se deparar com o desejo de morte dessas pessoas nos sonhos – a

111 “[...] daß die Angstträume Träume sexuellen Inhalts sind, deren zugehörige Libido eine Verwandlung in Angst erfahren hat.” (FREUD, GW, 2-3, p. 167).

112 “In all diesen „harmlosen“ Träumen schlägt das sexuelle Moment als Motiv der Zensur so sehr auffällig vor. Doch ist dies ein Thema von prinzipieller Bedeutung, welches wir zur Seite stellen müssen.” (FREUD, GW, 2-3, p. 194).

113 Pelas correspondências com Fliess, sabemos que Freud já mencionava o complexo de Édipo desde 1897, como nos diz Strachey (Cf. FREUD, 1991b, p. 12), embora a teorização mais precisa sobre o assunto, sua localização e seu valor na vida psíquica tenham sido formulados posteriormente. Mesmo aqui, na *Interpretação*, seu papel é marginal, e coexiste com afirmações de que na infância não existiria “apetite

mulher deseja a morte da mãe e o homem, do pai –, nosso autor busca as explicações na infância e assume os desejos sexuais da criança, que aparecem desde muito cedo, “na medida em que, em estado embrionário, mereçam esse nome” (FREUD, 2016b, p. 280)¹¹⁴. De todo modo, reconhece as inclinações sexuais infantis da criança em direção ao progenitor do sexo oposto e o ódio destinado àquele do mesmo sexo, condição que estaria presente em todos os indivíduos e seria ampliada nos psiconeuróticos. Tais desejos sexuais infantis seriam recalçados, permaneceriam atuantes no inconsciente e se expressariam em sonhos de morte desse tipo.

O recurso ao simbolismo para figurar conteúdos sexuais no sonho, por sua vez, é assunto do sexto capítulo, está presente já na edição de 1900, mas recebe um tratamento ampliado a partir da segunda edição, com o acréscimo de muitas páginas a seu respeito. O essencial, já exposto na publicação original, é que Freud se aproxima do sentido sexual dos sonhos ao reconhecer neles a presença constante de simbolismos capazes de burlar a censura e figurar conteúdos sexuais.¹¹⁵

Nesse sentido, a sexualidade aparece como motivo da censura já na primeira edição do livro dos sonhos. No entanto, se nos lembrarmos do início desse tópico – da hesitação de Freud em reivindicar o infantil e o sexual em sua teoria do sonho, o último por conta da psicanálise ainda não ter se aprofundado nos temas da perversão e da bissexualidade –, e se levarmos em conta que, nas edições de 1909 em diante, o estatuto do desejo sexual enquanto propulsor do sonho parece se tornar bem mais nítido, podemos compreender essa escolha de Freud. Em 1900, embora nosso autor já tivesse revisado a teoria da sedução e até já mencionasse o complexo de Édipo, sua teoria da sexualidade não se encontrava totalmente consolidada; foi só depois da publicação dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) que ele reuniu, de modo mais preciso, ferramentas para vincular o sexual ao infantil e, conseqüentemente, reconhecê-los em conjunto no desejo que causa o sonho.

Portanto, se, por um lado, o sexual sempre esteve presente na *Interpretação*, por outro, os trechos em que Freud é mais explícito ao reconhecer que o desejo sexual é, na maioria das

sexual” (*sexuelle Begierde*) (Cf. FREUD, 2016b, p. 151; GW, 2-3, p. 136).

114 “[...] soweit sie im keimenden Zustande diesen Namen verdienen...” (FREUD, GW, 2-3, p. 264).

115 Vale notar que no caso Dora, escrito em 1901, também podemos observar a análise de dois sonhos cuja interpretação leva a temas sexuais, os quais aparecem nas várias camadas interpretativas sugeridas por Freud. Apenas para exemplificar, citaremos a “caixa de joias” (*Schmuckkästchen*) presente no conteúdo manifesto do primeiro sonho que Dora leva para a análise. Essa imagem onírica remete aos genitais femininos e, em última instância, à sua virgindade, em meio ao esforço de Dora por não ceder às tentações que seu desejo sexual pelo Sr. K. suscitava; conteúdos latentes de natureza sexual, como podemos ver, que determinam este sonho, conforme a análise de Freud (Cf. FREUD, 1905/2016c; GW, 5).

vezes, a “força pulsionante” dos sonhos de adultos encontram-se em edições de 1909 em diante, posteriores ao reconhecimento da sexualidade infantil. É o que mostram afirmações como esta, de 1909:

Quanto mais nos ocupamos da análise dos sonhos, tanto mais precisamos estar dispostos a reconhecer que a maioria dos sonhos das pessoas adultas trata de um material sexual e expressa desejos eróticos. [...] Declaremos de imediato que esse fato não traz nada de surpreendente para nós, mas que se encontra em completa harmonia com nossos princípios da explicação dos sonhos. Nenhuma outra pulsão precisou experimentar desde a infância tanta repressão quanto a pulsão sexual em seus inúmeros componentes; nenhuma outra deixa tantos e tão fortes desejos inconscientes, que agora agem no estado de sono produzindo sonhos. Ao interpretar sonhos, jamais devemos esquecer a importância dos complexos sexuais, como naturalmente também não devemos exagerá-la até a exclusividade. (FREUD, 2015a, p. 421-22).¹¹⁶

Freud admite, portanto, que a maioria dos sonhos de adultos tem um sentido sexual, quando já tem os recursos para fazê-lo – ele mesmo indica que o leitor consulte os *Três ensaios...* em nota de rodapé seguinte ao trecho citado –, embora não trate isso como uma exclusividade.¹¹⁷ É possível afirmar que o desejo que causa o sonho normalmente é sexual; é dele que a censura se defende, na medida em que sua realização se viabiliza apenas por meio das distorções levadas a cabo pelo trabalho do sonho.

Avancemos mais um passo. O máximo em termos de profundidade a que se pode chegar na interpretação do sonho deparar-se-á, no geral, com o sexual, revelando uma reatualização do conflito entre o Eu e a sexualidade, perseguido ao longo de todo o capítulo. Em última instância, é um desejo com o atributo *sexual*, além de inconsciente, recalcado e de origem infantil, que impulsiona a formação onírica e acaba por ser revelado através da análise. Sustentamos essa afirmação apesar de dois fatores levantados na *Traumdeutung*, a saber, a existência de um limite inerente ao trabalho interpretativo e a possibilidade de superinterpretação (*Überdeutung*) de um mesmo sonho, para o qual já foi encontrado

116 “Je mehr man sich mit der Lösung von Träumen beschäftigt, desto bereitwilliger muß man anerkennen, daß die Mehrzahl der Träume Erwachsener sexuelles Material behandelt und erotische Wünsche zum Ausdruck bringt. [...] Stellen wir gleich fest, daß diese Tatsache uns nichts Überraschendes bringt, sondern in voller Übereinstimmung mit unseren Grundsätzen der Traumklärung steht. Kein anderer Trieb hat seit der Kindheit so viel Unterdrückung erfahren müssen wie der Sexualtrieb in seinen zahlreichen Komponenten, von keinem anderen erübrigen so viele und so starke unbewußte Wünsche, die nun im Schlafzustande traumerzeugend wirken. Man darf bei der Traumdeutung diese Bedeutung sexueller Komplexe niemals vergessen, darf sie natürlich auch nicht zur Ausschließlichkeit übertreiben.” (FREUD, GW, 2-3, p. 401). Na citação em português original, encontra-se “impulso sexual” em vez de “pulsão sexual”, por ser aquela a opção do tradutor para verter *Sexualtrieb*.

117 Em um trecho de 1925, adicionado a uma nota de rodapé inserida em 1911 – outra ocasião em que defende que a maioria dos sonhos de adultos tem um sentido sexual –, nosso autor ressalta que também há outros tipos de sonho, os sonhos infantis em que a criança realiza um desejo de passear no lago ou de recuperar uma refeição perdida, os sonhos de fome, de sede ou de alívio de estímulos excretórios, e assim por diante (FREUD, 2016b, p. 182; GW, 2-3, p. 167).

determinado sentido.

No primeiro caso, a menção de Freud (2015a, p. 552) ao umbigo do sonho (*Nabel des Traums*), “o ponto em que ele se assenta no desconhecido”, é realizada em meio à advertência de que mesmo no sonho mais bem interpretado, há um lugar que deve ser deixado na escuridão (*im Dunkel*), onde os pensamentos oníricos podem ser comparados a uma espécie de nó incapaz de ser desatado, cujas linhas não se deixam desembaraçar. No entanto, ainda que esteja presente, esse limite não impede o trabalho interpretativo, pois a sugestão de Freud (2015a, p. 552) é a de que os pensamentos oníricos aos quais se chega pela interpretação permaneçam sem encerramento ou conclusão e se espalhem “em todas as direções na rede emaranhada de nosso mundo de pensamentos”. A partir disso, temos a seguinte imagem: “De um ponto mais denso desse emaranhado, o desejo onírico se eleva como o cogumelo de seu micélio” (FREUD, 2015a, p. 552)¹¹⁸. Em outras palavras, a despeito do umbigo do sonho, a interpretação se esparrama pela cadeia de pensamentos através das associações do sonhador e topa com o desejo, enquanto aquilo que sobrepuja e que, conforme procuramos mostrar, é sexual, na maioria dos casos. Portanto, apesar dos limites, a viabilidade da interpretação está em se aprofundar até o desejo e deparar-se com o sexual que o caracteriza.

Quanto ao segundo fator, que também podemos chamar de ambiguidade dos sonhos (*Vieldeutigkeit der Träume*)¹¹⁹, para Freud, o trabalho daquele que interpreta o sonho não termina “quando tem em suas mãos uma interpretação completa do sonho, dotada de sentido, coerente e que dá informação sobre todos os elementos do conteúdo onírico” (FREUD, 2015a, p. 550)¹²⁰, na medida em que se encontra aberta a possibilidade de superinterpretação, ligada à condição de sobredeterminação (*Überdeterminierung*) do conteúdo manifesto do sonho. Basicamente, a ideia é que cada um de seus elementos representa múltiplos pensamentos latentes, principalmente por obra da condensação. Nosso autor afirma que é difícil conceber tanto a abrangência dos pensamentos inconscientes que lutam por encontrar expressão, quanto a dimensão da eficácia do trabalho do sonho em sua artimanha de utilizar expressões que, se interpretadas, levam a uma série de pensamentos oníricos. No entanto, chamamos a atenção

118 Referência das três citações do parágrafo: “[...] *der Nabel des Traums, die Stelle, an der er dem Unerkannten aufsitzt.*”/ “[...] *und nach allen Seiten hin in die netzartige Verstrickung unserer Gedankenwelt auslaufen.*”/ “*Aus einer dichteren Stelle dieses Geflechts erhebt sich dann der Traumwunsch wie der Pilz aus seinem Mycélium.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 530).

119 Freud utiliza esse termo em *Alguns complementos à interpretação dos sonhos* (1925), ao tratar dos limites da interpretabilidade (Cf. FREUD, GW, 1, p. 564).

120 “[...] *daß seine Aufgabe nicht voll erledigt ist, wenn er eine vollständige Deutung des Traums in Händen hat, die sinnreich, zusammenhängend ist und über alle Elemente des Traum inhalts Auskunft gibt.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 528).

para o fato de que o sentido do sonho, na maioria das vezes, acaba por se revelar como sexual, apesar da multiplicidade de caminhos que até ali conduzem, na medida em que, no limite, são os desejos sexuais infantis e recalçados que são nele figurados, com os devidos disfarces a serem desmascarados pelo trabalho interpretativo.

Este ponto de vista pode ser endossado no âmbito das psiconeuroses, cujos sintomas também são sobredeterminados. Nos *Estudos sobre a histeria*, por exemplo, Freud (2016a, p. 406)¹²¹ considera que o nexó lógico responsável por ligar o núcleo patógeno ao sintoma histérico pode ser encarado como um sistema de linhas ramificadas e convergentes, no qual se localizam certos “pontos nodais” (*Knotenpunkte*), de modo que haja uma determinação múltipla do sintoma. Mesmo que este remeta a mais de um elemento na análise, se considerarmos o que já vimos até agora, também não poderemos ignorar o peso das representações sexuais na determinação do sintoma neurótico, em decorrência do conflito travado entre elas e o Eu e do conseqüente recalque empreendido por essa instância.

Quer dizer, apesar do umbigo dos sonhos, da sobredeterminação deles e dos sintomas, a análise, no geral, não deixará de se encaminhar a conteúdos sexuais, motivadores da atitude defensiva. Concluiremos este tópico recuperando Foucault (1997), que insere Freud ao lado de Nietzsche e Marx em sua análise sobre as técnicas de interpretação. Um dos aspectos que aproximam os três nomes é o fato de terem convertido esta em uma tarefa sem fim e fundado “o inacabado da interpretação” (FOUCAULT, 1997, p. 20). A interpretação não ter uma conclusão, um dos postulados da hermenêutica moderna cujo fundamento se tornou possível a partir deles, tem a ver tanto com o fato de suas técnicas nos dizerem respeito, de modo que “nós, como intérpretes, teremos que interpretarmo-nos” a partir delas, em um “perpétuo jogo de espelhos”¹²², quanto com a ideia de que: “Não há nada absolutamente primeiro a interpretar, porque no fundo já tudo é interpretação, cada símbolo é em si mesmo não a coisa que se oferece à interpretação, mas a interpretação de outros símbolos” (FOUCAULT, 1997, p. 17, p. 22).

Destacamos o segundo ponto, pois Foucault marca a ausência de um significado

121 Cf. FREUD, GW, 1, p. 293-294.

122 Sobre esse ponto, o artigo de Suely Aires, *Por uma interpretação concreta: simbolismo, decifração e contextualização nos sonhos*, mostra-se enriquecedor, na medida em que ela defende que o leitor da *Traumdeutung* é incluído na obra tanto na condição de sonhador, quanto de intérprete e de censor dos próprios sonhos, da mesma forma em que Freud ocupa tais posições, além de ser o autor do texto. Freud, então, consegue “apresentar ao leitor, por meio de certas estratégias, um texto que o implica, ele Freud, mas, também, que implica o leitor, como sonhador/intérprete/censor de sonhos”, de modo que “talvez por isso essa seja uma das obras mais lidas de Freud, obra que transforma o leitor em intérprete em potencial de seus próprios sonhos” (AIRES, 2011, p. 313).

original ao qual a interpretação levaria, visto que a própria coisa que é interpretada, já é interpretação – os sintomas e os sonhos, no caso de Freud –. A nosso ver, contudo, ainda que a ausência do sentido primeiro seja inerente ao trabalho interpretativo freudiano, é pertinente atribuir, no limite, um lugar de destino ou de ponto de chegada ao sexual nesse trabalho. Em última instância, é até a sexualidade que o intérprete chegará através das associações daquele que é interpretado, assim como é dela que partem sonhos e sintomas na vida anímica do último, mais precisamente do embate ao qual ela convoca.

Resta-nos concordar com Assoun (1995, p. 96-97, grifo do autor), que enfatiza o “nú da psicanálise com a Coisa sexual”, a ponto de afirmar: “Por qualquer lado que se tome a psicanálise, é a *isso* mesmo, com efeito, que se chega: isso de que ela se ocupa, isso que ela trata, que ela frequenta, é mesmo, aparentemente, isso.” Para o autor, é possível falar de uma “presença esmagadora da Coisa sexual no inconsciente” (ASSOUN, 1995, p. 109), cuja condição peculiar consiste em ser recalcada e insistir em retornar de onde não deveria. A partir disso, é possível sublinhar a dimensão do conflito psíquico, tanto com Autiquet (1994, p. 39), quem vislumbra na teoria freudiana que “um dos polos do conflito permanece sempre a sexualidade, como se ela fosse portadora de um perigo contra o qual fosse preciso sempre se defender”, quanto com o próprio Assoun (1995, p. 113): “Assim, Freud defendeu incessantemente a causa do recalcado e o trabalho da instância recalcadora – como para encontrar a divisão entre os poderes da Coisa sexual e as potências do sujeito.”

Em suma, dois sistemas, dois modos de operação no aparelho do sonho – sem os quais se torna impossível o funcionamento psíquico¹²³ –, o conflito recíproco. Da mesma maneira que observamos a afinidade da série Eu, pré-consciente, consciência, processos secundários e agente promovedor da defesa, observamos a aproximação entre sexualidade, recalcado, inconsciente e, conseqüentemente, processos primários no lado oposto. Submeter o sonho à análise revela justamente esse conflito em ação. Dedicaremos a última parte deste capítulo ao ponto de vista dinâmico, ao jogo de forças (*Kräftepiel*) que é travado no aparelho psíquico ou, em outras palavras, ao conflito entre pulsões que o mobiliza.

123 Podemos constatar esse fato na *Interpretação*, em que Freud afirma que a patologia se explica pela dinâmica do jogo de forças, por fortalecimento ou enfraquecimento de suas partes, e não pela modificação tópica, e acrescenta: “Ainda seria possível mostrar em outro lugar como a composição do aparelho por duas instâncias permite também um refinamento do funcionamento normal que seria impossível com uma só.”/ “An anderer Stelle könnte noch gezeigt werden, wie die Zusammensetzung des Apparats aus den beiden Instanzen eine Verfeinerung auch der normalen Leistung gestattet, die einer einzigen unmöglich wäre.” (FREUD, 2015a, p. 636; GW, 2-3, p. 614).

1.2.2 O ponto de vista dinâmico: o primeiro dualismo pulsional

Não é novidade que a pulsão seja caracterizada como o *Grundbegriff* da metapsicologia freudiana (ASSOUN, 1995). Tentaremos circunscrevê-la, em linhas gerais, por meio da retomada de duas definições freudianas bem conhecidas, ambas datadas de 1915. A primeira pode ser encontrada no artigo metapsicológico sobre as pulsões e se divide em três aspectos: “um conceito fronteiro entre o anímico e o somático”, o “representante psíquico dos estímulos oriundos do interior do corpo que alcançam a alma” e “uma medida de exigência de trabalho imposta ao anímico em decorrência de sua relação com o corporal” (FREUD, 2021f, p. 25)¹²⁴. Desse ponto de vista, apesar da ideia de *Grenzbegriff*, predomina o fato de a própria pulsão já ser o representante psíquico dos estímulos corporais, desse corpo que “ligado ao psiquismo, exige dele alguma coisa” (GREEN, 1982, p. 200), ou “faz trabalhar a alma” (ASSOUN, 1995, p. 182). A segunda definição pode ser resumida por esta passagem de *O inconsciente*: “Uma pulsão não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que a representa. Mas também no inconsciente ela não pode ser representada senão pela ideia” (FREUD, 2010b, p. 114-115)¹²⁵. Embora Freud acrescente, na sequência, que a pulsão pode “vir à luz” (*zum Vorschein kommen*) não somente pela ideia ou representação (*Vorstellung*), mas também por um estado afetivo (*Affektzustand*), predomina nesta concepção, diferentemente da anterior, a ideia de que a pulsão é, em si, impossível de ser representada (*repräsentieren*), tanto na consciência, quanto no inconsciente, a não ser por um representante psíquico.

Nota-se que há uma ambiguidade inerente à pulsão; afinal, sua natureza limítrofe ou fronteira explicaria porque o discurso teórico freudiano enfoca “ora o aspecto orgânico-somático, ora o aspecto psíquico, ora os dois” (TORT, 1966, p. 49). Nas palavras de Green (1982, p. 201, grifo do autor): “A noção de conceito limite adquire aqui seu pleno sentido na medida em que são os nossos instrumentos conceituais que não permitem pensar o *acontecimento* que ocorre nesta encruzilhada psicossomática ou somatopsíquica.” Não pretendemos esgotar aqui os problemas envolvidos no assunto, que vão desde a querela das

124 “[...] so erscheint uns der „Trieb“ als ein Grenzbegriff zwischen Seelischem und Somatischem, als psychischer Repräsentant der aus dem Körperinnern stammenden, in die Seele gelangenden Reize, als ein Maß der Arbeitsanforderung, die dem Seelischen infolge seines Zusammenhanges mit dem Körperlichen auferlegt ist.” (FREUD, 2021f, p. 24).

125 “Ein Trieb kann nie Objekt des Bewußtseins werden, nur die Vorstellung, die ihn repräsentiert. Er kann aber auch im Unbewußten nicht anders als durch die Vorstellung repräsentiert sein.” (FREUD, GW, 10, p. 275-276).

traduções de *Trieb*¹²⁶ até tais dificuldades intrínsecas às definições do conceito fornecidas pelo próprio Freud. Contudo, cabe ressaltar neles um traço em comum: trata-se de tentativas de dar conta, através da linguagem, de um objeto que lhe escapa, na medida em que é incognoscível, ou pelo menos está sujeito a incontestáveis limites em sua cognoscibilidade¹²⁷, como bem aponta Soria (2019, p. 195), ao destacar que Freud se aproxima do psíquico inconsciente por meio de conjecturas e já mediante a interpretação, na busca de “apresentar o que jamais pode ser representado diretamente na consciência.”

Dentre as diversas leituras possíveis, acompanharemos a de Hanns (1999, p. 49), na medida em que ela parece, em alguma medida, dar conta da mencionada ambiguidade da pulsão e fornecer uma espécie de formação de compromisso entre aquelas duas posições de Freud, através da proposta de um “circuito de circulação pulsional”. A noção de circuito pode ser um recurso eficaz se concordarmos que Freud “utiliza *Trieb* tanto para nomear o que é percebido como momento particular do circuito ao nível íntimo e singular no sujeito [...], quanto para abarcar todo o conjunto articulado do circuito pulsional” (HANNNS, 1999, p. 51). Vejamos brevemente suas etapas. No princípio do circuito está a fonte pulsional (*Triebquelle*), uma fonte somática de onde brota, já em uma segunda etapa, o estímulo

126 Embora o leitor já tenha clareza acerca da predileção pelo termo “pulsão” neste trabalho, teceremos alguns breves comentários a esse respeito. Em primeiro lugar, tenhamos em vista que nem “pulsão”, nem “instinto”, cobrem a polissemia de *Trieb* no alemão, utilizado frequentemente tanto na linguagem corrente, quanto na religiosa, científica e filosófica. Podemos encontrar essa posição em Hanns (1999), que opta pelo primeiro termo, e em Souza (2010), que opta pelo segundo. No entanto, se para Souza (2010, p. 261) “existem ganhos e perdas” nas duas escolhas, mas na escolha de “instinto” “os ganhos ainda superam as perdas”, assumimos aqui a posição inversa. O maior impasse parece ser uma das conotações atuais mais recorrentes de “instinto” no português, que remete ao biológico e determinado, embora o termo seja mais corriqueiro na língua do que o neologismo pulsão – o que seria um ponto a seu favor –. A nosso ver, não se trata, como também disse Souza (2010, p. 261), de um “narcisismo humano [...] que se manifesta na insistência em distinguir resolutamente um *Instinkt* animal de um *Trieb* humano.” Trata-se, antes, de ressaltar, com o termo pulsão, a ideia de um conceito próprio da psicanálise freudiana, na medida em que *Trieb* é utilizado de modo original por Freud no contexto psicanalítico, e de algo que pulsa e impulsiona, cobrindo assim o significado crucial de *Trieb* como “algo que 'propulsiona', 'coloca em movimento', 'agulha', 'toca para frente', 'não deixa parar' e 'empurra'.” (HANNNS, 1999, p. 29). Concordamos com Silveira (2014, p. 197-198), que não recusa o fato de Freud recorrer a argumentos biológicos em sua teoria, afinal ele considera o próprio *Trieb* a partir dos estímulos endógenos, cuja fonte é o corpo humano “inserido na cadeia evolutiva”; mas é fundamental chamar a atenção para o perigo de reduzir a lógica da pulsão à biologia, o que estaria na direção oposta das construções freudianas, sobretudo no campo da sexualidade.

127 Vale a pena retomar a seguinte citação de Freud, apenas para justificar essa afirmação: “Assim como Kant nos alertou para não ignorar o condicionamento subjetivo de nossa percepção e não tomá-la como idêntica ao percebido incognoscível, a psicanálise adverte para não se colocar a percepção pela consciência no lugar do processo psíquico inconsciente, que é o objeto desta percepção. Tal como o físico, também o psíquico não precisa, na realidade, ser como nos aparece.”/ “*Wie Kant uns gewarnt hat, die subjektive Bedingtheit unserer Wahrnehmung nicht zu übersehen und unsere Wahrnehmung nicht für identisch mit dem unerkennbaren Wahrgenommenen zu halten, so mahnt die Psychoanalyse, die Bewußtseinswahrnehmung nicht an die Stelle des unbewußten psychischen Vorganges zu setzen, welcher ihr Objekt ist. Wie das Physische, so braucht auch das Psychische nicht in Wirklichkeit so zu sein, wie es uns erscheint.*” (FREUD, 1915/2010b, p. 107-108; GW, 10, p. 270).

pulsional (*Triebreiz*), cujo objetivo é a satisfação. Freud adverte, em *Pulsões e seus destinos* (1915): para que o estímulo seja classificado como pulsional, deve cumprir pelo menos três condições, a saber, o indivíduo não é capaz de fugir dele por meio da ação motora, ele provém do interior do corpo e sua geração é incessante. Isso nos conduz a um terceiro momento, qual seja, certa estase ou acúmulo (*Stauung*) de energia, que pode ser percebido psiquicamente como incômodo, já que é contrário ao princípio de constância que rege o aparelho psíquico. Hanns (1999, p. 51) exemplifica no campo das necessidades vitais: “os estímulos gerados pela pulsão de alimentação inicialmente percebidos como 'apetite' transformam-se em 'fome'.” A *Stauung*, por sua vez, gera certa pressão ou ânsia (*Drang*) para livrar-se do excesso de estímulo, na qualidade de uma urgência, de um forte ímpeto à descarga, conseqüente de um estado de aflição; tudo isso de modo convergente à famosa frase de Freud (2021f, p. 25)¹²⁸: “Toda pulsão é uma parcela de atividade.” Tanto na consciência, quanto no inconsciente, tal caráter pressionante e urgente é representado seja pela representação (*Vorstellung*), seja pelo afeto (*Affekt*), que ocupam uma quarta fase do ciclo. Na seqüência, observa-se o escoamento ou descarga (*Abfuhr*) de energia, que leva finalmente à satisfação (*Befriedigung*) e guia-se por esses representantes, “que representam e qualificam o objeto de satisfação desejado e o percurso para atingi-lo” (HANNIS, 1999, p. 51).

Deste modo, *Trieb* pode remeter a todo o processo, ou a cada um de suas partes. Ora se refere ao estímulo pulsional que brota de determinada parte do corpo, no sentido orgânico, ora à representação ou ao afeto que o representam psiquicamente, ou ainda como sinônimo daquela pressão designada por *Drang*, que designa uma espécie de limiar entre o desprazer provocado pelo acúmulo de estímulo e o ímpeto à descarga. Interessa-nos ter essa concepção em vista daqui por diante.

Voltemos, então, à metapsicologia do conflito psíquico. Já o contemplamos do ponto de vista tópico e econômico; quanto ao eixo dinâmico, merece destaque por sua significatividade. Segundo Laplanche e Pontalis (1970, p. 132), o embate entre as pulsões é o tipo de explicação “mais radical” do conflito. Esse entendimento parece ser compartilhado por Hanns (1999, p. 39, grifo nosso), considerando uma de suas justificativas principais para a articulação sempre dualista das pulsões na teoria freudiana:

Do ponto de vista metodológico, o que move Freud é explicar a *raiz* do conflito psíquico, isto é, o conflito pulsional. É este que ele pretende encontrar na forma mais irredutível, expresso como um combate de dois princípios ou duas pulsões básicas. [...] Tal sistema de forças pulsionais, para ser impelente, deveria ser gerador

128 “*Jeder Trieb ist ein Stück Aktivität...*” (FREUD, 2021f, p. 25).

de tensão, ou, na linguagem afetiva, de conflito; portanto, *o dualismo conflituoso tinha que ser encontrado também na própria base pulsional.*

Essa radicalidade do conflito psíquico, localizada nessa base pulsional mencionada por Hanns, remete ao que Freud chama de “*conflito de vontades*” subjacente ao sonho, do qual já tivemos notícias em *Sobre o sonho*. Também já defendemos a tópica psíquica como *produto* do conflito; isto pode ser mais bem compreendido agora, uma vez que a estrutura do aparelho psíquico é concebida, no limite, como uma consequência do referido combate entre duas pulsões elementares.

A base pulsional em relação a um dos polos do conflito psíquico, a sexualidade, fora reconhecida por Freud desde muito cedo. Ainda que a origem do conceito de pulsão, em linhas gerais, esteja presente já em textos pré-psicanalíticos, de acordo com Tort (1966)¹²⁹, costuma-se localizar a emergência da noção de pulsão sexual nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Já o “suporte pulsional para a instância recalcadora” foi procurado por Freud tardiamente; uma “coincidência entre a instância defensiva do ego e um tipo determinado de pulsões”, segundo Laplanche e Pontalis (1970, p. 132), só pôde ser rastreada a partir de 1910, na curta e interessante exposição psicanalítica sobre a perturbação psicogênica da visão – a cegueira histérica, inserida na mesma classe de fenômenos que as paralisias –, à qual nos dedicaremos agora.

A fim de demarcar as diferenças do método psicanalítico em relação à escola francesa, representada sobretudo por Pierre Janet, nosso autor escreve, a respeito da psicanálise:

É uma concepção dinâmica, que explica a vida psíquica como um jogo de forças que favorecem e inibem umas às outras. Quando, por exemplo, um grupo de ideias permanece no inconsciente, ela não conclui pela existência de uma incapacidade constitucional para a síntese, que se manifestaria nessa dissociação; afirma, isto sim, que a oposição ativa de outros grupos de ideias causou o isolamento e a inconsciência desse grupo específico. (FREUD, 1910/2013, p. 316-317, grifo nosso).¹³⁰

Se Janet e seus discípulos supõem uma dissociação anímica por trás da cegueira

129 O autor alerta que no *Projeto de psicologia*, em 1895, a maior parte das características que depois serão atribuídas à pulsão já se encontram colocadas, por meio da ideia já investigada de quantidades de excitação endógenas que estimulam o sistema nervoso. As características de interioridade e de inevitabilidade, consideradas pelo francês como o “predicado fundamental” da pulsão; seu caráter de “exterioridade interna”, na medida em que se impõe ao psíquico vindo “do corpo como estrangeira” e se faz interna porque contra sua irrupção não há proteção; bem como a ideia de que a pulsão é o alimento, o impulso, o motor da atividade psíquica, tudo já se encontrava no *Projeto*, enquanto a primeira teoria de “certa relação entre o psiquismo e uma outra realidade designada como pulsão (*Trieb*)” (TORT, 1966, p. 45).

130 “*Sie ist eine dynamische Auffassung, die das seelische Leben auf ein Spiel von einander fördernden und hemmenden Kräften zurückführt. Wenn in einem Falle eine Gruppe von Vorstellungen im Unbewußten verbleibt, so schließt sie nicht auf eine konstitutionelle Unfähigkeit zur Synthese, die sich gerade in dieser Dissoziation kundgibt, sondern behauptet, daß ein aktives Sträuben anderer Vorstellungsgruppen die Isolierung und Unbewußtheit der einen Gruppe verursacht hat.*” (FREUD, GW, 8, p. 96-97).

histórica e, nesse sentido, assumem a existência de processos psíquicos conscientes e inconscientes, Freud dá um passo além por ultrapassar a ideia de um deficit inato para a síntese psíquica e inscrever essa condição em um terreno dinâmico, marcado pela luta entre grupos de representações que culminam no recalque. Certas representações amarradas (*geknüpft*) à visão estariam apartadas da consciência por terem entrado em oposição com outras representações consideradas mais fortes, às quais ele se refere como o “conceito geral de ‘Eu’” (FREUD, 2013, p. 317)¹³¹, o que explicaria o fato de os cegos histéricos o serem apenas para a consciência, embora no inconsciente sejam capazes de ver. Mas de onde viria esta oposição entre o Eu e grupos singulares de representação, a qual leva ao recalque? Tal pergunta, assim como sua resposta, só são viabilizadas pelo fato de a psicanálise ter desbravado o terreno do conflito psíquico e, conseqüentemente, do recalque:

Passamos a atentar para a importância das pulsões na vida imaginativa; verificamos que cada pulsão procura se impor mediante a vivificação das ideias condizentes com suas metas. Nem sempre essas pulsões são compatíveis entre si; com frequência têm conflitos de interesses; *as oposições das ideias são apenas expressão das lutas entre as pulsões singulares*. De valor muito particular para nossa tentativa de explicação é a *incontestável oposição das pulsões que servem à sexualidade, à obtenção de prazer sexual, e as outras, que têm por meta a autoconservação do indivíduo, as pulsões do Eu*. Todas as pulsões orgânicas que atuam em nossa alma podem ser classificadas como “fome” ou como “amor”, nas palavras do poeta. (FREUD, 2013, p. 317-318, grifo nosso).¹³²

Primeiramente, notamos que a contradição entre as ideias ou representações se deve, em última instância, à luta entre pulsões, o que endossa o já mencionado espaço ocupado pelas pulsões no que há de mais radical no conflito psíquico. As pulsões em discordância se impõem por meio do que foi traduzido na citação acima por “vivificação” das ideias – trata-se do substantivo *Belebung*, que, por sua vez, remete ao verbo *beleben*, cuja acepção se estende a conceder vida, estimular, ou ainda revitalizar¹³³ –. Essas “pulsões orgânicas”, portanto, dão vida às representações, e o embate entre estas se justifica pelo fato de as pulsões perseguirem metas inconciliáveis. Por conseguinte, acompanhamos o anúncio do primeiro dualismo

131 “[...] *Sammelbegriff des 'Ichs'...*” (FREUD, GW, 8, p. 97).

132 “*Wir sind auf die Bedeutung der Triebe für das Vorstellungsleben aufmerksam geworden; wir haben erfahren, daß sich jeder Trieb durch die Belebung der zu seinen Zielen passenden Vorstellungen zur Geltung zu bringen sucht. Diese Triebe vertragen sich nicht immer miteinander; sie geraten häufig in einen Konflikt der Interessen; die Gegensätze der Vorstellungen sind nur der Ausdruck der Kämpfe zwischen den einzelnen Trieben. Von ganz besonderer Bedeutung für unseren Erklärungsversuch ist der unleugbare Gegensatz zwischen den Trieben, welche der Sexualität, der Gewinnung sexueller Lust, dienen, und den anderen, welche die Selbsterhaltung des Individuums zum Ziele haben, den Ichtrieben. Als „Hunger“ oder als „Liebe“ können wir nach den Worten des Dichters alle in unserer Seele wirkenden organischen Triebe klassifizieren.*” (FREUD, GW, 8, p. 97-98). A tradução da edição em português foi modificada neste caso, já que um pequeno trecho do texto original havia sido omitido.

133 Neste caso, estamos seguindo o dicionário de Cambridge do alemão para o inglês. Cf. <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/german-english/beleben>.

pulsional na esteira dos polos em conflito delineados ao longo deste capítulo, visto que ao Eu vinculam-se pulsões cujos interesses se concentram em garantir a conservação do indivíduo, o que justifica sua designação por “fome”, e à sexualidade, pulsões que visam tão somente o prazer sexual, em resumo, o “amor”. Embora o Eu seja o conceito utilizado para nomear as representações mais fortes e tenha tal suporte pulsional, ele se sente ameaçado pelas demandas da sexualidade, motivo pelo qual ele se defende delas através do recalque, cujo fracasso explica a constituição do sintoma neurótico, que não passa de um composto de intimidadoras “formações substitutivas do recalcado” e incômodas “formações reativas do Eu” (FREUD, 2013, p. 319)¹³⁴. Nesse sentido, podemos entender a afirmação de Laplanche e Pontalis (1970, p. 509) de que o Eu “encontra na pulsão de autoconservação o essencial da energia necessária à defesa contra a sexualidade.”

O impasse entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais também esclarece a patologia da cegueira histérica, pois é situado por Freud no próprio órgão do corpo. Uma mesma parte do corpo, um órgão ou sistema de órgãos, segundo a terminologia freudiana, está à disposição, simultaneamente, de ambos os grupos pulsionais. Os principais exemplos convocados por nosso autor consistem na boca, que serve tanto para comer e falar, quanto para beijar, e nos olhos, que se atentam ao ambiente com vistas à autoconservação, mas não deixam de mirar os objetos de amor a serem escolhidos, o que, por analogia, pode ser estendido a outras regiões corporais. O problema está, justamente, na dificuldade em servir dois senhores com propósito tão distintos – “Quanto mais íntima é a relação que um órgão de dupla função desse tipo estabelece com uma das grandes pulsões, tanto mais rejeita a outra” (FREUD, 2013, p. 319)¹³⁵ –, e nas consequências patológicas resultantes do recalque, por parte do Eu, da pulsão sexual parcial relativa ao órgão do qual ambos os grupos pulsionais exigem serventia. Na incapacidade de enxergar da histeria, o prazer sexual de ver despertou a defesa das pulsões do Eu, que recalcou as representações que perseguiam aquela meta, destinando-as ao inconsciente. Os efeitos disso, no entanto, extrapolam-se para os vínculos do Eu e da consciência com a atividade de ver, que ficam prejudicados, pois a pulsão sexual de ver recalçada ainda mantém seu domínio sobre os olhos. Entre o Eu consciente e a sexualidade recalçada, o órgão acaba sendo rendido pela segunda e perde suas funções. A “influência recíproca” entre a sexualidade e as funções não sexuais dentro de uma mesma

134 “Ersatzbildungen des Verdrängten”; “Reaktionsbildungen des Ichs” (FREUD, GW, 8, p. 98).

135 “In je innigere Beziehung ein Organ mit solch doppelseitiger Funktion zu dem einen der großen Triebe tritt, desto mehr verweigert es sich dem anderen.” (FREUD, GW, 8, p. 99).

região corporal já havia sido anunciada por Freud nos *Três ensaios...* (FREUD, 1905/2016c, p. 119)¹³⁶ e segue sendo afirmada pelo autor mesmo em obras mais tardias, como em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), onde podemos encontrar a explicação de certos tipos de inibição, como de escrever ou tocar piano, com base em uma erotização muito intensa do órgão em questão, visto que a função ligada ao Eu de um órgão é prejudicada “quando aumenta sua erogeneidade, sua significação sexual” (FREUD, 2014a, p. 18)¹³⁷.

Pulsões sexuais e pulsões do Eu em combate – é o que Freud sustenta em sua teoria pulsional, com todas as letras desde 1910 –. As pulsões sexuais são introduzidas já na edição de 1905 dos *Três ensaios...*, logo no primeiro parágrafo, com a constatação de que as necessidades sexuais nos homens e nos animais são expressas pela biologia através da suposição de uma pulsão sexual, tal como haveria a pulsão de nutrição. Na ausência de um nome semelhante à “fome” para designar a primeira, a ciência (*Wissenschaft*) recorreu à palavra “libido” (FREUD, 2016c, p. 20)¹³⁸. Muito mais do que introduzir a ideia, sabemos que o psicanalista efetua uma verdadeira ampliação do conceito de sexualidade nesta obra crucial, visto que desvincula a pulsão sexual da genitalidade e da função reprodutiva, através dos argumentos pacientemente construídos por meio das perversões; constrói as significações de termos fundamentais como pulsões parciais e zonas erógenas; e elabora a noção de sexualidade infantil, antes desacreditada em sua própria teoria.¹³⁹ No entanto, neste mesmo escrito, apesar de ainda não utilizar o termo *Ichtriebe*, Freud já estabelecia a diferença entre a sexualidade e as funções de autoconservação, as quais viriam a ser tomadas do ponto de vista pulsional, como a própria menção a uma “pulsão de nutrição” já sugere, e equiparadas às pulsões do Eu cinco anos depois, no artigo sobre a cegueira histérica, como vimos. Além disso, propõe que as pulsões sexuais se apoiam na conservação de si, na medida em que se tornam independente das funções vitais a posteriori, do ponto de vista do desenvolvimento do indivíduo.

A noção de apoio (*Anlehnung*) se encontra no segundo ensaio, ainda na primeira edição do texto. Segundo Freud, o protótipo de exteriorização sexual infantil consiste no chupar ou sugar (*Ludeln* ou *Lutschen*), que revela a atividade autoerótica, na medida em que o

136 Cf. FREUD, GW, 5, p. 106-107. Voltaremos a esse ponto no quarto capítulo, na discussão sobre a sublimação.

137 “[...] wenn seine Erogenität, seine sexuelle Bedeutung, zunimmt” (FREUD, GW, 14, p. 116).

138 Nesta ocasião, no entanto, Freud utiliza o termo *Geschlechtstrieb* para se referir à pulsão sexual. Cf. FREUD, GW, 5, p. 33.

139 Uma análise mais detalhada da argumentação dos *Três ensaios...* foi realizada na dissertação de mestrado (FILLA, 2018), intitulada *A constituição do conceito de narcisismo na teoria freudiana (1895-1914)*, sobretudo em seu terceiro capítulo.

bebê mantém o contato de sucção com a boca, tomando os próprios lábios, a língua, ou outras partes de seu próprio corpo, como o dedo da mão ou do pé, como objeto, e tendo como única finalidade a obtenção de prazer. No entanto, o autoerotismo próprio da sexualidade da criança já é entendido por nosso autor como um segundo tempo, visto que, a princípio, é a realização das necessidades vitais, neste caso da nutrição ou, mais precisamente, da amamentação, que a familiarizou com este prazer (*Lust*): “Diríamos que os lábios da criança se comportaram como uma *zona erógena*, e o estímulo gerado pelo afluxo de leite quente foi provavelmente a causa da sensação prazerosa” (FREUD 2016c, p. 85, grifo do autor)¹⁴⁰. O cumprimento da necessidade de se alimentar e a satisfação sexual, como um efeito colateral (*Nebenwirkung*) ou um ganho extra de prazer (*Lustnebengewinn*), estão emaranhados, de modo que Freud (2016c, p. 85)¹⁴¹ possa resumir: “A atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela.”

O órgão tem um desempenho duplo, à disposição tanto das pulsões sexuais, quanto das de autoconservação ou do Eu, o que ganha uma expressividade particular na cegueira histórica, e isso está relacionado à ideia de apoio, de acordo com o comentário de Assoun (1995, p. 183, grifo do autor):

Se é possível “servir a dois senhores ao mesmo tempo”, o que dá a chave da estrutura conflitual correspondente, deve-se notar aqui que o corpo está associado a cada um desses dois senhores – mas como *o mesmo* corpo ou um outro? Aí está a questão que revela seu estatuto paradoxal na psicanálise.

Existe, de fato, o corpo suporte das “funções corporais importantes para a vida” (*lebenswichtigen Körperfunktionen*) no modelo das quais se opera o apoio, corpo de necessidade, de certa forma. Mas, pelo viés desse lucro obtido à margem (*Lustnebengewinn*), é realmente um corpo erotizado que se situa – por onde reencontramos o corpo do sintoma evocado na histeria.

Corpo de necessidade e corpo sexual compõem um só, portanto; eles são dependentes, a princípio, uma vez que realizar as funções vitais gera o que Assoun chama de “lucro obtido à margem”, justamente a satisfação sexual. É só em um tempo posterior que as pulsões sexuais se tornam independentes das pulsões de autoconservação. Por um lado, toda pulsão implica uma fonte orgânica endógena, que gera acúmulo de tensão, e a busca de sua eliminação; nesse sentido, trata-se de um só corpo que impõe suas exigências à alma, o que bastava a Freud na época do *Projeto*, se recuperarmos que neste escrito as grandes necessidades abarcam tanto a fome e a respiração, quanto a sexualidade. Por outro lado, ao

140 “Wir würden sagen, die Lippen des Kindes haben sich benommen wie eine erogene Zone, und die Reizung durch den warmen Milchstrom war wohl die Ursache der Lustempfindung.” (FREUD, GW, 5, p. 82).

141 “Die Sexualbetätigung lehnt sich zunächst an eine der zur Lebenserhaltung dienenden Funktionen an und macht sich erst später von ihr selbständig.” (FREUD, GW, 5, p. 82). Esta afirmação é de 1915.

longo da teoria delineia-se uma particularidade que marca a pulsão sexual, a saber, esse “desvio” do circuito biológico, ou do circuito da necessidade, “como uma série paralela à série biológica” – embora se apoie nela –, “como um *suplemento*” (MONZANI, 2005, p. 126, grifo do autor). Se o alimento basta como objeto para satisfazer a fome, não é disso que se trata no caso da pulsão sexual, pois o ato de sugar o dedo, por exemplo, tem como finalidade apenas o prazer em si mesmo.

Isso se desdobra no fato de as pulsões de autoconservação ou do Eu se desenvolverem de modo diferente das pulsões sexuais. As primeiras “não podem, desde o começo, prescindir do objeto e, com isso, da realidade” (FREUD, 1915/1985, p. 72), seu objetivo é a ação específica que eliminará a tensão ocasionada por um estado de necessidade ligado à sobrevivência e, por isso, submetem-se muito rapidamente ao princípio de realidade. Em contrapartida, as pulsões sexuais permanecem sob a regulação do princípio de prazer por muito mais tempo e as duas razões concedidas por Freud para justificar esse fato são o autoerotismo, que adia o encontro da pulsão sexual com a frustração (*Versagung*)¹⁴², e o período de latência, que interrompe o processo de encontro de objeto (*Objektfindung*) logo que este se inicia, para retomá-lo só na puberdade. As consequências se estendem à ligação mais estreita que se estabelece entre as pulsões sexuais e a fantasia, por um lado, e entre as pulsões do Eu e as atividades da consciência – a qual se mostra relevante para a relação com a realidade exterior (*äußere Realität*)¹⁴³ por ser capaz de apreender as qualidades sensoriais –,

142 Embora esse termo seja traduzido, na maior parte das vezes, por “frustração”, Hanns (1999, p. 183) alerta para seu significado de “‘bloqueio’, ‘interdição’, ‘impedimento’, ‘proibição’.” O verbo *versagen* tem o sentido de fracassar ou falhar, e também o de negar. A pulsão sexual, por satisfazer-se no próprio corpo, não lida com esse tipo de impedimento, que se impõe quando é preciso recorrer a um objeto real para encontrar a satisfação. A propósito, o termo que remete à frustração propriamente dita seria *Enttäuschung*, ainda de acordo com Hanns.

143 É chegado o momento de colocar algumas ressalvas a respeito da noção de realidade em Freud, já evocada pelo próprio termo ou por outros análogos, como “mundo externo”. Para tanto, nos apoiaremos em Soria (2019, p. 193), que insere o modo como Freud vê a distinção entre realidade e irrealidade na esteira das filosofias antidogmáticas: “Para ele, não apreendemos diretamente os objetos – ou ainda, somos incapazes de nos desvencilhar de nós mesmos para chegar a algo material externo, para nos tornar conscientes de uma materialidade absolutamente externa e objetiva”; somente a partir “do campo representacional subjetivo chegamos a um juízo objetivo das coisas do mundo” (SORIA, 2019, p. 195). Em *A negação* (1925), um dos textos convocados pela autora para justificar seu argumento, podemos encontrar a ideia de que toda representação provém de uma percepção, de modo que o objeto não precisa estar presente no momento atual para que seja considerado real; o fato de seu traço mnêmico estar registrado na memória, a princípio, já pode ser encarado como prova de sua realidade. Na função do juízo (*Urteil*), que decide sobre a existência real do objeto representado, o que está em jogo é a possibilidade de que este seja *reencontrado* na percepção. O exame de realidade só se torna possível pela perda do objeto na percepção. Nesse sentido: “O exame de realidade não é estabelecido na percepção originária do objeto, mas apenas após a sua inserção na cadeia de memória, ou ainda, no interior da própria subjetividade. A representação é, deste modo, a condição prévia para todo exame de realidade” (SORIA, 2019, p. 203). Em outras palavras, a realidade, nessa interpretação fornecida por Soria (2019, p. 202-203), a qual manteremos em vista em nosso trabalho, “tem de ser subjetiva e objetiva ao mesmo tempo”.

por outro (FREUD, 1911/2010c, p. 115)¹⁴⁴.

Alguns comentadores da teoria freudiana questionam a legitimidade de chamar as pulsões de autoconservação de pulsões com base nessas diferenças (por exemplo, GARCIA-ROZA, 1994, p. 123-126; LAPLANCHE e PONTALIS, 1970, p. 521-522; AUTIQUET, 1994, p. 40). Isso porque as pulsões do Eu teriam essa relação íntima com a realidade, com um objeto específico, pré-determinado, por se referirem a necessidades vitais, de modo que a satisfação só possa ser encontrada através daquele, conforme o protótipo da fome e do alimento. Embora não tenhamos o objetivo de esmiuçar o problema, gostaríamos de retomar a caracterização da pulsão, enquanto conceito geral, feita por Freud (2021f, p. 25-27) no artigo metapsicológico de 1915 a ela dedicado. Ao propor alguns termos que são usados em conexão com *Trieb*, nosso autor fala dos conhecidos *Drang*, *Quelle*, *Ziel* e *Objekt*. Respectivamente, a pressão significa sua “soma de força” ou “medida da exigência de trabalho”; a fonte remete ao processo somático desde onde parte o estímulo pulsional; a meta ou alvo consiste na satisfação alcançada pelo cancelamento da produção de estímulo na fonte corporal, que Freud diz poder ser atingida por múltiplos caminhos, entre os quais a possibilidade da “meta inibida”, em que há uma satisfação apenas parcial. Até aqui, parece ser possível aplicar tais características tanto às pulsões de autoconservação, quanto às pulsões sexuais. A não ser a possibilidade de sublimação, de mudar sua meta, que é sexual, por outra não sexual, sem prejuízos, que sabemos estar disponível às últimas, o que implica uma variação da finalidade que parece ser própria dos impulsos sexuais. No entanto, na definição de objeto, aquilo por meio do qual a pulsão se satisfaz, surge o principal impasse. Freud afirma que ele não está vinculado à pulsão originalmente (*ursprünglich*), é o que há de mais variável, pois sua escolha depende apenas de sua capacidade ou aptidão (*Eignung*) de levar à satisfação. Pode ser uma parte do próprio corpo, por exemplo. Um vínculo exclusivo da pulsão com o objeto será chamado por Freud de fixação, que por prejudicar a mobilidade pulsional, pode ter consequências patológicas. Essa imagem se aplica apenas à pulsão sexual, que submetida ao princípio de prazer, fundada no autoerotismo subsequente ao período do apoio e relacionada à fantasia, pode satisfazer-se com os mais variados objetos. A nosso ver, contudo, isso não impede que as pulsões do Eu sejam chamadas de pulsões. Elas também se enquadram nas tantas outras características da pulsão, como aquelas que ressaltamos através da ideia de circuito pulsional – o estímulo que parte de uma região do corpo, que exerce pressão e é

144 Cf. FREUD, GW, 8, p. 232-235.

representado psiquicamente pela representação e pelo afeto, etc –. A questão que se coloca é a tendência ao acúmulo ligada às pulsões sexuais, pela dificuldade de sua satisfação, ligada à sua particularidade de desviar-se e tornar-se independente do campo das funções vitais.

Justamente por desencadear-se como série complementar e autônoma em relação à biológica, a pulsão sexual pode ignorar a realidade, satisfazer-se com qualquer objeto, com a mediação da fantasia e não necessariamente por meio da ação; pode aliviar-se, em alguma medida, por meio da reativação de cadeias mnêmicas ligadas ao objeto de desejo. Mas ao contrário do que poderia parecer, isso não facilita o escoamento da libido. As pulsões sexuais são mais difíceis de satisfazer do que as pulsões do Eu, conforme endossa Hanns (1999, p. 126-127):

De início, tais pulsões nem mesmo têm vias anatômicas apropriadas de expressão, em geral tendo de amalgamar-se e apoiar-se nas pulsões do ego [...]. Além disso, a satisfação de tais pulsões, em geral, levaria a sanções sociais (reprimendas à masturbação, a desejos de incesto, etc.). Portanto, desde o início da vida, o perigo de acúmulo de excitação ronda tais pulsões, bem como logo se acrescenta a este perigo a ameaça de punição (castração). Durante a fase edípica e, após um período de latência, novamente na adolescência, estes conflitos de natureza sexual tenderão a se exacerbar ainda mais e se transformarão em fonte de constante perturbação psíquica para o resto da vida.

A plasticidade em relação ao objeto e as reprovações sociais são entraves à satisfação das pulsões sexuais e, assim, estabelece-se o acúmulo de tensão, sempre ameaçador à vida psíquica. No entanto, elas não cessam de pressionar pela satisfação. Conforme já vimos, mesmo sendo o maior alvo da repressão (*Unterdrückung*) levada a cabo pela cultura, “são justamente as pulsões sexuais aquelas que melhor aprendem a esquivar-se do domínio pelas instâncias anímicas mais elevadas para a maioria das pessoas” (FREUD, 2021d, p. 91)¹⁴⁵. Acrescentamos, com Monzani (2005, p. 133), que na teoria freudiana da sexualidade há a ideia de “um excesso de excitação” particular ao ser humano neste campo, que seria um ponto de partida na diferença entre os animais e os homens. Aos primeiros bastariam as funções biológicas para dar conta de seus impulsos, o que não acontece com os segundos, pelo fato de as pulsões sexuais aparecerem neles com maior vigor do que na maioria dos animais.

Por essas razões, a pulsão sexual incomoda e ameaça o Eu, suas exigências não são conciliáveis com ele e a neurose é resultado do fracasso do recalque que ele empreende para dela defender-se. No rascunho póstumo *Neuroses de transferência: uma síntese*, escrito em 1915, encontramos: “[...] continua válido o dito de que o impulso ativo recalcado é sempre

¹⁴⁵ “[...] die sexuellen Triebe sich bei den meisten Menschen der Beherrschung durch die höchsten Seeleninstanzen am ehesten zu entziehen verstehen.” (FREUD, GW, 2-3, p. 696).

libidinoso, pertence à vida sexual” (FREUD, 1985, p. 68). Na mesma página, Freud acrescenta que, mesmo quando o recalque remete a um conflito entre duas manifestações libidinosas, “esse conflito se desfaz pela ponderação de que uma das manifestações é ego sintônica e no conflito pode apelar pela ajuda do recalque derivado do Eu.” Ou seja, aquela aspiração sexual que não concorda com o Eu será alvo da defesa. Por outro lado, caso sejam encontradas “aspirações do Eu” junto às libidinosas no recalcado, significa que a libido recalçada “tenta se impor por um atalho através das aspirações do Eu” e arrasta uma parte dele para o recalque. Em suma, continua Freud (1985, p. 68), “nada se altera no quadro geral daquela tese”, segundo a qual o recalque se consuma sobre a sexualidade.

Tal tese pode ser reescrita através da máxima Eu *versus* libido. Em *Sobre tipos neuróticos de adoecimento* (1912), Freud entende que por trás da neurose sempre se encontra a estase ou o acúmulo de libido (*Libidostauung*), um aumento de sua quantidade na economia psíquica, decorrente da já mencionada insatisfação das pulsões sexuais. Não é possível delimitar ao certo a medida de libido acumulada que leva a efeitos patógenos, já que isso depende do montante de libido (*Libidobetrag*) com o qual o Eu individual (*das einzelne Ich*) é capaz de lidar. De modo convergente, é legítimo pressupor duas teses fundamentais sobre as neuroses. A primeira consiste no fato de estas surgirem do “conflito entre o Eu e a libido” e a segunda, no fato de a diferença entre o saudável e o neurótico não ser qualitativa, pois todos enfrentam a mesma luta para lidar com a libido; o que está em causa, por fim, é que uns obtêm mais sucesso que outros nessa difícil tarefa (FREUD, 2021a, p. 78)¹⁴⁶.

A libido proveniente das pulsões sexuais, que se guia pelo “imediatismo do prazer” (HANNIS, 1999, p. 120) e pertence à ordem do desejo, é efetivamente percebida como perigo (*Gefahr*) pelo Eu, que reage a ela com o desenvolvimento da angústia (*Angst*)¹⁴⁷, segundo a primeira teorização de Freud a respeito do último conceito. Apesar de sua posterior revisão¹⁴⁸, vale a pena retomar sua descrição na 25^a das *Conferências de introdução à psicanálise* (1916-1917), já que nela a oposição entre Eu e libido se desdobra no impasse entre angústia e desejo. Freud afirma ser natural que o Eu reaja diante do perigo externo com a angústia real (*Realangst*), de preferência apenas com a quantidade suficiente para emitir um sinal que leve

146 Cf. FREUD, GW, 8, p. 326-329.

147 Optou-se aqui pela tradução de *Angst* por angústia, em vez de ansiedade ou medo, com a ressalva de que “não se trata de uma angústia no sentido existencial de tristeza e amargura” (HANNIS, 1999, p. 113), conotação que não estaria presente no termo em alemão.

148 Cf. *Inibição, sintoma e angústia* (1926) (FREUD, 2014a; GW, 14). Um dos pontos principais é que a angústia deixa de nascer da própria libido que é perigosa para o Eu; o Eu passa a ser o lugar de onde se produz a angústia, o *Angststätte*. Voltaremos a esse ponto no capítulo 3.

à ação, seja ela de defesa ou de fuga, a fim de evitar danos à sua própria vida. Trata-se da manifestação da pulsão de autoconservação. De maneira análoga, na angústia neurótica (*neurotische Angst*) observa-se que o desenvolvimento de *Angst* tem a mesma função, só que diante de um perigo interno – as exigências da libido –, que são tratadas como o perigo externo. A própria libido que ameaça o Eu se converte em angústia. Neste caso, a defesa consiste na formação do sintoma, capaz de fornecer uma ligação (*Bindung*) para a angústia decorrente do perigo libidinal (FREUD, 2014b, p. 536)¹⁴⁹.

A dinâmica do conflito psíquico revelou, portanto, que de um lado situamos a angústia, as pulsões de autoconservação e o princípio de realidade; a tópica e a economia, por sua vez, já haviam mostrado que desse mesmo grupo fazem parte o pré-consciente e a consciência, os processos secundários e a censura. Do outro lado, temos o desejo, as pulsões sexuais e o princípio de prazer, além do sistema inconsciente e dos processos primários. Na linha de frente de cada um desses polos, pudemos observar desde a primeira seção deste capítulo a presença, respectivamente, do Eu e da sexualidade. Desmontamos e remontamos, assim, as engrenagens do conflito psíquico que sustentam a primeira versão da topologia psíquica e da teoria pulsional freudianas, conflito este que já sabemos ser central e constitutivo da vida anímica de todos os indivíduos.

Seguindo com aquela citação de Costa (1989, p. 111, grifo nosso) com a qual inauguramos este capítulo, na qual são mapeadas essas partes em conflito, lemos: “No momento em que estas referências se embaralham, complica-se a dinâmica do conflito. Com o narcisismo, o Ego passa de *aliado* a *quinta-coluna* da homeostase mental.”¹⁵⁰ Vejamos, então, quais os problemas trazidos pelo narcisismo, capazes de causar desequilíbrios irreversíveis a esse arranjo que acompanha a psicanálise desde sua origem.

149 Cf. FREUD, GW, 11, p. 420.

150 Retomaremos essa passagem do Eu de aliado para quinta-coluna do equilíbrio psíquico no último capítulo deste trabalho. Interpretaremos o fortalecimento do Eu na técnica psicanalítica como uma tentativa de Freud de restabelecer como aliada a instância psíquica que já havia sido destituída dessa posição a partir das mudanças trazidas à tona com o narcisismo, segundo nossa leitura.

CAPÍTULO 2

O CONCEITO DE NARCISISMO E SEUS RESPECTIVOS IMPASSES

A introdução do narcisismo afeta a concepção da vida anímica por ocasionar desequilíbrios à balança do conflito psíquico e obscurecer a nitidez com que se definiam os dois lados dessa luta, protagonizados pela dicotomia entre o Eu e a sexualidade. No primeiro e mais extenso tópico deste capítulo, observaremos que o Eu também se torna sexual com o narcisismo e como isso acontece. Posteriormente, mostraremos que este ainda traz à tona a possibilidade de que o Eu seja reconhecido como uma região psíquica composta por diversas partes que podem se clivar, por meio das noções de ideal do Eu e consciência moral. Conforme pretendemos expor, essas mudanças no estatuto do Eu serão fatores decisivos, ainda que não exclusivos, para a conhecida “virada” de 1920 na teoria freudiana, contribuindo para a reformulação da luta entre pulsões, que se torna a luta entre pulsões de vida e de morte, e da configuração do aparelho psíquico, que passa a ser dividido em Isso, Eu e Supereu. Quanto à metapsicologia do conflito psíquico, embora os pontos de vista dinâmico e econômico sejam os mais afetados pelas discussões que abordaremos na primeira parte deste capítulo, enquanto a tópica ganha destaque na segunda parte, a verdade é que todos os eixos, tomados em conjunto, são afetados pelo narcisismo, uma vez que a região contra a qual o Eu se posicionava, protagonizada pela sexualidade, passa a ser parte dele. Há uma espécie de interiorização do conflito psíquico no seio do Eu, o que começa a revelar a ambiguidade dessa instância, que estamos perseguindo e que se acentuará cada vez mais ao longo da teorização freudiana.

Abordaremos, sobretudo, os textos freudianos situados entre 1914, data de publicação da *Introdução ao narcisismo*, e 1919, anteriores à reviravolta dos anos 20. Sabemos que a história do narcisismo nas obras publicadas de Freud é mais antiga do que sugere o artigo dedicado ao conceito. Ela se inicia com o tema da escolha de objeto homossexual, cujas referências centrais consistem em uma nota de rodapé dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e no texto *Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci*, ambos datados de 1910. O homossexual do sexo masculino, desde uma fixação libidinal na mãe, recalca seu amor por ela e identifica-se com a mesma, tomando a si mesmo como modelo dos objetos de

amor que virá a escolher, pela via do narcisismo, para amar e ser amado tal como acontecia na relação com a mãe.

No caso Schreber, publicado em 1911, a fantasia homossexual subjacente ao delírio de perseguição na paranoia leva Freud a retomar ao tema do narcisismo, mas para concebê-lo como um estágio universal do desenvolvimento da libido, intermediário entre o autoerotismo, já conhecido há tempos pelas investigações sobre a sexualidade infantil, e o amor de objeto. O psicanalista supõe que seja necessário reunir as pulsões sexuais parciais e autoeróticas em uma unidade e tomar o Eu como objeto, antes que se possa amar o outro. Dois anos depois da análise da paranoia, em *Totem e tabu*, a onipotência dos pensamentos, possível de ser identificada tanto no homem primitivo, com sua técnica mágica, quanto na criança, é mais um testemunho da organização narcísica, para a qual Freud dedicará especialmente o já mencionado artigo, em 1914.¹⁵¹

Desse modo, antes mesmo de sua introdução oficial na teoria freudiana, o narcisismo ultrapassa o campo da perversão, da homossexualidade, da paranoia e da vida primitiva, para ocupar uma função determinante na constituição do indivíduo e, conseqüentemente, na metapsicologia, fato que trará complicações teóricas consideráveis, a serem percorridas a seguir.

2.1 O Eu sexual do narcisismo

Em primeiro lugar, o narcisismo será situado na teoria da libido freudiana, com destaque para as concepções de narcisismo primário e secundário, conforme aparecem na *Introdução ao narcisismo*. A partir disso, já serão fornecidos os indícios das mudanças sofridas pelo Eu quando se supõe um estágio universal de desenvolvimento da libido como este. No segundo subtópico, abordaremos a distinção entre libido do Eu e libido de objeto, momento em que a separação entre pulsões de autoconservação e pulsões sexuais é afetada de forma mais direta pelo narcisismo. Depois de apresentados o narcisismo primário e a libido narcísica, julgamos necessário expor a extensão que o narcisismo ocupa na vida anímica para Freud, com destaque para a marca que ele imprime no desenvolvimento e, mais precisamente, na constituição do Eu. Como isso se relaciona intimamente com as próprias origens da vida

¹⁵¹ O acompanhamento, passo a passo, da edificação do conceito de narcisismo até 1914 foi realizado na dissertação de mestrado já mencionada (FILLA, 2018), na qual podem ser encontradas todas as referências citadas.

anímica – do Eu, de suas relações com os objetos e mesmo da sexualidade –, no quarto subtópico nos dedicaremos a explorar os vínculos entre narcisismo e autoerotismo e a maneira pela qual se inicia a participação do objeto sexual externo. A passagem pelo tema da identificação, por sua vez, mostrará que o sexual se entranha no Eu tanto pela marca do narcisismo, quanto pelo modo como os objetos sexuais vão sendo incorporados por essa instância desde os primórdios de seu funcionamento. Finalmente, veremos que a própria defesa contra as pulsões sexuais requer, por vezes, que o Eu seja colocado como destino delas, de modo que se estabeleça, mais uma vez, a confusão entre o Eu e a sexualidade.

Em todo o percurso, interessa-nos que o leitor mantenha em vista as adversidades que o narcisismo traz para a concepção de conflito psíquico explorada no primeiro capítulo, por meio da modificação radical do estatuto do Eu, bem como o caráter ambíguo que passa a caracterizar essa instância psíquica.

2.1.1 Para delinear o conceito: narcisismo primário e secundário

Parece-nos impossível oferecer uma definição do narcisismo que seja capaz de abarcar todas as significações que ele adquire na obra freudiana, mas as palavras do nosso autor, situadas nas *Conferências de introdução à psicanálise* (1916-1917), podem ser um bom ponto de partida: “A criança aprende, em primeiro lugar, a amar a si mesma; apenas mais tarde aprende também a amar os outros e a sacrificar algo de seu Eu em favor deles” (FREUD, 2014b, p. 275)¹⁵². Ela aprende a amar no egoísmo, nos diz Freud neste mesmo trabalho, e mesmo aqueles que parece amar desde o começo, ama por razões egoístas, porque precisa deles. Em memória à lenda grega do jovem Narciso, “que se apaixonou por sua própria imagem refletida” (FREUD, 1917/2010a, p. 243)¹⁵³, a psicanálise freudiana ensina, em outras palavras, que o amor é “originalmente narcísico” (*ursprünglich narzißtisch*) (FREUD, 1915/2021f, p. 59)¹⁵⁴ e depois transborda sobre os objetos.

Considerando que a inserção oficial do conceito em *Introdução ao narcisismo* (1914) se dá como uma extensão – que Freud (2010b, p. 16)¹⁵⁵ chama de “legítima” – da teoria da

152 “Das Kind liebt eben sich selbst zuerst und lernt erst später andere lieben, von seinem Ich etwas an andere opfern.” (FREUD, GW, 11, p. 208).

153 “[...] in Erinnerung der griechischen Sage vom Jüngling Narzissus, der in sein eigenes Spiegelbild verliebt blieb.” (FREUD, GW, 12, p. 6).

154 Cf. FREUD, 2021f, p. 58.

155 “[...] legitimen Weiterbildung der Libidotheorie...” (FREUD, GW, 10, p. 140).

libido, passemos a essa terminologia para circunscrevê-lo.¹⁵⁶ Em primeiro lugar, como uma “alocação” da libido (*Unterbringung der Libido*) ou uma “distribuição” da mesma (*Libidoverteilung*) (FREUD, 1914/2010b, p. 14; 1916-1917/2014b, p. 551)¹⁵⁷; em segundo lugar, como o “complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autoconservação” (FREUD, 2010b, p. 15)¹⁵⁸, na medida em que falar de egoísmo remete apenas à utilidade, ao cumprimento das necessidades do Eu, ao passo que no narcisismo o sexual entra em jogo, por meio da satisfação libidinal. Em outras palavras, apesar de egoísmo e narcisismo serem termos coincidentes, o segundo significa que o egoísmo do Eu também é um “fenômeno libidinoso” (FREUD, 1917/2010b, p. 153)¹⁵⁹. Embora o psicanalista tome emprestado o termo com o qual os sexólogos designavam a prática perversa de tomar o próprio corpo como objeto sexual e tratá-lo como se fosse um objeto externo, o narcisismo que pretende introduzir é muito mais do que isso – é o narcisismo primário e infantil, parte do desenvolvimento psicosexual de todas as pessoas, obscurecido ao longo da vida, porém, ainda assim, presente até o final dela –.

Apesar de este narcisismo ser inferido por Freud a partir de uma série de estados da alma (*seelische Zustände*)¹⁶⁰, que compreendem manifestações muito amplas, desde o sono até a doença orgânica, em todos os casos se trata da reprodução ou da sobrevivência de uma situação psíquica que já existiu antes. Na *Introdução ao narcisismo*, os narcisismos primário e secundário são compreendidos segundo a ideia de que o último se constrói (*sich aufbauen*) sobre o primeiro e tem sua origem no recolhimento de investimentos de objeto para o Eu, gerando um afastamento em relação ao mundo exterior. Narcisismo primário, portanto, corresponde a “um originário investimento libidinal do Eu, de que algo é depois cedido aos objetos” (FREUD, 2010b, p. 17)¹⁶¹. No começo do desenvolvimento individual, “toda a libido (todo o empenho erótico, toda a capacidade de amor) se acha ligada à própria pessoa, ou, como dizemos, investe no próprio Eu” (FREUD, 2010a, p. 243)¹⁶², para que depois se ligue a

156 Apesar de falar de “imagem refletida” no contexto do narcisismo, remetendo à lenda grega, vale notar que, para Freud, o núcleo do conceito consiste na ideia de um investimento libidinal do Eu, estreitamente relacionado ao ponto de vista econômico-energético, conforme detalharemos na sequência. Como afirma Widlöcher (1986), a dimensão especular da fundação do narcisismo, no sentido da importância da imagem do outro para a formação do Eu, foi, sobretudo, uma contribuição de Jacques Lacan à teoria do narcisismo.

157 Cf. FREUD, GW, 10, p. 138; GW, 11, p. 432.

158 “[...] *die libidinöse Ergänzung zum Egoismus des Selbsterhaltungstriebes.*” (FREUD, GW, 10, p. 138-139).

159 Cf. FREUD, GW, 10, p. 413.

160 Cf. FREUD, GW, 11, p. 432.

161 “*Wir bilden so die Vorstellung einer ursprünglich Libidobesetzung des Ichs, von der später an die Objekte abgegeben wird...*” (FREUD, GW, 10, p. 141).

162 “[...] *alle Libido (alles erotische Streben, alle Liebesfähigkeit) an die eigene Person geknüpft ist, wie wir sagen, das eigene Ich besetzt.*” (FREUD, GW, 12, p. 5).

objetos exteriores, de acordo com o que lemos em *Uma dificuldade da psicanálise* (1917). Quanto ao narcisismo secundário, seu protótipo seria o delírio de grandeza na parafrenia, categoria nosográfica freudiana que conjuga exteriorizações da esquizofrenia e da paranoia, no qual a libido recolhida das coisas e das pessoas se volta para o engrandecimento do Eu, mostrando uma “ampliação” (*Vergrößerung*) e um “explicitamento” (*Verdeutlichung*) do narcisismo primário (FREUD, 1914/2010b, p. 16)¹⁶³.

A consequência mais importante da última operação descrita seria a resignação da ligação com a realidade, que torna os parafrênicos inaptos à psicanálise, uma vez que o trabalho psicanalítico depende da relação transferencial e esta, por sua vez, do investimento libidinal no analista: “Narciso nega Eco, como os analisandos que-não-entram-em-transferência nos ignoram magnificamente”, como bem sintetiza Green (1988a, p. 17). É o que leva Freud a considerar que, embora as neuroses narcísicas sejam o caminho mais frutífero para o desenvolvimento da psicologia do Eu (*Ichpsychologie*), por consistirem, justamente, em perturbações e desorganizações do próprio Eu, tal via está bloqueada à investigação psicanalítica. Há um muro narcísico intransponível nesse tipo de afecção e não se pode enxergar através dele. O que resta é mover-se pela curiosidade e “espiar” (*erspähen*) por cima do muro (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 560)¹⁶⁴, ação da qual nosso autor, mesmo diante das adversidades, consegue extrair um material fundamental para a teoria do narcisismo.

Ainda quanto ao prejuízo na relação com o mundo real, é pertinente retomar que também está presente nas neuroses de transferência, a não ser pelo fato de que neuróticos obsessivos e histéricos não rompem o vínculo erótico com as pessoas e as coisas na fantasia. Basicamente, afastam-se do mundo exterior ao renunciar à obtenção da satisfação nos objetos amados através de ações motoras dirigidas a eles. Para Freud, manter a relação libidinal na fantasia significa substituir objetos reais (*reale Objekte*) por objetos irrealis ou imaginários (*imaginäre/ irreal Objekte*), ou a mescla de ambos, processo específico que ele chama de introversão da libido.¹⁶⁵ Diante de uma frustração (*Versagung*), que se pode entender como um obstáculo imposto à satisfação da pulsão sexual, ocorre uma liberação da libido que é retirada dos objetos do mundo exterior. Levantam-se, então, duas possibilidades para dominar

163 Cf. FREUD, GW, 10, p. 140.

164 Cf. FREUD, GW, 11, p. 438.

165 Trata-se de uma crítica ao recurso indiscriminado que Jung faz da expressão, em referência a todos os casos de abandono das relações com os objetos da realidade, considerando a concepção monista do último, da libido como energia psíquica geral e não sexual.

a quantidade de excitação livre, a saber, a volta da libido sobre as formações da fantasia, saída das neuroses de transferência, e a volta da libido para o Eu, saída das parafrenias, que culminam no delírio de grandeza, análogo à introversão. No caso das neuroses de transferência, o caráter patógeno advém quando a libido sofre uma estase, fixa-se nos objetos fantasiosos e não consegue escoar novamente para os objetos reais. Nas parafrenias, a patologia parece se desencadear quando há uma espécie de falha (*Versagen*) do próprio delírio de grandeza – que Freud não explica muito bem como acontece –, mas que é responsável por desencadear tentativas de investir novamente a libido nos objetos, ocasião na qual ocorre a manifestação dos sintomas propriamente ditos.¹⁶⁶

De todo modo, engrandecer o Eu com libido proveniente de investimentos externos, em oposição a recolher a libido para objetos imaginários presentes na fantasia, é a característica essencial do narcisismo secundário evidenciado no delírio de grandeza, na medida em que este consiste em uma reprodução exagerada, como é de praxe nas patologias, do narcisismo primário, situação na qual o Eu fora o objeto da libido. Interessa-nos destacar essa condição que o Eu assume, tanto no narcisismo primário, quanto no narcisismo secundário, de objeto da pulsão sexual. Já vimos no capítulo anterior que, diferentemente das pulsões do Eu, a pulsão sexual permanece por muito mais tempo sob a regulação exclusiva do princípio de prazer, devido à possibilidade do autoerotismo e ao período de latência, e, por conta disso, estabelece relações mais estreitas com a fantasia. Freud faz essa constatação em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911), mesma ocasião em que define o fantasiar (*das Phantasieren*) como atividade do pensar que escapou das imposições da realidade e funciona com base na irrestrita busca de prazer, dispensando o apoio (*Anlehnung*) em objetos reais (FREUD, 2010c, p. 114)¹⁶⁷. Mesmo quando a pulsão sexual se submete, em partes, ao princípio de realidade, sabemos que os objetos por meio dos quais se satisfaz são aquilo que há de mais variável, pois basta que tenham aptidão ou capacidade para oferecer prazer ou, em outras palavras, caminhos para o escoamento da excitação. Nas palavras de Garcia-Roza (1994, p. 121-122), “o objetivo de uma pulsão sexual seria menos específico por ser sustentado e orientado por fantasias.”

A partir disso, gostaríamos de incitar a seguinte questão, relacionada às observações de Freud sobre o delírio de grandeza ser a retirada de libido para o investimento do Eu, diferentemente da introversão de libido para os objetos na fantasia: quando o Eu é objeto da

166 Sobre esse tema, cf. FREUD, 1914/2010b, p. 15-16 e p. 30-31; GW, 10, p. 139 e p. 152.

167 Cf. FREUD, GW, 8, p. 234.

pulsão sexual em uma situação como essa, modelo do narcisismo secundário, que, por sua vez, reproduz um estado primário, isso também não envolveria a mediação pela fantasia, dado o *modus operandi* da sexualidade? Para que o Eu tenha condições de se oferecer como objeto à pulsão sexual, é preciso que ele seja capaz de satisfazê-la e, provavelmente, a fantasia deve estar imbricada nesse processo. Deste modo, no caso das psicoses, talvez a fantasia se faça presente, para que o Eu seja investido por libido – não são a objetos imaginários, substitutos dos objetos reais, que ela se liga, mas ao Eu, possivelmente também em sua dimensão imaginária, de Eu narcísico, onipotente, apto a concentrar todo o amor em si mesmo –.

Nesse sentido, notamos que a delimitação que separa o Eu da sexualidade começa a se ofuscar e ambos passam a se entrecruzar, até o ponto em que atividades psíquicas que eram estreitamente relacionadas às pulsões sexuais, como a fantasia, talvez possa estar em cena quando o Eu se oferece como objeto para a libido. Freud modifica sua apresentação do Eu, na medida em que este é atravessado pela sexualidade desde sua formação. Não se trata mais da instância restrita ao não sexual e à autoconservação, conforme atesta Laplanche (1998, p. 153): “O que significa o narcisismo, é que a ação do eu (*moi*) tanto em seu funcionamento normal como em suas alterações patológicas é alimentada pelo sexual e guarda a marca dessa origem sexual.” E isso parece se reforçar desde o ponto de vista da suposição de uma libido narcísica, conforme veremos na sequência.

2.1.2 A distinção entre libido do Eu e libido de objeto

É fundamental ter em vista que parte da libido nunca deixa de investir no Eu. Além da energia enviada pelas pulsões do Eu não sexuais, nomeada interesse, haveria então a libido do Eu (*Ichlibido*), distinta da libido de objeto (*Objektlibido*), proposta inaugurada por Freud em 1914. A libido narcísica teria ficado por algum tempo oculta à psicanálise, enquanto os investimentos de objeto saltaram à vista, por conta do trabalho psicanalítico ter partido da análise dos sintomas das neuroses de transferência. A partir de sua revelação, chega-se à constatação de que quanto mais o Eu está preenchido de libido, menos esta investe nos objetos e vice-versa – uma balança energética, por assim dizer –. Tal funcionamento econômico da libido entre o Eu e os objetos é ilustrado com o auxílio de duas metáforas, comumente empregadas por Freud, aquela do corpo do protozoário e seus pseudópodes e a do Eu como reservatório (*Reservoir*) da libido:

Um certo montante de libido sempre fica no Eu; um certo grau de narcisismo continua a existir, mesmo com o amor objetual bem desenvolvido. O Eu é um grande reservatório do qual flui a libido destinada aos objetos, e ao qual ela novamente aflui a partir dos objetos. A libido objetual foi primeiramente libido do Eu, e pode transformar-se de novo em libido do Eu. É essencial, para a plena saúde da pessoa, que sua libido não perca a mobilidade plena. Para ilustrar essa condição, imaginemos um protozoário em que a substância viscosa lança pseudópodes, prolongamentos nos quais a substância somática se estende, mas que a qualquer instante podem novamente retrair-se, de modo que a forma da pequena massa de protoplasma seja restabelecida. (FREUD, 1917/2010a, p. 244).¹⁶⁸

Percebe-se a importância que Freud concede à mobilidade da libido, uma vez que sua fixação e o consequente impedimento da conversão mútua entre libido narcísica e libido de objeto são indícios de patologia. É notável, ainda, que mesmo ao apaixonar-se perdidamente, típico exemplo freudiano de grau mais elevado da libido de objeto, a organização narcísica do indivíduo seja preservada. Quanto à imagem de reservatório, é pertinente recordar a observação de James Strachey sobre o duplo sentido da palavra, que pode se referir tanto a um local de armazenamento, quanto a uma fonte que abastece. Nesse sentido, o Eu narcísico, pelos menos nesse momento da teoria freudiana, pode ser concebido como objeto da libido – lugar para onde ela retorna – e, simultaneamente, provedor dela.¹⁶⁹ O corpo da ameba corresponde justamente a essa quantia de libido que jamais abandona o Eu, a despeito de se espalhar pelos objetos do mundo externo, o que apontaria para certa insuperabilidade do narcisismo.

Por ora, ressaltamos que, a partir da identificação de uma libido narcísica, o Eu deixa de ser uma instância deslibidinizada responsável por recalcar as moções sexuais, de modo que aquele jogo de forças no qual as partes se diferenciavam com nitidez se vê ameaçado. Por um lado, o plano libidinal ascende, a partir da nova oposição entre libido do eu e libido de objeto, derivada da constatação do narcisismo infantil; por outro, é ameaçada a distinção entre pulsões de naturezas diferentes (BIRMAN, 1991). Isso tem efeitos impactantes na concepção freudiana de conflito psíquico já exposta. Segundo Birman (2018, p. 108, grifo do autor):

168 *“Ein gewisser Betrag von Libido verbleibt immer beim Ich, ein gewisses Maß von Narzißmus bleibt trotz hochentwickelter Objektliebe fortbestehen. Das Ich ist ein großes Reservoir, aus dem die für die Objekte bestimmte Libido ausströmt, und dem sie von den Objekten her wieder zufließt. Die Objektlibido war zuerst Ichlibido und kann sich wieder in Ich-Libido umsetzen. Es ist für die volle Gesundheit der Person wesentlich, daß ihre Libido die volle Beweglichkeit nicht verliere. Zur Versinnlichung dieses Verhältnisses denken wir an ein Protoplastierchen, dessen zähflüssige Substanz Pseudopodien (Scheinfüßchen) aussendet, Fortsetzungen, in welche sich die Leibessubstanz hineinerstreckt, die aber jederzeit wieder eingezogen werden können, so daß die Form des Protoplastmaklumpchens wieder hergestellt wird.”* (FREUD, GW, 12, p. 6).

169 Veremos no terceiro capítulo que Freud oscila quanto a essa posição, pois atribui ao Isso a condição de reservatório em *O Eu e o Isso*, em 1923, embora volte a considerar o Eu como reservatório da libido em textos mais tardios. Discutiremos as razões dessa hesitação e suas consequências para a própria concepção de narcisismo.

Com efeito, no ensaio “Introdução ao narcisismo”, de 1914, o conflito psíquico passou a se ordenar entre a *libido do eu* e a *libido de objeto*, de maneira que a sexualidade estaria agora em toda parte, permeando inteiramente o aparelho psíquico nos diferentes registros do eu e do objeto. Enfim, não existiria assim nada mais estranho à sexualidade no psiquismo, pois tudo seria agora erogeneizado.

Concordamos parcialmente com o autor. De fato, o que cumpria a função de ser estranho à sexualidade e de se contrapor a ela era, justamente, o próprio Eu, que agora também é sexual. Freud (1914/2010b, p. 26)¹⁷⁰ garante que alterações no Eu (*Ichveränderungen*) e alterações na distribuição da libido se afetam mutuamente; o primeiro é personagem de destaque na economia da libido, e não mais aquele que se restringe a defender-se dos impulsos sexuais. O Eu que se opõe à “Coisa sexual”, para relembrar a expressão de Assoun (1995, p. 113) empregada no primeiro capítulo, passa a ser uma instância que é um evento da própria Coisa, ainda de acordo com o autor citado. Tanto é que causa estranhamento ler trechos como este, em uma publicação freudiana posterior ao conhecimento do narcisismo: “O Eu não tem tendências sexuais, mas apenas interesse em sua autopreservação e a conservação de seu narcisismo” (FREUD, 1918/2010a, p. 148)¹⁷¹. Ora, conservar o narcisismo não implica ter aspirações sexuais, se envolve obrigatoriamente o investimento libidinal do Eu? A complicação trazida pelo narcisismo realmente abala as estacas da primeira teoria metapsicológica, de tal modo que nos deparamos com momentos como este em que Freud faz uma tentativa de separar o Eu do sexual, a qual parece ser inviabilizada pela própria ideia de conservação do narcisismo.

Em contrapartida, podemos questionar a ideia de Birman, de que “tudo seria agora erogeneizado” e de que o conflito psíquico “passou a se ordenar entre a libido do Eu e a libido de objeto”. A respeito do segundo ponto, é duvidoso o quanto a dimensão de conflito propriamente dita pode ser preservada pela distinção entre libido do Eu e de objeto, visto que se trata mais de uma balança energética do que de um embate ou uma luta. A oposição entre Eu e objeto “remete a uma problemática essencialmente distributiva, portanto, econômica. Tanto para o Eu quanto para o objeto. Questão de investimento, para equilibrar o orçamento dos ministérios do Interior e dos Assuntos estrangeiros”, como afirma Green (1988a, p. 38). Mas ao que parece, apesar dos inconvenientes, Freud faz de tudo para não renunciar àquela concepção de conflito psíquico que exploramos no primeiro capítulo, que coexiste com a separação entre libido narcísica e libido de objeto. Por isso, ao contrário de Birman (2018, p.

170 Cf. FREUD, GW, 10, p. 149.

171 “Das Ich hat eben keine Sexualstrebungen, sondern nur das Interesse an seiner Selbstbewahrung und der Erhaltung seines Narzißmus.” (FREUD, GW, 12, p. 147).

109, grifo do autor), não supomos que “o discurso freudiano abole temporariamente o *dualismo* pulsional que sustentava então o conflito psíquico, agora fundado numa oposição que seria interna ao próprio campo da sexualidade.” Se, por um lado, a noção de conflito sofre abalos e fica embaçada com a entrada da libido do Eu, por outro, Freud não abre mão nem de uma concepção dualista do conflito, nem do primeiro dualismo pulsional, e reafirma a existência de pulsões do Eu ou de autoconservação cuja energia de investimento consiste no interesse, conforme já mencionamos, que não é sexual e jamais se converte em libido, assim como a libido nunca se transforma em interesse egoísta.¹⁷² O Eu não se torna totalmente sexual, tampouco todo o aparelho psíquico. Para Freud, aquela instância continua sendo o representante da autoconservação, ainda que seja preciso supor a existência de uma libido do Eu ou narcísica, afinal, é uma prerrogativa de seu dualismo que haja um polo não sexual, contraposto ao polo sexual na vida anímica.

Isso mesmo em situações nas quais parece mais difícil sustentar a distinção de libido do Eu, interesse do Eu e libido de objeto; por exemplo, quando nosso autor comenta, a respeito das energias psíquicas, que a princípio “estão juntas no estado do narcisismo, sendo indistinguíveis para a nossa grosseira análise, e que apenas com o investimento de objeto se torna possível distinguir uma energia sexual, a libido, de uma energia das pulsões do Eu” (FREUD, 1914/2010b, p. 18)¹⁷³. Ou ainda quando fala do narcisismo por alusão a “uma época e uma situação psíquica” em que tanto as pulsões sexuais, quanto as pulsões do Eu, emergiam como “interesses narcísicos”, onde era impossível distingui-las e atuavam ainda conjuntamente (FREUD, 1914/2010b, p. 38)¹⁷⁴. O mesmo se repetiria em situações futuras, que por isso são vias de acesso ao conhecimento do narcisismo, como a doença orgânica e a hipocondria – “Libido e interesse do Eu têm aí o mesmo destino e são de novo inseparáveis”, na medida em que são retirados dos objetos do mundo exterior e se recolhem para o Eu, em uma “retração narcísica” (*narzißtisches Zurückziehen*) (FREUD, 1914/2010b, p. 26)¹⁷⁵ —. Mais precisamente, investiriam no órgão, com a diferença de que no caso da doença, tratar-se-ia de uma modificação material, como a dor de dente citada por Freud, enquanto na hipocondria, as alterações do órgão se dariam no nível da erogeneidade.¹⁷⁶ De todo modo,

172 Cf. FREUD, AE, vol. 16, p. 382; GW, 11, p. 435-436.

173 “ [...] daß sie zunächst im Zustande des Narzißmus beisammen und für unsere grobe Analyse ununterscheidbar sind, und daß es erst mit der Objektbesetzung möglich wird, eine Sexualenergie, die Libido, von einer Energie der Ichtriebe zu unterscheiden.” (FREUD, GW, 10, p. 141).

174 Cf. FREUD, GW, 10, p. 159.

175 “Libido und Ichinteresse haben dabei das gleiche Schicksal und sind wiederum voneinander nicht unterscheidbar.” (FREUD, GW, 10, p. 149).

176 Vale notar que isso está relacionado ao que Freud chama de “faculdade diagnóstica” do sonho, no

nesses estados haveria a reprodução do estado primário em que não se podem separar as energias psíquicas dentro do Eu; em outras palavras, não se pode distinguir o sexual do não sexual no Eu, e mesmo assim Freud não renuncia em afirmar que o dualismo pulsional estaria em ação.

Freud é taxativo ao negar a possibilidade que se anuncia a partir dessas constatações, a saber, o risco de cair na imagem de uma energia psíquica indiferente que circula no aparelho psíquico e que depois, com o investimento de objeto, se converte em libido, em uma espécie de monismo sucedido pelo dualismo. Assim como não admite a possibilidade da libido ser destituída de seu atributo sexual e, conseqüentemente, ataca Jung, seu principal adversário teórico do período. Defende-se dessas conclusões às quais o leitor poderia chegar apelando para uma “diferenciação original” (*ursprüngliche Sonderung*) entre as pulsões sexuais e as pulsões do Eu (FREUD, 1914/2010b, p. 20)¹⁷⁷ ou para uma “situação fundamental” (*grundlegende Situation*) de disputa entre sexualidade e autoconservação (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 547)¹⁷⁸. Sustenta essa tese, sobretudo, pela clínica das neuroses de transferência que, de acordo com o capítulo anterior, revelou o recalque proveniente do Eu, em direção às aspirações sexuais ou libidinosas. Essa concepção não deve ser prejudicada, para Freud, pela entrada do narcisismo, ainda que mereça esclarecimentos – demonstração de que o narcisismo vem acompanhado de um incômodo –, como mostra o seguinte trecho do “Homem dos Lobos” (1918): “Apenas para evitar mal-entendidos, deve-se dizer que todos os impulsos narcísicos atuam a partir do Eu e permanecem no Eu, e os recalques são dirigidos contra investimentos de objeto libidinais” (FREUD, 2010a, 147)¹⁷⁹. Na defesa do primeiro dualismo pulsional, nosso autor também se apoia na separação popular entre “fome” e “amor” e em certos argumentos biológicos, os quais utiliza e, ao mesmo tempo, trata com reserva, por não dizerem respeito ao objeto de investigação próprio da psicanálise. Além de supor que a energia sexual deve ter uma particularidade química, Freud também vê no indivíduo a dupla

Complemento metapsicológico à doutrina do sonho (1917). Conforme veremos, o psicanalista supõe uma retirada de todos os investimentos energéticos do mundo exterior no estado de sono e seu recolhimento para o Eu. Essa é a premissa (*Voraussetzung*) de um aumento “de natureza hipocondríaca” que acontece nos sonhos: doenças corporais podem ser sentidas com mais nitidez e com antecedência em relação à vida de vigília, na qual passariam despercebidas ainda por um tempo, visto que as sensações corporais daquele que sonha se inflam significativamente. Cf. FREUD, 2010b, p. 153-154; GW, 10, p. 413.

177 Cf. FREUD, GW, 10, p. 143.

178 Cf. FREUD, GW, 11, p. 429.

179 “*Daß alle narzißtischen Regungen vom Ich aus wirken und beim Ich verbleiben, die Verdrängungen gegen libidinöse Objektbesetzungen gerichtet sind, soll nur zur Vermeidung von Mißverständnissen ausgesprochen werden.*” (FREUD, GW, 12, p. 146). Na edição da Companhia das Letras, *Regung* é traduzido por “impulso”, e não por “moção”; preservaremos a opção do tradutor nas citações diretas.

tarefa de conservar a si mesmo e de conservar a espécie, expressões das pulsões do Eu e das pulsões sexuais, respectivamente.

A despeito de insistir no primeiro formato da dualidade pulsional, contudo, Freud já abre algumas brechas que anunciam a possibilidade de revisões futuras, com respaldo no próprio método que serve de alicerce à construção da teoria psicanalítica. Das reformulações teóricas trataremos mais tarde, mas é pertinente ter em vista que nosso autor alerta o leitor sobre a ausência de uma doutrina das pulsões (*Triblehre*), embora a pulsão possa ser considerada o conceito fundamental da psicanálise, como já vimos, e mesmo que o conflito pulsional entre a autoconservação e a sexualidade seja um “pressuposto” (*Voraussetzung*) do trabalho psicanalítico (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 548)¹⁸⁰. Tanto na *Introdução ao narcisismo*, quanto em *Pulsões e seus destinos* e, pela última vez, na 26ª das *Conferências de introdução à psicanálise*, a postura freudiana é semelhante, uma vez que argumenta-se a favor do primeiro dualismo pulsional, ao mesmo tempo em que ele é colocado no lugar de hipótese (*Annahme*) que é colocada à prova no material empírico, com o risco de se validar ou de fracassar; ou de construção auxiliar (*Hilfskonstruktion*), que não tem o caráter de pressuposto necessário, como o tem, por exemplo, o princípio de constância que rege o aparelho psíquico. Isso porque, para Freud, é próprio da construção de uma ciência que não parta de definições precisas e claras, mas sim dos fenômenos observados, aos quais é preciso aplicar certas ideias (*Ideen*) abstratas, que nem sempre vêm da nova experiência que está sendo investigada. No início do artigo sobre as pulsões (1915), lemos, a respeito dessas ideias:

No princípio, elas devem manter certo grau de indeterminação; não se pode contar aí com uma clara determinação de seus conteúdos. Enquanto se encontram nesse estado, chegamos a um entendimento quanto ao seu significado, remetendo-nos continuamente ao material experiencial, do qual parecem ter sido extraídas, mas que, na verdade, lhes é subordinado. (FREUD, 2021f, p. 15).¹⁸¹

Freud diz que apesar de tais ideias terem o caráter de convenções (*Konventionen*) e serem levantadas antes que possam ser comprovadas, isso não significa que sejam escolhidas ao acaso, mas sim pela suposição de relações, ainda indeterminadas, estabelecidas com os fenômenos da observação. Elas serão os conceitos fundamentais da ciência, em sua apreciação junto ao material empírico, que, nesse sentido, está subjugado a elas. Concordamos com Birman (2018, p. 72, grifo do autor) quanto a isso: “Assim, a suposta

180 Cf. FREUD, GW, 11, p. 430.

181 “*Sie müssen zunächst ein gewisses Maß von Unbestimmtheit an sich tragen; von einer klaren Umzeichnung ihres Inhaltes kann keine Rede sein. Solange sie sich in diesem Zustande befinden, verständigt man sich über ihre Bedeutung durch den wiederholten Hinweis auf das Erfahrungsmaterial, dem sie entnommen scheinen, das aber in Wirklichkeit ihnen unterworfen wird.*” (FREUD, 2021f, p. 14).

empíria não seria *originária*, pois desde o começo a descrição já se realizaria pela mediação de ideias *abstratas*, que configurariam o campo dos fenômenos em pauta.” Isso significa que os fenômenos “seriam, assim, não apenas ilegíveis como também não interpretáveis sem a mediação dessas ideias abstratas que lhe precederiam, de fato e de direito” (BIRMAN, 2018, p. 72). As pulsões e o primeiro dualismo no qual se organizavam fazem parte desse conjunto de ideias que é aplicado aos fenômenos por guardar certas relações com eles e até que se prove sua validade. Progredir no conhecimento não permite rigidez nem nas definições, para o psicanalista. É por isso que o autor não vê problemas em afirmar, na *Conferência 26*, que manterá a separação entre pulsões sexuais e pulsões do Eu “por motivos heurísticos”, até seu possível fracasso (FREUD, 2014b, p. 556)¹⁸², assim como admite a possibilidade de modificar suas concepções sobre a teoria pulsional, visto que isso faz parte da própria investigação científica na qual se insere a psicanálise, na visão de seu criador.

Por fim, gostaríamos de frisar que a libido narcísica traz uma série de inconvenientes por modificar o estatuto do Eu e que os primeiros passos da revisão da teoria pulsional já são dados quando o conceito de narcisismo entra em cena. Não é mais tão claro que as pulsões do Eu travam uma luta com as pulsões sexuais, na medida em que, entre as pulsões do Eu, há aquelas que são egoístas e aquelas que são libidinosas, isto é, que compartilham com o outro grupo de pulsões de sua natureza sexual, justamente aquele com o qual entram em combate. Isso será crucial para a realocação do conflito pulsional, à qual nos dedicaremos no próximo capítulo, entre pulsões de vida, que englobarão todas as pulsões libidinosas, sejam elas do Eu ou de objeto, e pulsões de morte, as quais serão compostas pelas pulsões cuja energia não é sexual, entre elas parte das pulsões do Eu.

Depois de observar alguns empecilhos trazidos pelo narcisismo à oposição entre o Eu e a sexualidade, nos guiaremos pelo objetivo de fornecer ao leitor a proporção que Freud concede ao narcisismo na vida psíquica humana, já que isso mostra o peso deste conceito em sua teoria. A relevância que essa fase assume no desenvolvimento vai muito além de algo passageiro, apesar de ser insustentável nos moldes do narcisismo primário, conforme veremos em nosso próximo tópico.

2.1.3 Superar o insuperável amor de si mesmo

¹⁸² “[...] aus heuristischen Motiven...” (FREUD, GW, 11, p. 436).

Vimos que uma cota de libido narcísica sempre é preservada na economia da libido entre o Eu e os objetos. Por outro lado, o narcisismo primário propriamente dito deve ser superado e essa tarefa não parece ser nada fácil, quando se leva em consideração a plenitude desfrutada nesse estado, o que culmina em tentativas de restabelecê-la. Paul Denis (2012, p. 22) entende que “a bela onipotência do narcisismo primário se encontra confrontada com as limitações da realidade e com a resistência dos outros a se ajustar exatamente a seus desejos e suas necessidades.” Essa superação, contudo, também pode ser explicada pela própria concepção freudiana da vida anímica, edificada sobre o princípio da constância, visto que qualquer impedimento à movimentação da libido, mesmo quando ela ocupa o Eu, é sentido como desprazer e desperta a patologia. Em condições normais, a libido deve ser a energia móvel por excelência, de modo que se torna insustentável uma situação psíquica em que ela fique retida no Eu: “Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar” (FREUD, 1914/2010b, p. 29)¹⁸³. O fato de que o egoísmo – junto a seu complemento libidinoso, o narcisismo – proteja o indivíduo da patologia, ficará mais claro depois.¹⁸⁴ A necessidade de amar é prerrogativa de uma vida saudável, como mostram os casos das parafrenias, em que o delírio de grandeza e o afastamento do mundo exterior não se mantêm por muito tempo e logo despontam em tentativas de ligar a libido aos objetos novamente. O impedimento da satisfação libidinal ou, em outras palavras, a frustração de uma exigência de amor que se efetuava sobre um objeto externo, não pode deixar de conduzir à neurose quando não se encontra um substituto para a satisfação perdida e, portanto, perde-se a capacidade de amar; este é o primeiro e o “mais evidente” motivo para o adoecimento neurótico levantado em *Sobre tipos neuróticos de adoecimento* (FREUD, 2021a, p. 71)¹⁸⁵.

Freud (2010b, p. 16)¹⁸⁶ afirma que o narcisismo primário é “obscurecido por influências várias”, ainda nas primeiras páginas do texto de 1914. Além da influência da própria realidade, da presença do outro e do funcionamento econômico dos processos anímicos, é preciso levar em conta o complexo de castração, que o psicanalista diz ser “a

183 “*Ein starker Egoismus schützt vor Erkrankung, aber endlich muß man beginnen zu lieben, um nicht krank zu werden, und muß erkranken, wenn man infolge von Versagung nicht lieben kann.*” (FREUD, GW, 10, p. 151-152).

184 Para adiantar, a fim de situar o leitor, Freud entende que voltar a libido para o próprio Eu – oferecer-se como objeto às pulsões sexuais – seja uma forma de defesa contra estas. A relação entre narcisismo e defesa será objeto de discussão mais adiante.

185 Cf. FREUD, GW, 8, p. 322.

186 “[...] *durch mannigfache Einflüsse verdunkelten...*” (FREUD, GW, 10, p. 140).

parte mais significativa” (FREUD, 1914/2010b, p. 37)¹⁸⁷ entre as perturbações que o narcisismo primário sofre, junto à intimidação sexual (*Sexualeinschüchterung*) exercida desde muito cedo em direção à criança. O pano de fundo dessa referência breve à castração em *Introdução ao narcisismo* é a discordância teórica com Alfred Adler e seu conceito de protesto masculino. Na *Contribuição à história do movimento psicanalítico* (1914), Freud (2012, p. 312)¹⁸⁸ é mais claro em sua proposição: “O que se constata de protesto masculino pode ser facilmente referido à perturbação do narcisismo primevo pelas ameaças de castração, ou seja, aos primeiros empecilhos à atividade sexual.” Desde o Caso Schreber (1911), ao discorrer sobre o narcisismo, já lemos: “Nesse Eu-mesmo tomado como objeto de amor, os genitais podem já ser a coisa principal” (FREUD, 2010c, p. 81)¹⁸⁹. Em se tratando do discurso freudiano, sabemos que não se trata de qualquer genital, mas sim do pênis, pressuposto em todos os indivíduos, a princípio. É no instante em que se percebe que ele não está presente em todos, isto é, que se instaura a diferença sexual, que o narcisismo se vê ameaçado, seja do ponto de vista do medo da perda, no caso do menino, seja do ponto de vista da falta do órgão e da inveja dele, no caso da menina. Em sua análise do caso do “Homem dos Lobos” (1918), Freud afirma que a fobia desses animais irrompeu no paciente diante da afronta (*Kränkung*) de seu narcisismo, devida ao complexo de castração – a afecção orgânica dos genitais, a gonorreia contraída por ele, foi o gatilho para a patologia, por significar a atualização da angústia de castração –. O narcisismo “desmorona” (*zusammenbrechen*) diante da castração (FREUD, 2010a, p. 133)¹⁹⁰, quer dizer, frente à apreensão da diferença sexual.

Há um ofuscamento da diferença no narcisismo, sobretudo da diferença sexual, mas também daquela em relação ao objeto, já que o Eu aparenta ser o todo e bastar a si mesmo. A análise de Freud sobre o sentimento infamiliar – *unheimlich* – provocado pela figura do duplo corrobora essa constatação. Em *O infamiliar* (1919), um dos motivos que explicam a perturbação causada pelo duplo é que ele significa um retrocesso a fases precoces do desenvolvimento do Eu, “de uma regressão aos tempos nos quais o Eu ainda não havia, rigorosamente, se separado do mundo exterior e dos outros” (FREUD, 2020a, p. 73)¹⁹¹,

187 “[...] das bedeutsamste Stück...” (FREUD, GW, 10, p. 159).

188 “Was vom männlichen Protest zu konstatieren ist, führt sich leicht auf die Störung des uranfänglichen Narzißmus durch die Kastrationsdrohung, respektive auf die ersten Behinderungen der Sexualbetätigung zurück.” (FREUD, GW, 10, p. 100).

189 “An diesem zum Liebesobjekt genommenen Selbst können bereits die Genitalien die Hauptsache sein.” (FREUD, GW, 8, p. 297).

190 Cf. FREUD, GW, 12, p. 134.

191 “[...] um eine Regression in Zeiten, da das Ich sich noch nicht scharf von der Außenwelt und vom Anderem abgegrenzt hatte.” (FREUD, 2020a, p. 72).

correspondentes, justamente, ao narcisismo. Green (1988a, p. 38) nos ajuda a compreender esse ponto, pois entende que o narcisismo primário consiste na “organização das pulsões parciais do Eu em investimento unitário do Eu”, condensada na expressão “Eu narcisista como Um”¹⁹² e que tem como efeito “a ilusão da autossuficiência”, como se fosse possível prescindir do objeto¹⁹³. Ainda segundo o francês, o narcisismo primário remete ao “apagamento dos traços do Outro no Desejo do Um”; à “abolição da diferença primeira, a do Um e do Outro” e, conseqüentemente, à abolição da diferença sexual, de modo convergente ao que vimos em Freud, considerando os efeitos que a castração provoca no narcisismo.

Para Simanke (1994a, p. 128): “É este o objeto que é oferecido pelo narcisismo: o próprio ego do sujeito, que já não é, de forma alguma, indiferente, como demonstra a relutância do indivíduo em abandoná-lo nas etapas posteriores do desenvolvimento.” Com isso, ressalta a relevância dessa fase e, ao mesmo tempo, as dificuldades em superá-la. Ainda em *Introdução ao narcisismo*, Freud aponta que algumas pessoas conseguem “a conservação de um estado psíquico bem-aventurado, uma posição libidinal inatacável, que desde então nós mesmos abandonamos” (FREUD, 2010b, p. 34)¹⁹⁴; dito de outro modo, conseguem a perpetuação do narcisismo. São alvo de inveja por isso, por exemplo, as crianças, as mulheres, os criminosos, os humoristas e os animais que parecem não se importar com seus donos, como os gatos. O narcisismo do outro seduz aquele que já abriu mão da plenitude do seu próprio narcisismo infantil, visto que se trata de um momento quase sagrado, como sugere o vocabulário de Freud para descrevê-lo.¹⁹⁵ A intangibilidade atribuída ao narcisismo se relaciona a esta ser uma situação de máximo poder: “[...] qualquer prejuízo ao nosso todopoderoso e soberano Eu constitui, no fundo, um *crimen laesae majestatis*” (FREUD, 1915/2020b, p. 129)¹⁹⁶.

192 Vale notar que esta é a acepção positiva do narcisismo; a outra acepção é a do narcisismo primário absoluto como expressão do princípio de inércia e da redução dos investimentos ao nível zero, por meio da qual o autor faz a ponte, que lhe é tão cara, entre narcisismo e pulsão de morte – narcisismo negativo ou narcisismo de morte –, ponto ao qual retornaremos no último capítulo (GREEN, 1988a, 1988b).

193 Voltaremos a esse problema da relação entre narcisismo primário e objeto alguns parágrafos a seguir. Por ora, destacamos que se trata de uma “ilusão” de autossuficiência, a qual procuraremos defender a partir dos textos freudianos.

194 “[...] *die Erhaltung eines seligen psychischen Zustandes, einer unangreifbaren Libidoposition, die wir selbst seither aufgegeben haben.*” (FREUD, GW, 10, p. 155).

195 Referimo-nos aqui ao adjetivo *selig* (bem-aventurado, abençoado, beatífico). É válido complementar que, segundo André Green (1988a, p. 17), não é só um atrativo ou uma sedução do narcisismo do outro que está em jogo: “Os narcisistas nos irritam talvez mais do que os perversos. Talvez porque podemos sonhar com ser o objeto do desejo de um perverso, enquanto o narcisista não tem outro objeto de desejo do que ele mesmo.”

196 “[...] *jede Schädigung unseres allmächtigen und selbstherrlichen Ichs ist im Grunde ein crimen laesae majestatis.*” (FREUD, GW, 10, p. 351).

Não é sem razão, portanto, que é tão difícil deixar essa fase e seguir o curso do desenvolvimento, o que leva o indivíduo a tentar restituir esse estado ao longo da vida. Um dos exemplos privilegiados por Freud de renascimento (*Wiederaufleben*) e reprodução (*Reproduktion*) do narcisismo primário consiste na atitude dos pais diante dos filhos; estes são elevados à condição de perfeição que só pode ser compreendida como sobrevida do narcisismo infantil, ao qual os pais precisaram renunciar. “Doença, morte, renúncia à fruição, restrição da própria vontade não devem vigorar para a criança, tanto as leis da natureza como as da sociedade serão revogadas para ela, que novamente será centro e âmago da Criação” (FREUD, 1914/2010b, 37)¹⁹⁷, endossa nosso autor, nomeando mais elementos que ameaçam o narcisismo e contribuem para seu obscurecimento, inseridos naquela série já mencionada de limitações que a própria realidade e a presença do outro impõem ao indivíduo. É como se a completude do narcisismo pudesse ser retomada com o nascimento do filho, na medida em que os pais encontram um refúgio e uma garantia para a imortalidade de seu próprio Eu. A imortalidade do Eu seria, a propósito, o ponto mais delicado do sistema narcísico e o mais atingido pela realidade. Por mais que no inconsciente ninguém acredite na morte (FREUD, 1915/2020b, p. 131)¹⁹⁸, ela concretiza que o Eu não é onipotente e imortal e, com isso, perturba significativamente o narcisismo.

Outra tentativa de reviver o narcisismo primário consiste no estado de sono (*Schlafzustand*). Em *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos* (1917), o psicanalista convoca no leitor a imagem do indivíduo que se despe daquilo que cobre seu corpo ao deitar na cama para dormir – retira os sapatos, o chapéu, os óculos, a dentadura, o relógio e assim por diante –, para remeter, por analogia, a um concomitante despir-se (*Entkleidung*) situado na esfera do psiquismo. Tanto do ponto de vista somático, quanto do psíquico, o indivíduo se aproxima de uma situação da qual partiu seu desenvolvimento vital ao adormecer:

Somaticamente, dormir é uma reativação da estadia no ventre materno, preenchendo-se as condições de repouso, calor e ausência de estímulos; e muitas pessoas retomam, dormindo, a posição fetal. O estado psíquico de quem dorme se caracteriza pela retração quase total do mundo que o cerca e cessação de todo interesse por ele. (FREUD, 2010b, p. 152).¹⁹⁹

197 “Krankheit, Tod, Verzicht auf Genuß, Einschränkung des eigenen Willens sollen für das Kind nicht gelten, die Gesetze der Natur wie der Gesellschaft vor ihm haltmachen, es soll wirklich wieder Mittelpunkt und Kern der Schöpfung sein.” (FREUD, GW, 10, p. 158).

198 Cf. FREUD, GW, 10, p. 341.

199 “Das Schlafen ist somatisch eine Reaktivierung des Aufenthalts im Mutterleibe mit der Erfüllung der Bedingungen von Ruhelage, Wärme und Reizabhaltung; ja viele Menschen nehmen im Schläfe die fötale Körperhaltung wieder ein. Der psychische Zustand der Schlafenden charakterisiert sich durch nahezu

O desejo de dormir implica o recolhimento dos investimentos de objeto para o Eu, que significa a revitalização da situação de inexcitabilidade anterior ao nascimento, de modo que se estabeleça o desejo de narcisismo absoluto no sono. Uma vez que o Eu é investido pelas pulsões, tanto por interesse da autoconservação, quanto por libido, tal como acontece nos casos já mencionados da doença orgânica e da hipocondria, instaura-se o narcisismo do estado de dormir, no qual libido e interesse tornam-se novamente inseparáveis. “Até onde alcançarem o domínio do Eu, todos os sistemas estarão vazios investimento” (FREUD, 2010b, p. 157)²⁰⁰ – entenda-se pré-consciente, consciente e inconsciente –, em uma renúncia que Freud qualifica de voluntária (*freiwillig*), visto que o desejo de dormir, proveniente do Eu, não quer saber de nada do mundo, nem dos estímulos externos, nem dos estímulos internos, como o psicanalista nos ensinou desde o estudo sobre os sonhos. Na *Conferência 26* (1916-1917), Freud reitera essa concepção, ao afirmar que aquele que dorme convoca em nós a “imagem do bem-aventurado isolamento da vida intrauterina”, com o restabelecimento do “narcisismo pleno” (*der volle Narzißmus*) (FREUD, 2014b, p. 551)²⁰¹. Nosso autor volta a mencionar o “narcisismo primário absoluto” no *Compêndio de psicanálise* (1940) (FREUD, 2021e, p. 29, grifo do autor)²⁰². Nota-se que essa ideia do narcisismo absoluto do sono é muito explorada por Green (1988a) em sua introdução do conceito de narcisismo de morte, já mencionado em nota de rodapé, na medida em que mostraria como há uma acepção do narcisismo que se liga à tendência de abolir as tensões e retornar a um estado de total ausência de estímulos. O problema é que o narcisismo do qual desfrutamos todos os dias ao dormir também sofre fraturas; o Eu não consegue dominar o recalco do sistema inconsciente, que não obedece ao desejo de dormir e mantém certo grau de investimento. O mesmo acontece com certos restos diurnos do pré-consciente ligados ao recalco e que recebem reforço energético proveniente deste para chegarem à consciência. Eis a receita para a produção do desejo onírico e, conseqüentemente, para a formação do sonho, que não passa de “um resíduo de atividade psíquica, tornado possível pelo fato de que o estado narcísico do sono não se impôs de maneira total” (FREUD, 1917/2010b, p. 169)²⁰³.

völlige Zurückziehung aus der Welt der Umgebung und Einstellung alles Interesses für sie.” (FREUD, GW, 10, p. 412-413).

200 “Soweit die Herrschaft des Ichs reicht, sind alle Systeme von Besetzungen entleert.” (FREUD, GW, 10, p. 416).

201 “Das Bild der seligen Isolierung im Intrauterinleben, welches uns der Schlafende allnächtlich wieder heraufbeschwört...” (FREUD, GW, 11, p. 432).

202 FREUD, 2021e, p. 28.

203 “[...] Ein Rest von seelischer Tätigkeit, dadurch ermöglicht, daß sich der narzißtische Schlafzustand nicht

Por último, nessa série de tentativas de restituir o narcisismo primário também podemos situar a vida amorosa dos homens e mulheres, que pode levar uma impressão tão significativa dessa fase a ponto de preservá-la mesmo na consumação da escolha de objeto, e por isso é um meio de estudar o narcisismo. Para Freud (1914/2010b, p. 32)²⁰⁴, o ser humano tem dois objetos sexuais originários, ele mesmo e a pessoa responsável por cuidar dele – a mãe ou seu substituto –, de modo que sua escolha de objeto possa se efetuar, respectivamente, segundo os tipos “narcísico” ou “de apoio” (*Anlehnungstypus*), sendo este decorrente da própria relação entre a sexualidade e as pulsões de autoconservação. Já o narcisismo primário pode ser preponderante na escolha de objeto e, nesse sentido, determiná-la, quando o Eu assume o estatuto de modelo de acordo com o qual serão escolhidos os objetos amorosos. A conduta homossexual não só teria aberto as portas dessa compreensão à psicanálise, como também da própria dimensão do conceito de narcisismo, já que este nasceu em meio a esta investigação na psicanálise freudiana. Está aberta a todos a via através da qual se ama à imagem e à semelhança do sagrado Eu narcísico – aquilo que se é, que se foi, que se deseja ser ou a pessoa que foi uma parte de si mesmo²⁰⁵ –. Mesmo quando se ama pelos cuidados que o outro oferece, atraindo-se pela cota de narcisismo que ele foi capaz de preservar, como já foi exposto, o que reforça uma espécie de onipresença do narcisismo nas relações amorosas.

Finalmente, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de o narcisismo primário e infantil parecer imprimir uma estampa na ontogênese, segundo o percurso realizado até agora. Propomos, então, que o narcisismo em Freud seja concebido menos em seu aspecto de fase passageira, do que em seu caráter de estrutura²⁰⁶, conforme sugerem autores como André Green (1988a, p. 141) e Laplanche e Pontalis (1970, p. 366). A alusão, em *Luto e Melancolia* (1917), a fenômenos da vida anímica que se cumprem “sobre base narcísica” (*auf narzißtischer Grundlage*), seguida de trechos como este: “Reconhecemos, como o estado originário (*Urzustand*) do qual parte a vida pulsional, um amor tão grande do Eu por si mesmo” (FREUD, 1917/2021a, p. 107 e p. 110)²⁰⁷; as menções, em *Pulsões e seus destinos*

ausnahmslos durchsetzen ließ.” (FREUD, GW, 10, p. 426).

204 Cf. FREUD, GW, 10, p. 153-154.

205 Como bem aponta Widlöcher (2005, p. 81), quando Freud diz que a escolha de objeto narcísica pode ser por alguém que foi uma parte de si mesmo, está implícito o conceito de identificação – um objeto com o qual o Eu se identificou pode ser agora alvo de seu amor –. Este conceito, a propósito, não é explorado por Freud no artigo de 1914, apesar de sua importância para a concepção do narcisismo. Trataremos do tema da identificação mais adiante.

206 O próprio Freud se refere a uma “estrutura do Eu” (*Struktur des Ichs*) (FREUD, 1919/2021a, p. 142; GW, 12, p. 215), justamente aquela que, segundo procuramos defender, carrega a marca do narcisismo.

207 Cf. FREUD, GW, 10, p. 435; “*Wir haben als den Urzustand, von dem das Triebleben ausgeht, eine so großartige Selbstliebe des Ichs erkannt...*” (FREUD, GW, 10, p. 438).

(1915), a uma “situação fundamental” (*Grundsituation*) ou “situação psíquica primordial” (*psychische Ursituation*) para tratar do narcisismo (FREUD, 2021f, p. 49 e p. 53)²⁰⁸; a referência, com esta mesma finalidade, à “distribuição original” (*Urverteilung*) da libido no ser humano, em *Uma dificuldade da psicanálise* (1917) (FREUD, 2010a, p. 243)²⁰⁹ – todos esses casos corroboram a ideia de que o narcisismo atua na fundação do Eu, faz-se presente na relação deste com os objetos e é insuperável apesar dos investimentos objetivos –. Tanto o prefixo *Ur-*, quanto a palavra *Grund* convergem para a suposição de que o narcisismo estrutura o Eu e, por conseguinte, o próprio indivíduo. O primeiro, utilizado por Freud em outros contextos, como em referência ao recalque primordial (*Urverdrängung*) e ao homem primordial (*Urmensch*), por designar “ancestralidade e o fato de ser o primeiro de uma linhagem; é um termo de certa solenidade mítica” (HANNIS, 1996, p. 365)²¹⁰; e a segunda, por carregar entre suas acepções as noções de solo, terreno, base e fundamento²¹¹, remetendo a algo que estabelece alicerces.

Não podemos deixar de sugerir ainda que o peso do narcisismo parece estender-se também à filogênese. Já mencionamos que a investigação de Freud sobre o narcisismo dos primitivos e de seu sistema animista foi um dos motivos que o levaram a confirmar a hipótese do narcisismo infantil. É como se aquele fosse recuperado na vivência particular, conforme observamos em *O infamiliar* (1919): “Parece que todos nós, em nosso desenvolvimento individual, atravessamos uma fase correspondente a esse animismo dos primitivos e que não nos afastamos dela sem que ela nos legue restos e rastros capazes de expressão” (FREUD, 2020a, p. 85)²¹². O narcisismo da criança repetiria, portanto, o narcisismo do homem primitivo.

Isso converge com o que observamos no manuscrito de 1915, *Neuroses de transferência: uma síntese*, postumamente publicado. Nele, Freud (1985, p. 71) supõe a existência de disposições filogenéticas, enquanto vivências da pré-história humana que seriam herdadas pela espécie humana; “restos das aquisições dos antepassados” recuperadas na história individual, de modo que a história do desenvolvimento do Eu e da libido repetiriam uma parte do desenvolvimento filogenético. Nesse sentido, elenca determinados eventos que

208 Cf. FREUD, 2021f, p. 48 e p. 52.

209 Cf. FREUD, GW, 12, p. 5.

210 Como foi possível notar, nas edições da Companhia das Letras e da Autêntica, o prefixo *-Ur* é traduzido tanto por “original”, quanto por “primordial”. Ambos preservam a ideia defendida por Hannis.

211 Cf. <https://michaelis.uol.com.br/escolar-alemao/busca/alemao-portugues/Grund/>

212 “*Es scheint, daß wir alle in unserer individuellen Entwicklung eine diesem Animismus der Primitiven entsprechende Phase durchgemacht haben, daß sie bei keinem von uns abgelaufen ist, ohne noch äußerungsfähige Reste und Spuren zu hinterlassen...*” (FREUD, 2020a, p. 84).

nossa espécie teve de enfrentar e seus respectivos impasses, desde a era glacial até a formação das hordas isoladas, comandadas por um homem forte e agressivo como pai, em uma sequência cronológica que seria correspondente à ordem na qual se manifestam as psiconeuroses ao longo da vida, a saber, 1) histeria de angústia; 2) histeria de conversão; 3) neurose obsessiva; 4) demência precoce; 5) paranoia; 6) melancolia-mania. Já no período dos tempos glaciais correspondente à histeria de conversão, no qual o maior problema que afetava a humanidade era a restrição da atividade sexual, pelas condições precárias de sobrevivência, principalmente a escassez de alimento, Freud (1985, p. 76, grifo nosso) menciona uma atitude narcísica entre os seres humanos, aquela direcionada aos filhos que é exposta depois no artigo de 1914: “A matança dos recém-nascidos certamente encontrou resistência no amor, particularmente das *mães narcisistas*.” O mesmo pode ser notado na época, já no fim da era glacial, que é associada à neurose obsessiva; teria sido um tempo em que o sexo masculino aprendeu a lidar com aquelas dificuldades sexuais e se voltou para sua capacidade de pensamento, linguagem, domínio sobre o mundo, enfim, inteligência: “A linguagem era para ele magia; seus pensamentos pareciam-lhe onipotentes; *compreendia o mundo através de seu próprio eu*. É a época da concepção anímica do mundo e de sua técnica mágica” (FREUD, 1985, p. 77, grifo nosso). Descrição esta que também remete, inevitavelmente, ao narcisismo, revelando sua presença na pré-história, enquanto herança filogenética que se manifesta na ontogênese. Além disso, há que se considerar que Freud (2010a, p. 244)²¹³ reconhece, em *Uma dificuldade da psicanálise* (1917), o “narcisismo geral”, o amor da humanidade por si mesma, que também não escapou de graves afrontas (*Kränkungen*), segundo o diagnóstico freudiano, entre elas aquela causada pela própria psicanálise e suas investigações sobre a sexualidade e a vida anímica inconsciente.

Tenhamos em vista, portanto, essa universalidade do narcisismo que vai da ontogênese à filogênese e, mais precisamente, aqueles termos freudianos mencionados acima, referentes a uma situação psíquica original ou primordial, utilizados para tratar do narcisismo. Eles podem fornecer subsídios para responder ao questionamento a respeito de haver ou não uma diferença conceitual entre “narcisismo primário” e “narcisismo original” (*ursprünglich*), expressões presentes em *Introdução ao narcisismo* (FREUD, 2010b, p. 37)²¹⁴. A nosso ver, uma separação entre ambos ou a anterioridade do último em relação ao primeiro parece ser artificial e, nesse sentido, acessória, quando se tem em vista que, nos usos que Freud faz de

213 Cf. FREUD, GW, 12, p. 6.

214 Cf. GW, 10, p. 159.

ambos os termos, refere-se ao amor pelo Eu no sentido de um estado primordial e de base, sobre o qual se assenta o desenvolvimento psicosexual, como procuramos expor. Além disso, nosso autor parece recorrer a certo intercâmbio entre os termos que reforça nossa posição.²¹⁵

Com isso, nos aproximamos da dimensão marcante e, em certa medida, insuperável do narcisismo, reafirmamos sua centralidade para a constituição do Eu e, conseqüentemente, sua capacidade de bagunçar a concepção de conflito psíquico. Na sequência, investigaremos mais a fundo esse estado em seu aspecto primordial e de origem. Falar de narcisismo primário ou original, condição em que o Eu é objeto sexual, esbarra em outros conceitos, como o de autoerotismo, e em problemas colaterais, como o do lugar do objeto sexual externo na vida psíquica, os quais não devem ser ignorados, quando o assunto é o narcisismo e suas implicações.

2.1.4 Autoerotismo e narcisismo primário: distanciamentos e aproximações

Se, por um lado, narcisismo primário e original parecem se sobrepor, por outro, investigar a relação entre autoerotismo e narcisismo parece trazer maiores complicações, no que se refere a quanto o narcisismo, enquanto investimento libidinal do Eu, pode ser considerado uma situação psíquica primária, original ou primordial, como sugere a terminologia que recuperamos do próprio Freud, por conta da oscilação do autor quanto às definições daqueles conceitos. Do estabelecimento de fases distintas e sucessivas, com a precedência do autoerotismo em relação ao narcisismo, caminha-se para o apagamento dessa diferença e para uma espécie de sobreposição entre ambos. Vejamos como se desenrola esse percurso.

A princípio, Freud observava no desenvolvimento da libido apenas as fases autoerótica e de amor de objeto – “[...] as pulsões parciais procuram a satisfação do prazer no próprio corpo, cada uma por si, e depois a reunião de todas as pulsões parciais para a escolha de objeto, sob o primado dos genitais e a serviço da reprodução” (FREUD, 2010c, p. 329-330)²¹⁶

215 Essa hipótese pode ser corroborada por trechos como este, da *Conferência 26*: “Em nossa concepção analítica, a megalomania é consequência direta da magnificação do Eu pelo recolhimento dos investimentos libidinais de objeto, um narcisismo secundário que é um retorno daquele original, da primeira infância.”/ “Für unsere analytische Auffassung ist der Größenwahn die unmittelbare Folge der Ichvergrößerung durch die Einziehung der libidinösen Objektbesetzungen, ein sekundärer Narzißmus als Wiederkehr des ursprünglichen frühinfantilen.” (FREUD, 2014b, p. 561; GW, 11, p. 439-440). Trata-se da mesma explicação que Freud já havia concedido em *Introdução ao narcisismo*, mas usando “narcisismo primário” em vez de “narcisismo original”, o que indica que os termos são intercambiáveis.

216 “[...] die einzelnen Partialtriebe, jeder für sich, ihre Lustbefriedigung am eigenen Leibe suchen, und dann

–, conforme ele nos conta em *A predisposição à neurose obsessiva* (1913). Posteriormente, passa a julgar necessária a introdução do estágio intermediário do narcisismo, por vezes entendido como resultado de uma decomposição da fase do autoerotismo. No narcisismo, as pulsões sexuais já se compuseram em uma unidade e também passam a investir em um objeto, a saber, o próprio Eu, “já constituído por esse tempo”, como explica em *Totem e tabu* (1913) (FREUD, 2012, p. 140)²¹⁷. Nesse contexto, o autoerotismo segue designando a satisfação das pulsões sexuais parciais nas diversas zonas erógenas do próprio corpo, que são suas fontes somáticas, e o narcisismo remete a “uma medida de energia sexual que é ligada ao próprio Eu e nele se satisfaz, como geralmente sucede só com o objeto” (FREUD, 1919/2010a, p. 386)²¹⁸. Em outras palavras, partindo do autoerotismo, chega-se ao narcisismo, onde o Eu exerce a função de um objeto sexual total, antes que se possa escolher um objeto alheio (*fremd*) e alcançar o amor de objeto.

Essa noção de que o autoerotismo seria uma fase distinta e anterior ao narcisismo se preserva até a *Introdução ao narcisismo*. Apesar de Freud se referir tanto ao narcisismo primário, quanto ao original nesta obra, o que estaria relacionado à característica primordial desse estado, conforme já exposto, na verdade ele seria precedido pelo autoerotismo. Recordemos aquele conhecido parágrafo do artigo de 1914 em que são esclarecidas as relações entre esses conceitos:

[...] é uma suposição necessária, a de que uma unidade comparável ao Eu não existe desde o começo no indivíduo; o Eu tem que ser desenvolvido. Mas as pulsões autoeróticas são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao autoerotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo. (FREUD, 2010b, p. 19).²¹⁹

Podemos destacar desse trecho o fato de as pulsões autoeróticas serem admitidas como predecessoras do narcisismo e, nesse sentido, este não seria primordial (*uranfänglich*) como aquelas. Isso tem a ver com o fato essencial de o narcisismo consistir em um investimento libidinal do Eu e este ser concebido como uma unidade (*Einheit*), que não está pronta assim que o indivíduo nasce. Uma nova ação psíquica deve se acrescentar ao autoerotismo, para que seja possível formar (*gestalten*) o narcisismo, o amor de si mesmo. Antes que o Eu seja objeto

die Zusammenfassung aller Partialtriebe zur Objektwahl unter dem Primat der Genitalien im Dienste der Fortpflanzung.” (FREUD, GW, 8, p. 446).

217 “[...] um diese Zeit konstituierte Ich.” (FREUD, GW, 9, p. 109).

218 “[...] eines Maßes von sexueller Energie, welches am Ich selbst hängt und sich an diesem ersättigt, wie sonst nur am Objekt...” (FREUD, GW, 12, p. 323-24).

219 “Es ist eine notwendige Annahme, daß eine dem Ich vergleichbare Einheit nicht von Anfang an im Individuum vorhanden ist; das Ich muß entwickelt werden. Die autoerotischen Triebe sind aber uranfänglich; es muß also irgend etwas zum Autoerotismus hinzukommen, eine neue psychische Aktion, um den Narzißmus zu gestalten.” (FREUD, GW, 10, p. 142).

das pulsões sexuais, o que se tem é a pluralidade das pulsões parciais autoeróticas na busca independente do “prazer do órgão” (*Organlust*), ponto de onde estas partem rumo a uma síntese (*Synthese*) e, assim, prosseguem no desenvolvimento, se complementarmos com o que é afirmado no artigo sobre as pulsões (FREUD, 2021f, p. 33)²²⁰. Nesse sentido, a reunião das pulsões autoeróticas, a colocação da libido chamada narcisismo e a fundação de um Eu enquanto unidade a ser investida como objeto sexual parecem consistir em processos de algum modo concomitantes, mas não tão originários assim, quando comparados com o autoerotismo propriamente dito.²²¹

Quando afirmamos que os processos de síntese das pulsões parciais autoeróticas, de formação do narcisismo e de desenvolvimento da unidade do Eu parecem acontecer ao mesmo tempo, isso se justifica pelo fato de nos depararmos com uma imprecisão do próprio Freud a esse respeito. Exerceria o narcisismo, enquanto investimento libidinal de si mesmo, uma função de unificação que, de alguma forma, seria responsável por formar a unidade do Eu? Ou então seria a constituição do Eu a nova ação psíquica da qual fala Freud, a condição prévia para a instauração do estágio do narcisismo, que já pressuporia a unidade do objeto Eu?²²² A nosso ver, há uma lacuna na teoria freudiana em relação a este ponto, seja na explicação de como o narcisismo seria capaz de cumprir aquela função de unificação, seja no esclarecimento de como se constituiria a unidade do Eu, caso esta seja condição de possibilidade do estágio narcísico. Temos algumas vagas indicações que tocam nesse problema em uma nota de rodapé de *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), na qual o psicanalista atribui ao psiquismo uma espécie de tendência geral à unificação:

No progresso do desenvolvimento da criança até o adulto maduro, produz-se, em geral, uma *integração* cada vez mais ampla da personalidade, uma síntese de cada uma das moções pulsionais e dos anseios em direção à meta [*Zielstrebungen*] isolados, que dela nasceram, de maneira independente uma da outra. O processo análogo no campo da vida sexual nos é conhecido há muito tempo como agrupamento de todas as pulsões sexuais numa organização genital definitiva (*Três ensaios sobre a teoria sexual*, 1905, *Ges. Werke*, v. V). Que a unificação do Eu, aliás, possa experimentar as mesmas perturbações que as da libido o mostram múltiplos exemplos bastante conhecidos, tais como o dos pesquisadores da Ciência Natural [*Naturforscher*] que mantiveram a sua crença na Bíblia, e outros (FREUD, 2020b, p. 149, grifo do autor).²²³

220 Cf. FREUD, 2021f, p. 32.

221 Voltaremos a tratar do narcisismo e da formação do Eu enquanto unidade no próximo capítulo, adicionando mais algumas reflexões a esse respeito, no momento em que tratarmos de uma das contribuições do primeiro conceito para a noção de pulsão de vida.

222 O trecho de *Totem e tabu* (1913) citado anteriormente, no qual Freud considera o narcisismo como um estágio em que as pulsões sexuais reunidas investem no Eu, “já constituído por esse tempo”, expressa essa possibilidade.

223 “*Im Fortschritt der Entwicklung vom Kinde zum reifen Erwachsenen kommt es überhaupt zu einer immer weiter greifenden Integration der Persönlichkeit, zu einer Zusammenfassung der einzelnen, unabhängig*

Entretanto, tratar de uma unificação da personalidade em geral, trazendo o que acontece na vida sexual para fundamentar o que se passaria no campo do Eu, não torna as coisas mais claras, já que nos *Três ensaios...* temos uma incógnita análoga: como explicar a unificação da sexualidade caótica da infância para a sexualidade objetual e genital da vida adulta? Por meio da hipótese de um amadurecimento biológico? Seria este também o caso do Eu? Tampouco nos anos posteriores encontramos uma explicação mais detalhada, como é possível notar em *Fragmentos do espólio* (1941), anotações inacabadas escritas em 1938 e publicadas posteriormente. Em um de seus últimos escritos, Freud ainda parece se inclinar na direção de conceber uma síntese psíquica natural em curso, diante das aspirações divergentes na vida anímica:

Interessante que, em contraste com as posteriores, as primeiras vivências preservem todas as variadas reações, naturalmente inclusive as contraditórias. Isso, em vez de uma decisão, que teria sucedido mais tarde. Explicação: fraqueza na síntese, retenção da característica dos processos primários. (FREUD, 2021e, p. 205).²²⁴

Há uma correlação entre a fraqueza na síntese e os processos primários que nos permite inferir a associação entre a síntese fortalecida, os processos secundários, a decisão e, possivelmente, a presença do Eu, embora não seja possível especificar como essa tendência à ligação aconteceria. Talvez essas questões permaneçam em aberto. Não adentraremos mais nelas, mas gostaríamos de apontar essa lacuna na argumentação freudiana sobre a relação que se estabelece entre o autoerotismo, o narcisismo e a formação do Eu. Tal espaço foi preenchido pela teorização lacaniana do estágio do espelho, na qual a identificação com a imagem de totalidade do outro na relação especular fornece a explicação para a formação da imagem de unidade do próprio Eu, ainda que a sensação corporal da criança seja absolutamente fragmentada (LACAN, 1998). Quanto a nós, avançaremos tendo em vista o reconhecimento dessas perguntas que emergem a partir da teoria freudiana.

De volta ao assunto principal, passaremos ao ano de 1915, tempo em que Freud deixa de especificar as diferenças entre autoerotismo e narcisismo. Estas se tornam bem menos

voneinander in ihr gewachsenen Triebregungen und Zielstreben. Der analoge Vorgang auf dem Gebiet des Sexuallebens ist uns als Zusammenfassung aller Sexualtriebe zur definitiven Genitalorganisation lange bekannt. (Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie, 1905 Ges. Werke Bd. V.) Daß die Vereinheitlichung des Ichs übrigens dieselben Störungen erfahren kann wie die der Libido, zeigen vielfache, sehr bekannte Beispiele, wie das der Naturforscher, die bibelgläubig geblieben sind und andere.” (FREUD, GW, 13, p. 85).

224 *“Interessant, dass von frühen Erlebnissen, im Gegensatz zu später, alle verschiedenen Reaktionen sich erhalten, natürlich auch gegensätzliche. Anstatt der Entscheidung, die später der Erfolg wäre. Erklärung: Schwäche der Synthese, Erhaltung des Charakters der Primärvorgänge.”* (FREUD, GW, 17, p. 151).

nítidas, abrindo espaço para que o narcisismo seja considerado na sua dimensão originária, na medida em que ambos parecem acontecer no mesmo período do desenvolvimento psicosexual do indivíduo. É o que indica a seguinte passagem de *Pulsões e seus destinos*:

O Eu se encontra originalmente, bem no início da vida anímica, pulsionalmente investido, estando, em certa medida, em condições de satisfazer suas pulsões em si mesmo. Denominamos essa condição de narcisismo, e tal possibilidade de obter satisfação, de autoerótica. (FREUD, 2021f, p. 53).²²⁵

Narcisismo é a denominação reservada ao estado originário do Eu investido por pulsões, estado no qual parte delas pode se satisfazer autoeroticamente, isto é, com o próprio corpo. Trata-se da mesma concepção presente um pouco depois, na *Conferência 26*, na qual lemos que “muitas pulsões sexuais” encontram a satisfação no próprio corpo e que “o autoerotismo seria a prática sexual do estágio narcisista de alocação da libido” (FREUD, 2014b, p. 550)²²⁶. Em *Sobre transformações das pulsões, em particular no erotismo anal* (1917), Freud ilustra como autoerotismo e narcisismo se entrecruzam e se camuflam, enquanto modo de satisfação e fase ou estado da distribuição libidinal, respectivamente, ao abordar a situação da defecação como a primeira vez em que se apresenta para a criança a possibilidade de decidir entre a “atitude” (*Einstellung*) narcísica ou a de amor de objeto – ou ela entrega as fezes, em uma espécie de sacrifício oferecido em um movimento em direção ao amor de objeto, ou retém as fezes para a satisfação autoerótica (FREUD, 2010a, p. 258)²²⁷ –. Assumir a postura narcísica e permanecer nesse estado, nesse caso, coincide em satisfazer-se sexualmente de modo autoerótico, através da zona erógena anal.

Deste modo, há um apagamento da distinção entre autoerotismo e narcisismo, que servia a Freud para demarcar a antecedência de uma fase primordial, de pluralidade de pulsões parciais e do prazer de órgão, em relação a um momento posterior de gênese do Eu, de sua apreensão como objeto sexual total e de síntese das pulsões. Tanto o autoerotismo, quanto o narcisismo passam a corresponder, assim, à mesma situação originária, da libido que investe no Eu, se satisfaz no próprio corpo e, posteriormente, se dirige aos objetos exteriores. É importante ter em vista as particularidades teóricas envolvidas nessa mudança. Conceber o autoerotismo como o tempo anterior ao narcisismo implicava a demarcação de dois tempos. O

225 “Das Ich findet sich ursprünglich, zu allem Anfang des Seelenlebens, triebbesetzt und zum Teil fähig, seine Triebe an sich selbst zu befriedigen. Wir heißen diesen Zustand den des Narzißmus, die Befriedigungsmöglichkeit die autoerotische.” (FREUD, 2021f, p. 52). Na tradução da Autêntica, lemos “pulsionalmente ocupado”, mas optamos por traduzir por “investido”, que foi a escolha adotada em outros momentos neste trabalho.

226 “So war also der Autoerotismus die Sexualbetätigung des narzißtischen Stadiums der Libidounterbringung.” (FREUD, GW, 11, p. 431).

227 Cf. FREUD, GW, 10, p. 406-407.

autoerotismo estava em curso desde o instante em que a sexualidade se torna independente das pulsões de autoconservação nas quais se apoiava, em uma anarquia pulsional. Em um segundo momento, o Eu se formaria enquanto *unidade* e se distinguiria como primeiro objeto sexual *total* das pulsões sexuais reunidas, antes que estas invistam em um objeto alheio, ainda que Freud não precisasse como esses processos se relacionam entre si, como procuramos demonstrar. A concepção do Eu como unidade que é destacada aqui permanecerá na obra de Freud até o final, se pensarmos, por exemplo, na função de síntese que marca essa instância, que busca reunir os conteúdos psíquicos em sua organização, ponto ao qual retornaremos mais tarde. Em contrapartida, a sobreposição de autoerotismo e narcisismo torna irreconhecíveis esses momentos, em uma espécie de coexistência de pulsões sexuais parciais e autoeróticas com o investimento libidinal do Eu, ao mesmo tempo em que é coerente com a ideia de um narcisismo original e primário, que Freud descreve como situação primordial, como já vimos, já que seria uma fase inicial, cujo modo de satisfação seria autoerótico. Há, portanto, especificidades que se ganham ou se perdem nos dois casos.

De todo modo, nas duas concepções não deixa de ressurgir a questão sobre a suposição de que a criança possa contentar a si mesma, de modo autossuficiente, na mônada autoerótica e narcísica, sem relacionar-se com objetos que não o seu próprio corpo e o Eu, como diz Widlöcher (1986, p. 6), em uma autarquia – “viver sobre si mesmo e em si mesmo” –. A ideia de um estágio inicial do desenvolvimento do indivíduo em que ele se caracteriza como entidade isolada e fechada em si mesma provocou reações diversas entre os pós-freudianos e incita debates até hoje. Por um lado, foi criticada e rejeitada por psicanalistas como Melanie Klein e Michael Balint; por outro lado, foi reforçada através de nomes como o de Ferenczi e Béla Grunberger.²²⁸ Nas linhas que se seguem, interessa-nos questionar a coerência da própria pergunta, voltar ao texto freudiano e observar se é possível encontrar essa mônada da qual certos autores discordam ou com a qual outros autores concordam, quando se fala em autoerotismo e narcisismo primário ou original.

228 Cf. WIDLÖCHER, 1986, p. 6-8. Widlöcher se localizaria no primeiro grupo, colocando o narcisismo primário mais como um “mito fundador” da organização psicológica, do que como um estado do desenvolvimento pulsional. Quanto às referências mais atuais, podemos citar o artigo de Johann Jung (2015), em que também é defendida a característica de “mito fundador” do narcisismo primário, ou ainda os trabalhos anteriores de Philip Crockatt (2006) e de Régine Prat (2011), em que são feitas críticas a este conceito, a favor do ponto de vista kleiniano e a partir de pesquisas mais recentes sobre o feto e seu desenvolvimento, respectivamente. Para uma visão geral da evolução do conceito de narcisismo na teoria psicanalítica pós-freudiana, ver *Le Narcissisme*, escrito por Paul Denis (2012, p. 78-103), onde são abordados nomes como o de Victor Tausk, Lou Andreas-Salomé, Paul Federn, Jacques Lacan, Heinz Kohut, entre outros.

A começar por destacar o fato de Freud afirmar que o amor, originalmente narcísico, como já mencionamos, “advém da capacidade do Eu de satisfazer de modo autoerótico *uma parte* de suas moções pulsionais pela obtenção do prazer de órgão” (FREUD, 2021f, p. 59, grifo nosso)²²⁹. Essa afirmação se encontra no artigo metapsicológico sobre as pulsões, onde também lemos o trecho citado há pouco, de que o Eu está, “*em certa medida*, em condições de satisfazer suas pulsões em si mesmo” (FREUD, 2021f, p. 53, grifo nosso). A nota de rodapé que se segue a este fragmento merece particular atenção, pois nela nosso autor indica que não é qualquer pulsão que exerce tal modo de satisfação, mas apenas as pulsões sexuais, já que as pulsões de autoconservação ou pulsões do Eu sempre exigem um objeto da realidade que alivie o estado de necessidade. O objeto é trazido para o Eu através deste grupo de pulsões, o que remete à noção de apoio das pulsões sexuais sobre as funções que servem à conservação da vida e à consideração da atividade autoerótica como um segundo tempo, assunto que já abordamos no primeiro capítulo. Isso, por si só, já configura um primeiro questionamento da ideia da autossuficiência do bebê, pois indica que a própria independência da sexualidade em seu autoerotismo é secundária em relação à exigência do objeto imposta pelas necessidades da vida. O ponto crucial da nota mencionada, no entanto, é a constatação de que há restrições mesmo entre as pulsões sexuais:

Uma parte das pulsões sexuais, como sabemos, é capaz dessa satisfação autoerótica [...]. As pulsões sexuais, que desde o início demandam um objeto, e as necessidades das pulsões do Eu, que jamais podem ser satisfeitas autoeroticamente, perturbam naturalmente esse estado e preparam o terreno para avanços. Por certo, o estado primordial do narcisismo não poderia tomar tal caminho de desenvolvimento se todo indivíduo não passasse por um período de *desamparo e cuidados*, durante o qual suas necessidades prementes são satisfeitas por agentes externos e, com isso, detidas em seu desenvolvimento. (FREUD, 2021f, p. 65, grifo nosso e grifo do autor).²³⁰

Quer dizer, só *uma parte* das pulsões sexuais consegue se comportar de forma autoerótica, o que, a propósito, é repetido no trecho da *Conferência 26* já citado, de que “*muitas pulsões sexuais*” obtém prazer no próprio corpo. Isso significa que *não são todas*. A parcela capaz de autoerotismo possibilita o desenvolvimento do Eu-prazer (*Lust-Ich*), condição na qual o Eu ou o sujeito (*Subjekt*) coincide com o que é prazeroso e o mundo

229 “[Die Liebe] stammt von der Fähigkeit des Ichs, einen Anteil seiner Triebregungen autoerotisch, durch die Gewinnung von Organlust zu befriedigen.” (FREUD, 2021f, p. 58).

230 “Ein Anteil der Sexualtriebe ist, wie wir wissen, dieser autoerotischen Befriedigung fähig [...]. Die Sexualtriebe, welche von vornherein ein Objekt fordern, und die autoerotisch niemals zu befriedigenden Bedürfnisse der Ichtriebe stören natürlich diesen Zustand und bereiten die Fortschritte vor. Ja, der narzißtische Urzustand könnte nicht jene Entwicklung nehmen, wenn nicht jedes Einzelwesen eine Periode von Hilflosigkeit und Pflege durchmache, während dessen seine drängenden Bedürfnisse durch Dazutun von Außen befriedigt und somit von der Entwicklung abgehalten würden.” (FREUD, 2021f, p. 64).

exterior, com o que é desprazeroso. Trata-se do sucessor do Eu-realidade (*Real-Ich*) inicial, aquele que é capaz de distinguir tal mundo exterior (*Außenwelt*) de um mundo interior (*Innenwelt*), a partir da diferenciação entre estímulos externos, dos quais pode fugir através da ação motora, e estímulos internos, dos quais não consegue se livrar, e é superado novamente pelo Eu-realidade no curso do desenvolvimento. Isso quer dizer que há pulsões que exigem objetos alheios, que não sejam as partes do próprio corpo ou o Eu, desde o início do desenvolvimento, a saber, as pulsões do Eu e as pulsões sexuais não autoeróticas. Deste modo, Freud entende que o narcisismo original seja perturbado por essas pulsões para as quais o autoerotismo não é uma possibilidade de satisfação, e chega à conclusão de que o estado narcísico primordial só pode se estabelecer e perdurar por algum tempo porque todo indivíduo passa por um período de desamparo (*Hilflosigkeit*), no qual precisa ser cuidado por outro que satisfaça suas necessidades mais urgentes.

Nota-se que o cuidador da criança é o responsável por garantir a satisfação de suas pulsões que dependem de um objeto externo, prolongando “artificialmente” o estado narcísico primordial e tornando possível “o estabelecimento do Eu-prazer”, segundo aponta James Strachey, em seus comentários esclarecedores a respeito da nota de rodapé citada (FREUD, 1915/1992a, p. 130). Trata-se de uma independência do Eu em relação ao objeto que é precária, pois, como diz Green (1988a, p. 23), “o Eu não pode nunca substituir totalmente o objeto”. A mônada narcísica, que motiva tantas querelas, não parece ser tão facilmente dedutível a partir das palavras de Freud, pelo menos quando nos atentamos a trechos como esses. O psicanalista deixa claro que há um objeto exterior em cena desde o princípio, tanto para servir ao cumprimento das exigências das pulsões de autoconservação, quanto para aquelas pulsões sexuais que não são capazes de se satisfazer autoeroticamente. Essa ressalva não pode ser ignorada, sobretudo quando nos deparamos com afirmações de Freud que sugerem o contrário, se tomadas de modo isolado: por exemplo, quando ele diz que no estado de dormir tenta-se restabelecer “o narcisismo pleno” (*der volle Narzißmus*), onde o Eu é suficiente para si mesmo (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 551)²³¹, ou ao comentar que o narcisismo da criança é instigante por expor sua “autossuficiência” (*Selbstgenügsamkeit*) e “inacessibilidade” (*Unzugänglichkeit*), assim como acontece com as mulheres, os gatos, os predadores e outras figuras que são atraentes justamente por essas características, como já vimos (FREUD, 1914/2010b, p. 34)²³². É preciso ter em vista que as coisas não são tão

231 Cf. FREUD, GW, 11, p. 432.

232 Cf. FREUD, GW, 10, p. 155.

simples assim.

Isso não significa tomar partido das leituras que não admitem a possibilidade do narcisismo primário ou original, justamente porque o objeto do mundo exterior estaria presente desde o início da vida psíquica. Há narcisismo primário, mas não no sentido de um ser completamente autônomo, desfrutando de sua prática sexual autoerótica. O objeto externo existe precocemente, mas não parece ser do mesmo tipo que o objeto da sexualidade adulta e das relações de amor que a caracterizam – o amor de objeto, que só se inicia “com a síntese de todas as pulsões parciais da sexualidade sob o primado dos órgãos genitais e a serviço da função reprodutora” (FREUD, 1915/2021f, p. 59)²³³ –. A esse respeito, concordamos com Bocchi e Simanke (2012), que defendem que os objetos na teoria freudiana podem ser interpretados a partir de diferentes modalidades, que não são estanques, mas também não são sinônimas. Tratar de pulsão do Eu significa referir-se ao objeto da necessidade, real, determinado biologicamente e localizável no mundo externo, que é diferente, por exemplo, do objeto que as pulsões sexuais não autoeróticas requerem, na medida em que estas são reguladas apenas pelo princípio de prazer e pela fantasia, e do já mencionado objeto amoroso, o qual, a rigor, se encontra no registro da relação do “Eu-total” (*Gesamt-Ich*), e não das pulsões, com o objeto sexual de sua escolha (FREUD, 1915/2021f, p. 57)²³⁴.

Nesse sentido, procuramos mostrar que tratar do narcisismo e da tomada do Eu como objeto sexual requer o reconhecimento do autoerotismo, inicialmente como fase separada e depois como coexistente ao narcisismo, bem como exige a constatação de que tanto os objetos que servem à necessidade das pulsões de autoconservação, quando os objetos sexuais que satisfazem pulsões sexuais não autoeróticas entram em cena na vida psíquica desde muito cedo. Podemos concluir, por enquanto, que essa constituição inicial do Eu é marcada pelo investimento de libido nele mesmo e também em objetos, o que nos leva para o último subtópico desta discussão, a saber, a tentativa de explorar de que modo o Eu narcísico se relaciona com os primeiros objetos. Isso será feito através da exploração do tema da identificação, o qual, por sua vez, além de ser mais um argumento contra a suposta mônada narcísica, nos oferece a imagem do Eu composto de objetos sexuais, que expande a ideia de que o Eu é sexual por ser investido pela libido e reforça a presença da sexualidade, polo oposto do conflito psíquico, no interior dessa instância.

233 “[...] mit der Synthese aller Partialtriebe der Sexualität unter dem Primat der Genitalien und im Dienste der Fortpflanzungsfunktion...” (FREUD, 2021f, p. 58).

234 Cf. FREUD, 2021f, p. 56.

2.1.5 Narcisismo e identificação

Exploraremos a identificação (*Identifizierung*)²³⁵ do ponto de vista da sua relação com o narcisismo primário, que se entrelaça ainda com a fase oral do desenvolvimento da libido. Começaremos por uma seção adicionada em 1915 aos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, na qual Freud concebe a fase oral ou canibal enquanto a primeira organização pré-genital da libido, no caminho da sexualidade infantil até sua conformação na vida adulta. Entre suas características estão o fato de ainda não ter se descolado da função orgânica de nutrição e de ter a meta de incorporação (*Einverleibung*) do objeto. Entende-se que incorporar o objeto seja o protótipo ou “modelo” (*Vorbild*) da identificação, que desempenhará mais tarde um papel fundamental na vida psíquica (FREUD, 2016c, p. 108)²³⁶. Em convergência com essa descrição e com o que já expusemos sobre o amar – atividade que coincide com a aspiração sexual total do Eu –, Freud situa a fase oral como a primeira de suas etapas prévias (*Vorstufen*) no artigo metapsicológico sobre as pulsões, cuja meta consiste no incorporar ou devorar (*das Fressen*), “uma forma de amor compatível com a suspensão da existência em separado do objeto, podendo, portanto, ser caracterizada como ambivalente” (FREUD, 2021f, p. 61)²³⁷. A identificação parece já entrar em cena ainda nesse texto, embora o termo não seja utilizado, quando Freud discorre sobre a gênese do amor: “Ele é originalmente narcísico, e passa então para os objetos que foram incorporados ao Eu ampliado, expressando então os esforços motores do Eu em direção a esses objetos tidos como fontes de prazer” (FREUD, 2021f, p. 59-61)²³⁸. O principal aqui é a menção ao Eu que, antes mesmo de poder amar, já se ampliou ou aumentou (*erweitern*) por incorporar objetos na fase oral pela via da identificação.

Em *Luto e Melancolia* (1917), além da identificação receber um tratamento um pouco mais detalhado, é posicionada junto ao narcisismo. Sobre a primeira, reiteram-se pontos já levantados e acrescentam-se novos:

Afirmamos, em outro lugar, que a identificação é a etapa preliminar da escolha de objeto e a primeira forma, ambivalente em sua expressão, com que o Eu distingue

235 Não é a intenção aqui esgotar o tema da identificação, já que ele adquire uma dimensão cada vez mais central na vida anímica em textos posteriores à “virada” dos anos 20. Voltaremos a essas publicações nos capítulos 3 e 4, já que tratam do Eu da segunda tópica.

236 Cf. FREUD, GW, 5, p. 98-99.

237 “[...] eine Art der Liebe, welche mit der Aufhebung der Sonderexistenz des Objekts vereinbar ist, also als ambivalent bezeichnet werden kann.” (FREUD, 2021f, p. 60).

238 “Sie ist ursprünglich narzißtisch, übergeht dann auf die Objekte, die dem erweiterten Ich einverleibt worden sind, und drückt das motorische Streben des Ichs nach diesen Objekten als Lustquellen aus.” (FREUD, GW, 10, p. 231).

um objeto. Ele gostaria de incorporar esse objeto e, na verdade, de devorá-lo, de acordo com a fase oral ou canibalística do desenvolvimento da libido. (FREUD, 2021a, p. 108).²³⁹

Já havíamos concebido a identificação como antecedente do amar e não parece novidade colocá-la como etapa prévia da escolha de objeto. Merece nossa atenção, contudo, que esta seja a primeira forma pela qual o Eu discrimina um objeto. Se nos *Três ensaios...* Freud disse que a meta de incorporar o objeto, típica da fase oral da libido, era o protótipo da identificação, que apareceria mais tarde no desenvolvimento, aqui parece considerar que são simultâneas a identificação e a incorporação ou devoração característica da oralidade. Quer dizer que a distinção entre o Eu e o outro se desenrolará pela identificação e incorporação do objeto sexual, meta que, por sua vez, coloca em xeque a existência do objeto como algo separado, por ser ambivalente e consentir com a sua supressão, como já foi apontado em *Pulsões e seus destinos*.

É possível concluir, então, que no desenvolvimento libidinal, mal o objeto começou a ser discriminado, já se busca incorporá-lo ao Eu, por meio da identificação, mesmo que isso implique em suprimi-lo. Se acrescentarmos que, no texto sobre a melancolia, Freud afirma que a fase oral da libido ainda pertence (*angehören*) ao narcisismo, temos mais subsídios para rever a pertinência de supor aquela mônada narcísica e para olhar o narcisismo primário como estado em que admitem-se objetos precocemente, embora eles sejam de modalidades diferentes ao longo do desenvolvimento. Quando Freud (2010a, p. 39)²⁴⁰ afirma, no caso do “Homem dos Lobos” (1918), que “a primeira e mais primordial” (*die erste und ursprünglichste*) escolha de objeto se consuma pela via da identificação, em conformidade com o narcisismo da criança, parece confirmar essa ideia, pois há uma relação objetal conforme ao narcisismo e pautada na identificação. Complementemos com as palavras de nosso autor, escritas em *Transitoriedade* (1916):

Imaginamos que possuímos certa quantidade de capacidade de amor, chamada libido, a qual se voltara, nos começos do desenvolvimento, para o próprio Eu. Mas, posteriormente, mais exatamente desde muito cedo, essa se separa do Eu e volta-se para os objetos, os quais, de certo modo, são incorporados ao nosso Eu. (FREUD, 2021g, p. 223, grifo nosso).²⁴¹

239 “Wir haben an anderer Stelle ausgeführt, daß die Identifizierung die Vorstufe der Objektwahl ist und die erste, in ihrem Ausdruck ambivalente, Art, wie das Ich ein Objekt auszeichnet. Es möchte sich dieses Objekt einverleiben, und zwar der oralen oder kannibalischen Phase der Libidoentwicklung entsprechend auf dem Wege des Fressens.” (FREUD, 2021f, p. 58-60).

240 Cf. FREUD, GW, 12, p. 51.

241 “Wir stellen uns vor, daß wir ein gewisses Maß von Liebesfähigkeit, genannt Libido, besitzen, welches sich in den Anfängen der Entwicklung dem eigenen Ich zugewendet hatte. Später, aber eigentlich von sehr frühe an, wendet es sich vom Ich ab und den Objekten zu, die wir solcher Art gewissermaßen in unser Ich hineinnehmen.” (FREUD, GW, 10, p. 360).

O trecho destacado corrobora tanto a ideia de que a libido muito rapidamente investe em objetos diferentes do próprio Eu, quanto a de que tais objetos participam da constituição do Eu, por meio da incorporação, que já sabemos ser a meta sexual da fase oral, ligada ao processo psíquico da identificação. Na sequência do trecho citado, Freud menciona que esses objetos podem ser destruídos ou perdidos – o próprio incorporar ou devorar pressupõe essa possibilidade, como também já observamos –, ocasião em que a capacidade de amor, ou a libido, fica livre para encontrar objetos substitutos ou para retornar ao Eu. O segundo caso, que anteriormente exploramos em relação às neuroses narcísicas, também acontece na melancolia, o que nos conduz novamente para este texto, mais especificamente para uma questão a ser explorada, aquela da identificação narcísica.

Apesar da analogia com o luto sugerir que o melancólico também perde um objeto de amor, ainda que a natureza dessa perda não signifique necessariamente a morte, o psicanalista notou que, na verdade, isso se transforma em uma perda no seu Eu (*Verlust an seinem Ich*). Deve ter ocorrido um abalo (*Erschütterung*) na relação com o objeto, seguido pela operação, já conhecida nas psicoses, de retirada da libido para o próprio Eu. Contudo, acontece no Eu algo decisivo para esta afecção e diferente da formação do delírio de grandeza: “Lá, no entanto, ela [a libido] não encontrou uma utilidade qualquer, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do Eu com o objeto abandonado” (FREUD, 2021a, p. 107, grifo do autor)²⁴². Eis o que sustenta a famosa afirmação freudiana sobre a melancolia, de que “a sombra do objeto caiu sobre o Eu”²⁴³. O enigma do rebaixamento do sentimento do Eu ou sua autoestima (*Ichgefühl*) e do empobrecimento do Eu (*Ichverarmung*) percebidos na melancolia, os quais indicam uma particularidade em relação ao luto, pode ser então solucionado. O que leva o melancólico a dirigir tantas censuras a ele mesmo, a se punir com palavras e atos e a se enxergar como tão insignificante diante do espelho? Ora, as queixas ou lamentos (*Klagen*) dos melancólicos consistem, em última instância, em acusações (*Anklagen*) contra o objeto; dizem para si o que gostariam de dizer ao objeto de amor com o qual romperam, pois estão identificados com este. Se, por um lado, o doente renuncia ao investimento libidinal de objeto e o recolhe para o Eu, por outro lado, não é capaz de abrir mão do amor por ele, que fica preservado por essa parte do Eu modificada pela identificação com o objeto. O Eu abriga o objeto amoroso em seu seio e isso só é possível porque essa escolha deve ter se efetuado sobre

242 “Dort fand sie aber nicht eine beliebige Verwendung, sondern diente dazu, eine Identifizierung des Ichs mit dem aufgegebenen Objekt herzustellen.” (FREUD, GW, 10, p. 435).

243 “Der Schatten des Objektes fiel so auf das Ich...” (FREUD, GW, 10, p. 435).

uma base (*Grundlage*) narcísica. Assim, quando é preciso desistir do objeto de amor, o caminho da regressão ao narcisismo original se encontra desimpedido, até que se realize a substituição pela identificação narcísica com o objeto.

Mais originária que a identificação histérica, que Freud conhece há mais tempo como mecanismo de formação de sintoma característico da histeria, a identificação narcísica se relaciona justamente àquele trecho precoce do desenvolvimento libidinal que procuramos descrever, em que o Eu começa a distinguir o objeto; a libido que ele abriga, devido ao narcisismo, volta-se a este objeto, o qual o Eu quer incorporar, por meio da identificação. Se na identificação histérica não se renuncia ao investimento libidinal de objeto, na narcísica isso acontece, embora o amor por ele não seja abandonado no caso do melancólico. O mais importante é que o último processo psíquico permite ao objeto de amor que seja erigido no próprio Eu e passe a fazer parte dele.

A melancolia escancara, portanto, uma possibilidade que Freud já havia reconhecido no início do desenvolvimento psicosexual regular e que vislumbramos em textos como os ensaios sobre a sexualidade, o artigo metapsicológico sobre as pulsões e *Transitoriedade*. Em todos os indivíduos, a princípio, a libido se organiza em torno da oralidade, em uma fase que pertence ainda à organização narcísica, com vistas à incorporação do objeto pela via da identificação. Este é o primeiro modo pelo qual o Eu distingue o objeto, em uma situação que temos indícios para considerar como rudimentar e quase confusional entre o Eu e o outro, pois a supressão do objeto alheio é uma possibilidade dentro desse processo. Isso mostra o quanto a participação do objeto no narcisismo primário que procuramos afirmar é complexa e específica. De todo modo, essas considerações também nos permitem afirmar que os objetos sexuais fazem parte do Eu, já em textos prévios a 1920. É importante que isso seja realçado, na medida em que revela o funcionamento sexual do Eu. Em outras palavras, o Eu é sexual porque é narcísico e porque há uma libido do Eu, mas também é sexual porque abriga objetos sexuais dentro dele pela via da identificação, que é narcísica no caso dos melancólicos, cuja escolha de objeto se efetuou sobre essa base, mas que não deixa de ser uma formação do narcisismo em todos os indivíduos, justamente por fazer parte da fase oral de organização da libido.

Portanto, o Eu é recheado de libido, seja ao se fazer objeto dela no narcisismo, seja ao se constituir por seus objetos sexuais nos primórdios da vida anímica, visto que, pela identificação, o objeto amado compõe o Eu. É o que leva Freud a escrever, no artigo sobre a

guerra e a morte (1915), que as pessoas queridas, como os irmãos, filhos, amigos, são “um pedaço de seu próprio e amado Eu” – Eu narcísico, podemos pensar – ou, em outras palavras, “um patrimônio interno, componentes de nosso próprio Eu”, ainda que também sejam objetos estranhos a ele (FREUD, 2020b, p. 123 e p. 130)²⁴⁴.

Com isso, esperamos ter demonstrado que o Eu e a sexualidade se misturam a partir do narcisismo e de conceitos correlatos a ele, como o da identificação. Nesse sentido, prejudica-se a concepção de conflito psíquico pautada, do ponto de vista dinâmico, em uma luta entre as pulsões do Eu ou de autoconservação e as pulsões sexuais, visto que o Eu que se defende do sexual compartilha justamente da propriedade de ser sexual, aproximando-se do próprio alvo do recalque. Vejamos agora como esse conflito interno ao Eu se radicaliza ainda mais quando o último se oferece como destino às pulsões sexuais, mesmo em uma atitude defensiva contra elas.

2.1.6 Narcisismo e defesa

Para explorar a relação entre narcisismo e defesa, voltemos ao artigo *Pulsões e seus destinos*, no qual Freud toma como objeto de estudo as pulsões sexuais, acessíveis por meio do trabalho analítico com as neuroses de transferência. Como o próprio título do artigo indica, nosso autor está interessado em delimitar os destinos (*Schicksale*) que essas pulsões podem tomar no curso do desenvolvimento, os quais podem ser entendidos também como formas de defesa contra estas, considerando o inconveniente que elas trazem para a vida psíquica: “Levando-se em consideração as forças moventes que operam contrapondo-se à sequência de seu fluxo direto, pode-se também descrever os destinos pulsionais como espécies de *defesa* contra as pulsões” (FREUD, 2021f, p. 35, grifo do autor)²⁴⁵.

Freud elenca quatro destinos para as pulsões – a reversão em seu contrário (*die Verkehrung ins Gegenteil*), o retorno em direção à própria pessoa (*die Wendung gegen die eigene Person*), o recalque e a sublimação –, mas aborda apenas os dois primeiros neste texto. A reversão no contrário admite tanto a mudança da atividade em passividade de uma meta pulsional²⁴⁶, quanto a alteração do conteúdo de uma pulsão, que o psicanalista aborda a partir

244 “[...] ein Stück seines eigenen geliebten Ichs.”/ “[...] ein innerer Besitz, Bestandteile unseres eigenen Ichs...” (FREUD, GW, 10, p. 346 e p. 353).

245 “Mit Rücksicht auf Motive, welche einer direkten Fortsetzung der Triebe entgegenwirken, kann man die Triebchicksale auch als Arten der Abwehr gegen die Triebe darstellen.” (FREUD, 2021f, p. 34).

246 “Toda pulsão é uma parcela de atividade.”/ “Jeder Trieb ist ein Stück Aktivität.” (FREUD, 2021f, p. 25 e p. 24): já passamos por essa afirmação do criador da psicanálise no artigo sobre as pulsões. Desta forma, a

da oposição entre amor e ódio. Concentraremos nossa atenção no primeiro caso de reversão em seu contrário e no retorno em direção à própria pessoa, já que ambos estão vinculadas ao narcisismo e carregam as marcas que essa fase imprime, por consistirem em rumos tomados pela pulsão em direção ao objeto narcísico por excelência, a saber, o próprio Eu.

Já sabemos que as fronteiras entre o Eu e o sexual se confundiram quando o narcisismo foi concebido como estado primário de desenvolvimento da libido. No entanto, ao colocar a mudança da atividade em passividade e a volta da pulsão sexual para o Eu como destinos da libido e modalidades de defesa contra ela dependentes do narcisismo, Freud estabelece uma ponte entre este e a defesa que também gera efeitos no estatuto do Eu. Paradoxalmente, o Eu se defende do que é sexual colocando-se como seu abrigo e, com isso, mais uma vez é inundado pela sexualidade, aproximando-se também do inconsciente e do recalado, dos quais se distanciava com mais nitidez antes. De certa forma, o conflito psíquico é interiorizado no Eu quando ele se mistura tanto com o seu inimigo, abrindo um dos caminhos que levarão Freud a reconhecer suas regiões inconscientes nos anos 20. Percorreremos alguns pontos do artigo sobre as pulsões junto a Freud, para que isso fique mais claro.

O psicanalista estuda os destinos pulsionais citados a partir de dois pares de opostos, a saber, o prazer de olhar ou voyeurismo (*Schaulust*) e a exibição; o sadismo e o masoquismo. A troca da meta ativa para a meta passiva acontece quando a satisfação, que era encontrada, no primeiro par, em olhar e, no segundo par, em atormentar (*quälen*), passa a ser alcançada através do ser olhado e do ser atormentado, respectivamente. Quanto à volta contra a própria pessoa, há uma mudança de objeto da pulsão, de modo que a meta seja mantida, afinal o objetivo ainda consiste em olhar e infligir dor, mas ambas as ações se dirigem a si mesmo – a exibição equivale a contemplar o próprio corpo e o masoquismo, ao sadismo dirigido ao próprio Eu –. Isso permite a Freud (2021f, p. 37)²⁴⁷ concluir: “Com isso, não podemos deixar de notar que, nesses exemplos, convergem ou coincidem o retorno em direção à própria pessoa com a passagem da atividade para a passividade.” Tanto se a meta da pulsão é alterada, quanto se o objeto da pulsão é substituído pelo Eu, chega-se ao mesmo resultado, a saber, o prazer de olhar se converte em exibicionismo, e o sadismo em masoquismo.

Apresentaremos, então, as três etapas que Freud delimita para esses pares de opostos.

pulsão pode ser passiva apenas em relação à sua meta, conforme veremos com mais detalhes na sequência.
 247 “Es kann uns indes nicht entgehen, daß Wendung gegen die eigene Person und Wendung von der Aktivität zur Passivität in diesen Beispielen zusammentreffen oder zusammenfallen.” (FREUD, 2021f, p. 36).

Vejam, a princípio, o sadismo e o masoquismo:

- a) O sadismo consiste em atividade de violência, dominação sobre outra pessoa como objeto.
- b) Tal objeto é abandonado e substituído pela própria pessoa. Com o retorno em direção à própria pessoa, também se realiza a transformação da meta ativa da pulsão em uma meta passiva.
- c) Novamente, outra pessoa é procurada como objeto, a qual, em decorrência da transformação da meta ocorrida, terá que assumir o papel de sujeito. (FREUD, 2021f, p. 37).²⁴⁸

Neste esquema montado por Freud, do sadismo original²⁴⁹ sucede-se a reversão no contrário, do tipo mudança de atividade em passividade, e o retorno contra a própria pessoa, como movimentos coincidentes, enquanto o masoquismo ocuparia apenas o terceiro momento, no qual o outro ocupa o lugar de sujeito.²⁵⁰ Pode ser que o processo se desenrole apenas até a segunda etapa, como acontece na neurose obsessiva, em que o indivíduo não assume um papel passivo diante de outra pessoa, mas atormenta a si mesmo na forma da autopunição. Nessa situação, segundo nosso autor, não ocorreria uma mudança da voz ativa para a voz passiva, mas sim para a voz média reflexiva, isto é, o indivíduo seria agente e paciente da ação ao mesmo tempo.

Com o voyeur e o exibicionista, as etapas são análogas. Primeiramente, olhar é uma atividade dirigida um objeto alheio; depois esse objeto é abandonado e a pulsão se volta para a própria pessoa, com a reversão da meta ativa para a passiva (ser olhado); por fim, insere-se de novo o objeto e a satisfação é obtida ao ser olhado pelo outro. Só na última etapa se instauraria propriamente o exibicionismo. No entanto, destacamos certa peculiaridade desse par de opostos, por meio da qual o narcisismo é introduzido nesse texto. A pulsão de olhar

248 “a) *Der Sadismus besteht in Gewalttätigkeit, Machtbetätigung gegen eine andere Person als Objekt./ b) Dieses Objekt wird aufgegeben und durch die eigene Person ersetzt. Mit der Wendung gegen die eigene Person ist auch die Verwandlung des aktiven Triebzieles in ein passives Vollzogen./ c) Es wird neuerdings eine fremde Person als Objekt gesucht, welche infolge der eingetretenen Zielverwandlung die Rolle des Subjekts übernehmen muß.*” (FREUD, 2021f, p. 36).

249 Neste período, Freud ainda não concebia a possibilidade do masoquismo original ou primário, que dependia da entrada da pulsão de morte em sua teoria. Trataremos disso no terceiro capítulo.

250 É importante ter em vista o alerta de James Strachey a respeito do recurso a *Subjekt* neste contexto e em suas próximas ocorrências. No geral, “sujeito” e “objeto” fazem referência à pessoa da qual se origina a pulsão e à pessoa ou coisa para a qual ela se dirige, respectivamente. “Aqui, no entanto, 'sujeito' parece designar a pessoa que desempenha o papel ativo na relação – o agente –” (FREUD, 1915/1992a, nota 18, p. 123), segundo o tradutor inglês. Nesse sentido, consideremos, por exemplo, determinado indivíduo do qual parte a pulsão sádica, que muda de meta ativa para passiva e do objeto externo para a própria pessoa. Quando o objeto volta a entrar em cena, é para desempenhar o papel ativo sobre o masoquista na relação, mas a pulsão da qual fala Freud continua a partir do último – é sua própria pulsão sádica que se satisfaz quando o outro o tortura –. O mesmo vale para a análise do exibicionista, pois é sua própria pulsão de olhar, depois de passar por uma das possibilidades de reversão em seu contrário e pelo retorno em direção à própria pessoa, que se satisfaz quando o outro o observa. Pelo menos é nesse ponto de vista que Freud parece estar interessado, e não na pulsão do objeto que advém na terceira etapa do processo.

teria uma etapa prévia à ação de ver dirigida ao outro que, para Freud, estaria ausente no sadismo: “É que a pulsão de olhar é autoerótica no início de sua atividade, ou seja, ainda que tendo um objeto, ela o encontra no próprio corpo. Só mais tarde ela é conduzida (pela via da comparação) a trocar esse objeto por um que seja análogo no corpo alheio (fase *a*)” (FREUD, 2021f, p. 41)²⁵¹.

No artigo sobre as pulsões, sabemos que Freud não efetuava mais a distinção nítida entre autoerotismo e narcisismo; o primeiro era o modo de satisfação da fase narcísica do desenvolvimento da libido. Deste modo, podemos considerar que a pulsão de olhar autoerótica se situa no narcisismo, o que se confirma pelas palavras do próprio autor:

Temos que dizer, quanto à fase preliminar da pulsão de olhar, na qual o prazer de olhar tem o próprio corpo como objeto, que ela pertence ao narcisismo, que seria uma formação narcísica. Dessa fase se desenvolveria a pulsão ativa de olhar, à medida que se abandona o narcisismo, ainda que a pulsão passiva de olhar conserve o objeto narcísico. (FREUD, 2021f, p. 45-47).²⁵²

Assim, Freud sugere a coexistência de dois processos subsequentes à pulsão de olhar autoerótica. De um lado, ocorre a entrada na primeira etapa relativa ao esquema análogo àquele do sadismo e do masoquismo, em que o olhar é atividade dirigida a um objeto alheio, o que significaria ultrapassar o narcisismo. De outro lado, o objeto narcísico é retido pela pulsão passiva de ver, o que equivale à segunda etapa do mesmo esquema, aquela da reversão da atividade em passividade e da volta contra a própria pessoa. Freud justifica essa possibilidade por meio da ideia de que o desenvolvimento da pulsão é comparável às erupções sucessivas de lava em um vulcão; assim como a primeira erupção se mantém intacta, é seguida pela próxima e assim por diante, na vida pulsional os impulsos mais originários coexistem com os posteriores. Quer dizer que nenhuma etapa substitui completamente a outra; no caso da pulsão de olhar, a etapa ativa não suplanta a autoerótica, pois ambas subsistem juntas. Do mesmo modo, subsistem atividade e passividade, condição para a qual Freud concede o nome de ambivalência da pulsão nesta obra.

O aparente paradoxo da superação e da manutenção da formação narcísica já não seria estranho a nós se lembrássemos que é próprio do narcisismo primário e infantil marcar a constituição do Eu. Não por acaso, Freud convoca o narcisismo nessa parte de seu texto,

251 “Der Schautrieb ist nämlich zu Anfang seiner Betätigung autoerotisch, er hat wohl ein Objekt, aber er findet es am eigenen Körper. Erst späterhin wird er dazu geleitet (auf dem Wege der Vergleichung), dies Objekt mit einem analogen des fremden Körpers zu vertauschen (Stufe *a*).” (FREUD, 2021f, p. 40).

252 “Dann müssen wir von der Vorstufe des Schautriebes, auf der die Schaulust den eigenen Körper zum Objekt hat, sagen, sie gehöre dem Narzißmus an, sei eine narzißtische Bildung. Aus ihr entwickelt sich der aktive Schautrieb, indem er den Narzißmus verläßt, der passive Schautrieb halte aber das narzißtische Objekt fest.” (FREUD, 2021f, p. 44-46).

enquanto fase inicial do desenvolvimento do Eu presente em todos os indivíduos, fato que o leva a rever o que havia escrito há pouco sobre o sadismo. Assim, supõe também para o par sadismo e masoquismo uma etapa prévia narcísica, mesmo que anteriormente tivesse afirmado que, neste caso, a pulsão se dirigia desde o início para um objeto alheio e que só a pulsão de olhar partiria da atividade autoerótica. Em última instância, portanto, tanto no par de opostos voyeurismo e exibicionismo, quanto no sadismo e masoquismo, é necessário supor como antecedente o narcisismo, momento em que o Eu é objeto da pulsão sexual, visto que: “[...] a transformação do sadismo em masoquismo significaria um retorno ao objeto narcísico, enquanto em ambos os casos o sujeito narcísico é trocado, através da identificação, por um outro Eu” (FREUD, 2021f, p. 47)²⁵³. Para que a voz ativa do verbo se converta em voz passiva, é preciso que o Eu, objeto narcísico propriamente dito, seja trocado por um outro objeto, pelo qual o próprio Eu será martirizado no masoquismo e será observado no exibicionismo. Como isso se dá pela via da identificação, Freud fala deste objeto como um “outro Eu”, escolhido por analogia com o Eu do sujeito, pela comparação com o próprio corpo, em uma espécie de relação especular.²⁵⁴

Nesse ponto do texto, esses destinos pulsionais ou, em outras palavras, essas defesas contra as pulsões são explicitamente relacionados ao narcisismo:

Se levarmos em consideração a fase narcísica preliminar do sadismo deduzida por construção, nos aproximamos de uma compreensão mais geral, a saber, a de que os destinos da pulsão, o retorno em direção ao próprio Eu e a reversão da atividade em passividade, *dependem da organização narcísica do Eu e trazem consigo a marca distintiva dessa fase*. Correspondem talvez às tentativas de defesa que em fases mais elevadas do desenvolvimento do Eu são conduzidas por outros meios. (FREUD, 2021f, p. 47, grifo nosso).²⁵⁵

Os caminhos de voltar à própria pessoa e de assumir uma posição de passividade só se tornam disponíveis porque a organização narcísica marca o ponto de partida do desenvolvimento do Eu e da libido e mantém sua influência ao longo de toda a vida, conforme exploramos antes. Se, para Freud, a meta de toda pulsão é a satisfação e o objeto é aquilo por

253 “[Ebenso] bedeute die Umwandlung des Sadismus in Masochismus eine Rückkehr zum narzißtischen Objekt, während in beiden Fällen das narzißtische Subjekt durch Identifizierung mit einem anderen fremden Ich vertauscht wird.” (FREUD, 2021f, p. 46).

254 Mencionamos em nota anterior que a relação do narcisismo com a imagem especular foi uma contribuição de Jacques Lacan à teoria freudiana do narcisismo. De todo modo, se há um embrião dessa interpretação em Freud, talvez possamos localizá-lo aqui, já que a troca do Eu pelo objeto externo passa pela comparação, em uma relação especular, entre o Eu e o outro.

255 “Mit Rücksichtnahme auf die konstruierte narzißtische Vorstufe des Sadismus nähern wir uns so der allgemeineren Einsicht, daß die Tribschicksale der Wendung gegen das eigene Ich und der Verkehrung von Aktivität in Passivität von der narzißtischen Organisation des Ichs abhängig sind und den Stempel dieser Phase an sich tragen. Sie entsprechen vielleicht den Abwehrversuchen, die auf höheren Stufen der Ichentwicklung mit anderen Mitteln durchgeführt werden.” (FREUD, 2021f, p. 46.).

meio do que a pulsão é capaz de alcançar essa meta, os exemplos do sadismo-masochismo e do voyeurismo-exibicionismo mostram que pulsões sexuais parciais como essas se satisfazem assumindo a meta passiva e voltando-se para o Eu, as duas possibilidades enquanto heranças do narcisismo. Mas voltar-se à própria pessoa e, portanto, ao Eu e ao narcisismo²⁵⁶, já configura uma tentativa de defesa, a qual Freud parece considerar rudimentar, visto que “em fases mais elevadas do desenvolvimento do Eu”, as saídas provavelmente seriam diferentes. Provavelmente, o Eu mais desenvolvido recorreria a outros destinos, como o recalque e a sublimação, deixados de lado propositalmente neste texto.

Com isso, chegamos ao ponto de maior interesse, que exigiu a apresentação deste recorte de *Pulsões e seus destinos*. Pudemos observar que o Eu, agente da defesa, defende-se das pulsões sexuais através das vias indicadas, a saber, da volta para a própria pessoa e da reversão da atividade para a passividade, as quais derivam da organização narcísica que estrutura os indivíduos e carregam a estampa do narcisismo. Consequentemente, estabelece-se uma ponte entre narcisismo e defesa, pois é de um retrocesso ao objeto narcísico que se trata em ambos os destinos de pulsão considerados por Freud. A defesa do Eu consiste, em última instância, em se oferecer como objeto para a pulsão sexual e, nesse sentido, dirigi-la novamente para si, tal como era no narcisismo, em que ele era o objeto da libido, ainda que a mudança completa da atividade para a passividade exija que o “sujeito narcísico” seja trocado por um outro. O outro, que é quase um reflexo do próprio Eu, na medida em que é escolhido pela comparação e pela identificação, faz o masoquista sofrer e é para quem o exibicionista se mostra. O Eu ser olhado e o Eu ser torturado pelo outro são defesas da qual ele mesmo se vale contra as pulsões sexuais de olhar e sádica, respectivamente, de modo que ele volta a se colocar como centro de atração do que é sexual.

Mais uma vez, é notável como aquelas distinções que balizavam o conflito psíquico na primeira teoria metapsicológica freudiana se encontram obscurecidas. Terminamos o primeiro capítulo com a seguinte imagem: de um lado, as pulsões de autoconservação, o princípio de realidade, a angústia, os processos secundários, o consciente, o pré-consciente e a censura; do outro lado, as pulsões sexuais, o princípio de prazer, o desejo, os processos primários, o inconsciente e o recalado. Na linha de frente de ambos os polos em combate, o Eu e a sexualidade, respectivamente. Procuramos mostrar como a sexualidade penetrou no Eu quando Freud estabeleceu o estágio do narcisismo primário e normal e a presença

256 A respeito do duplo sentido do termo *Ich*, referente tanto ao Eu como instância, quanto ao indivíduo enquanto pessoa – que pode ser percebida neste artigo sobre as pulsões –, trataremos no final deste capítulo.

intransponível da libido narcísica, bem como a economia libidinal em torno do Eu e dos objetos e os estados que reproduzem o narcisismo infantil, em que não é possível distinguir a energia sexual de uma energia não sexual no Eu. Complementamos e radicalizamos essas conclusões, pois se o Eu se defende do sexual colocando-se como objeto através do qual a pulsão sexual se satisfaz, ele passa a se aproximar do próprio alvo da defesa. Se pensarmos nos dois lados do conflito psíquico indicados, a sexualidade carrega toda uma série de atributos, como a proximidade com o inconsciente, com os processos primários, com o princípio de prazer e com a fantasia, que já não são mais tão distantes do Eu quanto pareciam. É como se, com a sexualização do Eu, as portas para postular partes inconscientes nele, bem como a coexistência de processos primários e secundários em seu interior, se abrissem progressivamente, até que Freud pudesse afirmar isso com todas as letras na segunda tópica psíquica e assumir os efeitos dessas alterações.

Isso só se confirma quando voltamos às parafrenias e à melancolia. Nos dois casos, por conta de uma frustração, a libido abandona os objetos do mundo exterior no qual investia e se destina ao próprio Eu. No caso dos esquizofrênicos e dos paranoicos, dirige-se ao delírio de grandeza; no melancólico, à identificação narcísica com o objeto que foi preciso abandonar. O artigo sobre as pulsões nos ensinou que destinos das pulsões são equivalentes a modos de defesa contra elas. Portanto, o destino que a libido toma em direção ao Eu é o modo através do qual o próprio Eu, que engendra os processos defensivos, se defende das pulsões sexuais, às quais foi impedida a satisfação; de novo, oferecendo-se como abrigo para sua energia, acolhendo nele mesmo o inimigo e abrigando aquilo que o ameaça. Também na doença orgânica e na hipocondria o destino da libido e do interesse é o próprio Eu, de modo que a saída para lidar com as sensações dolorosas e penosas seja o recolhimento dos investimentos pulsionais para o Eu. Campos (2009, p. 67) define bem o significado desse processo, quando afirma que tanto na dor física, quanto na hipocondria, “o refluxo do investimento narcísico remete a uma forma primária de defesa da estrutura corpórea”, defesa que se consuma, novamente, pela sexualidade recolhida no Eu.

Pode-se chegar a constatações análogas recuperando o narcisismo do sono, na medida em que Freud o caracteriza como um estado de reprodução do isolamento beatífico que desfrutamos no útero materno. O estado de paz que o sono almeja é aquele recolhimento de investimentos de objeto para o Eu, emitidos tanto pelas pulsões sexuais, quanto pelas pulsões de autoconservação. A calma do adormecer consiste, portanto, em libido refugiada no

interior do Eu. Há uma modificação significativa em relação ao modelo de conflito psíquico que exploramos no primeiro capítulo, no qual o equilíbrio desta instância dependia de certo afastamento da sexualidade. Como as representações sexuais provocavam os casos de inconciliabilidade na vida psíquica, o Eu se empenhava em enfraquecê-las, com a retirada de sua soma de excitação e seu envio para o inconsciente, através do recalque. Agora, inflar-se com libido no sono não parece oferecer riscos ao Eu; pelo contrário, convoca algo do sagrado narcisismo infantil.

Isso não quer dizer que, com o narcisismo, Freud abra mão do conflito entre a aspiração sexual e o Eu, que continua sendo o recalculator, o agente da defesa por excelência, que destinará representações sexuais ao inconsciente, como veremos adiante. Ao mesmo tempo, a ocorrência de uma metamorfose no Eu é incontestável. Sua sexualização é legitimada pelo psicanalista e a maneira pela qual ele se defende do sexual é se oferecendo como objeto, como lugar de destino para as pulsões sexuais que o ameaçam, em vez de tentar expulsá-las para longe. Nesse sentido, é como se ele encarnasse o conflito nele mesmo, ao se mesclar com a sexualidade desta forma, o que pode ser concebido como uma das vias pela qual ele se aproxima do inconsciente, região do aparelho psíquico da qual se encontrava apartado. Certa ambiguidade inerente ao Eu vai tomando forma, uma vez que ele abriga dois lados conflitantes da alma. O Eu não só passa a abrigar o conflito em sua interioridade ao ser afirmado seu funcionamento sexual, como também Freud passa a admitir que ele pode tratar outras partes dele mesmo como objeto. Trata-se do reconhecimento de que o Eu é composto por partes, a ser abordado no segundo tópico deste capítulo.

2.2 A composição do Eu

O “caráter composto” (*Zusammengesetztheit*) do Eu (FREUD, 1914/2010b, p. 45)²⁵⁷ por “organizações diversas”, ou, em outras palavras, a ideia de que instâncias edificam a construção (*Aufbau*) do Eu (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 548 e p. 567)²⁵⁸, só se tornou viável a partir do narcisismo. Como diz Assoun (1995, p. 270, grifo do autor), “o caminho para um pensamento da *sedimentação do Eu*” foi “aberto desde a introdução ao narcisismo.” Na verdade, os desdobramentos deste conceito conduziram não só à admissão da

²⁵⁷ Cf. FREUD, GW, 10, p. 165.

²⁵⁸ “Das Ich aber, seine Zusammensetzung aus verschiedenen Organisationen...”/ “[...] Zusammensetzung unseres Ichs und seinem Aufbau aus Instanzen...” (FREUD, GW, 11, p. 430 e 444).

possibilidade da clivagem dessa instância, como também à noção de que as partes que o formam estabelecem relações conflituosas entre si. Nesse sentido, revelou que o Eu abriga o conflito em seu interior tanto ao reconhecer sua aproximação em relação ao sexual, mesmo na situação em que se empenha em defender-se dele, quanto ao apresentá-lo como um composto de diferentes instâncias ou organizações que discordam entre si, haja vista que é pelo narcisismo que nosso autor chega até o ideal do Eu e a instância destinada a assegurá-lo. Tais modificações na forma de conceber o Eu afetam sobretudo o ponto de vista tópico, tanto no que se refere à formação do Supereu, quanto à própria estrutura do Eu na segunda teoria do aparelho psíquico.²⁵⁹

Para adentrar nessas organizações do Eu, é pertinente partir da formação patológica que exterioriza o funcionamento psíquico presente em todos os indivíduos, a saber, o delírio de observação dos paranoicos. Se eles ouvem vozes que descrevem seus comportamentos, que lhes conferem ordens e aparentam saber tudo sobre suas vidas, como vigilantes ou espiões atentos conhecem os movimentos daquele que perseguem, isso não passa da exteriorização de uma condição geral da vida anímica:

A partir da análise do delírio de observação, chegamos à conclusão de que realmente existe no Eu uma instância que observa, critica e compara sem cessar, e que, desse modo, se contrapõe à outra parte do Eu. Acreditamos, assim, que o doente nos revela uma verdade ainda não suficientemente apreciada, quando se queixa de que cada um de seus passos é vigiado e observado, de que seus pensamentos são expostos e criticados. O único erro que comete aí é o de situar esse poder incômodo como algo exterior, alheio. (FREUD, 1916-1917/2014b, 567).²⁶⁰

Este trecho, presente na 26ª das *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, atesta que Freud concebe a existência de uma instância crítica no Eu, que dirige suas repreensões a outra parte deste, verdade revelada pelos sintomas dos paranoicos, a não ser por um detalhe essencial – os últimos atribuem a uma ou mais pessoas, que seriam as donas das vozes, a perseguição da qual são vítimas, em vez de reconhecerem que se trata de um fragmento de seu próprio Eu –. Ora, e por que deve haver em cada um de nós tal instância observadora e crítica

259 Vale recordar que o aparelho psíquico da *Interpretação dos sonhos* é descrito a partir da noção de “um instrumento composto” (*ein zusammengesetztes Instrument*) (FREUD, 2015a, p. 564; GW, 2-3, p. 542). Trata-se do mesmo termo agora utilizado para remeter à composição do Eu; de uma perspectiva tópica, regiões psíquicas se edificam em seu interior e só podem ser observadas a partir de uma decomposição, comparável às elucidações sobre os diferentes sistemas daquele instrumento do sonho.

260 “*Aus der Analyse des Beobachtungswahnes haben wir den Schluß gezogen, daß es im Ich wirklich eine Instanz gibt, die unausgesetzt beobachtet, kritisiert und vergleicht und sich solcherart dem anderen Anteil des Ich entgegenstellt. Wir meinen also, daß der Kranke uns eine noch nicht genug gewürdigte Wahrheit verrät, wenn er sich beklagt, daß jeder seiner Schritte ausgespäht und beobachtet, jeder seiner Gedanken gemeldet und kritisiert wird. Er irrt nur darin, daß er diese unbequeme Macht als etwas ihm Fremdes nach außen verlegt.*” (FREUD, GW, 11, p. 444).

de si, a qual Freud chama de consciência moral (*Gewissen*)? Segundo nosso autor, ela é a responsável por medir o Eu atual (*aktuelles Ich*) com o Eu ideal (*Ideal-Ich*)²⁶¹, que é criado pelos indivíduos no curso do desenvolvimento e que consiste em mais um efeito do narcisismo: “[...] essa criação se deu com o propósito de restabelecer aquela autossatisfação outrora vinculada ao narcisismo infantil primário, a qual, desde então, sofreu tantas perturbações e ofensas” (FREUD, 2014b, p. 567)²⁶². A constatação de que deve haver uma consciência moral é consequência da formação de ideal, com a qual Freud esbarra na investigação sobre o narcisismo.

O pressuposto de que há a fabricação de um Eu ideal, através do qual seria possível recuperar a satisfação narcísica da primeira infância, foi elaborado por Freud pela primeira vez no artigo de 1914. Já conhecemos o peso da fase do narcisismo primário na vida psíquica individual e da espécie, o que seria congruente com o fato de haver uma herança dessa situação primordial tão marcante. Parece que a Freud não bastou considerar as tentativas de retorno ao narcisismo efetuadas ao dormir, ao adoecer, ao se ocupar do órgão hipocondríaco, ao amar tomando a si mesmo como modelo na escolha de objeto, ao tornar-se pai ou mãe de um filho perfeito. A própria “estrutura do Eu” (*Struktur des Ichs*) (FREUD, 1914/2010b, p. 44)²⁶³ é alterada no empenho em desfrutar novamente daquele estado, por meio dessa formação de ideal (*Idealbildung*), desse levantamento, dentro do próprio Eu, de um ideal a ser comparado com o Eu atual e de uma consciência moral que se presta a fazer a medida entre ambos.

A essa formação de ideal Freud chega, então, quando se pergunta sobre o que deve ter acontecido com a libido narcísica no adulto normal, que foi obrigado a deixar para trás a plenitude do narcisismo primário. Sabemos que uma parcela de libido do Eu persiste durante toda a vida, independentemente dos investimentos de objeto emitidos, mas ainda na *Introdução ao narcisismo* Freud explica o emprego que esse montante de energia sexual encontra no interior do Eu. Se encontra o modelo da consciência moral no delírio de observação da paranoia, isso só acontece como efeito da suposição da formação de ideal, a qual é tributária da psicologia do recalque. Não é novidade que moções pulsionais libidinosas “sofrem o destino do recalque patógeno, quando entram em conflito com as ideias morais e

261 Forma como o termo é grafado na *Conferência 26* citada (Cf. FREUD, GW, 11, p. 444).

262 “[...] diese Schöpfung geschah in der Absicht, jene Selbstzufriedenheit wiederherzustellen, die mit dem primären infantilen Narzißmus verbunden war, die aber seither so viel Störungen und Kränkungen erfahren hat.” (FREUD, GW, 11, p. 444).

263 Cf. FREUD, GW, 10, p. 165.

culturais do indivíduo”, assim como não o é afirmar que o recalque “vem do Eu; podemos precisar: vem do autorrespeito do Eu” (FREUD, 1914/2010b, p. 39)²⁶⁴. Essas constatações apenas atualizam a conhecida concepção de conflito psíquico entre o Eu e a libido, bem como a localização do Eu enquanto agente do recalque. Contudo, ao se deparar com o fato de que certos conteúdos podem ser aceitáveis para uma pessoa – entenda-se que podem permanecer conscientes, sem que isso cause incômodo a ela –, porém inaceitáveis para outra, na qual convocam o recalque e para quem, portanto, devem ser destinados ao inconsciente, nosso autor é impelido a relacionar as exigências e os anseios que os indivíduos impõem a eles mesmos com os destinos daquele ilustre amor de si narcísico.

“Para o Eu, a formação do ideal seria a condição para o recalque”, afirma Freud (1914/2010b, p. 40)²⁶⁵. Isso significa que, do ponto de vista daquele que se defende dos requerimentos da sexualidade, a circunstância necessária para o recalque se encontra nesse levantamento de um ideal no interior do Eu – o indivíduo “ergueu” ou “erigiu” (*aufrichten*) um ideal em si –, ao passo que, na sua ausência, não haveria a convocação da defesa. Ao que parece, contudo, ele está presente em todos os indivíduos²⁶⁶, porém são as diferentes características do ideal que explicam porque certas vivências são toleráveis para alguns e intoleráveis para outros. Os pontos de referência para a comparação com o Eu atual são distintos e específicos de cada um. A constituição desse ideal acontece da seguinte maneira:

A esse Eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. [...] Ele [o indivíduo] não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si

264 “[...] [*daß libidinöse Triebregungen*] dem Schicksal der pathogenen Verdrängung unterliegen, wenn sie in Konflikt mit den kulturellen und ethischen Vorstellungen des Individuums geraten.”/ “*Die Verdrängung [...] geht vom Ich aus; wir könnten präzisieren: von der Selbstachtung des Ichs.*” (FREUD, GW, 10, p. 160).

265 “*Die Idealbildung wäre von Seiten des Ichs die Bedingung der Verdrängung.*” (FREUD, GW, 10, p. 161).

266 É necessário reconhecer uma exceção, segundo as indicações de Freud. Via de regra, o ideal do Eu impõe dificuldades à satisfação da libido de objeto e a censura desempenhada pela consciência moral se opõe a uma parte dessas tentativas de satisfação; contudo, há a possibilidade desse ideal não ter se desenvolvido, o que culmina na perversão: “Ser novamente o próprio ideal, também no tocante às tendências sexuais, tal como na infância – eis o que as pessoas desejam obter, como sua felicidade.”/ “*Wiederum ihr eigenes Ideal sein, auch in betreff der Sexualstrebungen, wie in der Kindheit, das wollen die Menschen als ihr Glück erreichen.*” (FREUD, 1914/2010b, p. 48; GW, 10, p. 168). Mais uma vez, expressa-se a máxima de que a neurose é o negativo da perversão, afirmada nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* e esclarecida de modo sucinto por Laplanche e Pontalis (1970, p. 435): “[...] fazer da perversão a manifestação bruta, não recalçada, da sexualidade infantil.” O perverso, neste caso, por não erigir dentro de si o ideal do Eu e, conseqüentemente, a instância responsável por garanti-lo, é capaz de seguir com a disposição inicial do amor de si mesmo, em que o Eu atual ou real é o destino desse amor, enquanto os demais indivíduos, entre eles os neuróticos, têm de obedecer às exigências dessas organizações e mobilizam o recalque para fazê-lo.

como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal. (FREUD, 1914/2010b, p. 40).²⁶⁷

Tal substituição do narcisismo infantil pelo ideal do Eu é fundamental, de acordo com a leitura de Chasseguet-Smirgel (2003). Para a autora, esse tempo narcísico deixa uma marca extremamente profunda de completude e ausência de insatisfação, a ponto de o ser humano se lançar em uma busca incessante por experimentá-la novamente, por meio da aproximação entre o Eu e seu ideal: “O que nos impulsiona adiante é a nostalgia de nosso passado glorioso (do tempo em que éramos nosso próprio ideal)”; ou ainda, a busca pelo “paraíso perdido” do narcisismo primário (CHASSEGUET-SMIRGEL, 2003, p. 48-49).

Vale acrescentar que, no fragmento de texto de Freud, o processo de formação de ideal é abordado a partir de três termos centrais: Eu real (*wirkliches Ich*), Eu ideal (*Idealich/ ideale Ich*) e ideal do Eu (*Ichideal*). O primeiro se refere especificamente àquele Eu do narcisismo primário, que era engrandecido pelo amor de si mesmo por concentrar efetivamente a perfeição narcisista. Como sabemos, nesses moldes é impossível sustentar o estado narcísico, que é obrigado a ceder às exigências da realidade, impostas pela percepção da diferença entre o Eu e o outro, cujo ápice é a percepção da diferença sexual; pelas frustrações colocadas pela realidade; e assim por diante. Eis que se forma o Eu ideal, que passa a ser destino do amor narcisista, em uma tentativa de preservar algo daquela situação originária, o que significa que o amor de si mesmo deixa de se dirigir ao Eu real. Por fim, Freud menciona o ideal do Eu – aquilo que o indivíduo projeta a sua frente e que substitui o antigo narcisismo infantil. Um pouco mais a frente, na mesma página da citação acima, o psicanalista fala da ação de trocar seu narcisismo pela veneração de um elevado ideal do Eu.

Alguns pós-freudianos interpretam essa oscilação terminológica de Freud a rigor e estabelecem distinções conceituais entre o *Idealich* e o *Ichideal*. Monzani (1989, p. 248, grifo do autor), por exemplo, afirma que Freud faz uma “paciente *desmontagem* das instâncias constituintes do ego: o superego, o ideal do ego e o ego ideal, as duas primeiras instâncias, tendo por raiz o mecanismo da identificação e a última, a projeção do narcisismo primordial”, mas acrescenta a seguir uma nota indicando que a discriminação entre ideal do ego e ego ideal

267 “Diesem Idealich gilt nun die Selbstliebe, welche in der Kindheit das wirkliche Ich genoß. Der Narzißmus erscheint auf dieses neue ideale Ich verschoben, welches sich wie das infantile im Besitz aller wertvollen Vollkommenheiten befindet. [...] Er will die narzißtische Vollkommenheit seiner Kindheit nicht entbehren, und wenn er diese nicht festhalten konnte, durch die Mahnungen während seiner Entwicklungszeit gestört und in seinem Urteil geweckt, sucht er sie in der neuen Form des Ichideals wieder zu gewinnen. Was er als sein Ideal vor sich hin projiziert, ist der Ersatz für den verlorenen Narzißmus seiner Kindheit, in der er sein eigenes Ideal war.” (FREUD, GW, 10, p. 161).

foi operada por Jacques Lacan, no primeiro de seus seminários. Na mesma nota, cita a autora que mencionamos há pouco, Chasseget-Smirgel (2003), como exemplo de comentadora que não supõe que haja uma distinção, em Freud, entre *Idealich* e *Ichideal*. Laplanche e Pontalis (1970, p. 190) compartilham desta última posição, a qual também sustentamos aqui. A nosso ver, o que se encontra no artigo de 1914 não parece bastar para justificar esse tipo de desdobramento teórico. Pressupor um novo Eu ideal, análogo ao Eu narcísico da infância, e uma forma como a do ideal do Eu, com o propósito de recuperar a perfeição narcísica infantil, parece remeter a uma mesma situação – a da formação de ideal (*Idealbildung*) –, cujos aspectos fundamentais são o de ser uma herança do narcisismo e implicar uma alteração no interior do próprio Eu, uma mudança em sua estrutura, que resulta na existência de partes específicas que se relacionam entre si.

O mesmo já não se pode afirmar a respeito da relação entre a consciência moral e o Eu ideal ou ideal do Eu. Podem ser distinguidos com mais precisão na interioridade do Eu, já que Freud entende a primeira como uma instância psíquica especial, cuja tarefa consiste em assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do Eu. Para cumprir esse propósito, ela compara incessantemente o Eu atual com o ideal. Trata-se de uma função censuradora, tanto que a ela também é outorgada a responsabilidade pela censura dos sonhos, como mais uma expressão das tendências recalcadoras que governam o Eu, e específica a esta porção dele, visto que Freud chega a falar da separação dessa instância censuradora do resto do Eu.²⁶⁸

Não parece ser tão simples que o Eu atual corresponda ao ideal, mas quando isso acontece, há um aumento do sentimento de si (*Selbstgefühl*). Por vezes, se o próprio Eu não consegue cumprir as exigências do ideal do Eu, ele recorre ao amor; trata-se de uma das configurações da escolha de objeto segundo o tipo narcísico, quando o indivíduo ama aquilo que deseja ser e não consegue, resultando na satisfação de seu próprio narcisismo. Isso também explica porque Freud é impelido a considerar a sublimação em meio à formação de

²⁶⁸ Freud constata essa separação no contexto em que, curiosamente, levanta a seguinte possibilidade, em nota de rodapé: “Não posso determinar aqui se a diferenciação entre essa instância censória e o resto do Eu é capaz de fundamentar psicologicamente a distinção filosófica entre consciência e autoconsciência.”/ “*Ob die Sonderung dieser zensorischen Instanz vom anderen Ich imstande ist, die philosophische Scheidung eines Bewußtseins von einem Selbstbewußtsein psychologisch zu fundieren, kann ich hier nicht entscheiden.*” (FREUD, 1914/2010b, p. 45; GW, 10, p. 165). Nosso autor não fornece mais nenhum dado que possibilite um aprofundamento da questão, mas gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que o levantamento do problema por si já permite dizer que Freud cogita estabelecer uma correspondência entre consciência e Eu, autoconsciência e consciência moral, que deixa de se sustentar quando o Eu narcísico se apresenta em sua proximidade com o sexual e seus correlatos – inconsciente, recalcado, processos primários, princípio de prazer, e assim por diante –, bem como com a posterior admissão de partes inconscientes no Eu e de porções ainda maiores inconscientes no Supereu, instância da segunda tópica que acaba por condensar a consciência moral e o ideal do Eu, tal como foram separadamente introduzidos no artigo de 1914.

ideal. Na verdade, as exigências que o ideal impõe ao Eu costumam ser tão duras, bem como a atividade crítica da consciência moral para que sejam alcançadas, que o recalque de conteúdos considerados inadequados é favorecido. A sublimação, por outro lado, consiste em uma saída mais saudável, por assim dizer, por mobilizar a pulsão a desviar da meta sexual e se contentar com outro destino, sem o gasto de energia envolvido no recalçamento.

Isso nos posiciona diante da imagem do Eu como uma instância composta, tal como já indicamos, por pelo menos três organizações diferentes, todas tributárias do narcisismo, a saber, o Eu atual; o ideal do Eu ou Eu ideal, que não julgamos legítimo separar, com base na letra freudiana; e a consciência moral, que intermediará a relação entre ambos, colocando exigências para o Eu atual de forma que ele seja capaz de garantir que o narcisismo da formação ideal seja satisfeito em alguma medida. Voltemos, então, ao delírio de observação na paranoia e àquela ideia que Freud apresenta de que o único erro do paranoico seria considerar que essa observação de si provém do exterior, das vozes que o atormentam. No final das contas, esse equívoco não é completo, na medida em que o psicanalista localiza a origem do ideal do Eu também no mundo externo, pois a incitação (*Anregung*) para a formação desse ideal é atribuída à influência dos pais e de suas figuras substitutivas, a saber, os professores, os educadores e a sociedade como um todo. Nesse sentido, a verdade que o delírio de observação revela, como já vimos, acaba por ser ainda mais profunda, pois localizar a crítica e a vigilância às quais se está subjugado nas vozes significa reconstituir a história do desenvolvimento da consciência moral, ela mesma uma “corporificação” (*Verkörperung*) das críticas do outro (FREUD, 1914/2010b, p. 43)²⁶⁹. A formação de ideal depende, portanto, da influência dos pais e das autoridades e da tentativa de restituição do narcisismo infantil.

Sobre a instância de observação de si, na *Conferência 26* lemos: “Ao se decompor, no delírio de observação, ela nos revela ser originária da influência exercida por pais, educadores e pelo meio social, da *identificação com algumas dessas pessoas modelares*” (FREUD, 2014b, p. 567, grifo nosso)²⁷⁰. Além da menção a uma decomposição da consciência moral, que remete ao fato de esta ser composta pelas influências já indicadas, o conceito de identificação entra em cena novamente para explicar como se edifica essa parte do Eu. Podemos observar, assim, não só a coexistência de diferentes organizações em sua interioridade, como também a participação da identificação na emergência da consciência

269 Cf. FREUD, GW, 10, p. 163.

270 “Wenn sie beim Beobachtungswahn zerfällt, so deckt sie uns dabei ihre Herkunft auf aus den Einflüssen von Eltern, Erziehern und sozialer Umgebung, aus der Identifizierung mit einzelnen dieser vorbildlichen Personen.” (FREUD, GW, 11, p. 444).

moral e do próprio ideal, já que Freud havia atribuído a mesma origem ao ideal do Eu no texto sobre o narcisismo – a influência crítica dos pais e de seus substitutos –.

Da mesma forma que o delírio de observação evidencia que a identificação cumpre esse papel de compor o ideal do Eu e a consciência moral, através da encarnação das exigências de determinados modelos, a melancolia revela a Freud como um objeto de amor que precisa ser abandonado, por razões variadas, pode ser edificado no interior do Eu por meio da identificação narcísica. Acrescentamos que a consciência moral também está presente nesta patologia, visto que é ela quem julga aquela parte do Eu que fora modificada por meio da identificação. “Vemos como nele [no melancólico] uma parte do Eu se contrapõe à outra, avalia-a criticamente e a toma como se fosse um objeto” (FREUD, 2021a, p. 105)²⁷¹: a partir desta afirmação, nosso autor propõe que essa parte separada do resto do Eu consiste na instância censuradora, que mais uma vez é desenhada como uma caricatura, com os exageros que convém à última, na afecção melancólica, mas que forma o Eu de modo geral. Nesse caso, a identificação poderia ser duplamente reconhecida, tanto na composição da consciência moral, quanto na modificação daquela parte do Eu pelo objeto de amor. O mais importante, contudo, é ressaltar que há um conflito interno ao Eu em jogo²⁷², de modo que o conflito com a pessoa amada passa a significar um conflito entre o Eu crítico (*Ichkritik*) ou a consciência moral, que podem ser tomados aqui como sinônimos, e o Eu alterado pela identificação do tipo narcísico. Desse modo, o suicídio se torna inteligível para Freud, em um momento teórico desprovido da noção de pulsão de morte e em que se encontrava ressaltada a imagem do Eu

271 “*Wir sehen bei ihm, wie sich ein Teil des Ichs dem anderen gegenüberstellt, es kritisch wertet, es gleichsam zum Objekt nimmt.*” (FREUD, GW, 10, p. 433).

272 É fato que aqui estamos defendendo a concepção de que o narcisismo e seus desdobramentos apresentam uma importância crucial para que Freud chegue à conclusão de que o Eu abriga o conflito em sua interioridade. Contudo, vale notar que outros meios também contribuem para que nosso autor chegue a esta intelecção. Para exemplificar, citemos Freud em *Introdução a Psicanálise das Neuroses de Guerra* (1919), mais precisamente a ocasião em que ele menciona um “conflito do Eu” (*Ichkonflikt*) nesse tipo de neurose. O antigo Eu dos tempos de paz entra em conflito com o novo Eu dos tempos de guerra no soldado, do qual o primeiro tem de se defender, já que ele oferece riscos a sua vida. Isso leva Freud a afirmar que nas neuroses de guerra o Eu se defende de um perigo que o ameaça de fora e que se corporifica (*verkörpern*) em uma configuração ou formação do próprio Eu (*Ichgestaltung*), de modo que se tema “um inimigo interno” (*ein innerer Feind*), tal como nas neuroses de transferência, em que o perigo provém da libido das pulsões sexuais (FREUD, 2010a, p. 388; GW, 12, p. 324). A data do texto, posterior à *Introdução ao narcisismo*, indica que Freud já havia admitido a possibilidade de clivagem do Eu a partir da alteração em sua estrutura herdada do narcisismo; no entanto, é interessante observar como essa divisão do Eu se presta a explicar um tipo específico de neurose, salientando como o Eu pode entrar não só em conflito com a libido – que também é um inimigo interno –, mas também com uma parte dele mesmo alterada pela influência externa, neste caso pelas condições da guerra. Trata-se de um processo análogo à formação do ideal do Eu e da consciência moral, enquanto incorporações da crítica vinda de fora, dos pais e da sociedade, ou à formação do Eu alterado do melancólico, desde a identificação com um objeto de amor que também é externo. Temos, por fim, a neurose de guerra como mais um caminho para destacar a imagem de um Eu que interioriza conflitos e se altera com isso, condensada naquela noção de *Ichkonflikt*.

que ama a si mesmo, devido ao protagonismo do narcisismo. O Eu só é capaz de se destruir quando se trata como o objeto ao qual se dirigia sua agressividade.

Freud já havia reconhecido, desde o *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos* (1917), que o exame ou prova de realidade (*Realitätsprüfung*), destinado a evitar que uma representação seja tomada como percepção e leve à alucinação, e a censura entre os sistemas psíquicos, mais precisamente aquela que regula a passagem de representações à consciência, seriam as “grandes *instituições do Eu*”, à espera de que as neuroses narcísicas permitissem o acréscimo de outras (FREUD, 2010b, p. 167, grifo do autor)²⁷³. A partir de *Luto e Melancolia* (1917), é acrescentada uma terceira “instituição” dessa instância, a saber, a consciência moral, que tem a particularidade de se encontrar separada do Eu (FREUD, 2021a, p. 105)²⁷⁴. Enquanto as duas primeiras instituições se relacionam mais a funções que o Eu desempenha, a última delas implica também uma diferenciação no Eu que podemos chamar de tópica, na medida em que envolve essa condição de objeto que uma parte do Eu assume em relação à outra, em uma relação conflituosa.

Destaquemos a seguinte observação de Freud, localizada em uma nota de rodapé de *O infamiliar* (1919), em meio a comentários sobre a consciência moral:

Creio que quando os poetas se queixam de que duas almas habitam o peito das pessoas e quando os psicólogos populares falam da cisão do Eu nas pessoas, eles têm em vista essa separação, que diz respeito à psicologia do Eu, entre a instância crítica e o resto do Eu, e não ao antagonismo descoberto pela psicanálise entre o Eu e o inconsciente recalçado. Em todo caso, a diferença é eliminada, na medida em que os elementos rejeitados pela crítica do Eu se encontram, antes de tudo, como derivados do recalçado. (FREUD, 2020a, p. 71).²⁷⁵

Vimos que o Eu é composto por diferentes organizações, sendo elas o ideal do Eu ou Eu ideal, a consciência moral e a parte do Eu que Freud chama de atual, julgada pela última e comparada com o ideal. Neste fragmento citado, é especificado que isso diz respeito à psicologia do Eu, e não àquela separação entre o Eu e o recalçado inconsciente, que acompanhamos no capítulo anterior ao circunscrever os polos em conflito na primeira teoria metapsicológica freudiana. Mesmo que Freud adicione a ressalva de que a parte do Eu desprezada pela instância crítica e o recalçado acabam, muitas vezes, por coincidir, de modo

273 “[...] *großen* Institutionen des Ichs...” (FREUD, GW, 10, p. 424).

274 Cf. FREUD, GW, 10, p. 433.

275 “*Ich glaube, wenn die Dichter klagen, daß zwei Seelen in des Menschen Brust wohnen, und wenn die Populärpsychologen von der Spaltung des Ichs im Menschen reden, so schwebt ihnen diese Entzweiung, der Ichpsychologie angehörig, zwischen der kritischen Instanz und dem Ich-Rest vor und nicht die von der Psychoanalyse aufgedeckte Gegensätzlichkeit zwischen dem Ich und dem unbewußten Verdrängten. Der Unterschied wird allerdings dadurch verwischt, daß sich unter dem von der Ich-Kritik Verworfenen zunächst die Abkömmlinge des Verdrängten befinden.*” (FREUD, 2020a, p. 70).

que se estabeleça de novo uma oposição entre uma parte censuradora do Eu e aquilo que é inconsciente por ser destinado ao recalque, não deixa de afirmar que está tratando de divisões internas ao Eu. Podemos pensar como Assoun (1995, p. 274): “Ainda não há amadurecimento, em 1919, para compreender que precisamente essas duas diferenças não se recobrem” – Eu e recalcado, Eu e consciência moral ou outras partes do próprio Eu –, o que talvez tenha levado Freud a nuançar a afirmação depois de fazê-la. De todo modo, ela está presente no texto, junto à ideia da clivagem do Eu, que permanece na teoria freudiana e ganha força, como também aponta o comentador. De todo modo, mais do que isso, buscamos expor que essa possibilidade de clivagem do Eu e do conflito entre suas partes é fruto do narcisismo, já que a formação de ideal é uma projeção do narcisismo perdido da infância e a instância crítica busca assegurar essa satisfação narcísica, assim como o Eu atual parece se posicionar em um lugar de incansáveis tentativas de alcançar o cumprimento do ideal.

Os efeitos disso para concepções posteriores da tópica psíquica são marcantes. Strachey chega a afirmar que a combinação da consciência moral com o ideal do Eu resultará no Supereu da segunda tópica (FREUD, 1914/1992a, p. 92). Como veremos, Freud chega a utilizar de modo intercambiável os termos “ideal do Eu” e “Supereu”, quando apresenta essa teoria do aparelho psíquico, em *O Eu e o Isso* (1923). Em tal contribuição direta de formações derivadas do narcisismo para a fundação do Supereu, à primeira vista parece que a cisão admitida no interior do Eu adquire autonomia através da última instância; foi preciso supor que há uma complexidade interna ao Eu para então, posteriormente, atribuir suas partes a outra instância específica, diferente do Eu. No entanto, interessa-nos chamar a atenção para o fato de que isso não significa que tenha se perdido a ideia de um conflito situado na interioridade do último. Mesmo com a segunda tópica, veremos que o Eu abriga incoerências jamais conciliáveis; isso é próprio de seu funcionamento e foi o aprofundamento de suas nuances, possibilitado pelo narcisismo, que levou Freud a concebê-lo desta forma. Falar de um Eu que é sexual, que se defende do sexual colocando-se como objeto para a libido, além de afirmar a composição do Eu por diferentes partes, que têm funções específicas, será indispensável para a aproximação de seu lado inconsciente, que não se esgota apenas ao Supereu²⁷⁶, de seu caráter contraditório e ambíguo, afinal vem a servir a propósitos

276 A propósito, esta é uma confusão que pode ser identificada no trabalho de Béatrice Longuenesse (2017), no capítulo sete, no qual a autora estabelece comparações entre a unidade transcendental da apercepção kantiana e o Eu em Freud. Em suas análises, ela parte do pressuposto de que a parte inconsciente do Eu na psicanálise freudiana estaria restrita ao Supereu, na medida em que este é concebido como uma parte que se separa do Eu e como a única que carrega a qualidade de ser inconsciente. Na verdade, além do Isso, o próprio Eu tem partes inconscientes no sentido dinâmico e o Supereu, regiões inconscientes ainda maiores

essencialmente distintos, e de sua cisão (*Ichspaltung*) diante do conflito com as pulsões e com a realidade – aspectos que indicamos agora, mas que serão detalhados mais tarde neste trabalho –.

Ressaltemos, ainda, que o exame minucioso do Eu via narcisismo endossa a noção do Eu como instância, em relação àquela do Eu como si mesmo (*das Selbst*), em referência ao indivíduo ou à pessoa. Não deixamos de levar em conta que esta é uma das ambiguidades inerentes ao *Ich* freudiano, “porque a articulação destes dois sentidos está precisamente no centro da problemática do ego”, como bem apontam Laplanche e Pontalis (1970, p. 173), o que impede uma decisão definitiva por uma das perspectivas. Em todo caso, tomar partido da aceção do Eu como si mesmo parece abrir margem para seu entendimento como *Self*, posição que parece insustentável depois do percurso que realizamos entre o narcisismo e seus desdobramentos para a concepção do Eu. Green (1988a, p. 152), que também assume que Freud “oscila constantemente entre o Eu como instância parcial do aparelho psíquico e o Eu como entidade unitária, totalização da personalidade psíquica”, afirma, por outro lado, a importância de se dedicar ao Eu como instância, “porque, mesmo se esta ambiguidade for constitutiva da teoria do Eu em psicanálise, permanece a ideia de que uma estrutura unitária totalizante continua sendo inconcebível para o pensamento psicanalítico.” É assim que ele justifica suas reservas em relação às concepções que apelam para o *Self*, e é assim que reiteramos a relevância do narcisismo em alterar o estatuto do Eu, seja no sentido tópico ou dinâmico.

Após este trajeto, temos condições de desenvolver o próximo capítulo, passar propriamente às mudanças da “virada” de 1920 no pensamento freudiano e examinar as condições do Eu da segunda tópica, sem perder de vista o papel fundamental desempenhado pelo narcisismo.

que as do último, como veremos mais tarde. Para uma análise mais detalhada, ver Filla (2019).

CAPÍTULO 3

A “VIRADA” DE 1920 E AS INCIDÊNCIAS DO NARCISISMO

O objetivo deste capítulo consiste em acompanhar as reformulações propostas por Freud a partir de 1920 em seus dois eixos, a saber, o que se refere à teoria pulsional e aquele dedicado à teoria do aparelho psíquico. Se, por um lado, tomá-los separadamente implica uma divisão artificial de pilares da teoria freudiana que são, na verdade, dependentes entre si, levando em conta que o funcionamento da alma é tópico, econômico e dinâmico ao mesmo tempo; por outro lado, é uma forma de tornar viável a exposição do problema e possível a indicação das incidências do narcisismo em cada um dos eixos mencionados.

Partiremos da apresentação do segundo dualismo pulsional e nos guiaremos pelo propósito de mostrar, em primeiro lugar, a participação do narcisismo nessa mudança como parte da teoria da libido responsável por inviabilizar a oposição entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, ao permitir que o Eu também seja visto como uma instância de natureza sexual, ponto de vista exposto pelo próprio Freud e por uma série de comentadores. Em segundo lugar, passaremos a suas contribuições menos explícitas, relacionadas à estrutura que estaria por trás dos fenômenos do sadismo e do masoquismo, os quais, por sua vez, têm um peso fundamental para a hipótese da pulsão de morte. Por fim, no terceiro tópico, acrescentaremos que o narcisismo também participa dessa mudança em outro sentido, revelando certa dimensão ligadora da sexualidade necessária à noção de pulsão de vida. Isso porque traz à tona a condição de unidade do Eu, enquanto objeto total no qual as pulsões sexuais investem. Se o Eu também é sexual, ele não é apenas inundado pelas características da sexualidade, como também a influencia com os seus atributos.

Posteriormente, entraremos no âmbito da segunda tópica psíquica. Neste caso, começaremos pelo menos visível, a saber, a contribuição do narcisismo em revelar partes dinamicamente inconscientes do Eu, regiões dele que se comportam como o recalcado. Menos visível porque Freud outorga esse papel à resistência. Com base nisso, passaremos ao segundo ponto, a saber, a possibilidade de reconhecer o narcisismo no próprio fenômeno da resistência. Para expor esse lugar onde ambos se encontram, contudo, teremos de mergulhar nas relações entre o Eu e o Isso, sobretudo sob a perspectiva de reconhecer características do primeiro que são reforçadas ou que tomam forma nessa concepção do aparelho psíquico a

partir da oposição ao segundo. Em um terceiro momento, convocaremos a formação do Supereu e exploraremos os efeitos do narcisismo para essa edificação, o que nos recolocará diante de sua relação com a identificação e com formação do ideal. No quarto e último tópico, diante da complexificação do Eu que se anuncia, trataremos da posição que ele ocupa diante do Isso, do Supereu e da realidade e acentuaremos sua condição de ser fronteiro, situado nos limites da sujeição e do domínio, marcas de sua ambiguidade.

Como procuraremos mostrar, o papel do narcisismo de operador e fomentador dessas reconfigurações se fundamenta sempre em uma modificação no estatuto do Eu. Nesse sentido, todo o percurso será atravessado por uma questão em comum, desdobrada a partir do narcisismo, a saber, as ambiguidades encarnadas pelo Eu na teoria freudiana. Quando abordarmos a construção do segundo dualismo pulsional, veremos que continua a se esboçar um conflito interno ao Eu, que, com o narcisismo, se dava nos termos do abrigo da sexualidade em seu interior, junto à autoconservação, e depois passa a se configurar em termos da coexistência dos impulsos de vida e de morte em seu âmago. Com a passagem pela tópica psíquica, a natureza ambígua dessa instância toma formas bem nítidas, pelas relações que ela estabelece tanto com as outras regiões do aparelho psíquico, quanto com o mundo que a cerca. Dedicaremos nossos esforços a explorá-la, pois parece que as dificuldades que o narcisismo traz ao estatuto do Eu e, conseqüentemente, à concepção de conflito psíquico não se resolvem com a “virada” de 1920, mas sim que tal instância se torna cada vez mais complexa em seus escritos.

3.1 A segunda teoria das pulsões: contribuições explícitas do narcisismo para sua edificação

Como é do conhecimento dos leitores de Freud, a primeira apresentação do segundo dualismo pulsional se encontra em *Além do princípio de prazer*, obra publicada em 1920 e cuja polêmica recepção no meio psicanalítico ecoa até a atualidade. De modo geral, sabemos que Freud fará um remanejamento de sua teoria dualista das pulsões; a distinção entre pulsões do Eu ou de autoconservação e pulsões sexuais será considerada insuficiente para explicar a dinâmica da vida anímica e será proposta a redistribuição das forças entre pulsões de vida e de morte. Como afirma Widlöcher (1988), a pulsão de morte se inclui entre os temas clássicos, porém controvertidos da teoria freudiana; com seu cunho especulativo, deu lugar a

interpretações e aplicações muito diversas. Nas palavras de Tales Ab’Saber (2016, p. 22), em sua introdução a uma das traduções brasileiras, *Além do princípio de prazer* é uma obra de fronteira que se sobressai “de modo singular a toda a obra freudiana e até mesmo, possivelmente, em toda a história do pensamento e do movimento psicanalítico posterior.” Considerando a complexidade dessa obra e do assunto nela tratado, torna-se irrealizável a pretensão de abarcá-la em suas minúcias. Para nossos propósitos, cabe olhar para este texto do ponto de vista da incidência do narcisismo para a formulação das hipóteses delineadas, razão pela qual apresentaremos suas concepções fundamentais orientados por este problema.

Em sua importante análise de *Além...*, Monzani (1989, p. 144) propõe que nesse “texto labiríntico” o psicanalista se mune de um recurso frequente em sua obra: “[...] a estratégia de Freud parece ser a de que o argumento singular, por si só, nada prova, só adquirindo valor quando se insere numa *série*. É a série, enquanto tal, que tem valor probatório” (MONZANI, 1989, p. 155, grifo do autor). É o arranjo dos fatos observados por Freud que adquire o valor de argumento para justificar o pressuposto da compulsão à repetição (*Wiederholungszwang*) de situações de desprazer, que seria “mais originária, mais elementar e mais pulsional do que o princípio de prazer por ela deixado de lado” (FREUD, 1920/2020c, p. 99)²⁷⁷. Os fenômenos elencados – válidos somente quando tomados em conjunto, já que isoladamente também podem ser explicados por outros motivos – que levam a tal constatação consistem nos sonhos das neuroses traumáticas, os quais, por consistirem em repetições das cenas de terror, revelam “as enigmáticas tendências masoquistas do Eu” (FREUD, 2020c, p. 75)²⁷⁸; o jogo ou brincadeira (*Spiel*) infantil, mais especificamente a brincadeira do *Fort-Da*, na qual a criança repete a ausência do objeto materno e revive a angústia dessa perda; a repetição do neurótico na transferência durante o tratamento analítico; e, por fim, as neuroses de destino, um tipo de “eterno retorno do mesmo” (*ewige Wiederkehr des Gleichen*) na vida de pessoas não neuróticas. Trabalhando sobre esse conjunto de dados²⁷⁹, Freud concebe a compulsão a repetir

277 “[Es bleibt genug übrig, was die Annahme des Wiederholungszwanges rechtfertigt, und dieser erscheint] uns ursprünglicher, elementarer, triebhafter als das von ihm zur Seite geschobene Lustprinzip.” (FREUD, 2020c, p. 98).

278 “[...] der rätselhaften masochistischen Tendenzen des Ichs...” (FREUD, 2020c, p. 74).

279 Termos como “fenômenos”, “fatos” ou “dados” para se referir às neuroses traumáticas, ao jogo infantil, etc. – os indicadores de que há uma compulsão de repetição –, foram tomados de Monzani (1989, p. 154-56), que desenvolve seu argumento como resposta à pergunta que ele mesmo se coloca: “Como esse conjunto de dados é trabalhado por Freud?”. Vale notar que a escolha por tais expressões, bem como a pergunta levantada, convergem com a posição assumida pelo filósofo, já na introdução de seu livro, a respeito da influência de algumas das observações clínicas de Freud sobre a teoria psicanalítica, no sentido de “afetar a *estrutura teórico-explicativa da Psicanálise*” (MONZANI, 1989, p. 16, grifo do autor). Quer dizer que, para o autor, a experiência clínica incide sobre a metapsicologia freudiana, levando a modificações teóricas, ponto a respeito do qual estamos de acordo com ele.

vivências desprazerosas, estranha ao princípio de prazer, como um meio de alcançar o domínio de quantidades de estímulo que invadiram o aparelho psíquico em um trauma. Este se caracteriza pelo rompimento de sua camada de proteção, que funciona como um anteparo diante dos estímulos do mundo externo. O além do princípio de prazer do qual fala Freud, de acordo com sua especulação de largo alcance, seria a atividade de “ligação” (*Bindung*) destinada ao “domínio” (*Bewältigung*) desse excesso de quantidades que inunda violentamente o aparelho no trauma, necessária para que o princípio de prazer possa iniciar seu império, de modo que o ato de ligar seja uma função do aparelho anímico que não contradiz o princípio regulador da alma, mas que é independente dele e mais primordial que ele (FREUD, 2020c, p. 119)²⁸⁰.

É somente a partir das concepções de compulsão à repetição e da função de ligação a ela relacionada que Freud se aproxima das noções de pulsão de morte e pulsão de vida. Saltaremos ao lugar do escrito onde é introduzido o questionamento sobre a conexão estabelecida entre a compulsão à repetição e as pulsões. Se os fenômenos convocados por nosso autor já mostravam que esta compulsão se mostra “mais pulsional” que o próprio princípio de prazer, no capítulo quinto de seu livro os vínculos entre ambas são devidamente explorados. Pontos de vista muito próximos aos que já pudemos observar no primeiro capítulo de nosso trabalho, na linguagem neurológica do *Projeto de uma psicologia*, são atualizados²⁸¹,

280 Cf. FREUD, 2020c, p. 118. Embora tenhamos advertido o leitor de que não nos ocuparemos das minúcias de *Além do princípio de prazer*, algumas questões merecem ao menos serem indicadas. A respeito da compulsão à repetição, sabemos que as coisas não são tão simples assim: mais uma vez com Monzani (1989, p. 181), é necessário reconhecer que há uma pluralidade de interpretações sobre o papel da compulsão à repetição nessa trama, tributária da variedade de fenômenos aos quais Freud recorre para sustentar sua hipótese. Pode estar tanto a serviço da atividade de ligação e do estabelecimento do princípio de prazer, de modo convergente com o que expusemos aqui; quanto em franca oposição a este. Em casos como o das brincadeiras infantis, a repetição, ainda que seja de situações de desprazer, não chega a contradizer o princípio de prazer, já que a criança pode experimentar sensações agradáveis na própria atividade, como também tornar-se ativa diante de vivências que experimentou de forma passiva, tal como a separação da mãe. Os sonhos das neuroses traumáticas também são exemplos da compulsão à repetição não propriamente oposta ao princípio de prazer, mas a serviço da atividade de ligação e, conseqüentemente, da preparação para o estabelecimento daquele princípio, já que o retorno às cenas traumáticas é uma tentativa de dominar o excesso de quantidades não ligado. Já no exemplo da análise do neurótico, Freud (1920/2020c, p. 129, grifos do autor) destaca o quanto a compulsão à repetição se contrapõe ao princípio de prazer: “No caso do analisando, ao contrário, fica claro que a compulsão em repetir na transferência os acontecimentos do período infantil de sua vida ultrapassa o princípio de prazer de *todas* as maneiras.” Para Monzani (1989, p. 183, grifos do autor), esta parece ser a única situação em que a “*absoluta oposição*” entre compulsão à repetição e princípio de prazer acontece; de todo modo: “Em resumo, conforme se conceda uma importância privilegiada aos diferentes exemplos onde ela se manifesta, ter-se-á uma interpretação distinta.” Ainda segundo o autor, contudo, cada uma dessas interpretações toca em um ponto importante da compulsão à repetição.

281 Lembrando que não é novidade na literatura psicanalítica traçar o parentesco entre as teses do *Projeto...* e de *Além do princípio de prazer*. Mais uma vez, podemos citar Monzani (1989), em vários momentos do terceiro capítulo de seu livro, como exemplo.

como a ideia de que não há como se proteger de excitações oriundas do interior do corpo, tal como é possível fazê-lo em relação ao mundo externo. Logo, os efeitos das pulsões, definidas aqui como “representantes de todos os efeitos de forças que se originam no interior do corpo e são transferidos para o aparelho anímico” (FREUD, 2020c, p. 125)²⁸², podem ser equivalentes ao das neuroses traumáticas, nas quais estão em jogo estímulos vindos de fora. Além disso, Freud recupera a distinção, também inaugurada no *Projeto*, entre processos psíquicos primários e secundários; as pulsões, por afetarem os sistemas inconscientes, não poderiam obedecer a outros processos senão os primários, nos quais a energia é livremente móvel e busca-se apenas o escoamento, ao passo que os processos secundários operam com energia ligada (*gebunden*) ou tônica (*tonisch*) e são comuns nos sistemas pré-conscientes e conscientes. Nosso autor se utiliza dessas concepções já conhecidas para afirmar:

Seria então a tarefa das camadas superiores do aparelho anímico ligar a excitação das pulsões que afetam o processo primário. O fracasso dessa ligação provocaria uma perturbação análoga à da neurose traumática; só depois de uma ligação bem-sucedida é que poderia se estabelecer, sem inibição, o domínio do princípio de prazer (e de sua modificação em princípio de realidade). Mas até lá, é a outra tarefa do aparelho psíquico que teria prioridade, a de dominar ou ligar a excitação, não certamente em oposição ao princípio de prazer, mas independente dele e, em parte, sem levá-lo em consideração. (FREUD, 2020c, p. 127).²⁸³

A tarefa de ligação, segundo este fragmento, é atribuída às “camadas superiores do aparelho anímico”. Levando em conta o percurso realizado até aqui, não há dificuldades em reconhecer que o Eu ocupa essa região mais elevada da qual fala Freud, questão à qual retornaremos mais tarde. Por outro lado, são as pulsões e sua energia livre que devem ser submetidas à ligação para que possam adentrar no funcionamento do princípio de prazer. Nota-se a aproximação entre o Eu e a função de ligação preparatória ao princípio de prazer, ao passo que as pulsões, por seu vínculo com o inconsciente, insistem nos processos primários. Se for na falha da ligação, “quando essa operação fracassa em seus propósitos”, no “vazio da *Bindung*, nessa fresta, que aparece a compulsão à repetição” (MONZANI, 1989, p. 181), podemos começar a conceber as relações entre a compulsão de repetição e a pulsão: a última

282 “[...] die Repräsentanten aller aus dem Körperinnern stammenden, auf den seelischen Apparat übertragenen Kraftwirkungen...” (FREUD, 2020c, p. 124). Sobre a ambiguidade do conceito de pulsão, como algo que já é psíquico ou como algo somático que requer representantes psíquicos, sugerimos ao leitor que volte à discussão sobre isso localizada em nosso primeiro capítulo.

283 “Es wäre dann die Aufgabe der höheren Schichten des seelischen Apparates, die im Primärvorgang anlangende Erregung der Triebe zu binden. Das Mißglücken dieser Bindung würde eine der traumatischen Neurose analoge Störung hervorrufen; erst nach erfolgter Bindung könnte sich die Herrschaft des Lustprinzips (und seiner Modifikation zum Realitätsprinzip) ungehemmt durchsetzen. Bis dahin aber würde die andere Aufgabe des Seelenapparates, die Erregung zu bewältigen oder zu binden, voranstehen, zwar nicht im Gegensatz zum Lustprinzip, aber unabhängig von ihm und zum Teil ohne Rücksicht auf dieses.” (FREUD, 2020c, p. 126).

escapa à ligação, permanece no modo de funcionamento do inconsciente, compelindo à satisfação e insistindo por meio da repetição. Freud (2020c, p. 127) pode então dizer que os fenômenos que exteriorizam a compulsão de repetição mostram em alto grau um “caráter pulsional (*triebhaft*)”. Conforme esclarece Giacoia Junior (2010, p. 83, grifo do autor), “a compulsão à repetição atestaria o caráter coercitivo, indestrutível, próprio do elemento *pulsional*.” Revelaria a insistência que é própria da pulsão, que pressiona ininterruptamente para atingir sua finalidade. Como complementa Monzani (1989, pp. 185-186): “A pulsão é, nela mesma, repetitiva. Ela é repetição. Mas repetição de quê?”. A resposta pode ser encontrada no que o criador da psicanálise supõe ser o caráter geral das pulsões:

Uma pulsão seria, portanto, uma pressão inerente ao orgânico animado para restabelecer um estado anterior, pressão que esse ser animado precisou abandonar sob a influência de forças perturbadoras externas; ela seria uma espécie de elasticidade orgânica ou, se preferir, a manifestação da inércia na vida orgânica. (FREUD, 2020c, p. 131, grifo do autor).²⁸⁴

A afirmação da natureza conservadora (*konservativ*) das pulsões e, em última instância, daquilo que é vivo²⁸⁵, com base na compulsão à repetição, é reiterada a partir de alguns exemplos biológicos, entre eles os movimentos de retorno aos antigos habitats por parte de certos peixes e de determinadas aves de arribação. Freud defende, então, que as pulsões teriam sido adquiridas historicamente, no sentido de terem registrado a história do desenvolvimento dos organismos, e tenderiam a restabelecer um estado anterior, já alcançado antes e perturbado por aquelas forças exteriores. Tal estado seria o próprio inorgânico, que precedeu o orgânico e precisou ser abandonado, de modo que se possa chegar à máxima: “*A meta de toda vida é a morte*” (FREUD, 2020c, p. 137, grifo do autor)²⁸⁶.

A partir dessa montagem, a vida adquire o caráter de um desvio, imposto por influências desconhecidas do mundo externo, em relação ao caminho originário em direção à morte. De todo modo, não é de qualquer desvio que se trata a vida. Como explicar o enigmático empenho do organismo para sobreviver? Freud traz à cena as pulsões de autoconservação e uma nova perspectiva em relação a elas, baseada na ideia de que o

284 “Ein Trieb wäre also ein dem belebten Organischen innewohnender Drang zur Wiederherstellung eines früheren Zustandes, welchen dies Belebte unter dem Einflüsse äußerer Störungskräfte aufgeben mußte, eine Art von organischer Elastizität, oder wenn man will, die Äußerung der Trägheit im organischen Leben.” (FREUD, 2020c, p. 130).

285 Vale notar que a estratégia argumentativa de Freud passa pelas considerações “sobre a gênese do aparelho psíquico e essa história irá, por uma analogia, se fundir com a história da gênese do organismo”, de modo que: “Ao fundir a reflexão sobre as pulsões no psiquismo com a gênese do organismo vivo, abre-se a via de passagem para chegar às duas grandes forças que regem os fenômenos da vida” (SORIA, 2017, p. 248). Devido ao recorte de nosso trabalho, não acompanhamos passo a passo essa construção freudiana, mas é pertinente ao menos levá-la em consideração.

286 “Das Ziel alles Lebens ist der Tod.” (FREUD, 2020c, p. 136).

organismo só luta com tanto vigor contra todos os perigos externos que possam conduzi-lo mais rapidamente à condição inanimada porque quer morrer à sua maneira. As pulsões do Eu, portanto, são concebidas do seguinte modo: “[...] trata-se de pulsões parciais, destinadas a assegurar ao organismo seu próprio caminho para a morte e a manter afastadas quaisquer outras possibilidades de retorno ao inorgânico que não sejam as imanentes” (FREUD, 2020c, p. 139)²⁸⁷. Eis o contexto que permite a Freud caracterizar, de modo aparentemente paradoxal, as pulsões de autoconservação como “guardiães da vida” (*Lebenswächter*) e “serviçais da morte” (*Trabanten des Todes*).

Aqui começamos a assistir as mudanças sofridas pelo primeiro dualismo pulsional. A hipótese das pulsões de morte toma forma com a nova interpretação de um dos grupos pulsionais já conhecidos, o das pulsões do Eu ou de autoconservação. Já o pressuposto das pulsões de vida é alcançado por Freud pela via das pulsões que costumavam se opor às últimas, as sexuais. Ele chega até elas quando se volta para as células germinativas, que se soltam do organismo total, do soma, fundem-se com outras células germinativas do sexo oposto, gerando um novo organismo, e, assim, desfrutam de uma espécie de “imortalidade potencial”, ainda que isso não passe, em última instância, de um prolongamento do caminho até a morte. O principal é que nosso autor mantém o antagonismo que necessita para sustentar sua posição dualista, da qual nunca se dispôs a abrir mão:

As pulsões que cuidam dos destinos desses organismos elementares que sobrevivem ao ser individual, que cuidam de sua acomodação segura quando estão indefesos diante dos estímulos do mundo exterior, que propiciam o seu encontro com as outras células germinativas etc., constituem o grupo das pulsões sexuais. Elas são conservadoras no mesmo sentido que as outras, quando trazem de volta estados anteriores da substância viva, mas o são em medida mais intensa, quando se mostram particularmente resistentes contra influências externas, e o são ainda em um sentido mais amplo, já que preservam a própria vida por períodos mais longos. Elas são as verdadeiras pulsões de vida; tendo em vista que elas trabalham contra o propósito das outras pulsões, propósito que, dada a função destas, leva à morte; anuncia-se entre elas e as restantes uma oposição que a doutrina da neurose reconheceu muito cedo como significativa. (FREUD, 2020c, p. 141 e p. 143).²⁸⁸

287 “[...] es sind Partialtriebe, dazu bestimmt, den eigenen Todesweg des Organismus zu sichern und andere Möglichkeiten der Rückkehr zum Anorganischen als die immanenten fernzuhalten...” (FREUD, 2020c, p. 138).

288 “Die Triebe, welche die Schicksale dieser das Einzelwesen überlebenden Elementarorganismen in acht nehmen, für ihre sichere Unterbringung sorgen, solange sie wehrlos gegen die Reize der Außenwelt sind, ihr Zusammentreffen mit den anderen Keimzellen herbeiführen usw., bilden die Gruppe der Sexualtriebe. Sie sind in demselben Sinne konservativ wie die anderen, indem sie frühere Zustände der lebenden Substanz wiederbringen, aber sie sind es in stärkerem Maße, indem sie sich als besonders resistent gegen äußere Einwirkungen erweisen, und dann noch in einem weiteren Sinne, da sie das Leben selbst für längere Zeiten erhalten. Sie sind die eigentlichen Lebenstriebe; dadurch, daß sie der Absicht der anderen Triebe, welche durch die Funktion zum Tode führt, entgegenwirken, deutet sich ein Gegensatz zwischen ihnen und den übrigen an, den die Neurosenlehre frühzeitig als bedeutungsvoll erkannt hat.” (FREUD, 2020c, p. 140 e p. 142).

As pulsões sexuais são explicitamente equiparadas às pulsões de vida neste fragmento e o leitor passa a visualizar a imagem modificada das forças da alma que Freud busca desenhar, utilizando-se do dualismo pulsional já conhecido, aquele que explicava o conflito neurótico: um dos grupos de pulsões, as pulsões do Eu, agora consideradas como serviçais da morte, buscam conduzir o organismo ao inorgânico, ainda que por razões internas; o outro grupo, o das pulsões sexuais ou de vida, se esforça por tornar este caminho mais longo e, pela fusão de células germinativas na reprodução sexual, acaba por recomeçar esse trajeto sempre outra vez, originando outro ser vivo que repetirá o mesmo ciclo. Quanto ao caráter conservador das pulsões sexuais ou de vida, que Freud defende no excerto citado, está permeado por oscilações, diferentemente do que acontece com as pulsões de morte, para as quais o estado antigo ao qual almejam retornar consiste no inanimado. Não cabe discutir esse tema aqui²⁸⁹, mas vale dizer que para conciliar a meta das pulsões sexuais ou de vida, chamadas então de Eros, de “agrupar o orgânico em unidades cada vez maiores” (FREUD, 2020c, p. 149)²⁹⁰, nosso autor recorrerá, no sexto capítulo, ao mito platônico segundo o qual, a princípio, a humanidade se dividiria em três gêneros, a saber, macho, fêmea e andrógino. O último reuniria os outros dois e também apresentaria todas as partes do corpo duplicadas, até que Zeus teria ordenado a divisão do andrógino em duas partes, de modo que as metades almejarium se fundir novamente em um único ser. É a este estado que as pulsões sexuais buscarium retornar.

É também no sexto capítulo que Freud prossegue sua argumentação com incursões pela biologia em relação à hipótese de que o vivo morre por causas internas – a questão da morte natural –, mais precisamente em como se daria isso nos seres unicelulares, os protozoários. No entanto, depois de recorrer a alguns autores e seus experimentos, “conclui que o exame empírico da questão é irrelevante para estabelecer ou falsificar o princípio que propõe” (MEZAN, 1982, p. 262). De todo modo, tanto a teoria do fisiologista Ewald Hering sobre os processos construtivos (*aufbauend*) ou assimilatórios (*assimilatorisch*) e desconstrutivos (*abbauend*) ou dissimilatórios (*dissimilatorisch*) que estariam em ação na substância viva; quanto a filosofia de Schopenhauer, na qual Freud visualiza a morte como a

289 A respeito dessa questão, ver o artigo *A natureza conservadora das pulsões sexuais: um olhar para além da meta ligadora de Eros* (FILLA, 2020a). Nele, mostram-se os movimentos regressivos que Freud sempre supôs na pulsão sexual e questiona-se certa visão de que haveria uma redefinição do conceito de pulsão a partir de 1920, por conta da afirmação de sua natureza conservadora, no lugar da ideia de algo que impulsiona em direção à mudança e ao desenvolvimento.

290 “[...] *das Organische zu immer größeren Einheiten zusammenzufassen...*” (FREUD, 2020c, p. 148).

meta da vida e a pulsão sexual como a “corporificação” da vontade de viver (FREUD, 2020c, p. 167)²⁹¹, são pontos de chegada da argumentação freudiana que coroam o novo antagonismo entre pulsões de vida e pulsões de morte, sem que o anterior seja descartado, já que é por meio dele que se chega a tal configuração.

A partir deste recorte, voltemos ao nosso problema principal, a saber, onde o narcisismo entra nessa engrenagem, uma vez que, até agora, não há sequer um rastro dele? Pois bem, ele começa a atravessar o eixo pulsional da “virada” de 1920 sob a pena do próprio Freud. Vamos nos atentar, primeiramente, à participação do conceito explicitamente reconhecida por nosso autor, ainda em *Além...*, para que então possamos fazer trabalhar relações menos evidentes. O narcisismo não entra na conta daquela série de fenômenos observados por Freud que o levaram a supor a compulsão de repetição, mas sim como peça chave da doutrina da libido que, do ponto de vista metapsicológico, contribuiu para as revisões expostas. A esse respeito, há três momentos que merecem nossa atenção, localizados no sexto capítulo do escrito de 1920.

O primeiro deles é quando nosso autor propõe “uma visão de conjunto do lento desenvolvimento da nossa teoria da libido” (FREUD, 2020c, p. 169)²⁹². Ele traça, então, uma linha que vai da oposição entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, que seriam as pulsões dirigidas aos objetos, retomando a hipótese de que a alma seria animada pela luta entre a fome e o amor; passa pela introdução do narcisismo e chega até o choque entre pulsões de vida e de morte. Sobre isso, lemos: “O passo seguinte foi dado quando a psicanálise pôde tatear mais de perto do Eu psicológico, que inicialmente só lhe era conhecido como instância recalcadora, que censura e que é capaz de produzir construções protetivas e formações reativas” (FREUD, 2020c, p. 167)²⁹³. O conceito de narcisismo ocupa o lugar intermediário, de transição, responsável por ter colocado a teoria da libido em movimento, rumo a seu último formato, na medida em que revelou o Eu como o reservatório original e autêntico da libido, o lugar de onde a libido parte para os objetos e para onde retorna. O Eu não apenas é objeto sexual, como também é o “mais eminente” (*vornehmst*) deles, diz Freud. Se a libido permanece no Eu de tal modo, parte das pulsões de autoconservação precisa ser reconhecida como libidinoso, o que inviabiliza a mera equivalência que o autor estava propondo no texto entre pulsões do Eu

291 Cf. FREUD, 2020c, p. 166.

292 “[...] *die langsame Entwicklung unserer Libidotheorie zu überschauen.*” (FREUD, 2020c, p. 168).

293 “*Der nächste Schritt erfolgte, als sich die Psychoanalyse näher an das psychologische Ich herantasten konnte, das ihr zunächst nur als verdrängende, zensurierende und zu Schutzbauten, Reaktionsbildungen befähigte Instanz bekannt geworden war.*” (FREUD, 2020c, p. 170).

e pulsões de morte, pulsões sexuais e pulsões de vida. Isso fica claro quando observamos a sentença freudiana: “[...] no Eu também havia – provavelmente ao lado de outras – pulsões sexuais atuando” (FREUD, 2020c, p. 173)²⁹⁴.

Nesse momento, Freud reconhece, sem reservas, a insuficiência da oposição entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação, em relação à qual ele já trazia alguma desconfiança desde o artigo sobre o narcisismo, em 1914, mas que só pôde ser cabalmente assumida agora, quando foi encontrado outro inimigo para aquilo que é sexual – a pulsão de morte. Se a sexualidade é uma constante na obra de Freud, como aponta Green (1988a, p. 56, grifo do autor), vai exigir sempre uma “*pulsão antissexual*”; a princípio, a autoconservação, que seria função do Eu, cumpre esse papel. Isso funciona enquanto prevalece a visão sobre o Eu defensor, recalcador e censor que procuramos reconstruir durante o primeiro capítulo e que Freud recupera aqui no texto de 1920, mas malogra a partir do reconhecimento de que tal instância também é sexual, segundo as elucidações de nosso segundo capítulo. Por assim dizer, o agente da defesa e aquilo do que ele se defende compartilham das mesmas propriedades, o que faz deles mais próximos e menos distinguíveis. É só com a possibilidade de localizar outra pulsão antissexual, a pulsão de morte, que Freud consegue sustentar sua posição dualista e marcar seu afastamento tanto de posições como a daqueles que acusam a psicanálise de pansexualismo, já que toda energia seria libidinal e, portanto, sexual; quanto de teses como as de Jung, para quem a libido é uma energia psíquica geral que move a alma.

Entretanto, para não sucumbir à hegemonia da libido, não basta a Freud reconhecer que há pulsões sexuais do Eu e de objeto e pulsões de morte; afinal, de onde viriam as últimas? Ele precisa salvaguardar a posição que desenvolveu ao longo de seu texto, segundo a qual são as pulsões do Eu que conduzem o organismo à sua própria morte. Para tanto, afirma que *nem todas* as pulsões do Eu são libidinosas. Como vimos, apenas *uma parte delas*, que atua junto a outras, é sexual. Com isso, parecem coexistir no Eu pulsões de natureza libidinosas (libido narcísica) e pulsões de morte. O problema é que as últimas não são facilmente demonstráveis:

Supomos que no Eu estejam em ação outras pulsões além das pulsões libidinais de autoconservação; só teríamos de ser capazes de apontá-las. É lamentável que a análise do Eu tenha avançado tão pouco e que fornecer essa prova se torne muito difícil para nós. (FREUD, 2020c, p. 175)²⁹⁵.

294 “[...] *im Ich waren — neben anderen wahrscheinlich — auch Sexualtriebe wirksam...*” (FREUD, 2020c, p. 172).

295 “*Wir vermuten, daß im Ich noch andere als die libidinösen Selbsterhaltungstrieb e tätig sind; wir sollten nur imstande sein, sie aufzuzeigen. Es ist zu bedauern, daß die Analyse des Ichs so wenig fortgeschritten ist, daß dieser Nachweis uns recht schwer wird.*” (FREUD, 2020c, p. 174).

O segundo momento que aponta para a contribuição do narcisismo na revisão do dualismo pulsional em *Além...* apenas reitera sua posição intermediária na *Trieblehre* e revela certa hesitação de Freud em relação à hipótese das pulsões de vida e de morte: “Não ignoro que o terceiro passo que empreendi na teoria das pulsões não possa pretender a mesma certeza que os dois anteriores, a ampliação do conceito de sexualidade e a formulação do narcisismo” (FREUD, 2020c, p. 193)²⁹⁶. O ponto é que os dois primeiros passos dos quais fala Freud são considerados por ele como “traduções diretas da observação para a teoria”, enquanto o caráter regressivo das pulsões, apesar de se apoiar nos “fatos da compulsão à repetição” (FREUD, 2020c, p. 193)²⁹⁷, pode estar pautado na superestimação do material observado, o que, possivelmente, leva a incertezas maiores.²⁹⁸ De todo modo, sabemos que nosso autor confiará em suas especulações e persistirá nessa configuração teórica até seus últimos escritos.

Já a terceira e última ocasião, uma extensa nota de rodapé que finaliza o sexto capítulo, torna mais precisas não apenas as derivações que nosso autor faz do primeiro dualismo para o segundo, mas também o fato de que as pulsões do Eu se dividem entre aquelas de natureza libidínica e aquelas, difíceis de demonstrar, cuja energia não é a libido e que configuram, justamente, as pulsões de morte. Depois de afirmar que as pulsões sexuais, o que inclui a libido narcísica, se converteram em Eros, que busca a coesão das partes da substância viva, Freud diz que o que se entendia por pulsões sexuais aparece agora como a parte de Eros voltada aos objetos. Já a pulsão de morte, esta nasce a partir da tensão gerada no inanimado; assim que há vida, há ímpeto de retornar à não vida. Em um acréscimo de 1921 a esta mesma nota, nosso autor toca no ponto que mais nos chama a atenção:

296 “*Ich erkenne nicht, daß der dritte Schritt in der Trieblehre, den ich hier unternehme, nicht dieselbe Sicherheit beanspruchen kann wie die beiden früheren, die Erweiterung des Begriffs der Sexualität und die Aufstellung des Narzißmus.*” (FREUD, 2020c, p. 192).

297 “[...] direkte Übersetzungen der Beobachtung in Theorie...”; “[...] Tatsachen des Wiederholungszwanges” (FREUD, 2020c, p. 192).

298 Vale notar que, para Gabbi Junior, em sua apresentação ao livro de Kimmerle (2000), um dos grandes “defeitos” da obra de Freud seria “a mania de tratar questões conceituais como se fossem empíricas” (p. XV). Não seria a observação dos fatos, “pré-teórica”, segundo o termo de Kimmerle (p. 133), com quem Gabbi Junior concorda, que levaria à teoria. Essa é uma das razões pelas quais o último autor, diferentemente de Monzani e de nós, entende que haveria uma cisão entre clínica e metapsicologia em Freud, que seria evidenciada no escrito de 1920 sobre a pulsão de morte. Gabbi Junior considera que Freud fica preso a um empirismo, à ideia de que “a teoria espelha a realidade, sendo uma tradução ou afiguração desta” (p. VIII), ainda que defenda uma epistemologia construtivista no final do capítulo sexto de *Além do princípio de prazer*, segundo a qual haveria uma combinação de fatos com aquilo que é meramente pensado, cogitado, na edificação da teoria. Para o comentador, aceitar a teoria construtivista seria contraditório, significaria entrar “em choque com o conjunto de pressupostos da metapsicologia, pois este ‘depende da diretiva de modelos teóricos cognitivos de imagem e de designação.’” (p. VIII, a citação é do livro de Kimmerle).

Talvez seja menos transparente a transformação que sofreu o conceito de “pulsões do Eu”. Originalmente nomeamos assim todas aquelas orientações pulsionais que nos eram menos conhecidas e que se deixam separar das pulsões sexuais dirigidas ao objeto, e colocamos as pulsões do Eu em oposição às pulsões sexuais, cuja expressão é a libido. Mais tarde nos aproximamos da análise do Eu e reconhecemos que uma parte das “pulsões do Eu” também é de natureza libidinal e tomou o próprio Eu como objeto. Essas pulsões narcísicas de autoconservação precisaram então agora ser observadas como pulsões sexuais libidinais. A oposição entre pulsões do Eu e pulsões sexuais se transformou em oposição entre pulsões do Eu e pulsões de objeto, ambas de natureza libidinal. Mas em seu lugar surgiu uma nova oposição entre pulsões libidinais (do Eu e de objeto) e outras que devem ser estabelecidas no Eu e que talvez possam ser evidenciadas nas pulsões de destruição [quando são dirigidas ao objeto]. A especulação converte essa oposição naquela entre pulsões de vida (Eros) e pulsões de morte. (FREUD, 2020c, p. 197).²⁹⁹

Notamos que a parte que cabe ao narcisismo, segundo o que é visível no texto freudiano, consiste em revelar que parte das pulsões do Eu é libidinoso, condição que levou a teoria pulsional a admitir a distinção já conhecida entre libido do Eu e libido de objeto. Vemos que o ponto-chave está em inundar de libido uma instância que, até então, era mais do que desprovida de libido, era sua opositora. Tal faceta do narcisismo é apontada por Freud não só em *Além...*; as referências a ela são abundantes em textos posteriores a 1920. Temos, por exemplo, os artigos de 1923, *Psicanálise e Teoria da libido*, nos quais nosso autor considera o narcisismo como um “avanço” ou “progresso” (*Fortschritt*) teórico de grande importância por ter mostrado que o Eu, conhecido por ser a instância recalcadora e relutante, é o grande reservatório da libido (FREUD, 2011b, p. 294 e p. 304)³⁰⁰. Em *Teoria da libido* especificamente, Freud apresenta a história dessa teoria de uma forma que pode levar o leitor

299 “Unübersichtlicher ist vielleicht die Wandlung, die der Begriff der „Ichtriebe“ erfahren hat. Ursprünglich nannten wir so alle jene von uns nicht näher gekannten Triebrichtungen, die sich von den auf das Objekt gerichteten Sexualtrieben abscheiden lassen, und brachten die Ichtriebe in Gegensatz zu den Sexualtrieben, deren Ausdruck die Libido ist. Späterhin näherten wir uns der Analyse des Ichs und erkannten, daß auch ein Teil der „Ichtriebe“ libidinöser Natur ist, das eigene Ich zum Objekt genommen hat. Diese narzißtischen Selbsterhaltungstriebe mußten also jetzt den libidinösen Sexualtrieben zugerechnet werden. Der Gegensatz zwischen Ich- und Sexualtrieben wandelte sich in den zwischen Ich- und Objekttrieben, beide libidinöser Natur. An seine Stelle trat aber ein neuer Gegensatz zwischen libidinösen (Ich- und Objekt-) Trieben und anderen, die im Ich zu statuieren und vielleicht in den Destruktionstrieben aufzuzeigen sind. Die Spekulation wandelt diesen Gegensatz in den von Lebenstrieben (Eros) und von Todestrieben um.” (FREUD, 2020c, p. 196). Vale complementar essa explicação de Freud com outra, que ele concede ao leitor em *Psicanálise* (1926), na medida em que esclarecem as derivações que nosso autor faz entre pulsões do Eu e pulsões sexuais, pulsões de morte e pulsões de vida. Nesse texto, ele afirma que há pulsões do Eu, cuja meta é a autoconservação, e pulsões de objeto, que são marcadas por seu vínculo com o objeto. Em seguida, escreve: “A especulação teórica leva a supor a existência de duas pulsões fundamentais que se escondem por trás das pulsões do Eu e objetais que são manifestas.”/ “Theoretische Spekulation läßt die Existenz von zwei Grundtrieben vermuten, die sich hinter den manifesten Ich- und Objekttrieben verbergen.” (FREUD, 2014a, p. 315; GW, 14, p. 302) – Eros e pulsão de destruição, justamente. Consideramos oportuno recuperar essa forma de apresentação de Freud na medida em que destaca que Eros e pulsão de morte impulsionam a vida anímica “atrás” das pulsões do Eu e de objeto manifestas; estão presentes, portanto, no Eu e nos investimentos pulsionais dirigidos ao outro, momento em que a pulsão de morte aparece como pulsão de destruição.

300 Cf. FREUD, GW, 13, p. 224 e p. 231.

a olhar para o segundo dualismo pulsional como uma espécie de solução necessária em relação ao problema do narcisismo. Ao escrever sobre o primeiro dualismo pulsional, tece críticas à libido primordial de Jung, introduz o “progresso” decisivo do narcisismo, fala de uma aparente aproximação da teoria do psicanalista suíço, a qual nega apontando que a existência de pulsões sexuais no Eu não prova que nessa instância não atuem outros tipos de pulsões, e finalmente reapresenta o antagonismo entre Eros e pulsão de morte.

O mesmo peso do narcisismo para a teoria da libido – que se relaciona tão de perto com a doutrina das pulsões – é apontado em *Autobiografia* (1925) e *Inibição, sintoma e angústia* (1926) (FREUD, 2011a, p. 144; 2014a, p. 69)³⁰¹. Para citar mais uma referência, temos o trecho de *O mal-estar na cultura* (1930) onde o psicanalista também aponta para a importância de ter avançado do recalcado para o recalcante nas investigações e situa a introdução do conceito de narcisismo como momento decisivo, por ter mostrado que o Eu é a “morada original” (*ursprüngliche Heimstätte*) da libido, seu “quartel general” (*Hauptquartier*), conduzindo às conclusões de *Além...* (FREUD, 2020b, p. 370)³⁰². Portanto, há algo de manifesto, visível ou explícito em relação ao papel cumprido pelo narcisismo nas revisões da teoria pulsional de 1920, reconhecido pelo próprio criador da psicanálise.

Na literatura psicanalítica, entre os comentadores que citamos em nossa introdução e que atraíram nossa atenção para este problema, também encontramos a exploração dessa influência manifesta do narcisismo no campo das pulsões. Podemos citar Mezan (1982), Monzani (1989), Simanke (1994a), Birman (1991, 1997), Giacoia Junior (2010) ou ainda Green (1988a), e um ponto comum entre eles, o de apontar para a influência do narcisismo nas modificações teóricas da doutrina pulsional, do ponto de vista da libidinização do Eu. No entanto, na investigação que nos propusemos a fazer, interessa-nos ir além do reconhecimento da participação do narcisismo na modificação do dualismo pulsional que é feita pelo próprio Freud e pelos comentadores citados. Isso não significa minimizar a importância da erotização do Eu, que foi extensamente trabalhada em nosso segundo capítulo, tanto a partir da libido narcísica, quanto da noção de identificação, com o Eu incorporando os objetos sexuais nele mesmo e abrigando a sexualidade em seu interior, junto a todas as consequências aí envolvidas, como a aproximação do Eu em relação aos processos primários e ao inconsciente. Ir além disso significa levar adiante as consequências da análise do Eu, do avanço da investigação do recalcado para o recalcador da qual fala Freud, e trazer à tona outros pontos

301 Cf. FREUD, GW, 14, p. 83-84; p. 159.

302 Cf. FREUD, GW, 14, p. 477.

que são atravessados pelo narcisismo e que são cruciais para a sustentação do antagonismo entre pulsões de vida e pulsões de morte. Em primeiro lugar, localizaremos o narcisismo em meio à temática do sadismo e do masoquismo, que serão recuperados aqui por consistirem em elementos fundamentais para a hipótese da pulsão de morte.

3.1.1 Sadismo, masoquismo e seu atravessamento pelo narcisismo

De acordo com Laplanche (1985), embora Freud só tenha assumido a hipótese da pulsão de morte em 1920, não se pode negligenciar a existência de uma teoria da agressividade em seu pensamento, composta, entre outros aspectos, pelas investigações sobre o sadismo e o masoquismo e sobre o amor e o ódio³⁰³, tal como aparecem em *Pulsões e seus destinos*. Essa é uma das razões que justifica a seguinte afirmação do psicanalista francês:

[...] duas intenções, ao menos, se encontram na afirmação da pulsão de morte tal como ela aparece em *Além do princípio de prazer*: reafirmar o princípio econômico fundamental da psicanálise e isto na sua forma absoluta: a tendência ao zero; dar um estatuto metapsicológico, na teoria das pulsões, às descobertas cada vez mais numerosas e surpreendentes da pesquisa psicanalítica no que diz respeito ao registro da “agressividade” ou da “destrutibilidade”. (LAPLANCHE, 1985, p. 89).

A primeira das intenções trazida pelo autor se relaciona ao princípio de inércia exposto no *Projeto de psicologia*, que tem de ser adaptado para princípio de constância, conforme mostramos no primeiro capítulo, e à própria concepção negativa do prazer na teoria freudiana, orientado, no limite, para o “estado de inexcitabilidade”, como bem aponta Monzani (2005, p. 164)³⁰⁴. Mas é a segunda intenção que nos interessa, já que Laplanche nos ajuda a destacar a relevância da teoria da agressividade em relação à hipótese da pulsão de morte e o fato de que sadismo e masoquismo são componentes fundamentais daquela. De modo convergente, Florence (1984), retomando Ernest Jones, nos diz que a principal preocupação de Freud, que

303 Vale reforçar que estamos propondo um recorte dessa teoria da agressividade no pensamento freudiano. O próprio Laplanche (1985, p. 89) inclui, entre as manifestações agressivas, além da ambivalência amor-ódio, da perversão sadomasoquista e os aspectos sádicos das fases pré-genitais, o complexo de Édipo e a manifestação negativa no tratamento (transferência negativa, resistência).

304 Esta chave de leitura, em conexão com o *Projeto...*, é fundamental para desbancar a ideia, que já foi bastante difundida, de que a pulsão de morte seria uma grande ruptura no pensamento freudiano. Ela é trabalhada pelo próprio Laplanche (1985), na obra citada, por Monzani (1989, 2005) e por Simanke e Caropreso (2011), para citar alguns exemplos. Vale notar que os últimos argumentam que a pulsão de morte parece ser uma exigência teórica do pensamento freudiano, ao contrário das pulsões de vida. Eles levantam um questionamento sobre estas que, de modo geral, são aceitas sem alarde. Para eles, é possível falar de uma precedência da pulsão de morte no segundo dualismo pulsional, o que levaria a uma concepção de que toda pulsão é de morte, ainda que haja uma dualidade inscrita nela, ponto em relação ao qual discordamos. Ao longo deste capítulo, a concepção dualista será reiterada, junto às justificativas que levam a esta posição teórica.

culminou na pulsão de morte, foi o enigma do masoquismo. Rosenberg (2003, p. 175) também não tem dúvidas de que os fenômenos clínicos do sadismo e do masoquismo “fundam a hipótese de uma pulsão de morte”, já que foi com eles que “a antiga teoria da libido se chocou”. Para este autor, o ponto de partida para a introdução da pulsão de morte está em tais fatos, observados na experiência clínica, e não na especulação teórica, como o próprio Freud relata, em algumas ocasiões (ROSENBERG, 2003, p. 177). Antes de explorar como Freud insere esses fenômenos nas revisões na teoria pulsional de 1920, contudo, retomaremos a organização narcísica do Eu que está por trás deles.

Sadismo e masoquismo já intrigavam Freud antes do mencionado artigo sobre as pulsões, desde os *Três ensaios...*, e continuaram sob investigação ao longo da obra, como mostra o escrito *Bate-se numa criança* (1919). Em relação ao que encontramos nos *Três ensaios...*, dois pontos merecem destaque, de acordo com indicações de Laplanche e Pontalis (1970, p. 606-607), a saber, o fato de haver certa correlação entre sadismo e masoquismo que não possibilitaria seu estudo em separado – “Um sádico sempre é, simultaneamente, um masoquista” (FREUD, 2016c, p. 54)³⁰⁵ –, ainda que o lado ativo ou passivo da perversão possa falar mais alto; e o fato de este par extrapolar o campo das perversões, conforme atesta uma passagem daquele mesmo texto, acrescentada em 1915: “Sadismo e masoquismo ocupam uma posição especial entre as perversões, já que a oposição entre atividade e passividade, na qual se baseiam, é uma das características gerais da vida sexual” (FREUD, 2016c, p. 53)³⁰⁶.

No artigo metapsicológico sobre as pulsões, observamos que Freud concebia três etapas para o par sadismo e masoquismo. Primeiro, o sadismo original, quer dizer, a obtenção de prazer ao subjugar o objeto sexual; depois, o abandono deste objeto, momento marcado pela coincidência de dois destinos pulsionais, o de retorno à própria pessoa e da atividade à passividade. Só em um último estágio se daria a busca por um novo objeto, diante do qual o papel passivo seria assumido. Este objeto substituiria o Eu e seria escolhido pela via da identificação, seria um “outro Eu” a exercer violência sobre o sujeito narcísico, caracterizando o masoquismo propriamente dito. Essa dinâmica pulsional estaria apta a se repetir e tudo se passaria como em um jogo de espelhos: depois de experimentar o prazer masoquista, o sádico pode provocar novamente dor no outro e também gozar de maneira masoquista ao se identificar com o objeto que sofre, assim como o masoquista goza ao se identificar com o

305 “*Ein Sadist ist immer auch gleichzeitig ein Masochist...*” (FREUD, GW, 5, p. 59).

306 “*Sadismus und Masochismus nehmen unter den Perversionen eine besondere Stellung ein, da der ihnen zugrunde liegende Gegensatz von Aktivität und Passivität zu den allgemeinen Charakteren des Sexuallebens gehört.*” (FREUD, 2021f, p. 46).

sádico que o faz sofrer. A partir disso, vimos que “o retorno em direção ao próprio Eu e a reversão da atividade em passividade, *dependem da organização narcísica do Eu e trazem consigo a marca distintiva dessa fase*” (FREUD, 1915/2021f, p. 47, grifo nosso). A transformação de sadismo em masoquismo significava retroceder ao Eu, o objeto narcísico por excelência. Essa citação merece ser recuperada por apontar para a *estrutura narcísica* que está pressuposta nesse movimento pulsional. A ideia de estrutura ligada ao narcisismo também se baseia nos desenvolvimentos anteriores, considerando a dimensão da marca do narcisismo primário e infantil na constituição do Eu e na sua relação com a alteridade.

No entanto, é preciso destacar que o masoquismo era entendido como um estágio posterior ao sadismo; só este podia ser original, a agressividade dirigida ao outro. No já mencionado *Bate-se numa criança*, de 1919, considerado como “uma verdadeira confirmação clínica” das teses freudianas do artigo de 1915 por Laplanche (1985, p. 100), é ainda com uma concepção análoga que nos deparamos. A segunda fase da fantasia analisada por Freud nas mulheres é aquela considerada a mais importante e a que mais o intriga: “meu pai bate em mim”. Diferentemente da primeira e da última fase, “meu pai bate em uma criança que eu odeio” e “bate-se em uma criança”, respectivamente, que são conscientes e sádicas, já que nelas outra criança apanha e a satisfação está relacionada a esse sofrimento infligido ao outro, a fase intermediária é inconsciente e de cunho masoquista, pois a própria pessoa é agredida e obtém-se prazer a partir dessa condição de passividade e de regressão do objeto ao Eu. Mais uma vez, o masoquismo não pode ser concebido como “manifestação pulsional primária”, já que “se origina de uma reversão do sadismo contra a própria pessoa, portanto, por regressão do objeto para o Eu” (FREUD, 1919/2021a, p. 141)³⁰⁷. Freud entende que essa reversão deve acontecer pela influência da consciência de culpa (*Schuldbewußtsein*) que, por sua vez, contribui para o recalque que se supõe ser parte da gênese do masoquismo – dado novo em relação ao que já vimos do texto de 1915 –. Um dos efeitos desse recalque consiste, justamente, em transformar o sadismo em masoquismo passivo, “em certo sentido novamente narcísico”, nos diz Freud (2021a, p. 142)³⁰⁸.

Com esses elementos, já temos condições de reiterar a participação do narcisismo na dinâmica sadomasoquista. Sem a hipótese da estrutura narcísica do Eu, isto é, a possibilidade

307 “[Es scheint sich zunächst zu bestätigen, daß] der Masochismus keine primäre Triebäußerung ist, sondern aus einer Rückwendung des Sadismus gegen die eigene Person, also durch Regression vom Objekt aufs Ich entsteht.” (FREUD, GW, 12, p. 214).

308 “[...] [und verwandelt deren Sadismus in den passiven], in gewissem Sinne wiederum narzißtischen Masochismus.” (FREUD, GW, 12, p. 215).

dele se oferecer como destino para as pulsões sexuais, não seria possível conjecturar que a pulsão deixa os objetos para voltar-se ao próprio Eu e, concomitantemente, substitui metas pulsionais ativas por metas passivas. Ele atravessa, portanto, a teoria da agressividade da qual fala Laplanche, ou o enigma do masoquismo do qual fala Florence, citados anteriormente, que até 1920 são concebidos apenas em sua natureza sexual, mas consistem em fatores cruciais para o postulado da pulsão de morte. Resta-nos olhar para o modo como o próprio Freud vê a contribuição do par sadismo e masoquismo para as conclusões de 1920 e, por fim, para a possibilidade de conceber o masoquismo primário, aberta pela pulsão de morte e também atravessada pelo conceito de narcisismo.

Sobre o primeiro ponto, já mencionamos que Freud encontra dificuldades em indicar ou demonstrar (*aufzeigen*) as pulsões de natureza não libidinal atuantes no Eu. De acordo com Giacoia Junior (2010, p. 89), o problema consiste em indicar os “representantes” das pulsões de morte. Nesse mesmo sentido, Mezan (1982, p. 262) esclarece que:

[...] se a pulsão de morte deve poder afirmar-se como conceito, é preciso que dê provas do seu valor heurístico, servindo como princípio para interpretar ao menos uma parte dos fenômenos que caem sob o olhar da psicanálise. É por esta razão que Freud se vê na contingência de buscar um exemplo – não uma confirmação – da atividade da pulsão de morte.

Ao que parece, é justamente neste lugar de exemplo que entram em cena as observações clínicas do sadismo e do masoquismo em *Além do princípio de prazer*. Freud convoca a dupla “amor (ternura) e ódio (agressão)” como uma segunda polaridade do mesmo gênero daquela que opõe pulsões de vida e pulsões de morte, e fala sobre o desejo de relacionar ambas: “Se ao menos conseguíssemos colocar em relação essas duas polaridades entre si, uma remetendo à outra!” (FREUD, 2020c, p. 177)³⁰⁹. Então, afirma que a psicanálise sempre reconheceu um componente sádico da pulsão sexual e que o sadismo se torna uma perversão na medida em que passa a governar a vida sexual do indivíduo. De onde derivar essa pulsão sádica? “Com efeito, não é logicamente possível conciliar Eros-libido (cuja operação e finalidade consistem na ligação e preservação) com a destrutividade do ódio, com as tendências hostis, de caráter pulsional, voltadas para a destruição do objeto”, como esclarece Giacoia Junior (2010, p. 89).

309 “Wenn es uns gelänge, diese beiden Polaritäten in Beziehung zu einander zu bringen, die eine auf die andere zurückzuführen!” (FREUD, 2020c, p. 176).

A partir dessa impossibilidade, Freud (2020c, p. 177)³¹⁰ conclui: “Será que não cabe supor que esse sadismo seja, afinal, uma pulsão de morte que foi pressionada para fora do Eu por influência da libido narcísica, de modo que ela só apareça no objeto?”. O sadismo é, então, expulso do Eu pela força da libido narcísica e, depois disso, é colocado a serviço da função sexual, conforme se torna visível na fase genital, em que se busca dominar o objeto para a realização do ato sexual. Aqui Freud introduz uma ideia que permanecerá em sua teoria até o fim, a saber, a de que as pulsões de morte e as pulsões de vida quase sempre se apresentam em fusão, e escreve: “Se for permitido fazer uma suposição como essa, então teria se cumprido a exigência de apontar um exemplo de pulsão de morte, muito embora deslocada” (FREUD, 2020c, p. 179)³¹¹. Mais uma vez, Giacoia Junior (2010, p. 89-90) nos ajuda a compreender:

[...] mesmo com o atenuante de que os impulsos sádicos só seriam designáveis em fusão com as pulsões eróticas, ainda assim, mesmo nessa fusão, poderia-se apreender sua natureza originariamente destrutiva, não subsumível sob a categoria dos impulsos encarregados da função vital erótico-libidinal de ligação.

Começamos essa discussão trazendo a posição de Laplanche (1985), segundo a qual Freud buscava um estatuto metapsicológico para a agressividade e este seria um dos motivos para postular a pulsão de morte. Florence (1984) e Rosenberg (2003) também colocaram o sadismo e o masoquismo como problemas que levaram à hipótese da pulsão de morte. Porém, a menção a esses fenômenos em *Além...* parece estar mais relacionada à tentativa de encontrar um exemplo para a pulsão de morte, ainda que deslocado, em fusão com as pulsões sexuais, diante da impossibilidade de indicar um representante puro para ela. Desse ponto de vista, retroativamente Freud teria colocado o sadismo e o masoquismo sob a égide da pulsão de morte, o que não significaria que eles teriam contribuído para sua edificação e, conseqüentemente, o narcisismo que estaria por trás desses fenômenos não ocuparia o lugar de operador que defendemos aqui. No entanto, o modo de exposição de Freud acerca desta questão em *O mal estar na cultura* (1930) traz algumas diferenças, pois lá ele lança mão do sadismo na ocasião em que expõe a transição da primeira para a segunda teoria pulsional, como um fenômeno do campo das pulsões libidinosas de objeto que sempre causou certo incômodo:

310 “*Liegt da nicht die Annahme nahe, daß dieser Sadismus eigentlich ein Todestrieb ist, der durch den Einfluß der narzißtischen Libido vom Ich abgedrängt wurde, so daß er erst am Objekt zum Vorschein kommt?*” (FREUD, 2020c, p. 176).

311 “*Wenn es erlaubt ist, eine solche Annahme zu machen, so wäre die Forderung erfüllt, ein Beispiel eines — allerdings verschobenen — Todestriebes aufzuzeigen.*” (FREUD, 2020c, p. 178).

Uma dessas pulsões de objeto, a pulsão sádica, distinguia-se, na verdade, pelo fato de sua meta não ser nada amorosa, e além disso, em muitos aspectos, ela se ligava claramente às pulsões do Eu e não podia ocultar seu estreito parentesco com as pulsões de apoderamento sem propósito libidinal, mas essa discrepância foi superada; o sadismo pertencia, então, claramente à vida sexual, o jogo cruel podia substituir o da ternura. (FREUD, 2020b, p. 370).³¹²

Por um lado, não era questionável o fato de o sadismo pertencer à vida sexual; por outro, sua afinidade com um genuíno impulso de dominação era irrefutável, de modo que essa divergência não pôde mais ser ignorada ou superada (*hinwegkommen*), como foi por um tempo, configurando-se como um importante condutor em direção à hipótese da pulsão de morte. O que queremos mostrar aqui é que o sadismo não aparece apenas como representante da pulsão de morte, exemplo convocado a posteriori, como acontece na argumentação de 1920, mas sim como ponto dissonante que incitou a construção do controverso conceito. Este modo de exposição se encontra mais afinado com a posição a partir da qual iniciamos este tópico, que coloca sadismo e masoquismo no centro da teoria da agressividade que, por sua vez, foi uma das desencadeadoras da noção de pulsão de morte. Levando em conta o atravessamento do sadismo e do masoquismo pelo narcisismo, fica mais claro seu lugar de operador do qual nos ocupamos.

De volta a *Além...*, gostaríamos de acompanhar o passo seguinte de Freud, a saber, a inclusão do masoquismo, a pulsão parcial complementar do sadismo, na discussão e a revisão de suas hipóteses anteriores de que a agressividade seria primeiramente dirigida ao outro e, só depois, poderia se voltar ao Eu. Ele convida seu leitor ao seguinte raciocínio: um retorno da pulsão do objeto para o Eu (transformação do sadismo em masoquismo) implica o mesmo mecanismo que possibilita que a pulsão se dirija do Eu para o objeto: “O masoquismo, o retorno da pulsão contra o próprio Eu, seria então, na realidade, uma volta a uma fase anterior dessa pulsão, uma regressão” (FREUD, 2020c, p. 179)³¹³. Isso significa que deve haver, sim, um masoquismo primário. Interessa-nos marcar, mais uma vez, a importância do narcisismo para tal argumento. Por meio deste conceito, Freud se debruçou sobre as relações entre o Eu e as pulsões, no caso as sexuais. O Eu é o reservatório da libido, dele partem os investimentos em direção aos objetos. De acordo com Mezan (1982, p. 263, grifo do autor): “Se uma pulsão

312 “*Einer von diesen Objektrieben, der sadistische, tat sich zwar dadurch hervor, daß sein Ziel so gar nicht liebevoll war, auch schloß er sich offenbar in manchen Stücken den Ichtrieben an, konnte seine nahe Verwandtschaft mit Bemächtigungstrieben ohne libidinöse Absicht nicht verbergen, aber man kam über diese Unstimmigkeit hinweg; der Sadismus gehörte doch offenbar zum Sexualleben, das grausame Spiel konnte das zärtliche ersetzen.*” (FREUD, GW, 14, p. 476-477). Observamos que *Bemächtigungstrieb* também é vertido por “pulsão de empoderamento” em outros textos da edição da Autêntica.

313 “*Der Masochismus, die Wendung des Triebes gegen das eigene Ich, wäre dann in Wirklichkeit eine Rückkehr zu einer früheren Phase desselben, eine Regression.*” (FREUD, 2020c, p. 178).

pode *retornar* ao sujeito, é porque foi dele *desviada*; o narcisismo fornece prova suficiente da possibilidade desta operação.” O mesmo passa a valer para as pulsões de morte, pois se é possível dirigir a agressividade ao outro, é preciso supor que ela se volta primeiro para o próprio Eu. Portanto, é sobre a base do masoquismo primário que elas se voltam para o objeto, na fusão com Eros, sob a forma do sadismo.

Torna-se ainda mais notável o quanto essa lógica é tributária das investigações sobre o narcisismo quando nos voltamos ao texto *O problema econômico do masoquismo* (1924), uma vez que Freud consente com o fato de que as pulsões de morte projetadas para fora como sadismo podem retornar ao Eu, o que configura o masoquismo secundário, edificado sobre o masoquismo primário. Este funcionamento é análogo ao que reconhecemos no narcisismo primário e secundário, onde os investimentos libidinais partem do Eu, mas podem abandonar os objetos e retornar a ele.³¹⁴ Freud identifica três tipos de masoquismo neste escrito, o erógeno, o feminino e o moral, mas é o primeiro que está no fundamento dos outros dois e, por isso, é o que nos interessa mais. O masoquismo erógeno é equivalente ao masoquismo primário ou originário, que Freud analisa à luz da luta entre libido e pulsão de morte. Ele entende que a tarefa da libido é tornar a pulsão de morte inofensiva, o que é feito por meio do desvio de uma parte dela para os objetos do mundo externo – é aí que a última recebe o nome de “pulsão de destruição, pulsão de empoderamento, vontade de poder” (*Destruktionstrieb, Bemächtigungstrieb, Wille zur Macht*) (FREUD, 1924/2021a, p. 292)³¹⁵ –. Uma parcela dessa pulsão de destruição é colocada, então, a serviço da função sexual, no sadismo; outra parte da pulsão de morte não tem esse destino, permanece no interior do organismo, onde é ligada libidinosamente, constituindo o masoquismo erógeno, primário ou originário do qual falamos. Mesmo a parte que foi destinada para fora no sadismo pode ser novamente introjetada e voltar à situação antiga, sob a forma do masoquismo secundário.

314 O trabalho de Sampaio e Migliavacca (2015) merece ser citado aqui, uma vez que trata da aproximação entre narcisismo e masoquismo. Os autores entendem que o narcisismo foi progressivamente deixando de aparecer nos escritos de Freud depois de 1920 e se perguntam sobre o destino do conceito. Defendem, então, que um de seus desdobramentos consiste em contribuir para tal modificação na teoria do masoquismo, de um ponto de vista semelhante ao que trouxemos aqui. No âmbito da teoria da libido, o narcisismo mostrou como o Eu é investido pelas pulsões sexuais, como elas podem se dirigir aos objetos e retornar ao Eu mais uma vez; o masoquismo estaria pautado nesta mesma matriz, só que no âmbito das pulsões de morte. O problema é que os autores parecem escorar totalmente o narcisismo nas pulsões sexuais ou de vida. Assim como parece ser possível encontrar em Freud, como naquela ocasião de *Além do princípio de prazer* na qual o autor diz que a libido narcísica expulsa a pulsão de morte para fora do Eu, como se esta fosse completamente incompatível com aquela. No quarto capítulo, quando entrarmos no tema da dessexualização, que Freud passa a supor na transformação de libido de objeto em libido narcísica, em *O Eu e o Isso* (1923), o leitor poderá perceber que as coisas não são tão simples assim. A dimensão mortífera parece estar presente no próprio narcisismo e este será um ponto capital para o nosso trabalho, a ser devidamente trabalhado no próximo capítulo.

315 Cf. FREUD, GW, 13, p. 376.

Além disso, mais uma vez Freud advoga a favor da noção de fusão das pulsões de vida e de morte, já introduzida em 1920 diante do problema da irrepresentabilidade ligada às últimas, mas admitindo que não é possível saber qual a proporção dessa “fusão” (*Vermischung*) ou “amalgamento” (*Verquickung*); há, provavelmente, uma parte da pulsão de morte que escapa à ligação pela libido, assim como é necessário supor a possibilidade, sempre presente, da “desfusão” (*Entmischung*) de ambas (FREUD, 2021a, p. 293)³¹⁶. Ainda que nosso autor se esforce por afirmar a presença da agressão e da destruição não eróticas, a verdade é que a pulsão de morte escapa à percepção quando não se funde com Eros, fato que se harmoniza com a condição do par sadismo e masoquismo enquanto uma manifestação da ligação entre pulsão de morte e sexualidade.

Com isso, já temos condições de constatar a importância que os fenômenos do sadismo e do masoquismo assumem para a hipótese da pulsão de morte e para a conexão desta com a pulsão de vida. De volta ao nosso ponto de partida para essa reflexão, também estamos aptos a descortinar a organização narcísica do Eu pressuposta na dinâmica sadomasoquista como um todo, com a qual já havíamos nos deparado no capítulo anterior, mas apenas do ponto de vista dos destinos da pulsão sexual, sem a referência à pulsão de morte. Se, por um lado, a possibilidade de reconhecer o masoquismo primário é dependente da admissão da “inclinação à agressão” enquanto “predisposição pulsional originária e autônoma do ser humano” (FREUD, 1930/2020b, p. 375)³¹⁷, por outro, também é tributária do narcisismo. Até que ponto Freud poderia chegar às conclusões que delineamos sem as estacas fincadas por este conceito? O narcisismo coloca o Eu no centro dos investimentos pulsionais libidinais, enquanto lugar de onde eles partem e para onde voltam e, ainda, enquanto ponto de referência para a escolha de outro objeto, fornecendo uma espécie de substrato a partir do qual sadismo e masoquismo podem ser pensados. Além de erotizar o Eu, portanto, o narcisismo pode ser contemplado a partir deste ponto de vista no âmbito das revisões da teoria pulsional.

Interessa-nos destacar ainda que algo vai se tornando patente quando Freud (1930/2020b, p. 377)³¹⁸ assume, para o masoquismo primário, que a agressão introjetada “é enviada de volta para o lugar de onde veio, portanto, é voltada contra o próprio Eu.” Nas palavras de Florence (1984, p. 15, grifo nosso): “As pulsões de morte são, ao lado das pulsões

316 Cf. FREUD, GW, 13, p. 376-77.

317 “[...] daß die Aggressionsneigung eine ursprüngliche, selbständige Triebanlage des Menschen ist...” (FREUD, GW, 14, p. 481).

318 “[...] [eigentlich aber] dorthin zurückgeschickt, woher sie gekommen ist, also gegen das eigene Ich gewendet.” (FREUD, GW, 14, p. 482).

libidinais narcísicas e objetais, as pulsões originárias do eu (*moi*). *Há, nos fundamentos do eu, um insondável e surdo apetite de morte*". Se o Eu narcísico revelou que essa instância não era apenas a sede da autoconservação, mas também o reservatório da libido, com o novo dualismo pulsional é necessário supor que ele abriga a sexualidade e as pulsões de morte, essas que não são de natureza libidinosa e que são tão difíceis de apreender quando não estão "eroticamente coloridas", segundo a expressão freudiana (FREUD, 1930/2020b, p. 373)³¹⁹. O Eu é habitado pelo conflito pulsional; o narcisismo revelou sua faceta sexual e, na medida em que parte das pulsões de autoconservação passou a ser concebida como pulsão de morte, como impulso de retorno ao inanimado à sua própria maneira, passam a coexistir sexualidade, sinônimo de vida, e o silêncio da morte no seio do Eu. Veremos que, com a segunda tópica e com a tentativa de delimitar o Eu em relação ao Isso, Freud tentará, por vezes, afastar o primeiro do conflito pulsional, a fim de preservar uma das características para as quais concederá maior destaque em relação ao Eu: a da organização. Contudo, o Eu acaba servindo tanto aos impulsos de vida, quanto aos de morte, assunto que ficará para mais tarde. Antes disso, abordaremos o próximo ângulo a partir do qual observaremos a condição do narcisismo enquanto operador das transformações na teoria pulsional, ao permitir o surgimento de certa dimensão da sexualidade que é ligadora, uma vez que investe no objeto Eu enquanto unidade ou totalidade, e, nesse sentido, contribui para possibilitar a noção de pulsão de vida.

3.1.2 O narcisismo, a sexualidade ligadora e as pulsões de vida

De modo geral, até agora observamos o conceito de narcisismo sob a perspectiva dos desequilíbrios que ele provoca na concepção de conflito psíquico que guiou a primeira teoria metapsicológica freudiana, a saber, a oposição entre o Eu e a sexualidade. Nesse sentido, procuramos apontar para a infiltração do sexual na instância que se empenhava em defender-se dele e para algumas consequências disso. No entanto, neste tópico procuraremos mostrar outra faceta do estreitamento entre o Eu e a sexualidade, que segue a direção contrária, na medida em que a última é inundada por algumas características que comumente são associadas ao primeiro. A meta de ligar as quantidades de energia, tão própria aos processos secundários e, conseqüentemente, ao Eu, é fundamental à noção de pulsão de vida que, por sua vez, traz a sexualidade do ponto de vista da intenção de reunir a substância viva e formar coesões. Mais uma vez, nos atentaremos à contribuição do narcisismo, que revelou essa

³¹⁹ Cf. FREUD, GW, 14, p. 479.

tonalidade da sexualidade, até então despercebida, ao supor o Eu, enquanto unidade, como fonte da libido e como objeto privilegiado da mesma.

Para isso, em primeiro lugar, retomaremos a concepção de sexualidade pormenorizada em nosso primeiro capítulo, enquanto um dos polos que encabeçava o conflito psíquico na teoria freudiana. Nas psiconeuroses de defesa, esboçadas já em 1894, nos deparamos com a imagem das representações sexuais inconciliáveis ao Eu, incapazes de se harmonizar com ele pelo afeto penoso que despertavam, razão pela qual incitavam sua ação defensiva. Com a passagem pelo *Projeto de psicologia*, escrito em 1895, localizamos o inconveniente da sexualidade – ainda no contexto da teoria da sedução – no seu funcionamento consoante aos processos psíquicos primários. A defesa patológica ou o recalque por parte do Eu e, conseqüentemente, os sintomas neuróticos, eram deflagrados quando aquele conjunto de neurônios em estado ligado era submergido pelos processos primários e falhava em sua tarefa de inibi-los. Ainda nesse quadro explicativo, o Eu levava a marca da ligação, dos processos psíquicos secundários, e a responsabilidade de evitar as repetições automáticas das vivências de satisfação e de dor, geradoras de excesso de estímulo e, portanto, de desprazer. A sexualidade, por sua vez, levava o selo dos processos primários, da energia livre que segue seu curso sem considerar os signos da percepção quando não há intervenção do Eu.

Na investigação da montagem do conflito psíquico em termos metapsicológicos, do ponto de vista tópico, econômico e dinâmico, situamos a sexualidade nas entranhas do inconsciente, apontamos para seu funcionamento estritamente guiado pelo princípio de prazer e para sua oposição em relação às pulsões de autoconservação, as quais, por operarem no registro da necessidade, das funções vitais e não da fantasia, curvavam-se às regras do mundo externo e ao princípio de realidade mais rapidamente. O trabalho do Eu enquanto instância recalculadora consistia em tentar dar conta desse excesso libidinal que invadia o aparelho psíquico desde o corpo e cuja satisfação implicava certos riscos, levando em conta a consideração pela realidade, de modo que a neurose se configurava como o saldo desse campo de batalha. Isso porque, mesmo recalculado, o sexual pressionava por irromper no Eu e no pré-consciente/consciente, buscando emergir por meio de qualquer via possível, assim como a água aprisionada em um reservatório invadiria qualquer duto que se abrisse para seu escoamento.

Com a retomada dessa imagem da sexualidade, temos condições de reconhecer que Freud a concebia a partir da qualidade de ser livre e disruptiva. A ligação do que é de natureza

sexual dependia da influência do Eu e dos processos secundários ligados a ele. Isso fica ainda mais nítido no campo da sexualidade infantil, qualificada por nosso autor como perversa e polimorfa, na medida em que não se orienta por um objeto específico, mas por qualquer um que seja capaz de trazer a satisfação pela via da fantasia, e toma como fonte de prazer qualquer região do próprio corpo, indícios claros da dimensão anárquica que caracteriza o seu funcionamento. Provavelmente é tendo tal concepção do sexual freudiano em vista que Safatle (2007, p. 157-58, grifo do autor) pode dizer, a respeito da inesgotável plasticidade da libido sustentada pela psicanálise:

Que Freud tenha refletido sobre tal plasticidade, de maneira privilegiada, a partir de fenômenos ligados à sexualidade, eis um ponto absolutamente central. De fato, ele quer mostrar como há, no sujeito, o que não se deixa determinar de maneira reflexiva como representação da consciência, há o que só se manifesta de maneira polimórfica, fragmentada, e que encontra seu campo privilegiado, necessariamente, em uma sexualidade não mais submetida à lógica da reprodução, encontra seu campo em um impulso corporal que desconhece *telos* finalistas, como é o caso da reprodução. Daí porque a libido é inicialmente caracterizada como auto-erótica, inconsistente por estar submetida aos processos primários e, por fim, perversa (no sentido de ter seus alvos constantemente invertidos, desviados e fragmentados).

As palavras emprestadas de Safatle reforçam a sexualidade como algo que não se deixa determinar e submeter, que se inverte, se desvia e se fragmenta. Para avançar mais um passo, será preciso retomar algumas consequências da introdução do narcisismo para a noção de Eu. Como vimos no segundo capítulo, Freud trabalha em alguns textos com a fecunda distinção entre autoerotismo e narcisismo. No autoerotismo, as pulsões parciais estão dispersas nas mais variadas zonas erógenas do corpo, empenhadas na busca de prazer de modo totalmente independente. Já no narcisismo encontramos a reunião das pulsões, que investem na unidade do Eu então constituída. Embora Freud não explicita como aconteceria tal processo de unificação, como discutimos anteriormente, não é possível negar que ele está em jogo.

Ultrapassando o que já tratamos no capítulo anterior e as lacunas que localizamos em Freud, consideremos a seguinte interpretação, possivelmente influenciada por acepções lacanianas, fornecida por Monzani (1989, p. 245): “Freud coloca o narcisismo como o primeiro polo onde a libido, embora ainda centrada no sujeito, já não está mais dispersa, mas sim organizada em função de uma imagem, a imagem de si.” O autor ainda nota que é de uma “diferenciação progressiva” (MONZANI, 1989, p. 245) que o Eu pode surgir, recuperando o artigo de 1914, no qual Freud fala da “nova ação psíquica” que precisa se agregar ao autoerotismo para que se forme o narcisismo, visto que o Eu não está pronto desde que

nascemos; ele precisa ser constituído, por se referir a uma unidade (*Einheit*), diante da multiplicidade do pulsional.³²⁰

De modo convergente, para Laplanche (1985, p. 72, grifo do autor), a tese do narcisismo pode ser sustentada por três proposições:

[...] o narcisismo é um investimento libidinal de si, *um amor de si mesmo* – tese que parece não ter nada de surpreendente –; mas esse investimento libidinal de si mesmo passa necessariamente no homem pelo *investimento libidinal do ego*; e, terceira tese, o investimento libidinal do ego é inseparável da própria *constituição* do ego humano.

Nesse sentido, o investimento libidinal do Eu e a constituição do Eu são concomitantes e inseparáveis. O Eu é a unidade que se forma no indivíduo ou no si mesmo, e o narcisismo carrega a marca da unificação das pulsões sexuais parciais em direção a essa organização psíquica, que já se mostra aqui como instância.

Também vimos que depois que o Eu se coloca como objeto total para a libido se instaura a oscilação entre libido do Eu e libido de objeto e se consolida a condição estrutural do narcisismo, já que há sempre uma parcela de libido narcísica presente no Eu. É com base nesse movimento energético que nosso autor teoriza sobre as relações entre o Eu e seu objeto de amor e reconhece os dois modos a partir dos quais se ama, a saber, a escolha por apoio, pautada nos cuidados que o outro proporciona, e a escolha narcísica, na qual o objeto é elegido segundo a imagem do próprio Eu. Interessa-nos lembrar o leitor, ainda, que Freud dá margem para interpretar que o narcisismo, em última instância, colore todos os tipos de relações amorosas. Mesmo aquele que ama segundo o modelo daquele que garantiu suas necessidades vitais é completamente seduzido por aquele que não abriu mão de seu narcisismo. Tal é o caso do homem que se satisfaz amando a mulher narcísica, que só quer ser amada. Miguelez (2015, p. 93) defende essa posição quando se pergunta “por que o homem, tão pouco narcisista, escolhe alguém tão narcisista como objeto de amor? Por que amamos a quem nos amou e por que amamos quem quer ser amado?”, e conclui: “Não é difícil pensar de novo no narcisismo, projetado, recuperado, espelhado.” Além da mulher, sabemos que Freud convoca as imagens da criança, do gato, do humorista e do criminoso como aquelas que nos capturam, justamente por seu exacerbado narcisismo. Ainda que haja quem tente se

320 Como já foi mencionado, o estágio do espelho de Lacan incide justamente sobre esse ponto da teorização freudiana sobre o narcisismo, postulando que essa unidade do Eu seria imaginária. Não é nossa intenção aqui adentrar na interpretação de Lacan – para mais detalhes, ver Ogilvie (1993) –, mas sim apontar para a importância que o psicanalista francês confere à imagem de totalidade, no caso antecipada pelo outro, com a qual o Eu se identifica para se formar, já que destacaremos as características de totalidade e unidade presentes no narcisismo freudiano.

desprender de seu próprio narcisismo, não há escapatória em “ser capturado por uma outra ‘bela totalidade’” (LAPLANCHE, 1985, p. 82), pelo amor de si mesmo refletido no outro.

Repetir o que já foi dito é parte do movimento que precisamos fazer para ir adiante, no sentido de apontar em que medida podemos enxergar a incidência da descoberta do narcisismo para a concepção de sexualidade que sustenta o conceito de pulsão de vida. Comparemos, então, a imagem da sexualidade com a qual iniciamos este tópico e o retrato da última instaurado a partir do narcisismo. O Eu enquanto unidade investida pela síntese das pulsões sexuais parciais e as conseqüentes escolhas de objeto que são engendradas nessa matriz trazem uma dimensão de união ou totalidade que passa a participar da noção de sexualidade, antes observada essencialmente do ponto de vista de sua energia livre e de sua parcialidade. Mais uma vez, as palavras de Laplanche (1988a, p. 20) se mostram pertinentes, a respeito do que ele chama de “descoberta” da sexualidade investida no objeto e no Eu, enquanto amor do Eu e amor de objeto, tributária do narcisismo:

É uma exploração absolutamente nova, esta do eu como objeto de amor, e a ideia de que os objetos externos são reflexos ou estão em relação com este primeiro investimento do eu, pois amamos o outro segundo nossa própria imagem, ou então graças a um potencial amoroso que é primeiramente o potencial que faz com que amemos a nós mesmos. A sexualidade, neste momento, tende, portanto, a ser absorvida por este aspecto do amor.

Para o psicanalista francês, essa novidade implicou um risco para a sexualidade: o de que ela fosse totalmente englobada por esse “aspecto ligado, investido, calmo, quiescente” (LAPLANCHE, 1988a, p. 20). Ora, é justamente essa a dimensão destacada por Eros, a partir da introdução do segundo dualismo pulsional. De acordo com Laplanche (1985, p. 126, grifo do autor), a sexualidade “hostil à ligação, princípio de ‘desligamento’ ou de desencadeamento (*Entbindung*) que só podia se ligar pela intervenção do ego” cede lugar a Eros, “a forma *ligada e ligadora* da sexualidade, posta em evidência pela descoberta do narcisismo”. Concordamos em partes com isso, por razões a serem explicitadas a seguir, mas, por ora, gostaríamos de chamar a atenção para esse estatuto da sexualidade, necessário para a hipótese das pulsões de vida e dependente da introdução do narcisismo.

De acordo com Safatle (2007), em um comentário a respeito da interpretação de Laplanche, esse deslocamento permitiria supor um abandono da noção de libido como energia disruptiva na teoria freudiana. Apesar das dificuldades relacionadas ao uso do termo “abandono” nesse caso, que também serão problematizadas adiante, é pertinente acompanhar

as palavras do filósofo pelo esclarecimento que conferem a respeito da participação do narcisismo:

Tal abandono seria impulsionado pelas considerações freudianas a respeito da centralidade do narcisismo, com seus mecanismos de projeção e introjeção que unificam os destinos da pulsão à repetição da imagem do Eu. É como se o narcisismo fosse a revelação do *pathos* de um Eu pensado como unidade sintética que fornece o princípio de ligação (*Verbindung*) do diverso da experiência sensível em representações de objetos. (SAFATLE, 2007, p. 159-60, grifo do autor).

Deste modo, a “unidade sintética” do Eu revelada pelo narcisismo e a dinâmica amorosa instaurada a partir dela seria uma espécie de exigência para que o sexual pudesse ser abordado da forma como exige a hipótese das pulsões de vida. Prosseguindo com essa construção, Laplanche entende – e Safatle parece concordar com essa leitura – que a potência disruptiva e de desligamento que caracterizava as pulsões sexuais e a libido precisa encontrar outro destino no dualismo pulsional, a saber, o da pulsão de morte. Portanto, a grande contribuição de Freud na direção das mudanças de 1920 não seria a pulsão de morte, que “é uma reafirmação do que sempre constituiu a essência conflitiva, oposta ao ego, ‘inconciliável’, da sexualidade”, mas a pulsão de vida: “É a descoberta do amor por um objeto total (o outro total, ou si mesmo como ego, como objeto total) que é a novidade” (LAPLANCHE, 1992, p. 155).

Antes de prosseguir, é preciso esclarecer, em linhas gerais, nossa posição quanto à interpretação de Laplanche, corroborada por Safatle.³²¹ Recorremos às ideias do psicanalista francês na medida em que retratam de que modo o narcisismo, ao trazer a dimensão da unidade do Eu e o caráter ligado e ligador para a sexualidade, colabora para a construção da noção de pulsão de vida. Nesse sentido, tem mais uma importante influência nas modificações do eixo pulsional da “virada” de 1920. Por outro lado, interessa-nos marcar nosso afastamento em relação a certos pressupostos e conclusões assumidas por Laplanche. O primeiro ponto é que, para o autor, a pulsão só pode ser pulsão sexual, já que, a princípio, a autoconservação é compreendida como a função que visa a homeostase do organismo; é somente a sexualidade que compartilha das características exploradas por Freud no artigo sobre as pulsões em 1915, de modo que só ela merece este estatuto na teoria. Em segundo lugar, já que só há pulsão sexual, as pulsões de morte são concebidas como pulsões sexuais de morte, que se

³²¹ Não temos o propósito de nos demorar neste problema, pois sabemos que Laplanche constrói uma interpretação própria da obra freudiana. Um dos desdobramentos pelos quais é conhecido, por exemplo, é a teoria da sedução generalizada, que colocará o inconveniente da sexualidade sob a rubrica da “sedução originária”, uma situação fundamental marcada pela defasagem entre o universo sexual do adulto e a passividade da criança, que recebe “significantes enigmáticos”, impregnados de significações sexuais que são incompreensíveis a ela (LAPLANCHE, 1988a, 1988b).

contrapõem às pulsões sexuais de vida no segundo dualismo pulsional. As últimas abarcariam “não a totalidade da sexualidade, mas os aspectos desta dedicados a conservar o objeto, assim como a conservar o eu como objeto primário”, ao passo que as primeiras incluiriam aquelas características que eram essenciais à sexualidade antes, a saber, “seu aspecto demoníaco, sujeitado ao processo primário e à compulsão à repetição” (LAPLANCHE, 1988a, p. 20). Em terceiro lugar, como consequência desse argumento, o autor entende que é preciso conciliar na teoria freudiana o dualismo pulsional com um monismo energético, já que só haveria a libido como energia (LAPLANCHE, 1988a, p. 21).

Desde nosso primeiro capítulo, defendemos a posição dualista de Freud, da qual ele nunca esteve disposto a abrir mão, nem quando o narcisismo ameaçou inundar toda a dinâmica pulsional com a libido, tampouco com a hipótese das pulsões de vida e de morte, que ele pressupõe atuantes desde a origem, desde a primeira tensão, oriunda de forças externas, gerada no inanimado e causadora da vida. Há energias diferentes para grupos pulsionais antagônicos tanto quando ele sustentava a luta entre pulsões do Eu, que seriam movidas pelo interesse, e pulsões sexuais libidinosas; quanto na segunda teoria das pulsões. Neste caso, de fato, Laplanche (1992, p. 155) é certo ao afirmar que Freud nunca propôs a ideia de uma energia especial às pulsões de morte chamada “destrudo”, conforme psicanalistas pós-freudianos defenderam. Isso não significa, contudo, que ele tenha sustentado que as pulsões de morte operam com energia libidinal. Elas têm, sim, uma energia distinta da libido, ainda que não leve aquele nome e que seja marcada, justamente, por ser silenciosa, sorrateira e tão difícil de ser apreendida quando não está fundida com Eros. Isso fica bem nítido em alguns trechos de *O mal estar na cultura* (1930), por exemplo quando nosso autor afirma: “O nome de libido pode novamente ser utilizado para as manifestações de força de Eros, para distingui-las da energia da pulsão de morte” (FREUD, 2020b, p. 374)³²². Em nota a esta sentença na mesma página, ele ainda explica que “em qualquer manifestação pulsional a libido está envolvida, mas nem tudo dessa manifestação é libido.”³²³ Sustentamos, com Freud, a posição dualista, e não seguimos Laplanche em suas conclusões a respeito do destino da potência disruptiva da sexualidade, que ele supõe ser a pulsão de morte, na medida em que concebe a última também enquanto sexual. Trabalhamos com a pulsão de vida como única categoria que abrange as manifestações da libido.

322 “Der Name Libido kann wiederum für die Kraftäußerungen des Eros verwendet werden, um sie von der Energie des Todestriebes zu sondern.” (FREUD, GW, 14, p. 480).

323 “[...] [daß] an jeder Triebäußerung Libido beteiligt ist, aber daß nicht alles an ihr Libido ist.”

Embora o autor francês assumira a seguinte posição, a respeito do primeiro e do segundo formato da teoria das pulsões: “Nossa interpretação é que estas teorias não substituem umas às outras, mas se completam, a segunda vindo modificar e reequilibrar a primeira” (LAPLANCHE, 1988a, p. 17), seu modo de exposição dá margem para entender que a sexualidade das pulsões de vida não é compatível com a primeira noção de sexualidade que é desenvolvida na teoria freudiana; é como se a noção genuína de sexualidade tivesse se perdido e se transformado através daquelas implicações relacionadas ao narcisismo e incorporadas à noção de pulsão de vida. É o que parece, por exemplo, quando Laplanche (1988a, p. 20, grifo nosso) diz que a pulsão de morte aparece diante da necessidade “de reafirmar *algo que se perdeu*”, em referência ao sentido desligado e fragmentado da sexualidade. Também é o que Safatle parece entender quando diz que houve um “abandono” da antiga concepção da sexualidade fragmentada, polimórfica e desligada, para que posteriormente ela fosse realocada sob a jurisdição da pulsão de morte, como indica este trecho: “Ou seja, a polaridade vida/morte na teoria pulsional freudiana recobre, na verdade, a distinção entre energia ligada em representações através da capacidade sintética do Eu/energia livre inauguradora da dinâmica psíquica” (SAFATLE, 2007, p. 160).

Já é do conhecimento do leitor que nos orientamos pela leitura de Monzani (1989) e por sua desconfiança em relação a considerações sobre a obra freudiana que se utilizem das noções de continuidade ou ruptura, portanto da ideia de que conceitos podem ser abandonados de modo radical. A nosso ver, a ideia da sexualidade como algo disruptivo e inconciliável com o Eu nunca se perdeu no pensamento de Freud, a ponto de ter sido recuperada através da pulsão de morte, até porque partimos do pressuposto de que a última não é sexual. A pulsão de morte veio suprir outras exigências teóricas e se mantém como pulsão antisssexual em seus textos, aquela que promove a dissolução, rumo ao inorgânico, das unidades que Eros se empenha em engendrar. Defendemos, com Laplanche, que o narcisismo abre uma possibilidade para a sexualidade até então pouco explorada e, nesse sentido, contribui para a noção de pulsão de vida. Outra coisa seria dizer que a dimensão ligadora, tributária do narcisismo, tenha subsumido toda a noção de sexualidade, a ponto de que sua faceta desligada tenha de ser depositada nas pulsões de morte. Não parece que tenha havido a substituição de uma concepção de sexualidade pela outra; segundo nossa análise, mais parece uma abertura trazida pelo narcisismo e pela concepção do Eu enquanto objeto sexual total, que dirige o olhar para esse outro aspecto ligado da sexualidade.

Tendo isso em vista, interessa-nos apontar ainda para as relações que o Eu estabelece com a sexualidade depois dessas revisões na teoria pulsional. Se, por um lado, o Eu narcísico revelou essa faceta da sexualidade, por outro, o mesmo Eu continua tendo que se defender dela e intervir mediante a ligação. Isso prova, em primeiro lugar, que as pulsões sexuais continuam trazendo algo de disruptivo à vida anímica, que requer a atuação do Eu; em segundo lugar, que a unidade do Eu e sua tarefa de ligar os processos primários em processos secundários, já indicada desde os primórdios da psicanálise, recebe uma espécie de reforço com a noção de narcisismo.

Sobre o primeiro ponto, Freud insiste em caracterizar as neuroses de transferência como resultado do conflito entre o Eu e a sexualidade até seus últimos escritos. Em *O mal estar na cultura* (1930), ele não hesita em reafirmar a etiologia sexual da neurose e, mesmo após as revisões exigidas, assegura: “A interpretação das neuroses de transferência como tentativas do Eu de se defender da sexualidade não precisou ser abandonada” (FREUD, 2020b, p. 371)³²⁴. Isso não significa que o fator sexual seja exclusivo, afinal não se pode ignorar que as aspirações sexuais, frequentemente, não são de natureza puramente erótica, mas misturadas com as pulsões de destruição; de todo modo, no *Compêndio de psicanálise* (1940), por exemplo, Freud (2021e, p. 121)³²⁵ afirma que o papel patógeno da sexualidade se sobressai. Nos textos mais tardios, além do fato de a sexualidade ser incessantemente rechaçada pela cultura, outro entrave que ela coloca diz respeito aos dois tempos do desenvolvimento sexual da espécie humana; a sexualidade infantil, pautada apenas na função de ganho de prazer a partir das zonas erógenas, interpolada pelo período de latência, e a sexualidade adulta, na qual se instalaria o primado dos genitais e a função reprodutiva, a não ser pelo fato de que a segunda nunca chega a se sobrepor completamente à primeira. O desenvolvimento sexual está sujeito às inibições e fixações ou, dito de outro modo, ao alcance apenas parcial e frágil dessa conformação adulta (FREUD, 1940/2021e, p. 41)³²⁶. Os efeitos disso estão intimamente relacionados ao privilégio humano de se tornar neurótico, conforme explica o psicanalista em *Inibição, sintoma e angústia* (1926):

A significação patogênica desse fator é demonstrada pelo fato de as exigências pulsionais dessa sexualidade infantil serem, na maioria, tratadas como perigo pelo Eu e rechaçadas, de modo que os posteriores impulsos sexuais da puberdade, que deveriam ser conformes ao Eu, correm o perigo de sucumbir à atração dos modelos infantis originais e acompanhá-los no recalque. Nisso deparamos com a mais direta

324 “Die Deutung der Übertragungsneurosen als Versuche des Ichs, sich der Sexualität zu erwehren, brauchte nicht verlassen zu werden...” (FREUD, GW, 14, p. 477).

325 Cf. FREUD, 2021e, p. 120.

326 Cf. FREUD, 2021e, p. 40.

etiologia das neuroses. É digno de nota que o primeiro contato com as exigências da sexualidade tenha, sobre o Eu, efeito semelhante ao do prematuro encontro com o mundo exterior. (FREUD, 2014a, 102).³²⁷

A sexualidade continua, portanto, carregando algo de inconciliável ao Eu e convocando-o a se defender. Na infância, as pulsões sexuais parciais aparecem como perigo ao Eu ainda não desenvolvido, que se defende delas pelo recalque; após a puberdade, a sexualidade objetual e genital, que poderia se harmonizar com o Eu já constituído, traz com ela as moções sexuais infantis, instaurando o conflito. Novamente no *Compêndio de psicanálise* (1940), nosso autor explica que as diversas correntes libidinais infantis, o que inclui os investimentos no campo do complexo de Édipo, são recalçadas pelo Eu ainda na infância, mas permanecem atuantes no inconsciente. Após o período de latência, na puberdade, tais moções voltam a perturbar o desenvolvimento do Eu: “Quando o processo somático da maturação sexual dá nova vida às antigas fixações libidinais aparentemente superadas, a vida sexual se revelará inibida, carecendo de unidade e desintegrada em anseios conflitantes entre si” (FREUD, 2021e, p. 135)³²⁸. Não é sem razão, portanto, que Freud se autoriza, ainda no mesmo escrito, a supor que o ponto fraco na organização do Eu provavelmente se situa em sua conduta diante da função sexual.

Quanto ao Eu, os entraves que Freud reconhece em sua atitude diante das pulsões sexuais relacionam-se à sua condição de unidade ou conjunto, visto que aquilo que não pode ser englobado neste nexos, que fica excluído por não estar de acordo com ele, terá o recalque como destino. A imagem da inconciliabilidade das representações sexuais com o Eu não é nova para nós e se mantém em textos já maduros, como *Além do princípio de prazer*: “[...] sempre volta a ocorrer que pulsões isoladas ou partes de pulsões revelem-se inconciliáveis em suas metas ou reivindicações com as restantes que podem juntar-se à *unidade abrangente do Eu*. São, então, dissociadas dessa unidade pelo processo de recalçamento” (FREUD, 2020c, p. 67, grifo nosso)³²⁹. Gostaríamos de enfatizar que esse estatuto do Eu é endossado pelo

327 “Die pathogene Bedeutung dieses Moments ergibt sich daraus, daß die meisten Triebansprüche dieser kindlichen Sexualität vom Ich als Gefahren behandelt und abgewehrt werden, so daß die späteren sexuellen Regungen der Pubertät, die ichgerecht sein sollten, in Gefahr sind, der Anziehung der infantilen Vorbilder zu unterliegen und ihnen in die Verdrängung zu folgen. Hier stoßen wir auf die direkteste Ätiologie der Neurosen. Es ist merkwürdig, daß der frühe Kontakt mit den Ansprüchen der Sexualität auf das Ich ähnlich wirkt, wie die vorzeitige Berührung mit der Außenwelt.” (FREUD, GW, 14, p. 187).

328 “Wenn der somatische Prozess der sexuellen Reifung die alten anscheinend überwundenen Libidofixierungen neu belebt, wird sich das Sexualeben gehemmt erweisen, uneinheitlich, in einander widerstreitende Strebungen zerfallen.” (FREUD, 2021e, p. 134).

329 “[Unterwegs] geschieht es immer wieder, daß einzelne Triebe oder Triebanteile sich in ihren Zielen oder Ansprüchen als unverträglich mit den übrigen erweisen, die sich zu der umfassenden Einheit des Ichs zusammenschließen können. Sie werden dann von dieser Einheit durch den Prozeß der Verdrängung

conceito de narcisismo. Além do fato de a libido narcísica tentar expulsar a pulsão de morte do Eu, que então aparece no objeto como esforço de destruição, Freud entende que é tarefa dos estratos superiores do aparelho anímico, onde podemos pressupor o Eu, ligar a excitação que vem das pulsões no modo de funcionamento primário, como vimos nesse mesmo escrito.

Isto posto, começamos a nos deparar com algumas ambiguidades que se delineiam em determinados conceitos da teoria freudiana. Elas permitem conferir mais de um sentido a determinadas ideias que, quando explorados, mostram a fecundidade do próprio pensamento do autor. No caso das pulsões sexuais, são equiparadas às pulsões de vida e a elas é atribuída a meta de ligar a substância viva em unidades cada vez maiores. Sob outra perspectiva, não é possível falar que a sexualidade elaborada por Freud sempre aspira a totalidades, diante da constatação de que ela é composta, ao mesmo tempo, por aspirações sexuais infantis e adultas, marcada por regressões e fixada a modos de operação precoces e parciais. O que queremos dizer é que as pulsões sexuais parciais e infantis e as pulsões sexuais reguladas pela unidade narcísica do Eu, dirigidas a objetos totais, fazem parte do mesmo campo – diferentemente de Laplanche, que precisa destinar o aspecto fragmentado do sexual às pulsões de morte e o aspecto ligado, às pulsões de vida –. Por mais que as pulsões sexuais se fixem ou regridam a estados anteriores e parciais do desenvolvimento, essas posições que elas ocupam implicam ainda ligações; quer dizer, não se trata do rumo em direção à inércia, à dissolução total das coesões, como se passa com a pulsão de morte. Logo, não se trata propriamente de um aniquilamento do objeto ou necessariamente de uma expressão pura do desligamento. Há ligações a objetos, a modos de satisfação que, no entanto, são *menos* totais, *menos* sintéticos.³³⁰ Por essa razão, Freud pode dar um nome único a essas manifestações ambíguas da sexualidade, o de pulsões de vida, Eros ou amor.

No caso do Eu, a ambiguidade que mencionamos merece ainda mais destaque, considerando os propósitos deste trabalho. Em nosso trajeto, começamos por indicar que o Eu narcísico é inundado de libido; tal é a justificativa abertamente colocada por Freud e por uma série de comentadores para legitimar a transição para o segundo dualismo pulsional, a saber, a existência de pulsões do Eu que são sexuais. Além disso, acompanhamos a letra de Freud e percebemos que parte das pulsões do Eu continua sendo de natureza não libidinosa. É esta

abgespalten...” (FREUD, 2020c, p. 66).

330 Vale lembrar aqui a discussão já travada no segundo capítulo deste trabalho, sobre as diversas modalidades de objeto e de relações com os objetos que devem ser supostas quando falamos de pulsões, sobretudo de pulsões sexuais, reguladas pela fantasia. Para mais desenvolvimentos sobre esse movimento regressivo da sexualidade e da libido, sua “viscosidade” ou inércia, a dificuldade de abandonar posições antigas que, no entanto, ainda significam ligações com objetos, remetemos o leitor a Filla (2020a).

parte que receberá o nome de pulsão de morte e a meta de destruir tudo o que for construído, rumo ao aniquilamento. Com isso, notamos que o Eu é habitado pelo conflito pulsional em seu interior, na medida em que parte das pulsões de autoconservação foi englobada pelas pulsões de vida, e outra parte foi destinada às pulsões de morte, explicitadas no objeto através da pulsão de destruição, conforme mostram o masoquismo primário e o sadismo. Em contrapartida, no presente tópico, observamos o narcisismo de outro ponto de vista, a partir do estatuto de totalidade e unidade ao qual ele eleva o Eu, que transborda à própria noção de sexualidade, agora inundada por características próprias do Eu, e revela sua faceta ligada e ligadora, indispensável à elaboração da noção de pulsão de vida. Ora, como pode o Eu ter tanta afinidade com a pulsão de vida e, ao mesmo tempo, com a pulsão de morte? Deixemos essa pergunta em suspenso, por enquanto, e retenhamos dela a natureza ambígua do Eu. É com tal característica instigante dessa instância que nos depararemos, de modo cada vez mais gritante, em nossos próximos passos. Já advertidos disso, passemos ao segundo eixo da “virada” de 1920 e à concepção estrutural do aparelho psíquico nela proposta, novamente tomando as atuações do narcisismo como horizonte.

3.2 A segunda tópica psíquica: o reconhecimento de partes inconscientes no Eu e o narcisismo

A primeira apresentação da teoria estrutural do aparelho psíquico, sua divisão em Isso, Eu e Supereu, se encontra na obra *O Eu e o Isso* (1923), prefaciada por Freud como a retomada de linhas de pensamento iniciadas em 1920 e, curiosamente – já que consiste na inauguração da segunda tópica –, como um escrito de caráter mais sintético, do que especulativo. Talvez Monzani (1989) nos ajude a compreender o porquê desta afirmação ao demonstrar que os principais problemas que apontavam para a insuficiência da primeira teoria do aparelho psíquico já eram conhecidos por Freud há longo tempo. O filósofo seleciona determinadas questões fundamentais que desempenham esse papel, entre elas a dinâmica do conflito psíquico, especificamente o fato de a defesa ser, ela mesma, inconsciente, o que já despertava a desconfiança de Freud desde escritos anteriores; a diferença entre ser inconsciente e pertencer ao que se entendia por “sistema inconsciente”, ligada à condição de o último não ser habitado apenas pelo recalcado; e a reformulação da noção de Eu, fomentada pelo artigo sobre o narcisismo de 1914. Evidentemente, são os problemas atravessados pela

última questão que nos interessam mais aqui, ainda que eles impliquem os outros pontos levantados, visto que pressupõem o conceito que protagoniza nosso trabalho e seus desdobramentos para o estatuto do Eu.

Mais uma vez, guiados pela advertência de que não se trata de um “abandono” da primeira tópica e sua substituição pela segunda (MONZANI, 1989, p. 235), mas sim de acompanhar o movimento do pensamento freudiano a esse respeito, na complexidade que lhe é própria, seguiremos nosso percurso apontando para as contribuições do narcisismo. Entre elas, assim como se sucedeu em nossa análise sobre a teoria das pulsões, há participações mais explícitas, abertamente indicadas pelo próprio Freud, relacionadas à identificação, à possibilidade de clivagem do Eu e, conseqüentemente, à edificação do Supereu, assim como aquelas mais latentes, que precisam ser trabalhadas, como sua importância para a constatação de que partes do Eu são inconscientes. Começaremos pelas últimas, que nos permitirão abordar as complexas relações entre o Eu e o Isso; depois, trataremos das primeiras. Finalmente, teremos condições de contemplar as dependências do Eu no que diz respeito à realidade e às outras instâncias do aparelho psíquico e demonstrar, de modo mais explícito, seu elevado grau de ambigüidade na teoria freudiana.

Partindo do modo como a evolução dessas ideias é contada por Freud, observamos que nosso autor coloca a descoberta de partes inconscientes no Eu na conta do fenômeno da resistência (*Widerstand*) e de uma apreciação mais precisa de seu funcionamento. Já em *Além do princípio de prazer*, na ocasião em que se debruça sobre a compulsão de repetição manifesta no tratamento analítico – o neurótico repete as vivências recalçadas em ato, na transferência, em vez de recordá-las –, o psicanalista esclarece ao leitor que seria ilógico supor que a resistência à cura partiria do recalçado inconsciente, já que este “não impõe nenhuma resistência aos esforços do tratamento, ele próprio não almeja nada além de, lutando contra a pesada pressão sobre ele, abrir um caminho em direção à consciência ou à descarga por meio da ação real” (FREUD, 2020c, p. 89)³³¹. Aqui se desenrola quase que um silogismo. A primeira premissa é que seria mais adequado atribuir a resistência às mesmas “camadas e sistemas superiores (*höhere Schichten und Systeme*) da vida anímica” que efetuaram, antes, o recalque, o que significa que ela parte do Eu. A segunda premissa é que a resistência e seus motivos são inconscientes, segundo as observações clínicas. Logo, como conclusão, só pode

331 “[Das Unbewußte, das heißt das „Verdrängte“], leistet den Bemühungen der Kur überhaupt keinen Widerstand, es strebt ja selbst nichts anderes an, als gegen den auf ihm lastenden Druck zum Bewußtsein oder zur Abfuhr durch die reale Tat durchzudringen.” (FREUD, 2020c, p. 88).

haver uma reformulação na terminologia, a ponto de Freud nos dizer que opor consciente e inconsciente não é correto, mas sim o “*Eu* coerente (*zusammenhängend*) e o *recalcado*”, e completar: “Grande parte do *Eu* é com certeza propriamente inconsciente, justamente aquilo que podemos chamar de cerne do *Eu*; apenas uma parte mínima dele recobrimos com o nome de *pré-consciente*” (FREUD, 2020c, p. 89, grifo do autor)³³².

Ainda que esta não seja a última palavra de Freud a respeito de qual seria o cerne ou núcleo (*Kern*) do *Eu*, ponto de oscilação ao qual voltaremos mais tarde, o fato é que a responsabilidade da resistência em apontar para as regiões inconscientes do *Eu* é mantida nas outras exposições que o autor faz do tema, tanto em 1923, quanto nas *Novas conferências de introdução à psicanálise*, em 1933. No primeiro capítulo de *O Eu e o Isso*, o psicanalista recupera a distinção determinante para a primeira tópica, entre inconsciente, pré-consciente e consciente e relembra alguns aspectos importantes dela, como a possibilidade de ver no pré-consciente também um tipo de inconsciente, no sentido descritivo do termo, o inconsciente latente, suscetível de consciência sem grandes dificuldades. Por outro lado, do ponto de vista dinâmico, só há um inconsciente, seu “modelo” (*Vorbild*) é o do recalçado e esta foi a grande contribuição da psicanálise; trata-se de processos anímicos ou representações de grande intensidade que permanecem inconscientes pela atuação de uma força oposta à sua emergência na consciência.³³³ Só então Freud pode dizer que essas distinções não bastam mais, mostram-se insuficientes, e destacar a resistência como a situação decisiva para chegar a essa conclusão. Enfatizaremos dois pontos do modo de exposição do psicanalista neste escrito. O primeiro é que ele recupera aqui a imagem do *Eu* que desenvolvemos no primeiro capítulo deste trabalho:

Formamos a ideia de uma organização coerente dos processos psíquicos na pessoa, e a denominamos o *Eu* da pessoa. A este *Eu* liga-se a consciência, ele domina os acessos à motilidade, ou seja: a descarga das excitações no mundo externo; é a instância psíquica que exerce o controle sobre todos os seus processos parciais, que à noite dorme e ainda então pratica a censura nos sonhos. Desse *Eu* partem igualmente os recalques através dos quais certas tendências psíquicas devem ser

332 “*Vieles am Ich ist sicherlich selbst unbewußt, gerade das, was man den Kern des Ichs nennen darf; nur einen geringen Teil davon decken wir mit dem Namen des Vorbewußten.*” (FREUD, 2020c, p. 88).

333 Cabe reforçar que tornar conscientes os processos inconscientes do ponto de vista dinâmico requer esforço e trabalho, pois há custo e dificuldade envolvidos, e ainda assim pode ser que isso nunca seja alcançado. Nos termos do *Compêndio de psicanálise* (1940), sobre esse outro tipo de inconsciente, diferente do pré-consciente, lemos: “Outros processos e conteúdos psíquicos não encontram um acesso tão facilitado para o tornar-se consciente, mas devem ser inferidos, conforme a maneira descrita, conjecturados e traduzidos para uma expressão consciente. A esses reservamos o nome de inconsciente propriamente dito.”/ “*Andere psychische Vorgänge, Inhalte haben keinen so leichten Zugang zum Bewusstwerden, sondern müssen auf die beschriebene Weise erschlossen, erraten und in bewussten Ausdruck übersetzt werden. Für diese reservieren wir den Namen des eigentlich Unbewussten.*” (FREUD, 2021e, p. 53 e p. 52).

excluídas não só da consciência, mas também dos outros modos de vigência e atividade. (FREUD, 1923/2011a, p. 20, grifo do autor).³³⁴

Tal descrição já nos fornece a pista preciosa de que Freud não deixou para trás a visão que tinha do Eu, mas sim a tornou mais complexa e menos divergente do polo ao qual ela fazia oposição, como veremos adiante com mais detalhes. O segundo ponto que merece ênfase é o fato de nosso autor propor que a resistência exteriorizou partes do Eu que não são inconscientes no mero sentido descritivo ou latente do termo. Diante da situação em curso no trabalho com os neuróticos, Freud observou que há regiões dinamicamente inconscientes no Eu, de onde parte a resistência, enquanto força que mantém o recalque. A cada vez que o paciente se acercava do recalcado, deparava-se com dificuldades, suas associações falhavam, ele se colocava a negar ou a se distanciar do tema tratado e não podia saber nada sobre essa atitude psíquica; mesmo que pudesse identificar sensações desprazerosas ao falar sobre determinado assunto, não conseguia definir o porquê e tampouco tomar conhecimento da resistência quando comunicada pelo analista. Nas palavras de Freud: “Encontramos no próprio Eu algo que é também inconsciente, comporta-se exatamente *como* o recalcado, isto é, exerce poderosos efeitos sem tornar-se consciente, e requer um trabalho especial para ser tornado consciente” (FREUD, 2011a, p. 21, grifo nosso)³³⁵.

Novamente, o psicanalista indica que é mais frutífero tratar da oposição entre Eu coerente e recalcado, do que daquela entre consciente e inconsciente. Estas passam a denotar qualidades psíquicas que, apesar de fundamentais, perdem o valor de critério para a divisão do aparelho psíquico.³³⁶ A partir disso, sustenta-se com mais veemência que o inconsciente não

334 “*Wir haben uns die Vorstellung von einer zusammenhängenden Organisation der seelischen Vorgänge in einer Person gebildet und heißen diese das Ich derselben. An diesem Ich hängt das Bewußtsein, es beherrscht die Zugänge zur Motilität, das ist: zur Abfuhr der Erregungen in die Außenwelt; es ist diejenige seelische Instanz, welche eine Kontrolle über all ihre Partialvorgänge ausübt, welche zur Nachtzeit schlafen geht und dann immer noch die Traumzensur handhabt. Von diesem Ich gehen auch die Verdrängungen aus, durch welche gewisse seelische Strebungen nicht nur vom Bewußtsein, sondern auch von den anderen Arten der Geltung und Betätigung ausgeschlossen werden sollen.*” (FREUD, GW, 13, p. 243).

335 “*Wir haben im Ich selbst etwas gefunden, was auch unbewußt ist, sich gerade so benimmt wie das Verdrängte, das heißt starke Wirkungen äußert, ohne selbst bewußt zu werden, und zu dessen Bewußtmachung es einer besonderen Arbeit bedarf.*” (FREUD, GW, 13, p. 244).

336 A propósito, Freud dedica boa parte do segundo capítulo de *O Eu e o Isso* para reforçar a hipótese já levantada no artigo de 1915, *O Inconsciente*, a respeito de como se daria a passagem de uma representação inconsciente para uma representação pré-consciente ou consciente – por meio da conexão com “representações da palavra/verbais” (*Wortvorstellungen*), que são “resíduos mnemônicos” (*Erinnerungsreste*) provenientes de percepções, em sua maioria acústicas, das palavras (FREUD, 2011a, p. 24; GW, 13, p. 247-48) –. Com isso, não despreza a condição de ser consciente, já que só podemos ter notícia do que é inconsciente através da consciência, mas busca fundamentá-la a partir de outra perspectiva: “Já não se trata mais de definir o estatuto de uma representação por sua pertinência ou não a um sistema ou ordem, mas sim de fazer derivar o atributo de ser ou não consciente a partir de algo que é intrínseco à própria representação. De agora em diante, não se trata, de direito, de saber onde está nem a que tratamento econômico ela foi submetida, mas antes de saber qual forma se apresenta” (MONZANI, 1989, p. 262). Ver

se esgota no recalçado³³⁷: “Também uma parte do Eu – e sabe Deus quão importante ela é –”, pode ser e é inconsciente, “no verdadeiro sentido” (*im eigentlichen Sinne*) do termo (FREUD, 2011a, p. 22)³³⁸. Isso explica porque, na *Conferência 31*, Freud tece críticas à noção de “sistema *Ics*”, com a qual operava na primeira tópica. Ora, se o Eu, e também o Supereu, já podemos adiantar, são dinamicamente inconscientes, não teria como chamar o sistema totalmente alheio ao Eu de inconsciente, uma vez que esta condição é compartilhada por outras regiões do aparelho psíquico.³³⁹ Nosso autor também confere os devidos créditos à resistência nessa ocasião e não deixa de expressar os inconvenientes desses fatos, na medida em que fala da “desagradável” (*unerfreulich*) e “realmente incômoda descoberta” (*die eigentliche unbequeme Entdeckung*) de que “(Super-) Eu e consciente, de um lado, e recalçado e inconsciente, do outro lado, de maneira nenhuma coincidem” (FREUD, 1933/2010d, p. 208)³⁴⁰.

De antemão, apesar de Freud falar disso em termos de uma “descoberta”, é necessário reconhecer que há indícios da posição complicada do Eu a esse respeito desde seus primeiros textos: “Ora ele parece se identificar com o sistema percepção-consciência, ora ele parece ser mais extenso que este último, levando seus domínios para além do consciente e do pré-consciente, e mergulhando no inconsciente” (MONZANI, 1989, p. 244). Os momentos em que a última faceta do Eu aparece nas primeiras teorizações freudianas giram em torno da percepção de que a defesa empreendida por ele pode ser inconsciente, como já vimos.³⁴¹ Se

esta referência para uma discussão mais detalhada a esse respeito.

337 Lembrando que Freud já sabia disso pelo menos desde o artigo sobre o inconsciente, de 1915.

338 “*Auch ein Teil des Ichs, ein Gott weiß wie wichtiger Teil des Ichs...*” (FREUD, GW, 13, p. 244 e p. 246).

339 Quanto ao problema do sistema inconsciente, embora não seja nosso foco aqui, é o ponto mais explorado por Monzani (1989, 2005). O autor mostra que Freud não podia simplesmente abrir mão da primeira tópica, mesmo sabendo de suas insuficiências há bastante tempo, porque precisava resguardar a descoberta fundamental da psicanálise, a saber, a de que somos movidos por algo que se situa em uma outra cena. Esse outro lugar era, justamente, o sistema inconsciente na primeira teoria metapsicológica. Na medida em que a condição de inconsciente passa a se aplicar a regiões antes opostas a essa região, aquelas que correspondiam aos sistemas pré-consciente e consciente, Freud precisa encontrar meios de preservar a radicalidade desse lugar psíquico “de difícil acesso ao sujeito, onde, no entanto, habita sua verdade” (MONZANI, 2005, p. 152). A província anímica alheia ao Eu será ocupada, então, pelo Isso; para o autor, a “grande construção teórica dos anos 20” seria essa (MONZANI, 1989, p. 264). O Isso preserva, de modo geral, as características que eram atribuídas ao sistema *Ics* e apresenta um modo de funcionamento particular, que ultrapassa o fato de ser habitado por representações inconscientes e recalçadas, afinal ele é composto também por esquemas herdados, ponto em que o biologismo de Freud ganha força (MONZANI, 2005, p. 151). Veremos adiante algumas das características dessa região psíquica.

340 “[...] *daß (Über-) Ich und bewußt einerseits, Verdrängtes und unbewußt anderseits keineswegs zusammenfallen.*” (FREUD, GW, 15, p. 75).

341 No primeiro capítulo, mostramos trechos do *Projeto de psicologia* (1895) e das *Novas observações sobre as neuropsicoses de defesa* (1896) que sugerem isso. Monzani (1989, p. 255) mostra, ainda, uma passagem de *O inconsciente* (1915), na qual Freud insinua que parte das moções que governam nosso Eu são estranhas à consciência, e trechos da *Interpretação dos sonhos*. Apenas em relação aos últimos, vale notar que o filósofo parece não se atentar ao fato de que foram acrescentados à edição de 1919 (FREUD, 2015a, p. 586), ano em

Freud enfatiza a resistência em seu argumento de mostrar as partes inconscientes do Eu, age de modo convergente com isso que parecia trazer incômodo bem antes de 1920. Ainda seguindo a pista de Monzani (1989, p. 245), contudo, interessa-nos ir além da história contada pelo próprio Freud e mostrar o papel do narcisismo nisso, pois “a partir do texto sobre o narcisismo, outra série de características do ego vai se delineando, a ponto de conduzir essa noção a um ponto de precisão muito maior do que até então.”

Por um lado, portanto, podemos desconfiar de concepções como aquelas defendidas por Birman (1997, p. 29-30), para quem Freud teria *rompido definitivamente* com certa “concepção clássica do eu e da razão” em 1914, “na medida em que, com ‘Para introduzir o narcisismo’, os valores da autoconservação e da soberania da razão não ficaram mais em pauta, já que o eu passou a ser marcado também pelas incidências do sexual.” Em primeiro lugar, porque essa posição pressupõe que Freud operava com a seguinte imagem do Eu na primeira tópica: “[...] o eu seria um *espaço mental autônomo*, que teria acesso ao mundo das coisas materiais e aos objetos da realidade, capazes de produzir e de reproduzir os interesses vitais das individualidades” (BIRMAN, 1997, p. 27, grifo do autor). Pela proximidade do Eu com a função do recalque, com os sistemas pré-consciente/consciente, com a realidade e com os processos secundários, Birman (1997, p. 28) entende que o discurso freudiano estava vinculado “ao modelo clássico de subjetividade”, pois “o eu poderia ter acesso a valores transcendentais, capazes de fundar os interesses dos indivíduos, na medida em que seria uma instância psíquica autônoma.” No entanto, se há indícios, no texto freudiano, de que essas equivalências não eram tão enrijecidas assim, de acordo com o que acabamos de ver com Monzani (1989), não podemos tratar o tema com tal unilateralidade. Além disso, embora o narcisismo tenha, de fato, atravessado o Eu com as “demandas eróticas” e operado no sentido do “descentramento do eu em psicanálise” (BIRMAN, 1997, p. 29), Freud não deixa de concebê-lo a partir de suas relações com a consciência, a motilidade, a defesa e a censura, como organização coerente dos processos anímicos em uma pessoa, como começamos a ver em *O Eu e o Isso*, e a apostar em suas capacidades de domínio das pulsões, como veremos no último capítulo. Defender a incidência do narcisismo na revelação da faceta do Eu mais próxima ao lado inconsciente e, portanto, irracional da vida anímica não deve conduzir a uma simplificação da complexidade dessa instância na letra de Freud; é, justamente, sua

que já se iniciava a escritura de *Além do princípio de prazer* e já eram preparadas as revisões de 1920.

ambiguidade, decorrente de tal complexidade, que vai ganhando força na segunda tópica psíquica.

Advertidos disso, podemos apontar que, ao atribuir essa revisão apenas à resistência, Freud deixa de conceder o devido valor às mudanças no estatuto do Eu trazidas à tona pelo narcisismo. Tomemos emprestadas as palavras de Birman (1997, p. 30, grifo nosso), que, desta vez, mostram-se pertinentes por tratar das questões que se abrem – e não da simples ruptura com a antiga noção de Eu – a partir disso:

Enunciar o conceito de narcisismo é formular que o eu é uma instância psíquica erotizada e regulada pelo princípio de prazer. [...] A função adaptativa, transcendente e autônoma do eu é *colocada em questão*, justamente porque o que é enunciado no primeiro plano da teoria é a inserção do eu na balança energética libidinal, que oscila entre o eu e os objetos.

Não se trata de uma novidade para o leitor, evidentemente, pois é com esses ajustes em relação ao Eu que trabalhamos ao longo de nosso capítulo anterior. No entanto, gostaríamos de ressaltar a fecundidade do conceito de narcisismo na direção de revelar as regiões inconscientes no sentido dinâmico do termo, aquilo que se comporta como o recalçado, segundo seu modelo, no Eu. O recalçador da primeira tópica compartilha das mesmas propriedades daquilo que o importuna e é alvo do recalque, quer dizer, das pulsões sexuais. Em nosso percurso, já mostramos a presença da libido narcísica no Eu, como ele se coloca como destino para as pulsões sexuais e se defende delas oferecendo-se como objeto, e ainda sua composição a partir dos objetos sexuais com os quais se identifica. Não é pequena a contribuição do narcisismo, apesar de Freud não falar dela abertamente nesse caso, em mostrar que no Eu existem processos primários, dinamicamente inconscientes e sexuais, junto a processos secundários, pré-conscientes/conscientes e, por assim dizer, antisssexuais. Vejamos as seguintes afirmações de Freud, que indicam a possibilidade de olhar para o Eu dessa forma:

O *princípio de prazer* segue sendo então, por longo tempo ainda, o modo de trabalho das pulsões sexuais difíceis de “educar”, e sempre volta a ocorrer que, seja a partir dessas últimas, *seja no próprio Eu, ele vence o princípio de realidade, em prejuízo do organismo inteiro.* (FREUD, 1920/2020c, p. 67, grifo nosso)³⁴².

Ou ainda, no contexto da discussão sobre a transferência, que estaria a serviço da resistência do Eu: “*a compulsão à repetição [...] é, por assim dizer, puxada para o seu lado pelo Eu, que quer se agarrar ao princípio de prazer*” (FREUD, 1920/2020c, p. 99, grifo

³⁴² “Das Lustprinzip bleibt dann noch lange Zeit die Arbeitsweise der schwerer „erziehbaren“ Sexualtriebe, und es kommt immer wieder vor, daß es, sei es von diesen letzteren aus, sei es im Ich selbst, das Realitätsprinzip zum Schaden des ganzen Organismus überwältigt.” (FREUD, 2020c, p. 66).

nosso)³⁴³. Com efeito, essa noção de Eu pode ser considerada tributária do narcisismo, pelo menos em alguma medida. Poderia Freud tecer considerações como essas, presentes em *Além do princípio de prazer*, sem esse conceito? Ainda que o narcisismo não seja a única noção responsável por apontar para a faceta do Eu que consente com o modo de funcionamento inconsciente e pulsional, que continua trabalhando sob o império do princípio de prazer e se comporta segundo a compulsão de repetição, é, na pior das hipóteses, um de seus pilares.

Gostaríamos de chamar a atenção, ainda, para a ideia que ganha espaço, em detrimento à distinção entre consciente e inconsciente, de um Eu coerente que se contrapõe ao recalado e resiste em entrar em contato com este. Isso parece remeter à noção de unidade do Eu, também atravessada pelo narcisismo, que não se concilia com determinados conteúdos, com a qual já estamos familiarizados. Veremos que, seguindo por essa via, nos deparamos com a participação do Eu narcísico na própria noção de resistência, já que em uma de suas formas, ela opera pela inclusão do sintoma no próprio Eu, a fim de preservar certa unidade, manter o recalque e, ao mesmo tempo, as satisfações substitutivas proporcionadas pelo sintoma. Tal reflexão só pode fazer sentido para o leitor, contudo, depois que adentrarmos nas minúcias do Eu da segunda tópica e em suas relações com o Isso, que refletem a natureza dúbia daquele.

3.2.1 Diferenças e proximidades entre o Eu e o Isso e o ponto de encontro entre narcisismo e resistência

Freud trabalha com as divisões do aparelho psíquico delineadas a partir de *O Eu e o Isso* em uma série de escritos, até o final de sua obra. Retomaremos a primeira exposição no texto citado e percorreremos os demais sob a ótica das divergências e proximidades entre ambas as instâncias. No primeiro caso, veremos as singularidades do Eu com mais nitidez e a manutenção de certa imagem convergente com aquela que já conhecemos na primeira tópica; no segundo, veremos sua faceta mais próxima ao Isso e ao seu próprio inimigo no conflito psíquico. De todo modo, teremos condições de contemplar o conceito de Eu da segunda tópica em suas ambiguidades, reforçar determinadas incidências do narcisismo e esclarecer onde – e como – ele toca no problema da resistência.

No segundo capítulo da obra de 1923, Freud propõe que o indivíduo (*Individuum*) seja concebido como um Isso psíquico – o outro psíquico, não conhecido (*unerkannt*) e

343 “[...] der Wiederholungszwang [...] wird gleichsam vom Ich, *das am Lustprinzip festhalten will*, auf seine Seite gezogen.” (FREUD, 2020c, p. 98).

inconsciente –, ideia que atribui a Georg Groddeck, e um Eu. Na representação do Eu (*Vorstellung vom Ich*), podemos identificar as seguintes marcas principais: 1) É a essência que parte do sistema *P* (percepção), como “seu núcleo”³⁴⁴; 2) É primeiro *Pcs* (pré-consciente) e se apoia (*sich anlehnen*) nos restos mnêmicos, portanto restos de percepção; 3) Também é inconsciente; 4) Assenta-se (*aufsitzen*) superficialmente (*oberflächlich*) sobre o Isso, não o cobrindo por completo, mas apenas à medida que se estende o sistema *P*; 5) Não está nitidamente separado do Isso, conflui (*zusammenfließen*)³⁴⁵ com ele para baixo; 6) Está visivelmente separado do recalco – que também conflui com o Isso, embora não seja sua totalidade – pelas “resistências do recalco”, ainda que possa entrar em contato com ele através do Isso (FREUD, 2011a, p. 28-30)³⁴⁶.

Essa descrição, que conta com a conhecida representação gráfica, deve ser complementada com o ponto de vista genético, afinal o Eu se origina a partir do Isso, “é a parte do Isso modificada pela influência direta do mundo exterior, sob mediação de *P-Cs*, como que um prosseguimento da diferenciação da superfície” (FREUD, 2011a, p. 31)³⁴⁷. Apesar de tal confluência, frequentemente as qualidades que Freud atribui ao Isso entram em contraste com aquelas atribuídas ao Eu, de modo análogo ao que acontecia com os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente na primeira tópica. Por exemplo, o Eu se empenha em impor as influências do mundo exterior e, conseqüentemente, do princípio de realidade sobre o Isso, além de governar o acesso à motilidade, ao passo que este é regido unicamente pelo princípio de prazer e pela lei do desejo. Nosso autor chega a dizer: “A percepção tem, para o Eu, o papel que no Isso cabe à pulsão. O Eu representa o que se pode chamar de razão e circunspeção, em oposição ao Isso, que contém as paixões” (FREUD, 2011a, p. 31)³⁴⁸.

Até aqui, estamos em terreno conhecido. Em contrapartida, pelo menos dois aspectos levantados por Freud ainda em 1923 parecem mais notáveis, a saber, o fato de o Eu tentar interferir no Isso com forças emprestadas do último, e não com as próprias forças; e sua

344 “*Wir sehen es [das Ich] vom System W als seinem Kern ausgehen...*” (FREUD, GW, 13, p. 251). Vale notar que encontramos *Pcp* para se referir à percepção na edição da Companhia das Letras; optamos por manter *P*, para preservar a opção já feita no primeiro capítulo, quando expusemos a primeira tópica com base na *Interpretação dos sonhos*.

345 Esse verbo tem o sentido figurado de “confundir-se” quando se trata de cores ou de tons, o que merece ser levado em conta. Cf. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/alemao-portugues/zusammenflie%C3%9Fen>

346 Cf. FREUD, GW, 13, p. 251-52.

347 “[...] *[das Ich] ist der durch den direkten Einfluß der Außenwelt unter Vermittlung von W-Bw veränderte Teil des Es, gewissermaßen eine Fortsetzung der Oberflächendifferenzierung.*” (FREUD, GW, 13, p. 252).

348 “*Die Wahrnehmung spielt für das Ich die Rolle, welche im Es dem Trieb zufällt. Das Ich repräsentiert, was man Vernunft und Besonnenheit nennen kann, im Gegensatz zum Es, welches die Leidenschaften enthält.*” (FREUD, GW, 13, p. 252-53).

condição de ser corporal, uma entidade superficial, que é também a projeção psíquica da superfície do corpo. O primeiro ponto é explorado por nosso autor por meio da conhecida metáfora do cavaleiro (o Eu) e do cavalo (o Isso). Para que aquele permaneça com o domínio do animal, por vezes precisa fazer a vontade dele, como se fosse a sua. Essa analogia é repetida em escritos posteriores do psicanalista e nos interessa na medida em que começa a trazer à tona que o Eu opera com a energia do Isso. Ainda que as pulsões, libidinosas e de morte, estejam ativas “em cada fragmento de substância viva” (FREUD, 2011a, p. 51)³⁴⁹ e submetam à sua ação (*Einwirkung*) tanto o Eu, quanto o Isso, é neste que o psicanalista passa a localizar o polo pulsional, o que culminará em um ajuste à teoria do narcisismo primário e secundário, proposta no quarto capítulo. Na verdade, não seria o Eu o reservatório da libido, mas o Isso; este armazenaria toda a energia pulsional, configurando o narcisismo primário, e investiria nos objetos, enquanto o Eu, em processo de constituição, se fortalece. Só então, depois de fortalecido, o Eu tentaria se apoderar da libido de objeto e se colocaria como objeto de amor ao Isso, no narcisismo secundário (FREUD, 2011a, p. 58)³⁵⁰. Quer dizer, os investimentos libidinais passariam, a princípio, do Isso aos objetos e, depois, destes ao Eu.

Sabemos que nos escritos pós-1923 que tocam no tema, Freud volta a sustentar que o Eu é o reservatório da libido. No *Compêndio de psicanálise* (1940), por exemplo, Freud coloca esse ponto de vista, mas também sugere, alguns parágrafos antes, que a libido, a princípio, estaria presente no “Eu-Isso (*Ich-Es*) ainda indiferenciado” (FREUD, 2021e, p. 27)³⁵¹. Na 32ª das *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1933), algo semelhante já tinha sido afirmado sobre o grupo das pulsões de morte, com base na situação do masoquismo: “Se também para a pulsão de destruição é verdadeiro que o Eu – mas aqui nos referimos mais ao Isso, à pessoa inteira – inclui originalmente todas as moções* pulsionais” (FREUD, 2010d, p. 254)³⁵². James Strachey, em um dos apêndices de *O Eu e o Isso*, se dedica a esse assunto e, para dar conta dessas flutuações freudianas, aposta no sentido duplo da palavra reservatório, enquanto lugar que armazena e fornece, e na hipótese do Eu-Isso

349 “[...] in jedem Stück lebender Substanz...” (FREUD, GW, 13, p. 269).

350 Cf. FREUD, GW, 13, p. 275.

351 Cf. FREUD, 2021e, p. 26.

352 “Wenn es auch für den Destruktionstrieb zutrifft, daß das Ich — aber wir meinen hier vielmehr das Es, die ganze Person — ursprünglich alle Triebregungen in sich schließt...” (FREUD, GW, 15, p. 112). *Na edição da Companhia das Letras, como já indicamos, “impulso” é a tradução escolhida para *Regung*. Preservamos a escolha do tradutor nas citações diretas, mas quando se tratar da palavra composta *Triebregung*, abriremos uma exceção. Ela é vertida por “impulso instintual” nesta versão em português. Como nos decidimos por “pulsão”, em vez de “instinto”, para designar *Trieb*, utilizaremos “moção pulsional” no caso do vocábulo composto daqui em diante, para evitar “impulso pulsional”, mesmo quando se tratar de citações literais.

indiferenciado para resolver o que entende como uma contradição aparente.³⁵³ Como explica Green (1988a, p. 106, grifo do autor), para o tradutor inglês, o Eu-Isso cumpriria as duas funções: “A de ser uma *fonte de energia* e um *entreposto de reserva*”. Por um lado, encontra uma solução para o impasse; por outro, não mostra porque Freud precisou fazer esse ajuste na teoria do narcisismo em 1923.

A interpretação de Florence (1984, p. 15-16) tem sua riqueza por apontar possíveis exigências teóricas respondidas por Freud com essa revisão. A noção do Eu como reservatório das pulsões, tanto da libido, quanto da pulsão de morte, abalaria a própria teoria do Eu, conforme ele é cunhado na segunda tópica. De modo convergente com o que vimos, ele entende que o Eu exposto em *Além do princípio de prazer* é mais o “campo de batalha das pulsões de vida e das pulsões de morte”, do que o Eu organizado e coerente da teoria estrutural do aparelho psíquico, assentado sobre o Isso pulsional. Ele afirma: “O ‘eu’ (*moi*) do masoquismo originário se tornará na doutrina o ‘isso’ (*ça*).” O Eu organizado nascerá do que Florence chama de uma “elaboração pulsional”, um retorno dos investimentos pulsionais oriundos do Isso. É nesse sentido que o Eu pode ser concebido como “precipitado pulsional secundário” pelo autor. O que ele chama de narcisismo do Isso estaria situado no registro autoerótico e pulsional, ao passo que o narcisismo do Eu dependeria de seu desenvolvimento, que implica sua delimitação em relação ao Isso, enquanto unidade (FLORENCE, 1984, p. 71)³⁵⁴.

É nessa separação que podemos ver o Isso funcionando apenas sob o governo das pulsões, exigentes de satisfação, e o Eu desempenhando atividades que requerem maior organização na vida anímica, de modo que se possa conceber que as moções pulsionais “originalmente pertencentes ao Isso” sejam alteradas “por influência do Eu organizado” (FREUD, 1933/2010d, p. 245)³⁵⁵. Se há oscilações da parte de Freud – Isso, Eu ou Eu-Isso indiferenciado como primeiro abrigo de onde partem as pulsões –, é porque também há dificuldades em estabelecer os limites entre o Eu e o Isso, e nesse ponto Strachey parece ter razão. Mas supor que o narcisismo do Isso é primário na primeira apresentação da segunda tópica permite a Freud dar contornos mais específicos a esse outro psíquico, uma vez que ele

353 Cf. FREUD, 1992e, p. 63-66.

354 O autor chega a convocar, nessa mesma página, a etimologia de *entwickeln* (desenvolver) para fortalecer seu argumento. O termo é utilizado por Freud naquela citação do artigo sobre o narcisismo de 1914 com a qual já trabalhamos, que fala da nova ação psíquica necessária à constituição do Eu: “[...] o Eu precisa ser desenvolvido...”/ “[...] *das Ich muß entwickelt werden*...”. O autor acentua o prefixo *ent-*, que evocaria a *separação* ou *extirpação* do Eu em relação ao Isso.

355 “[...] *welche Veränderungen die ursprünglich dem Es angehörigen Triebregungen unter dem Einfluß des organisierten Ichs erfahren*.” (FREUD, GW, 15, p. 104).

vem ocupar o papel de polo pulsional (é do cavalo que provém a força), e ao próprio Eu, que apesar de ter sua confluência com o Isso e de ter suas regiões inconscientes, também é lugar da razão, da prudência e da organização (o cavaleiro que usa a força do cavalo).

Prosseguiremos com essa discussão no próximo capítulo, junto ao tema da identificação e da libido dessexualizada com a qual o Eu opera, que escancaram sua ambiguidade. Voltemos à segunda ideia defendida por Freud (1923/2011a, p. 32)³⁵⁶: “O Eu é sobretudo corporal, não é só uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície.” Em uma nota validada por Freud, Strachey adiciona o seguinte esclarecimento: “Ou seja, que o Eu deriva, em última instância, de sensações corporais, principalmente as que partem da superfície do corpo. Cabe considerá-lo, então, como a projeção psíquica da superfície do corpo, além de representar [...] a superfície do aparelho psíquico” (FREUD, 1919/1992e, p. 27-28). A modificação do Isso em Eu depende das “percepções externas e internas” que partem da própria superfície do corpo; sobre este, lemos: “É visto como um outro objeto, mas ao ser tocado produz dois tipos de sensações, um dos quais pode equivaler a uma percepção interna” (FREUD, 2011a, p. 32)³⁵⁷. Segundo Bocchi (2010, p. 144): “A superfície corporal proporciona sensações diferentes que equivalem às percepções internas e externas ao mesmo tempo, oferecendo a possibilidade do corpo poder objetivar-se para si mesmo.” A autora ainda explora a questão de um ponto de vista que nos interessa especialmente, na medida em que convoca o narcisismo:

Essa auto-objetivação, digamos assim, o estranhamento em relação ao próprio corpo coincide, em termos de desenvolvimento psicosexual, com os momentos em que o narcisismo unifica diferentes sensações numa imagem de si, investindo-a repetidas vezes. O conceito de ego corporal freudiano dá margem para se pensar na relação especular presente no narcisismo, portanto na formação do ego a partir da auto-imagem e das representações de objeto que daí decorrem, por exemplo, na escolha narcísica (na qual essa imagem é o modelo) e nas circunstâncias em que o outro é inicialmente percebido como um idêntico. (BOCCHI, 2010, p. 144).

Revemos aqui o narcisismo e sua relação com a constituição do Eu, a partir da reunião dos investimentos pulsionais na imagem unitária do próprio corpo que, no entanto, é visto como um outro objeto, nisso que pode ser chamado de “auto-objetivação”. Talvez Baranger (2000, p. 174) sintetize muito disso ao indicar a abrangência do elemento especular do conceito de narcisismo: “O objeto do narcisismo flutua entre o corpo, a imagem do corpo, o

356 “Das Ich ist vor allem ein körperliches, es ist nicht nur ein Oberflächenwesen, sondern selbst die Projektion einer Oberfläche.” (FREUD, GW, 13, p. 253). Na edição da Amorrortu, lemos que o Eu é uma *esencia-cuerpo* ou uma *esencia-superficie*, outras traduções possíveis (FREUD, 1919/1992e, p. 27).

357 “Er wird wie ein anderes Objekt gesehen, ergibt aber dem Getast zweierlei Empfindungen, von denen die eine einer inneren Wahrnehmung gleichkommen kann.” (FREUD, GW, 13, p. 253).

Eu enquanto instância e a pessoa em algumas de suas características reais ou imaginadas ou enquanto um todo.” Não nos alongaremos mais nesse debate, mas também podemos notar que certas particularidades do Eu, como a dimensão de totalidade própria do narcisismo, ganham força aqui, em detrimento a certo caos pulsional que reinaria no Isso.

Ampliando essa investigação sobre a proximidade entre o Eu e o Isso em direção a outros escritos de Freud, nos deparamos com fragmentos textuais que revelam quase que uma continuidade entre essas instâncias. Em *Alguns complementos à interpretação dos sonhos* (1925), por exemplo, o psicanalista se debruça sobre o tema da responsabilidade moral pelo conteúdo dos sonhos e defende que somos responsáveis por aquilo que é julgado como mau, segundo os critérios sociais, e encenado na vida onírica. No entanto, acrescenta a ressalva de que, no sentido metapsicológico, este recalcado mau não pertence ao nosso Eu, contanto que sejamos pessoas moralmente corretas, mas ao Isso, sobre o qual o primeiro se assenta. Na sequência, escreve:

Mas esse Eu se desenvolveu a partir do Isso, forma com ele *unidade biológica*, é apenas uma parte especialmente modificada e periférica dele, está sujeito às influências e obedece às incitações que vêm dele. *Para qualquer fim vital, seria um infecundo começo separar o Eu do Isso.* (FREUD, 2011a, p. 327, grifo nosso)³⁵⁸.

Esta passagem evidencia o quanto Freud aproxima o Eu e o Isso em alguns momentos. O que ele chama de “Eu metapsicológico” alguns parágrafos adiante, neste mesmo texto, formaria tal unidade biológica com o Isso. Posições análogas podem ser encontradas em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), na ocasião em que nosso autor ameniza o que acabara de dizer sobre o Eu se sentir ameaçado por pulsões que vem do Isso e tentar fugir delas, tal como foge de perigos oriundos do mundo externo, acionando processos defensivos enérgicos contra elas: “Isto se a comparação entre a defesa e a fuga não for prejudicada pelo fato de *o Eu e a pulsão no Isso serem partes da mesma organização e não existências distintas*” (FREUD, 2014a, p. 90, grifo nosso)³⁵⁹. Ou ainda em *O mal estar na cultura* (1930), quando se propõe a discutir sobre o sentimento que temos de nosso próprio Eu:

Esse Eu aparece para nós como autônomo, unitário, bem posicionado em relação a todo o resto. Que essa aparência seja um engodo, *que o Eu, pelo contrário, sem*

358 “*Aber dies Ich hat sich aus dem Es entwickelt, es bildet eine biologische Einheit mit ihm, ist nur ein besonders modifizierter, peripherischer Anteil von ihm, unterliegt dessen Einflüssen, gehorcht den Anregungen, die von dem Es ausgehen. Es wäre ein aussichtsloses Beginnen für irgendeinen vitalen Zweck, das Ich vom Es zu trennen.*” (FREUD, GW, 1, p. 568). A frase em destaque foi omitida da tradução da Companhia das Letras. Seguimos a tradução do trecho suprimido proposta pela Amorrortu (FREUD, 1919/1992e, p. 135).

359 “*Wenn der Vergleich der Abwehr mit der Flucht nicht überhaupt durch den Umstand gestört wird, daß das Ich und der Trieb im Es ja Teile derselben Organisation sind, nicht getrennte Existenzen...*” (FREUD, GW, 14, p. 177-78).

fronteira nítida, tenha continuidade para dentro em uma entidade anímica inconsciente que chamamos de Isso, ao qual, por assim dizer, serve de fachada, isso foi o que somente nos foi ensinado pela investigação psicanalítica, que nos deve ainda muitas informações sobre a relação do Eu com o Isso. (FREUD, 2020b, p. 307-308, grifo nosso).³⁶⁰

Haveria algo de falacioso na instância do Eu; sua autonomia e unidade seriam aparências, apenas. Mais uma vez, estaríamos diante de sua afinidade com a instância que lhe oferece perigo. Conseqüentemente, as relações que o Eu trava com percepção, consciência, realidade, processo psíquicos mais organizados e os demais atributos que cabem nesta série ficariam menos visíveis.

As últimas propriedades elencadas, mais familiares ao Eu da primeira tópica, são passíveis de serem observadas quando o Eu é considerado do ponto de vista de sua distância em relação ao Isso, ângulo sob o qual o contemplaremos agora, a fim de conferir ao leitor a dimensão disso que mais parece um jogo de sombra e luz realizado com o Eu e seus traços. Começaremos voltando a *Inibição, sintoma e angústia*, na medida em que características importantes e específicas do Eu são iluminadas a partir de sua oposição em relação ao Isso, mais especificamente sua condição de ser “o lugar da angústia” (*Angststätte*). Estamos aqui no contexto da segunda teorização de Freud sobre a angústia, na qual ele deixa de supor que a última consiste em uma transformação da libido e passa a entender que, na verdade, a angústia consiste em um afeto que só poderia partir do Eu, uma vez que ele se empenha em recalcar moções pulsionais oriundas do Isso, sentidas como ameaças internas, em sua consideração pelo Supereu e pela realidade. O ponto é que aquela instância só tem a capacidade de inibir ou desviar o curso de excitações que o Isso tenta descarregar – em última instância, de influenciá-lo – porque emite um “sinal de desprazer” (*Unlustsignal*), o qual coloca o princípio de prazer em ação. Podemos dizer que a angústia consiste justamente neste sinal, que antecede o recalque e que protege o aparelho psíquico de uma elevação de tensão maior, que seria gerada pela satisfação irrefreada das pulsões. Ainda que a teoria da angústia tenha complexidades maiores, na qual não nos aprofundaremos aqui³⁶¹, o mais importante para nós é que só o Eu pode sentir tal estado afetivo e que a explicação para essa particularidade passa pelo contraste em relação ao Isso; não pode haver angústia neste polo pulsional porque ele

360 “*Dies Ich erscheint uns selbständig, einheitlich, gegen alles andere gut abgesetzt. Daß dieser Anschein ein Trug ist, daß das Ich sich vielmehr nach innen ohne scharfe Grenze in ein unbewußt seelisches Wesen fortsetzt, das wir als Es bezeichnen, dem es gleichsam als Fassade dient, das hat uns erst die psychoanalytische Forschung gelehrt, die uns noch viele Auskünfte über das Verhältnis des Ichs zum Es schuldet.*” (FREUD, GW, 14, p. 423).

361 Uma das referências capitais sobre esse tema é o livro de Green (1982). Para uma apreciação da evolução da teoria da angústia freudiana, ver p. 73-84.

“não é uma organização, não pode julgar situações de perigo” (FREUD, 2014a, p. 83)³⁶². Com efeito, o Isso é o próprio perigo, como complementa Freud, ao passo que a qualidade de ser uma organização é da natureza do Eu.

Nos termos da 32^a das *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1933), alocar a angústia no Eu significa reconhecer sua capacidade de convocar “o automatismo do princípio do prazer-desprazer” para preservar certo equilíbrio energético do aparelho psíquico, mesmo diante das ameaças pulsionais (FREUD, 2010d, p. 235)³⁶³. É claro que essa liberação de angústia pode sair do controle e desencadear um ataque de angústia que o Eu não pode mais dominar, como também alerta nosso autor nessa conferência. Quanto mais ela se restringe a um sinal, menos sujeito a um trauma está o aparelho. Isso conduz ainda a outras apreciações, a ponto de Freud considerar, dessa vez em *A questão da análise leiga* (1926), que o afeto de angústia é fundamental para a própria conservação da vida. Por conseguinte, o Eu é elevado à posição daquele que mantém o indivíduo vivo, ao zelar pelo aparelho psíquico, para que ele não seja inundado pela voracidade do Isso:

Um ser primitivo, que não desenvolveu uma organização suficiente do Eu, está exposto a todos esses “traumas”. Ele vive para a satisfação “cega” de seus desejos pulsionais e, tantas vezes, sucumbe por isso. A diferenciação de um Eu é, principalmente, um passo para a preservação da vida. É verdade que nada se aprende da derrocada, mas, quando se supera um trauma de forma feliz, presta-se atenção quando situações semelhantes se aproximam e se sinaliza o perigo através de uma repetição reduzida das impressões vividas durante o trauma, através de um *afeto de angústia*. (FREUD, 2021b, p. 227, grifo do autor).³⁶⁴

Com esses elementos, torna-se mais compreensível a elaboração que Freud faz em *Além do princípio de prazer*, pois se voltarmos a 1920, lembraremos que era função dos estratos superiores da vida anímica, onde incluímos o Eu, ligar as excitações das pulsões oriundas do Isso. Também temos condições de acompanhar a hipótese freudiana, segundo a qual seria a “prontidão para a angústia” (*Angstbereitschaft*), com o correspondente superinvestimento dos sistemas psíquicos, que configuraria a última proteção contra estímulos capaz de protegê-los do trauma (FREUD, 2020c, p. 119)³⁶⁵. É a angústia, com o estado de expectativa ou de alerta a ela ligado, com a preparação diante do perigo, por meio dessa

362 “[...] *es ist keine Organisation, kann Gefahrsituationen nicht beurteilen.*” (FREUD, GW, 14, p. 171).

363 Cf. FREUD, GW, 15, p. 96.

364 “*Ein primitives Lebewesen, das keine zureichende Ichorganisation entwickelt hat, ist all diesen „Traumen“ ausgesetzt. Es lebt der „blinden“ Befriedigung seiner Triebwünsche und geht so häufig an dieser zugrunde. Die Differenzierung eines Ichs ist vor allem ein Schritt zur Lebenserhaltung. Aus dem Untergang läßt sich zwar nichts lernen, aber wenn man ein Trauma glücklich bestanden hat, achtet man auf die Annäherung ähnlicher Situationen und signalisiert die Gefahr durch eine verkürzte Wiederholung der beim Trauma erlebten Eindrücke, durch einen Angstaffekt.*” (FREUD, GW, 14, p. 229).

365 Cf. FREUD, 2020c, p. 118.

elevação comedida de tensão, que pode dotar o aparelho psíquico de um grau de investimento próprio, capaz de ligar as excitações que venham a penetrá-lo. A essa altura, podemos concluir que aquele que pode garantir a ausência do fator surpresa, o qual provocaria o sentimento de terror (*Schreck*) e causaria o trauma, é a instância do Eu, com a liberação de angústia. Ao Isso, nada disso é possível, nada disso interessa.

Avancemos, então, para outro traço singular do Eu, em detrimento ao Isso, que gostaríamos de destacar, a saber, sua função de síntese, apontada por Freud também em *A questão da análise leiga* (1926). Vejamos como a argumentação freudiana é construída nesse escrito. Em primeiro lugar, retoma-se a ideia do Eu como uma organização coerente e do Isso como a região mais extensa e obscura da vida anímica, aquela que é totalmente e permanentemente inconsciente. Depois, para tratar da relação entre o Eu e o Isso, nosso autor recorre a uma analogia com as tropas da Primeira Grande Guerra, respectivamente, com o *front* e interior. As regras válidas para ambos eram diferentes e muito do que era permitido na retaguarda, não o era na frente, por conta de sua proximidade com o inimigo. No caso da vida anímica, quem cumpre o último papel é a realidade e quem ocupa as camadas mais externas do aparelho é o Eu, daí a possibilidade de que nele haja a qualidade de consciência, além dos processos inconscientes. Por fim, Freud assegura que no Isso não há conflitos, nem contradições, porque ele não precisa decidir sobre nada, ao passo que o Eu sente (*empfinden*) o conflito, na medida em que deve optar por agir desta ou daquela forma e fazer renúncias: “*O Eu é uma organização caracterizada por um anseio muito curioso por unificação, por síntese; essa característica falta ao Isso*” (FREUD, 2021b, p. 221, grifo nosso)³⁶⁶. No Isso, as aspirações perseguem suas metas de modo independente, sem que umas levem as outras em consideração.

Na 31^a das *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1933), essa característica é ainda mais realçada por Freud. Ele afirma que muito do que sabemos sobre o Isso deriva não apenas do estudo dos sonhos e da formação de sintomas, mas da oposição ao Eu. Quanto ao primeiro, é concebido como um caldeirão borbulhante de excitações, aberto ao somático em sua extremidade, onde não operam as leis do pensamento – nele não existem contradição, negação e representação do tempo –. O Isso não tem nenhuma organização e não concentra nenhuma “vontade total” (*Gesamtwille*). Já o Eu, apesar de também poder ser inconsciente, de modo algum possui características tão irracionais e primitivas:

366 “Das Ich ist eine Organisation, ausgezeichnet durch ein sehr merkwürdiges Streben nach Vereinheitlichung, nach Synthese; dieser Charakter fehlt dem Es...” (FREUD, GW, 14, p. 223).

Mas o que diferencia muito especialmente o Eu do Isso é uma tendência à síntese dos conteúdos, à combinação e unificação de seus processos psíquicos, que se acha inteiramente ausente no Isso. Quando, mais adiante, tratarmos das pulsões na vida psíquica, espero que consigamos relacionar esta característica essencial do Eu à sua fonte. Somente ela produz o alto grau de organização que o Eu requer para suas maiores realizações. Ele se desenvolve da percepção das pulsões até o domínio sobre elas, mas este é alcançado apenas pelo fato de a representante da pulsão ser enquadrada numa unidade maior, ser incluída num contexto. Adotando formas de expressão populares, poderíamos dizer que o Eu representa, na vida psíquica, a razão e a prudência, e o Isso, as paixões irrefreadas. (FREUD, 2010d, p. 218-219, grifo nosso).³⁶⁷

Aqui faz-se necessário tecer algumas considerações. A primeira delas é o fato de que o Eu não apenas resulta de um processo de formação direcionado à unidade, como vimos com o narcisismo, mas também exerce, ele mesmo, a tendência de sintetizar e reunir seus processos anímicos, que torna ainda mais tangíveis os desenvolvimentos do tópico anterior, no que diz respeito à função de ligação atribuída ao Eu e, especificamente, à relação do Eu narcísico com a hipótese das pulsões de vida. Vale notar que isso também toca na concepção de que essa instância busca se conciliar com os conteúdos psíquicos e que é impelida a recalcar as representações que lhe são inconciliáveis. O que mais nos interessa agora, contudo, é avançar desde o quadro formado pelo Eu e sua função sintética³⁶⁸, que busca acolher os representantes pulsionais do Isso em sua organização coesa, rumo à concepção de resistência, com a qual iniciamos nossa jornada pela segunda tópica. Isso porque esse fator consistirá em uma importante dificuldade no tratamento analítico. Sabemos que quando o Eu entra em uma luta com determinada moção pulsional, não consegue abarcá-la em sua unidade e se defende pelo recalque, muitas vezes as coisas não terminam nisso; a pulsão segue existindo fora da organização do Eu e, além disso, procura uma satisfação substitutiva através do sintoma, o que explica a clássica acepção deste como formação de compromisso. A moção pulsional e os sintomas derivados dela gozam do privilégio da “extraterritorialidade” em relação ao Eu.

367 “Was das Ich zum Unterschied vom Es aber ganz besonders auszeichnet, ist ein Zug zur Synthese seiner Inhalte, zur Zusammenfassung und Vereinheitlichung seiner seelischen Vorgänge, *der dem Es völlig abgeht. Wenn wir nächstens einmal von den Trieben im Seelenleben handeln, wird es uns hoffentlich gelingen, diesen wesentlichen Charakter des Ichs auf seine Quelle zurückzuführen. Er allein stellt jenen hohen Grad von Organisation her, dessen das Ich bei seinen besten Leistungen bedarf. Es entwickelt sich von der Triebwahrnehmung zur Triebbeherrschung, aber die letztere wird nur dadurch erreicht, daß die Triebrepräsentanz in einen größeren Verband eingeordnet, in einen Zusammenhang aufgenommen wird. Wenn wir uns populären Redeweisen anpassen, dürfen wir sagen, daß das Ich im Seelenleben Vernunft und Besonnenheit vertritt, das Es aber die ungezähmten Leidenschaften.*” (FREUD, GW, 15, p. 82-83). Em nosso último capítulo, trataremos com mais detalhes desse movimento do Eu de “incluir”, tal como foi traduzido pela Companhia das Letras, ou “aceitar”/ “admitir” a pulsão em sua unidade. Esses termos também podem ser utilizados para traduzir *aufnehmen*, ato que será relevante na concepção do tratamento psicanalítico, como veremos.

368 Quanto ao vínculo que essa propriedade do Eu estabelece com as pulsões, será abordado no próximo capítulo, pois entra nas peculiaridades da energia dessexualizada com a qual o Eu opera.

Aqui nossa referência central volta a ser *Inibição, sintoma e angústia* (1926). Normalmente, a luta defensiva primária contra a pulsão se estende até a secundária, contra o sintoma, a qual adquire um aspecto muito particular por conta da aspiração à síntese que marca o Eu:

De um lado, a natureza do Eu o obriga a fazer algo que temos de ver como tentativa de recuperação ou de conciliação. O Eu é uma organização, baseia-se no livre intercâmbio e na possibilidade de influência recíproca das partes que o compõem, sua energia dessexualizada revela ainda sua origem no empenho por ligação e união, e essa *compulsão à síntese* aumenta à medida que o Eu se desenvolve mais forte*. É compreensível, então, que o Eu busque eliminar a estranheza e o isolamento do sintoma, utilizando todas as possibilidades de vinculá-lo a si de alguma forma e de incorporá-lo à sua organização mediante esses vínculos. (FREUD, 2014a, p. 28-29, grifo nosso).³⁶⁹

Por estar “disposto à paz” (*friedfertig*), o Eu se empenha em uma “adaptação” (*Anpassung*) em relação ao sintoma, que passa a compor o seu “conjunto” (*Ensemble*) e pode chegar ao ponto de ser tornar indispensável ao Eu. Essa situação resulta no “benefício secundário da doença”, que já era conhecido por Freud antes³⁷⁰, mas agora pode ser atribuído à compulsão à síntese do Eu, como se fosse impossível para este consentir que o sintoma lhe seja alheio, ainda que isso lhe custe caro, na medida em que ele mesmo se altera nesse processo e que essa postura impede a cura (FREUD, 2014a, p. 30-31)³⁷¹. No Apêndice ao escrito sobre a angústia que trata da resistência, isso fica mais claro, pois vemos Freud delinear cinco tipos de resistência: uma proveniente do Isso, relacionada ao poder da compulsão de repetição e à atração que os processos inconscientes exercem sobre o recalcado; uma oriunda do Supereu, manifesta através do sentimento de culpa; e três que partem do Eu. As últimas se distinguem no sentido dinâmico, segundo nosso autor. A primeira delas nos é familiar, trata-se da dificuldade do Eu de se voltar a percepções e representações que quer evitar ou, em outras palavras, de reconhecer como suas aquelas moções tão contrárias a sua integridade, que foram recalçadas. Esse mecanismo, a resistência de recalque, mostrou-se inconsciente e deve ser trazido à consciência pelo analista no tratamento. A segunda, de

369 “*Einerseits wird das Ich durch seine Natur genötigt, etwas zu unternehmen, was wir als Herstellung oder Versöhnungsversuch beurteilen müssen. Das Ich ist eine Organisation, es beruht auf dem freien Verkehr und der Möglichkeit gegenseitiger Beeinflussung unter all seinen Bestandteilen, seine desexualisierte Energie bekundet ihre Herkunft noch in dem Streben nach Bindung und Vereinheitlichung, und dieser Zwang zur Synthese nimmt immer mehr zu, je kräftiger sich das Ich entwickelt. So wird es verständlich, daß das Ich auch versucht, die Fremdheit und Isolierung des Symptoms aufzuheben, indem es alle Möglichkeiten ausnützt, es irgendwie an sich zu binden und durch solche Bande seiner Organisation einzuverleiben.*” (FREUD, GW, 14, p. 125-26). *Na edição da Companhia das Letras, “mais forte” (*kräftiger*) foi omitido. Como discutiremos no capítulo final, a correlação que se mostra aqui, entre a compulsão à síntese do Eu e sua força, não é irrelevante. Freud atribuirá grande importância ao fortalecimento do Eu no tratamento psicanalítico, como uma das condições fundamentais para o desempenho da função sintética e para o restabelecimento do neurótico.

370 Cf. FREUD, 2014b, p. 506-507; GW, 11, p. 398.

371 Cf. FREUD, GW, 14, p. 126-27.

natureza idêntica a esta, é a resistência de transferência, marcada pela reanimação de um recalque que só deveria ter sido recordado, mas acaba sendo vivido, mais uma vez, na análise. Por fim, a que mais nos interessa: “É também resistência do Eu, mas completamente de outra natureza, aquela que procede do *benefício da doença* e que se baseia na assimilação do sintoma ao Eu” (FREUD, 2014a, p. 107-108, grifo do autor)³⁷².

Começamos nosso trajeto dizendo que Freud atribui, abertamente, a revelação de partes inconscientes no Eu à resistência, e nos empenhamos em mostrar o papel menos explícito que coube ao narcisismo nessa tarefa, na direção de mostrar o funcionamento sexual dessa instância. Depois desse percurso, temos condições de explicitar melhor algo que apenas mencionamos: o fato de que resistência e narcisismo se tocam em determinado ponto. O que é o ganho da doença, essa adaptação ao sintoma, que impede o avanço do tratamento analítico, senão mais uma expressão de algo que também reconduz ao narcisismo, a saber, o fato de o Eu se configurar enquanto unidade, empenhar-se em ligar os processos psíquicos, em reuni-los em seu interior, para a manutenção de sua organização e de sua coesão? Mais uma vez, ao adentrarmos por entre as malhas da rede teórica freudiana, reencontramos o narcisismo e sua influência para a concepção do Eu que aparece na segunda tópica. Tanto por apontar para seu lado inconsciente, quanto por permitir seu estatuto de unidade disposta ao que for preciso para manter sua organização. Em última instância, esses dois aspectos estão relacionados, como aponta Costa (1989, p. 117-18, grifo do autor):

Procurando antes de mais nada perseverar no mesmo, o Ego narcísico torna-se resistente a alterações na estrutura psíquica. Sua composição imaginária e sua característica de unicidade determinam este modo de funcionamento. O Ego que, na relação especular e imagética, apresenta-se como um *todo*, também aspira a representar um *sujeito total* ou a *totalidade do sujeito*. O Ego narcísico é conservador e fonte de resistência, não só porque seus chamados mecanismos de defesa seguem o curso do processo primário, mas porque, com ele, instaura-se no psiquismo a célebre “compulsão à síntese”, que é a marca patente do imaginário.

A despeito da clara influência lacaniana sobre esse fragmento, importa-nos destacar a afinidade entre o Eu narcísico e a resistência e o empenho do primeiro à síntese, tão imperioso a ponto de Freud optar pelo termo “compulsão” (*Zwang*) para falar disso, o que parece seguir na esteira da utilização do verbo *nötigen* para designar o fato de o Eu ser coagido, forçado ou obrigado, por sua natureza, à tentativa de restabelecimento ou de conciliação, como vimos em uma das citações no texto sobre a angústia, de 1926. Como essa função do Eu é designada também por termos mais brandos, como inclinação (*Neigung*), aspiração (*Streben*) ou

372 “*Auch ein Ichwiderstand, aber ganz anderer Natur, ist jener, der vom Krankheitsgewinn ausgeht und sich auf die Einbeziehung des Symptoms ins Ich gründet.*” (FREUD, GW, 14, p. 193).

tendência (*Zug*), o recurso a *Zwang* merece atenção por sugerir algo a mais, que só podemos compreender se explorarmos o termo, ainda que rapidamente. Quanto à sua acepção, *Zwang*, segundo a investigação de Assoun (1994), ultrapassa o campo da neurose obsessiva (*Zwangsneurose*), a partir do qual é mais conhecido, e abrange processos psíquicos muito variados nos textos freudianos, conforme atestam expressões como ação compulsiva (*Zwangshandlung*), pensamento, representação ou ideia obsessivo(a) ou compulsivo(a) (*Zwangsdenken, Zwangsvorstellung, Zwangsidee*). Para o comentador, é necessário supor nele “uma conotação de inelutabilidade, de alguma coisa que não se pode evitar e que não depende de si” (ASSOUN, 1994, p. 337). Algo que vem com violência, como uma exigência da qual não é possível se subtrair e que carrega as ideias de obrigação e de imperativo, de modo que aquilo que se realiza “sob *Zwang*” remeta a limitação e inibição, continua o autor, o que é congruente com o fato de este substantivo ser “o substantivo cognato do verbo *zwingen* - 'coagir, obrigar'” (SOUZA, 2010, p. 248). Conforme Assoun, a noção de *Zwang* flerta com a de uma forte pressão (*Drang*) e, por conseguinte, com a própria ideia de pulsão. Este parentesco entre *Zwang, Drang* e *Trieb* também pode ser encontrado em Hanns (1996, p. 108), que chama a atenção para outra expressão em que *Zwang* entra em cena, a “compulsão à repetição” (*Wiederholungszwang*), e para o modo como ela é empregada em *Além do princípio de prazer*, com o propósito de “destacar o caráter avassalador e irresistível da determinação biológica à qual sucumbe o sujeito, condenado a realizar a 'pulsão' para além de sua vontade.” É como se, com o uso de *Zwang*, fosse possível enfatizar o quanto a pulsão se impõe ao indivíduo e o coage a satisfazê-la.

Tendo isso em vista, em *Moisés e a religião monoteísta* (1939), Freud considera que tanto os sintomas, quanto as limitações do Eu, resultantes dos processos de defesa contra os traumas infantis, normalmente relacionados a impressões de natureza sexual e agressiva, têm um “caráter compulsivo” (*Zwangscharakter*). Oferece aos seus leitores a seguinte definição acerca do último: “[...] por causa de uma grande intensidade psíquica, mostram uma ampla independência a respeito da organização de outros processos anímicos, que são adaptados aos requisitos do mundo exterior real e obedientes às leis do pensar lógico” (FREUD, 1991c, p. 73)³⁷³. Além disso, logo na sequência acrescenta que fenômenos compulsivos são “um Estado dentro do Estado, um partido inacessível, inviável para o trabalho conjunto, mas que pode

373 “[...] bei großer psychischer Intensität zeigen sie eine weitgehende Unabhängigkeit von der Organisation der anderen seelischen Vorgänge, die den Forderungen der realen Außenwelt angepaßt sind, den Gesetzen des logischen Denkens gehorchen.” (FREUD, GW, 16, p. 181).

chegar a vencer ao outro, chamado normal, e constrangê-lo (*zwingen*) a seu serviço”³⁷⁴. Deste modo, as alterações do Eu produzidas pela defesa, enquanto fenômenos de caráter compulsivo, podem consistir em obstáculos posteriormente, no sentido de significarem conflitos entre o mundo externo e o Eu, levando em conta que o último se aferra à organização que conquista na luta defensiva, não quer abrir mão dela, incorporando até mesmo o sintoma, como já vimos. Da mesma forma que essas limitações do Eu podem ser incluídas na categoria do que é compulsivo, podemos compreender a escolha de Freud pelo termo compulsão para acompanhar a síntese empreendida pelo Eu como um indício de que este é forçado a reunir os conteúdos psíquicos em sua totalidade narcísica; buscar a síntese, deste ponto de vista, escapa às exigências do mundo real e do pensamento lógico e carrega a conotação de uma imposição, como acontece com aqueles outros processos psíquicos de natureza compulsiva.

Nesse sentido, o narcisismo, atravessando essas e outras formulações, aponta para as ambiguidades do Eu que, como esperávamos, acentuam-se cada vez mais e mostram-se difíceis de serem apreendidas em palavras; a cada vez que descrevemos essa instância, é inevitável escolher um de seus ângulos. Forma um só com o Isso, opera com a sua energia e, portanto, compartilha, ao menos em parte, de seus modos de funcionamento irracionais, mesmo quando desempenha uma das tarefas que lhe é específica, como a síntese dos processos psíquicos. Por outro lado, é modificado pela influência do mundo exterior, em parte dele se localiza a qualidade da consciência, permite a manutenção da vida ao ser o lugar da angústia e tentar apaziguar a voracidade das pulsões, acolhendo-as em sua organização. É chegado o momento de olharmos para mais um fator complicador disso tudo, para a instância do Supereu, e rastrear em que medida essa noção também é devedora do narcisismo, para enfim ter condições de explorar a posição que o Eu passa a ocupar no aparelho psíquico.

3.2.2 Aprofundamento da noção de identificação e edificação do Supereu: participações do narcisismo

Quanto ao Supereu, já mencionamos antes que Freud chega a tomá-lo como um equivalente do ideal do Eu que, indiscutivelmente, consiste em um legado das investigações

374 “[*Sie sind gleichsam*] ein Staat im Staat, eine unzugängliche, zur Zusammenarbeit unbrauchbare Partei, der es aber gelingen kann, das andere, sog. Normale zu überwinden und in ihren Dienst zu zwingen.” (FREUD, GW, 16, p. 181).

sobre o narcisismo de 1914. Estas mostram que o Eu pode ser clivado, que há uma formação de ideal e uma instância crítica, a consciência moral, que mede o Eu real com aquele ideal, concebido como o substituto do narcisismo perdido da infância e proveniente da identificação com pessoas modelares, como os pais e os educadores, e com o meio social. Tudo isso foi decisivo para a possibilidade de conceber metapsicologicamente o Supereu e foi postulado a partir do conceito de narcisismo. No entanto, se as peças do quebra-cabeça já estavam dadas, a forma como elas foram encaixadas por Freud merece nossa atenção, a começar pela maneira por meio da qual a noção de identificação se tornou cada vez mais central – um dos pilares do processo de construção do Supereu e da formação do próprio Eu –, e como isso foi inserido nos domínios do complexo de Édipo.

Em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), a identificação começa a receber um tratamento mais aprofundado por Freud, que dá um passo adiante em relação ao que já havia explorado nos textos anteriores, sobretudo na análise da melancolia. Por um lado, alguns pontos que já nos são conhecidos são retomados, como a condição da identificação enquanto forma mais originária de ligação afetiva (*Gefühlsbindung*) com o outro, derivada da fase oral da organização libidinal e, portanto, ambivalente, já que nela se deseja incorporar o objeto amado, ainda que isso leve à sua destruição. Por outro lado, essa noção é inserida no triângulo edípico, mais precisamente no que Freud chama de sua “pré-história”. Tomando o menino como modelo, o autor sugere que, a princípio, ele quer ser como o pai, ao mesmo tempo em que escolhe a mãe, pelos cuidados oferecidos – por apoio –, como objeto de amor. É claro que isso não pode prosseguir por muito tempo, uma vez que tais correntes se opõem e entram em conflito; ou bem o menino passa a ver o pai como obstáculo à posse da mãe e deseja substituí-lo perante ela, ou bem ele passa a querer ter o pai, de forma que a identificação com este seja substituída por uma ligação de objeto com o mesmo, em um modo invertido do complexo. Quanto à identificação com o pai e à escolha de objeto dirigida a ele: “No primeiro caso, o pai é aquilo que se gostaria de *ser*, no segundo, é aquilo que gostaria de *ter*. Trata-se, portanto, da diferença entre a ligação recair no sujeito ou no objeto do Eu. É por isso que o primeiro tipo de ligação já é possível antes de qualquer escolha sexual de objeto” (FREUD, 2020b, p. 179, grifo do autor)³⁷⁵. De acordo com essa fórmula, identificar-se com o pai é tomá-lo como modelo para a constituição do Eu.

375 “*Im ersten Falle ist der Vater das, was man sein, im zweiten das, was man haben möchte. Es ist also der Unterschied, ob die Bindung am Subjekt oder am Objekt des Ichs angreift. Die erstere ist darum bereits vor jeder sexuellen Objektwahl möglich.*” (FREUD, GW, 13, p. 116).

A partir disso, o psicanalista elenca três formas de identificação possíveis. Resumidamente, a já mencionada, com o pai pré-edípico; aquela substituta da ligação objetal, pela regressão desta até a introjeção do objeto no Eu; e aquela com uma pessoa que não é objeto das pulsões sexuais, mas em relação à qual é percebido qualquer tipo de comunidade ou coisa em comum (*Gemeinsamkeit*). O segundo tipo nos parece mais familiar, já que engloba os fenômenos da homossexualidade masculina, atravessado pela identificação com a mãe, e da melancolia, nos quais o Eu toma para si algumas propriedades do objeto do qual abdicou. De todo modo, começamos a perceber tanto a entrada da identificação no terreno do Édipo, quanto certa ampliação de suas formas, o que ficará ainda mais acentuado dois anos depois, em *O Eu e o Isso*.

Contudo, antes de avançar, é necessário apontar para aquela que consiste na “aquisição teórica decisiva” da análise do Eu em *Psicologia das massas...*, segundo Florence (1984, p. 41), a saber, a retomada da noção de ideal do Eu do ponto de vista de uma gradação, um nível, um degrau ou uma etapa no interior do Eu, a depender da tradução escolhida para a expressão “*Eine Stufe im Ich*”, título do décimo primeiro capítulo. Trata-se de uma demarcação mais nítida de algo que se anuncia no artigo de 1914, no qual o ideal do Eu era visto como uma formação a ser “levantada” ou “erguida” no Eu, conforme a utilização do verbo *aufrichten*.³⁷⁶ Ainda assim, a formação de ideal continua sendo considerada como “a herdeira do narcisismo originário” (FREUD, 2020b, p. 184)³⁷⁷, da época em que o Eu infantil se contentava com ele mesmo. Além disso, o ideal do Eu toma para si as influências do meio em que o indivíduo vive e as coloca como exigências para o Eu, e a ele são atribuídas as funções da observação de si, da consciência moral, da censura onírica, da influência sobre o recalque e do exame de realidade. Isso significa, no entanto, que a consciência moral passa a ser vista mais como função da formação de ideal do que como uma instância propriamente dita, como era comum nos textos anteriores. Mais interessante ainda são as relações que nosso autor já vislumbra entre o ideal do Eu e o Eu, possibilitadas pela ideia do primeiro como *Stufe* e fundamentais para a hipótese do Supereu:

Pensemos no fato de que o Eu entra agora na relação de um objeto com o Ideal do Eu desenvolvido a partir dele, e que, possivelmente, todos os efeitos recíprocos que ficamos conhecendo na teoria das neuroses entre o objeto externo e o Eu-total [*Gesamt-Ich*] venham a se repetir nessa nova cena no interior do Eu. (FREUD, 2020b, p. 208).³⁷⁸

376 Cf. FREUD, GW, 10, p. 161.

377 “[...] *der Erbe des ursprünglichen Narzißmus...*” (FREUD, GW, 13, p. 121).

378 “*Denken wir daran, daß das Ich nun in die Beziehung eines Objekts zu dem aus ihm entwickelten Ichideal tritt, und daß möglicherweise alle Wechselwirkungen, die wir zwischen äußerem Objekt und Gesamt-Ich in*

A analogia das relações travadas entre Eu e ideal do Eu e entre Eu-total e os objetos do mundo exterior, correspondente à imagem do Eu como cena ou cenário (*Schauplatz*) onde se desenrolam as primeiras e à posição de objeto que ele é capaz de assumir se tornará ainda mais nítida com a segunda tópica, como começamos a ver em relação ao Eu e ao Isso. A semelhança com uma passagem mais tardia, de *Dostoiévski e o parricídio* (1928), é chamativa, pois Freud (2021g, p. 295)³⁷⁹ é claro ao afirmar, sobre o escritor, que “a relação entre pessoa [*Person*] e objeto paterno na manutenção de seu conteúdo se transformou numa relação entre Eu e Supereu, uma nova encenação em um segundo palco.” Índícios de certo antropomorfismo que marcaria as instâncias psíquicas podem ser notados, “supostamente formadas à imagem de seres humanos, atuando num cenário interno e segundo roteiros do tipo inter-humano, relações de tipo sadomasoquista, por exemplo, entre o ego e o superego” (LAPLANCHE, 1992, p. 51).

Freud trata, ainda em *Psicologia das massas...*, das “diferenciações anímicas” que impõem dificuldades à função anímica, capazes de provocar patologias, e inclui, entre elas, a divisão entre um Eu coerente e uma parte recalcada inconsciente que estaria fora dele, assim como a separação entre o Eu e o ideal do Eu. Portanto, a posição do Eu entre o núcleo duro do inconsciente e o ideal já é anunciada. Em ambos os casos, isso não pode ser estático; aquilo que foi excluído tenta emergir no Eu através dos sonhos, dos sintomas, dos chistes e do humor, para citar alguns exemplos, bem como acontece a eventual suspensão do ideal do Eu e sua fusão com o Eu nos estados de mania e nas festas, nas quais se permite o que, normalmente, é proibido. Quando a diferenciação está instituída, o Eu triunfa ao coincidir com o ideal e é tomado pelo sentimento de culpa, ou de inferioridade, quando está em tensão com ele (FREUD, 2020b, p. 210)³⁸⁰.

Com isso, podemos avançar ao terceiro capítulo de *O Eu e o Isso*, a fim de acompanhar, primeiramente, a evolução da concepção de identificação. O primeiro ponto capital é que a formação (*Gestaltung*) do Eu e o que Freud chama de seu caráter, de modo geral, passam a consistir em efeitos do mecanismo da identificação; em outras palavras, efeitos da substituição de investimentos de objeto por sua introjeção no próprio Eu, a qual, por

der Neurosenlehre kennen gelernt haben, auf diesem neuen Schauplatz innerhalb des Ichs zur Wiederholung kommen.” (FREUD, GW, 13, p. 145).

379 “[*Im ganzen*] hat sich die Relation zwischen Person und Vaterobjekt bei Erhaltung ihres Inhalts in eine Relation zwischen Ich und Über-Ich gewandelt, eine Neuinszenierung auf einer zweiten Bühne.” (FREUD, GW, 14, p. 409).

380 Cf. FREUD, GW, 13, p. 147.

sua vez, continua remetendo a um tipo de regressão à fase oral da organização libidinal, como vimos acima. Nosso autor entende que os investimentos de objeto partem do Isso, de suas imperiosas exigências pulsionais, e que ao Eu, ainda fraco no início da vida, restam duas opções, tentar recalá-los ou tolerá-los. Caso seja preciso renunciar a determinado objeto sexual, isso é feito, justamente, por meio da identificação; faz-se necessária a alteração do Eu, que erige o objeto em seu interior, tal como o melancólico. Freud (1923/2011a, p. 36)³⁸¹ chega a supor que esta deve ser a condição sob a qual o Isso consente em desistir do objeto e concebe “que o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto.” Como indica Mezan (1982, p. 277), o ponto-chave é o fato de que “a renúncia é apenas aparente, já que, no nível do id, equivalem-se a presença do objeto no mundo exterior ou no ego.” Por essa via, o Eu consegue, ao mesmo tempo, exercer algum domínio sobre o Isso, ainda que tenha de ceder a este: “Se o Eu assume os traços do objeto, como que se oferece ele próprio ao Isso como objeto de amor, procura compensá-lo de sua perda, dizendo: ‘Veja, você pode amar a mim também, eu sou tão semelhante ao objeto’.” (FREUD, 2011a, p. 37)³⁸². Mais uma vez, as palavras de Mezan (1982, p. 278) a respeito do Eu se mostram precisas:

Sou quem amei; sou o que fiz de meus modelos, sou quem incorporei na voracidade absoluta de conter em mim o mundo. O ego de prazer vai assim se transformando no ego de realidade, não apenas porque a realidade bloqueia o acesso ao prazer, tal como é exigido pelas pulsões cegas do id, mas principalmente porque o exterior vai-se convertendo em interior pela própria necessidade de perpetuar o prazer.

Somos colocados diante da presença da alteridade no Eu, sobre a qual também escreve Birman (1997, p. 32-33), em termos das passagens que se operam entre processos narcísicos e alteritários através da identificação, um dos conceitos mais fecundos da teoria freudiana para o autor. Quando Assoun (2009, p. 61) se ocupa das ambiguidades ligadas à noção de identidade na psicanálise, um dos pontos que salienta é que seu estatuto não é estático, já que a identificação em Freud consiste em uma “receptividade ativa”, na medida em que o Eu tenta se apropriar do outro, visando-o como sujeito, e não como objeto; eis porque o francês afirma que identificar-se é alterar-se.

Vale notar que tal processo é inseparável da conversão de libido de objeto em libido narcísica e convergente com aquela classificação do narcisismo do Isso como primário e do

381 “[...] daß der Charakter des Ichs ein Niederschlag der aufgegebenen Objektbesetzungen ist, die Geschichte dieser Objektwahlen enthält.” (FREUD, GW, 13, p. 257).

382 “Wenn das Ich die Züge des Objektes annimmt, drängt es sich sozusagen selbst dem Es als Liebesobjekt auf, sucht ihm seinen Verlust zu ersetzen, indem es sagt: „Sieh!, du kannst auch mich lieben, ich bin dem Objekt so ähnlich.” (FREUD, GW, 13, p. 258).

Eu como secundário que mencionamos antes, pois a posição do Eu enquanto objeto das pulsões sexuais deve suceder o investimento pulsional emitido pelo Isso e só pode acontecer por meio da identificação. Esse mecanismo implica, ainda, outra consequência importante: “A transformação da libido objetal em libido narcísica que então ocorre, evidentemente acarreta um abandono das metas sexuais, uma dessexualização, ou seja, uma espécie de sublimação” (FREUD, 2011a, p. 37)³⁸³. Nosso autor colocará o Eu como mediador de todas as sublimações e acrescentará, ainda, que a dessexualização se desdobra em uma separação daquela fusão entre Eros e pulsão de morte, justamente porque exige a renúncia a metas sexuais, para que, possivelmente, sejam imputadas outras metas às pulsões que abandonaram os objetos. Concederemos a devida atenção a este ponto no próximo capítulo; por ora, basta que tenhamos em vista a importância da identificação para a formação do Eu e sua complexidade, levando em conta a participação da dessexualização de aspirações libidinosas nesse processo. A dessexualização estabelece íntimas relações com o narcisismo, trata-se de peça chave para o declínio do complexo de Édipo e, por conseguinte, para a edificação do Supereu, a qual já temos subsídios para examinar mais de perto.

A afirmação de Florence (1984, p. 43, grifo do autor) – “*O problema da identificação se torna o problema do Édipo*” –, dirigida a *O Eu e o Isso*, tem sua razão de ser, uma vez que Freud inicia sua abordagem do complexo nessa obra partindo dos incontestáveis e permanentes efeitos que as primeiras identificações imprimem na vida anímica, precisamente aquelas com os progenitores. De antemão, ressaltamos que nossa exposição sobre o complexo de Édipo não se pretende completa, levando em conta o papel proeminente que ele ocupa na teoria freudiana, enquanto complexo nuclear das neuroses e, desde *Totem e tabu* (1913), ponto de partida para o desenvolvimento da eticidade humana, da religião, da sociedade, da moral e da arte. Com base na hipótese do assassinato do pai da horda primitiva darwiniana, desenvolvida no quarto ensaio da obra citada, podemos descrevê-lo “como uma transição da natureza para a cultura”, conforme afirma Toews (2000, p. 69). Trata-se tanto de uma vivência individual dos seres humanos, quanto de um fenômeno determinado pela “hereditariedade” (*Heredität*) (FREUD, 1924/2021a, p. 260)³⁸⁴. Considerando o peso que Freud atribui ao Édipo em sua teoria, tocaremos tão somente em sua intersecção com a questão da identificação, com a formação do Supereu e com as participações do narcisismo.

383 “*Die Umsetzung von Objektlibido in narzißtische Libido, die hier vor sich geht, bringt offenbar ein Aufgeben der Sexualziele, eine Desexualisierung mit sich, also eine Art von Sublimierung.*” (FREUD, GW, 13, p. 258).

384 Cf. FREUD, GW, 13, p. 396.

De todo modo, é necessário interpolar algumas ressalvas sobre a temática edípica, “cuja história é paralela à da psicanálise” (LAPLANCHE e PONTALIS, 1970, p. 117).

Em primeiro lugar, cabe advertir que Freud toma o menino como modelo nas explicações de *O Eu e o Isso* a serem recuperadas, supondo uma analogia entre ambos os sexos, já que as primeiras menções às particularidades do Édipo na menina se situam em escritos publicados a partir de 1924. “As mães e as filhas foram empurradas para a periferia das histórias individuais e coletivas de Freud, à medida que a história de Édipo passou a se concentrar, em caráter quase exclusivo, nas relações problemáticas entre os filhos varões e os pais”, como afirma Toews (2000, p. 70). Por essa mesma razão, o autor insiste: “Na verdade, a história freudiana do Édipo, tal como desenvolvida até a década de 1920, era, implicitamente, uma história da identificação masculina” (TOEWS, 2000, p. 72). Embora Freud reconheça que as identificações primárias – diretas e imediatas, anteriores à escolha de objeto – possam se dar com ambos os progenitores, “pois pai e mãe não são avaliados de forma diversa, antes do conhecimento seguro da diferença entre os sexos, da falta do pênis” (FREUD, 1923/2011a, p. 39)³⁸⁵, tece suas explicações a partir da identificação com o pai da pré-história pessoal. O complexo de Édipo é contemporâneo à fase fálica da organização da libido, na qual apenas o falo é reconhecido. Por outro lado, é preciso considerar a tese da bissexualidade originária de todos os seres humanos, que traz, ao mesmo tempo, dificuldades e possibilidades, fazendo com que o Édipo seja, na maioria das vezes, completo, positivo e negativo, como veremos a seguir. A partir desse quadro complexo, Freud mostra como as escolhas de objeto edípicas subsequentes tornam-se de novo identificações, estas secundárias e reforçadoras das primeiras. Logo, identificação do princípio ao fim do processo.

Freud opta por expor o esquema mais simples do Édipo em *O Eu e o Isso*, a saber, o menino se identifica com o pai e toma a mãe como objeto de amor, com base na escolha por apoio; ambas as correntes passam a se contrapor, pelo reforço do interesse sexual pela mãe e pela percepção do pai como obstáculo entre a criança e o objeto materno; a ambivalência daquela primeira identificação se intensifica; o menino deixa o Édipo através da renúncia do objeto materno e do fortalecimento da identificação com o pai, reafirmando sua masculinidade. Entretanto, o fato é que as disposições sexuais masculinas e femininas, que nosso autor faz coincidirem com as qualidades “ativo” e “passivo”, respectivamente, complicam essa situação. Na prática, o menino assume em relação ao pai não apenas uma

385 “[...] denn Vater und Mutter werden vor der sicheren Kenntnis des Geschlechtsunterschiedes, des Penismangels, nicht verschieden gewertet.” (FREUD, GW, 13, p. 259).

atitude hostil e ativa, mas uma atitude feminina e passiva, e o mesmo vale a respeito da mãe, de modo que o resultado consista em identificações tanto com o pai, quanto com a mãe. Se o Édipo implica uma “ética da renúncia” em relação ao primeiro objeto de desejo, não se trata simplesmente da renúncia do menino ao objeto materno, como afirma Toews (2000, p. 70):

A história se complicou, entretanto, em vista do duplo aspecto dessa renúncia e dos meios pelos quais ela foi conseguida. O desejo de possuir ou “ter” a mãe teve como consequência e correlato o desejo de afastar e, efetivamente, “ser” o pai. Mas o desejo de tomar o lugar do pai era intensamente ambivalente, acarretando um ódio agressivo ao pai como rival e, ao mesmo tempo, admiração e amor pelo pai e identificação com ele como modelo, como aquilo que a criança queria “ser”. Assim, a tarefa ética incorporada na dinâmica da relação edipiana não era apenas impor uma renúncia ao desejo do objeto, mas também criar um sistema de regulação mútua, reconhecimento e segurança entre os sujeitos desejantes.

Em um texto recentemente descoberto, o *Manuscrito inédito de 1931*, Freud (2017) é ainda mais enfático a esse respeito, ao descrever os tortuosos e conflitantes caminhos que a libido pode tomar nos indivíduos, a partir de seu primeiro abrigo, que é o narcisismo. Ela pode permanecer nesse estado, diz o autor, apontando para sua condição de estrutura, que já conhecemos, ou pode assumir tendências masculinas/ativas e femininas/passivas em direção aos primeiros objetos com os quais nos deparamos, a mãe e o pai, a depender das proporções relativas àquelas tendências na bissexualidade constitucional de cada ser humano. Trata-se dos percalços envolvidos na tarefa de dirigir a libido do Eu para os outros, que instaura a zona de conflitos do Édipo, cuja única saída possível se dá por meio das identificações e, conseqüentemente, da edificação do Supereu.³⁸⁶ Ponto de vista semelhante é veiculado com a noção de “tendência ao conflito” (*Neigung zum Konflikt*), utilizada em *A análise finita e a infinita* por Freud (1937/2021b, p. 350)³⁸⁷ para remeter à disputa pela libido travada entre a orientação homossexual e a heterossexual. Como afirmam Haute e Geyskens (2016, p. 68, grifo do autor): “A bissexualidade leva Freud – e todos nós? – a se confrontar com uma incerteza estrutural acerca não apenas do objeto de desejo, mas também do *lugar a partir do qual* o desejo ganhar forma.” Não é à toa que os autores se servem disso como argumento em seu questionamento sobre a própria centralidade do Édipo na psicanálise freudiana e pós-

386 Para mais informações sobre o contexto e o conteúdo dessa obra, ver a resenha de Filla (2020b). De todo modo, vale acrescentar uma última observação a respeito desse escrito. Nele nos deparamos com a tese original da identificação com Jesus Cristo, tão presente na vida dos cristãos, e sua dependência em relação à disposição bissexual e ao Édipo. Mais uma vez orientado pelo paradigma masculino, Freud entende que o grande problema para o menino consiste em dar um destino para sua posição feminina em direção ao pai, o que é possível por meio de sua identificação com o filho de Deus pai, que é, ao mesmo tempo, passivo em relação ao pai e potente como ele. Identificar-se com Jesus Cristo seria a conciliação mais perfeita de tais desejos tão antagônicos, da masculinidade e da feminilidade no menino (FREUD, 1931/2017, p. 77-81).

387 Cf. FREUD, GW, 16, p. 90.

freudiana, na medida em que a tese da bissexualidade configura um contraponto diante da primazia do pai e do complexo paterno, concebido a partir do filho homem nas considerações de Freud.

De todo modo, para nossos propósitos, interessa ressaltar que é na esteira desse complexo que o psicanalista contempla a bissexualidade e seus efeitos, mais precisamente a “identificação com a mãe” (*Mutteridentifizierung*) e a “identificação com o pai” (*Vateridentifizierung*), assim como a edificação da instância específica que as reúne no interior do Eu:

Podemos supor, então, que o resultado mais comum da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo é um precipitado no Eu, consistindo no estabelecimento dessas duas identificações, de algum modo ajustadas uma à outra. Essa alteração do Eu conserva a sua posição especial, surgindo ante o conteúdo restante do Eu como ideal do Eu ou Super-eu. (FREUD, 1923/2011a, p. 42, grifo do autor).³⁸⁸

Ideal do eu e Supereu são tratados como sinônimos aqui e compreendidos como um “resíduo” (*Residuum*) dessas primeiras escolhas objetais do Isso. Mais uma vez, o comentário de Florence (1984, p. 44) revela sua perspicácia: “Mas a introdução de um termo novo jamais é inocente. Uma pura sinonímia semântica não seria senão redundância inútil em uma construção teórica.” Com essa suposta equivalência entre ideal do Eu e Supereu, Freud é capaz de contemplar dois polos, a saber, “um polo ao redor do qual se organizam as ideias de modelo, de exemplo, de idealidade, de ideal; um polo ao redor do qual gravitam as ideias de hierarquia, de sobreposição (*étagement*), de comando” (FLORENCE, 1984, p. 44). Podemos relacionar o último à noção de *Stufe*, já introduzida em 1921, que fica ainda mais forte com a ideia de uma diferenciação no interior do Eu que está localizada sobre ele ou se sobrepõe a ele, evidenciada pelo termo *Über-Ich*. Esses dois polos vêm à tona quando nosso autor acrescenta que essa instância também consiste em uma formação reativa contra aquelas escolhas edípicas. Ao mesmo tempo em que ela é resíduo do Édipo e coloca os progenitores como modelos – “deve ser como o seu pai” –, exerce a proibição – “não deve ser como ele” –, pois a posição de pai não pode ser ocupada pelo filho. É o que nosso autor chama de “dupla face do ideal do Eu” (*Doppelangesicht des Ichideals*). Que ela seja descrita com ênfase no pai (*Vater*), só endossa o que já apontamos, a respeito do paradigma masculino a partir do qual o Édipo é teorizado em Freud, como mostram os seguintes trechos: “Como os pais, *em especial*

³⁸⁸ “So kann man als allgemeinstes Ergebnis der vom Ödipuskomplex beherrschten Sexualphase einen Niederschlag im Ich annehmen, welcher in der Herstellung dieser beiden, irgendwie miteinander vereinbarten Identifizierungen besteht. Diese Ichveränderung behält ihre Sonderstellung, sie tritt dem anderen Inhalt des Ichs als Ichideal oder Über-Ich entgegen.” (FREUD, GW, 13, p. 262).

o pai, foram percebidos como obstáculo à realização dos desejos edípicos, o Eu infantil fortificou-se para essa obra de recalque, estabelecendo o mesmo obstáculo dentro de si”; “O Super-eu conservará o caráter do pai” (FREUD, 1923/2011a, p. 43, grifo nosso)³⁸⁹. Ainda que o psicanalista tente estabelecer a simetria entre menina e menino em relação ao triângulo edípico e tratar das identificações com a mãe e com o pai, o fato é que a posição paterna recebe destaque, “com isso também produzindo em todos os filhos um supereu orientado para o pai” (TOEWS, 2000, p. 72). Ainda segundo este autor, a produção da moral internalizada no Supereu “era uma realização masculina de estrutura patriarcal, que só poderia ter sido ‘transmitida às mulheres pela herança cruzada’” (TOEWS, 2000, p. 72). Essas últimas palavras são de Freud, estão localizadas em *O Eu e o Isso* e se ajustam à já mencionada hipótese do parricídio, que estaria por trás da teorização do Édipo freudiana e se concentra nas relações dos filhos homens com o pai primordial.

De modo geral, contudo, o Supereu ou ideal do Eu, reconhecido como uma das instâncias psíquicas do aparelho, conserva a autoridade dos pais (*Eltern*), consiste em uma interiorização da impossibilidade de realizar os desejos edípicos e exerce seu domínio sobre o Eu através da consciência moral e do sentimento de culpa consciente ou, na maior parte das vezes, inconsciente, que emerge quando o Eu não está à altura das exigências do Supereu. Freud afirma que esta instância consiste no que há de mais elevado no ser humano, por ser representante (*Repräsentanz*) da instância parental, das “entidades superiores” que tanto admiramos e tememos na infância. Ao mesmo tempo, complementa: “O ideal do Eu é, portanto, herdeiro do complexo de Édipo e, desse modo, expressão dos mais poderosos impulsos e dos mais importantes destinos libidinais do Isso” (FREUD, 2011a, p. 45)³⁹⁰. Quer dizer que o Supereu é, simultaneamente, o “mais elevado na alma humana” e “o advogado do mundo interior, do Isso” (FREUD, 2011a, p. 45-46)³⁹¹. Ele está na base da religião, da moral e dos sentimentos sociais, ligados à interiorização da autoridade dos pais, mas também é herdeiro dos investimentos pulsionais do Isso dirigidos aos progenitores, o que o coloca em relação com aquisições filogenéticas.³⁹²

389 “*Da die Eltern, besonders der Vater, als das Hindernis gegen die Verwirklichung der Ödipuswünsche erkannt werden, stärkte sich das infantile Ich für diese Verdrängungsleistung, indem es dies selbe Hindernis in sich aufrichtete.*”/ “*Das Über-Ich wird den Charakter des Vaters bewahren...*” (FREUD, GW, 13, p. 263).

390 “*Das Ichideal ist also der Erbe des Ödipuskomplexes und somit Ausdruck der mächtigsten Regungen und wichtigsten Libidoschicksale des Es.*” (FREUD, GW, 13, p. 264).

391 “[...] *Höchsten der Menschenseele...*”/ “[...] *Anwalt der Innenwelt, des Es...*” (FREUD, GW, 13, p. 265 e p. 264).

392 Não nos aprofundaremos na questão espinhosa da hipótese filogenética aqui; apenas gostaríamos que o leitor

Se, por um lado, revisitamos aqui as características do conhecido ideal do Eu, ainda que elevado à categoria de instância psíquica, como a sua relação com as exigências morais e com a consciência moral, familiares desde o artigo sobre o narcisismo, por outro lado, nos vemos diante de duas facetas do Supereu aparentemente desconhecidas. A primeira delas, reconhecida por Freud, é que essa parte do Eu mantém um vínculo menos firme com a consciência do que se supunha. Isso é esclarecido depois de sua associação ao complexo de Édipo, visto que os conflitos que eram travados nas camadas mais profundas continuam nessa região mais elevada: “A profusa comunicação entre esse ideal e essas moções pulsionais *ics* resolve o enigma de o ideal mesmo poder ficar em grande parte inconsciente, inacessível ao Eu” (FREUD, 2011a, p. 49)³⁹³. Trata-se de regiões inconscientes no sentido dinâmico do termo, assim como vimos a respeito do Eu, embora o Supereu esteja ainda mais afastado da consciência que o último, tanto por conta de sua forte relação com Isso, quanto pelo fato de ter menos afinidade com a percepção, considerando que o Eu é, ele mesmo, originado pela influência do mundo exterior no Isso.³⁹⁴ Tal fato explica porque nosso autor insere uma nota de rodapé em 1923 corrigindo o que havia dito em 1921, no escrito *Psicologia das massas...*, sobre a função do exame de realidade, que foi atribuída ao Ideal do Eu, como vimos acima. Na verdade, seria errôneo fazê-lo: “Estaria perfeitamente de acordo com as relações do Eu para com o mundo da percepção que o exame da realidade permanecesse tarefa dele próprio” (FREUD, 2011a, p. 35)³⁹⁵.

A outra novidade consistiria em conceber o Supereu ou ideal do Eu como a herança do complexo de Édipo, e não do narcisismo originário; em outras palavras, não mais como a substituição da perfeição desfrutada pelo Eu infantil naquele estado de distribuição da libido. Essa posição freudiana se repete em textos posteriores, como na 31ª das *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1933). Nesta ocasião, particularmente, o Supereu não é

tivesse em vista que a herança da espécie humana, para Freud, parece ser abrigada no Isso, conforme o *Compêndio de psicanálise* (1940): “Seu conteúdo [do Isso] engloba tudo o que foi herdado, trazido com o nascimento e que foi constitutivamente estabelecido...”/ “[...] sein Inhalt ist alles, was ererbt, bei Geburt mitgebracht, konstitutionell festgelegt ist...” (FREUD, 2021e, p. 17 e p. 16).

393 “Die ausgiebige Kommunikation dieses Ideals mit diesen unbewußten Triebregungen wird das Rätsel lösen, daß das Ideal selbst zum großen Teil unbewußt, dem Ich unzugänglich bleiben kann.” (FREUD, GW, 13, p. 267).

394 Essa maior distância do Supereu em relação à consciência, quando comparado ao Eu, é afirmada já no escrito de 1923 e reforçado pelo esquema gráfico da conferência 31 (1933), no qual é adicionado o Supereu, então ausente do esquema esboçado em *O Eu e o Isso*, em uma posição claramente mais próxima do Isso (Cf. FREUD, 2010d, p. 222; GW, 15, p. 85).

395 “Es würde durchaus den Beziehungen des Ichs zur Wahrnehmungswelt entsprechen, wenn die Realitätsprüfung seine eigene Aufgabe bliebe.” (FREUD, GW, 13, p. 256). Nesse sentido, o exame ou prova de realidade volta a ser uma das “instituições do Eu”, tal como já vimos em nossa passagem pelo *Complemento metapsicológico à doutrina dos sonhos* (1915), no capítulo anterior.

concebido como equivalente, mas sim como “portador do ideal do Eu” (*Träger des Ichideals*), com o qual o Eu é comparado. Freud (2010d, p. 203)³⁹⁶ afirma: “Sem dúvida, esse ideal do Eu é o precipitado da velha ideia que a criança tinha dos pais, a expressão da admiração de quem os considerava perfeitos.” Essa diferença nos coloca diante da dificuldade de situar o lugar do narcisismo nessas transformações. Podemos nos perguntar se ela modifica a influência do narcisismo na hipótese do ideal do Eu e, portanto, do Supereu, já que, à primeira vista, aquele conceito sairia de cena e cederia lugar à perfeição outorgada aos progenitores na formação do ideal. Ou haveria a possibilidade de conciliar o ideal do Eu como herança do narcisismo primário e herança do complexo de Édipo, da perfeição do Eu infantil e das entidades amadas e temidas da infância? Seguramente, nos inclinamos à segunda opção.

De antemão, devemos levar em consideração que Freud admitia, desde o artigo de 1914, que tanto o ideal do Eu, quanto a consciência moral, responsável por assegurar seu cumprimento e alcançar, com isso, a satisfação narcísica, eram formados a partir da influência dos pais e de seus substitutos no meio social. A criança se identificava com essas pessoas, que serviam a ela como modelo, com esse material esboçava o ideal ao qual almejaria chegar e, com base nisso, delineava seus critérios para o recalque. Além disso, Florence (1984, p. 36) é preciso ao afirmar que essa aparente contradição sobre a origem do ideal do Eu se dissolve se lembrarmos que, provavelmente, “os pais foram desde o começo investidos do ‘narcisismo originário’ onde a ‘suficiência’ infantil contrasta com a miséria e a impotência de sobreviver sem a ajuda dos objetos exteriores.”

Isso nos remete à noção freudiana de desamparo (*Hilflosigkeit*) e à crítica já exposta em relação à concepção do narcisismo primário como uma mônada fechada em si mesma e autossuficiente. O ser humano vem ao mundo menos preparado que os outros animais e passa por um prolongado período de dependência para sobreviver. Esta condição biológica é considerada, por Freud, como um dos fatores que contribuem para causar as neuroses:

Por isso a influência do mundo real externo é reforçada, a diferenciação do Eu em relação ao Isso é logo promovida, os perigos do mundo exterior têm sua importância elevada, e o valor do único objeto capaz de proteger contra esses perigos e tomar o lugar da vida intrauterina perdida é bastante aumentado. Portanto, o fator biológico dá origem às primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado, que jamais abandona o ser humano. (FREUD, 1926/2014a, p. 101, grifo nosso).³⁹⁷

396 “Kein Zweifel, dieses Ichideal ist der Niederschlag der alten Elternvorstellung, der Ausdruck der Bewunderung jener Vollkommenheit, die das Kind ihnen damals zuschrieb.” (FREUD, GW, 15, p. 71).

397 “Dadurch wird der Einfluß der realen Außenwelt verstärkt, die Differenzierung des Ichs vom Es frühzeitig gefördert, die Gefahren der Außenwelt in ihrer Bedeutung erhöht und der Wert des Objekts, das allein gegen diese Gefahren schützen und das verlorene Intrauterinleben ersetzen kann, enorm gesteigert. Dies biologische Moment stellt also die ersten Gefahrsituationen her und schafft das Bedürfnis, geliebt zu

Como é possível notar, o nascimento precoce e a correlata dependência do ser humano consistem em uma marca biológica que se traduz como marca na alma do indivíduo, a ponto de determinar sua vida afetiva e sua relação com os objetos por toda a sua existência. Há um “transbordamento da individualidade” (MOURA, 2019, p. 119) desencadeado pela própria condição de desamparo, que, na verdade, assume um destino bem específico, já que insere o ser humano desvalido numa relação estreita com aqueles que cuidam dele e o protegem diante dos perigos. Entra em cena o papel de destaque ocupado pelos progenitores, ou por aqueles que exercem as funções materna e paterna. Por conseguinte, é possível notar que o pequeno ser humano já se encontra na trilha que desembocará na trama edípica, marcada tanto pelos investimentos de objeto, quanto pelos processos de identificação com as figuras parentais. Nesse sentido, o próprio complexo de Édipo e o valor a ele concedido, em última instância, têm suas raízes no estado de desamparo biológico e psíquico do infante, como fica claro no seguinte fragmento:

O complexo de Édipo, ou seja, a postura afetiva para com a família, para com pai e mãe, no sentido mais estrito, é o material que o neurótico fracassa em dominar, e que, por isso, sempre forma o núcleo de sua neurose. Mas sua importância não se deve a alguma conjunção ininteligível para nós; ocorre que os fatos biológicos da longa dependência e da lenta maturação do novo ser humano, assim como o complicado desenvolvimento de sua capacidade de amar, traduzem-se nessa ênfase na relação com os pais e têm por consequência que a superação do complexo de Édipo coincide com o modo mais adequado de lidar com a herança arcaica, animal, do ser humano. (FREUD, 1919/2010a, p. 394).³⁹⁸

Quer dizer que aquela situação beatífica do narcisismo, aquele estado de suposta plenitude que se inscreve de um modo tão profundo e estruturante nos indivíduos, nada tem de autossuficiente. Trata-se do momento de maior dependência e de maior necessidade do cuidado do outro, que lança o ser humano no drama do romance familiar, de onde não sairá nunca mais, já que sua forma de amar não deixará de carregar as impressões dessas experiências infantis. Recuperando aquela afirmação de Florence, os pais já são investidos do narcisismo originário.

werden, das den Menschen nicht mehr verlassen wird.” (FREUD, GW, 14, p. 186-87).

398 *“Der Ödipus-Komplex, d. i. die affektive Einstellung zur Familie, im engeren Sinne zu Vater und Mutter, ist jener Stoff, an dessen Bewältigung der einzelne Neurotiker scheitert, und der darum regelmäßig den Kern seiner Neurose bildet. Er verdankt aber seine Bedeutung keineswegs einem uns unverständlichen Zusammentreffen, sondern die biologischen Tatsachen der langen Unselbständigkeit und langsamen Reifung des jungen Menschen, sowie des komplizierten Entwicklungsganges seiner Liebesfähigkeit drücken sich in dieser Betonung des Verhältnisses zu den Eltern aus und haben zur Folge, daß die Überwindung des Ödipus-Komplexes mit der zweckmäßigsten Bewältigung der archaischen, animalischen Erbschaft des Menschen zusammenfällt.” (FREUD, GW, 12, p. 327-28).*

Daí basta mais um passo para reconhecer que a criança associa aos pais, de quem tanto dependeu, o estado paradisíaco do qual desfrutava na infância, e projeta sobre eles seu narcisismo. Nesse sentido, não parece mais tão contraditório que ideal do Eu ou Supereu devam sua gênese ao narcisismo originário e ao complexo de Édipo, assim como não há razões para diminuir a relevância do conceito de narcisismo para a edificação dessa instância psíquica. O último segue participando da formação do ideal e sendo a situação psíquica à qual todos almejam retornar, em que o próprio Eu era seu ideal, com a diferença de que podemos apreciar a participação precoce dos objetos edípicos nesse estado, do ponto de vista do desamparo infantil. O Supereu, como diz Freud (2011a, p. 60)³⁹⁹ em 1923, seria o “monumento” (*Denkmal*) que perpetuaria a memória desse momento de dependência e fraqueza do Eu, introduzindo em seu interior tais objetos.⁴⁰⁰

Gostaríamos de acrescentar uma última palavra sobre a edificação do Supereu e sua relação com o narcisismo, na medida em que o último parece estar implicado não apenas na noção de identificação e de ideal do Eu, mas também na possibilidade de declínio do complexo de Édipo no menino. Para esclarecer, será preciso recuperar algumas passagens de *O declínio do complexo de Édipo* (1924), uma vez que a castração ganha ali um protagonismo maior, em relação ao escrito de 1923, na explicação do motivo que faz com que a criança desista dos investimentos libidinosos dirigidos aos pais. Embora esta seja a primeira vez em que Freud admite que haja uma assimetria entre o menino e a menina quanto ao Édipo, mais uma vez é com base naquele que afirma que tanto a posição ativa/masculina – tomar a mãe como objeto e ocupar o lugar do pai –, quanto a posição passiva/feminina – substituir a mãe e oferecer-se como objeto ao pai –, implicam a castração, seja como castigo, no primeiro caso, seja como premissa, no segundo. O ponto que nos interessa destacar é que a satisfação dos desejos edípicos parece “custar o pênis”, de modo que se instaura o “conflito entre o interesse narcísico nessa parte do corpo e o investimento libidinal dos objetos parentais” (FREUD, 2021a, p. 263)⁴⁰¹. Geralmente, é o primeiro que triunfa.

399 Cf. FREUD, GW, 13, p. 277.

400 Neste ponto, discordamos de Chasseguet-Smirguel (2003). A autora não diferencia ideal do Eu e Eu ideal, como vimos, mas estabelece uma distinção fundamental entre este conceito e a noção de Supereu. Para ela, o ideal do Eu é herdeiro do narcisismo primário, na medida em que busca reconquistar a onipotência desfrutada nesse estágio. Já o Supereu é herdeiro do complexo de Édipo, visto que nasce a partir do complexo de castração, que separa a criança da mãe, portanto, que barra aquela fusão primária do narcisismo, justamente aquela que permitia a ilusão de autossuficiência infantil.

401 “Wenn die Liebesbefriedigung auf dem Boden des Ödipuskomplexes den Penis kosten soll, so muß es zum Konflikt zwischen dem narzißtischen Interesse an diesem Körperteile und der libidinösen Besetzung der elterlichen Objekte kommen.” (FREUD, GW, 13, p. 398).

Isso quer dizer que o narcisismo também serve a Freud para pensar na inclinação da criança a preservar o próprio genital, considerando a importância que este cumpre já no estágio narcísico, e abrir mão dos desejos incestuosos. Toews (2000, p. 71) aponta nesta direção quando escreve: “A criança entrava nas relações interpessoais do complexo de Édipo como um sujeito narcisista que imaginava seu próprio eu como objeto primário do desejo e que associava esse ‘eu’ com o órgão de prazer genital.” Esse interesse narcísico pelo genital no menino terá um peso fundamental para a renúncia aos investimentos objetais edípicos e sua substituição por identificações. Como isso se desenrola pela via da dessexualização e da sublimação, o narcisismo reaparece na conversão de libido de objeto em libido narcísica, e tudo isso leva à composição do Supereu, como já mencionamos.

Quando Freud se concentra mais profundamente no Édipo feminino, em *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925), também recorre ao narcisismo para abordar o complexo de castração na menina, ainda que de outro ponto de vista. Ainda na fase fálica, pênis e clitóris são concebidos como análogos e igualmente fálicos, e ambos têm uma participação importante no narcisismo infantil. Por essa razão, Freud entende que, quando a diferença sexual é reconhecida, quer dizer, quando a menina percebe que não tem o pênis e deseja tê-lo, sua condição de castrada se revela como “ferida narcísica”. A diferença é que o complexo de castração não leva a menina ao fim do Édipo, como no menino; pelo contrário, é o que a insere no triângulo edípico, o que leva nosso autor a conceber o último como uma formação secundária nela. Freud nota que o reconhecimento da falta do pênis e, portanto, da inferioridade do clitóris, possibilita que a menina modifique seu primeiro objeto de amor, que é a mãe em ambos os sexos, para o pai, capaz de lhe conceder um filho, na equivalência simbólica que estabelece entre pênis e filho, e abandone a zona genital do clitóris em direção à vagina. Enquanto no menino o Édipo “não é simplesmente recalcado, ele é despedaçado formalmente sob o impacto da ameaça de castração”, na menina “falta o motivo para a destruição do complexo de Édipo” (FREUD, 2020d, p. 270)⁴⁰². A castração ou a “ferida narcísica” está dada de saída, é um destino biológico e produz seu efeito antes mesmo do Édipo se instaurar, de modo que este possa ser abandonado pouco a pouco, de modo menos enfático e categórico em comparação com o menino.

402 “[Beim Knaben] [...] [wird der Komplex] nicht einfach verdrängt, er zerschellt förmlich unter dem Schock der Kastrationsdrohung.”/ “[Beim Mädchen] entfällt das Motiv für die Zertrümmerung des Ödipus-Komplexes.” (FREUD, GW, 14, p. 29).

Como afirma Toews (2000, p. 73), a mulher “não era forçada a recalcar e sublimar seus desejos por uma ameaça radical a seu ser ou a sua identidade, caso persistisse em seus objetivos edipianos.” Por isso, segundo Freud (1925/2020d, p. 270)⁴⁰³, aquilo que é eticamente normal para a mulher é diferente do que é para o homem: “O Supereu nunca se torna tão implacável, tão impessoal, tão independente de suas origens afetivas como o exigimos do homem.” Afirmações freudianas como esta, ou ainda as consequências que nosso autor retira disso – as mulheres teriam um senso de justiça menor que os homens, uma inclinação menos acentuada a se submeter às grandes necessidades da vida e a tendência a se guiar em suas decisões pelos sentimentos, tanto os ternos, quanto os hostis – tem mobilizado os meios psicanalíticos há tempos⁴⁰⁴, considerando suas graves implicações em relação ao debate com as questões de gênero. Essas constatações conduzem a uma “equivalência generalizada entre cultura e masculinidade”⁴⁰⁵, de modo que o lugar das mulheres e, possivelmente, do feminino, seja “reiteradamente remetido, de maneiras que não deixam de ser complexas e profundamente ambíguas, aos limites da cultura e da civilização, visivelmente consideradas em termos patriarcais” (MARTINS e SILVEIRA, 2020, p. 10). Se não nos cabe aqui o aprofundamento da questão, é indispensável que ela seja, ao menos, levantada, visto que a própria estruturação do aparelho psíquico e o próprio narcisismo, dos quais nos ocupamos, levam sua marca.

Com isso, já temos uma visão geral da teoria estrutural do aparelho psíquico e dos vários lugares nos quais o narcisismo marca sua presença enquanto catalisador dessa construção. Resta-nos delinear com mais detalhes o lugar que o Eu ocupa não só em relação ao Isso e à realidade, como começamos a observar, mas também no que concerne ao Supereu, com ênfase em sua ambiguidade, que começamos a vislumbrar no tópico anterior.

403 “*Das Über-Ich wird niemals so unerbittlich, so unpersönlich, so unabhängig von seinen affektiven Ursprüngen, wie wir es vom Manne fordern.*” (FREUD, GW, 14, p. 29).

404 Há uma porção de trabalhos que toca nessa temática e propõe uma leitura crítica da posição freudiana, e da psicanálise tomada no sentido geral, em relação à feminilidade, por vezes fazendo uso das próprias potencialidades do discurso psicanalítico; a título de exemplo, temos as reflexões precisas e indispensáveis de Silveira (2020), Martins e Silveira (2020). Toews (2000) também tece suas considerações no sentido de apontar que a teoria freudiana do Édipo se pauta em uma crítica da feminilidade, na qual a identidade masculina assume o lugar de norma ética e cultural da humanidade.

405 Afinal, a primazia do falo presente na argumentação freudiana confere protagonismo à identificação com o pai e à edificação de sua autoridade como modelo para a moral do Supereu, como vimos. A saída do Édipo só traça uma marca tão profunda no menino porque este tem o medo de perder o pênis, órgão genital que já concentra um investimento significativo desde o narcisismo infantil. Ainda que menino e menina sejam dependentes dos progenitores, os tomem como objeto, projetem sobre eles seu narcisismo, se identifiquem com eles e formem o Supereu a partir da interiorização dessas figuras, é como se houvesse um Supereu propriamente dito – aquele que se forma a partir da relação entre o filho homem e o pai, ambos portadores do órgão fálico –, uma vez que a instauração da moral parece depender da ameaça que parte do pai fálico e do medo de perder o órgão que assola o filho.

3.2.3 O estatuto do Eu na segunda tópica: suas dependências e as oscilações quanto a seu núcleo

Iniciamos nosso percurso com a exposição do conflito psíquico que sustentava a primeira teoria metapsicológica de Freud e observamos que nela o Eu se comportava majoritariamente como aliado dos processos secundários, do princípio de realidade, do pré-consciente e da consciência, da autoconservação e da defesa. Mostramos como o narcisismo interferiu nesse *modus operandi* da alma ao possibilitar a natureza sexual do Eu e sua clivagem e defendemos seu papel de operador rumo às transformações teóricas de 1920. Quando adentramos nas últimas, nossos esforços se dirigiram a indicar não apenas as influências do narcisismo que eram mais visíveis e explícitas, no sentido de provocar os desequilíbrios na noção de conflito já indicada, mas também outros atravessamentos do conceito que julgamos relevantes para que as formulações da segunda teoria das pulsões e da segunda teoria do aparelho psíquico assumissem seu formato. Das consequências disso, interessa-nos salientar a complexidade adquirida pela noção de Eu que, se já era presente, em menor grau, desde os primórdios da teoria freudiana, assume dimensões exorbitantes e leva a seu caráter ambíguo. De acordo com Monzani (1989, p. 249), “a tentativa de introduzir coerência à noção de ego implica claramente colocar em questão as repartições da primeira tópica” – e de seu substrato pulsional, como sabemos. No entanto, continua o autor:

[...] é bom também que se tome consciência de que essa tentativa de agrupar as diferentes funções e instâncias através da noção de ego não significou que essa noção deixasse de ser menos problemática que antes. *Na verdade, o conceito de ego é um dos mais ambíguos da teoria psicanalítica.* (MONZANI, 1989, p. 249, grifo nosso).

A fim de nos aprofundar nessa ambiguidade, abordaremos as dependências do Eu em relação ao Isso, ao Supereu e à realidade, o que nos ajudará a entender porque Freud oscila tantas vezes quanto ao que considera ser o cerne, o núcleo ou a essência do Eu. Em *O Eu e o Isso*, convida o leitor a contemplar o Eu em sua potência e em sua fraqueza. É difícil delinear onde a primeira termina e a segunda começa, mas temos algumas pistas. Do lado da potência, estão funções importantes que lhe cabem, associadas a sua afinidade com a percepção e o mundo externo, como o exame de realidade, a ordenação dos processos psíquicos no tempo e a capacidade de pensamento, de agir através dos processos secundários, adiar as descargas de excitação e controlar o acesso à motilidade. Porém, este controle já revela seus pontos fracos:

“Este domínio, entretanto, é mais formal do que factual; em relação ao agir, o Eu tem posição semelhante à de um monarca constitucional, sem cuja sanção nada pode se tornar lei, mas que precisa refletir muito, antes de impor seu veto a uma proposta do parlamento” (FREUD, 2011a, p. 69)⁴⁰⁶. Nesse caso, o parlamento é a metáfora para o Isso, pois é preciso refletir antes de refrear suas exigências pulsionais, uma vez que ele não se dá por vencido tão facilmente. O Eu tenta submetê-lo e o melhor método para isso consiste em alterar-se, pela identificação, tomando para si os investimentos de objeto do Isso. Este também penetra no Eu através do Supereu, que perpetua o complexo de Édipo, mas, ao mesmo tempo, proíbe que os desejos relativos a ele sejam realizados. O quadro descrito por Freud pode ser sintetizado da seguinte forma:

O Eu se desenvolve da percepção das pulsões ao domínio sobre elas, da obediência às pulsões à inibição delas. Nesta operação tem forte presença o ideal do Eu, que é, em parte, uma formação reativa aos processos pulsionais do Isso. A psicanálise é um instrumento que deve possibilitar ao Eu a conquista progressiva do Isso.

De outro lado, no entanto, vemos esse Eu como uma pobre criatura submetida a uma tripla servidão, que sofre com as ameaças de três perigos: do mundo exterior, da libido do Isso e do rigor do Super-eu. Três espécies de angústia correspondem a tais perigos, pois angústia é expressão de um recuo ante o perigo. Como entidade fronteira, o Eu quer mediar entre o mundo e o Isso, tornando o Isso obediente ao mundo e, com sua atividade muscular, fazendo o mundo levar em conta o desejo do Isso. [...] Ele não é apenas o auxiliar do Isso, mas também o seu escravo submisso, que roga pelo amor do amo. (FREUD, 2011a, p. 70).⁴⁰⁷

Considerando os malabarismos que o Eu faz para satisfazer o Isso, como se estivesse quase sempre, em última instância, tentando agradá-lo, tendemos a permanecer com a imagem do primeiro como “a pobre criatura”; a entidade ou ser fronteira (*Grenzwesen*) que, além de lidar com o Isso e a realidade, tem de sofrer com a severidade do Supereu; a sede das angústias neurótica, realista e da consciência moral, relativas a cada uma dessas dependências, respectivamente (FREUD, 1933/2010d, p. 229)⁴⁰⁸. Trataremos das relações do Eu com as

406 “*Letztere Herrschaft ist allerdings mehr formal als faktisch, das Ich hat in der Beziehung zur Handlung etwa die Stellung eines konstitutionellen Monarchen, ohne dessen Sanktion nichts Gesetz werden kann, der es sich aber sehr überlegt, ehe er gegen einen Vorschlag des Parlaments sein Veto einlegt.*” (FREUD, GW, 13, p. 285).

407 “*Das Ich entwickelt sich von der Triebwahrnehmung zur Triebbeherrschung, vom Triebgehorsam zur Triebhemmung. An dieser Leistung hat das Ichideal, das ja zum Teil eine Reaktionsbildung gegen die Triebvorgänge des Es ist, seinen starken Anteil. Die Psychoanalyse ist ein Werkzeug, welches dem Ich die fortschreitende Eroberung des Es ermöglichen soll. Aber andererseits sehen wir dasselbe Ich als armes Ding, welches unter dreierlei Dienstbarkeiten steht und demzufolge unter den Drohungen von dreierlei Gefahren leidet, von der Außenwelt her, von der Libido des Es und von der Strenge des Über-Ichs. Dreierlei Arten von Angst entsprechen diesen drei Gefahren, denn Angst ist der Ausdruck eines Rückzuges vor der Gefahr. Als Grenzwesen will das Ich zwischen der Welt und dem Es vermitteln, das Es der Welt gefügig machen und die Welt mittels seiner Muskelaktionen dem Es-Wunsch gerecht machen. [...] Es ist nicht nur der Helfer des Es, auch sein unterwürfiger Knecht, der um die Liebe seines Herrn wirbt.*” (FREUD, GW, 13, p. 286).

408 Cf. FREUD, GW, 15, p. 92.

pulsões de vida e de morte adiante, mas vale notar que boa parte da crueldade do Supereu é produto da própria desfusão pulsional que o Eu empreende quando dessexualiza, pela identificação, os investimentos de objeto que partem do Isso. Pelo menos no que se refere a essa exposição de 1923, a verdade é que a fraqueza do Eu parece ganhar contornos bem fortes.

Isso explica porque Freud se vê às voltas com um problema em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), ao demonstrar a grande influência que o Eu é capaz de exercer sobre o Isso nesse escrito. O Eu consegue inibir ou desviar as moções pulsionais inconscientes; através da liberação de angústia, enquanto sinal de desprazer, e com a ajuda do princípio de prazer, ele efetua o recalque. Mesmo quando este fracassa e o sintoma é produzido, o Eu mantém essa formação substitutiva da moção pulsional do Isso longe da descarga motora, isto é, da ação no mundo exterior. Eis o inconveniente do qual nosso autor tenta dar conta: “É o caso de nos perguntarmos, então, como o reconhecimento do poder do Eu se harmoniza com a descrição da posição desse Eu que esboçamos em *O Eu e o Isso*” (FREUD, 2014a, p. 25)⁴⁰⁹. Ele está falando de seu empenho em “desmascarar” (*entlarven*) a “arrogância” (*Überheblichkeit*) dessa instância em 1923, para usar os termos freudianos. Uma das saídas do autor é questionar se a insistência na fraqueza do Eu em detrimento ao demoníaco do Isso não teria se tornado uma forma de “visão de mundo” (*Weltanschauung*) da qual a psicanálise seria partidária. No entanto, é conhecida a desconfiança de Freud em relação à fabricação de visões de mundo, razão pela qual critica a filosofia – os filósofos que tentam dar conta de todos os enigmas do mundo, e não os psicanalistas – e defende o quão infecundo seria “bater o martelo” sobre uma das facetas do Eu, considerando o problema quase como resolvido. Quase, porque no início do capítulo seguinte, escreve:

Voltando ao problema do Eu, a aparente contradição se deve a que tomamos muito rigidamente as abstrações e ora destacamos um lado, ora o outro, num complicado estado de coisas. A separação entre Eu e Isso parece justificada, uma determinada constelação de elementos nos obriga a fazê-la. Por outro lado, o Eu é idêntico ao Isso, é apenas uma parte diferenciada deste. Se pensamos nessa parte em contraposição ao todo, ou se realmente ocorreu um divórcio entre os dois, então a fraqueza do Eu fica evidente para nós. No entanto, se ele permanece ligado ao Isso, indistinguível deste, então sua força aparece. Semelhante é a relação entre o Eu com o Super-eu; em muitas situações eles convergem, na maioria das vezes podemos distinguir um do outro apenas quando se produz uma tensão, um conflito entre os dois. (FREUD, 2014a, p. 27).⁴¹⁰

409 “Da ist es denn am Platze, sich zu fragen, wie diese Anerkennung der Mächtigkeit des Ichs mit der Beschreibung zusammenkommt, die wir in der Studie „Das Ich und das Es“ von der Stellung desselben Ichs entworfen haben.” (FREUD, GW, 14, p. 122).

410 “Um zum Problem des Ichs zurückzukehren: Der Anschein des Widerspruchs kommt daher, daß wir Abstraktionen zu starr nehmen und aus einem komplizierten Sachverhalt bald die eine, bald die andere Seite

A nosso ver, trata-se de uma das colocações mais lúcidas de Freud a respeito do Eu e de sua posição no aparelho psíquico, por radicalizar sua ambiguidade – parece ser este o caminho para chegar mais perto de apreendê-lo –. Sua condição de ser fronteiro é salientada, na medida em que as diferenciações em relação ao Isso e ao Supereu não são tomadas como rígidas. Em última instância, nem mesmo com a realidade a separação parece ser tão enrijecida, como mostra nosso autor em outra ocasião, ao comentar sobre o estado de apaixonamento, no qual os limites entre Eu e objeto se dissolvem e ambos parecem ser um só, bem como uma série de estados psíquicos em que partes de nosso próprio corpo ou de nossa vida anímica, como pensamentos e sentimentos, são atribuídos ao mundo exterior, como não pertencentes ao Eu, quando, na verdade, são gerados nele; trata-se de fenômenos de projeção, reveladores de que “as fronteiras do Eu não são estáveis”, seja em relação ao interior, seja em relação ao exterior (FREUD, 1930/2020b, p. 308)⁴¹¹.

Se compararmos os termos *Grenzwesen*, utilizado para designar o Eu, e *Grenzbegriff*, que denominava a pulsão, não poderemos deixar de traçar algumas semelhanças. Quanto à última, em nosso primeiro capítulo discorreremos sobre sua relação de fronteira entre corpo e alma e chamamos a atenção para a ambiguidade inerente a ela; há algo de inapreensível na pulsão, que escapa às definições pela linguagem, mas pode ser pelo menos fisgado por Freud quando ele a trata como “conceito fronteiro”, ou conceito limite. Talvez possamos, em alguma medida, estender essa ideia ao Eu em suas relações com o mundo e com as demais instâncias do aparelho psíquico. Como afirma nosso autor, ora um de seus aspectos é destacado, ora o outro, mas o fato é que a complexidade é sua marca, uma espécie de pertencimento e diferenciação simultâneos em relação ao que o cerca, que o torna tão ambíguo.

As tentativas de abordar o aparelho psíquico na 31ª das *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1933) parecem seguir na mesma direção, já que, pelo menos em dois momentos, Freud recorre a comparações que reforçam o fato de suas divisões serem

allein herausgreifen. Die Scheidung des Ichs vom Es scheint gerechtfertigt, sie wird uns durch bestimmte Verhältnisse aufgedrängt. Aber andererseits ist das Ich mit dem Es identisch, nur ein besonders differenzierter Anteil desselben. Stellen wir dieses Stück in Gedanken dem Ganzen gegenüber, oder hat sich ein wirklicher Zwiespalt zwischen den beiden ergeben, so wird uns die Schwäche dieses Ichs offenbar. Bleibt das Ich aber mit dem Es verbunden, von ihm nicht unterscheidbar, so zeigt sich seine Stärke. Ähnlich ist das Verhältnis des Ichs zum Über-Ich; für viele Situationen fließen uns die beiden zusammen, meistens können wir sie nur unterscheiden, wenn sich eine Spannung, ein Konflikt zwischen ihnen hergestellt hat.” (FREUD, GW, 14, p. 124).

411 “[...] die Ichgrenzen sind nicht beständig.” (FREUD, GW, 14, p. 424).

menos rígidas do que podem aparentar. Em um dos casos adverte que a diferenciação entre Eu, Isso e Supereu não deve se assemelhar àquelas linhas traçadas na geografia política, artificialmente, nem aos contornos lineares das pinturas primitivas; mais parece com os campos coloridos que se confundem e se penetram uns nos outros – coisa de arte moderna –. No outro, pede ao leitor que imagine um país com distintos relevos, como montanhas, lagos e planícies, e com uma população mista, como alemães, magiares e eslovacos. Então, mostra que a expectativa de que cada povo habite uma paisagem específica e exerça nela uma atividade particular, possibilitada pela natureza do lugar, não se cumpre, ainda que haja pontos indiscutíveis, por exemplo que as atividades de pesca não serão possíveis nos montes e que as videiras não crescem nos lagos: “Enfim, a imagem que têm do território pode ser correta em linhas gerais; nos particulares, deverão tolerar as divergências” (FREUD, 2010d, p. 215)⁴¹². As palavras de Monzani (1989, p. 286) condensam o que Freud parece querer dizer aqui:

A segunda tópica não possui, com certeza, uma divisão tão nítida quanto a da primeira, fato esse que levou a um certo número de contradições. Mas daí a dizer que a ideia de que certas regiões psíquicas não têm um modo específico e exclusivo de funcionamento vai uma longa distância. Há seguramente uma região onde isso acontece: o id. Nele não há processos secundários, as relações lógicas não valem, o aspecto energético é predominante, o tempo está ausente, é totalmente inconsciente etc. Ou, olhando as coisas sob outro ângulo, os denominados processos psíquicos complexos não têm aí a menor guarida. Existem, seguramente, outras regiões inconscientes onde ambos os processos têm lugar: as partes inconscientes do ego e do superego [...]. Nos dois primeiros podem se dar tanto processos primários como secundários [...]. O que varia é o grau de pertinência. Nas esferas mais elevadas, há uma nítida predominância dos processos secundários e interrupções periódicas dos primários.

Assim, por mais que o criador da psicanálise considere o Isso como “o submundo psíquico” (*die psychische Unterwelt*), com a “atmosfera” que lhe é específica, e a psicologia do Eu, incluindo o Supereu, como a extremidade oposta, rumo às “camadas mais superficiais, mais elevadas do aparelho psíquico” (FREUD, 1933/2010d, p. 206)⁴¹³, o fato é que o Eu parece transitar entre o que há de mais profundo e o que há de mais elevado na alma. Talvez por essa razão, na obra freudiana encontramos afirmações como esta, pela qual já passamos em nossa visita a *Além do princípio de prazer* (1920): “Grande parte do Eu é com certeza propriamente inconsciente, justamente aquilo que podemos chamar de cerne do Eu; apenas uma parte mínima dele recobrimos com o nome de *pré-consciente*” (FREUD, 2020c, p. 89)⁴¹⁴;

412 “Ja, das Bild der Gegend, das Sie mitgebracht haben, mag im großen und ganzen zutreffend sein; im einzelnen werden Sie sich Abweichungen gefallen lassen.” (FREUD, GW, 15, p. 79-80).

413 “[...] oberflächlichere, höhere Schichten des seelischen Apparats...” (FREUD, GW, 15, p. 74).

414 “Vieles am Ich ist sicherlich selbst unbewußt, gerade das, was man den Kern des Ichs nennen darf nur einen

bem como constatações como a que se segue, situada em nota de rodapé de *O Eu e o Isso* (1923): “Também declarações anteriores, formuladas um tanto imprecisamente, a respeito de um *núcleo do Eu*, devem ser corrigidas no sentido de que só o sistema *P-Cs* pode ser visto como núcleo do Eu” (FREUD, 2011a, p. 35, grifo do autor)⁴¹⁵.

Posições similares à segunda parecem se repetir com mais frequência, como em *A questão da análise leiga* (1926), quando Freud (2021b, p. 229)⁴¹⁶ afirma que quando o Eu toma partido do mundo exterior, da realidade, em detrimento às moções pulsionais do Isso, está sendo “fiel à sua essência mais íntima”. Ou no escrito sobre Moisés, de 1939: “De maneira mais correta, pois, diremos que o Eu é essencialmente pré-consciente (consciente virtualmente), mas que partes do Eu são inconscientes” (FREUD, 1991c, p. 92)⁴¹⁷. E ainda em passagens do *Compêndio de psicanálise* (1940), onde Freud enlaça Eu e pré-consciente a ponto de sugerir certa sinonímia entre ambos em algum momento, o que não era incomum no contexto da primeira tópica. Ao explicar os processos psíquicos, escreve: “Essas leis, em seu conjunto, chamamos de *processo primário*, em oposição ao *processo secundário*, que regula os decursos no pré-consciente, no Eu” (FREUD, 2021e, p. 63, grifo do autor)⁴¹⁸. Ainda nesse escrito, a marca da origem do Eu, que Freud compara aos produtos que carregam a expressão *Made in Germany*, encontra-se em sua dependência do mundo exterior (FREUD, 2021e, p. 157)⁴¹⁹.

Também nos deparamos com a hipótese de que o Supereu seja o núcleo do Eu, que encontramos em *O humor* (1927), na ocasião em que se propõe a tratar da “estrutura de nosso Eu”: “Esse Eu não é algo simples, ele abriga no interior, *como seu núcleo*, uma instância especial, o *Super-eu*, e às vezes os dois convergem de forma tal que não conseguimos diferenciá-los, enquanto em outras circunstâncias se distinguem agudamente” (FREUD, 2014a, p. 327, grifo nosso)⁴²⁰. O comentário de Florence (1984, p. 46) pode ser esclarecedor

geringen Teil davon decken wir mit dem Namen des Vorbewußten.” (FREUD, 2020c, p. 88). Na edição da Autêntica, “cerne” é a tradução para *Kern*. Como veremos abaixo, o mesmo termo é traduzido por “núcleo” – ao qual daremos preferência – na edição da Companhia das Letras.

415 “*Auch frühere, ziemlich unbestimmt gehaltene Äußerungen über einen Kern des Ichs sollen jetzt dahin richtiggestellt werden, daß nur das System W-Bw als Kern des Ichs anzuerkennen ist.*” (FREUD, GW, 13, p. 256).

416 “[...] [und weil das Ich], seinem innersten Wesen getreu, [für die Außen weit Partei nimmt]...” (FREUD, GW, 14, p. 231).

417 “*Wir sagen dann richtiger, das Ich ist wesentlich vorbewußt (virtuell bewußt), aber Anteile des Ichs sind unbewußt.*” (FREUD, GW, 16, p. 202).

418 “*Wir nennen diese Gesetze in ihrer Gesamtheit den Primärvorgang im Gegensatz zum Sekundärvorgang, der die Abläufe im Vorbewussten, im Ich, regelt.*” (FREUD, 2021e, p. 62).

419 Cf. FREUD, 2021e, p. 156.

420 “*Dieses Ich ist nichts Einfaches, sondern beherbergt als seinen Kern eine besondere Instanz, das Über-Ich, mit dem es manchmal zusammenfließt, so daß wir die beiden nicht zu unterscheiden vermögen, während es*

aqui, na medida em que o autor nota as tentativas de Freud de estabelecer um núcleo para o Eu – se é que existe um e se é que podemos falar no singular a respeito dele, e não em núcleos, conforme complementa – e entende que o que está em jogo aí é ou bem uma persistência do psicanalista em uma “representação tradicional da alma”, ou o descentramento do Eu. A primeira se reforçaria quando ele aposta que o núcleo do Eu “é aquele que funciona na percepção e que comanda os acessos à motilidade”; a segunda, quando ele sugere outro centro para o Eu no Ideal do Eu ou Supereu, “que não é um centro mas um intervalo, um oco [creux], uma variação [écart] (Stufe)”, a parte do Eu que decorre da transformação de investimentos de objeto em identificações (FLORENCE, 1984, p. 46). De todo modo, considerando a afinidade do Supereu com o complexo de Édipo e, conseqüentemente, com o Isso, nos deparamos, mais uma vez, com o Eu tocando as profundezas e o cume do aparelho anímico.

Assim, nos aproximamos de um “ente especial” ou “particular” (*ein besonderes Wesen*) chamado Eu, assumidamente “personificado” (*personifiziert*) por Freud (1933/2010d, p. 220)⁴²¹, na tentativa de dar conta de seu lugar entre a servidão e o domínio. Resta-nos investigar mais a fundo as relações que ele estabelece com as pulsões de vida e de morte, pelo viés da dessexualização, extremamente dependente do conceito de narcisismo, e de seus efeitos, sobretudo nas funções desempenhadas pelo Eu. Encerraremos este capítulo com uma passagem de Green (1988a, p. 289), na tentativa de introduzir os problemas a serem abordados a seguir, mas com a ciência de que só poderemos compreendê-los em sua complexidade a posteriori:

Quanto mais Freud avança na sua reflexão mais o Eu se revela incapaz de responder às suas tarefas. Servidor de três amos com exigências contraditórias, Isso, Supereu e realidade, tem que levar em conta ainda a cegueira que apaga sua parte inconsciente, além do veneno que o mina por dentro: a pulsão de morte. Torna-se o palco de um conflito que só revela toda sua extensão na doença, mas que está presente em todos. Preso entre sua obstinação de não abandonar suas fixações libidinais mais antigas, incompatíveis com as limitações da realidade externa – a do mundo físico, assim como a do mundo social – e a destrutividade das pulsões de morte, de orientação centrífuga ou centrípeta, esgota-se para tapar os buracos, colmatar as fissuras, apoiar suas paredes, indo de uma avaria à outra, para se manter de pé. Visão pessimista sem dúvida.

sich in anderen Verhältnissen scharf von ihm sondert.” (FREUD, GW, 14, p. 386-87).

421 Cf. FREUD, GW, 15, p. 84.

CAPÍTULO 4

A DESSEXUALIZAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA O EU

Recapitulemos o percurso feito até aqui, antes de prosseguir. No primeiro capítulo, vimos como a formação da primeira teoria metapsicológica freudiana se apoiou em uma concepção de conflito psíquico bem definida, entre o Eu e a sexualidade. No capítulo seguinte, observamos como a noção de narcisismo foi formulada a fim de, no terceiro capítulo, investigar como ela interferiu decisivamente no estatuto do Eu, provocando as revisões na teoria pulsional e na tópica psíquica. Desse modo, realizamos a primeira proposta deste trabalho, de mostrar como o narcisismo modificou o funcionamento do Eu, levando às revisões de 1920. No entanto, pudemos notar que, em vez de os problemas serem resolvidos com tais modificações, o fato é que o Eu se tornou ainda mais complexo e ambíguo, por ocupar uma posição fronteira entre as regiões psíquicas, aproximando-se e distanciando-se do Isso, do Supereu e da realidade, em sua tentativa de conciliá-los. É chegado o momento de abordar os desdobramentos daquela primeira proposta, conforme indicamos em nossa introdução. Trata-se de avançar para a investigação das relações que o Eu passa a travar com as pulsões de vida e as pulsões de morte, o que faremos por meio da noção de dessexualização, apoiada no narcisismo.

Se já mencionamos esta noção anteriormente, agora concederemos a devida importância a ela. Isso porque ela passa a caracterizar todos os processos de identificação empreendidos pelo Eu e está intimamente relacionada ao conceito que serve de fio condutor para este trabalho, a saber, o narcisismo. Precisamente por transformar libido objetal em libido narcísica em suas identificações, o Eu dessexualiza a libido e isso tem consequências para a dinâmica psíquica. Com o objetivo de compreendê-las, em um primeiro momento, partiremos da introdução do termo “dessexualização” nos escritos de Freud, explorando sua relação com as concepções de sublimação, identificação e narcisismo. Depois passaremos ao estudo da dessexualização no escrito *O Eu e o Isso*, que nos interessa especialmente por demonstrar a participação do Eu nos processos de desfusão pulsional, e chegaremos ao ponto que consideramos ser o mais radical da ambiguidade do Eu, a saber, sua ação concomitante a favor das pulsões de vida e das pulsões de morte, dos processos de ligação e de desligamento. Mais uma vez, partindo do narcisismo e da dessexualização daí decorrente, veremos a raiz do

conflito psíquico ser instaurada no seio do Eu. Em um segundo momento, exploraremos a função sintética do Eu, sua importância para garantir a saúde psíquica e, ao mesmo tempo, a impossibilidade de que haja sua plena realização, tendo em vista a condição ambígua que é própria ao Eu. Tal condição justifica o fracasso inevitável, em maior ou menor grau, de suas tarefas de unificação e conciliação na vida psíquica, visto que serve ao desligamento, mesmo quando tenta garanti-las.

Com isso, teremos alcançado, pela via do narcisismo, a imagem ambígua, hesitante e vacilante que o Eu adquire sob a pena de Freud, o que nos possibilitará dar o último passo, o de confrontá-la com a tentativa de fortalecimento do Eu na técnica psicanalítica.

4.1 Dessexualização, sublimação, identificação e narcisismo

O termo *Desexualisierung* é introduzido pela primeira vez por Freud em 1921, em *Psicologia das massas e análise do Eu*, como discorre Scarfone (1997, p. 130). Na verdade, Freud utiliza o adjetivo ligado a ele (*desexualisiert*) para tratar das ligações libidinosas que o indivíduo é capaz de estabelecer com o outro, sem que haja uma satisfação sexual direta em vista, o que explicaria a formação das massas: “[...] amor *dessexualizado*, sublimadamente homossexual por outro homem” (FREUD, 2020b, p. 176, grifo nosso)⁴²². Uma segunda ocorrência se encontra no artigo *Teoria da libido*, de 1923. O psicanalista, ao traçar uma espécie de itinerário de sua teoria da libido, explica que, com a introdução do conceito de narcisismo, pode ter sido produzida a “aparência” de que a psicanálise trabalharia com a ideia de libido primordial de Jung, embora se oponha a esta, “sobretudo porque a transformação da libido objetal em narcisismo acha-se inevitavelmente ligada a uma certa *dessexualização*, a um abandono das metas sexuais específicas” (FREUD, 2011b, p. 305, grifo nosso)⁴²³.

Há também menções à dessexualização junto à identificação, no contexto da superação do complexo de Édipo, a qual depende da renúncia aos investimentos de objeto incestuosos e de sua substituição por identificações, tendo como resultado a edificação do Supereu, como já vimos. Em *O Declínio do Complexo de Édipo* (1924), Freud (2021a, p. 263, grifo nosso)⁴²⁴ afirma que os anseios libidinais dirigidos aos pais “serão em parte *dessexualizados* e

422 “[...] die dessexualisierte, sublimiert homosexuelle Liebe zum anderen Manne...” (FREUD, GW, 13, p. 113).

423 “[...] besonders da mit der Umwandlung der Objektlibido in Narzißmus eine gewisse Desexualisierung, ein Aufgeben der speziellen Sexualziele, unvermeidlich verbunden ist.” (FREUD, GW, 13, p. 232).

424 “Die dem Ödipuskomplex zugehörigen libidinösen Strebungen werden zum Teil desexualisiert und sublimiert, was wahrscheinlich bei jeder Umsetzung in Identifizierung geschieht, zum Teil zielgehemmt und in zärtliche Regungen verwandelt.” (FREUD, GW, 13, p. 399).

sublimados, o que provavelmente ocorre em cada transformação em identificação, e em parte inibidos quanto às metas [*zielgehemmt*] e transformados em moções de ternura.” Idêntica posição é assumida em *O Problema Econômico do Masoquismo*, também de 1924. Diante da superação do Édipo, o Supereu se origina com o fato de os primeiros objetos libidinais do Isso, os pais, terem sido introjetados no Eu, operação na qual “a relação com eles foi *dessexualizada*, sofreu um desvio das metas sexuais diretas” (FREUD, 2021a, p. 297, grifo nosso)⁴²⁵.

Esse mapeamento, que não pretendeu ser exaustivo, já nos permite ir ao encontro da afirmação de Scarfone (1997, p. 130, grifo do autor), a saber, apesar do aparecimento tardio do vocábulo, “*desde sempre* a dessexualização se inscrevia em uma série de conceitos importantes da teoria freudiana: identificação, sublimação, narcisismo”. Termos que tocam, conforme o autor, na possibilidade de destinos do sexual diferentes da satisfação sexual direta. Vejamos como cada um desses termos se relaciona com a noção de dessexualização, a começar pela sublimação.

Conforme sugerem muitos autores, como Laplanche (1989), Saint-Girons (1996) e Goebel (2012), embora Freud faça referência à sublimação ao longo de toda sua obra, tanto do ponto de vista conceitual, quanto clínico, é fato que o criador da psicanálise não chegou a caracterizá-la metapsicologicamente. A frequência de ocorrências do termo sublimação é acompanhada pela ausência de uma explicação de seu mecanismo, de modo que não exista nenhum tratado dedicado especialmente a ele – provavelmente, seria um dos artigos metapsicológicos que foram destruídos por Freud (GAY, 2012, p. 379) –. De todo modo, é possível indicar pelo menos três aspectos gerais da sublimação na teoria freudiana. O primeiro deles é que esse “destino pulsional”, como é apresentado em 1915 (FREUD, 2021f), diz respeito a uma capacidade restrita às pulsões sexuais; o segundo refere-se à sua condição de “desvio” (*Ablenkung*) em relação à meta sexual originária e, eventualmente, ao objeto sexual, conforme sugere Freud em algumas ocasiões⁴²⁶ – desvio que conduz a outras metas,

425 “[...] wobei die Beziehung zu ihnen desexualisiert wurde, eine Ablenkung von den direkten Sexualzielen erfuhr.” (FREUD, GW, 13, p. 380).

426 Freud enfatiza, sobretudo, o desvio em relação à meta na sublimação, mas também aponta que isso pode atingir o objeto, como no *Manuscrito inédito de 1931*: “O desejo pulsional* é então deslocado de uma meta ou de um objeto ardentemente satisfatório, mas não permitido, para outra meta ou objeto talvez menos satisfatório, porém mais facilmente alcançável.” “*Der Triebwunsch wird so von einem höchst befriedigenden, aber unzulässigen Ziel oder Objekt auf ein vielleicht weniger befriedigendes, aber besser erreichbares verschoben.*” (FREUD, 2017, p. 71, p. 70). Constatações semelhantes podem ser encontradas nas *Novas conferências de introdução à psicanálise* (1933). Cf. FREUD, 2010d, p. 244; GW, 15, p. 103. *Utilizamos “pulsional” em vez de “instintivo”, tradução feita por Susemihl dos termos relativos a *Trieb*, a fim de seguir o mesmo vocabulário do restante deste trabalho; faremos o mesmo nas citações seguintes com

consideradas mais elevadas ou superiores, por conta de seu valor cultural, como as atividades artísticas e intelectuais —; o terceiro, por sua vez, é que a sublimação consiste em um dos meios de “dominar” (*bewältigen*) a libido.

Quanto ao primeiro ponto, não parece surpreendente que este seja um mecanismo próprio das pulsões sexuais, afinal já nos deparamos, ao longo deste trabalho, com a plasticidade exclusiva da libido, sua disponibilidade de trocar de objetos e de metas, desde que encontre a satisfação, seja ela total ou parcial, por conta das relações que se estabelecem entre a sexualidade e a fantasia. Interessa-nos tratar dos demais aspectos, a saber, das noções de desvio e domínio envolvidas no processo sublimatório. Para isso, voltemo-nos ao texto de 1908, *A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna*. Depois de apresentar a pulsão sexual como especialmente vigorosa no ser humano, quando este é comparado aos outros animais superiores, Freud (2020b, p. 73)⁴²⁷ afirma: “Ela coloca à disposição do trabalho da cultura quantidades de força extraordinariamente grandes”, justamente porque é capaz de sublimação, quer dizer, “de trocar a meta originariamente sexual por outra, não mais sexual, mas psiquicamente aparentada a ela”, sem que haja uma perda significativa em sua intensidade.

No entanto, não é incomum que o psicanalista destaque o caráter pouco acessível desse mecanismo, a ponto de se referir a um “dom” da sublimação (*Gabe der Sublimierung*) (FREUD, 1908/2020b, p. 82)⁴²⁸, que estaria relacionado a predisposições individuais.⁴²⁹ Sublimar se distingue de recalcar e tem consequências bem menos danosas para o indivíduo. No recalçamento, o processo de destinar as representações ligadas à pulsão sexual para o inconsciente restringe o campo de ação do Eu sobre o conteúdo que foi dele isolado e implica um gasto de energia constante para manter esse estado, além do possível retorno do recalçado por meio do sintoma. Na sublimação, por outro lado, como afirma Freud nas *Cinco lições de psicanálise* (1910), não há uma perda essencial da intensidade da pulsão; esta permanece

a tradução de *Verdrängung*, que será vertido por “recalque” em vez de “repressão”, pelo mesmo motivo.

427 “*Er stellt der Kulturarbeit außerordentlich große Kraftmengen zur Verfügung.../ “[Man nennt diese Fähigkeit], das ursprünglich sexuelle Ziel gegen ein anderes, nicht mehr sexuelles, aber psychisch mit ihm verwandtes, zu vertauschen, [die Fähigkeit zur Sublimierung].”* (FREUD, GW, 7, p. 150).

428 Cf. FREUD, GW, 7, p. 158.

429 Por exemplo, em *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico* (1912), lemos a expressão “talento para sublimação” (*Talent zur Sublimierung*) e a recomendação de que o analista não tente esforçar os analisantes a sublimar, justamente por este não ser um recurso disponível a todas as pessoas. Cf. FREUD, 2021b, p. 103; GW, 8, p. 385. No estudo sobre o Leonardo da Vinci (1910), também vemos Freud considerar a capacidade especial do artista e cientista de sublimar as pulsões sexuais em “ímpeto de saber” (*Wissensdrang*) como um dos aspectos centrais de seu desenvolvimento psíquico. Cf. FREUD, 2013, p. 211; GW, 8, p. 205.

“aproveitável” (*verwertbar*), há apenas o seu desvio, o que faz do ato de sublimar “um processo de desenvolvimento muito mais adequado” (FREUD, 2013, p. 284)⁴³⁰.

Diante da quantidade de excitação imposta pela sexualidade, o domínio pela sublimação consiste, basicamente, em trocar a meta sexual da pulsão por outra, não sexual ou, como aparece no caso Dora, “asexual” (*asexuelle*) (FREUD, 1905/2016c, p. 229)⁴³¹. Quais dessas novas metas são consideradas mais elevadas, por conta de seu valor cultural, considerando o amplo escopo que vai desde a arte, a ciência e a moral até o trabalho profissional comum, é uma pergunta que incita os estudiosos da sublimação, como Goebel (2012, p. 114). Para nossos propósitos, contudo, interessa a relação entre o sexual e o não sexual, que apostamos ser o ponto-chave da sublimação, trabalhado por Freud já na primeira edição dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Neste escrito, além de apresentar a sublimação – já que esta parece ser a primeira ocorrência do termo em sua obra publicada –, o psicanalista inclui a noção em um tópico intitulado “Vias de influência recíproca”, situado ao final do segundo ensaio. A tese principal que nosso autor defende neste tópico é que “todas as vias de ligação, que conduzem de outras funções à sexualidade, devem ser transitáveis também no sentido contrário” (FREUD, 2016c, p. 119)⁴³². Dito de outro modo, se com a noção de apoio Freud já supunha que a realização de funções não sexuais era acompanhada por algum tipo de satisfação sexual, como mostrava o protótipo da nutrição e do ganho de prazer pela estimulação dos lábios, agora sugere que alterações sexuais nas zonas erógenas em comum também possam interferir nas demais funções orgânicas. Isso significa não somente que perturbações da sexualidade também se manifestariam em perturbações de outras funções corporais, mas que a própria sublimação dependeria dessa possibilidade de influência mútua:

Contudo, essas mesmas vias pelas quais os distúrbios sexuais transbordam para as demais funções do corpo serviriam para outra realização importante na saúde normal. Por elas as forças pulsionais sexuais se veriam conduzidas a metas outras que não as sexuais, ou seja, ocorreria a sublimação da sexualidade. Devemos finalizar admitindo que pouco se sabe ainda de certo sobre essas vias, que seguramente existem e provavelmente são utilizáveis em ambas as direções. (FREUD, 2016c, p. 119-120).⁴³³

430 “[*Wir kennen*] einen weit zweckmäßigeren Vorgang der Entwicklung...” (FREUD, GW, 8, p. 58).

431 Cf. FREUD, GW, 5, p. 210.

432 “[...] [*daß*] alle die Verbindungswege, die von anderen Funktionen her zur Sexualität führen, auch in umgekehrter Richtung gangbar sein müssen.” (FREUD, GW, 5, p. 107).

433 “Die nämlichen Wege aber, auf denen Sexualstörungen auf die übrigen Körperfunktionen übergreifen, müßten auch in der Gesundheit einer anderen wichtigen Leistung dienen. Auf ihnen müßte sich die Heranziehung der sexuellen Triebkräfte zu anderen als sexuellen Zielen, also die Sublimierung der Sexualität vollziehen. Wir müssen mit dem Eingeständnis schließen, daß über diese gewiß vorhandenen, wahrscheinlich nach beiden Richtungen gangbaren Wege noch sehr wenig Sicheres bekannt ist.” (FREUD,

A respeito desse caminho de mão dupla, o psicanalista ainda afirma, na 22^a das *Conferências de introdução à psicanálise* (1916-1917): “A sublimação é, incidentalmente, apenas um caso especial do apoio das tendências sexuais* em outras, não sexuais” (FREUD, 2014b, p. 459)⁴³⁴. Não por acaso, o apoio é analisado cuidadosamente no estudo de Laplanche (1989) dedicado à sublimação. O psicanalista francês propõe o esquema do diedro⁴³⁵ para representar os dois planos, o da autoconservação e o da sexualidade, e situa a linha do apoio como a linha de articulação entre ambos, que opera não apenas no surgimento da sexualidade como atividade independente das necessidades vitais: “Nessa, medida, é preciso conceber entre a autoconservação e a sexualidade outros vínculos além dos vínculos de origem ou dos vínculos de emergência” (LAPLANCHE, 1989, p. 27). Vínculos de “duplo sentido”, continua o autor; depois do “tempo de abertura”, ou do afastamento, há reaproximação entre os planos não sexual e sexual, passíveis de se efetuarem durante toda a vida, de forma que a “reprojeção da sexualidade sobre a autoconservação” seja possível (LAPLANCHE, 1989, p. 27). Se a sublimação pode ser abarcada “como passagem de uma atividade sexual para uma atividade não-sexual ou, se preferirem, alimentação do não sexual pelo sexual” (LAPLANCHE, 1989, p. 47), isso se deve a essa possibilidade de influência recíproca que Freud esboçava desde 1905.

Nota-se que recuamos aqui para o registro conceitual da primeira teoria pulsional. Pelo que vimos até agora, embora Freud não utilizasse o termo “dessexualizar” propriamente dito, a ser inserido em suas obras depois de 1920, tal ação parece não apenas familiar, mas necessária à atividade sublimatória, na medida em que esta supõe um tipo especial de apoio, no qual o sexual é dirigido ao não sexual, no percurso inverso àquele que caracterizou as primeiras experiências, nas quais o cumprimento de necessidades fisiológicas revelou o prazer sexual. É o que sugerem comentadores como Laplanche (1989, p. 16, p. 20) e Saint-Girons (1996, p. 494), ou ainda Campos e Loffredo (2019, p. 3), que aproximam as noções de “sublimação” e “dessexualização” já no âmbito da primeira teoria metapsicológica freudiana.

Quanto aos outros termos associados à ação de dessexualizar por Scarfone (1997) – o narcisismo e a identificação –, as coisas parecem um pouco mais complicadas. A ideia de

GW, 5, p. 107).

434 “Die Sublimierung ist übrigens nur ein Spezialfall der Anlehnung von Sexualstrebungen an andere nicht sexuelle.” (FREUD, GW, 11, p. 358). *O termo “sexuais” que acompanha “tendências”, em referência a *Sexualstrebungen*, foi suprimido na edição da Companhia das Letras.

435 Trata-se de um termo da geometria; chama-se diedro ao ângulo formado pelo encontro de duas faces planas, com origem em uma aresta em comum (Cf. LAPLANCHE, 1989, p. 24, p. 27).

dessexualização aparenta ser estrangeira a esses conceitos nesse contexto. Ao longo de nosso trabalho, com base nos textos freudianos e na leitura de uma série de comentadores, apostamos, justamente, no narcisismo e, em segundo plano, na identificação, como operadores privilegiados do movimento de sexualização do Eu, que era, sobretudo, o espaço não sexual do conflito psíquico. Seja por meio da libido narcísica, seja pela possibilidade de edificar o objeto amado em seu interior, pudemos observar o Eu sendo inundado também pelo sexual, aquilo do qual se defendia. Quanto ao narcisismo, ocupou a posição de articulador indispensável no sentido de permitir o advento do lado sexual do Eu, que acaba por abrigar os dois polos em conflito no seu interior, com todos os desdobramentos aí envolvidos e analisados até aqui.

De todo modo, olhando mais atentamente para a justificativa do comentador para inserir narcisismo e identificação, ao lado da sublimação, entre os conceitos que implicam dessexualização, não é possível negar certa presença desta em todos esses processos: “Esse termos não tem uma relação essencial com os destinos do sexual outros que não a satisfação especificamente sexual?” (SCARFONE, 1997, p. 130). Naturalmente, narcisismo e identificação podem ser contemplados na condição de destinos da sexualidade diferentes de uma satisfação direta. Já vimos que na melancolia, por exemplo, ocorre uma identificação narcísica com o objeto diante da necessidade de abandoná-lo e de preservar o amor por ele, o que substitui, de alguma forma, a satisfação sexual que poderia ter sido encontrada no objeto. O narcisismo, por sua vez, tanto em sua condição de investimento primário do Eu, quanto de destino possível para a libido de objeto diante de qualquer tipo de impedimento de satisfação objetual, também traz a marca da aplicação das pulsões sexuais a um fim diferente da meta sexual direta. Ainda assim, tanto o Eu narcísico, quanto o Eu identificado com o objeto continuam a consistir em posições libidinais cuja marca é a presença do sexual em um campo, até então, oposto à sexualidade. Desse modo, o fato de o Eu ser investido com libido implica sua sexualização, fator que enfatizamos em nosso trabalho, mas também uma retirada de libido do objeto, que pode significar dessexualização.

No entanto, mesmo que todos esses conceitos já convocassem a ideia de dessexualizar, a introdução do termo propriamente dito por Freud deve ter suas razões. Concordamos com Scarfone (1997, p. 130, grifo do autor): “*Dessexualização* parece fechar [*clore*] e endurecer [*durcir*] a série de termos à qual ele está associado.” Não se trata apenas do destino do sexual diferente de uma satisfação especificamente sexual. A questão central é que “esse destino não

era até aqui o resultado de uma *mutação tão completa* como aquela introduzida pela palavra dessexualização, particularmente segundo a acepção que ela toma em *O Eu e o Isso*” (SCARFONE, 1997, p. 130, grifo nosso). Que mutação tão completa seria essa? Voltemos a esse escrito, que merece uma atenção especial pelo tratamento que confere à dessexualização, para que seja possível compreendê-la.

4.1.1 A dessexualização em *O Eu e o Isso* e a posição dúbia do Eu diante das pulsões

De antemão, tenhamos em vista que o termo dessexualização não parece ter apenas uma acepção em *O Eu e o Isso*. A primeira que gostaríamos de mencionar se encontra no quarto capítulo do livro citado, na ocasião em que Freud introduz a polaridade entre amor e ódio para abordar a distinção entre as pulsões de vida e as pulsões de morte. O amor seria representante de Eros e o ódio, da pulsão de morte, já que está relacionado à agressividade, forma por meio da qual uma parte do impulso mortífero se manifesta no mundo exterior. Porém, se for possível atestar que o amor se transforma diretamente em ódio e vice-versa, cai por terra a sustentação de uma diferença qualitativa entre as pulsões de vida e de morte, que Freud pretende sustentar. O autor concebe uma distinção radical entre aqueles grupos pulsionais⁴³⁶, que chegam a pressupor processos fisiológicos contrários, anabolismo ou assimilação (*Aufbau*) e catabolismo ou desassimilação (*Zerfall*), respectivamente (FREUD, 2011a, p. 51)⁴³⁷. Dito de outro modo, tendências à ligação e ao desligamento, totalmente opostas. Ele mostra, então, a partir de exemplos clínicos – a mudança do amor homossexual em ódio na paranoia e a mudança do ódio em amor homossexual ou em sentimento social dessexualizado –, que essa conversão não parece ser direta; parece estar em pauta uma ambivalência de sentimentos originária que ora recebe um reforço energético do lado de Eros ou do amor, ora o recebe do lado da pulsão de morte ou do ódio. Essa transposição amor-ódio,

436 No contexto do primeiro dualismo, Freud não tinha clareza sobre a distinção de qualidade entre as pulsões de autoconservação e as pulsões sexuais. Mesmo que deixasse a questão em suspenso, parecia se inclinar na direção oposta àquela assumida no segundo dualismo: “Tal noção não parece se justificar, bastando apenas a mais simples suposição de que todas as pulsões são qualitativamente da mesma ordem e de que devem seu efeito apenas às magnitudes de excitação que cada uma veicula, talvez ainda a certas funções dessa quantidade. O que diferencia as realizações psíquicas das pulsões entre si pode estar relacionado à diversidade de fontes pulsionais.”/ “*Es scheint nicht gerechtfertigt; man reicht vielmehr mit der einfacheren Annahme aus, dass die Triebe alle qualitativ gleichartig sind und ihre Wirkung nur den Erregungsgrößen, die sie führen, verdanken, vielleicht noch gewissen Funktionen dieser Quantität. Was die psychischen Leistungen der einzelnen Triebe voneinander unterscheidet, lässt sich auf die Verschiedenheit der Triebquellen zurückführen.*” (FREUD, 2021f, p. 27 e p. 26). Agora, como fica claro, ele sustenta a diferença qualitativa entre Eros e pulsão de morte.

437 Cf. FREUD, GW, 13, p. 269.

portanto, teria mais a ver com o fator econômico, do que com uma mudança qualitativa imediata, o que manteria a diferença de qualidade entre os dois grupos de pulsão. No entanto, para que esse fortalecimento dos investimentos ora de um lado, ora do outro, seja possível, é necessário incorrer em outra suposição:

Procedemos como se houvesse na psique – seja no Eu ou no Isso – uma energia deslocável, que, em si indiferente, pode juntar-se a um impulso erótico ou destrutivo qualitativamente diferenciado e elevar o investimento total deste. Sem supor uma tal energia deslocável não avançamos. A questão é de onde procede, a quem pertence e o que significa. (FREUD, 2011a, p. 55).⁴³⁸

Essa energia deslocável e indiferente, por sua vez, deve provir da “reserva de libido narcísica” e ser “Eros dessexualizado”. A possibilidade de desvios e deslocamentos está aberta para as pulsões eróticas, e não para as pulsões de morte, pois até para ganhar representação estas necessitam do erotismo. Essa energia seria, portanto, “libido deslocável” (*verschiebbare Libido*), disposta a fluir por qualquer caminho possível para fazer valer o princípio de prazer; isso significa que, por ser dessexualizada, pode se somar às pulsões de vida ou às pulsões de destruição, tendo como critério a maior chance de satisfação, ou, em outras palavras, maior chance de descarga de quantidades. Tal disposição cega à descarga, por conseguinte, não parece familiar ao Eu, com seus processos organizados e coerentes. Desta forma, Freud conclui que o lugar de origem dessa energia deslocável que circula por todo o aparelho só poderia ser o Isso.

Podemos pensar que todo esse malabarismo do psicanalista tem como um de seus pilares a impossibilidade de supor uma energia indiferente no psiquismo que seja anterior a Eros e pulsão de morte ou tão originária quanto eles, como um terceiro grupo pulsional neutro, o que colocaria em xeque todo o edifício dualista ao qual se manteve fiel. Ao mesmo tempo, para explicar as transformações entre amor e ódio, representantes de Eros e pulsão de morte, é preciso supor alguma plasticidade; a solução encontrada é que sejam efeitos do reforço quantitativo com libido dessexualizada. Os comentários de Scarfone (1997, p. 134) vão nesse sentido: é necessário supor essa energia indiferente, capaz de ser adicionada ou subtraída a favor de objetivos tão opostos, para que haja “movimento” no aparelho psíquico, diante de dois tipos de pulsões tão discrepantes; isso é feito, justamente, por meio do

438 “*Wir haben so geschaltet, als gäbe es im Seelenleben — unentschieden, ob im Ich oder im Es — eine verschiebbare Energie, die, an sich indifferent, zu einer qualitativ differenzierten erotischen oder destruktiven Regung hinzutreten und deren Gesamtbesetzung erhöhen kann. Ohne die Annahme einer solchen verschiebbaren Energie kommen wir überhaupt nicht aus. Es fragt sich nur, woher sie stammt, wem sie zugehört und was sie bedeutet.*” (FREUD, GW, 13, p. 272-73)

conceito-chave de dessexualização.⁴³⁹ Nesse sentido, esta promoveria uma verdadeira neutralização da energia psíquica – eis a primeira acepção do termo nesse escrito freudiano –.

No entanto, as consequências dessa suposição não param por aqui. Freud continua a desenvolver certos aspectos da dessexualização que apontam para o fato de que ela não é apenas o processo que produz aquela energia neutra, deslocável, que só busca escoar o aumento das quantidades. Em alguns momentos, a dessexualização parece pender, de saída, para um dos grupos pulsionais. É o caso do momento em que Freud situa a energia deslocável como uma espécie de fonte para a constituição do Eu, atribuindo a ela uma afinidade natural com Eros:

Se esta energia deslocável é libido dessexualizada, pode ser também descrita como energia *sublimada*, pois ainda manteria a principal intenção de Eros, a de unir e ligar, na medida em que contribui para a unidade – ou o esforço por unidade – que caracteriza o Eu. (FREUD, 2011a, p. 57, grifo do autor).⁴⁴⁰

Se Freud afirma que a libido dessexualizada ou sublimada mantém o propósito de ligação de Eros, temos uma segunda acepção da dessexualização, diferente da neutralização da energia psíquica. Vejamos com atenção mais alguns aspectos do fragmento citado. Em primeiro lugar, não podemos ignorar a dificuldade decorrente dessa argumentação. Por um lado, se a produção do Eu, unidade que também aspira à síntese, é viabilizada por meio da libido dessexualizada⁴⁴¹, que só pode ser proveniente do Isso, haveria uma explicação pulsional e energética para a origem do Eu a partir do Isso. Da mesma forma, poderíamos

439 É pertinente observar que esse comentário se insere na tese mais geral do autor: ele defende que a diferença entre as pulsões de autoconservação e sexuais se situava no nível mais brando de uma “dualidade”, ao passo que aquela entre Eros e pulsões de morte se situa no nível de um “dualismo”, no sentido de uma divisão fixa, de um “essencialismo”. No caso da primeira configuração pulsional, Scarfone (1997) considera a possibilidade de uma “derivação” das pulsões sexuais a partir da autoconservação. Discordamos do autor a esse respeito, afinal não subscrevemos a possibilidade de que a autoconservação seja mais originária que a sexualidade; ambas são igualmente primordiais. De todo modo, ele parece ter razão a respeito da dicotomia radical que se estabelece no segundo dualismo e da necessidade de supor a energia deslocável para dar conta desse problema. Em nota, já indicamos que Freud admite uma diferença de qualidade entre Eros e pulsão de morte que não era admitida entre as pulsões do Eu e as pulsões sexuais, o que exige explicações sobre como os representantes daquelas podem se transformar um no outro (caso do amor e do ódio).

440 “*Wenn diese Verschiebungsenergie desexualisierte Libido ist, so darf sie auch sublimiert heißen, denn sie würde noch immer an der Hauptabsicht des Eros, zu vereinigen und zu binden, festhalten, indem sie zur Herstellung jener Einheitlichkeit dient, durch die — oder durch das Streben nach welcher — das Ich sich auszeichnet.*” (FREUD, GW, 13, p. 274).

441 Freud parece, aliás, repetir a aproximação entre energia dessexualizada e Eros, em termos ainda mais enigmáticos, naquela passagem de *Inibição, sintoma e angústia* (1926), já revisitada em nosso capítulo anterior: “O Eu é uma organização, baseia-se no livre intercâmbio e na possibilidade de influência recíproca das partes que o compõem, sua energia dessexualizada revela ainda sua origem no empenho por ligação e união...”/ “*Das Ich ist eine Organisation, es beruht auf dem freien Verkehr und der Möglichkeit gegenseitiger Beeinflussung unter all seinen Bestandteilen, seine desexualisierte Energie bekundet ihre Herkunft noch in dem Streben nach Bindung und Vereinheitlichung...*” (FREUD, 2014a, p. 28; GW, 14, p. 125-26, grifo nosso).

obter uma compreensão daquela ampliação da doutrina do narcisismo, realizada por Freud também em *O Eu e o Isso*, à luz dessa questão. Como vimos em nosso capítulo anterior, a libido estaria, a princípio, armazenada no Isso (narcisismo primário), esse estoque libidinal narcísico disponibilizaria a energia deslocável necessária ao funcionamento do aparelho e à própria produção do Eu; este, então constituído e fortalecido, seria capaz de se impor como objeto de amor ao Isso e ser investido de libido (narcisismo secundário).

Por outro lado, Ribeiro (2000, p. 209) chama nossa atenção para a contradição em jogo nessa explicação para a origem do Eu: “[...] é o próprio eu que promove a sublimação e a dessexualização a partir da qual ele supostamente teria surgido!”. Com efeito, Freud sustenta a mediação do Eu em todos os processos de identificação, que implicam a dessexualização, conforme começamos a ver no capítulo anterior, mas ficará mais claro adiante. O fato é que há uma espécie de circularidade na proposição de Freud: o Eu provém de libido dessexualizada do Isso, que assume os propósitos de Eros e compõe a unidade que é característica ao primeiro; ao mesmo tempo, a dessexualização é mediada pelo próprio Eu, pela conversão de libido de objeto do Isso em libido narcísica. Como aconteceria, então, a dessexualização da libido originalmente armazenada no Isso, já que esta seria anterior à formação do Eu e, inclusive, responsável por ele? Essa questão parece ficar sem solução sob a pena de Freud.

De todo modo, prosseguiremos para um terceiro alcance da noção de dessexualização no escrito de 1923, que nos interessa especialmente. Sabemos que Freud amplia o papel da identificação em *O Eu e o Isso*, a ponto de responsabilizá-la pela formação do caráter do Eu. Com a introdução da segunda tópica psíquica no livro citado, essa instância passa a desempenhar o papel de conciliação; cabe-lhe a tarefa de unificar as exigências pulsionais do Isso, as demandas do Supereu e as imposições da realidade. Considerando os perigos que podem resultar da satisfação dos investimentos eróticos enviados pelo Isso, o Eu se vê diante das seguintes possibilidades: pode consentir com esses investimentos, defender-se deles por meio do recalque ou recorrer à identificação, mecanismo fundamental por meio do qual é possível exercer alguma influência sobre o Isso. Não só quando o Eu é frágil e ainda está em formação, mas também durante toda a vida, a identificação corresponde a um dos caminhos por ele privilegiados. Porém, quando o objeto amado é erigido no interior do Eu, os investimentos libidinais de objeto se transformam em libido narcísica, de modo que Freud

(2011a, p. 37, grifo nosso)⁴⁴² sugere uma espécie de saldo dos processos identificatórios: “A transformação da libido objetual em libido narcísica, que então ocorre, evidentemente acarreta um abandono das metas sexuais, uma *dessexualização*, ou seja, uma espécie de sublimação.”

Até aqui, recuperamos o que já foi exposto. Contudo, no mesmo parágrafo, Freud (2011a, p. 37-38)⁴⁴³ levanta duas questões: “de que este seria talvez o caminho geral da sublimação, de que talvez a sublimação ocorra por intermediação do Eu, que primeiramente converte a libido objetual sexual em libido narcísica, para depois dar-lhe quiçá outra meta”; de que esta transformação poderia resultar, ainda, em “uma desfusão das diversas pulsões amalgamadas”.⁴⁴⁴ Convém salientar que as hipóteses são confirmadas adiante no texto. Por um lado, o Eu tem de consentir com parte dos investimentos de objeto do Isso; por outro, na medida em que “se apodera” de parte da libido dos investimentos de objeto que partem do Isso e se impõe a este como o único objeto de amor, “dessexualiza ou sublima a libido do Isso, ele trabalha de encontro às intenções de Eros, coloca-se a serviço das moções pulsionais contrárias” (FREUD, 2011a, p. 57)⁴⁴⁵. Ao desfazer o vínculo com os objetos, seja para edificá-los no seu interior, seja para redirecionar a libido para novas metas e novos objetos, é inevitável que o Eu aja na contramão da ligação; portanto, a favor das pulsões inimigas de morte e do desligamento.

Essa dimensão da dessexualização merece destaque, visto que reconduz àquela “mutação tão completa” do destino do sexual, causada pela introdução do termo propriamente dito à série de termos aos quais se associa – narcisismo, identificação e sublimação –, da qual falava Scarfone (1997, p. 130). A mudança decisiva consiste na relação que os últimos passam a estabelecer com o polo mais antagônico à sexualidade, a saber, o da pulsão de morte. Como vimos, dessexualizar ultrapassa as ações de desviar o sexual de suas metas diretas ou neutralizar a libido, para que a energia psíquica se destine a qualquer um dos

442 “Die Umsetzung von Objektlibido in narzißtische Libido, die hier vor sich geht, bringt offenbar ein Aufgeben der Sexualziele, eine Desexualisierung mit sich, also eine Art von Sublimierung.” (FREUD, GW, 13, p. 258)

443 “[...] ob dies nicht der allgemeine Weg zur Sublimierung ist, ob nicht alle Sublimierung durch die Vermittlung des Ichs vor sich geht, welches zunächst die sexuelle Objektlibido in narzißtische verwandelt, um ihr dann vielleicht ein anderes Ziel zu setzen.”/ “[...] eine Entmischung der verschiedenen mit einander verschmolzenen Triebe...” (FREUD, GW, 13, p. 258).

444 Quanto à tradução de *Entmischung* e, por conseguinte, *Mischung*, Paulo César de Souza, tradutor da Companhia das Letras, opta por “disjunção”, oposto à “mistura” ou “junção”, respectivamente. De modo divergente, optamos por verter para “desfusão” e “fusão”, acompanhando a escolha feita por Maria Rita Salzano Moraes, uma das tradutoras da edição da Autêntica. Embora a editora não tenha lançado o texto *O Eu e o Isso*, esses termos aparecem em *A Negação* (FREUD, 1925/2021a, p. 309). Essa escolha será mantida daqui em diante, em todas as ocorrências desses termos no texto freudiano.

445 “[...] die Libido des Es desexualisiert oder sublimiert, arbeitet es den Absichten des Eros entgegen, stellt sich in den Dienst der gegnerischen Triebregungen.” (FREUD, GW, 13, p. 274-275).

grupos de pulsões. Os processos psíquicos que implicam dessexualização levam, inevitavelmente, ao fortalecimento da pulsão de morte.

O narcisismo mostrou que o Eu era habitado pelo sexual e pelo não sexual na primeira teoria metapsicológica freudiana; a conversão de libido de objeto em libido narcísica significava, principalmente, que a sexualidade estava ganhando mais espaço e ampliando sua presença junto à autoconservação. Entretanto, em 1923, Freud trata da conversão da libido de objeto em libido narcísica como dessexualização e visualiza nesta mudança não apenas o desvio de metas sexuais diretas, como aparece no adjetivo “dessexualizado” em *Psicologia das massas e análise do Eu*, ou na ideia de “dessexualização” do artigo *Teoria da libido*. Não significa somente desistência, abandono ou renúncia (*Aufgeben*) relacionada ao objeto sexual externo e, conseqüentemente, à meta sexual (a satisfação direta) que seria alcançada por meio dele. Esse tipo de renúncia, que está em curso no narcisismo, na identificação e na sublimação, levando em conta que o Eu intermedia todos esses movimentos, carrega com ela mais uma dificuldade. Tem como uma de suas conseqüências o trabalho de oposição ao propósito das pulsões de vida; leia-se, das pulsões sexuais. As operações gerenciadas pelo Eu adquirem uma faceta antisssexual neste cenário, na medida em que fortalecem o polo que se contrapõe à sexualidade no segundo dualismo pulsional, a saber, as pulsões de morte e sua atividade de disjunção.

Ora, se agora dessexualizar, quer dizer, converter libido de objeto em libido narcísica, adquiriu essa radicalidade, pois equivale a enfraquecer o erotismo que liga as pulsões de morte e a fortalecer as últimas, isso significa que o narcisismo não tem mais uma natureza sexual? Ele não é mais uma posição ou uma distribuição específica do desenvolvimento da libido, entendida como energia das pulsões sexuais, que tomam o Eu como seu objeto – o amor de si mesmo –? Questão semelhante valeria para a identificação; será que deixou de significar a incorporação do objeto amado e, por conseguinte, a inundação do Eu com a libido que era destinada a aquele? As coisas não parecem ser tão simples, uma vez que a intenção do Eu, ao retirar o investimento libidinal dos objetos e dirigi-lo para si mesmo, no narcisismo, é impor-se como objeto de amor ao Isso. O Eu assume os traços do objeto pela identificação para ser amado, quando não pode consentir com a satisfação da pulsão, oriunda do Isso, no objeto externo, o que pode acontecer por diversas razões, considerando as exigências da realidade e do Supereu, e as dificuldades que ambos colocam para a satisfação irrestrita das pulsões. Por essa razão, não seria possível afirmar que, com a introdução do termo

“dessexualização” propriamente dito e seu encadeamento com o narcisismo, este tenha deixado de ser sexual.

O mesmo valeria para a identificação. Tal como sugere Goebel (2012, p. 140, grifo do autor), desde *O Eu e o Isso*, a identificação é generalizada em seu aspecto “produtivo”, em termos de um enriquecimento do Eu. Ela revela como ele pode se colocar na qualidade de substituto dos investimentos de objeto para o Isso; com o aumento de libido narcísica, o Eu “efetivamente se torna mais rico, mais complexo” (GOEBEL, 2012, p. 140). Isso se mostra, por exemplo, no *Manuscrito inédito de 1931*, onde encontramos a seguinte definição deste procedimento, tão comum e tão frequente: “A identificação procura dar conta de um desejo pulsional de uma maneira em que o próprio eu se transforma no objeto desejado, *tornando-se ao mesmo tempo ambos, o sujeito desejante e o objeto desejado*” (FREUD, 2017, p. 69, p. 71, grifo nosso)⁴⁴⁶. Portanto, o Eu que converte libido de objeto em narcisismo, tornando-se fonte e abrigo da libido, encontra-se no regime da sexualidade, sob a égide de Eros.

Se o sentido sexual da posição narcísica se mantém, ao mesmo tempo em que a conversão de libido de objeto em narcisismo implica um destino não sexual da pulsão, conforme procuramos sustentar, é porque a própria noção de dessexualização tem mais de um sentido, tal como é apresentada por Freud em *O Eu e o Isso*. Torna-se patente o vínculo entre dessexualização e pulsões de vida, afinal a libido dessexualizada mantém o objetivo de formar unidades, como vimos. Ao mesmo tempo, a mesma dessexualização permite à libido tornar-se a energia deslocável reforçadora de moções pulsionais de morte, caso seja mais propício à manutenção do princípio de prazer. Além disso, quando operada pelo Eu, também tem como saldo o enfraquecimento de ligações com os objetos sexuais, concomitante ao fortalecimento da pulsão de morte. Quando se trata de abordar a constituição do Eu enquanto unidade ou organização que se empenha na atividade de ligação, o aspecto da dessexualização voltado às pulsões de vida é ressaltado; quando o ato de dessexualizar é olhado do ponto de vista já da intervenção do Eu nos investimentos objetivos do Isso, o aspecto voltado às pulsões de morte ganha espaço.

A partir disso, não podemos deixar de mencionar determinada consequência do serviço que o Eu presta às pulsões de morte por meio da dessexualização. Freud chega até ela pela análise do sentimento de culpa em tipos clínicos como a neurose obsessiva, a histeria e a

446 “Die Identifizierung sucht einen Triebwunsch auf die Weise zu ersättigen, daß sich das Ich selbst in das begehrte Objekte verwandelt, so daß es gleichzeitig beides ist, das begehrende Subjekt und das begehrte Objekt.” (FREUD, 2017, p. 68, p. 70).

melancolia. Em sua maioria inconsciente, esse sentimento tem seu fundamento na tensão estabelecida entre o Eu e o Supereu. Freud ressalta as relações que o último estabelece com o Isso, devido a sua origem no complexo de Édipo, o que explicaria o caráter inconsciente da culpa, mas se pergunta como a instância crítica pode ser tão rígida com o Eu. No caso paradigmático do melancólico, chama a atenção como o Supereu do doente é sádico; parece ser governado pela “pura cultura da pulsão de morte” (FREUD, 2011a, p. 66)⁴⁴⁷, a ponto de conduzir ao suicídio. Apesar do fato de a pulsão de morte se exteriorizar em agressão contra o objeto já ser conhecido por Freud, como explicar que, dentro do indivíduo, o Supereu adquira tal potência de destruir o Eu, de martirizá-lo com tamanha crueldade? O autor apresenta a seguinte resposta:

O Super-eu nasceu de uma identificação com o modelo do pai. Toda identificação assim tem o caráter de uma dessexualização ou mesmo sublimação. Parece que também ocorre, numa tal transformação, uma desfusão pulsional. O componente erótico não tem mais a força, após a sublimação, de vincular toda a destrutividade a ele combinada, e esta é liberada como pendor à agressão e à destruição. Dessa desfusão o ideal tiraria o caráter duro e cruel do imperioso “Ter que”. (FREUD, 2011a, p. 68-69).⁴⁴⁸

A crueldade se explica pelo mecanismo de origem do Supereu, que é a identificação com os pais, diante da impossibilidade de persistir com os investimentos objetivos incestuosos emitidos pelo Isso. A identificação implica dessexualização ou sublimação, no sentido da desistência de metas sexuais, e, por conseguinte, desfusão pulsional. A partir do enfraquecimento do componente erótico, libera-se a pulsão de morte, e a agressão resultante desta marca o funcionamento da instância crítica oriunda desse processo. Mas tudo isso significa que o próprio Eu enfrenta as consequências de tentar ser objeto de amor do Isso e exercer alguma influência sobre ele, por meio da identificação. A dessexualização empreendida pelo Eu tem um efeito mortífero, mas, ao mesmo tempo, não passa de uma tentativa sua de se colocar como destino para a libido do Isso. É para esse impasse enfrentado pelo Eu que Freud chama a atenção, um pouco mais a frente em seu texto de 1923, ao descrever essa instância psíquica:

Ante as duas espécies de pulsões ele não se mantém imparcial. Com seu trabalho de identificação e sublimação presta ajuda às pulsões de morte na subjugação da libido, mas arrisca tornar-se objeto dessas pulsões e mesmo perecer. A fim de prestar esse

447 “Reinkultur des Todestriebes...” (FREUD, GW, 13, p. 283).

448 “Das Über-Ich ist ja durch eine Identifizierung mit dem Vatern Vorbild entstanden. Jede solche Identifizierung hat den Charakter einer Desexualisierung oder selbst Sublimierung. Es scheint nun, daß bei einer solchen Umsetzung auch eine Triebmischung stattfindet. Die erotische Komponente hat nach der Sublimierung nicht mehr die Kraft, die ganze hinzugesetzte Destruktion zu binden, und diese wird als Aggressions- und Destruktionsneigung frei. Aus dieser Entmischung würde das Ideal überhaupt den harten, grausamen Zug des gebieterischen Sollens beziehen.” (FREUD, GW, 13, p. 284-85).

auxílio, teve de encher-se ele próprio de libido; com isso torna-se representante de Eros, e quer então viver e ser amado.

Mas, como o seu trabalho de sublimação tem por consequência uma desfunção pulsional e liberação das pulsões de agressão no Super-eu, ele se expõe, em sua luta contra a libido, ao perigo dos maus-tratos e da morte. Quando o Eu sofre ou mesmo sucumbe à agressão do Super-eu, seu destino é uma contrapartida daquele dos protozoários que perecem devido aos produtos de decomposição que eles mesmos criaram. No sentido econômico, a moral atuante no Super-eu nos parece tal produto de decomposição. (FREUD, 2011a, p. 71).⁴⁴⁹

Diante desse panorama, segundo o qual o Eu serve aos dois grupos de pulsões, retornamos à ambiguidade dessa instância psíquica na teoria freudiana. Concordamos com Scarfone (1997, p. 141), quando o autor escreve que, embora Freud “enuncie” que a dessexualização insere uma contradição no seio do Eu, colocado, ao mesmo tempo, a serviço de Eros e das pulsões de morte, ele não coloca essa contradição “em evidência”, não a “faz trabalhar” – tarefa à qual nos propusemos neste capítulo –. Ao “fazer trabalhar” esta noção, nos redirecionamos para o fio condutor de nossa investigação, a saber, o narcisismo, e a seu papel como uma espécie de pilar sustentador da condição dúbia dessa instância, a ser investigado na sequência.

4.1.2 O narcisismo e o Eu: entre a vida e a morte, pela vida e pela morte

Se na primeira teoria metapsicológica, o narcisismo traz à tona o fato de o Eu ser atravessado pelas pulsões sexuais e abrigar, em seu interior, a autoconservação e a sexualidade, o polo defensor e o alvo da defesa, agora no contexto da “virada” de 1920, revela que a situação do Eu não é menos paradoxal. Depois das reconfigurações realizadas, tanto no que se refere ao reagrupamento das pulsões sexuais do Eu e de objeto na categoria de Eros, e das pulsões de natureza não sexual sob a égide da pulsão de morte, quanto à divisão estrutural do aparelho psíquico, a instância do Eu continua a ocupar um lugar contraditório. Começamos a esboçar sua condição limítrofe entre Isso, Supereu e realidade no capítulo anterior e agora

449 *“Zwischen beiden Triebarten hält es sich nicht unparteiisch. Durch seine Identifizierungs- und Sublimierungsarbeit leistet es den Todestrieben im Es Beistand zur Bewältigung der Libido, gerät aber dabei in Gefahr, zum Objekt der Todestriebe zu werden und selbst umzukommen. Es hat sich zu Zwecken der Hilfeleistung selbst mit Libido erfüllen müssen, wird dadurch selbst Vertreter des Eros und will nun leben and geliebt werden.*

Da aber seine Sublimierungsarbeit eine Triebentmischung und Freiwerden der Aggressionstrieb im Über-Ich zur Folge hat, liefert es sich durch seinen Kampf gegen die Libido der Gefahr der Mißhandlung und des Todes aus. Wenn das Ich unter der Aggression des Über-Ichs leidet oder selbst erliegt so ist sein Schicksal ein Gegenstück zu dem der Protisten, die an den Zersetzungsprodukten zugrunde gehen, die sie selbst geschaffen haben. Als solches Zersetzungsprodukt im ökonomischen Sinne erscheint uns die im Über-Ich wirkende Moral.” (FREUD, GW, 13, p. 287).

temos condições de observar sua posição diante das pulsões de vida e de morte, tomando como base a dessexualização. É na conversão de libido de objeto em libido narcísica, de investimentos dirigidos ao outro em investimento no próprio Eu, que se localiza a problemática da dessexualização e, por conseguinte, do conflito entre a vida e a morte. Mais uma vez, o narcisismo é um dos conceitos-chave que articula a inserção da luta entre polos opostos na vida anímica no interior do Eu. Passemos à recapitulação das relações ambíguas que o Eu trava com a vida e com a morte, tentando indicar como o conceito de narcisismo contribui para que essa instância psíquica incline-se ora para o amor, ora para a destruição.

A proximidade que o Eu estabelece com as pulsões de vida salta aos olhos, o que remete à própria característica das últimas, de serem apreensíveis à primeira vista. Conforme foi exposto, o Eu é uma unidade, constituída no período do estágio do narcisismo, que aspira à unificação. A essa organização psíquica é atribuída a tarefa de dominar a libido, de atender às demandas do Supereu e de obedecer às exigências da realidade; em outras palavras, de “unificar” (*vereinbaren*) e “conciliar” (*versöhnen*) suas dependências (FREUD, 1924/2021a, p. 296)⁴⁵⁰. O Eu quer ser amado pelo Isso, pelo Supereu e pelos objetos do mundo exterior; quer ser investido de libido e manter o narcisismo; teme a “destruição” (*Vernichtung*) e a “dominação” (*Überwältigung*) (FREUD, 2011a, p. 72)⁴⁵¹. Ele tem a função de síntese, que se confunde com a meta de Eros de união e ligação da substância viva, e que está diretamente relacionada ao narcisismo. Em outras palavras, o Eu se esforça para abarcar os diferentes conteúdos psíquicos em sua unidade narcísica; reconciliar todas essas dependências às quais responde; unificá-las, a ponto de alcançar, em alguma medida, a harmonia e o equilíbrio psíquicos. Esta medida seria aquela suficiente para manter o indivíduo vivo e assegurar sua capacidade de realizar e de fruir, que se encontra perdida nas neuroses e psicoses.

Nesta direção, é possível visualizar o próprio objetivo de Eros na dessexualização da libido empreendida pelo Eu; portanto, na modificação de libido de objeto em libido narcísica. Primeiramente, pela razão sugerida por Scarfone (1997, p. 137, grifo do autor): “Colocando-se como objeto de amor *único, reunindo* em seu seio, por identificação secundária, as relações de objeto, ele não está trabalhando em perfeita coerência com Eros *unificador?*”. Em segundo lugar, porque, lembrando da aproximação entre dessexualização e sublimação, trata-se do caminho para promover novos destinos pulsionais, novas relações de objeto e satisfações. Rodrigues e Gondar (2018, p. 246) veem a libido dessexualizada na sublimação da seguinte

450 Cf. FREUD, GW, 13, p. 379-380.

451 Cf. FREUD, GW, 13, p. 287.

forma: “Trata-se, na verdade, de uma libido não mais ligada ao objeto, mas potencialmente direcionada a um novo objeto a partir de um represamento ou suspensão no Eu. Portanto, trata-se de uma libido narcísica, deslocável e plástica, passível de novas ligações.” Como é exposto no *Mal estar na cultura*, o dispositivo da sublimação é um dos que permitem ao indivíduo lidar com o sofrimento, por possibilitar outras modalidades de satisfação e a formação de novos laços, diferentes daqueles diretamente sexuais, tal como revela “a alegria do artista com a criação, com a encarnação da figura de sua fantasia, a do pesquisador com a solução de problemas e com o reconhecimento da verdade” (FREUD, 2020b, p. 325)⁴⁵².

Embora as mesmas autoras, Rodrigues e Gondar (2018, p. 250-251), defendam a ideia de que “a sublimação só ocorre se, em algum momento, a pulsão de morte se fizer presente e destacar-se” – o que é feito por meio da defusão pulsional que lhe é “inerente” –, em última instância, sustentam que se trata de “desfazer unidades (ou laços, ligações, concepções, etc.) constituídas” para que seja possível construir o novo: “[...] para criar novas formas, será preciso destruir as antigas. A pulsão de destruição torna possível a criação”. Em uma sentença, “tem-se na sublimação a liberação de forças destrutivas coexistindo com a ligação pulsional criadora” (RODRIGUES e GONDAR, 2018, p. 252), o que aponta, no limite, para a relação da sublimação e, portanto, da dessexualização e do narcisismo com as pulsões de vida.

Em algumas ocasiões, tal relação do Eu e do narcisismo com as pulsões de vida é tão destacada por Freud que parece ser exclusiva. O autor chega a considerar que o investimento libidinal do Eu seria incompatível com a presença da pulsão de morte na mesma instância. Voltemos a 1920, à discussão sobre o sadismo em *Além do princípio de prazer*:

Não é de hoje que reconhecemos um componente sádico da pulsão sexual; como sabemos, ele pode tornar-se autônomo e, como perversão, dominar inteiramente o anseio sexual da pessoa. Ele emerge também como pulsão parcial dominante em uma dessas organizações que chamei de “pré-genitais”. Mas como fazer derivar de Eros, conservador da vida, a pulsão sádica que tem como meta o prejuízo do objeto? Será que não cabe supor que esse sadismo seja, afinal, uma pulsão de morte que foi pressionada para fora do Eu por influência da libido narcísica, de modo que ela só apareça no objeto? Depois ela passa a servir a função sexual... (FREUD, 2020c, p. 177).⁴⁵³

452 “[...] die Freude des Künstlers am Schaffen, an der Verkörperung seiner Phantasiegebilde, die des Forschers an der Lösung von Problemen und am Erkennen der Wahrheit...” (FREUD, GW, 14, p. 438).

453 “Wir haben von jeher eine sadistische Komponente des Sexualtriebes anerkannt; sie kann sich, wie wir wissen, selbständig machen und als Perversion das gesamte Sexualstreben der Person beherrschen. Sie tritt auch in einer der von mir sogenannten „prägenitalen Organisationen“ als dominierender Partialtrieb hervor. Wie soll man aber den sadistischen Trieb, der auf die Schädigung des Objekts zielt, vom lebenserhaltenden Eros ableiten können? Liegt da nicht die Annahme nahe, daß dieser Sadismus eigentlich ein Todestrieb ist, der durch den Einfluß der narzißtischen Libido vom Ich abgedrängt wurde, so daß er erst am Objekt zum Vorschein kommt? Er tritt dann in den Dienst der Sexualfunktion...” (FREUD, 2020c, p. 176).

Freud sugere, portanto, que o sadismo não pode ser derivado das pulsões sexuais ou de vida, mas que se trata da pulsão de morte pressionada (*abgedrängt*) para fora do Eu pela libido narcísica; se seguirmos a acepção de *abdrängen*, temos que esta libido “afasta empurrando” ou “desvia”⁴⁵⁴ a pulsão de morte do Eu para os objetos exteriores. Só depois haveria sua mistura com a sexualidade. Desse ponto de vista, o narcisismo do Eu é aliado de Eros; narcisismo e pulsão de morte parecem excludentes, pois quando o primeiro entra em cena, a segunda é expulsa para fora do Eu. Posição análoga pode ser encontrada em *O Eu e o Isso*, quando Freud discorre sobre a angústia de morte (*Todesangst*), e tenta explicar como ela funciona: “[...] o Eu dispensa em larga medida o seu investimento libidinal narcísico, isto é, abandona a si mesmo, como a um outro objeto em caso de angústia” (FREUD, 2011a, p. 72)⁴⁵⁵. Nosso autor entende, portanto, que a angústia de morte tem como condição o rebaixamento da libido narcísica; por conseguinte, quando esta se encontra elevada, não haveria espaço para aquela. Na sequência, ainda propõe que a angústia de morte deve ter a ver com a relação entre o Eu e o Supereu; mais uma vez, encontra no melancólico o modelo que permite observar com clareza em que condições o Eu pode se deixar morrer:

A angústia da morte, na melancolia, admite apenas uma explicação: o Eu abandona a si mesmo por sentir-se odiado e perseguido pelo Super-eu, em vez de amado. De modo que para o Eu viver significa ser amado, ser amado pelo Super-eu, que também aí surge como representante do Isso. (FREUD, 2011a, p. 73).⁴⁵⁶

Desta forma, o Eu só se entrega à própria morte quando há um empobrecimento de libido narcísica. Desde o artigo sobre o narcisismo, de 1914, Freud já esboçava o quadro de dependência da libido narcísica em relação ao cumprimento do ideal do Eu, o que é reiterado agora, pois o narcisismo do Eu depende do amor do Supereu. O que mais nos interessa ressaltar, no entanto, é o fato de o Eu precisar se preencher de libido para permanecer vivo, afinal viver e ser amado são, para ele, uma só e mesma coisa. Desse ponto de vista, o narcisismo parece ser, mais uma vez, o inverso da morte, assim como o Eu parece se orientar, em última instância, pela meta de Eros.

454 Cf. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/alemao-portugues/abdr%C3%A4ngen>

455 “[*Der Mechanismus der Todesangst könnte nur sein, daß*] das Ich seine narzißtische Libidobesetzung in reichlichem Ausmaß entläßt, also sich selbst aufgibt, wie sonst im Angstfalle ein anderes Objekt.” (FREUD, GW, 13, p. 288).

456 “*Die Todesangst der Melancholie läßt nur die eine Erklärung zu, daß das Ich sich aufgibt, weil es sich vom Über-Ich gehaßt und verfolgt anstatt geliebt fühlt. Leben ist also für das Ich gleichbedeutend mit Geliebtwerden, vom Über-Ich geliebt werden, das auch hier als Vertreter des Es auftritt.*” (FREUD, GW, 13, p. 288).

Se parássemos por aqui e olhássemos para esse vínculo do Eu e da libido narcísica com Eros, poderíamos afirmar que, mesmo sofrendo a ação das duas pulsões primordiais, como acontece com todas as partes da substância viva, o Eu assumiria a representação principal (*Hauptvertretung*) das pulsões de vida, bem como o narcisismo teria sua face voltada sobretudo para a vida. Isso seria coerente com o que Freud mesmo nos diz, a certa altura, em *O Eu e o Isso*: “[...] em cada fragmento de substância viva estariam ativas as duas [espécies de pulsões], mas em fusão desigual, de modo que uma substância poderia assumir a principal representação de Eros” (FREUD, 2011a, p. 51)⁴⁵⁷. Contudo, pelo caminho já percorrido, sabemos que não é bem assim. A presença da pulsão de morte no seio do Eu não é irrisória, mas sim tão fundamental quanto a presença de Eros. Além disso, se é pela via do narcisismo que a pulsão de morte se afasta do Eu, assumindo a forma da agressão voltada para o objeto, também é por meio do narcisismo que ela permanece no Eu ou é reconduzida para tal instância, depois de ter sido dela desviada.

Para tratar da relação entre o Eu e a pulsão de morte pela via do narcisismo, começaremos por recordar que as “perigosas pulsões de morte” podem ter como destino seu desvio para o mundo externo, como agressão (FREUD, 2011a, p. 68)⁴⁵⁸. A libido narcísica contribui para isso, empurrando a pulsão de morte para fora do Eu, em direção aos objetos. Por outro lado, o narcisismo não apenas protege o Eu contra a pulsão de morte, mas fornece alguma satisfação a ela, por meio da hostilização do outro, a fim de preservar a própria integridade. O “narcisismo das pequenas diferenças”, formulado por nosso autor no contexto de suas análises dos grupos, ilustra o que queremos dizer. Em uma das exposições desta ideia, no *Mal estar na cultura* (1930), Freud a define a partir de exemplos de comunidades vizinhas, e parecidas em muitos aspectos, mas que hostilizam umas às outras, como é o caso dos alemães do Norte e do Sul, dos ingleses e escoceses, dos espanhóis e portugueses. O que nos interessa é o fato de o narcisismo assegurar a coesão dentro de um grupo e a ligação amorosa entre seus membros, desde que seja possível odiar os outros, considerados estrangeiros a tal união: “Sempre é possível ligar um grande número de pessoas pelo amor, desde que restem outras para que se exteriorize a agressividade” (FREUD, 2020b, p. 366)⁴⁵⁹. Ao mesmo tempo

457 “[...] in jedem Stück lebender Substanz wären beiderlei Triebe tätig, aber doch in ungleicher Mischung, so daß eine Substanz die Hauptvertretung des Eros übernehmen könnte.” (FREUD, GW, 13, p. 269).

458 “[...] teils durch Mischung mit erotischen Komponenten unschädlich gemacht, teils als Aggression nach außen abgelenkt, zum großen Teil setzen sie gewiß unbehindert ihre innere Arbeit fort.” (FREUD, GW, 13, p. 284).

459 “Es ist immer möglich, eine größere Menge von Menschen in Liebe aneinander zu binden, wenn nur andere für die Äußerung der Aggression übrig bleiben.” (FREUD, GW, 14, p. 473).

em que enfraquece a pulsão de morte pelo fortalecimento dos laços afetivos em determinado grupo, o narcisismo fortalece a manifestação agressiva em direção às pessoas que se situam fora deste.

Portanto, a agressividade dirigida ao outro seria fomentada pelo narcisismo nesse caso; ele não seria apenas representante das pulsões de vida ao expulsar a pulsão de morte de dentro do grupo, mas também atuaria a favor da pulsão de morte ao fazer isso à custa do ódio dirigido ao outro. Considerando esse funcionamento do narcisismo do grupo e do indivíduo, Goebel (2012, p. 136-37, grifo do autor) afirma: “Ao introduzir sua segunda teoria das pulsões, Freud claramente traz juntos o ego e a destruição. Mesmo antes de permitir ou atuar a agressão, o ego *como uma unidade* já é algo agressivo, tanto externamente quanto internamente.” O próprio autor nos explica: o Eu pratica violência contra os outros e contra ele mesmo, para assegurar sua organização narcísica.

Se o Eu também pratica violência contra ele mesmo, isso está relacionado ao fato de que nem toda a pulsão de morte é destinada para fora; outro de seus destinos possíveis consiste em permanecer no interior do indivíduo, e a contribuição do narcisismo para possibilitar que grande parte da pulsão de morte continue seu trabalho no interior do indivíduo merece uma atenção especial. Retomemos a conversão de libido de objeto em libido narcísica, operada pelo Eu nos processos identificatórios. Sabemos que ela carrega a dessexualização, concebida como um tipo de sublimação, que resulta, por sua vez, na desfusão pulsional. Esta provoca o enfraquecimento dos componentes eróticos e a liberação de tendências agressivas; em outras palavras, ocasiona o reforço da pulsão de morte, na medida em que esta se encontra menos fundida com as pulsões de vida. Ocupamo-nos, mais uma vez, dessa situação, a fim de apontar para a extensão e a importância da identificação na constituição do indivíduo. Consiste na forma mais originária de ligação com a alteridade, anterior à escolha de objeto, e se trata de uma das saídas mais comuns diante da perda do objeto ou da necessidade de abrir mão do investimento nele, já que possibilita sua edificação no interior do Eu. No limite, é capaz de atravessar as relações de objeto como um todo, já que nem sempre a identificação depende do abandono do objeto; é perfeitamente possível conceber a coexistência de investimento de objeto e identificação com ele (FREUD, 1923/2011a, p. 37)⁴⁶⁰. Recordemos que o principal mecanismo responsável por “criar” (*schaffen*) isso que Freud chama de caráter (*Charakter*) do Eu consiste na identificação:

460 Cf. FREUD, GW, 13, p. 258.

Sobretudo a incorporação, como Supereu, da inicial instância parental, talvez a parte mais decisiva e importante, depois as identificações com os dois genitores da época posterior e com outras influentes pessoas, e as mesmas identificações como precipitados de relações objetais abandonadas. (FREUD, 1933/2010d, p. 236).⁴⁶¹

Enfatizar a onipresença da identificação parece-nos significativo, na medida em que expõe o amplo espaço que a conversão de libido de objeto em libido do Eu ocupa na vida psíquica e, conseqüentemente, aponta para o fato de que a defusão pulsional decorrente desse processo não parece ser um evento pontual. Ao contrário, o reforço das pulsões de morte pela dessexualização empreendida pelo Eu consiste em um fenômeno que perpassa toda a existência do indivíduo e é atravessado pelo narcisismo. Em outras palavras, Eu e narcisismo operam, recorrentemente, em prol dos processos de catabolismo ou desassimilação, do desligamento de vínculos, próprios da pulsão de morte.

Desde *O Eu e o Isso*, nos familiarizamos com o fato de que o destino dessa liberação da pulsão de morte no interior do indivíduo é o Supereu, o que explicaria a severidade com a qual ele subjuga o Eu. Vimos que este sofre as conseqüências dos processos identificatórios que realiza, para dar conta de suas dependências. No entanto, é preciso complementar este cenário. Freud atribui outras razões para a presença da pulsão de morte no Supereu, além da renúncia a investimentos sexuais de objeto. Ela também se deve ao próprio movimento que a pulsão de morte assume, de se destinar ao objeto como agressão, mas retornar para dentro do indivíduo, diante da impossibilidade de satisfazer-se sobre o outro. Nesse sentido, a crueldade do Supereu se fundamentaria tanto no abandono dos investimentos objetais do Isso pela dessexualização do Eu, por conta da identificação com os progenitores, quanto na impossibilidade de satisfazer os impulsos agressivos nos objetos externos, diante das exigências da cultura, como é explicitado no *Mal estar na cultura*:

A agressão é introjetada, interiorizada, mas, na verdade, é enviada de volta para o lugar de onde veio, portanto, é voltada contra o próprio Eu. Lá, ela é assumida por uma parte do Eu, que se opõe ao restante como Supereu, e então, como “consciência moral”, exerce contra o Eu essa mesma disponibilidade rigorosa para a agressão, que o Eu teria, com prazer, saciado em outros indivíduos, desconhecidos a ele. (FREUD, 2020b, p. 377).⁴⁶²

461 “Vor allem die Einverleibung der früheren Elterninstanz als Über-Ich, wohl das wichtigste, entscheidende Stück, sodann die Identifizierungen mit beiden Eltern der späteren Zeit und anderen einflußreichen Personen und die gleichen Identifizierungen als Niederschläge aufgellassener Objektbeziehungen.” (FREUD, GW, 15, p. 97).

462 “Die Aggression wird introjiziert, verinnerlicht, eigentlich aber dorthin zurückgeschickt, woher sie gekommen ist, also gegen das eigene Ich gewendet. Dort wird sie von einem Anteil des Ichs übernommen, das sich als Über-Ich dem übrigen entgegenstellt, und nun als „Gewissen“ gegen das Ich dieselbe strenge Aggressionsbereitschaft ausübt, die das Ich gerne an anderen, fremden Individuen befriedigt hätte.” (FREUD, GW, 14, p. 482-83).

Acontece com a pulsão de morte algo semelhante ao que se passa com a libido. Esta se movimenta do Eu rumo aos objetos, mas volta ao seu ponto de partida, sem que deixe de haver certa quantidade de libido narcísica. Da mesma forma, a pulsão de morte circula em direção à alteridade, mas retorna para o Eu, sendo que certa parcela de “autodestruição” (*Selbsterstörung*) está sempre acontecendo, segundo nosso autor (FREUD, 2020b, p. 372)⁴⁶³. Como já procuramos mostrar no capítulo anterior de nosso trabalho, o conceito de narcisismo e as noções correlatas de narcisismo primário e secundário teriam fornecido a visão sobre esse tipo de movimento pulsional – do Eu para os objetos, destes para o Eu –, o que valeria não só para a circulação da libido, mas também para a circulação da energia não sexual das pulsões de morte e dos investimentos marcados pela fusão entre ambas, como revelam os fenômenos do sadismo e do masoquismo.

Não é sempre, portanto, que a pulsão de morte pode ser desviada para o exterior, contra os objetos, na condição de pulsão de destruição. Considerando que há uma parte da pulsão de morte que não é dirigida para fora e permanece no interior do indivíduo, é preciso ligá-la libidinalmente, o que configura o masoquismo originário. Rosenberg (2003, p. 168) nos mostra a importância do masoquismo como um dos “sistemas de defesa (e de ligação)” que o Eu adota para lidar com a destrutividade da pulsão de morte. O autor chamará esse masoquismo de “guardião da vida” e da “vida psíquica”, por ser a primeira “intrincação” ou fusão pulsional, que permite a ligação da excitação, tornando-a suportável e permitindo ao Eu se constituir – daí a referência feita a um “núcleo masoquista do eu” (ROSENBERG, 2003, p. 108) –. Quanto ao retorno da agressividade destinada aos objetos para o seu lugar de partida, o próprio Eu, Rosenberg (2003, p. 168) afirma que ela pode investir no Supereu; este seria “um novo modo de ligação da pulsão de morte”. Assim, o Eu se protege de um aumento intenso de seu masoquismo, o que faria deste um “masoquismo mortífero”, conforme o vocabulário do autor, por destinar a pulsão de morte a essa “interioridade-exterioridade” que é o Supereu, enquanto instância psíquica diferenciada do Eu.

Desse modo, a agressão que volta de fora para o interior do indivíduo, seja pelas restrições da cultura, que impedem a sua satisfação nos objetos; seja como saldo da identificação e da respectiva dessexualização, como vimos acima, pode ter como efeito tanto o reforço do masoquismo originário, quanto do sadismo do Supereu. Interessa-nos considerar ainda que parte da agressão que se mantém dentro do indivíduo permaneceria livre no Eu. Em

463 Cf. FREUD, GW, 14, p. 478.

relação a esse ponto, estamos em desacordo com Rosenberg (2003, p. 68), para quem só é viável falar de uma “desintração” ou desfusão pulsional relativa, e não de um “desligamento absoluto”, em que a pulsão de morte se manifestaria de maneira “pura”, apesar de reconhecer as diferentes posições de Freud a esse respeito. A nosso ver, é possível supor que a pulsão de morte exerça uma atividade independente no Eu, para além do que se liga à libido no masoquismo e do que se destina ao Supereu.

Isso significa que a pulsão de morte manteria uma espécie de atividade independente, diferente daquela que se manifesta no sentimento de culpa pela imposição da consciência moral, ou mesmo da parcela que se liga com Eros no masoquismo primário. Pelo menos é o que Freud nos dá a entender em sua *Conferência 32*. Por um lado, os “desejos masoquistas” do Eu – entre os quais se situa sua “necessidade de castigo” (*Strafbedürfnis*), que tanto atrapalha a cura no tratamento analítico – se combinam com a agressão que o Supereu toma para si, aquela que retorna desde os objetos e aquela que resulta da dessexualização de investimentos em objetos sexuais, e vemos em ambos os lugares psíquicos a força da pulsão de morte. Por outro lado, Freud coloca em questão se a instância crítica realmente assume toda a pulsão de morte que persiste no interior do indivíduo, além da parte que é ligada com o erotismo no masoquismo do Eu:

Quanto à teoria, estamos em dúvida se devemos supor que toda agressividade retornada do mundo exterior é ligada ao Super-eu e, assim, dirigida contra o Eu, ou que uma parte dela realiza sua muda e inquietante* atividade no Eu e no Isso, como livre pulsão de destruição. O mais provável é uma divisão desse último tipo, mas nada mais sabemos acerca disso. (FREUD, 1933/2010d, p. 260).⁴⁶⁴

Nesse sentido, Freud parece se inclinar para a hipótese de que nem toda pulsão de morte atuante no interior do indivíduo é admitida pelo Supereu, mas que certa quantidade persiste em sua atividade livre, portanto, desvinculada de erotismo, no Eu, e, evidentemente,

464 “*Theoretisch sind wir eigentlich im Zweifel, ob wir annehmen sollen, daß alle aus der Außenwelt zurückgekehrte Aggression vom Über-Ich gebunden und somit gegen das Ich gewendet werde, oder daß ein Teil von ihr seine stumme und unheimliche Tätigkeit als freier Destruktionstrieb im Ich und Es ausübe. Wahrscheinlicher ist eine solche Verteilung, doch wissen wir nichts weiter darüber.*” (FREUD, GW, 15, p. 116-17). *Inquietante é a tradução para *unheimlich* escolhida pela edição da Companhia das Letras, diferente de infamiliar, como vimos na edição da Autêntica. Poderíamos citar ainda um trecho de *A Análise Finita e a Infinita* que possibilita reconhecer essa parcela de pulsão de morte livre no Eu, localizado na discussão sobre as variadas fontes da resistência à cura no tratamento. Uma delas é atribuída ao comportamento de desfusão das pulsões de vida e de morte. Parte dessa força que se opõe à melhora no tratamento é reconhecida na relação entre o Eu e o Supereu, como consciência de culpa e necessidade de castigo: “Mas essa é apenas aquela parte, digamos, psiquicamente ligada ao Super-Eu e como tal se manifesta; outros valores dessa mesma força devem estar agindo em local indeterminado, de forma ligada ou livre.”/ “Aber das ist nur jener Anteil, der vom Über-Ich sozusagen psychisch gebunden ist und in solcher Weise kenntlich wird; andere Beträge derselben Kraft mögen, unbestimmt wo, in gebundener oder freier Form, am Werke sein.” (FREUD, 1937/2021b, p. 348-349, grifo nosso; GW, 16, p. 88).

no Isso, já que este é o polo pulsional do aparelho psíquico. Isso endossa o papel da dessexualização e, por conseguinte, do narcisismo, em instaurar a pulsão de morte no seio do próprio Eu, para além da cota que se funde com Eros no masoquismo e da destrutividade que o Supereu toma para si. Lembrando que, ao mesmo tempo em que a pulsão de morte carrega a marca de ser irrepresentável, razão pela qual necessita de Eros para ganhar expressão como agressividade, Freud não exclui a possibilidade de que ela atue sozinha, sem a fusão com as pulsões de vida. O problema é a dificuldade de percebê-la, sobretudo quando se trata de sua ação no interior do Eu. Ainda que não seja perceptível, a pulsão de morte pode seguir, em parte, livremente atuante no Eu. Talvez tenhamos condições de compreender melhor aquela citação de Green com a qual encerramos nosso terceiro capítulo. Ao discorrer sobre o Eu, encurralado diante de suas tarefas, o autor apontava que, além das exigências colocadas pelo Isso, pelo Supereu e pela realidade, há um agravante com o qual ele tem de lidar: o Eu tem que levar em conta o “veneno que o mina por dentro: a pulsão de morte”, cuja orientação é, simultaneamente, “centrífuga” e “centrípeta” (GREEN, 1988a, p. 289).

A propósito, na literatura psicanalítica, Green (1988a, 1988b) é reconhecido por ter realizado a articulação entre o narcisismo e a pulsão de morte, por meio da noção de “narcisismo de morte” ou “narcisismo negativo”, que seria contraposta à de “narcisismo de vida” ou “narcisismo positivo”. Não caberia tentar fornecer um panorama da teorização do psicanalista aqui, já que ele está entre os pós-freudianos que fundaram um campo clínico e conceitual próprio. Contudo, se em nossa investigação chamamos a atenção para a faceta mortífera do narcisismo, não poderíamos deixar de citar como o autor faz trabalhar essa hipótese e extrai dela uma série de consequências. Ele considera que Freud deixou uma lacuna em sua teoria do narcisismo, por não ter se debruçado o suficiente sobre a inserção do conceito na segunda teoria pulsional e na segunda tópica, e se propõe a preenchê-la: “Há, portanto, uma articulação necessária a ser encontrada entre o narcisismo e a pulsão de morte, da qual Freud não se ocupou e que ele nos deixou para descobrir” (GREEN, 1988a, p. 12). Se o narcisismo positivo tende à unidade e à identidade, à constituição do Um, para Green (1988a, p. 41), o narcisismo de morte seria o “duplo sombrio do Eros unitário do narcisismo positivo, de modo que todo investimento de objeto, assim como do Eu, implica seu duplo invertido que visa um retorno regressivo ao ponto zero.”

O narcisismo negativo, diferentemente do masoquismo, se manifesta clinicamente pelo sentimento de vazio. Green (1988b, p. 57) se interessava por quadros clínicos como as

melancolias graves que levavam ao suicídio; as psicoses que revelavam a “desintegração do eu”; as angústias “catastróficas ou impensáveis, temores de aniquilamento ou de desmoronamento, sentimentos de futilidade, desvitalização ou morte psíquica, sensações de abismo, buracos sem fundo, precipício.” Em outras palavras, nesses quadros que remetem ao que o autor chama de “branco”, no sentido “do inglês *blank*, que se traduz pela categoria do neutro” (GREEN, 1988a, p. 41), estaria em jogo “um intenso desinvestimento dos objetos externos e desligamento dos vínculos internos, produzindo a sensação de ‘vazio’ e morte subjetiva”, como explicam Bocchi e Campos (2018, p. 121). Nesses casos, haveria o “trabalho do negativo” em ação:

O negativo, portanto, não é somente a dimensão irrepresentável da pulsão de morte em sua exigência de simbolização, mas, também, um conjunto de defesas que promovem desligamentos nos processos de identificação. A constituição do aparelho psíquico não é função apenas de um processo contínuo e progressivo de níveis de inscrição de uma pulsão que é originalmente irrepresentável, mas de processos que atuam como forças silenciadoras e desinvestidoras no próprio fundamento dos processos de simbolização e identificação, as quais visam a um hipotético estado de ausência de tensões, mesmo que à guisa do completo apagamento das marcas identitárias e, por fim, do apagamento do próprio eu que poderia vir a querer qualquer coisa. (BOCCHI e CAMPOS, 2018, p. 121-22).

Para abordar esse trabalho do negativo, Green também propõe as noções de função objetalizante e função desobjetalizante, próprias das pulsões de vida e das pulsões de morte, respectivamente. No caso de Eros, a meta de garantir a função objetalizante vai além do objeto em si; trata-se de realizar investimentos e isso “não apenas significa que seu papel é criar uma relação com o objeto (interno e externo), mas que ela se revela capaz de transformar estruturas em objeto, mesmo quando o objeto não está mais diretamente em questão” (GREEN, 1988b, p. 59). Em contrapartida, a função desobjetalizante opera por meio do desligamento. Para Green (1988b, p. 60-61, grifo do autor), “a manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o *desinvestimento*”, de forma que o narcisismo negativo seja considerado expressão “da função desobjetalizante que não se contentaria em recair sobre os objetivos ou seus substitutos, mas sobre o próprio processo objetalizante.” Ainda que estes sejam aspectos muito gerais e resumidos do pensamento de Green, fornecem alguma dimensão do importante tratamento que o autor concedeu ao vínculo entre narcisismo e pulsão de morte, que nos empenhamos em destacar, com base na letra de Freud, nesta parte de nosso trabalho.

Em contrapartida, chama a atenção que o narcisismo e o Eu sejam posicionados totalmente sob a égide das pulsões de vida por outros autores, como é o caso de Laplanche.

Em nosso capítulo anterior, trabalhamos com suas concepções acerca da participação fundamental do narcisismo em cunhar a dimensão ligada e ligadora da sexualidade, que caracteriza Eros. A descoberta do narcisismo e das dinâmicas amorosas entre o Eu e os objetos totais teria possibilitado a emergência da sexualidade, tal como ela opera no segundo dualismo pulsional. Nesta ocasião, já discutimos as particularidades da interpretação laplancheana acerca da teoria pulsional, por exemplo, o fato de o autor entender que a dimensão desligada e demoníaca do sexual, presente na primeira teoria metapsicológica freudiana, tenha sido destinada às pulsões de morte, consideradas por ele também como pulsões sexuais. Tendo isso em vista, destacaremos certo efeito dessa configuração pulsional, no que tange à questão que nos ocupa neste momento: ao assimilar o narcisismo e o Eu às pulsões de vida e à atividade de ligação, o autor os afasta completamente das pulsões de morte e das operações de desligamento, o que apaga a ambiguidade do conceito de Eu, que procuramos tornar nítida ao longo de nosso trabalho. É o que sugere o seguinte fragmento:

As pulsões sexuais de vida funcionam segundo o princípio da energia ligada (princípio de constância); seu fim é a síntese, a manutenção ou a constância de unidades e de laços; *são conformes ao eu*; seu objeto-fonte é um objeto “total”, regulador. *As pulsões sexuais de morte* funcionam segundo o princípio da energia livre (princípio do zero); seu fim é a descarga pulsional total, ao preço do aniquilamento do objeto; *são hostis ao eu* ao qual tentam desestabilizar; seu objeto-fonte é um aspecto clivado, unilateral, um indício de objeto. (LAPLANCHE, 1988, p. 24, grifo nosso e do autor).

Ora, a ideia de que as pulsões de vida são conformes ao Eu e à sua unidade, ao passo que as pulsões de morte são hostis a ele, apontam para uma espécie de incompatibilidade entre o Eu e os impulsos destrutivos, como se essa instância psíquica se inclinasse sempre para a ligação. Por conseguinte, ao narcisismo, na medida em que está intimamente conectado à condição do Eu enquanto unidade que investe em objetos totais, estaria excluída a possibilidade de fortalecer os processos disruptivos da pulsão de morte. A afinidade entre narcisismo e vida é abertamente afirmada pelo autor, por exemplo, quando ele escreve que “com o desenvolvimento da teoria do ego e de seu investimento libidinal narcísico, a 'vida' se fez mais imperativa e mais invasora” (LAPLANCHE, 1985, p. 126). Em outra ocasião ainda, Laplanche (1989, p. 113-14, grifo do autor) é mais radical a esse respeito: “As pulsões do ego são, por excelência, pulsões de vida, quando não, talvez, *as pulsões de vida.*”

Vale a pena recuperar o comentário de Safatle, também já apresentado em nosso capítulo anterior, na medida em que converge com a posição de Laplanche. O filósofo comenta que a potência de desligamento da sexualidade, própria das pulsões sexuais, foi

destinada às pulsões de morte na segunda teoria pulsional freudiana, justamente pelo fato de o narcisismo ter revelado o Eu como unidade e a sexualidade como aspiração à ligação. Depois disso, sugere a seguinte equivalência: “Ou seja, a polaridade vida/morte na teoria pulsional freudiana recobre, na verdade, a distinção entre energia ligada em representações através da capacidade sintética do Eu/energia livre inauguradora da dinâmica psíquica” (SAFATLE, 2007, p. 160). Desse ponto de vista, em convergência com as sugestões de Laplanche – e em contraposição aos nossos desenvolvimentos e os de Green –, a energia livre, conseqüentemente, o desligamento e a disjunção, ficariam apartados do Eu, conforme sua aspiração sintética, concordante com Eros. Pelo que já vimos, podemos afirmar que essa posição parece dar conta apenas de um dos aspectos da libido narcísica levantados aqui, a saber, aquele em que ela afasta a pulsão de morte do seio do Eu e a direciona aos objetos, em que ela sublima investimentos de objeto do Isso para atribuir-lhes novas metas, investindo novamente em outros objetos e atuando como representante de Eros. Porém, se tudo que é desligamento é estranho ao Eu, como explicar aquele fator da dessexualização ou sublimação que revela a dimensão mortífera do narcisismo, os serviços que ele presta à morte?

Nossa intenção, ao contrário, é a de lançar luz, a partir do narcisismo, sobre tais relações dúbias do Eu com as pulsões, em vez de obscurecê-las. Deste modo, reiteramos o papel do narcisismo na inserção, após a “virada” de 1920, da marca da ambigüidade entre pulsões de vida e de morte no interior do Eu, assim como fez com a oposição entre a autoconservação e a sexualidade nessa instância, antes de tais reconfigurações teóricas. A nosso ver, o narcisismo traz à tona, mais uma vez, o conflito interno ao Eu, que sofre os efeitos dos dois grupos pulsionais e é, ao mesmo tempo, porta-voz de ambos. “Amar a si mesmo e amar o outro”⁴⁶⁵, mas também odiar a si mesmo e odiar o outro: essas polaridades parecem fazer parte do narcisismo e serem inseridas, por ele, no âmago do Eu. Este Eu que busca as ligações, mas fomenta o desligamento, que luta pela vida, mas age em prol da morte, que é, em última instância, um abrigo de contradições, cujos contornos se tornam cada vez mais fortes.

Na seqüência de nossa investigação, nos debruçaremos sobre a irrupção da patologia, levando em conta a participação fundamental da falha da função sintética pela qual o Eu é responsável no adoecimento e a relação desta falha com a condição ambígua dessa instância psíquica diante das pulsões de vida e de morte, tal como foi detalhado neste tópico.

465 Este é o título de um livro organizado por Birman et al (2016), que reúne ensaios dedicados a tratar das relações entre o narcisismo e sexualidade.

4.2 A função de síntese do Eu e seus entraves

Já conhecemos a função de síntese atribuída ao Eu na teoria freudiana, seu anseio por sintetizar ou unificar os processos psíquicos e acolhê-los em sua organização, de modo totalmente distinto do Isso, que convive com tendências contraditórias, independentes entre si e capazes de buscar a satisfação cada uma por sua conta. Veremos, contudo, que por mais que o Eu se empenhe, não consegue unificar todas as exigências às quais está sujeito, uma das razões que leva às formações de sintomas nos diferentes tipos de sofrimento psíquico. Por outro lado, encontramos nas obras freudianas indicações de que todos somos mais ou menos neuróticos e de que a normalidade seria mais um estado ideal, do que uma condição possível para a maioria das pessoas. Chegaremos, então, a uma espécie de predestinação ao fracasso da síntese do Eu, que relacionaremos à sua ambiguidade.

Partiremos da investigação de como surgem as neuroses, a fim compreender o papel que a falha da função sintética do Eu cumpre nesse processo. Relembremos a situação na qual o Eu se encontra, conforme lemos em *A questão da análise leiga* (1926). Por um lado, busca se adaptar à realidade, razão pela qual espera os momentos mais propícios para a satisfação pulsional sem riscos, ou intervém no mundo externo, modificando-o a fim de propiciar a satisfação. Por outro lado, se esforça para exercer influência sobre o Isso, fazendo com que a realização das pulsões seja adiada, ou com que estas modifiquem ou desistam de suas metas, mediante alguma compensação. Contudo, tal domínio do Eu sobre o Isso é possível apenas sob determinadas condições:

Sim, isso funciona bem quando o Eu está de posse de sua organização plena e de sua capacidade produtiva, quando tem acesso a todas as partes do Isso e pode exercer a sua influência sobre elas. É que não há uma oposição natural entre Eu e Isso, eles são uma coisa só, e no caso da pessoa saudável praticamente não se consegue diferenciá-los. (FREUD, 2021b, p. 226).⁴⁶⁶

Isso significa que não há perturbações neuróticas na vida psíquica quando o Eu se encontra tão organizado e tão capaz de influenciar o Isso, a ponto de quase se confundir com ele. Em contrapartida, o psicanalista considera que essas condições do Eu são ideais; na prática, não encontramos esse vínculo pacífico com o Isso. Como sabemos, o Eu se forma a

⁴⁶⁶ “Ja, es geht gut, wenn das Ich seine volle Organisation und Leistungsfähigkeit besitzt, zu allen Teilen des Es Zugang hat und seinen Einfluß auf sie üben kann. Es besteht ja keine natürliche Gegnerschaft zwischen Ich und Es, sie gehören zusammen und sind im Falle der Gesundheit praktisch nicht voneinander zu scheiden.” (FREUD, GW, 14, p. 229).

partir de uma diferenciação do Isso. Ao mesmo tempo em que a constituição do Eu se faz necessária para a preservação da vida, também será no período de formação do Eu a partir do Isso, nos primeiros anos de infância, que se situarão os recalques decisivos para o surgimento da neurose. Embora Freud afirme que o ponto de irrupção da patologia esteja em um lugar difícil de precisar, tende a localizá-lo, justamente, em processos de diferenciação como este do qual provém o Eu, uma vez que “os desenvolvimentos e diferenciações mais significativos trazem dentro de si a semente que leva ao adoecimento, ao fracasso da função” (FREUD, 2021b, p. 227)⁴⁶⁷. A princípio, o Eu é fraco e impotente, diferencia-se pouco do Isso e não tem a força suficiente para dominar as exigências pulsionais deste, que lhe oferecem perigo por resultarem em um confronto com o mundo exterior. Por essa razão, tenta fugir do perigo pulsional, recua dessa região do Isso, como se recuasse de um perigo externo. Por meio do recalque, busca se subtrair da parte do Isso que lhe impõe essas exigências impossíveis de serem satisfeitas. Porém, isso tem um preço:

Esse prejuízo consiste no fato de que o Eu agora tem sua área de poder constantemente limitada. A moção pulsional recalçada agora está isolada, deixada à sua própria sorte, inacessível, mas também ininfluenciável. Ela trilha o seu próprio caminho. Em geral o Eu, depois que já estiver mais forte, também não conseguirá mais suspender o recalque, *sua síntese ficará prejudicada*, uma parte do Isso permanecerá solo proibido para o Eu. (FREUD, 2021b, p. 228-29, grifo nosso).⁴⁶⁸

Nesse sentido, o recalque pode levar a uma limitação do Eu, pois as pulsões do Isso recalçadas passam a agir por conta própria, por meio do sintoma, sem se deixar influenciar pelo Eu e restringindo seu campo de ação, resultando no prejuízo de sua função sintética. Isso explica esta descrição da neurose: “De repente, vislumbramos o estado de um distúrbio nervoso diante de nós: *um Eu que teve a sua síntese impedida*” (FREUD, 2021b, p. 229, grifo nosso)⁴⁶⁹. Em outras palavras, Freud (2021b, p. 252)⁴⁷⁰ entende que o Eu do neurótico está enfraquecido e “perdeu sua unidade”. Nos termos do *Compêndio de psicanálise* (1940): “[...] está danificado em sua organização, cindido em seu interior em decorrência das contínuas invasões do Isso e *não produz mais nenhuma síntese ordenada*; ele está dilacerado por

467 “[...] *die bedeutsamsten Entwicklungen und Differenzierungen den Keim zur Erkrankung, zum Versagen der Funktion, in sich tragen.*” (FREUD, GW, 14, p. 229).

468 “*Dieser [der Schaden] besteht darin, daß das Ich nun seinen Machtbereich dauernd eingeschränkt hat. Die verdrängte Triebregung ist jetzt isoliert, sich selbst überlassen, unzugänglich, aber auch unbeeinflussbar. Sie geht ihren eigenen Weg. Das Ich kann zumeist auch später, wenn es erstarkt ist, die Verdrängung nicht mehr aufheben, seine Synthese ist gestört, ein Teil des Es bleibt für das Ich verbotener Grund.*” (FREUD, GW, 14, p. 230).

469 “*Mit einem Male sehen wir den Sachverhalt einer nervösen Störung vor uns: ein Ich, das in seiner Synthese gehemmt ist...*” (FREUD, GW, 14, p. 230-31).

470 “[*Sein Ich hat] seine Einheit verloren...*” (FREUD, GW, 14, p. 251).

anseios contraditórios, por conflitos não resolvidos e por dúvidas não esclarecidas” (FREUD, 2021e, p. 107, grifo nosso)⁴⁷¹.

Há uma ameaça e um prejuízo à unidade do Eu resultantes do recalque e da formação sintomática. Em *Neurose e psicose* (1924), as neuroses de transferência são descritas como o efeito de um conflito entre o Eu e seu Isso, visto que o primeiro toma partido do mundo externo e do Supereu, em desacordo com as pulsões e suas exigências. Novamente, destacamos as palavras escolhidas por Freud para descrever o estado do Eu diante do retorno do recalçado por meio do sintoma, como formação de compromisso: “[...] o Eu, descobrindo sua unidade ameaçada e prejudicada por esse intruso, prossegue na luta contra o sintoma, tal como o fez com a moção pulsional original, e tudo isso produz o quadro da neurose” (FREUD, 1924/2021a, p. 272, grifo nosso)⁴⁷². Como já sabemos, devido à sua compulsão à síntese, o Eu tenta incorporar o sintoma como parte de si para restituir algo de sua síntese e de sua unidade, o que explica, em partes, a resistência no tratamento psicanalítico.

Desse modo, destacamos que a neurose parece ser um signo de que o Eu não conseguiu a síntese que almeja em sua tarefa de dominar a complexidade psíquica e de que perdeu sua uniformidade nessa tentativa. Porém, não é o único indício disso. Ainda no texto de 1924, as psicoses e a melancolia também são concebidas como resultados de conflitos mal resolvidos. As primeiras, de um conflito entre o Eu e o mundo externo, já que o primeiro é arrancado da realidade, deixando-se subjugar pelo Isso e por seus desejos. Já a segunda é nomeada como uma neurose narcísica, por se tratar de uma afecção fundamentada no conflito entre o Eu e o Supereu. Em todos os casos, contudo, há um ponto em comum, que é a falta de sucesso do Eu diante dos entraves enfrentados em sua condição de servir, ao mesmo tempo, ao Isso, ao Supereu e à realidade, seus três senhores: “[...] neuroses e psicoses se originam do conflito do Eu com as várias instâncias que o controlam, correspondendo a um fracasso na função do Eu que mostra seu esforço em conciliar as exigências das várias instâncias” (FREUD, 2021a, p. 275, grifo nosso)⁴⁷³.

471 “[...] ist es infolge der fortgesetzten Einbrüche des Es in seiner Organisation geschädigt, in sich gespalten, bringt keine ordentliche Synthese mehr zustande, wird von einander widerstrebenden Strebungen, unerledigten Konflikten, ungelösten Zweifeln zerrissen.” (FREUD, 2021e, p. 106).

472 “[...] das Ich findet seine Einheitlichkeit durch diesen Eindringling bedroht und geschädigt, setzt den Kampf gegen das Symptom fort, wie es sich gegen die ursprüngliche Triebregung gewehrt hatte, und dies alles ergibt das Bild der Neurose.” (FREUD, GW, 13, p. 388). Observamos que *Einheitlichkeit* também pode ser traduzido por “uniformidade” ou “homogeneidade”, além de “unidade” (Cf. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/alemao-portugues/einheitlichkeit>).

473 “[Die Behauptung, daß] Neurosen und Psychosen durch die Konflikte des Ichs mit seinen verschiedenen herrschenden Instanzen entstehen, also einem Fehlschlagen in der Funktion des Ichs entsprechen, das doch das Bemühen zeigt, all die verschiedenen Ansprüche miteinander zu versöhnen...” (FREUD, GW, 13, p.

Essas psicopatologias revelam que o Eu falha em uma função que o Supereu desempenha com maestria. Para o psicanalista, o Supereu é muito bem-sucedido no papel de reunir as influências do Isso e do mundo exterior, motivo pelo qual pode ser considerado como o “modelo ideal” (*Idealvorbild*) para o Eu quanto à conciliação das demandas tão díspares que animam a vida psíquica (FREUD, 2021a, p. 274)⁴⁷⁴. No escrito sobre o masoquismo, Freud concede mais detalhes de como o Supereu alcança essa façanha. Tal instância psíquica, como vimos, surge a partir da dessexualização dos primeiros investimentos de objeto do Isso, aqueles direcionados às figuras parentais no complexo de Édipo. Nesse sentido, ele é capaz de representar os objetos edípicos, tão importantes para o Isso, na medida em que os introjetou. Por outro lado, os pais foram os primeiros a trazer para a criança as imposições do mundo exterior; por meio de sua autoridade, carregam as influências culturais e as apresentam para o ser humano que vem ao mundo desamparado. Isso faz com que o Supereu consiga estabelecer uma conexão tão forte com o Isso, quanto com a realidade: “[...] o Supereu, o substituto do complexo de Édipo, torna-se o representante do mundo exterior real e, dessa forma, o modelo para o anseio [*Streben*] do Eu” (FREUD, 2021a, p. 297)⁴⁷⁵.

A diferença entre as neuroses e as psicoses se apoia nos destinos que o Eu toma diante dessa dificuldade de mediação entre as instâncias psíquicas e a realidade, de modo que os quadros psicopatológicos dependerão do lado para o qual o Eu se inclinar quando fracassar em sua função de conciliação ou de síntese.⁴⁷⁶ Freud ainda considera possível que o Eu não tome partido da realidade, tampouco do Isso ou do Supereu, diante dos conflitos psíquicos. Nesse caso, o Eu pode “deformar” (*deformieren*), “segmentar” (*zerklüften*) e “cindir” (*zerteilen*) a si mesmo (FREUD, 2021a, p. 275)⁴⁷⁷. Essa possibilidade já havia sido anunciada por nosso autor em uma nota de rodapé de *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921), conforme citamos em nosso segundo capítulo, ao afirmar que o processo de unificação do Eu pode sofrer uma série de perturbações. Nessa mesma nota, encontramos a seguinte

391).

474 Cf. FREUD, GW, 13, p. 390).

475 “[...] wird das Über-Ich, der Ersatz z des Ödipuskomplexes, auch zum Repräsentanten der realen Außenwelt und so zum Vorbild für das Streben des Ichs.” (FREUD, GW, 13, p. 380).

476 Nota-se que consideramos pertinente tomar como semelhantes as funções de conciliação, unificação e síntese do Eu, com base no que escreve Freud (2017, p. 69), no *Manuscrito inédito de 1931*: “A tarefa, que é atribuída ao eu, de unificar (*vereinen*) as exigências de sua libido com as imposições de seu supereu e as condições do mundo externo não é fácil”. Conciliar (*versöhnen*), unificar (*vereinen*) e buscar a síntese (*Synthese*) consistem em ações análogas, por meio das quais nosso autor se refere a essa incumbência essencial do Eu, cuja falha é uma das condições das psicopatologias.

477 Cf. FREUD, GW, 13, p. 391.

constatação, acrescentada em 1923: “As diversas possibilidades de uma dissociação posterior do Eu constituem um capítulo especial da Psicopatologia” (FREUD, 2020b, p. 149)⁴⁷⁸.

A dissociação ou decomposição (*Zerfall*) do Eu é o assunto principal do texto inacabado *A cisão do Eu no processo de defesa* (1940). Diante de uma situação de conflito apresentada ao Eu da criança, entre uma exigência pulsional e as imposições da realidade, é preciso que seja tomada uma decisão, seja a de curvar-se à realidade, seja a de não abrir mão da satisfação, como já vimos serem os casos da neurose e da psicose, respectivamente. Entretanto, Freud nota que o Eu infantil pode encontrar outra solução, pode não pender para nenhum desses lados, ou pender para os dois, a um só tempo, e sair do conflito com reações contraditórias; dito de outro modo, o Eu pode “recusar” (*verleugnen*) a realidade, não acatando as suas imposições, e, simultaneamente, reconhecer os perigos do mundo externo. Como essa conduta parece muito mais familiar ao Isso, com sua capacidade de conviver com a contradição, do que ao Eu, com sua organização e sua tendência à síntese, essa saída traz uma série de consequências para o último:

Ambas as partes litigantes obtiveram sua cota: a pulsão pode conservar sua satisfação e à realidade foi tributado seu devido respeito. Mas, como se sabe, tudo tem seu preço. O resultado só é atingido às custas de uma fenda no Eu [*Einriss im Ich*], a qual nunca será curada, mas crescerá com o passar do tempo. Suas reações contrárias ao conflito permanecerão como o cerne de uma cisão do Eu [*Ichspaltung*]. Todo o processo nos parece tão inusitado porque tomamos como evidente a síntese dos processos do Eu. Contudo, é evidente que estamos errados. *A função sintética do Eu, tão extraordinariamente importante, possui suas condições particulares e está sujeita a uma vasta série de perturbações.* (FREUD, 2021e, p. 200, grifo nosso).⁴⁷⁹

Nesse sentido, diante do conflito psíquico provocado pelas divergências entre as instâncias e frente à urgência de mediá-las, o Eu pode ter sua função sintética perturbada de diferentes maneiras, a depender da saída que encontra. O Eu pode se esforçar por favorecer o Isso e fugir da realidade; tentar se curvar à realidade e recalcar o Isso; ou buscar atender a ambos, à custa de sua própria cisão. Ainda no texto citado, Freud ilustra a criação de uma fenda no Eu com um caso clínico de fetichismo, formado a partir da ameaça de castração.

478 “Die verschiedenen Möglichkeiten eines späteren Zerfalls des Ichs bilden ein besonderes Kapitel der Psychopathologie.” (FREUD, GW, 13, p. 85).

479 “Beide streitende Parteien haben ihr Teil bekommen; der Trieb darf seine Befriedigung behalten, der Realität ist der gebührende Respekt gezollt worden. Aber umsonst ist bekanntlich nur der Tod. Der Erfolg wurde erreicht auf Kosten eines Einrisses im Ich, der nie wieder verheilen, aber sich mit der Zeit vergrößern wird. Die beiden entgegengesetzten Reaktionen auf den Konflikt bleiben als Kern einer Ichspaltung bestehen. Der ganze Vorgang erscheint uns so sonderbar, weil wir die Synthese der Ich Vorgänge für etwas Selbstverständliches halten. Aber wir haben offenbar darin Unrecht. Die so ausserordentlich wichtige synthetische Funktion des Ichs hat ihre besonderen Bedingungen und unterliegt einer ganzen Reihe von Störungen.” (FREUD, GW, 17, p. 60).

Na verdade, o mecanismo de criação de um fetiche para demonstrar a cisão no Eu não diz respeito a um único caso clínico. Já no artigo *Fetichismo* (1927), Freud havia utilizado especificamente a expressão “recusa (*Verleugnung*) da realidade”⁴⁸⁰ para se referir à situação da criança cuja saída é fetichista, visto que ela percebeu a diferença sexual e se deu conta de que a mulher não tem um falo; no entanto, conservou tal percepção e, simultaneamente, abandonou-a, por meio da criação do fetiche. Nesse texto, o psicanalista acrescenta o interesse teórico que o fetichismo despertou nele, justamente pela relação que estabelece com o problema da diferença entre neuroses e psicoses. O ponto-chave é que o fetichismo revela a possibilidade de que atitudes contrárias coexistam no Eu, sem se influenciarem uma à outra, o que revela sua cisão. Como escreve Figueiredo (2008, p. 16): “As cisões (clivagens) e as repressões ou recalcamientos podem ser vistos como modos distintos de lidar com o intolerável, o inadmissível, o ambivalente ou o incompatível na experiência humana”. A essência da *Verleugnung* envolvida nas cisões pode ser mais bem apreendida, segundo o autor, se este mecanismo é traduzido por “desautorização”, na medida em que a percepção é realizada e conservada, mas não tem autoridade para levar às consequências psíquicas dela decorrentes; a fórmula “*Eu sei, mas mesmo assim...*” revela como o indivíduo sabe, mas não retira nenhuma consequência deste saber (FIGUEIREDO, 2008, p. 60).

No *Compêndio de psicanálise* (1940), Freud volta a dizer que a cisão do Eu acontece em situações diversas, sendo o fetichismo um objeto de estudo especialmente favorável para observá-la. Como alguma cisão psíquica está em jogo nas diferentes psicopatologias, também destaca a particularidade desse tipo de defesa do Eu, do ponto de vista tópico ou estrutural. No caso das neuroses, por exemplo, as atitudes opostas e independentes entre si pertencem uma ao Eu e a outra, ao Isso, de modo que as duas instâncias entram em conflito, como vimos. No caso das psicoses, vemos que o Eu se alia ao Isso e ambos se contrapõem ao mundo externo. Já na cisão do Eu, ambas as tendências contraditórias lhe são próprias. Mas há algo que todos esses tipos de cisão compartilham: “[...] não importa o que o Eu empreenda

480 Convém acrescentar algumas observações sobre o verbo *verleugnen*. De acordo com Hanns (1996, p. 373), Freud trabalha com uma série de verbos de recusa, como “*verwerfen* (rejeitar, forcluir, precluir)”, “*verleugnen* (negar, renegar, recusar)”, além de “*verdrängen* (recalcar, reprimir)”, que enfatizam aspectos diferentes da defesa. No entanto, ainda segundo o autor, foi Lacan quem ressaltou a relação entre certos mecanismos psíquicos de defesa e as entidades clínicas, concebidas por ele como estruturas. Na leitura lacaniana, é possível correlacionar o recalque (*Verdrängung*) à neurose, a rejeição ou forclusão (*Verwerfung*) à psicose, e a recusa (*Verleugnung*) à perversão. Concordamos com Hanns, pois em Freud o uso desses termos não é tão específico e restrito; *verleugnen*, por exemplo, é utilizado para tratar da recusa da realidade pelo psicótico, e não pelo fetichista, em *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924) (Cf. FREUD, 2021a, p. 281; GW, 13, p. 364).

em seus esforços por defesa, se é recusar uma parte do mundo exterior real ou rechaçar uma exigência pulsional vinda do mundo interior, o resultado nunca é completo, sem resto” (FREUD, 2021e, p. 171)⁴⁸¹.

As formações sintomáticas, que vem para compensar a insatisfação do Isso diante do recalque do Eu; os fetiches e outros tipos de cisões do Eu, que permitem a manutenção da atitude de recusa; os delírios e alucinações, que mostram os fios de realidade se impondo ao psicótico e suas tentativas de refazer o mundo externo a favor de seu Isso, provavelmente consistem em alguns desses restos. Tal como precipitados, sólidos que emergem em soluções líquidas, denunciam que o conflito psíquico não foi dissolvido, que o Eu fracassou em sua árdua função de conciliar tantas exigências, tão divergentes entre si. Diante da impossibilidade de exercer esta síntese, seja pela irrupção de uma exigência pulsional perigosa, seja por uma frustração imposta pela realidade, seja por uma demanda do Supereu, que forcem o Eu a se decidir por uma saída que, necessariamente, acarretará em consequências, este se vê ainda mais prejudicado em sua tarefa. Dito de outro modo, quando o Eu não consegue efetuar a unificação dos processos psíquicos, abre-se espaço para o adoecimento que, por sua vez, produz aqueles restos das operações defensivas, que impedirão ainda mais a síntese.

Considerando a importância da falha da função sintética do Eu para a irrupção das psicopatologias, gostaríamos de acrescentar algumas observações. Ao tratarmos das diferentes patologias analisadas por Freud, é fundamental ter em vista que não há uma diferença de natureza entre o saudável e aquele que adocece psiquicamente. O adoecimento psíquico depende das proporções das forças envolvidas no conflito psíquico. Segundo Silva Júnior (2000), a psicanálise pode ser inserida na tradição da metodologia psicopatológica – pavimentada a partir de transformações na concepção de doença nos campos da fisiologia e da psicologia –, segundo a qual há uma relação de continuidade entre o normal e o patológico. Ainda segundo o autor: “Tomando-se por base o ponto de vista psicopatológico, normal e patológico serão sempre duas expressões diferentes de um mesmo *princípio de organização* dos fenômenos psíquicos” (SILVA JÚNIOR, 2000, p. 134, grifo do autor).

481 “[...] *Was immer das Ich in seinem Abwehrbestreben vornimmt, ob es ein Stück der wirklichen Aussenwelt verleugnen oder einen Triebanspruch der Innenwelt abweisen will, niemals ist der Erfolg ein vollkommener, restloser...*” (FREUD, 2021e, p. 170).

A condição do conflito psíquico está posta para todos os seres humanos, segundo a psicanálise freudiana, de modo que pode ser concebida como tal “princípio de organização” dos fenômenos psíquicos, comum a todos. De acordo com Safatle (2014, p. 36):

O aparelho psíquico, é, segundo Freud, organizado a partir do agenciamento de conflitos. Longe de ser uma instância unitária de representações que se cindiria apenas em situações patológicas, a psique está em contínuo conflito entre instâncias que obedecem a processos de pensamento e a modos de circulação do desejo, irreduzíveis entre si. Isso significa, entre outras coisas, que não há uma linguagem comum capaz de descrever tudo o que é da ordem da atividade de um sujeito. Não por outra razão, Freud nos mostrou como o sujeito é algo que não pode ser descrito apenas apelando a um pronome pessoal, como “Eu”. Ele é, na verdade, algo que está sempre entre dois pronomes, entre a pessoalidade do “Eu” e a impessoalidade do “Isso”. Entre “O Eu e o Isso”.

Como o aparelho psíquico não se divide apenas em situações patológicas e o conflito é incessante, a unificação completa de todas as tendências em oposição no aparelho psíquico é impossível, na medida em que estas são irreduzíveis entre si, como indica o filósofo. Na teoria freudiana, ainda conforme Safatle (2014, p. 46): “O reconhecimento d’Isso que o Eu inicialmente negou para poder se afirmar como instância autoidêntica, ou seja, o reconhecimento dessa exterioridade radical heterogênea, é um problema central.” O Eu se origina a partir do Isso, e não o contrário, de forma que a própria constituição do Eu passa por essa negação de partes do Isso, que é todo o psíquico, a princípio. Como analisa Silveira (2018, p. 54), o Isso não é resultado da censura do Eu, visto que isso significaria que o Eu se defende de uma parte dele mesmo, quando, na verdade, a defesa se dirige a “um outro do Eu no Eu”. Portanto, o conflito psíquico é condição *sine qua non* para a vida psíquica, por possibilitar a própria existência das regiões que compõem o aparelho psíquico.

Freud (2021b, p. 229)⁴⁸² esclarece que “não é o fato do conflito que cria a condição do estar doente”, mas sim a atitude do Eu diante desse conflito inevitável, que tipo de recursos ele mobiliza para mediá-lo. Nesse sentido, a função de síntese do Eu se mostra fundamental por consistir em uma forma de mediação, mas está sujeita a uma série de fracassos. Por um lado, não são esses fracassos que criam o conflito psíquico; por outro lado, a falha da função sintética pode ser considerada como uma das condições essenciais para o adoecimento psíquico. Na medida em que o Eu não tem sucesso em sua função de síntese, toma partido de uma das regiões psíquicas ou da realidade, ou se cinde, ele mesmo, não conseguindo chegar a acordos na vida anímica, o conflito é intensificado; conseqüentemente, surgem as reações patológicas que, por sua vez, prejudicam ainda mais o desempenho daquela função por parte

482 “[...] nicht die Tatsache dieses Konflikts schafft die Bedingung des Krankseins...” (FREUD, GW, 14, p. 231).

do Eu. Nesse sentido, a falha da função sintética do Eu aparece como resultado do adoecimento psíquico, mas, ao mesmo tempo, é uma de suas condições de possibilidade.

Freud reconhece a importância e, sobretudo, a dificuldade da tarefa de conciliação, a ponto de sugerir que, em última instância, sempre haverá falhas em sua execução, em maior ou menor grau. Quando uma pessoa falha totalmente nessa tarefa, “sucumbe à psicose e à loucura”; no entanto, mesmo que seja capaz de estabelecer um “equilíbrio” (*Ausgleich*) de seus conflitos, este equilíbrio é parcial: “Temos o direito de dizer: *todas as pessoas são mais ou menos neuróticas*” (FREUD, 1931/2017, p. 67, grifo nosso)⁴⁸³. Para nosso autor: “[...] é difícil que haja um estado reconhecidamente normal no qual traços neuróticos não possam ser apontados” (FREUD, 1940/2021e, p. 113)⁴⁸⁴. Em *A análise finita e a infinita* (1937), isso é levado ainda mais longe. À afirmação de que o tratamento psicanalítico depende de que o Eu do paciente seja normal e não um Eu psicótico, segue-se este complemento: “Mas esse Eu normal é uma ficção ideal; aliás, como toda normalidade” (FREUD, 2021b, p. 339)⁴⁸⁵. Todo Eu se aproxima mais ou menos do Eu psicótico, este que se encontra subjugado pelo Isso e rompeu as relações com a realidade.

Por um lado, a partir da ausência de diferença qualitativa entre o normal e o patológico, podemos afirmar que há uma espécie de generalização do adoecimento psíquico para todos os indivíduos. Se a normalidade é uma ficção ideal, isso significa que não é possível permanecer no estado de equilíbrio entre as forças opostas e desfrutar da conciliação entre as correntes psíquicas divergentes, pertencentes a cada uma das dependências do Eu. A falha da função de conciliação, unificação ou síntese exercida pelo Eu não é um evento isolado, mas uma situação recorrente, ainda que ela aconteça com prejuízos psíquicos maiores ou menores, a depender da intensidade das forças em jogo.

Por outro lado, podemos concluir que, se há alguma forma de normalidade, esta implica as falhas da função de síntese do Eu, em maior ou menor medida. Vejamos o que diz Florence (1994, p. 116) a esse respeito:

É totalmente impossível o acesso de forma direta a qualquer representação do “normal”. A personalidade psíquica só manifesta sua estrutura e os avatares de seu desenvolvimento graças às rupturas, às desarticulações, aos desmembramentos (*Zerlegungen, Zergliederungen*) que os processos patológicos produzem. Se sustentamos determinada representação-limite do normal, é preciso construí-la a partir de elementos da patologia, através do jogo diferencial das formações

483 “*Wir haben ein Recht zu sagen: Alle Menschen sind mehr oder weniger neurotisch.*” (FREUD, 2017, p. 66).

484 “[...] *gibt es kaum einen als normal anerkannten Zustand, in dem nicht Andeutungen neurotischer Züge nachweisbar wären.*” (FREUD, 2021e, p. 112).

485 “*Aber ein solches Normal-Ich ist, wie die Normalität überhaupt, eine Idealfiktion.*” (FREUD, GW, 16, p. 80).

patológicas em toda a sua extensão: indo dos mínimos tropeços da vida cotidiana às graves dissociações das experiências psicóticas.

A partir dessa análise, afirmamos que parece haver uma predestinação ao fracasso da função de síntese do Eu, que faz parte de tal representação-limite do normal para Freud. As cisões do Eu nos fetichistas, os bruscos rompimentos dessa instância com a realidade nos psicóticos e as limitações do Eu do neurótico para manter o recalque mostram os extremos aos quais podem chegar os prejuízos da função sintética, mas as defesas cotidianas e os recalques corriqueiros que provocam, por exemplo, os esquecimentos e os lapsos de linguagem, não deixam de demonstrar que o Eu se atrapalha, constantemente, em sua tarefa de conciliação.

O fato de o Eu estar fadado a falhar em sua função de síntese converge com o que investigamos acerca dessa instância psíquica até agora. No primeiro tópico deste capítulo, expusemos as relações ambíguas que o Eu estabelece com as pulsões de vida e as pulsões de morte, por meio da análise da dessexualização, que acontece em todas as transformações de libido de objeto em libido narcísica. Exploramos como, a um só tempo, o Eu e o narcisismo parecem perseguir a meta de ligação própria de Eros e servir às atividades de disjunção, almejadas pelas pulsões de morte. A função de síntese que o Eu cumpre na vida psíquica consiste em uma amostra de sua afinidade com as pulsões de vida, mas o fato de que ela fracasse constantemente, a ponto de todos os indivíduos apresentarem traços neuróticos – signos de que há uma perda da unidade do Eu –, revela que a posição ocupada pelo Eu no aparelho psíquico é sempre ambígua.

Destacamos, então, que a função sintética do Eu não se apresenta sem essas discontinuidades, em concordância com a ambiguidade própria ao Eu na psicanálise de Freud. Quando a sua função de síntese é observada apenas a partir do ângulo de uma atividade desta instância psíquica passível de ser cumprida plenamente, a complexidade do Eu freudiano e, conseqüentemente, sua ambiguidade correm o risco de serem amenizadas. Este parece ser o caso de Brook (2003), em seu esforço de aproximar os modelos de mente de Freud e Kant. O autor reconhece que o Eu freudiano corresponderia tanto à sensibilidade, quanto ao entendimento, separados por Kant, já que aquela instância psíquica tem tanto o lado perceptivo, quanto o lado cognitivo. Contudo, ainda assim associa o lado cognitivo do Eu ao entendimento kantiano. Utiliza a função de síntese que Freud outorga ao Eu como uma das justificativas para isso, já que a síntese consiste em uma noção central para o entendimento em Kant, em sua função de organizar as intuições sob conceitos. Para a psicanálise freudiana, esta e outras “funções egoicas” (*ego-functions*) “são o que permite ao ego como sistema

gerenciar as representações” (BROOK, 2003, p. 30). O autor relembra que a constituição do Eu e o desenvolvimento dos processos psíquicos secundários possibilitam a ligação das representações. Ele propõe a comparação entre as funções do Eu e a programação nos computadores, que torna possível ao *hardware* gerenciar os dados que recebe. Para nossos propósitos, é importante destacar que a imagem da programação nos computadores para ilustrar o Eu e suas funções, entre elas a de síntese, precisa ser complementada com o reconhecimento de que o Eu parece ser bem menos preciso que essas máquinas que processam dados e obedecem as instruções para as quais são programadas. O seu lado cognitivo é marcado por suas influências pulsionais; o Eu se lança em muitos desvios ao executar suas tarefas e fracassa constantemente em suas operações de síntese, justamente porque não exerce essa atividade sem interferências. Como vimos, trabalha servindo a interesses muito divergentes, a favor da ligação e do desligamento, a um só tempo, pela própria posição paradoxal que ocupa na vida psíquica.⁴⁸⁶

Quando lemos esse tipo de comparação feita por Brook e a analisamos com cautela, vemos alguns de seus limites se apresentarem. Soa estranho ao discurso freudiano que a capacidade do Eu de manter a unificação dos processos psíquicos seja assegurada, sem maiores ressalvas; também é curiosa que seja depositada tanta confiança nessa instância psíquica, que carrega tantas contradições, sobretudo desde a introdução do narcisismo e com os desdobramentos que ele provoca, como procuramos sustentar. No último passo deste trabalho, trataremos deste problema, mas no interior da teoria freudiana. Em outras palavras, apesar de todas as contradições internas ao Eu trazidas à tona por Freud, o próprio autor aposta no fortalecimento do Eu e em sua capacidade de síntese como um dos principais pontos de apoio no tratamento psicanalítico dos neuróticos. O objetivo será confrontar tal aposta com a ambiguidade que caracteriza essa instância psíquica, mesmo nas funções de síntese que lhe são próprias, as quais, como vimos, não se sucedem sem malogros. Tomaremos a seguinte pergunta como orientadora: como apostar, no tratamento analítico, a maioria das fichas no fortalecimento do Eu, como Freud sugere em trabalhos que tocam na questão da técnica, se ele mesmo nos adverte sobre as dubiedades inerentes ao Eu, as quais

486 Conforme mencionado em nota anteriormente, Béatrice Longuenesse (2017) também propõe a aproximação entre Freud e Kant, mas o faz por meio da analogia entre o Eu freudiano e a unidade transcendental da percepção. Para uma análise mais detalhada dessa aproximação realizada pela autora, incluindo os seus limites, devido a certa atenuação da complexidade do Eu em Freud, tal como observamos em Brook, ver Filla (2019).

analisamos tomando o narcisismo como fio condutor? Com isso, teremos os elementos para encerrar nosso percurso e concluir esse estudo sobre o Eu na teoria freudiana.

CAPÍTULO 5

O FORTALECIMENTO DO EU NO TRATAMENTO PSICANALÍTICO

Escrever sobre o tratamento psicanalítico em Freud nos obriga a tecer algumas considerações preliminares. Em primeiro lugar, é preciso destacar que nosso autor nunca realizou uma exposição sistemática da técnica psicanalítica. Embora tenha cultivado a intenção de escrever uma espécie de tratado geral sobre a técnica, como nos mostra Strachey, o fato é que Freud escreveu poucos artigos que tocam mais diretamente nesta questão, os quais foram publicados entre 1911 e 1915 e chegaram a ser reimpressos conjuntamente, sob o título *Sobre a técnica da psicanálise*. Para o tradutor, havia certa relutância da parte de Freud em divulgar esse tipo de material, tanto pelo receio de que os pacientes o lessem, o que poderia interferir no tratamento, quanto pelo ceticismo em relação ao papel que este material desempenharia na formação de psicanalistas. Strachey nos relembra a importância que Freud concedia à apreensão da psicanálise não apenas pelos livros, mas também por meio da própria experiência, a princípio a análise pessoal e, posteriormente, a análise de pacientes neuróticos (FREUD, 1991d, p. 79-82).⁴⁸⁷

Ainda assim, há indícios abundantes e valiosos a respeito do que se passa no interior do tratamento psicanalítico do início ao fim da obra freudiana, de maneira mais ou menos esparsa. De todo modo, se fôssemos capazes de reunir todas as indicações de Freud sobre a clínica psicanalítica, não deixaríamos de nos confrontar com a escassez de regras gerais. Para Iannini e Tavares (2021, p. 9): “Freud evitou a todo custo hipostasiar regras e procedimentos numa espécie de manual de protocolos ou de prescrições codificados para o analista, o que certamente poria a perder o essencial da prática analítica, que é a abertura à singularidade.” Ainda de acordo com os autores, a única regra fundamental postulada por Freud consiste na associação livre do paciente e na respectiva contraparte a esta do lado do analista, que deve praticar a atenção equiflutuante: “[...] afora essa regra única, tudo parece ter um estatuto menos inflexível” (IANNINI e TAVARES, 2021, p. 10). Entretanto, é preciso supor que, da

⁴⁸⁷ Temos aqui um problema epistemológico, levantado por autores como Sulloway (1991, p. 267). O autor questiona como a psicanálise poderia ser aprendida, já que não isso não pode ocorrer por meio dos livros, chegando à questão fundamental: “Em outras palavras, como a psicanálise fez a transição de uma ciência teórica desenvolvida primeiramente por um indivíduo, para uma ciência prática aplicada a vários indivíduos?”. Abordaremos a seguir, ainda que brevemente, a transição do singular para o geral na psicanálise freudiana, que está pressuposta nesse questionamento de Sulloway.

singularidade de cada caso, que exige uma condução particular por parte do analista, seja possível extrair diretrizes válidas para todos os casos. Se não fosse assim, como seria viável falar em *Fundamentos da clínica psicanalítica*? Este é o título do volume que reúne os escritos técnicos, para o qual os autores citados acima escrevem a introdução que recuperamos aqui. O fato de não existirem regulamentos rígidos e inflexíveis não deve impedir que os fundamentos da técnica criada por Freud sejam localizados.

A questão da relação entre a técnica tomada no sentido particular, conforme cada caso, e da técnica como válida para todos os casos tem como pano de fundo o problema fundamental da tensão entre a singularidade e a universalidade na constituição da psicanálise enquanto ciência. Afinal, o criador da psicanálise a define a partir de três características: trata-se de um “procedimento” (*Verfahren*) para a investigação de determinados processos psíquicos, que não parecem ser acessíveis por outro meio; um “método de tratamento” (*Behandlungsmethode*) de pessoas consideradas neuróticas; e uma série de “conhecimentos psicológicos”, assim adquiridos, que formam uma nova “disciplina científica” (*wissenschaftliche Disziplin*) (FREUD, 1923/2011b, p. 274)⁴⁸⁸. A psicanálise enquanto disciplina científica é indissociável da psicanálise enquanto procedimento investigativo e método de tratamento. Nesse sentido, a experiência com cada caso clínico se mostra fundamental para construir o conjunto de conhecimentos denominado psicanálise. Como lemos no *Manuscrito inédito de 1931*, no qual Freud se propõe a realizar um estudo psicológico de Thomas Woodrow Wilson, isso só se torna possível porque este foi uma pessoa como qualquer outra e “também esteve sujeito às mesmas leis do desenvolvimento psíquico que qualquer outro. A validade universal dessas leis foi demonstrada pela investigação psicanalítica por meio do exame de incontáveis pessoas individualmente” (FREUD, 2017, p. 33)⁴⁸⁹. É preciso supor a passagem da singularidade do caso à universalidade das leis psíquicas que regem a vida do ser humano tomado no sentido geral, para que seja viável a construção da ciência psicanalítica.

Desse ponto de vista, na constituição da psicanálise, as experiências singulares vieram tanto de cada um dos casos clínicos, quanto da autoanálise de Freud. Quanto à primeira fonte, temos as inumeráveis horas de dedicação diária aos pacientes e a publicação dos cinco grandes casos, a saber, Dora, Hans, Schreber, Homem dos Ratos e Homem dos Lobos. O

488 Cf. FREUD, GW, 13, p. 211.

489 “[Wilson war doch im Grunde] ein Mensch wie ein anderer und denselben Gesetzen der seelischen Entwicklung unterworfen. Die Allgemeingiltigkeit dieser Gesetze ist von der psychoanalytischen Forschung durch die Untersuchung ungezählt vieler Einzelpersonen erwiesen worden.” (FREUD, 2017, p. 32).

valor desses casos clínicos, para Soria (2010, p. 184), está no fato de que “revelam muito acerca do homem em geral e podem elevar-se à condição de protótipo”. Eles mostram, ainda segundo a autora, “como os mais diferentes fenômenos clínicos podem ser reduzidos a certos elementos primordiais”; o caráter científico do trabalho de Freud estaria relacionado ao fato de que este autor “oferece ao leitor um *modelo geral e prototípico* para a compreensão do homem em geral” (SORIA, 2010, p. 184, grifo da autora), sendo os grandes casos clínicos exemplos disso. Para Gay (2012, p. 106): “Seus famosos casos clínicos refletem vivamente seu compromisso simultâneo com a individualidade e a generalidade; cada um deles retrata um paciente irreprodutível que, ao mesmo tempo, pertence a uma categoria de casos.” A respeito da autoanálise como fonte de experiência singular passível de generalização, o biógrafo de Freud também traz considerações importantes:

Assim, Freud reconhecia que ninguém, nem mesmo ele, é Todo Mundo. Mas, com a devida cautela, levando em conta as variações que fazem de cada indivíduo exatamente o que ele é – um indivíduo –, Freud estava disposto a ler sua própria experiência mental para melhor entender a de seus semelhantes. (GAY, 2012, p. 106).

Nesse sentido, da mesma forma que é possível passar de leis psíquicas individuais para leis psíquicas universais, também deve ser possível transitar da técnica psicanalítica utilizada em determinado caso, para diretrizes gerais da técnica, que a tornam aplicável a qualquer caso a ser alvo de uma psicanálise. O próprio Freud nos autoriza a pensar desta maneira, de acordo com o que escreve em *Sobre o início do tratamento* (1913):

A diversidade extraordinária das constelações psíquicas em questão, a plasticidade de todos os processos anímicos e a riqueza de fatores determinantes também se opõem a uma mecanização da técnica e permitem que um procedimento usualmente justificado por vezes se torne sem efeito, assim como um procedimento costumeiramente errôneo algumas vezes possa levar ao objetivo esperado. *No entanto, essas condições não impedem que se estabeleça uma postura razoavelmente adequada do médico.* (FREUD, 2021b, p. 121-122, grifo nosso).⁴⁹⁰

Não perderemos de vista essa tensão entre a plasticidade da técnica e a possibilidade de estabelecer seus fundamentos ao tratar do papel ocupado pelo Eu no tratamento psicanalítico. Por um lado, temos a particularidade da constituição psíquica de cada indivíduo, a intensidade pulsional com a qual ele vem ao mundo, as contingências de suas vivências biográficas e, por conseguinte, as especificidades de suas instâncias psíquicas – sob quais

⁴⁹⁰ “Die außerordentliche Verschiedenheit der in Betracht kommenden psychischen Konstellationen, die Plastizität aller seelischen Vorgänge und der Reichtum an determinierenden Faktoren widersetzen sich auch einer Mechanisierung der Technik und gestatten es, daß ein sonst berechtigtes Vorgehen gelegentlich wirkungslos bleibt und ein für gewöhnlich fehlerhaftes einmal zum Ziele führt. Diese Verhältnisse hindern indes nicht, ein durchschnittlich zweckmäßiges Verhalten des Arztes festzustellen.” (FREUD, GW, 8, p. 454-55).

influências externas se desenvolveram o seu Eu, o seu Supereu, e como estes se relacionam entre si, a depender das exigências do meio no qual se situa o indivíduo, tanto familiar, quanto cultural, no sentido mais amplo –. Em sua neurose, manifestará sintomas individuais, que se relacionam com a sua constituição e com as suas vivências, que exigirão uma “interpretação *histórica*” capaz de revelar seu sentido (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 361, grifo do autor)⁴⁹¹.

Por outro lado, também devemos levar em conta as explicações gerais fornecidas por Freud a respeito da natureza humana, a estruturação típica das regiões do aparelho psíquico e as relações conflituosas que comumente travam entre si. Como nos explica o autor, o neurótico também manifesta sintomas típicos, mais ou menos iguais em todos os casos, baseados em vivências típicas em si mesmas e comuns a todos, de modo que seja possível estabelecer um “pano de fundo homogêneo”, sobre o qual são construídas as particularidades de cada caso (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 362-363)⁴⁹². O tratamento psicanalítico de um indivíduo deve levar ambos os fatores em questão e, por essa razão, também terá, a um só tempo, uma ampla flexibilidade – conforme sugere Freud (1910/2013, p. 293)⁴⁹³ ao considerar que a técnica deve se modificar de acordo com o quadro de cada doente – e determinados pontos de sustentação que o caracterizam como uma psicanálise.

5.1 Os fundamentos da técnica psicanalítica ao longo dos escritos de Freud

Não temos a pretensão de esgotar as considerações de Freud sobre a técnica, dispersas por toda a obra, como notamos acima. Proporemos um recorte dos escritos, orientado por uma questão bem delimitada, a saber, a investigação do lugar ocupado pelo Eu no tratamento psicanalítico. Conforme pretendemos mostrar, ainda que considere toda a diversidade de constelações psíquicas possíveis, Freud parece incluir o fortalecimento do Eu entre os pontos de sustentação da técnica.

Partiremos do período pré-psicanalítico, mais precisamente do momento de constituição do método psicanalítico, a partir do método catártico. Enfatizaremos que a modificação do indivíduo buscada por meio do tratamento já implicava a modificação de seu Eu, embora seu fortalecimento propriamente dito não fosse uma meta a ser alcançada. Depois, abordaremos os escritos sobre técnica já mencionados, além de outros trabalhos

491 “[...] historische *Deutung*...” (FREUD, GW, 11, p. 278).

492 “[*Auf diesem*] gleichartigen *Untergrund*...” (FREUD, GW, 11, p. 279).

493 Cf. FREUD, GW, 8, p. 108.

contemporâneos a estes, por meio dos quais mostraremos que o adoecimento neurótico passa a se relacionar a uma fraqueza do Eu infantil e seus consequentes recalques, de modo que o restabelecimento do doente se volta para o apoio conferido pelo médico ao seu Eu, amadurecido e fortalecido durante a vida e então capaz de revisar seus antigos recalques. Por fim, alcançaremos as obras mais tardias, situadas já no contexto da “virada” de 1920, com o intuito de mostrar que fortalecer o Eu do paciente passa a consistir em um dos objetivos centrais do tratamento. Nossa finalidade consiste em mostrar a relevância que o fortalecimento da instância psíquica do Eu adquire para a intervenção clínica freudiana, para então contrapor isso à ambiguidade do Eu, que investigamos a partir do conceito de narcisismo, o que será feito no último tópico deste capítulo.

5.1.1 Do método catártico ao método psicanalítico: a reestruturação do Eu pela aceitação do recalcado

Se Simanke (1994b, p. 1) tem razão ao afirmar que a histeria consiste no “paradigma clínico” para a investigação freudiana, o qual condicionou toda a constituição da psicanálise enquanto “nova disciplina” e “corpo de conceitos fundamentais específicos”, nada melhor do que tomar os *Estudos sobre a histeria* (1893-1895) como ponto de partida deste percurso pela “reflexão clínica” freudiana, para usar mais uma expressão do autor. O próprio Freud justifica esta escolha, pois além de considerar este escrito como um “testemunho” (*Zeugnis*) de suas primeiras opiniões, recomenda sua leitura àqueles interessados no desenvolvimento do método catártico à psicanálise, para que possam acompanhá-lo no caminho por ele traçado (FREUD, 2016a, p. 17)⁴⁹⁴.

Strachey, em sua nota introdutória ao livro citado (FREUD, 1992f), também ressalta a importância do trabalho em revelar como Freud inventou um instrumento capaz de investigar a vida psíquica humana, para além dos processos visíveis na consciência. Este instrumento foi criado a partir de uma série de obstáculos descobertos durante a prática clínica. A sugestão hipnótica, primeiro recurso utilizado na psicoterapia, logo revelou não ser aplicável em diversos pacientes. Diante desta dificuldade, ocorreu a renúncia gradual da hipnose, com a transição para a técnica da pressão sobre a testa, na qual Freud apenas solicitava ao paciente que se concentrasse e fechasse os olhos e realizava uma pressão sobre a sua cabeça, após a

494 Cf. FREUD, GW, 1, p. 79.

qual assegurava ao doente que a ocorrência ligada ao sintoma se tornaria disponível. Esta técnica, por sua vez, abriu espaço para a fala e a escuta menos direcionadas no ambiente clínico e para o aparecimento de fenômenos como a resistência. De modo geral, como destaca o tradutor de Freud, os obstáculos com os quais o futuro psicanalista se deparou em sua prática e o esforço de superá-los, que conduziram à regra fundamental da associação livre, são apresentados nesta obra escrita em conjunto com Breuer, aspectos que a tornam especialmente importante, tanto do ponto de vista técnico, quanto teórico.

Já na *Comunicação preliminar*, escrita por Freud e Breuer e publicada em 1893, temos indicações valiosas a respeito do método de psicoterapia que será exposto por meio dos casos clínicos e dos capítulos finais, conhecido como método catártico. Os autores consideram que o conjunto de sintomas histéricos se encontra fundamentado em “traumas psíquicos que escaparam à liquidação por ab-reação ou por trabalho mental associativo” (FREUD, 2016a, p. 35)⁴⁹⁵, considerando que a vivência traumática pode ter seu afeto descarregado dessas duas maneiras, a saber, por meio de reações como atos, palavras ou choro, e por meio das operações associativas, quando a lembrança em questão entra no complexo das associações e passa a perder sua intensidade afetiva, o que permite que ela seja esquecida. Como o afeto persiste junto à lembrança do trauma psíquico, esta se torna patógena, agindo como um “corpo estranho” (*Fremdkörper*) no presente, ainda que tenha ocorrido no passado mais remoto (FREUD, 2016a, p. 23)⁴⁹⁶. Como já vimos, por trás dos sintomas histéricos, há uma cisão da consciência, decorrente dessa dissociação de determinada lembrança do trauma – ou de um conjunto de lembranças, já que podem ocorrer várias situações traumáticas que se somam – para uma segunda consciência, razão pela qual tais conteúdos psíquicos tornam-se inacessíveis à memória da consciência normal.

Em suas experiências com histéricos e histéricas, os autores revelam terem observado “que uma lembrança tal, que até então provocou ataques, torna-se incapaz de fazê-lo quando na hipnose a levamos à reação e à correção associativa” (FREUD, 2016a, p. 35)⁴⁹⁷. Freud e Breuer são direcionados a reconhecer os efeitos terapêuticos desse tipo de recordação que acontecia sob hipnose, no qual a vivência era relembrada e seu afeto era colocado em

495 “[...] psychische Traumen, die sich der Erledigung durch Abreagieren oder durch assoziative Denkarbeit entzogen haben...” (FREUD, GW, 1, p. 94).

496 Cf. FREUD, GW, 1, p. 85.

497 “[...] daß eine solche Erinnerung, die bis dahin Anfälle provoziert hatte, dazu unfähig wird, wenn man sie in der Hypnose zur Reaktion und assoziativen Korrektur bringt.” (FREUD, GW, 1, p. 94-95).

palavras, em uma espécie de catarse, e a arriscar a seguinte definição de seu método psicoterápico:

Ele anula a efetividade da ideia que originalmente não foi ab-reagida, ao permitir a seu afeto estrangulado o escoamento pela fala, e a leva à correção associativa, impelindo-a para a consciência normal (em hipnose mais leve) ou removendo-a por sugestão médica, como ocorre no sonambulismo com amnésia. (FREUD, 2016a, p. 38, grifo dos autores).⁴⁹⁸

Seja em maior ou menor grau de hipnose, trata-se de conceber o tratamento como um meio de escoar aquele afeto que está estrangulado junto à representação e que faz do trauma psíquico aquele corpo estranho em atuação permanente no psiquismo. Laplanche e Pontalis (1970, p. 23, grifo nosso) indicam que a noção de ab-reação nunca deixa de estar presente na “teoria do tratamento psicanalítico”, mesmo nos anos posteriores, já que ocorrem “manifestações de descarga emocional” em qualquer tipo de tratamento, além de sempre estarem em jogo as noções de rememoração e de repetição; no entanto, ambos também ressaltam: “Noções como a de transferência, de perlaboração, de agir, implicam uma referência à teoria da ab-reação, ao mesmo tempo que conduzem a concepções do tratamento mais complexas do que as da *pura e simples liquidação do afeto traumatizante*.”

De fato, pelo menos na *Comunicação preliminar*, a concepção do tratamento apresenta este caráter puro e simples que pode ser condensado no objetivo da ab-reação. Schneider (1993, p. 77, grifo da autora) destaca que, neste momento inicial dos *Estudos sobre a histeria*, os autores recorrem sobretudo às “metáforas expulsivas”: “[...] o esclarecer estava, então, associado a um trabalho de liquidação e poderia se *realizar* em uma liberação espetacular, pela qual o ‘corpo estranho’ se achava rejeitado na medida em que era ‘expresso’.” O excesso do afeto era descarregado e o ganho terapêutico era consequência disso. Entretanto, como a própria autora também mostra em seu trabalho, o esquema em ação na psicoterapia da histeria sofre uma complexificação significativa ao longo da obra, que é exposta, sobretudo, no quinto e último caso apresentado por Freud, o de Elisabeth Von R., considerado como o momento de “reviravolta mais nítida” pela comentadora (SCHNEIDER, 1993, p. 77). Isso porque revela a substituição das metáforas expulsivas pelas metáforas orais, no sentido da assimilação do trauma, em vez de sua expulsão, ainda de acordo com a autora. O amor que Elisabeth sentia pelo cunhado, que lhe sobrevém diante da morte da irmã, significava uma agressão interna e

498 “Sie hebt die Wirksamkeit der ursprünglich nicht abreagierten Vorstellung dadurch auf, daß sie dem eingeklemmten Affekte derselben den Ablauf durch die Rede gestattet, und bringt sie zur assoziativen Korrektur, indem sie dieselbe ins normale Bewußtsein zieht (in leichterem Hypnose) oder durch ärztliche Suggestion aufhebt, wie es im Somnambulismus mit Amnesie geschieht.” (FREUD, GW, 1, p. 97).

não externa, que exigia outro tipo de tramitação: “Nenhuma via de salvação fora do reconhecimento, da adoção” (SCHNEIDER, 1993, p. 77).

Para que possamos compreender essa modificação e investigá-la mais a fundo, daremos alguns passos atrás. A nosso ver, é pertinente retomar alguns pontos trabalhados por Freud já no terceiro caso na ordem de exposição freudiana, o de Miss Lucy R., que contribuem para esta reviravolta à qual se refere Schneider. Primeiramente, gostaríamos de destacar que, a essa altura, nosso autor já tinha clareza a respeito da condição psíquica indispensável para a aquisição da histeria, a saber, que uma representação fosse recalçada da consciência e, com isso, excluída dos processos associativos, de forma que o afeto relacionado a ela se destinasse ao corpo pela conversão histórica. O fundamento deste recalque consistia na inconciliabilidade da representação a ser recalçada com “a massa de ideias dominantes no Eu” (FREUD, 2016a, p. 169)⁴⁹⁹. O trauma se instaurava precisamente no momento em que havia essa contradição imposta ao Eu e este decidia expulsar a ideia para o “inconsciente” – termo que já era utilizado por nosso autor aqui –. Se havia uma “cisão da consciência” (*Spaltung des Bewußtseins*), esta consistia na “formação de um grupo psíquico separado do Eu” (FREUD, 2016a, p. 178)⁵⁰⁰.

Em nosso primeiro capítulo, vimos que esta é a primeira forma da teoria da defesa freudiana, sustentada pelo autor já em 1894, no escrito *As neuropsicoses de defesa*. Chamamos a atenção para o fato de ela já estar presente nas explicações do caso de Miss Lucy R. para indicar que a concepção do tratamento começa a ultrapassar aquela noção de abreação já neste caso clínico. A prova disto é a seguinte consideração freudiana, que diz respeito à paciente em questão: “A terapia consistiu, aqui, na coação que impôs a união do grupo psíquico separado com a consciência do Eu” (FREUD, 2016a, p. 179)⁵⁰¹. Não se trata apenas da rememoração, com a concomitante liquidação do afeto ligado ao trauma psíquico. É necessária uma “coação” (*Zwang*) à união dos grupos psíquicos que foram dissociados, a fim de promover um movimento contrário à ação defensiva de isolamento de determinado conjunto de representações e dos afetos ligados a elas.

No entanto, tal união psíquica provocada na psicoterapia não parece ser de qualquer tipo. Isso porque, em um contexto diferente da intervenção psicoterapêutica, nas ocasiões em que confluem o Eu e os conteúdos psíquicos que lhe são inconciliáveis, tendo como resultado

499 “[...] [mit der] herrschenden Vorstellungsmasse des Ich.” (FREUD, GW, 1, p. 174).

500 “[...] vom Ich getrennten psychischen Gruppe...” (FREUD, GW, 1, p. 182).

501 “Die Therapie bestand hier in dem Zwange, der die Vereinigung der abgespaltenen psychischen Gruppe mit dem Ichbewußtsein durchsetzte.” (FREUD, GW, 1, p. 183).

a unidade da consciência anteriormente cindida, podem ser produzidas novas conversões. Estes são os momentos traumáticos auxiliares, de acordo com Freud. O quarto caso, o de Katharina, é ilustrativo a esse respeito, já que ela traz, em seu relato, tanto as vivências de sedução pelo pai ocorridas na sua infância, que são os momentos traumáticos, quanto a cena sexual entre o pai e a prima, observada na adolescência, que seria o momento traumático auxiliar: “[...] nas primeiras foi criado um conteúdo de consciência que, excluído da atividade pensante do Eu*, permaneceu guardado, enquanto na última cena uma nova impressão forçou esse grupo à parte a se unir associativamente ao Eu” (FREUD, 2016a, p. 192)⁵⁰². Nesta união provocada pelo momento traumático auxiliar, a conversão é realizada e, por conseguinte, produz-se o sintoma histérico. É possível que haja uma série de momentos traumáticos auxiliares, os quais, pela semelhança com as representações inconciliáveis, provocam um reforço destas, até então separadas do Eu. Este não pode evitar ser confrontado com o conflito novamente, mas pode encontrar na conversão, mais uma vez, uma forma de proteção capaz de restabelecer o isolamento defensivo das representações e dos afetos dos quais não quer saber. Afinal, é esta separação, impeditiva do livre trânsito associativo, que permite o estado particular encontrado na histeria, no qual “saber” e “não saber” sobre determinado conteúdo psíquico convivem, lado a lado.

Desse modo, a união associativa entre o Eu e o grupo psíquico dele apartado a ser promovida na psicoterapia deve se empenhar em proporcionar aquele livre trânsito associativo, evitando que novas conversões sejam realizadas. A ideia é que a relação entre o Eu e as representações e afetos que lhe causaram repulsa, provocando a defesa, não seja mais de incompatibilidade. A inconciliabilidade aconteceu pelo fato de que ideias que chegam ao Eu são submetidas a uma censura, como explica nosso autor: “Com efeito, os psicólogos em geral admitem que a *aceitação* de uma nova ideia (*aceitação no sentido de crença, de reconhecer como real*) depende da natureza da orientação das ideias já reunidas no Eu” (FREUD, 2016a, p. 378, grifo nosso)⁵⁰³. A psicoterapia, então, se empenhará em fazer com que a ideia não aceita pelo Eu possa vir a sê-lo: “O não saber dos histéricos era pois, em verdade, um mais ou menos consciente não querer saber, e a tarefa do terapeuta consistia em

502 “[...] in den ersteren ein Bewußtseinsinhalt geschaffen wurde, welcher, von der Denktätigkeit des Ich ausgeschlossen, aufbewahrt blieb, während in der letzteren Szene ein neuer Eindruck die assoziative Vereinigung dieser abseits befindlichen Gruppe mit dem Ich erzwang.” (FREUD, GW, 1, p. 194). *Nesta ocorrência, “Eu” não foi grafado desta forma na edição consultada, mas sim com a inicial minúscula.

503 “Es wird ja von den Psychologen allgemein zugegeben, daß die Annahme einer neuen Vorstellung (Annahme im Sinne des Glaubens, des Zuerkennens von Realität) von der Art und Richtung der bereits im Ich vereinigten Vorstellungen abhängt....” (FREUD, GW, 1, p. 269).

vencer essa *resistência à associação* por meio de um trabalho psíquico” (FREUD, 2016a, p. 379, grifo do autor)⁵⁰⁴.

Este trabalho psíquico está diretamente relacionado àquela noção de aceitação ou admissão – traduções possíveis de *Annahme* –, colocada em primeiro plano por Schneider (1993, p. 70) e aproximada à noção de *Aufnahme* pela autora. O segundo termo alemão é recorrente no caso de Elisabeth Von R., sobretudo em duas ocasiões, a saber, quando é abordada a dificuldade da paciente de realizar a “admissão em sua consciência” (*Aufnahme in ihr Bewußtsein*) do amor que sentia pelo cunhado e, logo na sequência, quando são descritos os efeitos devastadores que a “readmissão” (*Wiederaufnahme*) do conteúdo recalcado teve, a princípio, para a paciente (FREUD, 2016a, p. 226)⁵⁰⁵. Schneider (1993) critica a tradução francesa de *Wiederaufnahme* por “tomada de consciência”, mostrando como esta palavra alemã pode ser aproximada àquela noção de *Annahme*, em relação à qual o próprio Freud se preocupa em precisar o significado na citação que recuperamos no parágrafo anterior: “aceitação no sentido de crença, de reconhecer como real”. A utilização desses termos por Freud, com seus respectivos sentidos “menos intelectualistas” do que sugere a expressão “tomada de consciência”, é uma pista valiosa para Schneider (1993, p. 69), pois aponta na direção do que ela considera ser essencial ao método freudiano: “Na verdade, a característica do método freudiano, seja ele catártico ou analítico não é a de ensinar o que seria supostamente não sabido, mas de sabê-lo de outra forma.” Não se trata de tomar consciência na concepção reflexiva, conforme o sentido filosófico habitual que a expressão adquiriu, como “um movimento de transcendência, de visão, de distanciamento” (SCHNEIDER, 1993, p. 70-71). O valor da noção de *Annahme* está em revelar que a representação e o afeto ligado a ela, anteriormente insuportáveis ao Eu, precisam ser acolhidos por este, admitidos em seu interior, de forma que “este movimento de admissão evoca mais a ideia de uma abdicção que de uma tomada de poder, e compreende-se que o sujeito ‘resiste’, tanto quanto pode, antes de aceitar a rendição” (SCHNEIDER, 1993, p. 72).

Neste ponto, retornamos à mudança indicada por Schneider no modo de conceber a psicoterapia, não mais como uma atividade de livrar-se de afetos, como aparecia na *Comunicação preliminar*, mas sim como um esforço de assimilar, aceitar ou admitir as representações causadoras de dor psíquica, então inconscientes, junto às demais

504 “Das Nichtwissen der Hysterischen war also eigentlich ein — mehr oder minder bewußtes-Nichtwissenwollen, und die Aufgabe des Therapeuten bestand darin, diesen Assoziationswiderstand durch psychische Arbeit zu überwinden.” (FREUD, GW, 1, p. 269).

505 Cf. FREUD, GW, 1, p. 222-223.

representações dominantes na consciência do Eu. O próprio Freud chega a reconhecer, em seu capítulo sobre a psicoterapia da histeria, as falhas da comparação anteriormente realizada, entre a lembrança patogênica e o corpo estranho e entre a terapia e a atividade de extirpá-lo. O corpo estranho causa inflamações, mas não se vincula às camadas de tecido à sua volta, diferentemente do que ocorre com o material patogênico:

Nosso grupo psíquico patogênico, em contrapartida, não se deixa extrair limpamente do Eu; por todos os lados as suas camadas externas passam para o Eu normal; na verdade, pertencem a este último tanto quanto à organização patogênica. [...] A organização patogênica não se comporta realmente como um corpo estranho, mas, isto sim, como um material infiltrado. Nessa imagem, a resistência deve ser tomada como aquilo que está infiltrando. *E a terapia também não consiste em extirpar algo – disso a psicoterapia é incapaz ainda hoje –, mas em dissolver as resistências e, desse modo, abrir à circulação o caminho para uma região até então bloqueada.* (FREUD, 2016a, p. 407-408, grifo nosso).⁵⁰⁶

A essa altura do texto, Freud reconhece a intimidade entre o Eu e o material patogênico⁵⁰⁷, substitui a metáfora do corpo estranho pela metáfora da infiltração e concebe a psicoterapia como uma ação na contramão da resistência, que serve à manutenção de um suposto controle ao tentar manter isolado, exterior ao Eu, aquilo que o incomoda. A terapia só é capaz de abrir o caminho para uma região anteriormente inacessível quando o Eu aceita, acolhe ou admite o conteúdo que rejeitou antes. Se há uma tomada de consciência, ela tem o sentido de que o paciente possa “acolher” (*aufnehmen*) a lembrança recalçada “na extensão do Eu” (*in die Weite des Ichs*) (FREUD, 2016a, p. 409)⁵⁰⁸. Além disso, o trabalho terapêutico de descobrir o que está apartado do Eu e reintroduzi-lo neste implica uma mudança no indivíduo: “Quando uma lembrança ou conexão patogênica, antes retirada do Eu-consciência, é descoberta pelo trabalho da análise e introduzida no Eu, observamos, na personalidade psíquica assim enriquecida, diferentes formas de se manifestar sobre seu ganho” (FREUD, 2016a, p. 419)⁵⁰⁹. Esta mudança incide precisamente sobre seu Eu, que terá atitudes

506 “*Unsere pathogene psychische Gruppe dagegen läßt sich nicht sauber aus dem Ich herausschälen, ihre äußeren Schichten gehen allseitig in Anteile des normalen Ich über, gehören letzterem eigentlich ebenso sehr an wie der pathogenen Organisation. [...] Die pathogene Organisation verhält sich nicht eigentlich wie ein Fremdkörper, sondern weit eher wie ein Infiltrat. Als das Infiltrierende muß in diesem Gleichnisse der Widerstand genommen werden. Die Therapie besteht ja auch nicht darin, etwas zu exstirpieren — das vermag die Psychotherapie heute nicht, — sondern den Widerstand zum Schmelzen zu bringen und so der Zirkulation den Weg in ein bisher abgesperrtes Gebiet zu bahnen.*” (FREUD, GW, 1, p. 294-295).

507 Aqui temos indícios da relação estreita que será estabelecida entre o Eu e o sintoma, no sentido do ganho secundário da doença, e de como isso toma a forma de uma importante resistência à cura no tratamento, como vimos nos capítulos anteriores. Voltaremos a este ponto mais tarde, com a intenção de destacar como o Eu se altera em seus processos defensivos e como Freud leva isso em conta em suas considerações sobre a clínica psicanalítica.

508 Cf. FREUD, GW, 1, p. 296.

509 “*Ist eine pathogene Erinnerung oder ein pathogener Zusammenhang, der dem Ich-Bewußtsein früher entzogen war, durch die Arbeit der Analyse aufgedeckt und in das Ich eingefügt, so beobachtet man an der*

diferentes, a depender de onde se origina a recordação patógena: “O que pertence às camadas mais externas é reconhecido sem dificuldade; permaneceu de posse do Eu, e apenas sua ligação com as camadas mais profundas do material patogênico é uma novidade para o Eu” (FREUD, 2016a, p. 420)⁵¹⁰. O que interessa ao método freudiano é, justamente, que o Eu se altere acolhendo não apenas o que é fácil de ser reconhecido, mas especialmente aqueles conteúdos psíquicos que lhe eram insuportáveis.

Isso nos permite compreender porque Schneider (1993, p. 73) insiste no fato de que a admissão do conteúdo recalçado não consiste em tomar conhecimento de algo desconhecido, como um reconhecimento intelectual de uma representação; trata-se de conceder a devida radicalidade à noção de aceitação: “É nisto que a admissão de uma representação constitui um movimento indissolúvelmente representativo e afetivo.” De modo convergente, a autora propõe que os efeitos desta admissão não sejam reduzidos a um mero alargamento da consciência. Schneider (1993, p. 76, grifo nosso) sustenta que há uma modificação no indivíduo que passa por uma mudança em seu Eu, ambos como resultados da psicoterapia: “Se ele [Freud] fala algumas vezes em ‘admitir na consciência’, emprega também, outras vezes, uma fórmula cujas implicações são claramente diferentes: ‘admitir no eu’, o que supõe mais *uma reestruturação deste eu* do que uma extensão do campo de consciência.” É nesse sentido que a autora comentava sobre aquela reviravolta trazida pelo caso de Elisabeth Von R., já que não se tratava de tornar consciente o amor pelo cunhado – a paciente adquiriu consciência desse amor em diversos momentos –, mas de admiti-lo em seu Eu e de transformá-lo a partir deste reconhecimento, para que as associações pudessem circular em sua vida psíquica sem zonas proibidas: “Uma distância considerável separa este ideal da livre circulação daquele, primitivo, da eliminação” (SCHNEIDER, 1993, p. 78).

Schneider constrói sua argumentação tendo como pano de fundo o problema do afeto, mas seus comentários se mostram especialmente úteis para nós, na medida em que deles destacamos esta modificação no Eu que já está em pauta, mesmo nos primórdios da clínica freudiana. A autora nos auxilia a demonstrar a participação do Eu na psicoterapia, tal como ela é concebida neste período, para além da aparente simplicidade da ab-reação. Em um de seus relatos sobre a história da técnica psicanalítica, o criador da psicanálise afirma que, no

so bereicherten psychischen Persönlichkeit verschiedene Arten sich über ihren Gewinn zu äußern.” (FREUD, GW, 1, p. 305).

510 “*Was den äußersten Schichten angehört, wird ohne Schwierigkeit anerkannt, es war ja im Besitze des Ich geblieben, und nur sein Zusammenhang mit den tieferen Schichten des pathogenen Materials war für das Ich eine Neuigkeit.*” (FREUD, GW, 1, p. 305).

método catártico, o interesse se concentrava na ocasião em que se efetuou a formação dos sintomas, de modo que “lembrar e ab-reagir eram os objetivos a serem atingidos por meio do estado hipnótico” (FREUD, 1914/2021b, p. 151)⁵¹¹. No entanto, como procuramos mostrar, mesmo no processo de formação da técnica psicanalítica podemos vislumbrar mais do que isso que nos conta o próprio Freud. Já se anuncia aqui que o processo de análise requer uma transformação do indivíduo, levada a cabo a partir de uma modificação em seu Eu, já que este precisa aceitar os conteúdos psíquicos com os quais entrou em desacordo. Este Eu, que isolou determinado material psíquico, apropria-se dele novamente, ganha algo com isso, amplia-se em sua extensão a partir deste movimento, como vimos. Isso que está presente nos *Estudos sobre a histeria* em termos de uma reestruturação do Eu, no entanto, tomará a direção de seu fortalecimento, como veremos na sequência.

5.1.2 A revisão do recalque infantil: do Eu fraco ao Eu forte

Considerando o período propriamente psicanalítico, a partir de 1900, até a “virada” de 1920, há um volume grande de fragmentos de textos que tocam na questão do tratamento. Concentraremos nossos esforços em revisitar os já citados escritos sobre técnica, que reúnem obras publicadas entre 1911 e 1915⁵¹², e algumas das *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917), mas não deixaremos de considerar outros trabalhos de Freud incluídos neste intervalo de tempo. Como procuraremos mostrar, é possível localizar uma série de indicações que se repetem e que se mostram valiosas para o problema que nos interessa, a saber, a importância que o fortalecimento do Eu adquire na psicoterapia psicanalítica.

A renúncia à hipnose, que começa a acontecer já nos casos apresentados nos *Estudos sobre a histeria*, abre espaço para o desenvolvimento da técnica da associação livre, da qual já temos notícias na *Interpretação dos sonhos*. Ao expor a técnica psicanalítica como método terapêutico nesta obra, nosso autor destaca o pedido que faz a seus pacientes de que abandonem sua reflexão, deixem de lado a atividade voluntária e a crítica com a qual têm o hábito de julgar seus próprios pensamentos, e comuniquem as ideias que lhes ocorram no tratamento, por mais que pareçam arbitrárias, desimportantes ou reprováveis. O material que

511 “Erinnern und Abreagieren waren damals die mit Hilfe des hypnotischen Zustandes zu erreichenden Ziele.” (FREUD, GW, 10, p. 126).

512 São eles *O uso da interpretação dos sonhos na psicanálise* (1911); *Sobre a dinâmica da transferência* (1912); *Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico* (1912); *Sobre o início do tratamento* (1913); *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914); *Observações sobre o amor transferencial* (1915).

emerge permite tanto a análise dos sintomas, quanto a do sonho, já que é composto pelas “representações-meta ocultas” (*verborgene Zielvorstellungen*) relacionadas ao estado patológico ou ao conteúdo onírico (FREUD, 2015a, p. 559)⁵¹³. Eis a regra técnica fundamental da psicanálise, conhecida também como “regra sagrada” (*heilige Regel*) (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 384)⁵¹⁴, cuja contrapartida consiste na “atenção equiflutuante” (*gleichschwebende Aufmerksamkeit*) por parte do médico⁵¹⁵. Assim como o neurótico não deve selecionar previamente os pensamentos a serem comunicados na sessão, “também o médico deverá ser capaz de utilizar tudo que lhe foi dito para a finalidade da interpretação, do reconhecimento do inconsciente oculto” (FREUD, 1912/2021b, p. 99)⁵¹⁶.

Isso nos conduz aos objetivos do tratamento psicanalítico, que passam a serem definidos por Freud em uma série de fórmulas, as quais são intercambiáveis entre si e se repetem nos seus escritos. Já em 1904, em *O método psicanalítico freudiano*, encontramos esta variedade de definições “que em essência se equivalem, todas” (FREUD, 1904/2021b, p. 56)⁵¹⁷, a saber, a tarefa da psicanálise é expressa como a atividade de: *a*) suspender as amnésias, *b*) desfazer os recalques, *c*) superar as resistências, que se tornam mais visíveis à medida que a associação livre ocupa o lugar da hipnose, *d*) tornar o inconsciente acessível à consciência. No limite, nos deparamos com diferentes maneiras de exprimir esta última atividade, que consiste no ponto principal do trabalho – “dar ao doente o mais irrestrito acesso ao seu inconsciente” (FREUD, 1910/2013, p. 292)⁵¹⁸ –. Na *Conferência 18* (1916-1917), nosso autor afirma que, ainda sobre a base da descoberta de Breuer: “Nossa terapia atua transformando o inconsciente em consciente e só tem efeito na medida em que pode levar a cabo essa transformação” (FREUD, 2014b, p. 374)⁵¹⁹. Em outros termos, trata-se de buscar a

513 Cf. FREUD, GW, 2-3, p. 536.

514 Cf. FREUD, GW, 11, p. 298.

515 Sobre o recurso ao termo “médico” (*Arzt*), é pertinente ter em vista o esclarecimento de Strachey (FREUD, 1991d, p. 82). Neste e em outros escritos sobre técnica, aos quais faremos muitas referências neste tópico, a palavra “médico” é frequente para se referir ao psicanalista. Nos anos posteriores, sobretudo depois de *A questão da análise leiga*, publicada em 1926, Freud passa a preferir “analista” (*Analytiker*), levando em conta sua posição a favor do exercício da psicanálise por não médicos. Feita esta advertência, utilizaremos ambos os termos daqui por diante para nos referir ao psicanalista.

516 “[...] so soll sich der Arzt in den Stand setzen, alles ihm Mitgeteilte für die Zwecke der Deutung, der Erkennung des verborgenen Unbewußten zu verwerten...” (FREUD, GW, 8, p. 381).

517 “[...] die aber ihrem Wesen nach äquivalent sind.” (FREUD, GW, 5, p. 8).

518 “[...] dem Kranken den uneingeschränktesten Zugang zu seinem Unbewußten zu eröffnen.” (FREUD, GW, 8, p. 107).

519 “Unsere Therapie wirkt dadurch, daß sie Unbewußtes in Bewußtes verwandelt, und wirkt nur, insoweit sie in die Lage kommt, diese Verwandlung durchzusetzen.” (FREUD, GW, 11, p. 290).

“substituição” (*Ersetzung*) do inconsciente pelo consciente, ou a “tradução” (*Übersetzung*) do primeiro para o segundo (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 575)⁵²⁰.

Como o médico cumpre a meta da psicanálise, de proporcionar o restabelecimento do doente, por meio da atividade de tornar consciente o inconsciente? No caso do Pequeno Hans (1909), lemos: “E obtemos isso apresentando à sua consciência, *com nossas palavras*, o complexo inconsciente, a partir dos indícios que ele nos traz e com a ajuda de nossa arte interpretativa” (FREUD, 2015b, p. 255, grifo do autor)⁵²¹. Portanto, o psicanalista deve “inferir” (*schließen*), a partir do relato incompleto do paciente, aquilo que está recalcado, a fim de “adivinhar” (*erraten*) o inconsciente que se oculta e, ao mesmo tempo, se revela nas manifestações conscientes (FREUD, 1907/2015b, p. 114)⁵²². Desse modo, intervém na direção de “completar” (*ergänzen*) aquilo que se apresenta “apenas de forma alusiva” (*in Andeutungen*) (FREUD, 1905/2016c, p. 218)⁵²³ na fala, nos sonhos, nos atos falhos e nos lapsos do neurótico, atuação que vai ao encontro das metáforas arqueológicas sugeridas por nosso autor quando o assunto é a psicanálise. A partir de vestígios de uma terra em ruínas, o arqueólogo reconstrói as histórias de uma civilização inteira, assim como o médico faz em relação às lacunosas comunicações do paciente e à sua vida psíquica (FREUD, 1905/2016c, p. 181)⁵²⁴. Nesse percurso, Freud destaca a importância das “ideias antecipatórias” (*Erwartungsvorstellungen*) conscientes que o psicanalista deve fornecer ao doente, uma vez que é com a ajuda delas que este “deve ser capaz de perceber e apreender o inconsciente” (FREUD, 1909/2015b, p. 237)⁵²⁵.

Todo o esforço no sentido de trazer à consciência os processos inconscientes se justifica pelo fato de Freud entender os sintomas neuróticos como substitutos de processos psíquicos excluídos da consciência e forçados a permanecerem inconscientes, devido à operação de defesa empreendida pelo Eu. Na condição de inconscientes, tais processos desfrutam de uma liberdade muito maior, que faz deles mais poderosos do que realmente são. No artigo metapsicológico sobre o recalque de 1915, lemos, a respeito da “representante da pulsão” (*Triebrepräsentanz*) recalcada:

Ela prolifera como que no escuro, e acha formas de manifestações extremas, que, ao serem traduzidas e exibidas para o neurótico, não só lhe parecem inevitavelmente

520 Cf. FREUD, GW, 11, p. 451.

521 “Dies erreichen wir, indem wir auf Grund der Andeutungen, die er uns macht, mit Hilfe unserer Deutekunst den unbewußten Komplex mit unseren Worten vor sein Bewußtsein bringen.” (FREUD, GW, 7, p. 354).

522 Cf. FREUD, GW, 7, p. 118.

523 Cf. FREUD, GW, 5, p. 201.

524 Cf. FREUD, GW, 5, p. 169.

525 “[...] er imstande sein soll, das Unbewußte zu erkennen und zu erfassen...” (FREUD, GW, 7, p. 339).

estranhas, mas também o assustam com a imagem de uma extraordinária e perigosa força pulsional.” (FREUD, 2010b, p. 87).⁵²⁶

Não é possível influenciar as representantes da pulsão inconscientes, tampouco inibílas, quando se encontram nesse estado, ao contrário do que acontece quando se tornam conscientes. Devido a essa possibilidade de influência, Freud (1915/2021b, p. 179)⁵²⁷ considera que há um “bônus de liberdade anímica” (*Mehr von seelischen Freiheit*) que distingue a atividade anímica consciente daquela inconsciente, diante da qual o neurótico pode se encontrar subjugado e limitado.

Além disso, enquanto os processos psíquicos pré-conscientes e conscientes são destrutíveis, passíveis de tramitação e, portanto, de esquecimento, os processos psíquicos inconscientes são indestrutíveis e nunca perdem a sua força. Isso explica como determinadas lembranças podem manter sua capacidade de provocar sintomas, mesmo que já tenha se passado muito tempo, como adverte nosso autor na *Interpretação dos sonhos*, por meio do exemplo da ofensa sofrida por uma histérica, que atua como se tivesse acabado de acontecer:

Toda vez que sua lembrança é tocada, ela revive e se mostra investida de excitação, que consegue descarga motora num ataque. É precisamente neste ponto que a psicoterapia deve intervir. Sua tarefa é produzir uma solução e um esquecimento para os processos inconscientes. Pois aquilo que estamos inclinados a considerar evidente e que definimos como uma influência primária do tempo sobre os restos mnêmicos psíquicos – o empalidecimento das lembranças e a fraqueza afetiva das impressões que não são mais recentes – são na verdade modificações secundárias que se realizam por meio de um trabalho penoso. É o pré-consciente que faz esse trabalho, e a psicoterapia não pode tomar outro caminho senão o de submeter o *Ics ao domínio do Pcs*. (FREUD, 2015a, p. 606, grifo do autor).⁵²⁸

Ao mesmo tempo em que os recalques provocam lacunas de memória, por destinarem representações ao inconsciente e torná-las aparentemente inacessíveis, estas seguem exercendo seus efeitos por meio das formações de compromisso, principalmente por meio dos sintomas nas neuroses, mas também de outros derivados que aparecem na consciência, como

526 “*Sie wuchert dann sozusagen im Dunkeln und findet extreme Ausdrucksformen, welche, wenn sie dem Neurotiker übersetzt und vorgehalten werden, ihm nicht nur fremd erscheinen müssen, sondern ihn auch durch die Vorspiegelung einer außerordentlichen und gefährlichen Triebstärke schrecken.*” (FREUD, GW, 10, p. 251).

527 Cf. FREUD, GW, 10, p. 319-320.

528 “*So oft ihre Erinnerung angerührt wird, lebt sie wieder auf und zeigt sich mit Erregung besetzt, die sich in einem Anfall motorische Abfuhr verschafft. Gerade hier hat die Psychotherapie einzugreifen. Ihre Aufgabe ist es, für die unbewußten Vorgänge eine Erledigung und ein Vergessen zu schaffen. Was wir nämlich geneigt sind, für selbstverständlich zu halten und für einen primären Einfluß der Zeit auf die seelischen Erinnerungsreste erklären, das Ablassen der Erinnerungen und die Affektschwäche der nicht mehr rezenten Eindrücke, das sind in Wirklichkeit sekundäre Veränderungen, die durch mühevollen Arbeit zustande kommen. Es ist das Vorbewußte, welches diese Arbeit leistet, und die Psychotherapie kann keinen anderen Weg einschlagen, als das Ubw der Herrschaft des Vbw zu unterwerfen.*” (FREUD, GW, 2-3, p. 584).

os atos falhos e os sonhos. Diante de qualquer reforço de energia, as representações inconscientes são ativadas com uma grande intensidade, provocando uma intensificação análoga dos sintomas, de modo que a função da psicoterapia seja a de trazer à tona essas recordações submetidas às leis do inconsciente, por mais dolorosas que sejam, a fim de possibilitar o trabalho do pré-consciente e, por conseguinte, o “bom esquecimento freudiano”, como afirma Inglez-Mazzarella (2021, p. 72), que também destaca que, “para esquecer, num primeiro momento, é preciso lembrar”.

Isto posto, podemos compreender porque Freud considera o tratamento psicanalítico como uma “pós-educação” ou “educação posterior” (*Nacherziehung*), em uma série de ocasiões. No trabalho educativo, trata-se de ensinar a criança a agir sob o imperativo do princípio de realidade, que deve modificar o princípio de prazer, com todas as consequências esperadas deste processo, tal como são elencadas em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911). A transformação do Eu-prazer em Eu-realidade, como já vimos em nosso segundo capítulo, implica o aumento do valor do pré-consciente e da consciência, bem como a formação da atividade do pensamento, com seus respectivos processos psíquicos secundários e seu esforço de ligação, que ganha espaço na vida psíquica, para além dos processos psíquicos primários, destinados tão somente a procurar a satisfação diante do aumento de estímulos. No percurso do tratamento, o médico repete o caminho que possibilitou esta primeira educação no doente: “Em outras palavras, espera-se que, sob a direção do médico, ele realize *o avanço do princípio de prazer ao princípio da realidade*, que diferencia o homem maduro da criança” (FREUD, 1916/2010b, p. 255, grifo do autor)⁵²⁹. Em última instância, é como se, na análise, acontecesse um processo de reconstituição do Eu, considerando que seu desenvolvimento depende desse avanço. Está em jogo uma espécie de repetição da feitura do Eu, que faz parte da modificação pela qual este deve passar na análise, como destacaremos adiante.

Alguns aspectos que vimos até agora, como a importância das comunicações do analista para que o paciente apreenda seus conteúdos inconscientes e a função de pós-educação da análise, mostram-se fundamentais para o avanço do tratamento, mas também nos colocam diante de um problema que não deve ser deixado de lado quando tratamos da psicanálise enquanto método terapêutico. Em hipótese alguma se trata aqui de defender a

529 “*Oder mit anderen Worten, er soll unter der ärztlichen Leitung jenen Fortschritt vom Lustprinzip zum Realitätsprinzip machen, durch welchen sich der reife Mann vom Kinde scheidet.*” (FREUD, GW, 10, p. 365).

concepção da análise como um processo intelectual, no sentido de uma transmissão do saber do psicanalista ao paciente, que deixaria de lado sua ignorância e se curaria a partir desse conhecimento adquirido. Freud chama a atenção para a discrepância existente entre o saber do analista sobre o inconsciente do paciente e o saber deste sobre seu próprio inconsciente. Se há um não saber sobre o sintoma no neurótico, ele não se dissolve com a mera comunicação do analista, porque se sustenta em resistências que mantêm o recalque; o desconhecimento persiste, apesar do saber intelectual sobre o recalcado.

O esforço do analista para que o paciente tenha acesso a esse saber intelectual se assemelha à distribuição de cardápios para os famintos, por duas razões, como lemos em *Sobre psicanálise “selvagem”* (FREUD, 1910/2021b, p. 87)⁵³⁰. A primeira delas refere-se a que o desconforto não cessa com esse ato; a segunda, a que pode aumentar o sofrimento ligado à situação e, no caso da análise, isso pode significar o aumento das resistências que pode advir com as intervenções analíticas precipitadas ou, em outras palavras, “selvagens”. Nesse sentido, o acesso ao saber intelectual sobre o sintoma não tem efeitos transformadores. O mesmo fenômeno – o acesso do recalcado à consciência, sem uma efetiva admissão dele – acontece quando o paciente toma conhecimento do recalcado por meio de uma negação, como será afirmado mais tarde, no texto *A negação* (1925). Um dos exemplos concedidos por Freud é o do neurótico que, ao relatar um de seus sonhos, afirma ao analista que a pessoa presente no conteúdo onírico certamente não é a sua mãe, indicando que, provavelmente, é precisamente dela que se trata. Nesse caso, ocorreu uma “suspensão” (*Aufhebung*) do recalque, possibilitada pela negação, que é fundamentalmente distinta de uma “admissão” (*Annahme*) do recalcado (FREUD, 1925/2021a, p. 306)⁵³¹, a qual consiste em um processo intelectual e afetivo, como vimos.

Acrescentamos ainda que, desde o tratamento de Dora, realizado em 1900, Freud já havia se deparado com a transferência (*Übertragung*), que impôs tantas dificuldades, mas, ao mesmo tempo, passou a ser considerada indispensável para o processo analítico. As moções pulsionais ocultas despertam apenas sob transferência, na medida em que são atualizadas e repetidas na relação com o analista. Em uma psicanálise, as comunicações do analista têm como condição prévia que tenha se estabelecido a transferência. Além disso, há uma segunda condição imprescindível, a saber, que as construções do analista sejam transmitidas apenas quando o próprio analisando já tenha sido capaz de chegar bem perto do recalcado. Em

530 Cf. FREUD, GW, 8, p. 123.

531 Cf. FREUD, GW, 14, p. 12.

resumo: “Só com o preenchimento desses pré-requisitos será possível reconhecer e dominar as resistências que levaram ao recalque e ao desconhecimento” (FREUD, 1910/2021b, p. 87)⁵³². Atravessar este longo caminho permitirá ao analisando saber sobre seu inconsciente de um modo que não é meramente intelectual, mas que tem efeitos sobre sua configuração psíquica.

Como já vimos com Schneider (1993), o método freudiano, desde sua constituição, se orienta na direção de fazer com que o paciente saiba de outra forma aquilo que não sabe, o que vai muito além de simplesmente tomar consciência disso, no sentido reflexivo que esta expressão carrega na história da filosofia. A dimensão afetiva, magistralmente incluída pela autora em suas construções sobre o nascimento da psicanálise de Freud, não é menos central nos escritos posteriores, depois que a técnica já se encontra mais desenvolvida. Em uma psicanálise, é primordial que os sentimentos sejam despertados e colocados na cena analítica por meio da transferência. Sem essa mobilização afetiva, uma reconfiguração da posição do doente em relação ao seu próprio inconsciente não é viável. Essas considerações vão ao encontro de outras críticas a leituras intelectualistas da obra freudiana, como aquelas realizadas por Prado Júnior (2005) e por Silveira (2018), em relação a Habermas. O primeiro denuncia a “degradação intelectualista” que a psicanálise sofre na leitura de Habermas no livro *Conhecimento e interesse*, comentário que é endossado e complementado pela segunda autora. Prado Júnior (2005, p. 21, grifo do autor) destaca como, na leitura habermasiana, a psicanálise se torna “uma forma de autorreflexão”, na qual se trata de compreender os sintomas, em um trabalho reflexivo: “De um lado, o analista *levanta hipóteses*, de outro, o analisado *rememora* a partir das hipóteses propostas.” Como vimos, isso não basta para provocar efeitos no neurótico – é precisamente uma mudança interior do paciente que deve estar em ação –.⁵³³

Vejamos com mais detalhes que tipo de mudança está em jogo no tratamento psicanalítico. Nas pessoas “normais” – ou nas menos neuróticas, já que todos somos mais ou menos neuróticos, como vimos –, os recalques resultam apenas em produções psíquicas como os sonhos, os atos falhos e as formações de sintoma irrisórias, que não comprometem a sua vida prática. O indivíduo adoce quando não consegue dominar os conflitos psíquicos, a não

532 “*Erst durch die Erfüllung dieser Bedingungen wird es möglich, die Widerstände, welche zur Verdrängung und zum Nichtwissen geführt haben, zu erkennen und ihrer Herr zu werden.*” (FREUD, GW, 8, p. 123-124).

533 Não nos aprofundaremos nos detalhes dessa crítica à leitura freudiana feita por Habermas. Interessa-nos trazê-la à tona apenas como mais um indicativo dos riscos aos quais a psicanálise freudiana pode estar sujeita quando submetida a uma leitura intelectualista.

ser à custa de sintomas que passam a limitar sua existência. Se, do ponto de vista geral, o intuito do tratamento é devolver ao neurótico sua “capacidade de realizar e de gozar” (*Leistungs- und Genußfähigkeit*) (FREUD, 1904/2021b, p. 57)⁵³⁴, que se encontra comprometida devido ao gasto intenso de energia com a manutenção dos recalques; do ponto de vista específico, é preciso agir sobre tais recalques malsucedidos. Afinal, o fracasso do recalçamento é a essência da neurose. Por isso, o tratamento psicanalítico buscará descobrir os caminhos pelos quais se formaram os sintomas, para que seja possível encontrar um desenlace para o conflito entre o Eu e os desejos pulsionais que seja diferente do recalque, cujo fracasso causou tantos danos. Já em *Cinco lições de psicanálise*, de 1910, Freud indica que há outras soluções mais apropriadas para resolver os conflitos e, por conseguinte, proporcionar melhores condições de vida ao neurótico:

Ou a personalidade do doente é convencida de que rechaçou injustamente o desejo patogênico e induzida a aceitá-lo total ou parcialmente, ou esse desejo é dirigido para uma meta mais elevada e, portanto, irrepreensível (o que é chamado de *sublimação*), ou se admite sua rejeição como sendo justa, mas se substitui o mecanismo automático (e, portanto, insuficiente) do recalque por um juízo de condenação, com o auxílio das mais elevadas funções intelectuais do ser humano; alcança-se o domínio consciente do desejo. (FREUD, 1910/2013, p. 247, grifo do autor).⁵³⁵

Se há outras saídas tão menos custosas ao Eu, como essas que se busca no tratamento – a aceitação parcial ou total daquelas moções pulsionais, por mais pareçam inconciliáveis ao Eu; seu desvio em direção a outras metas pela sublimação; ou ainda sua condenação pelo juízo –, por que o recalque, sujeito a tantas complicações, é o caminho privilegiado por essa instância psíquica para lidar com o conflito? Freud nos oferece subsídios para a resposta a esta pergunta. É sobretudo na infância, quando ainda é *fraco*, que o Eu realiza os recalques que, mais tarde, provocarão a neurose. O autor defende que os recalques realizados na vida infantil são soluções inadequadas por parte do Eu, diante da exigência das pulsões por satisfação. A rigor, a reação automática de fuga é a primeira a ser mobilizada quando o Eu se depara com

534 Cf. FREUD, GW, 5, p. 8. A respeito desta expressão, é pertinente ter em vista a nota acrescentada pelo revisor e pelo editor da Autêntica, pois ambos chamam a atenção para o fato de que os verbos *leisten* e *genießen* têm um sentido mais abrangente do que sugere a tradução corrente: “capacidade de trabalhar e de amar”. Por essa razão, optam pela tradução citada aqui no corpo do texto, sobre a qual adicionam este comentário: “Numa tradução menos literal, teríamos: capacidade de realizar [coisas] e gozar [a vida].” (FREUD, 1904/2021b, nota 7, p. 61).

535 “Entweder wird die Persönlichkeit des Kranken überzeugt, daß sie den pathogenen Wunsch mit Unrecht abgewiesen hat und veranlaßt, ihn ganz oder teilweise zu akzeptieren, oder dieser Wunsch wird selbst auf ein höheres und darum einwandfreies Ziel geleitet (was man seine Sublimierung heißt), oder man erkennt seine Verwerfung als zu Recht bestehend an, ersetzt aber den automatischen und darum unzureichenden Mechanismus der Verdrängung durch eine Verurteilung mit Hilfe der höchsten geistigen Leistungen des Menschen; man erreicht seine bewußte Beherrschung.” (FREUD, GW, 8, p. 25-26).

demandas pulsionais cuja realização lhe parece ameaçadora. No entanto, a fuga funciona apenas diante de estímulos externos e não quando se trata de uma pulsão – é impossível que o Eu fuja de si mesmo –. O recalque é concebido como uma posição intermediária entre a fuga e aquela reação que seria a mais adequada, a saber, a “rejeição baseada no julgamento” (*Urteilsverwerfung*), também conhecida como “condenação” (*Verurteilung*) (FREUD, 1915/2010b, p. 83)⁵³⁶. Em outras palavras, já que a fuga não é uma opção, o Eu age *como se* fosse possível fugir da pulsão; o recalque ainda é “automático e excessivo”, pois é uma reação regulada pelo automatismo do princípio de prazer, diante de uma ameaça de desprazer, em vez de um “controle moderado e adequado”, para utilizar as expressões freudianas (FREUD, 1909/2015b, p. 280)⁵³⁷.

Isso explica porque o tratamento psicanalítico deve se empenhar em substituir, no paciente, o recalque malsucedido. Segundo nosso autor: “[...] em grande parte, temos de eliminar apenas consequências de estágios mais antigos do desenvolvimento do Eu” (FREUD, 1910/2013, p. 283-284)⁵³⁸. A ideia é que o Eu imaturo reagiu ao conflito com as pulsões de um modo que não obteve êxito, mas depois que se desenvolveu, alcançou a maturidade, deve ser capaz de encontrar outras saídas. Ele pode substituir o recalque pela operação de condenação citada, considerada mais eficaz, caso ainda considere pertinente rejeitar o impulso, assim como pode consentir com a satisfação de parte dessas pulsões ou recorrer a sublimações. O Eu pode, enfim, tomar uma “decisão” (*Entscheidung*) a respeito da exigência pulsional (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 391)⁵³⁹, de um modo muito diferente do processo de recalque, no qual a representante da pulsão é submetida ao inconsciente, sua memória se torna inacessível, mas sua força energética é preservada e até mesmo realçada nesse estado, resultando nos sintomas.

Com isso, chegamos ao primeiro ponto que nos interessa destacar na forma como a psicoterapia é concebida nesse período da obra freudiana. Trata-se da correlação estabelecida entre a fraqueza do Eu na infância e o adoecimento psíquico, na medida em que a neurose está fundamentada nos recalques infantis, aos quais o Eu recorreu justamente por não ser suficientemente maduro ou organizado. Considerando que o Eu pode se enfraquecer em

536 Cf. FREUD, GW, 10, p. 248.

537 “[...] *automatischer und exzessiver...*”; “[...] *maß- und zielvolle Bewältigung...*” (FREUD, GW, 7, p. 375).

538 “[...] *[weil wir] zum großen Teil nur Folgen aus früheren Entwicklungsstadien des Ichs zu beseitigen haben.*” (FREUD, GW, 8, p. 57-58).

539 Cf. FREUD, GW, 11, p. 304.

outros períodos da vida, não apenas na infância, este será um fator decisivo para a formação da neurose, ao lado da intensidade pulsional com a qual o Eu tem de lidar:

Uma pessoa só adoece de neurose quando seu Eu perde a capacidade de acomodar de alguma maneira a libido. *Quanto mais forte o Eu, mais fácil lhe será o cumprimento dessa tarefa; toda debilidade do Eu, qualquer que seja a causa, há de produzir o mesmo efeito que uma intensificação desmedida da demanda da libido e, assim, possibilitar o adoecimento neurótico.* (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 512, grifo nosso).⁵⁴⁰

Podemos afirmar, portanto, que o adoecimento psíquico se relaciona à fraqueza do Eu – a condição que essa instância psíquica apresenta na infância, passível de se repetir ao longo da vida –, e que o fortalecimento do Eu lhe permitiria cumprir sua tarefa de lidar com a libido.⁵⁴¹ Isso nos conduz ao segundo ponto a ser enfatizado. O tratamento psicanalítico passa a ser concebido como um processo de revisão dos recalques anteriormente realizados, nas ocasiões em que o Eu era fraco, notadamente na infância, considerando que, na vida adulta e com a ajuda do psicanalista, o Eu forte e maduro deve ser capaz de conceder outro destino às moções pulsionais. O objetivo da psicoterapia, de substituir os recalques fracassados, tem como pano de fundo a aposta de que o Eu fortalecido tem recursos dos quais não dispunha antes, em seu estado de fraqueza: “Na época, o Eu era débil, infantil e talvez tivesse razão em proscrever como perigosa a demanda da libido. Hoje ele está fortalecido e experiente, além de contar com a ajuda do médico a seu lado” (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 580)⁵⁴². Portanto, no tratamento deve ocorrer uma “revisão do processo de recalque” (*Revision des Verdrängungsprozesses*) (FREUD, 2014b, p. 601)⁵⁴³. O tradutor da edição argentina indica, em nota, que essa expressão pode ser vista como uma “metáfora que sugere um procedimento judicial” (FREUD, 1917/1991e, p. 413). Parece estar em jogo aqui a concepção de que o Eu fortalecido se torna mais apto a assumir a posição de juiz diante das moções pulsionais, e o tratamento analítico propicia a ele a oportunidade de ter um apoio para decidir por outra sentença, diferente da sentença do recalque, à qual recorreu quando ainda era fraco, sob o

540 “Eine Person erkrankt nur dann neurotisch, wenn ihr Ich die Fähigkeit eingeübt hat, die Libido irgendwie unterzubringen. Je stärker das Ich ist, desto leichter wird ihm die Erledigung dieser Aufgabe; jede Schwächung des Ichs aus irgendeiner Ursache muß dieselbe Wirkung tun wie eine übergroße Steigerung des Anspruches der Libido, also die neurotische Erkrankung ermöglichen.” (FREUD, GW, 11, p. 401).

541 Freud trata da tarefa do Eu de acomodar a libido na medida em que considera o conflito entre o Eu e as pulsões sexuais como central para a eclosão as neuroses, posição que persiste até o final da obra, como já vimos anteriormente.

542 “Damals war das Ich schwächlich, infantil, und hatte vielleicht Grund, die Libidoforderung als Gefahr zu ächten. Heute ist es erstarkt und erfahren und hat überdies in dem Arzt einen Helfer zur Seite.” (FREUD, GW, 11, p. 455).

543 Cf. FREUD, GW, 11, p. 472.

império do automatismo do princípio de prazer, apenas para se livrar do desprazer perante um conflito psíquico.

Uma nova decisão diante dos conflitos psíquicos, contudo, só poderá se efetivar se estes forem revividos na relação transferencial, afinal, como sabemos, não se trata de um processo intelectual, no qual o Eu é convencido pelos argumentos do médico. Além de lembrar e de repetir em transferência, é necessário que o paciente realize a “perlaboração” (*Durcharbeitung*) daquilo que veio à tona no percurso de análise, como sabemos por meio do escrito técnico *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914). Conforme a nota editorial da edição consultada, dentre todos os prefixos em alemão que podem anteceder o verbo “trabalhar” (*arbeiten*), não foi por mero acaso que Freud optou pelo *durch* no texto em questão, vizinho do termo em inglês *through*: “Quer dizer, há aqui a noção de um atravessamento que perfaz uma ação. Além disso, *durcharbeiten* designa uma ação que vai do início até o fim” (FREUD, 2021b, p. 162-163). Há um trabalho psíquico intenso em curso, que toma a direção de uma efetiva transformação do paciente, na medida em que esta é possível. De acordo com nosso autor: “O indivíduo neurótico que foi curado é, de fato, outra pessoa, mas, no fundo, permaneceu o mesmo, naturalmente; isto é, tornou-se o que, na melhor das hipóteses e nas condições mais favoráveis, poderia ter se tornado. Mas isso já é muito” (FREUD, 1916-1917/2014b, p. 576)⁵⁴⁴. É precisamente essa transformação, que requer um grande esforço, a responsável por diferenciar a psicanálise de uma terapia hipnótica por sugestão, na qual os pacientes permanecem “inativos e inalterados” (*untätig und ungeändert*) (FREUD, 2014b, p. 597)⁵⁴⁵.

A modificação do indivíduo no tratamento passa, necessariamente, pela modificação de seu Eu. Este é o terceiro ponto a ser destacado. Considerando que as pulsões sexuais são o principal alvo da defesa acionada pelo Eu, quando este empreende o recalque, perde o acesso a um montante considerável de libido, que fica apartada dele, no estado inconsciente, represada nas formações de sintoma. Se a psicoterapia psicanalítica seguir o caminho indicado e conseguir auxiliar o Eu a rever o processo de recalque, ela será capaz de modificar o Eu, ajudando-o a ter a energia libidinal novamente a seu serviço, para investir em novos objetos. Na *Conferência 28*, nosso autor não poderia ser mais explícito quanto à alteração do Eu que queremos enfatizar aqui:

544 “*Der geheilte Nervöse ist wirklich ein anderer Mensch geworden, im Grunde ist er aber natürlich derselbe geblieben, d. h. er ist so geworden, wie er bestenfalls Unter den günstigsten Bedingungen hätte werden können. Aber das ist sehr viel.*” (FREUD, GW, 11, p. 452).

545 Cf. FREUD, GW, 11, p. 469.

A modificação decisiva para o bom desenlace é a exclusão do recalque nesse conflito renovado, de maneira que a libido não pode, mais uma vez, subtrair-se ao Eu mediante a fuga para o inconsciente. Isso é possibilitado pela *modificação do Eu*, realizada sob a influência da sugestão médica. Graças ao trabalho de interpretação, que transforma o que é inconsciente em consciente, o Eu é *ampliado* à custa desse inconsciente; por meio da instrução, ele se torna *conciliador* em relação à libido (FREUD, 2014, p. 602, grifo nosso).⁵⁴⁶

Temos indícios suficientes para visualizar a importância que o Eu adquire para o tratamento psicanalítico. Se já se tratava de uma reestruturação do Eu nos primórdios do método psicanalítico, como vimos no tópico anterior, agora isso é ainda mais claro. A “modificação” (*Veränderung*) que se espera de uma análise implica a “modificação do Eu” (*Ichveränderung*) do paciente, que não é de qualquer tipo. O tratamento psicanalítico parece visar uma mudança específica do Eu – que ele seja “ampliado” (*vergrößert*), à medida que cresce seu domínio sobre conteúdos psíquicos anteriormente excluídos, e que ele se torne “conciliador” (*versöhnlich*) em relação a moções pulsionais outrora inconciliáveis –. Lendo *Caminhos da terapia psicanalítica*, um texto de 1919, podemos chegar à mesma conclusão:

O paciente neurótico nos apresenta uma vida anímica dilacerada, cindida por resistências, e, enquanto a analisamos e afastamos as resistências, essa vida anímica vai se recompondo, *incorpora na grande unidade que chamamos de seu Eu* todas as moções pulsionais que até então eram dissociadas por ele e reunidas em outro lugar. (FREUD, 1919/2021b, p. 194, grifo nosso).⁵⁴⁷

O processo de análise deve ter como um de seus efeitos essenciais, portanto, a “incorporação” das moções pulsionais anteriormente recalçadas na “grande unidade” do Eu. O processo de tornar consciente o inconsciente, de desfazer as amnésias e de superar as resistências – todas as fórmulas equivalentes que definem o objetivo do tratamento – se associa, no limite, a essa ampliação do Eu, à sua conciliação com moções que ele anteriormente recalçou. A fraqueza do Eu, que o incitou aos recalques na infância, é um dos motivos do adoecimento psíquico; de modo convergente, sua expansão e seu fortalecimento serão motivos cruciais do restabelecimento do paciente e, por isso, metas a serem alcançadas.

546 “Die für den guten Ausgang entscheidende Veränderung ist die Ausschaltung der Verdrängung bei diesem erneuerten Konflikt, so daß sich die Libido nicht durch die Flucht ins Unbewußte wiederum dem Ich entziehen kann. Ermöglicht wird sie durch die Ichveränderung, welche sich unter dem Einfluß der ärztlichen Suggestion vollzieht. Das Ich wird durch die Deutungsarbeit, weiche Unbewußtes in Bewußtes umsetzt, auf Kosten dieses Unbewußten vergrößert, es wird durch Belehrung gegen die Libido versöhnlich...” (FREUD, GW, 11, p. 473).

547 “Der neurotisch Kranke bringt uns ein zerrissenes, durch Widerstände zerklüftetes Seelenleben entgegen, und während wir daran analysieren, die Widerstände beseitigen, wächst dieses Seelenleben zusammen, fügt die große Einheit, die wir sein Ich heißen, sich alle die Triebregungen ein, die bisher von ihm abgespalten und abseits gebunden waren.” (FREUD, GW, 12, p. 186).

No período em que realiza suas *Conferências introdutórias à psicanálise*, ou mesmo quando escreve os escritos técnicos e outros dos textos citados neste tópico, Freud já estava em vias de introduzir o conceito de narcisismo. Consequentemente, já tinha conhecimento de que o Eu não era apenas o representante da autoconservação e dos interesses da realidade, afinal apresentava uma natureza libidinal e se aproximava muito mais do recalcado do que se supunha anteriormente, com todas as consequências que isso carrega. Como sustentamos neste trabalho, nosso autor verá nessa reconfiguração do estatuto do Eu um dos motivos principais para as revisões iniciadas a partir de 1920. Passemos, então, aos textos publicados a partir desta data, a fim de mostrar como se torna ainda mais nítido o objetivo de fortalecimento do Eu na análise, a despeito das características extremamente complexas que essa instância psíquica continua adquirindo sob a pena de Freud. Dessa forma, poderemos, finalmente, fazer trabalhar o contraste entre essa aposta no Eu e sua condição ambígua, visto que este não é apenas aquela grande unidade disposta a incorporar conteúdos psíquicos em sua organização, mas também aquele que boicota sua própria atividade de ligação, conforme constatamos.

5.1.3 O fortalecimento do Eu como uma das principais metas da técnica psicanalítica nos textos tardios

Nas obras freudianas contemporâneas ou posteriores a 1920, encontramos concepções semelhantes àquelas expostas no tópico anterior, a respeito da causação das neuroses. Nosso autor permanece fiel à ideia de que o Eu infantil é imaturo e fraco, razão pela qual realiza os recalques, considerados, na maioria das vezes, como recursos insuficientes ou inadequados e sujeitos ao fracasso, porém descreve este quadro nos termos da teoria estrutural do aparelho psíquico. Em nosso último capítulo, ainda na discussão sobre a função sintética do Eu e seus impasses, começamos a ver o que Freud escreve a esse respeito. O Eu não se diferencia nitidamente do Isso no período da infância, é fraco e ainda não tem poder suficiente para dominar uma exigência pulsional imposta pelo Isso, cuja satisfação lhe parece perigosa. Este perigo é julgado de acordo com a tarefa do Eu de lidar com o mundo exterior, o Isso e o Supereu, e ainda preservar sua própria organização e sua autonomia. Por conta de sua debilidade, o Eu reage ao perigo pulsional por meio do recalque, que implica, por um lado, o prejuízo da síntese do Eu e sua limitação e, por outro lado, a independência da parte do Isso

recalcada, que permanece livre da influência do Eu e encontra a satisfação substitutiva através do sintoma, determinante do sofrimento neurótico.

No *Compêndio de psicanálise* (1940), lemos que os estados patológicos são condicionados por “um enfraquecimento absoluto ou relativo do Eu” (FREUD, 2021e, p. 85)⁵⁴⁸. Enquanto o Eu forte seria capaz de cancelar ou suprimir um investimento pulsional que lhe parece perigoso incluindo-o em sua organização, o Eu fraco só encontra a saída pelo recalque. Embora nem toda neurose infantil leve a uma neurose na vida adulta, todas as neuroses que se manifestam posteriormente têm sua origem na infância. A insistência na importância da infância é muito clara para o psicanalista e também fácil de justificar, conforme revela este fragmento de texto: “Como sabemos, as neuroses são afecções do Eu, e não é de admirar que o Eu, enquanto é frágil, inacabado e incapaz de resistência, fracasse em lidar com tarefas que, posteriormente, conseguiria resolver brincando” (FREUD, 2021e, p. 117)⁵⁴⁹. Ainda na obra citada, Freud compara os efeitos devastadores que as primeiras exigências pulsionais podem ter sobre o Eu imaturo, convocando-o ao recalque, com os danos causados pela introdução de uma agulha em células germinativas em divisão celular, muito mais graves do que os danos causados pelo mesmo ato dirigido ao animal já desenvolvido a partir de tais células.

Nesses textos tardios de Freud, o problema da neurose gira em torno do fato de que o Eu recua diante de uma parte do Isso no recalque, perde parte de sua soberania, ao mesmo tempo em que o recalcado no Isso se torna aquilo que está à margem da organização do Eu, excluído deste pelas resistências. A essa altura, já sabemos que o Isso não se confunde com o recalcado – é muito maior que este, é todo o psíquico, a princípio –, de forma que há conteúdos psíquicos que jamais se tornam acessíveis ao Eu. O recalcado, no entanto, é aquilo que foi expulso pelo Eu e que tem como marca consistir em uma “terra estrangeira interior” para o Eu, assim como a realidade é “terra estrangeira exterior” (FREUD, 1933/2010d, p. 192)⁵⁵⁰, de forma que o sintoma significa uma nova tentativa de intrusão no Eu da moção pulsional recalçada.

Assim como o psicanalista persiste nesta concepção do recalque e em sua relação com a fraqueza do Eu e com a irrupção da neurose, também insiste na função do tratamento de

548 “[...] eine relative oder absolute Schwächung des Ichs...” (FREUD, 2021e, p. 84).

549 “Die Neurose sind, wie wir wissen, Affektionen des Ichs, und es ist nicht zu verwundern, dass das Ich, solange es schwach, unfertig und widerstandsunfähig ist, an der Bewältigung von Aufgaben scheitert, die es späterhin spielend erledigen könnte.” (FREUD, 2021e, p. 116).

550 “inneres Ausland”/ “äußeres Ausland” (FREUD, GW, 15, p. 62).

rever os recalques realizados no início da vida. As diferentes, porém equivalentes, metas da análise que já vimos, como a substituição dos processos inconscientes por processos conscientes, bem como a superação das resistências, seguem orientando o trabalho psicanalítico. Entretanto, considerando a diferença entre as saídas encontradas pelo Eu fraco e pelo Eu forte, uma das principais metas do tratamento passa a ser o fortalecimento do Eu. Enquanto os recalques do Eu fraco levam a todos os prejuízos já mencionados, as decisões do Eu forte não têm efeitos patogênicos, já que se pautam em “operações de julgamento” (*Urteilsleistungen*) (FREUD, 1925/2011a, p. 106)⁵⁵¹ que não culminam naquela restrição da liberdade do Eu. Afinal, a terapia almeja que o Eu se torne mais livre: “[...] deve proporcionar ao Eu do paciente a *liberdade* de decidir de uma ou outra maneira” (FREUD, 1923/2011a, p. 63, grifo do autor)⁵⁵².

Vejamos algumas outras fórmulas oferecidas por Freud para definir os objetivos do tratamento psicanalítico que nos amparam aqui. A primeira que destacamos se situa em um fragmento do artigo “*Psicanálise*” (1923):

Pode-se dizer que o objetivo do tratamento é, pela eliminação das resistências e averiguação dos recalques do doente, *produzir a mais ampla unificação e fortalecimento do seu Eu*, poupar-lhe o dispêndio psíquico em conflitos internos e dele obter o melhor que permitam suas disposições e capacidades, tornando-o, na medida do possível, capaz de realizar e de fruir. (FREUD, 2011b, p. 297, grifo nosso).⁵⁵³

A eliminação das resistências e a revisão dos recalques são, portanto, os meios para alcançar a mais ampla unificação e o fortalecimento do Eu do neurótico, e todo esse processo terá como consequência o apaziguamento dos sintomas. A mesma direção é assumida em *A questão da análise leiga* (1926):

Nosso objetivo terapêutico é fácil de ser descrito. *Queremos restabelecer o Eu, libertá-lo de suas restrições, devolver a ele o domínio sobre o Isso, que ele perdeu como consequência de seus recalques da primeira infância. Somente para esse fim*

551 Cf. FREUD, GW, 14, p. 56.

552 “[...] dem Ich des Kranken die Freiheit schaffen soll, sich so oder anders zu entscheiden.” (FREUD, GW, 13, p. 280).

553 “Als das Ziel der Behandlung kann hingestellt werden, durch die Aufhebung der Widerstände und Nachprüfung der Verdrängungen des Kranken die weitgehendste Vereinheitlichung und Stärkung seines Ichs herbeizuführen, ihm den psychischen Aufwand für innere Konflikte zu ersparen, das beste aus ihm zu gestalten, was er nach Anlagen und Fähigkeiten werden kann, und ihn so nach Möglichkeit leistungs- und genußfähig zu machen.” (FREUD, GW, 13, p. 226). Na tradução original de Paulo César de Souza consultada, encontramos “harmonização”, em vez de “unificação”, para verter *Vereinheitlichung*. Optamos por seguir a opção da Amorrortu Editores – *unificación* –, a fim de destacar a presença do radical *Einheit* (unidade) no termo original. Também encontramos “capaz de trabalhar e de fruir”, em vez de “capaz de realizar e de fruir”, conforme vertemos aqui. Tomamos a liberdade de fazer essa alteração tendo em vista a discussão já realizada pelos editores da Autêntica, recuperada em nota de rodapé. Estes optam por “capaz de realizar e de gozar”. Mantivemos o termo “fruir” porque consideramos que preserva o sentido de “gozar a vida”, relacionado à expressão.

fazemos a análise, toda a nossa técnica está voltada para esse objetivo. Temos de buscar os recalques ocorridos e mover o Eu a corrigi-los agora com a nossa ajuda, a resolver os conflitos de um modo melhor do que com uma tentativa de fuga. (FREUD, 2021b, p. 231, grifo nosso).⁵⁵⁴

As palavras são de Freud – toda a técnica tem a única finalidade de restabelecimento e libertação do Eu; de realizar a devolução da parte do Isso que foi por ele perdida, devido aos recalques infantis –. É pertinente recuperar também a *Conferência 31* (1933), mais precisamente suas últimas linhas, nas quais nosso autor discorre sobre as amplas variações do desenvolvimento das instâncias psíquicas Eu, Isso e Supereu em cada indivíduo. Como já discutimos antes, a conformação psíquica da pessoa é afetada por contingências. Há uma série de fatores que podem levar a uma involução dessas regiões psíquicas ou a uma transformação de suas relações. A doença psíquica é um dos fatores elencados por Freud, mas não o único:

E bem podemos imaginar que certas práticas místicas tenham êxito em alterar as relações normais entre os setores da psique, de modo que a percepção, por exemplo, seja capaz de apreender coisas nas profundezas do Eu e do Isso que lhe são inacessíveis de outra forma. Pode-se tranquilamente duvidar, no entanto, que essa via conduza às verdades últimas das quais se espera a salvação. Mas admitimos que os esforços terapêuticos da psicanálise adotaram uma abordagem semelhante. Sua intenção é, realmente, fortalecer o Eu, torná-lo mais independente do Super-eu, ampliar seu âmbito de percepção e melhorar sua organização, de maneira que possa apropriar-se de novas parcelas do Isso. (FREUD, 2010d, p. 223, grifo nosso).⁵⁵⁵

Neste trecho, Freud é explícito em reconhecer que a psicanálise “adotou” ou “escolheu” (*wählen*) uma “abordagem” ou “alvo” (*Angriffspunkt*) semelhante ao de certas práticas místicas. Ora, o que faz o misticismo? Em *Fragmentos do espólio* (1941), temos uma sugestão de nosso autor que vai ao encontro do que ele afirma nesta conferência: “Misticismo: obscura autopercepção do reino exterior ao Eu, do Isso” (FREUD, 2021e, p. 206)⁵⁵⁶. Desse modo, assim como a mística, mas sem esperar pela suposta salvação, a psicanálise se esforça

554 *“Unser therapeutisches Ziel ist jetzt leicht zu umschreiben. Wir wollen das Ich herstellen, es von seinen Einschränkungen befreien, ihm die Herrschaft über das Es wiedergeben, die es infolge seiner frühen Verdrängungen eingebüßt hat. Nur zu diesem Zweck machen wir die Analyse, unsere ganze Technik ist auf dieses Ziel gerichtet. Wir haben die vorgefallenen Verdrängungen aufzusuchen und das Ich zu bewegen, sie nun mit unserer Hilfe zu korrigieren, die Konflikte besser als durch einen Fluchtversuch zu erledigen.” (FREUD, GW, 14, p. 232).*

555 *“Man kann sich auch gut vorstellen, daß es gewissen mystischen Praktiken gelingen mag, die normalen Beziehungen zwischen den einzelnen seelischen Bezirken umzuwerfen, so daß z. B. die Wahrnehmung Verhältnisse im tiefen Ich und im Es erfassen kann, die ihr sonst unzugänglich waren. Ob man auf diesem Weg der letzten Weisheiten habhaft werden wird, von denen man alles Heil erwartet, darf man getrost bezweifeln. Immerhin wollen wir zugeben, daß die therapeutischen Bemühungen der Psychoanalyse sich einen ähnlichen Angriffspunkt gewählt haben. Ihre Absicht ist ja, das Ich zu stärken, es vom Über-Ich unabhängiger zu machen, sein Wahrnehmungsfeld zu erweitern und seine Organisation auszubauen, so daß es sich neue Stücke des Es aneignen kann.” (FREUD, GW, 15, p. 86).*

556 *“Mystik die dunkle Selbstwahrnehmung des Reiches ausserhalb des Ichs, des Es.” (FREUD, GW, 17, p. 152).*

por ampliar a percepção sobre o Isso e possibilitar que o Eu se aproprie de outras regiões deste às quais não tem acesso, na medida em que isso for possível. Há um nítido empenho de fortalecer o Eu do doente, tanto para permitir a apropriação de partes do Isso, quanto para torná-lo menos assujeitado ao Supereu. Vale notar que é ainda na *Conferência 31*, logo na sequência da citação recuperada, que encontramos o famoso aforismo: *Wo Es war, soll Ich werden*. Tavares (2010, p. 8) mostra a polissemia dessas orações, provocada pelas diversas possibilidades de tradução disponíveis: “Onde era Isso, há de ser Eu”? “Onde estava isso, devo advir eu”? Ou, conforme a sugestão lacaniana, “*Là où c’était, il me faut advenir*”? Cada uma delas carrega consequências teóricas e técnicas distintas. Se optamos por não conceder o protagonismo a este adágio freudiano, é porque não consideramos que ele seja indispensável para pautar os argumentos que construímos aqui. Temos outros pontos de apoio, que apresentamos seguindo as palavras de Freud, para concluir que nosso autor apostava, sim, no fortalecimento do Eu como um dos principais objetivos da clínica.

Mesmo em um texto como *A análise finita e a infinita* (1937), conhecido pelo tom cético de Freud a respeito dos alcances da terapia psicanalítica, se esta pode conquistar, em algum grau, o restabelecimento do neurótico, isso dependerá de um fortalecimento do Eu do paciente. Nesta obra, destaca-se que o estado neurótico tem uma etiologia mista, já que pode estar relacionado à intensidade constitucional das pulsões, que resistirão ao domínio pelo Eu, ou ao efeito de traumas precoces, com os quais o Eu imaturo não teve condições de lidar; na maior parte das vezes, ao efeito conjunto de ambos os fatores. De todo modo, a cura das neuroses não se baseia no desaparecimento da exigência pulsional, que é impossível e indesejável, mas sim no “domínio da pulsão” (*Triebbeherrschung*), que significa sua “domação” (*Bändigung*): “[...] isso quer dizer que a pulsão foi acolhida completamente na harmonia do Eu e é acessível através das outras aspirações no Eu, não trilhando mais os seus próprios caminhos em busca de satisfação” (FREUD, 2021b, p. 326)⁵⁵⁷. Esse desfecho é condicionado pelo fator econômico, pela relação entre a força do Eu e a força da pulsão, afinal, se a pulsão é mais forte, o resultado é o adoecimento; se o Eu é mais forte, é possível domar a pulsão.

⁵⁵⁷ “[...] das will heißen, daß der Trieb ganz in die Harmonie des Ichs aufgenommen, allen Beeinflussungen durch die anderen Strebungen im Ich zugänglich ist, nicht mehr seine eigenen Wege zur Befriedigung geht.” (FREUD, GW, 16, p. 69). Vale a pena destacar que se trata de acolher, admitir ou aceitar a pulsão no Eu – mais uma vez, o caminho passa pela ação designada por *aufnehmen* –, termo que já discutimos anteriormente, junto a *annehmen*.

Ainda nesse texto, embora nosso autor reitere a função da análise de possibilitar que o Eu maduro e fortalecido reveja os recalques infantis, indica os limites dessa empreitada. Na maioria das vezes, essa domaçaõ da pulsão pelo Eu ocorre apenas de modo imperfeito e parcial; nem sempre é possível “substituir os recalques permeáveis por domínios confiáveis, condizentes com o Eu” (FREUD, 2021b, p. 332)⁵⁵⁸, pelo menos não completamente. Além disso, o Eu pode fracassar de novo em sua tarefa, ainda que já seja maduro e esteja amparado pelo tratamento psicanalítico. Contudo, apesar dessas ressalvas, gostaríamos de destacar que o Eu não deixa de ser posicionado como um dos pilares fundamentais da técnica. A terapia psicanalítica consiste em um pacto ou cooperação entre o Eu do doente e o analista: “A situação analítica, como se sabe, consiste em nos associarmos ao Eu da pessoa-objeto, para submetermos porções não dominadas de seu Isso, ou seja, incluí-las na síntese do Eu” (FREUD, 2021b, p. 338-339)⁵⁵⁹. A condição para isso é a de que este Eu seja “normal” e não tenha sucumbido à psicose. Como o Eu normal é uma ficção, de acordo com o que já sabemos, a ideia é que ele tenha preservado ao menos certa organização que viabilize o tratamento. Isso porque o tratamento psicanalítico visa os processos de “reformulação do Eu” (*Ichumarbeitung*) (FREUD, 2021b, p. 356)⁵⁶⁰; trata-se de um trabalho exercido sobre o Eu. Como mencionamos, há um exercício de repetir a própria feitura do Eu na análise, sempre na direção de seu fortalecimento, uma vez que este é convidado a revisar as atitudes de quando era fraco, a experimentar mais uma vez vivências que foi incapaz de tramitar no momento em que ocorreram, a refazer parte de sua relação com o Isso pulsional, no sentido de não sucumbir diante deste. Mais uma vez fazemos nossas as palavras de nosso autor: “A análise deve criar as condições psicológicas mais favoráveis para as funções do Eu; de tal modo, a sua tarefa estaria cumprida” (FREUD, 2021b, p. 358).⁵⁶¹

Em um de seus últimos escritos, o *Compêndio de psicanálise* (1940), Freud não parece mudar sua opinião. Compara a análise a uma guerra civil, cujo desfecho depende do reforço de um aliado externo, em referência ao pacto que deve ser selado entre o analista e o Eu do doente. Este Eu se encontra enfraquecido pelo conflito interno e, com o auxílio do analista, tomará partido do mundo externo, contra aqueles que são considerados inimigos, a saber, as

558 “[...] die undichten Verdrängungen durch zuverlässige, ichgerechte Bewältigungen zu ersetzen...” (FREUD, GW, 16, p. 73).

559 “Die analytische Situation besteht bekanntlich darin, daß wir uns mit dem Ich der Objektperson verbünden, um unbeherrschte Anteile ihres Es zu unterwerfen, also sie in die Synthese des Ichs einzubeziehen.” (FREUD, GW, 16, p. 79-80).

560 Cf. FREUD, GW, 16, p. 95.

561 “Die Analyse soll die für die Ichfunktionen günstigsten psychologischen Bedingungen herstellen; damit wäre ihre Aufgabe erledigt.” (FREUD, GW, 16, p. 74).

pulsões do Isso e as exigências do Supereu. No tratamento, importa a Freud que, sob transferência, o Eu fraco se torne forte, para que confira outro destino às pulsões anteriormente recalçadas, independentemente de qual destino seja este – a aceitação (*Annahme*) ou uma nova rejeição, baseada em uma decisão –. O mais importante é que a “extensão” (*Umfang*) do Eu seja “ampliada” (*erweitert*), que ele reconquiste o território do Isso perdido devido aos recalques infantis, restabeleça a ordem que também perdeu em sua luta defensiva (FREUD, 2021e, p. 103)⁵⁶². De novo, é com o fortalecimento do Eu que nos deparamos como meta privilegiada a ser alcançada em direção à cura.

Após este percurso pela clínica psicanalítica e pela ênfase no papel do Eu no tratamento, o leitor pode estar se perguntando se não deveríamos ter considerado a relevância do complexo de Édipo no neurótico, considerando que este é o complexo nuclear das neuroses, pelo menos desde *Totem e tabu* (1913). O fracasso na superação do conflito edípico é determinante para que um indivíduo se torne neurótico, na visão freudiana. Nesse sentido, o tratamento psicanalítico não poderia ser dissociado da tarefa de conferir um destino para o Édipo não superado. No entanto, ainda assim, isso não altera o que já afirmamos sobre a formação de uma neurose e a técnica utilizada para restabelecer o neurótico. Considerando que as neuroses dos adultos sempre se originam na infância, mais precisamente nos recalques aí realizados e em seus efeitos posteriores, Freud se volta a esse período da vida e localiza as vivências que são mais marcantes nele, as quais contribuem para o adoecimento psíquico. Leva em consideração vivências como as cenas de sedução e as experiências de testemunhar algum tipo de manifestação sexual entre adultos, mas eleva à categoria principal a vivência edípica, comum a todos os indivíduos e decorrente da longa dependência que as crianças têm de seus pais quando chegam ao mundo, desamparadas. O complexo de Édipo será determinante para uma neurose se o Eu infantil, fraco e imaturo não tiver condições de lidar com essa tarefa, a não ser por meio do recalque.

Em última instância, portanto, o tratamento deve possibilitar que o Eu maduro revise os recalques realizados quando era fraco, ainda que dentre esses recalques, o do conflito edípico seja o essencial. Como lemos em *O declínio do complexo de Édipo* (1924), é tarefa do Eu se afastar do complexo de Édipo por meio de uma “destruição” (*Zerstörung*) ou “suspensão” (*Aufhebung*) deste; se isso não acontece, cria-se a brecha para a instauração da patologia: “Se o Eu realmente não conseguiu muito mais do que um recalque do

562 Cf. FREUD, 2021e, p. 102.

complexo, então ele subsistirá inconsciente no Isso e manifestará posteriormente seu efeito patogênico” (FREUD, 2021a, p. 263)⁵⁶³. Sob a perspectiva do complexo edípico, a neurose continua sendo o resultado de um fracasso do Eu, assim como a terapia psicanalítica mantém o objetivo de fortalecer o Eu, a fim de reparar este fracasso.

Com isso, já dispomos de material suficiente para observar o contraste, a ser apresentado na sequência, entre a imagem que formamos do Eu até agora neste trabalho, tendo como ápice a posição dúbia que ele ocupa em relação às pulsões na abordagem da dessexualização, e o protagonismo que Freud lhe concede na clínica psicanalítica.

5.2 O contraste entre a imagem do Eu construída a partir do narcisismo e o Eu no tratamento

Ainda no início deste trabalho, expusemos como a primeira teoria metapsicológica parecia funcionar bem, com a oposição entre o Eu, o pré-consciente, a consciência, os processos secundários, o princípio de realidade e as pulsões de autoconservação de um lado; as pulsões sexuais, o inconsciente, os processos primários, o recalcado e o princípio de prazer do outro lado. Mostramos como o narcisismo contribuiu para confundir tais polos, levando às reformulações de 1920. No final de nosso primeiro capítulo, recorremos às palavras de Costa (1989, p. 111, grifo nosso) para indicar o que trabalharíamos à frente: “No momento em que estas referências se embaralham, complica-se a dinâmica do conflito. Com o narcisismo, o Ego passa de *aliado* a *quinta-coluna* da homeostase mental.” O termo “quinta-coluna” tem duas acepções: “conjunto de indivíduos nacionais de certo país em guerra que atuam secretamente no próprio país a serviço do inimigo”; “conjunto de elementos que, de forma organizada e clandestina, agem no interior de uma organização para enfraquecê-la; grupo de traidores, sabotadores, espiões, etc.”⁵⁶⁴ Com efeito, ambas se aproximam da caracterização ambígua, marcada por suas contradições internas, que o Eu adquire na teoria freudiana, como pudemos acompanhar.

A partir de nosso segundo capítulo, seguimos, passo a passo, a complexificação da noção de Eu, investigada a partir do recorte do narcisismo e das consequências trazidas por ele para o funcionamento daquela instância psíquica. O narcisismo revela que o Eu

563 “Wenn das Ich wirklich nicht viel mehr als eine Verdrängung des Komplexes erreicht hat, dann bleibt dieser im Es unbewußt bestehen und wird später seine pathogene Wirkung äußern.” (FREUD, GW, 13, p. 399).

564 Cf. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/quinta-coluna>

compartilha da mesma natureza de seu principal inimigo, a sexualidade, e age sob sua influência. Além disso, mesmo após as revisões de 1920, revela que o Eu opera por meio da dessexualização ao se identificar com os objetos de amor do Isso e transformar a libido de objeto em libido narcísica. Podemos considerar que a dessexualização, fundamentada no narcisismo, foi o ponto mais extremo ao qual conduzimos nossa investigação acerca da ambiguidade do Eu, uma vez que este não apenas sofre a ação das pulsões de vida e de morte, como também age como representante da ligação e do desligamento, em suas atividades mais básicas e constituintes, como a identificação. Com isso, o Eu sabotagem uma das funções que lhe são próprias, a função sintética, predestinada ao fracasso, em alguma medida, o que faz de todos nós mais ou menos neuróticos; em outras palavras, o Eu age contra ele mesmo, na medida em que fomenta a des fusão pulsional, tal como o conjunto de elementos que agem clandestinamente no interior de uma organização para enfraquecê-la.

Até que ponto a posição ambígua que o Eu ocupa e as contradições internas que ele carrega, que culminam em certa impossibilidade de cumprir sua função de síntese, são levadas em conta por Freud, quando o autor nos oferece essas diretrizes gerais para o tratamento psicanalítico? Ele passa a se interessar justamente pelo fortalecimento do Eu, afinal é esse tipo específico de mudança do Eu que se busca por meio da técnica. No início da psicanálise, ainda nos *Estudos sobre a histeria*, tratava-se de uma reestruturação do Eu que não significava, necessariamente, uma tomada de poder sobre os conteúdos anteriormente recalçados. Apoiamo-nos na leitura de Schneider (1993, 72-73), segundo a qual a admissão das representações intoleráveis consistia mais em uma “rendição” do Eu diante delas do que em um controle do Eu sobre elas; mais em uma aceitação de que não é possível tratar essas representações como algo exterior ao Eu, do que em uma “vitória de uma lucidez mestre” de sua parte. Quando avançamos para os trabalhos sobre a técnica posteriores, pudemos notar que o adoecimento psíquico passou a entrar na conta do Eu, mais precisamente dos recalques realizados pelo Eu fraco da infância. Da mesma forma, ganhou espaço a concepção do tratamento como um apoio necessário ao Eu maduro para rever esses recalques e assumir uma decisão baseada em operações de julgamento diante das pulsões. O que os textos tardios revelam é uma intensificação desta última posição, a busca pelo fortalecimento do Eu, no sentido de um “domínio” (*Bewältigung; Beherrschung; Herrschaft*) das pulsões que foram recalçadas e, por isso, passaram a limitar o campo do Eu. Em última instância, como os

termos em alemão sugerem, há uma tentativa de fazer com que o Eu se torne “senhor” (*Herr*)⁵⁶⁵ daquilo que ele mesmo rejeitou quando era fraco e, por isso, escapa ao seu alcance, provocando os sintomas neuróticos, ainda que esse processo não se restrinja ao nível intelectual, como destacamos. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que Freud avança na ambiguidade do Eu na teoria psicanalítica, isso não o impede de fazer uma aposta nessa instância psíquica e em sua capacidade de domínio, quando o assunto é a técnica da psicanálise.

Para Freud, se o Eu se encontra fortalecido pelo tratamento, poderá obter maior influência sobre os processos psíquicos do Isso, além de lidar com as demandas do Supereu e do mundo externo; terá condições de desempenhar sua função sintética, em última instância. Fulgencio (2018, p. 345, p. 357), destaca que a meta da psicoterapia freudiana consiste em buscar uma “autonomia” maior para o Eu, por meio de seu fortalecimento; “uma estabilidade do eu nas relações interpessoais”. Ao apostar nessa possível consistência do Eu, o criador da psicanálise não acabaria por esmaecer a condição contraditória dessa instância na vida anímica? Se o Eu é aquele ser cujas fronteiras não são fáceis de definir, que se aproxima e se distancia do Isso, do Supereu e da realidade, compartilhando do que há de mais irracional e do que há de mais racional na vida anímica, ao mesmo tempo, como vimos ainda no terceiro capítulo; se ele persegue tanto as metas de Eros, quanto as das pulsões de morte, fomenta atividades de ligação, mas também de desligamento, ao dessexualizar a libido nas inúmeras ocasiões em que se identifica com os objetos, como apostar que seu fortalecimento conduzirá à relativa conciliação do conflito e ao esperado domínio relativo sobre as pulsões?

Parece-nos que Freud tenta, de alguma forma, reposicionar o Eu na posição de aliado do equilíbrio psíquico em sua concepção do tratamento psicanalítico, sendo que, pelo menos desde o narcisismo, de acordo com nosso recorte de leitura, essa instância psíquica se torna quinta-coluna da homeostase mental, como vimos com Costa (1989). É como se o Eu pudesse ocupar o posto daquele que pode garantir a conciliação das instâncias psíquicas e a mediação do conflito psíquico, desde que ele seja suficientemente forte para isso, razão pela qual o tratamento psicanalítico se ocupará de fortalecê-lo e ampliar seu campo de ação. Esse posto, contudo, foi progressivamente desmantelado pelo próprio Freud. Não por acaso, nosso trabalho se orientou por mostrar como a relativa consistência com a qual o Eu é concebido por

⁵⁶⁵ O termo *Bewältigung*, apesar de não trazer o radical *Herr* em si mesmo, como *Beherrschung* e *Herrschaft*, tem como sinônimo dominar alguma coisa, tornando-se senhor dela (*einer Sache Herr werden*). Cf. <https://www.duden.de/rechtschreibung/bewaeltigen>

nosso autor na primeira teoria metapsicológica, em detrimento ao inconsciente e à sexualidade, acaba por se esvaír quando o narcisismo entra em cena, a ponto de levar a todas aquelas reformulações teóricas de 1920. Ainda assim, depois delas, mostramos como o Eu continua sendo aquele no qual não se pode confiar, na medida em que é um híbrido, o ser fronteiro que serve, a um só tempo, aos propósitos mais díspares da vida anímica, como fica evidente na segunda tópica psíquica. Em sua tentativa de ser amado pelo Isso e de compensar a perda de um objeto amoroso, identifica-se com este, é preenchido de libido narcísica, mas com isso dessexualiza a libido, desfaz os vínculos objetais e enfraquece os componentes eróticos que ligam a pulsão de morte. Ao tentar exercer alguma influência sobre o Isso, domando parte de suas pulsões, atua a favor do desligamento e da liberação da pulsão de morte. Toma a contramão da síntese, da união dos processos psíquicos e, por conseguinte, do próprio domínio pulsional, já que este implica que a pulsão seja acolhida no Eu. O Eu, como vimos já com Green (1988a, p. 289) no final do terceiro capítulo, “esgota-se para tapar os buracos, colmatar as fissuras, apoiar suas paredes, indo de uma avaria à outra, para se manter de pé.” Como apostar tantas fichas neste Eu no tratamento psicanalítico do neurótico? Como buscar a fortaleza, a firmeza e a estabilidade de uma instância psíquica que mal se mantém de pé, mostrando-se tão passível de sucumbir à fraqueza, à inconstância e à instabilidade ao exercer sua tarefa, devido à ambiguidade que a habita?

Além disso, parece que fortalecer o Eu consiste em libertá-lo de suas restrições, torná-lo mais extenso e mais capaz de decidir, diante da imensidão do Isso e da força do Supereu, quando é mais adequado se empenhar em satisfazer as pulsões, e quando é recomendável dominá-las, para obedecer à realidade – o que há de mais básico na “sabedoria da vida” (*Lebensklugheit*), como menciona Freud (1926/2021b, p. 226)⁵⁶⁶ –. Inferimos que isso pode significar, em parte, fortalecer suas identificações, afinal esse é um meio privilegiado de exercer influência sobre o Isso, nas inúmeras vezes em que é preciso renunciar ao objeto e à satisfação. Será que seria prudente fortalecer as identificações no percurso de um tratamento? Isso não poderia levar ao enfraquecimento dos vínculos com os objetos de amor no mundo externo, o que, como já sabemos, tem como efeito a dessexualização e a desfusão pulsional? Isso sem contar as considerações de nosso autor sobre a relação de continuidade entre o Eu e o Isso na pessoa saudável, na qual mal se consegue diferenciá-los, como já vimos. Fortalecer o Eu no tratamento não significaria aumentar essa diferenciação, na medida em que se busca a

566 Cf. FREUD, GW, 14, p. 228.

apropriação de conteúdos do Isso pelo Eu, a ampliação do primeiro em detrimento ao segundo? Como propor que o percurso de uma análise se dirija a uma separação maior entre o Eu e o Isso, com o intuito de aumentar o campo de ação do primeiro, se, na pessoa saudável, o que justifica o bom funcionamento da vida anímica é o fato de não se oporem com tanta nitidez?

Apesar de o psicanalista fazer essa aposta no Eu que discutimos aqui, não se trata de assumir que ele o faz de modo ingênuo. Freud nunca deixa de acrescentar uma série de ressalvas à extensão na qual pode se dar o domínio das pulsões pelo Eu, mesmo que este seja forte o bastante para fazê-lo. A primeira ressalva consiste no fato de que está fora de questão, para o fundador da psicanálise, que haja o domínio completo do Eu sobre o Isso. “Queremos [...] que o Eu, agora arrojado, tendo a certeza de nosso auxílio, ouse tomar a ofensiva, a fim de reconquistar o que foi perdido”, elucida Freud (1940/2021e, p. 103)⁵⁶⁷ sobre o trabalho analítico. No entanto, o autor insiste que há algo para sempre perdido. Não há como esgotar o campo inesgotável do Isso. Desde os textos metapsicológicos, como analisa Silveira (2018, p. 64): “Freud defende a tese de que é às custas de um recalque originário que o próprio aparelho psíquico se estrutura. Se é assim, não se pode ter a expectativa de desfazer tal recalque porque desfazê-lo seria desfazer o próprio aparelho.” Justamente por isso, o analista terá de inferir parte dos conteúdos inconscientes do Isso do neurótico, a partir dos indícios encontrados em sua fala, em associação livre, a fim de comunicá-los a este, por meio de interpretações e construções. A apropriação do Isso pelo Eu será sempre parcial e indireta; jamais será possível ter acesso a ele, senão por fragmentos que requerem a tradução para o consciente.

Além disso, se Freud já sabia, desde os escritos técnicos, que o analisando repete suas experiências sob transferência, na relação com o analista, a partir da publicação de *Além do princípio de prazer* (1920), tal repetição adquire uma faceta mais radical, sendo um dos fenômenos que corroboram a hipótese da pulsão de morte, como vimos em nosso terceiro capítulo. Antes de 1920, a repetição tinha o caráter de uma etapa inevitável da análise, porém passível de ser substituída pela recordação e colocada a favor da elaboração. Por outro lado, no texto em que a pulsão de morte é introduzida, Freud afirma que há, no tratamento, uma compulsão à repetição de vivências desprazerosas que ultrapassa o princípio de prazer, de onde parte o medo de fazer análise que assola algumas pessoas, que não passa de um medo de

567 “Wir wollen [...], dass das Ich, durch die Sicherheit unserer Hilfe kühn geworden, den Angriff wage, um das Verlorene wieder zu erobern.” (FREUD, 2021e, p. 102).

despertar esta “compulsão daimoniaca” (FREUD, 2020c, p. 131)⁵⁶⁸. Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), nosso autor considera o poder da compulsão à repetição como uma das resistências que se contrapõe à melhora do doente – a resistência do inconsciente ou do Isso – (FREUD, 2014a, p. 107)⁵⁶⁹. Nesse sentido, ainda que o Eu se fortaleça e se esforce por tentar dominar certa região do Isso, a compulsão à repetição que atua a partir deste pode ser refratária a qualquer tentativa de ligação advinda do Eu.

Outra ressalva importante é que, de acordo com Freud, o Eu, por mais maduro que pareça, sempre preserva traços de sua imaturidade, tal como ocorre no desenvolvimento libidinal, no qual a sexualidade infantil e seus modos de satisfação persistem, em alguma medida, na conformação sexual adulta. Isso fica evidente nos estudos a respeito da angústia. Já sabemos que o Eu é a sede deste afeto e é responsável por emití-lo diante de uma ameaça de perigo. Em cada período da vida há uma situação de perigo típica a todos os seres humanos, que desencadeia a reação de angústia. No tempo em que o Eu é muito imaturo, defende-se do perigo do desamparo (*Hilflosigkeit*); durante a dependência da infância, defende-se do perigo da perda do objeto; na fase fálica, é ameaçado pelo perigo da castração; no período de latência, a angústia é liberada pelo Eu diante da fúria do Supereu (FREUD, 1926/2014a, p. 85)⁵⁷⁰. Ao longo do desenvolvimento, da infância à vida adulta, as situações que causavam angústia devem ser abandonadas, pois perdem o seu valor diante do amadurecimento e do fortalecimento do Eu. No entanto, isso ocorre de modo bastante incompleto, pois “muitas pessoas permanecem infantis em seu comportamento diante do perigo e não superam condições para a angústia já caducas” (FREUD, 1926/2014a, p. 93-94)⁵⁷¹. Se o Eu permanece acuado diante de perigos que não deveriam mais mobilizar suas reações de angústia, isso significa que ele se mantém sempre relativamente imaturo; logo, relativamente fraco. Portanto, não parece ser possível esperar que a maturação do Eu seja completa. Da mesma forma que a sexualidade infantil sobrevive na adulta, o Eu fraco infantil sobrevive no Eu forte do adulto, o que impõe limites ao projeto de fortalecê-lo no tratamento psicanalítico.

Gostaríamos de observar ainda outros limites do fortalecimento do Eu explicitamente reconhecidos por Freud. Desde *A análise finita e a infinita* (1937), Freud confere uma

568 “[...] dämonischen Zwanges...” (FREUD, 2020, p. 130).

569 Cf. FREUD, GW, 14, p. 192.

570 Cf. FREUD, GW, 14, p. 172.

571 “[...] so viele Menschen in ihrem Verhalten zur Gefahr infantil bleiben und verjährte Angstbedingungen nicht überwinden...” (FREUD, GW, 14, p. 180).

importância decisiva à medida de alteração do Eu para os rumos da psicoterapia, ao quanto ele já se encontra limitado, seja por disposições inatas, seja por processos defensivos aos quais recorre, desde muito cedo, para se afastar do perigo. É um dos pontos decisivos para o êxito terapêutico, ao lado da intensidade constitucional das pulsões a serem dominadas e da influência da etiologia traumática. O autor considera que os mecanismos de defesa utilizados para afastar perigos se tornam, eles mesmos, perigosos e patógenos, na medida em que podem constranger o Eu e enfraquecê-lo. O Eu pode se fixar neles, assimilá-los em seu caráter, mesmo que não sejam mais necessários. Nesse sentido, a tarefa analítica terá de se debruçar sobre essas mudanças sofridas pelo Eu devido às defesas e será tal como um pêndulo, que oscila entre a análise do Isso e a análise do Eu: “Num caso, queremos tornar consciente algo do Isso; no outro, corrigir algo no Eu” (FREUD, 2021b, p. 343)⁵⁷². Bocca (2009) parece ter razão quanto ao fato de que, ao longo da teorização freudiana, o Eu passou de colaborador do analista a “perigoso aliado” deste, precisamente porque Freud percebeu que as alterações do Eu pela defesa representam obstáculos à eficácia terapêutica. De todo modo, interessa-nos sublinhar que essa instância psíquica não deixa de ser o aliado mais importante do analista, na visão freudiana.

O problema que nos interessa levantar é que essas ressalvas aqui recuperadas, colocadas pelo próprio fundador da psicanálise, não o impedem de continuar apostando no Eu no tratamento. O fato de Freud levar esses limites em conta, na verdade, chama ainda mais a atenção para o confronto entre a concepção do Eu à qual chegamos em nosso trabalho e a posição outorgada ao Eu na técnica psicanalítica. A um só tempo, o autor nos fornece subsídios para que o Eu seja visto como uma instância extremamente ambígua, mas considera fundamental fortalecê-lo na análise do neurótico. Freud ainda opta por apostar que o fortalecimento do Eu assegure, pelo menos em algum grau, certa unidade psíquica, certo acordo entre ele, o Isso, o Supereu e o mundo externo, quando, na verdade, ensina-nos que o tempo todo o próprio Eu age a favor da ligação e da unificação, mas também em prol da desfusão pulsional e do desligamento, que rompe tal unidade.

O psicanalista considera que “a consciência é o nosso único farol nas trevas da psicologia profunda”, como lembra Monzani (2009, p. 18), ao criticar a ideia de que Freud teria colocado um “ponto final e definitivo nas ‘filosofias da consciência’”. De modo semelhante, em algumas ocasiões, como vimos no tópico anterior, parece conceber o

572 “*Im einen Fall wollen wir etwas vom Es bewußt machen, im anderen etwas am Ich korrigieren.*” (FREUD, GW, 16, p. 84).

fortalecimento do Eu como o único caminho possível no tratamento psicanalítico.⁵⁷³ A partir disso, destacamos que não se trata de negar a importância que o fortalecimento do Eu pode ter na direção do tratamento psicanalítico, considerando as dificuldades que a restrição do campo do Eu trazem ao funcionamento psíquico. Evidentemente, é preciso que o Eu não seja refém do recalque e consiga dispor da libido, muitas vezes marcada pela “viscosidade” (*Klebrigkeit*) com a qual se fixa a determinados objetos (FREUD, 2021b, p. 347)⁵⁷⁴, para que seja capaz de ação. Em contrapartida, trata-se de questionar o valor de alicerce que Freud concede a esse fortalecimento na técnica, tal como um orientador do qual não se pode abrir mão. Em outras palavras, questionar o protagonismo disso entre os fundamentos da clínica psicanalítica. Por que se orientar pela busca de um Eu forte, e não de um Eu que seja capaz de se render mais, que consinta em perder parte de seu domínio, já que está fadado a lidar com as exigências do Supereu, do Isso e da realidade? O que leva Freud a almejar o domínio, o controle, o governo ou a soberania do Eu em relação às demais regiões psíquicas, mesmo sabendo de sua condição ambígua, contraditória e predestinada a certo fracasso?

Por outro lado, Freud leva em consideração outro ponto de abordagem, distinto do enfoque no Eu do paciente e no aumento de seu domínio, em raras ocasiões. Uma delas se situa em *O mal estar na cultura* (1930), quando afirma que, “com propósito terapêutico, somos frequentemente forçados a combater o Supereu, e nos esforçamos para reduzir suas exigências” (FREUD, 2020b, p. 401)⁵⁷⁵. Isso mostra que Freud poderia ter acentuado perspectivas diferentes dos objetivos da análise, para além do fortalecimento do Eu, ainda que o julgasse imprescindível, como a busca pelo rebaixamento das exigências absurdas que o Supereu faz ao Eu:

Ao contrário, ele [o Supereu] supõe que tudo o que é ordenado ao Eu do ser humano é psicologicamente possível de ser cumprido, que o Eu dispõe do controle irrestrito sobre o seu Isso. Isto é um erro, e mesmo no caso dos assim chamados seres humanos normais, o domínio sobre o Isso não pode elevar-se além de determinados limites. Se exigimos mais, engendramos revolta no indivíduo, ou neurose, ou o fazemos infeliz. (FREUD, 2020b, p. 402).⁵⁷⁶

573 Remetemos o leitor ao trecho já citado neste trabalho (p. 269-270), situado em *A questão da análise leiga*, no qual Freud afirma que restabelecer o Eu, devolvendo a este o domínio sobre partes do Isso, seria o único fim da análise.

574 Cf. FREUD, GW, 16, p. 87.

575 “[Wir sind daher] in therapeutischer Absicht sehr oft genötigt, das Über-Ich zu bekämpfen, und bemühen uns, seine Ansprüche zu erniedrigen.” (FREUD, GW, 14, p. 503).

576 “Vielmehr, es nimmt an, daß dem Ich des Menschen alles psychologisch möglich ist, was man ihm aufträgt, daß dem Ich die unumschränkte Herrschaft über sein Es zusteht. Das ist ein Irrtum, und auch bei den sogenannten normalen Menschen läßt sich die Beherrschung des Es nicht über bestimmte Grenzen steigern. Fordert man mehr, so erzeugt man beim Einzelnen Auflehnung oder Neurose oder macht ihn unglücklich.” (FREUD, GW, 14, p. 503).

As demandas do Supereu não levam em conta as verdadeiras condições às quais o Eu está sujeito e ultrapassam suas capacidades, levando ao sofrimento psíquico. Nesse sentido, ainda que o Supereu seja formado em um tempo posterior da vida do indivíduo – depois da passagem pelo complexo de Édipo, já que é herdeiro deste –, sabemos que seus requerimentos podem ser tão massacrantes para o Eu, quanto o são as pulsões do Isso que buscam a satisfação. Afinal, o Eu só precisa conter a satisfação pulsional se esta lhe causa desprazer, e isso acontece sobretudo nas situações em que esta satisfação vai de encontro às exigências éticas de sua consciência moral. Não é possível interferir diretamente no Isso na análise; a intensidade das pulsões parece ser um traço constitucional de cada indivíduo. No entanto, parece ser possível atuar sobre o Supereu; na verdade, enfraquecê-lo parece tão importante quanto fortalecer o Eu.

A participação do Supereu no sofrimento neurótico fica ainda mais evidente quando observamos a contribuição dessa instância psíquica para a resistência no tratamento nos últimos escritos de Freud, a qual se manifesta por meio da necessidade de castigo ou de punição, normalmente inconsciente para o doente. O psicanalista chega a considerar tal necessidade como “o maior inimigo de nosso esforço terapêutico” e admite que ela “tem participação em todo adoecimento neurótico” (FREUD, 1933/2010d, p. 259)⁵⁷⁷. Ela se satisfaz com o padecimento causado pela neurose e impede qualquer possibilidade de melhora do paciente, ocasionando a reação terapêutica negativa e desafiando o desenlace favorável da psicoterapia. Sua origem se situa na consciência moral, a partir da agressividade que é assumida pelo Supereu, decorrente de sua própria constituição a partir das identificações e seus concomitantes processos de dessexualização, como já vimos, além de contar com reforço do masoquismo do Eu. Isso significa que a hostilidade do Supereu também é determinante tanto para a formação da neurose, quanto para o tratamento dela.

Encontramos mais um indício da relevância do Supereu para a neurose na ocasião em que Freud discorre sobre certas vantagens da transferência, entre as quais inclui a seguinte situação: “Quando o paciente coloca o analista no lugar de seu pai (de sua mãe), concede-lhe também o poder que seu Supereu exerce sobre seu Eu, já que esses pais foram, afinal, a origem do Supereu” (FREUD, 1940/2021e, p. 93)⁵⁷⁸. Por essa razão, o analista deve ter muita

577 “[...] [*dies Strafbedürfnis ist*] der schlimmste Feind unserer therapeutischen Bemühung...”/ “[...] an jeder neurotischen Erkrankung beteiligt ist.” (FREUD, GW, 15, p. 115-116).

578 “Setzt der Patient den Analytiker an die Stelle seines Vaters (seiner Mutter), so räumt er ihm auch die Macht ein, die sein Über-Ich über sein Ich ausübt, denn diese Eltern sind ja der Ursprung des Über-Ichs gewesen.” (FREUD, 2021e, p. 92).

cautela nessa empreitada, já que não deve se posicionar como modelo a ser seguido, mas sim manter sua postura ética de respeito à singularidade de cada paciente. De todo modo, parece vantajoso que o analista ocupe o lugar do Supereu do neurótico na transferência, na medida em que ele adquire o poder de influenciar o Eu deste indivíduo. Nesse sentido, a relação do Supereu com o Eu parece ser determinante para o êxito terapêutico, tal como o é a relação entre o Eu e o Isso. Se as referências de Freud ao rebaixamento do Supereu como meta do tratamento psicanalítico são pontuais e escassas, isso não se deve à menor relevância deste fator, mas sim a algo que já vimos anteriormente. O psicanalista não nega ter feito uma escolha por uma abordagem, aquela semelhante à das práticas místicas, na direção de uma ampliação da percepção do Eu sobre o Isso, do fortalecimento do primeiro para se apropriar de outras partes do segundo, ainda que essa apropriação esteja longe de ser completa, conforme já indicamos.

Somos reconduzidos, portanto, à tensão interna ao pensamento freudiano, que procuramos delinear em nosso último capítulo. A nítida ambiguidade da noção de Eu, investigada a partir do narcisismo, não é levada às últimas consequências por Freud, quando é contrastada com a concepção de tratamento psicanalítico que prevalece nos textos do autor, segundo a qual o fortalecimento do Eu do neurótico é fundamental para seu restabelecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa introdução, mencionamos que seguiríamos a direção de usar Freud contra ele mesmo. Após o percurso realizado, podemos considerar que usamos o Freud que nos apresenta todas as contradições do Eu e o conflito interno que o habita, guiados pelas incidências do narcisismo nessa instância psíquica, contra o Freud que nos permite compreender o tratamento psicanalítico como um instrumento de fortalecimento do Eu, na esperança de que este garanta alguma síntese da vida psíquica e certo domínio sobre esta.

Também indicamos que nosso estudo poderia contribuir para o debate acerca do lugar ocupado pelo discurso freudiano na história das ideias, em relação ao problema conhecido, de modo geral, como aquele do centramento e do descentramento do sujeito. Para muitos autores, como assinalamos, Freud opera, ao mesmo tempo, com esses dois polos em seu modo de pensar. Quando concebemos o Eu a partir do conceito de narcisismo e de suas consequências, que incluem a mudança no estatuto do Eu necessária à “virada” de 1920 e sua condição ainda mais complexa após esta, a ambiguidade do Eu e, conseqüentemente, o descentramento do sujeito na psicanálise são ressaltados, visto que a ideia de que o Eu não é senhor em sua própria casa ganha contornos ainda mais fortes. O Eu desconhece parte da vida anímica pois não tem acesso à grande parcela do que ocorre no Isso, donde ele surge; no entanto, mesmo quando tenta dominar as pulsões, recai no desconhecimento, é vítima de suas próprias manobras, liberando os impulsos de morte no seu interior, como revelou a noção de dessexualização. Em contrapartida, quando o Eu é posicionado como um dos alvos principais do tratamento psicanalítico, segundo a concepção de que seu fortalecimento pode levar a uma relativa domaçaõ das pulsões e à conciliação entre estas, as demandas do Supereu e do mundo externo, é possível notar certo movimento de recentrar o sujeito, por meio da tentativa de apropriação das regiões do Isso por parte do Eu, na direção de uma conquista daquilo que não se deixa conquistar. Há uma insistência de Freud em obter algum domínio sobre isso que não cessa de escapar, que é realçada por esse problema do Eu.

Isso nos reconduz a outra questão, também levantada na introdução deste trabalho, acerca dos rumos que a noção de Eu tomou entre os pós-freudianos. Tomamos como paradigma dois nomes de tradições amplamente divergentes. O primeiro deles, Heinz Hartmann, um dos fundadores da *Ego Psychology*, chamava a atenção para o

desenvolvimento autônomo do ego, sua esfera livre de conflitos e suas funções de adaptação. Nada mais estranho ao Eu freudiano do que conceber que ele tenha uma esfera livre de conflitos. Vimos que ele é habitado pelo conflito psíquico, sofre seus efeitos e é seu agente tanto em suas funções mais básicas, quanto nas mais complexas. Desse modo, do ponto de vista de Hartmann, predomina a firmeza do Eu e sua capacidade de estabilidade. O segundo autor, Jacques Lacan, ferrenho opositor dessa corrente teórica, entendia que a característica fundamental do eu (*moi*) consistia em sua função imaginária, considerando que sua unidade vem de uma imagem de totalidade assumida a partir da relação ao outro, marcada pela alienação. Sob tal perspectiva, o Eu se revelava precário e oscilante, o que nos leva a questionar se sobraria espaço para sua capacidade de domínio e de mediação de conflitos, tal como é possível observar em Freud.

É claro que estamos no terreno das definições gerais e mais visíveis, mas que nos servem para arriscar uma resposta à questão sobre como o Eu freudiano pôde ser conduzido a caminhos tão distintos. Se tudo que é ambíguo corre o risco de levar a duas ou mais interpretações diferentes, será que a ambígua concepção do Eu em Freud foi interpretada a partir de seus pontos mais extremos, a saber, de sua consistência, pela parte dos psicólogos do ego, e de sua inconsistência, pela parte de autores como Lacan? Dito de outro modo, talvez os destinos tão radicais que a concepção de Eu tomou entre esses autores tenham a ver com o fato de que exista uma tensão interna à teoria freudiana, a partir da qual o Eu se apresenta como consistente e inconsistente, a um só tempo.

Desse modo, teríamos no Eu um solo fértil para produzir conclusões tão opostas, na medida em que ele carrega a contradição em seu interior. Se não faz sentido perguntar qual desses caminhos seria mais freudiano, já que não se trata de resgatar uma suposta verdade do texto do criador da psicanálise, talvez faça sentido refletir sobre quais seriam as características de uma “orientação freudiana”, nos termos de Monzani (1989, p. 299), a partir da qual seja possível avançar além de Freud, mas ainda com ele. A nosso ver, é preciso que uma orientação freudiana não perca de vista a complexidade do tecido do Eu nos seus escritos, tecido que alguns dos psicanalistas que o seguiram rasgaram, puxando os fios mais opostos, para os lados mais extremos. Se conseguimos conceder o peso e a radicalidade à ambiguidade do Eu em Freud, diante da qual ele mesmo hesita, em alguns momentos, então este trabalho cumpriu sua tarefa.

REFERÊNCIAS

Obras de Freud:

FREUD, S. **Aus den Anfängen der Psychoanalyse**. Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902. Londres: Imago, 1950.

_____. Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992c. Vol. 1.

_____. Sobre el mecanismo psíquico de fenómenos histéricos (1893). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991a. Vol. 3, p. 25-40.

_____. Las neuropsicosis de defensa (Ensayo de una teoría psicológica de la histeria adquirida, de muchas fobias y representaciones obsesivas, y de ciertas psicosis alucinatorias) (1894). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1991a. Vol. 3, p. 41-61./ Die Abwehr-Neuropsychosen (Versuch einer psychologischen Theorie der akquirierten Hysterie, vieler Phobien und Zwangsvorstellungen und gewisser halluzinatorischer Psychosen). In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1952. Band 1, S. 57-74.

_____. Estudios sobre la histeria (Josef Breuer y Sigmund Freud) (1893-1895). In: **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1992f. Vol. 2.

_____. Estudos sobre a histeria em coautoria com Josef Breuer (1893-1895). Tradução de Laura Barreto; revisão de tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a. Vol. 2./ Studien über Hysterie. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1952. Band 1, S. 75-312.

_____. Projeto de uma psicologia (1895). In: GABBI JUNIOR O. F. **Notas a Projeto de uma Psicologia**. As origens utilitaristas da Psicanálise. Tradução de Osmyr Faria Gabbi Junior. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p. 171-260.

_____. La etiología de la histeria (1896). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1991a. Vol. 3, p. 185-218./ Zur Ätiologie der Hysterie. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1952. Band 1, S. 423-460.

_____. Nuevas puntualizaciones sobre las neuropsicosis de defensa (1896). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1991a. Vol. 3, p. 157-184./ Weitere Bemerkungen über die Abwehr-Neuropsychosen. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1952. Band 1, S. 377-404.

_____. Manuscrito K (As neuroses de defesa) (1896). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 23-34.

_____. Carta 112 [52], de 6 de dezembro de 1896. In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 35-46.

_____. Sumario de los trabajos científicos del docente adscrito Dr. Sigm. Freud, 1877-1897 (1897). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1991a. Vol. 3, p. 219-250./ Inhaltsangaben der wissenschaftlichen Arbeiten des Privatdozenten Dr. Sigm. Freud, 1877-1897. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1952. Band 1, S. 461-488.

_____. Sobre el mecanismo psíquico de la desmemoria (1898). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1991a. Vol. 3, p. 277-290./ Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1952. Band 1, S. 517-528.

_____. Sobre lembranças encobridoras (1899). Tradução, apresentação e notas de André Medina Carone. **Cadernos de Tradução LELPraT**, v. 2, jun. 2021. p. 31-50./ Über Deckerinnerungen. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1952. Band 1, S. 529-554.

_____. A interpretação dos sonhos, volume 1 (1900). Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016b.

_____. A interpretação dos sonhos, volume 2 (1900). Tradução de Renato Zwick, Porto Alegre: L&PM, 2015a.

_____. Die Traumdeutung (1900). In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1961. Band 2-3. S. 1-642.

_____. Sobre o sonho (1901). Tradução, apresentação e notas de André Medina Carone. **Cadernos de Tradução LELPraT**, v. 2, jun. 2021d. p. 51-98./ Über den Traum. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1961. Band 2-3. S. 643-700.

_____. O método psicanalítico de Freud (1904). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 51-61./ Die Freudsche psychoanalytische Methode. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1968. Band 5, S. 1-10.

_____. Análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) (1905). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016c. Vol. 6, p. 173-320./ Bruchstück einer Hysterie-Analyse. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1968. Band 5, S. 161-286.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Obras completas**.

Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016c. Vol. 6, p. 13-172./ Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1968. Band 5, S. 27- 146.

_____. O delírio e os sonhos na Gradiva de W. Jensen (1907). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015b. Vol. 8, p. 13-122./ Der Wahn und die Träume in W. Jensens Gradiva. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1966. Band 7, S. 21-125.

_____. A moral sexual “cultural” e a doença nervosa moderna (1908). In: _____. **Cultura, sociedade, religião**. O mal estar na cultura e outros escritos. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 65-98./ Die „kulturelle” Sexualmoral und die moderne Nervosität. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1966. Band 7, S. 143-170.

_____. Análise da fobia de um garoto de cinco anos (“O Pequeno Hans”) (1909). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015b. Vol. 8, p. 123-284./ Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1966. Band 7, S. 241-377.

_____. Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci (1910). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Vol. 9, p. 113-219./ Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 127-211.

_____. Cinco lições de psicanálise (1910). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Vol. 9, p. 220-286./ Über Psychoanalyse. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 1-60.

_____. As perspectivas futuras da terapia psicanalítica (1910). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Vol. 9, p. 287-301./ Die zukünftigen Chancen der psychoanalytischen Therapie. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 103-115.

_____. Concepção psicanalítica do transtorno psicogênico da visão (1910). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. Vol. 9, p. 313-323./ Die psychogene Sehstörung in psychoanalytischer Auffassung. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 93-102.

_____. Sobre psicanálise “selvagem” (1910). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 81-92./ Über » wilde « Psychoanalyse. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 117-126.

_____. Trabajos sobre técnica psicoanalítica (1911-1915). Introducción, James Strachey. In:

_____. **Obras completas.** Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991d. Vol. 12, p. 79-82.

_____. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (*Dementia paranoides*) relatado em autobiografia (“O caso Schreber”) (1911). In: _____. **Obras completas.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. Vol. 10, p. 13-107./ Psychoanalytische Bemerkungen über einen autobiographisch beschriebenen Fall von Paranoia (Dementia Paranoides). In: _____. **Gesammelte Werke.** Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 239-320.

_____. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico (1911). In: _____. **Obras completas.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. Vol. 10, p. 108-121./ Formulierungen über zwei Prinzipien des psychischen Geschehens. In: _____. **Gesammelte Werke.** Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 229-238.

_____. Sobre tipos neuróticos de adoecimento (1912). In: _____. **Neurose, psicose, perversão.** Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 71-81./ Über neurotische Erkrankungstypen. In: _____. **Gesammelte Werke.** Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 321-330.

_____. Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico (1912). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica.** Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 93-106./ Ratschläge für den Arzt bei der psychoanalytischen Behandlung. In: _____. **Gesammelte Werke.** Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 375-387.

_____. Sobre o início do tratamento (1913). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica.** Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 121-150./ Zur Einleitung der Behandlung. In: _____. **Gesammelte Werke.** Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 453-478.

_____. A predisposição à neurose obsessiva (1913). In: _____. **Obras completas.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. Vol. 10, p. 324-338./ Die Disposition zur Zwangsneurose. Ein Beitrag zum Problem der Neurosenwahl. In: _____. **Gesammelte Werke.** Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 8, S. 441-452.

_____. Totem e Tabu (1912-1913). In: _____. **Obras completas.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Vol. 11, p. 13-244./ Totem und Tabu. Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker. In: _____. **Gesammelte Werke.** Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1961. Band 9, S. 3-194.

_____. Introdução ao narcisismo (1914). In: _____. **Obras completas.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Vol. 12, p. 13-50./ Zur Einführung des Narzissmus. In: _____. **Gesammelte Werke.** Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 138-171.

_____. Introducción del narcisismo (1914). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992a. Vol. 14, p. 65-98.

_____. Contribuição à história do movimento psicanalítico (1914). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. Vol. 11, p. 245-327./ Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 43-115.

_____. Lembrar, repetir e perlaborar (1914). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 151-164./ Erinnern, Wiederholen und Durcharbeiten. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 126-137.

_____. Observações sobre o amor transferencial (1915). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 151-164./ Bemerkungen über die Übertragungsliebe. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 306-323.

_____. O inconsciente (1915). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Vol. 12, p. 99-150./ Das Unbewußte. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 264-305.

_____. **As pulsões e seus destinos** (1915). Edição bilíngue. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2021f. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. Pulsiones y destinos de pulsión (1915). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992a. Vol. 14, p. 105-134.

_____. Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte (1915). In: _____. **Cultura, sociedade, religião**. O mal estar na cultura e outros escritos. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 99-135./ Zeitgemässes über Krieg und Tod. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 324-357.

_____. Transitoriedade (1916). In: _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021g. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 221-226./ Vergänglichkeit. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 358-363.

_____. **Neuroses de transferência: uma síntese** (1915). Tradução de Abram Eksterman. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____. Alguns tipos de caráter encontrados na prática psicanalítica (1916). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Vol. 12, p. 253-286./ Einige Charaktertypen aus der psychoanalytischen Arbeit. In:

_____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 317-336.

_____. Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014b. Vol. 13/ Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1969. Band 11.

_____. Conferencias de introducción al psicoanálisis (Parte III) (1917). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991e. Vol. 16, p. 221-422.

_____. Uma dificuldade da psicanálise (1917). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Vol. 14, p. 240-251./ Eine Schwierigkeit der Psychoanalyse. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1966. Band 12, S. 1-12.

_____. Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. Vol. 12, p. 151-169./ Metapsychologische Ergänzung zur Traumlehre. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 412-427.

_____. Luto e melancolia (1917). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 99-122./ Trauer und Melancholie. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 428-447.

_____. Sobre transformações dos instintos, em particular no erotismo anal (1917). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Vol. 14, p. 252-262./ Über Triebumsetzungen, insbesondere der Analerotik. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1949. Band 10, S. 402-411.

_____. História de uma neurose infantil (“O Homem dos Lobos”) (1918). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Vol. 14, p. 13-160./ Aus der Geschichte einer infantilen Neurose. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1966. Band 12, S. 27-158.

_____. O infamiliar (1919). Edição bilíngue. In: _____. **O infamiliar e outros escritos**. Tradução de Ernani Chaves e Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2020a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 27-126.

_____. Caminhos da terapia psicanalítica (1919). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 191-204./ Wege der Psychoanalytischen Therapie. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1966. Band 12, S. 181-194.

_____. Introdução a Psicanálise das Neuroses de Guerra (1919). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Vol. 14, p. 382-388./ Einleitung zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1966. Band 12, S. 321-324.

_____. “Bate-se numa criança”: contribuições para o estudo da origem das perversões (1919). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 123-156./ „Ein Kind wird geschlagen”. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1966. Band 12, S. 195-226.

_____. Prefácio a Problemas de Psicologia da Religião, de Theodor Reik (1919). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. Vol. 14, p. 390-396./ Vorrede zu Probleme der Religionspsychologie von Dr. Theodor Reik. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1966. Band 12, S. 325-329.

_____. **Além do princípio de prazer** (1920). Edição bilíngue. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020c. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

_____. Psicologia das massas e análise do Eu (1921). In: _____. **Cultura, sociedade, religião**. O mal estar na cultura e outros escritos. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 137-232./ Massenpsychologie und Ich-Analyse. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1967. Band 13, S. 71-162.

_____. “Psicanálise” e “Teoria da libido” (1923). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. Vol. 15, p. 273-308./ „Psychoanalyse” und „Libidotheorie”. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1967. Band 13, S. 209-234.

_____. El yo y el ello (1923). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992e. Vol. 19, p. 1-66.

_____. O Eu e o Id (1923). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. Vol. 16, p. 13-74./ Das Ich und das Es. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1967. Band 13, S. 235-290.

_____. O problema econômico do masoquismo (1924). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 287-304./ Das Ökonomische Problem des Masochismus. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1967. Band 13, S. 369-384.

_____. O declínio do complexo de Édipo (1924). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 259-270./ Der Untergang des Ödipuskomplexes. In:

_____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1967. Band 13, S. 393-402.

_____. Neurose e psicose (1924). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 271-178./ Neurose und Psychose. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1967. Band 13, S. 385-392.

_____. A perda de realidade na neurose e na psicose (1924). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 279-286./ Der Realitätsverlust bei Neurose und Psychose. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1967. Band 13, S. 361-368.

_____. Nota sobre o “bloco mágico” (1925). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. Vol. 16, p. 267-274./ Notiz über den „Wunderblock”. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 1-8.

_____. “Autobiografia” (1925). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. Vol. 16, p. 75-167./ Selbstdarstellung. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 31-96.

_____. Alguns complementos à interpretação dos sonhos (1925). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. Vol. 16, p. 318-334./ Einige Nachträge zum Ganzen der Traumdeutung. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1952. Band 1, S. 559-574.

_____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925). In: _____. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020d. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 259-276./ Einige psychische Folgen des anatomischen Geschlechtsunterschieds. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 17-30.

_____. A negação (1925). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 305-314./ Die Verneinung. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 11-15.

_____. Inhibición, síntoma y angustia (1926). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1992b. Vol. 20, p. 71-164.

_____. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a. Vol. 17, p. 13-123./ Hemmung, Symptom und Angst. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 111-206.

_____. Psicanálise (1926). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a. Vol. 17, p. 311-321./ Psycho-Analysis. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 297-308.

_____. A questão da análise leiga (1926). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 205-314./ Die Frage der Laienanalyse. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 207-296.

_____. O humor (1927). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014a. Vol. 17, p. 322-330./ Der Humor. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 381-390.

_____. Fetichismo (1927). In: _____. **Neurose, psicose, perversão**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021a. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 315-326./ Fetischismus. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 309-318.

_____. Dostoiévski e o parricídio (1928). In: _____. **Arte, literatura e os artistas**. Tradução de Ernani Chaves. Belo Horizonte: Autêntica, 2021g. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 283-306./ Dostojewski und die Vätertötung. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 397-418.

_____. O mal-estar na cultura (1930). In: _____. **Cultura, sociedade, religião**. O mal estar na cultura e outros escritos. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 305-410./ Das Unbehagen in der Kultur. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 14, S. 419-506.

_____. **Manuscrito inédito de 1931**: edição bilingue. São Paulo: Blucher, 2017.

_____. Novas conferências introdutórias à psicanálise (1933). In: _____. **Obras completas**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d. Vol. 18, p. 123-354./ Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1961. Band 15, S. 3-197.

_____. A análise finita e a infinita (1937). In: _____. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução de Claudia Dornbusch. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021b. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 315-364./ Die endliche und die unendliche Analyse. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1961. Band 16, S. 57-100.

_____. Moisés y la religión monoteísta (1939). In: _____. **Obras completas**. Tradução de José Luis Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1991. Vol. 23, p. 1-132./ Der Mann Moses und die monotheistische Religion. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1961. Band 16, S. 101-248.

_____. Compêndio de psicanálise (1940). Edição bilingue. In: _____. **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2021e. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 11-198.

_____. A cisão do Eu no processo de defesa (1940). In: _____. **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2021e. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 199-204./ Die Ichspaltung im Abwehrvorgang. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 17, S. 59-62.

_____. Fragmentos do espólio (1941). In: _____. **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados**. Tradução de Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2021e. Obras Incompletas de Sigmund Freud, p. 205-208./ Ergebnisse, Ideen, Probleme. In: _____. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1955. Band 17, S. 149-142.

Outros autores:

AB'SÁBER, T. A. M. Freud e o ensaio Além do princípio de prazer. In: FREUD, S. **Além do princípio de prazer**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2016. p. 19-36.

AIRES, S. Por uma interpretação concreta: simbolismo, decifração e contextualização nos sonhos. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 23, n. 33, p. 301-314, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/1525>. Acesso em: 22 jul. 2019.

AMBRA, P. A psicanálise sem Édipo: uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan – Philippe Van Haute & Tomas Geyskens. **LavraPalavra**, 13 jun. 2018. Disponível em: <https://lavrapalavra.com/2018/06/13/a-psicanalise-sem-edipo-uma-antropologia-clinica-da-histeria-em-freud-e-lacan-philippe-van-haute-tomas-geyskens/>. Acesso em: 20 set. 2020.

ASSOUN, P. -L. La passion de répétition – Genèse et figures de la compulsion dans la métapsychologie freudienne. **Revue française de psychanalyse**. Paris, 2, p. 335-357, abr. 1994. Disponível em: https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5448299c.image.r=revue+fran%C3%A7aise+de+psychanalyse.f9.pagination.langFR#xd_co_f=ZWU3OTczNTYtNDkzMy00ZDM2LTk3YjUtODYyNTFhOTJjMTlh. Acesso em: 5 dez. 2019.

_____. **Metapsicologia freudiana: uma introdução**. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

_____. L'introuvable identité: destins freudiens de l'identification. **Rue Descartes**. Paris, v. 4, n. 66, p. 59-65, 2009. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-rue-descartes-2009-4-page-59.htm> Acesso em: 3 jan. 2020.

AUTIQUET, M. **Sigmund Freud Métapsychologie**. Paris: Bertrand Lacoste, 1994.

BARANGER, W. Der Narzißmus bei Freud. In: SANDLER, J.; PERSON, E. S.; FONAGY, P. (eds.). **Über Freuds "Zur Einführung des Narzißmus"**. Tradução de Charlotte Nolte.

Stuttgart: fromman-holzboog Verlag, 2000. p. 149-174.

BERTANHA, V. B. **O papel do eu no início da metapsicologia freudiana**. 2006. 96 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4818/DissVBB.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mai. 2019.

BIRMAN, J. **Freud e a interpretação psicanalítica: a constituição da psicanálise**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1991.

_____. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. A psicanálise e o pensamento moderno. In: HERZOG, R. (org.). **A psicanálise e o pensamento moderno**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 109-130.

_____. **Freud & a filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **As pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BIRMAN, J.; FULGENCIO, L.; KUPERMANN, D.; CUNHA, E. L. (orgs.). **Amar a si mesmo e amar o outro: Narcisismo e Sexualidade na Psicanálise Contemporânea**. São Paulo: Zagodoni, 2016.

BOCCA, F. V. Cuidado com a cura! In: PEREZ, D. O. (org.). **A eficácia da cura em psicanálise. Freud – Winnicott – Lacan**. Curitiba: Editora CRV, 2009. p. 23-44.

BOCCHI, J. C. **A psicanálise freudiana e o atual contexto científico da biologia da mente: uma discussão a partir das concepções sobre o ego**. 2010. 255 f. Tese (Doutorado em Filosofia). Departamento de Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/4783/3363.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 set. 2020.

BOCCHI, J.; SIMANKE, R. T. A concepção do objeto na psicanálise freudiana: da mônada narcísica à escolha do objeto amoroso. In: SIMANKE, R. T.; BOCCA, F. V. (orgs.). **Psicanálise em perspectiva III**. Curitiba: Editora CRV, 2012. p. 113-128.

BOCCHI, J. C.; CAMPOS, E. B. V. Morte, narcisismo e invisibilidade nos quadros limítrofes: um estudo clínico. **Natureza humana**. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 115-133, jan./jul. 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/nh/v20n1/v20n1a08.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2021.

BROOK, A. Kant and Freud. In: CHUNG, M. C.; FELTHAM, C. (eds.), **Psychoanalytic Knowledge**. Nova York: Palgrave Macmillan, 2003. p. 20-39.

CAMPOS, E. B. V. **Representação e afeto no segundo modelo tópico e pulsional freudiano**. 2009. 281 p. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia,

Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-04122009-140125/publico/TeseDoutorado2009.pdf> Acesso em: 29 ago. 2018.

CAMPOS, E. B. V; LOFFREDO, A. M. A metapsicologia freudiana da sublimação. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 24, p. 1-16, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/40557/pdf>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CHASSEGUET-SMIRGEL, J. **El ideal del yo**: Ensayo psicoanalítico sobre la “enfermedad de idealidad”. Tradução de José Luís Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

COSTA, J. F. Narcisismo em tempos sombrios. In: FERNANDES, H. R. (org.). **Tempo do desejo**: sociologia e psicanálise. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 109-136.

CROCKATT, P. Freud's “On narcissism: an introduction”. **Journal of child psychotherapy**, Londres, v. 32, n. 1, p. 4-20, 2006. Disponível em: <http://ce.etweb.fju.edu.tw/engsite/subject/HomeWork/2011F%20Sample%20Critical%20Paper/400096043ArielFu.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2019.

DENIS, P. **Le narcissisme**. Paris: Presses Universitaires de France, 2012.

FIGUEIREDO, L. C. **Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2008.

FILLA, M. G. **A constituição do conceito de narcisismo na teoria freudiana (1895-1914)**. 144 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Departamento de Filosofia da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/10000/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20FINAL%20MUNIQUE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 fev. 2019.

_____. Reflexões sobre o Eu na teoria freudiana: limites de aproximações entre Kant e Freud. **Cadernos de Filosofia Alemã**. São Paulo, v. 24, n. 2, p. 29-52, jul/dez. 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/158182/158271> Acesso em: 17 dez. 2019.

_____. A natureza conservadora das pulsões sexuais: um olhar para além da meta ligadora de Eros. **Voluntas: Revista Internacional de Filosofia**. Santa Maria, v. 11, n. 2, p. 102-125, maio/ago. 2020a. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/voluntas/article/view/471117/pdf> Acesso em: 28 ago. 2020.

_____. Entre fatos e conceitos: Freud sobrevive e revive. Resenha do Manuscrito Inédito de 1931, de Sigmund Freud. **Percursos**. São Paulo, n. 64, ano XXXII, jun. 2020b. Disponível em: <http://revistapercursos.uol.com.br/index.php?mpg=03.00.00> Acesso em: 10 ago. 2020.

_____. A função sintética do Eu e seus impasses na teoria freudiana. **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 54, n. 1, p. 255-287, ago. 2022. Disponível em: <https://tempopsicanalitico.com.br/tempopsicanalitico/article/view/558> Acesso em: 17 ago.

2022.

FLORENCE, J. Le complexe d'Oedipe et les "institutions" du moi. In: _____. **L'identification dans la théorie freudienne**. Nouvelle édition [en ligne]. Bruxelles: Presses de l'Université Saint-Louis, 1984. Cap. III. Disponível em: <https://books.openedition.org/pu/sl/449#ftn6> Acesso em: 12 ago. 2020.

_____. As identificações. In: MANNONI, M. (org). **As identificações na clínica e na teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p. 115-146.

FOUCAULT, M. **Nietzsche, Freud e Marx/ Theatrum filosoficum**. Tradução de Jorge Lima Barreto. São Paulo: Princípio Editora, 1997.

FREITAS PINTO, W. C. 2021 – um ano de perdas severas: Homenagem póstuma a Luiz Roberto Monzani. **A terra é redonda**. 6 jul. 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/2021-um-ano-de-perdas-severas/> Acesso em: 8 jul. 2022.

FULGENCIO, L. Os objetivos do tratamento psicanalítico para Freud e para Winnicott. **Estilos da clínica**. São Paulo, v. 23, n. 2, p. 344-361, ago. 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S141571282018000200009&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 17 mar. 2022.

GABBI JUNIOR, O. F. **Notas a projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

_____. **Introdução à metapsicologia freudiana – volume 3**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. Tradução de Denise Bottmann. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GIACOIA JUNIOR, O. Além do princípio do prazer: considerações filosóficas sobre o programa teórico da metapsicologia. In: SIMANKE et al (org.). **Filosofia da psicanálise: autores, diálogos e problemas**. São Carlos: EDUFSCar, 2010. p. 81-96.

GOEBEL, E. **Beyond discontent: "Sublimation" from Goethe to Lacan**. Translated by James C. Wagner. New York: Continuum, 2012.

GREEN, A. **Discurso vivo: a conceituação psicanalítica do afeto**. Tradução de Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

_____. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Escuta, 1988a.

_____. Pulsão de morte: narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: GREEN et al. **A pulsão de morte**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, 1988b. p. 53-64.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. **A teoria pulsional na clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HARTMANN, H. **Psicologia do ego e o problema de adaptação**. Rio de Janeiro: Biblioteca Universal Popular, 1968.

HAUTE, P. V.; GEYSKENS, T. **Psicanálise sem Édipo?** Uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan. Tradução de Mariana Pimentel. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

HERZOG, R. Desconstruindo a razão: de Schopenhauer a Freud. In: _____. **A psicanálise e o pensamento moderno**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 79-108.

IANNINI, G.; TAVARES, P. H. Sobre fundamentos da clínica. In: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 7-15. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

IBERTIS, C. Condillac e Freud: o prazer enquanto princípio. In: MONZANI, L. R.; SORIA, A. C. S. (orgs.). **Freud: filosofia e psicanálise**. São Carlos: EDUFSCar, 2019. p. 107-127.

INGLEZ-MAZZARELLA, T. **Histórias recobridoras: quando o vivido não se transforma em experiência**. São Paulo: Blucher, 2021.

JUNG, J. Le narcissisme primaire, le double et l'altérité. **Recherches en psychanalyse**, Paris, n. 19, p. 77-86, 2015. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-recherches-en-psychanalyse-2015-1-page-77.htm>. Acesso em: 26 ago. 2019.

KIMMERLE, G. **Denegação e retorno**: uma leitura metodológica de “Para além do princípio de prazer”, de Freud. Tradução e apresentação de Osmyr Faria Gabbi Junior. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000.

LACAN, J. **O seminário. Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. -B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1970.

LAPLANCHE, J. **Vida e morte em psicanálise**. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

_____. A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: GREEN et al. **A pulsão de morte**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, 1988a. p. 11-28.

_____. **Teoria da sedução generalizada e outros ensaios**. Tradução de Doris Vasconcellos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988b.

_____. **Problemáticas III: a sublimação.** Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Novos fundamentos para a psicanálise.** Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. **Problématiques VII.** Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

_____. A revolução copernicana inacabada. **Percurso.** São Paulo, n. 56/57, ano XXIX, p. 1-12, jun./dez. 2016. Tradução de Mania Deweik e Maria de Lourdes Caleiro Costa. Disponível em:

http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?pag=artigo_view&ida=1212&ori=edicao&id_edicao=56. Acesso em: 7 ago. 2020.

LE GUEN, C. Fonctions du conflit freudien. In: CHERVET, B.; DANON-BOILEAU, L.; DURIEUX, M.-C. (eds.). **Le conflit psychique.** Paris: Presses Universitaires de France, 2005. *Ebook.*

LOPARIC, Z. A máquina no homem. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R. T. (orgs.). **Freud na filosofia brasileira.** São Paulo: Escuta, 2005. p. 239-255.

LOUREIRO, I. R. B. A totalidade como ilusão: a concepção freudiana e o estilo romântico. **Ágora.** Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 51-63, jan./jun. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/agora/v3n2/v3n2a03.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

_____. **O carvalho e o pinheiro: Freud e o estilo romântico.** São Paulo: Escuta: FAPESP, 2002.

MARTINS, A. A.; SILVEIRA, L. (orgs.). **Freud e o patriarcado.** São Paulo: Editora Hedra, 2020.

MEZAN, R. **Freud: a trama dos conceitos.** São Paulo: Perspectiva, 1982.

MIGUELEZ, O. M. **Narcisismos.** 2 ed. São Paulo: Escuta, 2015.

MONZANI, L. R. **Freud: o movimento de um pensamento.** 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

_____. O paradoxo do prazer em Freud. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R. T. (orgs.). **Freud na filosofia brasileira.** São Paulo: Escuta, 2005. p. 159-168.

_____. O suplemento e o excesso. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R. T. (orgs.). **Freud na filosofia brasileira.** São Paulo: Escuta, 2005. p. 125-133.

_____. A teoria freudiana do sonho. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R. T. (orgs.). **Freud na filosofia brasileira.** São Paulo: Escuta, 2005. p. 135-143.

_____. O que é filosofia da psicanálise? **Philosophos**. Goiânia, v. 13, n. 2, p. 11-19, jul./dez. 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/271235372_O_QUE_E_FILOSOFIA_DA_PSICANALISE. Acesso em: 30 mar. 2016.

MOURA, C. E. de. Desamparo e Eros na concepção do “homem civilizado” em Freud. **Discurso**. São Paulo, v. 49, n. 1, jun. 2019, p. 115-125. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/159288/154178> Acesso em: jan. 2021.

OGILVIE, B. **Lacan, la formation du concept de sujet** (1932-1949). 3^{ème} ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1993.

PERRON-BORELLI, M. Conflit psychique et dynamique de la cure. In: CHERVET, B.; DANON-BOILEAU, L.; DURIEUX, M.-C. (eds.). **Le conflit psychique**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005. *Ebook*.

PRADO JR., B. Habermas intérprete de Freud. In: FULGENCIO, L.; SIMANKE, R. T. (orgs.). **Freud na filosofia brasileira**. São Paulo: Escuta, 2005, p. 13-31.

PRAT, R. Aux origines du narcissisme...l'autre: nature des expériences relationnelles précoces. **Le Carnet PSY**, Bolonha, v. 4, n. 153, p. 24-32, mai. 2011. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-le-carnet-psy-2011-4-page-24.htm>. Acesso em: 26 ago. 2019.

RIBEIRO, P. de C. **O problema da identificação em Freud**: recalçamento da identificação feminina primária. São Paulo: Escuta, 2000.

RODRIGUES, A. A.; GONDAR, J. Elementos para repensar a sublimação: pulsão de morte e plasticidade psíquica. **Tempo psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 50, n. 1, p. 236-257, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v50n1/v50n1a12.pdf>. Acesso em: 5 dez. 2019.

ROSENBERG, B. **Masochismo mortífero e masochismo guardião da vida**. São Paulo: Escuta, 2003.

SAFATLE, V. Aquele que diz “não”: sobre um modo peculiar de falar de si. In: FREUD, S. **A negação**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. p. 34-53.

_____. A teoria das pulsões como ontologia negativa. **Discurso**. São Paulo, n. 36, p. 148-189, set. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38076/40802> Acesso em: 2 out. 2018.

SAINT-GIRONS, B. Sublimação. In: KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**: o legado de Freud e Lacan. Tradução de Vera Ribeiro e Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 494-501.

SAMPAIO, E.; MIGLIAVACCA, E. M. Contribuições do narcisismo para a modificação da teoria do masochismo. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**. Londrina, v. 36, n. 1, p. 51-62, jan./jun. 2015. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/21903> Acesso em: 4 set. 2020.

SANTI, P. L. R. de. **A crítica ao Eu na modernidade em Montaigne e Freud**. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

SCARFONE, D. La déssexualisation. **TRANS: Revue de psychanalyse**. Montréal, n. 8, p. 127-144, 1997. Disponível em: <http://mapageweb.umontreal.ca/scarfond/T8/8-Scarfone.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

SCHNEIDER, M. **Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud**. São Paulo: Escuta, 1993.

SILVA JÚNIOR, N. da. Metodologia psicopatológica e ética em psicanálise: o princípio da alteridade hermética. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 129-138, jun. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/pT5tzS8DXMp6Vyh8Bjngrrr/?lang=pt>. Acesso em: 10 mai. 2022.

SILVEIRA, L. Fantasia, analogia e narcisismo: Um argumento contra a tradução de “Trieb” por “instinto”. **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 189-204, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/85603/88379>. Acesso em: 23 mai. 2019.

_____. Três passos para escrever sobre Freud negligenciando o conceito de pulsão: Bento Prado Jr. e a denúncia da degradação intelectualista da psicanálise em ‘Conhecimento e Interesse’. **Sísifo**, Feira de Santana, n. 7, p. 53-74. maio 2018. Disponível em: <http://www.revistasisifo.com/2018/05/tres-passos-para-escrever-sobre-freud.html> Acesso em: 6 mar. 2022.

_____. Feminismo e psicanálise. **Blogs de ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**. Campinas, v. 6, n. 3, p. 114-127, ago. 2020. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/wp-content/uploads/sites/178/2020/03/PDF-Feminismo-e-psicana%CC%81lise.pdf> Acesso em: 27 out. 2020.

SIMANKE, R. T. **A formação da teoria freudiana das psicoses**. São Paulo: Editora 34, 1994a.

_____. Clínica e metapsicologia: de Freud a Lacan. **Temas em psicologia**. Ribeirão Preto, n. 2, p. 1-12, 1994b.

SIMANKE, R. T.; CAROPRESO, F. Vida e morte na metapsicologia freudiana: uma reavaliação do segundo dualismo pulsional. In: _____. **Entre o corpo e a consciência: ensaios de interpretação da metapsicologia freudiana**. São Carlos: EDUFSCar, 2011. Cap. VI, p. 177-205.

SORIA, A. C. S. **Interpretação, sentido e jogo: um estudo sobre a concepção de fantasia**

(Phantasie) em Sigmund Freud. 2010. Tese (Doutorado em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

_____. Schopenhauer em “Além do princípio de prazer”: reflexões sobre a relação entre metafísica e metapsicologia. In: CORREIA, A.; DEBONA, V.; TASSINARI, R. (orgs.). **Hegel e Schopenhauer.** São Paulo: ANPOF, 2017. p. 240-253.

_____. Fantasia e realidade nos escritos metapsicológicos. In: MONZANI, L. R.; SORIA, A. C. S. **Freud: filosofia e psicanálise.** São Carlos: EdUFSCar, 2019. p. 193-203.

SOUZA, P. C. de **As palavras de Freud: o vocabulário freudiano e suas versões.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SULLOWAY, F. J. Reassessing Freud’s Case Histories. *The Social Construction of Psychoanalysis.* **Isis,** Chicago, n. 82, p. 245-275, jul. 1991. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/355727>. Acesso em: jan. 2022.

TAVARES, P. H. A língua alemã em Freud – E Eu com Isso? **Acheronta,** Buenos Aires, n. 25, dez. 2008. Disponível em: <https://www.acheronta.org/acheronta25/demoraes.htm> Acesso em: 12 nov. 2021.

TAVARES, P. H.; IANNINI, G. O testamento inacabado de Sigmund Freud. In: FREUD, S. **Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 221-233. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

TOEWS, J. E. Ter e ser: a evolução da teoria freudiana do Édipo como fábula moral. In: ROTH, M. (org.). **Freud, conflito e cultura: ensaios sobre sua vida, obra e legado.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 63-75.

TORT, M. A propos du concept freudien de “representant” (Repräsentanz). **Cahiers pour l’Analyse,** Paris, v. 5, p. 43-67, nov./dez. 1966. Disponível em: <http://cahiers.kingston.ac.uk/pdf/cpa5.2.tort.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2019.

WIDLÖCHER, D. Introduction au concept de narcissisme. **Bulletin de la Société française du Rorschach et des méthodes projectives,** Paris, n. 33, p. 5-13, set. 1986. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/clini_0373-6261_1986_num_33_1_1444. Acesso em: 26 ago. 2019.

_____. Prólogo. In: GREEN, A. et al. **A pulsão de morte.** Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora Escuta, 1988. p. 7-10.

_____. Narcissisme et identification. **Libres cahiers pour la psychanalyse,** v. 1, n. 11, p. 77-89, 2005. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-libres-cahiers-pour-la-psychanalyse-2005-1-page-77.htm>. Acesso em: 26 ago. 2019.